

The background image is a dramatic seascape. The sky is filled with dark, heavy clouds, with a bright light source breaking through near the horizon, creating a glow. The ocean is dark with white-capped waves crashing against a dark, silty shore in the foreground. The overall mood is somber and powerful.

**Orai
Pela Chuva
Serôdia!**

F.T. Wright

Orai Pela Chuva Serôdia!

Por F.T. Wright



Série de estudos publicados na Revista *The Messenger and News Review* iniciada em Maio de 1986 sob o título original *Pray for the Latter Rain*.

Tradução para a língua portuguesa com o título *Orai por Chuva Serôdia*.

Índice

| | |
|--|-----|
| Capítulo 1 | 5 |
| Capítulo 2 | 13 |
| Capítulo 3 | 21 |
| Capítulo 4 | 30 |
| Capítulo 5 | 39 |
| Capítulo 6 | 47 |
| Capítulo 7 | 59 |
| Capítulo 8 | 68 |
| Capítulo 9 | 75 |
| Capítulo 10 | 83 |
| Capítulo 11 | 91 |
| Capítulo 12 | 99 |
| A Ciência da Oração | 99 |
| Capítulo 13 | 107 |
| Capítulo 14 | 115 |
| Capítulo 15 | 123 |
| A Jornada de Oração pelo Santuário | 123 |
| O Pátio | 124 |
| Capítulo 16 | 131 |
| O Altar do Sacrifício | 131 |
| A Oferta Queimada | 134 |
| A Oferta de Manjares | 136 |
| Capítulo 17 | 139 |
| A Pia | 142 |
| Capítulo 18 | 147 |
| O Lugar Santo | 147 |
| O Altar do Incenso | 151 |
| Capítulo 19 | 155 |
| Capítulo 20 | 162 |
| O Castiçal de Ouro | 163 |
| Capítulo 21 | 169 |
| A Mesa dos Pães Asmos | 169 |
| O Castiçal | 174 |
| Capítulo 22 | 177 |
| Capítulo 23 | 186 |
| Capítulo 24 | 194 |
| Capítulo 25 | 202 |
| Capítulo 26 | 210 |
| Capítulo 27 | 218 |
| Capítulo 28 | 226 |

| | |
|-------------------|-----|
| Capítulo 29 | 234 |
| Capítulo 30 | 242 |
| Capítulo 31 | 249 |
| Capítulo 32 | 256 |

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 1

“**P**edi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia: o Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuveiro de água, e erva no campo a cada um.” *Zacarias* 10:1.

O Senhor nesta Escritura muito importante instrui o povo naquilo que deve fazer; quando o deve fazer; e quais serão os *resultados* de o fazerem.

Devem:

- Pedir a chuva serôdia;
- No tempo da chuva serôdia;
- Então, e apenas então, o Senhor enviará a chuva.

Torna-se assim óbvio que a nossa oração para que chuva serôdia caia no tempo que é devido, é uma condição que deve ser cumprida se esta bênção essencial tiver que cair sobre os filhos de Deus nestes últimos tempos. Este conselho está em directa oposição à disposição humana que não tem tendência para ver qualquer necessidade de pedir a Deus que cumpra as Suas profecias. Em forte fé na certeza que venham a acontecer, olhamos para elas como inevitavelmente preditas, que acontecerão quer oremos ou não pelo seu cumprimento. Igualmente convencidos de que a prometida chuva serôdia certamente cairá quando o seu tempo vier, temos a tendência para esperar calmamente que esse momento chegue.

Entretanto, sabendo que, por causa do povo ter falhado em fazer a necessária preparação, anteriores oportunidades para o derramamento deste instrumento vieram e passaram sem a bênção ter sido recebida, concentramo-nos numa preparação completa de modo a que estejamos aptos para receber o dom quando ele vier. Assim, até ao tempo presente a nossa preocupação tem sido preparar e esperar.

Este é um correcto e recomendável procedimento até chegarmos ao tempo da chuva serôdia – o período precisamente antecedente ao seu derramamento. Então uma nova condição deve ser apresentada – a específica e muito sincera petição do dom. Por outras

palavras, devemos passar da preparação e espera, para a preparação e oração. O específico conselho a ser aplicado no tempo da chuva serôdia é:

“Não fiquéis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. *Pedi-a.*” *Testemunhos Para Ministros*, 508.

Esta referência é instrução a respeito da chuva serôdia, mas é também apropriada para o derramamento de chuva tão essencial para a germinação e crescimento da vegetação. Quantas vezes ano após ano nos quais grandes secas ocorrem, simplesmente aguardamos e temos esperança que no curso comum da estação, a chuva eventualmente caia. Despertemos para a compreensão que não devemos ficar em inatividade esperando sem iniciativa que a chuva venha. Vamos pedi-la quando é devida, e, se orarmos com verdadeira fé, as chuvas molharão a terra ressequida. Tal resultado fortalecerá a nossa confiança para orar pela chuva serôdia.

Este princípio é maravilhosa e efectivamente ilustrado nas orações de Daniel e Elias. Em ambos os casos o tempo para a profecia ser realizada tinha chegado, mas nenhum se sentou à espera que as predições acontecessem no normal curso dos acontecimentos. Ambos oraram com uma intensidade que nós sem dúvida ainda temos que aprender, e ambos viram o cumprimento das profecias em resposta às suas petições. A sua experiência é um modelo para nós quando estamos onde e quando as declarações de Deus devem ser cumpridas.

No estudo das orações de Daniel e Elias, deve ser dada atenção ao que eles fizeram – eles oraram; quando o fizeram – no tempo em que as profecias deviam ser realizadas; e como resultado – Deus operou maravilhosamente para tornar as predições numa realidade.

As duas maiores orações de Daniel estão registadas em *Daniel* 9 e 10. A primeira foi proferida no primeiro ano de Dario, que foi imediatamente após a destruição de Babilónia. Foi o tempo em que a predição de Deus através de Jeremias, que limitava a duração da servidão de Israel em Babilónia a setenta anos, e a obra de Ciro designado no livro de *Isaías* como o divinamente indicado libertador dos cativos, devia ter lugar.

Quando Daniel compreendeu que o tempo tinha chegado para testemunhar a libertação de Israel, entrou em intensivo estudo e oração. Esta foi a sua resposta natural à situação.

“No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus.

“No ano primeiro do seu reinado, eu, Daniel entendi pelos livros que o número de anos de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolções de Jerusalém, era de setenta anos.

“E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para O buscar com oração e rogos, com jejum, e pano de saco e cinza.” *Daniel* 9:1-3.

Parece bastante extraordinário que Daniel reagisse daquela maneira até que se compreenda que o Espírito Santo o levou a tomar o único modo apropriado de agir na circunstância. Tem-se a tendência para pensar que, à medida que ele visse o inexorável cumprimento das grandes profecias perante os seus olhos, teria a tendência para se sentar e esperar confiantemente que elas se realizassem.

Esta expectativa da nossa parte provém das nossas fortes condições que as divinas predições estão mais que certamente cumpridas. Acreditamos que Deus, tendo falado, está comprometido a realizar a Sua palavra exactamente como Ele a declarou e que portanto, há pouco ou nada que nós possamos fazer para assegurar que não há falha. Nós temos a tendência para negligenciar o facto que há elementos condicionais nas predições divinas, e que o povo de Deus deve fielmente cumprir a sua parte antes das predições poderem na realidade acontecer.

A nossa confiança na certeza das descrições divinas dos acontecimentos futuros é fortalecida quando contemplamos a detalhada exactidão dos 490 anos descrevendo os acontecimentos vindouros expostos em *Daniel 9*. Vemos quão exacto foi o tempo para a morte de Cristo. Foi tão rigoroso que Ele expirou quando o sacerdote levantou o cutelo para matar o cordeiro para o sacrifício da tarde. Enquanto o véu foi rasgado por mão invisível, o sacerdote surpreendido deixou cair o cutelo no mesmo instante em que ia matar a vítima, que então escapou. Ver *O Desejado de Todas as Nações*, 727.

Do mesmo modo, contemplamos a exactidão da profecia dos 1260 anos. Exactamente como marcado em 538 d.C., o homem do pecado ascendeu ao trono do poder universal. Precisamente 1260 anos depois, em 1798, os estudantes bíblicos esperavam a sua destronização, e não ficaram desapontados. Exactamente como o Senhor havia predito que o acontecimento deveria ocorrer, ocorreu.

Então há a incrível finalização da profecia dos 2300 anos, no fim da qual foi especificado que "...o santuário será restaurado ao seu verdadeiro estado." *Daniel 8:14*. (Edição Revista da versão standardizada).

Durante a maior parte deste maior de todos os períodos proféticos, o santuário celestial tinha sido pisado a pés no sentido em que os eclesiásticos ensinavam que o santuário era ainda nesta Terra e não no Céu onde ele realmente está. Mas chegaria o tempo em que seria exaltado ao seu verdadeiro estado tanto pelo regresso dessa luz que revela precisamente onde está o santuário, e pela sua purificação de todo o pecado para todo o sempre. Com que maravilhosa precisão estas palavras estão a ser cumpridas hoje.

Esta e outras maravilhosas realizações tem-nos educado para esperar sempre que os acontecimentos se revelarão exactamente como especificados sem qualquer participação de oração da nossa parte. Mas, ao estudarmos as súplicas de Daniel e Elias, veremos que, para o cumprimento da profecia, Deus está verdadeiramente dependente da participação da oração do Seu povo. Há, obviamente, uma razão para isto e esta revelar-se-á à medida que prossigamos.

Considerai a situação quando o tempo para a queda de Babilónia se aproximava. Os judeus estavam familiarizados com a palavra de Deus que tinha vindo através de Jeremias e Isaías. Sabiam que Ciro tinha sido nomeado por Deus como aquele que asseguraria a libertação do cativo de Israel. Então, quando pelo fim do período dos setenta anos, o exército medo-persa com Ciro no comando punha o cerco à orgulhosa cidade do Eufrates, a inflamada expectativa deve ter prendido os judeus.

"A chegada do exército de Ciro ante os muros de Babilônia foi para os judeus um sinal de que o seu livramento do cativo estava muito perto. Mais de um século antes do nascimento de Ciro, a Inspiração lhe fizera menção do nome, e providenciara um registro da precisa obra que ele faria tomando Babilônia, estando esta despercebida, e preparando o caminho para a libertação dos filhos do cativo. Por intermédio de Isaías havia sido dito:

"Assim diz o Senhor ao Seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face [...] para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão: Eu irei diante de ti, e endireitarei os caminhos tortos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro, e te darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que Eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo teu nome'. Isaías 45:1-3.

"Na inesperada penetração do exército do conquistador persa ao coração da capital de Babilônia, através do canal do rio cujas águas tinham sido desviadas; na sua entrada pelos portões internos que por descuido tinham sido deixados abertos e desguarnecidos, tiveram os judeus abundante evidência do cumprimento literal da profecia de Isaías

concernente à súbita subversão dos seus opressores. E isto deve ter sido para eles um inconfundível sinal de que Deus estava moldando os negócios das nações em favor deles; pois inseparavelmente associada com a profecia que esboçava o modo como Babilônia seria capturada e cairia, estavam as palavras:

“Diz de Ciro: É Meu pastor, e cumprirá tudo o que Me apraz; dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te”. Isaías 44:28. “Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e soltará os Meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos’. Isaías 45:13.

“Não foram essas as únicas profecias sobre as quais os exilados tiveram a oportunidade de basear sua esperança de breve libertação. Os escritos de Jeremias estavam ao seu alcance, e neles era claramente estabelecido o tempo que devia ir até a restauração de Israel em sua terra. ‘Quando se cumprirem os setenta anos’, o Senhor tinha predito por intermédio do Seu mensageiro, ‘visitarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles uns desertos perpétuos’. Jeremias 25:12. Mostrar-se-ia favor ao remanescente de Judá, em resposta à fervente oração. ‘Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos, e congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar de onde vos transportei’. Jeremias 29:14.” *Profetas e Reis*, 551-553.

Ninguém era estudante mais interessado e devotado destas profecias do que Daniel. Ele sabia pela certa Palavra de Deus que tinha chegado o tempo para o seu povo voltar de novo para a sua própria terra.

“Daniel e seus companheiros haviam muitas vezes recorrido a essas e outras profecias que esboçavam o propósito de Deus para Seu povo. E agora, ao indicar o rápido curso dos acontecimentos a poderosa mão de Deus em operação entre as nações, Daniel dedicou especial atenção às promessas feitas a Israel. Sua fé na palavra profética levou-o ao fundo das experiências preditas pelos escritores sagrados.” *Profetas e Reis*, 553.

Considerai muito cuidadosamente a frase final deste parágrafo. Informa-nos que a fé de Daniel na palavra profética tinha-o levado a entrar num campo particular de experiência, aquele tinha sido predito pelos escritores proféticos. Essa experiência era de oração participante no real cumprimento das profecias a cumprirem-se nessa altura. Por outras palavras, ele pediu ao Senhor a bênção prometida no tempo da bênção e o Senhor ouviu e respondeu à oração. Não ficou satisfeito que no tempo comum dos acontecimentos a profecia seria cumprida. Em vez disso, com a mais intensa dedicação, agonizou em oração para que a palavra de Deus se realizasse. Aqui está a predição que sublinha a experiência da oração participante predita por Deus através de Jeremias:

“‘Certamente que passados setenta anos em Babilônia’, o Senhor havia declarado, ‘vos visitarei, e cumprirei sobre vós a Minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar. Porque Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então Me invocareis, e ireis, e orareis a Mim, e Eu vos ouvirei. E buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração’. Jeremias 29:10-13.” *Profetas e Reis*, 553.

De novo há realce do segmento de tempo. Enquanto é verdade que estamos sempre à procura do Senhor com todo o nosso coração em total consagração, há tempos especiais na história, para a oração de invulgar poder e concentração, tal como na situação que tomámos em consideração.

Na predição feita através de Jeremias o Senhor primeiramente mencionou o tempo: “‘Certamente que passados setenta anos em Babilônia,’ o Senhor havia declarado, ‘vos visitarei, e cumprirei sobre vós a Minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar.’”

Não era um assunto difícil para eles calcular quando terminariam as setenta semanas, então pela segura Palavra de Deus, eles certamente sabiam quando esse período finalizava. Esse era o tempo para orar com todos os seus corações para a obra de Deus prosperar e seguir em frente. Muitos entraram em oração de participação com Deus neste tempo de cumprimento da profecia, sendo o mais sincero de todos Daniel.

“Muitos, como Daniel, tinham estado a estudar as profecias e a buscar a prometida intervenção de Deus em favor de Sião.” *Profetas e Reis*, 558,559.

A predição era que eles procurariam o Senhor com todos os seus corações. Não somos informados de quão sinceramente os crentes oravam nessa altura, mas sabemos certamente que Daniel orou com todo o seu coração, pois dele está escrito que *dirigiu* o seu rosto “... ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza.” *Daniel* 9:3.

O que nós como povo precisamos hoje é uma clara compreensão do que significa orar com todo o coração, pois esta é a condição que deve ser cumprida se queremos ver a vinda da chuva serôdia. Como adquiriremos então este conhecimento? Como saberemos que estamos de facto a orar com todo o coração até ao ponto de satisfazermos os requisitos que trarão a chuva serôdia? Um exemplo válido para nós nesta questão é o estudo de Daniel, pois aqui está o homem cujas petições eram tão bem sucedidas que trouxe o mais poderoso anjo no céu para o seu lado. As suas orações foram respondidas, as profecias cumpridas, e a obra de Deus avançou. Quais foram então os elementos que fizeram da sua súplica um sucesso?

No primeiro caso está relatado que ele dirigiu o seu rosto para o Senhor Deus. Isto significa que ele se aproximou do trono da graça com a fixa determinação de receber a resposta às suas orações. Estava decidido que absolutamente nada o desviaria da sua intenção, mas se agarraria às promessas de Deus e não cessaria as suas súplicas até que o Céu as ouvisse. Foi a mesma determinação que levou Jacó a clamar “Não Te deixarei ir, se me não abençoares.” *Gênesis* 32:26.

“Fé semelhante é necessária no mundo hoje – fé que descansa nas promessas da Palavra de Deus e recuse desistir até que o Céu ouça.” *Profetas e Reis*, 157.

Isto é tomar o reino de Deus com violência espiritual e traz uma segura e certa recompensa. “Com a grande verdade que temos sido privilegiados em receber, devíamos, sob o poder do Espírito Santo tornar-nos vivos canais de luz. Podíamos então aproximar-nos do trono da graça; e vendo o arco da promessa ajoelhar com corações contritos, e procurar o reino do Céu com uma violência espiritual que traria a sua própria recompensa. Tomá-la-íamos pela força, como fez Jacó. Então a nossa mensagem seria o poder de Deus para salvação. As nossas súplicas estariam cheias de sinceridade, cheias de um sentido da nossa grande necessidade; e não seríamos rejeitados.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1089.

Isto é oração intensa no seu melhor, mas é uma atitude e espírito que não podemos gerar em nós mesmos.

Como somos então levados ao ponto em que vamos ao trono da graça com esta tremenda determinação de adquirirmos a bênção prometida? A resposta é encontrada no estudo do que levou Daniel ao ponto em que ele orou como orou.

Há de facto dois factores dominantes. Um foi o seu acurado conhecimento da vontade de Deus para o Seu povo como revelado nas profecias, e outro foi a sua tremenda responsabilidade pela obra do Senhor. Deve ser dado ênfase que nem por um momento esse grande homem de Deus orou por aquilo que *ele mesmo* tenha pensado que devia ser feito para o avanço da causa. Não houve o mínimo traço dele próprio em si. Ele em nenhum sentido da palavra procurou estabelecer-se a si mesmo como planeador ou

solucionador de problemas no lugar de Deus. Ele compreendia o princípio que acariciar da nossa parte quaisquer soluções que obstruíssem a obra de Deus, é o acto de nos colocarmos a nós mesmos no lugar do Criador, e é apenas a repetição e continuação do pecado que causou todo o problema no primeiro caso.

“Quando tomamos em nossas mãos o manejo das coisas com que temos de lidar e confiamos em nossa própria sabedoria quanto ao êxito, chamamos sobre nós um fardo que Deus não nos deu, e estamos a levá-lo sem sua ajuda. Estamos tomando sobre nós mesmos a responsabilidade que pertence a Deus pondo-nos na verdade, assim, em Seu lugar. Podemos bem ter ansiedade e antecipar perigos e perdas; pois isto é certo sobrevir-nos. Mas quando deveras acreditamos que Deus nos ama e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai. Então desaparecerão nossas turbações e tormentos; pois nossa vontade fundir-se-á com a vontade de Deus.” *O Maior Discurso de Cristo*, 100,101.

O verdadeiro cristão ora apenas pela vontade de Deus e nunca pela sua. Portanto, uma condição prévia para a eficácia da oração é um estudo completo da vontade divina. No caso da oração particular de Daniel que estamos a estudar, isto implica uma extensa e profunda investigação das profecias que sublinham a vontade de Deus para a Sua obra nesse tempo e lugar. O profeta emergiu dessa busca com uma muito profunda e completa compreensão daquilo que o Senhor tencionava fazer a respeito da libertação dos exilados e sua restauração à sua própria terra de novo. Assim equipado, ele podia orar e orou muito confiante e poderosamente por aquilo que o Senhor e ele desejavam ver acontecer, e o que o Senhor tinha confirmado que aconteceria. A intensidade das súplicas de Daniel reflectem a preocupação sincera que ele tinha pela causa. Com ele, os interesses e assuntos do Céu nesta Terra eram absolutamente supremos, uma atitude que, infelizmente, não era partilhada por muitos dos seus conterrâneos. Isto é revelado pela recusa da maioria em voltar para Jerusalém a fim de reconstruir a cidade, o templo, e a nação, porque tal tarefa pediria o sacrifício das posses e riquezas que tinham acumulado na terra de seu exílio.

Pode argumentar-se que a permanência de Daniel na sua elevada posição na Medo-Pérsia indica a mesma pouca vontade de se sacrificar pela causa, mas tal conclusão seria um ataque injustificado ao seu carácter. Podemos estar bem certos que o idoso profeta teria alegremente voltado para assistir à reconstrução, mas, sempre submisso aos planos de Deus para ele, permaneceu onde o Senhor podia usá-lo para o avanço da causa melhor do que se tivesse regressado. Com Daniel nunca foi uma questão de sacrificar ou não saúde, alta posição, riquezas ou poder. Estas coisas não tinham peso para ele. Era apenas uma questão de onde o Altíssimo escolhesse que ele estivesse.

Pode perguntar-se como podemos estar certos acerca disto. No primeiro caso Gabriel dirigiu-se-lhe como “Daniel, homem mui desejado...” *Daniel* 10:11.

O Céu de facto não ama uma pessoa mais do que outra, pois o amor de Deus é infinito e imutável para todos os homens, mas o Senhor avalia como muito preciosa a pessoa que possui o espírito de sacrifício próprio que é a lei da vida para o Céu e a Terra. A tal pessoa Ele gosta de chamar como homem e mulher grandemente amado, valoroso ou apreciado.

Não havia possibilidade destas palavras serem dirigidas a Daniel se as suas acções em qualquer grau tivessem sido instigadas por interesse próprio, isto é, se a sua posição e posses tivessem tido qualquer peso ao tomar as suas decisões. Se ele tivesse sido um rico mercador em Babilónia, vivendo numa boa casa vestido de vestes dispendiosas, com boas relações de negócios, e gozasse o prestígio que a riqueza traz, não teria hesitado por um momento quando o chamamento veio para o regresso e reconstrução. Alegremente teria deixado tudo para trás a fim de fazer avançar a causa que ele tanto amava.

No segundo caso, Daniel nunca tinha estado tão preocupado pelo futuro de Israel se as coisas materiais o tivessem inquietado. Ninguém que devote a sua vida à acumulação de tesouros terrenos jamais transportará um grande fardo pela causa da verdade. Em vez disso haverá uma tendência para juntar casa a casa e terreno a terreno, com estes tesouros tornando-se cada vez mais importantes à medida que os anos passam. Enquanto o fazem o proprietário, se bem que seja um professo cristão, espera realmente no seu coração que o Senhor não venha cedo.

Tão importante para Daniel era o avanço da causa de Deus, que, quando ele foi motivado a suplicar ao trono de Deus por esse propósito despiu-se a si mesmo de todo o conforto e interesse material. Foi “com jejum, saco e cinza,” que ele orou. Isto é a ilustração de um servo de Deus cuja vida estava dominada por um interesse, objectivo, e propósito. Ele era uma pessoa que de boa vontade viveria ou morreria conforme servisse o melhor interesse da causa que amava. Com ele, as coisas da eternidade não eram uma preocupação entre outras, mas era a que dominava sobre todas as outras.

Quando esse homem orava o Céu ouvia e o mais poderoso anjo, Gabriel, era comissionado para voar até ele com incrível rapidez em resposta às suas orações. “Ao prosseguir a oração de Daniel, o anjo Gabriel vem voando das cortes celestiais para lhe dizer que suas petições foram ouvidas e atendidas.” *Santificação*, 54.

A luz e compreensão dadas em resposta à sua oração levavam a segurança que as bênçãos descritas nas profecias seriam na verdade derramadas sobre os israelitas. Daniel sabia que as suas orações eram ouvidas e respondidas. Ciro fez o decreto que os libertava permitindo-lhes que voltassem de novo à sua terra.

O poderoso profeta não ficou satisfeito que no normal curso dos acontecimentos, a profecia fosse cumprida. No tempo em que ela devia ter lugar, ele suplicava ao Senhor para que a Sua palavra fosse cumprida, e o Senhor assim fez. As coisas preditas aconteceram, e a obra do Senhor avançou fortemente.

“Se nós, como um povo, orássemos como Daniel e lutássemos como ele lutou, humilhando nosso coração perante Deus, haveríamos de presenciar tão notáveis respostas às nossas petições quanto as que foram dadas a Daniel.” *Santificação*, 53.

Como a fé de Daniel nas profecias o levou a entrar em oração de participação com Deus para o seu cumprimento, também hoje, a nossa fé na predição que a chuva serôdia cairá levar-nos-á à mesma oração de participação com os agentes divinos. Precisamos compreender que, por muitas razões, deve haver uma cooperação do divino com o humano para que a obra de Deus seja executada na Terra tal como é cumprida no Céu.

Primeiro, o verdadeiro crente em Jesus deve ter um claro e compreensivo entendimento de onde se encontra no desenrolar do rolo profético. Ele deve ser capaz de satisfazer as condições que o cercam e os acontecimentos tomando lugar perante os seus olhos, com as apropriadas predições descritas nas Escrituras. Deve também saber o que esperar no futuro próximo e mais além. Isto pede profundo, estudo examinador da segura palavra da profecia até que estas coisas sejam bem conhecidas pelos seguidores de Jesus. Nenhuma superficial, obscura compreensão nascida de casual estudo serão suficientes. O crente deve realmente saber o que está escrito até que todo o seu ser esteja carregado com inspiração. Isto é muito mais essencial do que muitos compreendem.

Então, deve partilhar com Daniel e outros grandes homens da Bíblia, tais como Moisés, Elias e Paulo, um tremendo fardo para a finalização da obra. Tudo o mais deve tornar-se de menor importância na sua vida. Deve compreender que como cristão, está neste mundo, não para seguir os seus interesses, gozar os seus prazeres, ou adquirir as suas riquezas, mas para construir os negócios do Céu neste mundo, de modo que uma

finalização possa rapidamente ser dada ao reino do pecado e o glorioso reino de Cristo instituído.

Isto não quer dizer que o crente deixe de trabalhar para ganhar o seu pão de cada dia. Pelo contrário, ele estará entre os mais diligentes de todos os trabalhadores, mas olhará para a aquisição de dinheiro como o poder para fazer avançar os interesses de Deus, e não planejará a construção de um reino terrestre para si mesmo. Enquanto nos aproximamos do tempo em que a chuva serôdia será derramada, será muito importante, que toda a possessão desnecessária seja dispensada, e uma interrupção feita a toda a actividade que não contribua directamente para a preparação necessária para que venha o impulso final da vitória. Toda a propriedade deve ser colocada no altar do sacrifício para ser mantida em posse ou deixada conforme o Senhor dirigir.

Tudo isto deve ser feito, pois, para "... orássemos como Daniel e lutássemos como ele lutou..." requer "...jejum, saco, e cinza." *Santificação*, 53; *Daniel* 9:3.

Como será claramente demonstrado nos próximos capítulos, estamos agora realmente vivendo de novo no tempo da chuva serôdia, esse período de tempo, imediatamente precedendo o próprio derramamento. Tal como Daniel fez, também nós temos que conhecer o tempo da nossa visitação, pois passou o tempo em que nós devíamos simplesmente preparar e esperar. Agora é a hora em que nos devemos preparar e orar. A mensagem do Céu que é apropriada para este tempo é "Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia: O Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuveiro de água, e erva no campo a cada um." *Zacarias* 10:1.

"Não fiquéis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a." *Testemunhos Para Ministros*, 508.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright
F.T. Wright

Capítulo 2

A promessa é: “Se nós, como um povo, orássemos como Daniel e lutássemos como ele lutou, humilhando nosso coração perante Deus, haveríamos de presenciar tão notáveis respostas às nossas petições quanto as que foram dadas a Daniel.” *Santificação*, 53.

Por outras palavras, nisto, no tempo de orar pela chuva serôdia, há o requisito de suplicar pelo derramamento da bênção celestial com a mesma consumidora dedicação e não restringida intensidade que caracterizava as súplicas de Daniel. Há a necessidade crítica de sacudir a complacência e a letargia que a acompanha se queremos compreender o dom sem o qual a obra de Deus nunca pode ser realizada.

Como alcançar esta experiência na comunicação com o Céu até os requisitos estarem concedidos, é um problema que, na vida de cada crente, deve ser vencido. Uma razão para reserva e hesitação da nossa parte, são os repetidos falsos alarmes que têm sido encontrados ao longo dos anos. Recordo-me quatro décadas atrás, em que era crença geral que o Senhor viria dentro de cinco anos no máximo. Os membros da igreja expressavam realmente esta expectativa como uma firme convicção. Quando o Salvador não apareceu como havia sido predito, outro tempo limite foi de novo estabelecido. Isto não podia continuar para sempre sem danificar a fé dos membros da igreja até ao ponto em que eles não estavam dispostos a responder a mais avaliações de quando o fim viria.

Testemunhei uma dramática demonstração deste resultado em Loma Linda em 1964 pouco depois de ter chegado pela primeira vez aos Estados Unidos. Fui convidado por um missionário aposentado e fui com ele a um serviço noturno no meio da semana quando um muito respeitado, bem parecido, evangelista devia fazer o sermão. Quando cheguei a igreja estava cheia.

O assunto escolhido foi a glória e proximidade da segunda vinda. E o orador determinou inspirar a audiência com esperança e expectativa à face deste maravilhoso acontecimento. Ele era um apto orador muito eficiente e poderoso que fez a sua

apresentação com grande sinceridade e intensidade. Descreveu o próximo regresso do nosso Salvador vindouro e glorioso Rei, em detalhes dramáticos e vívidos, ilustrando a agonia daqueles que desprezaram a salvação de Deus, e falou do arrebatamento dos que tinham abandonado o mundo e seu pecado.

Foi um sermão calculado para despertar os corações de cada ouvinte, mas não houve qualquer resultado visível. Eu maravilhei-me à medida que testemunhava as insensíveis expressões nas faces daqueles que se tinham reunido na igreja nessa noite. Porém, porque haviam de entusiasmar-se? Eles tinham ouvido tudo isto anteriormente, uma e outra vez, mas o final ainda não tinha chegado. Eles permaneciam prisioneiros deste pecaminoso mundo onde tristemente observavam os amados serem sepultados um atrás do outro sem outra perspectiva do que os seguir em breve. Não admira que eles escutassem nessa noite com impassível, inabalável incredulidade.

Cada um de nós proveniente de um passado em que a contínua expectativa de um imediato advento tenha assistido a sucessivos desapontamentos, teria dificuldade em elevar-se acima desta mesma reserva. Haverá um receio interior de que por fazer todos os nossos esforços de envolvimento e colocação de tudo no altar do sacrifício, pelo rompimento de todo o laço terrestre desnecessário, e pelo comprometimento da nossa segurança terrestre, sejamos colocados perante dificuldades quando a expectativa, “como é habitual”, falha. A nossa humanidade exige que asseguremos as nossas necessidades presentes antes de nos entregarmos completamente ao divino chamamento à oração sem reserva pelo derramamento da chuva serôdia, mas a nossa natureza humana, os seus receios, e as suas necessidades, não devem ter permissão para serem o poder determinante nesta situação.

O incontornável facto é que unicamente quando o povo de Deus enfrenta esta tarefa sem reserva, o Senhor ouve a oração da fé pelo derramamento da chuva serôdia. Somente quando os crentes adoptam a atitude que, não importa qual o custo, ou quanto tempo seja necessário, pedirão eles ao Altíssimo até a bênção ser derramada, que haverá qualquer esperança do dom ser alcançado. Todos temos de estar preparados para “queimar tudo o que tem impedido”, ou seja, planear unicamente para o avanço, e nunca fazer provisão para a retirada.

Todo o receio de desapontamento deve ser deixado de lado. Não pode ser permitido no mais pequeno grau que isto dificulte ou limite a procura pelo preenchimento com o Espírito Santo. Isto é claro na profecia bíblica, e do facto que o Senhor tem uma mensagem declarando que o tempo para pedir o derramamento da chuva chegou, que o derramamento virá pouco depois de ser pedido em resposta à oração da fé.

Deixemos, então que a nossa confiança alcance esta certeza de maneira que um esforço sem reserva possa ser feita para o recebimento da promessa. Se isto for feito, então podemos estar certos que o dom esperado há tanto tempo descerá com ilimitado poder sobre os santos e em seguida a obra será rapidamente finalizada.

É muito necessário que entendamos porque é que o povo de Deus tem de entrar na oração participativa com o Senhor a fim de assegurar que a chuva serôdia venha. Não devemos ficar satisfeitos de que, no normal decurso da estação, a chuva caia. Devemos pedi-la. Isto tem de ser feito, porque a oração intercessória activa uma obra profunda de preparação no interior do suplicante que o coloca no caminho para receber a promessa, e não desistirá até ser ouvido pelo Céu.

Esta oração de participação deve ser mantida, não para efectuar qualquer mudança em Deus, pois Ele é o Senhor que não muda, mas para efectuar as mudanças dentro do crente que têm de ser estabelecidas de modo que as bênçãos de Deus possam ser concedidas.

“Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário para informar Deus acerca do que somos; mas para nos habilitar a recebê-lo. A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele.” *Aos Pés de Cristo*, 97.

“O nosso Pai celestial está desejoso de derramar sobre nós a plenitude das Suas bênçãos. É nosso privilégio beber a largos sorvos da fonte do Seu ilimitado amor. Como é de admirar, pois, que oremos tão pouco! Deus está pronto para ouvir a oração sincera do mais humilde dos Seus filhos, e contudo há tanta relutância da nossa parte em tornar conhecidas a Deus as nossas necessidades! Que pensarão os anjos do Céu a respeito dos pobres e desamparados seres humanos, sujeitos à tentação, quando o coração de Deus, pleno de infinito amor, se inclina anelante para eles, pronto para lhes dar mais do que sabem pensar ou pedir, e contudo oram tão pouco, e tão pouca fé exercem! Os anjos têm prazer em prostrar-se perante Deus; deleitam-se em estar na Sua presença. Consideram a comunhão como o seu mais alto gozo; e contudo os filhos da terra, que tanto precisam do auxílio que só Deus pode dar, parecem satisfeitos andando sem a luz do Seu Espírito e sem a companhia da Sua presença.” *Idem*, 98.

A prova de que a profecia prometendo o derramamento da chuva serôdia, pode apenas ser cumprida quando o povo do Senhor satisfizer as condições requeridas, é provida no facto que o tempo para a chuva serôdia veio em várias ocasiões, mas falhou em aparecer por relutância do povo em fazer todos os esforços para que a bênção viesse. Falham em entrar em oração dedicada e sem reserva de participação, necessária para completar a obra de preparação em si mesmos.

Um dia de oportunidade igual veio pouco depois de 1844, quando, se os crentes adventistas se tivessem levantado em forte fé para agarrar as promessas, o fim teria vindo. A fim de inspirar os crentes com o conhecimento de como as coisas finais potencialmente eram, em 1856, uma mensagem especial foi comunicada ao povo do advento. Relatou a irmã White: “Foi-me mostrado o grupo presente à assembléia. Disse o anjo: ‘Alguns se tornarão alimento para os vermes, outros, sujeitos às sete últimas pragas; alguns viverão e estarão sobre a Terra para serem trasladados na vinda de Jesus.’” *Testimonies* 1:131, 132.

Esta foi uma advertência para aqueles que estavam conformados com o mundo de como as coisas estavam tão próximas da demonstração final. Muitos têm ficado confusos com este testemunho porque não compreenderam a natureza condicional da profecia. Consequentemente, procuraram pessoas que ali estivessem e que hoje, cento e trinta anos depois, ainda vivessem. Desnecessário é dizer que a sua procura provou-se infrutífera, pois ninguém há vivo hoje que estivesse presente na Conferência em 1856. Há muito tempo que o último deles foi enterrado na sua sepultura.

Inimigos da verdade apresentam estes factos como prova segura de que a irmã White era uma falsa profetisa com base em *Deuterónimo* 18:22: “Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o Senhor não falou: com soberba a falou o tal profeta: não tenhas temor dele.”

Eles afirmam que é um caso simples, um caso resolvido. Ao afirmar ser uma profetisa recebendo directa comunicação do Céu na forma de visão, ela previu que alguns dos presentes morreriam antes de vir o fim, outros viveriam e sofreriam as sete últimas pragas, enquanto um remanescente seria trasladado, mas isto não foi assim. Todas as almas referidas morreram. Nenhuma delas sofrerá as sete últimas pragas, ou será trasladada. Portanto, declaram que, de acordo com a clara palavra de Deus, ela não é a mensageira do Senhor.

Mas, esta acusação é feita sem admitir a natureza condicional de todas as promessas e profecias, um facto que o Senhor disse proferiu claramente em *Jeremias* 18:7-10. “No

momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derribar, e para destruir.

“Se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também Eu Me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.

“E no momento em que falar de uma gente e de um reino, para edificar e para plantar,

“Se ela fizer o mal diante dos Meus olhos, não dando ouvidos à Minha voz, então Me arrependerei do bem que tinha dito lhe faria.”

Quando o Senhor disse estas palavras, não estava a falar em vão, mas queria dizer exactamente o que disse, como vários exemplos bíblicos provam claramente. Uma era a promessa contida na profecia feita aos israelitas através de Moisés precisamente antes de deixarem a terra do Egito:

“Portanto, dize aos filhos de Israel: “Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes.

“E Eu vos tomarei por Meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios;

“E Eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei a Minha mão, que a daria a Abraão, a Isaque, e a Jacó, e vo-la darei por herança, Eu o Senhor.”” *Êxodo 6:6-8*.

A primeira parte da profecia foi cumprida quando eles partiram da terra da escravidão, trevas, e morte, mas a segunda parte – a promessa que herdariam Canaã – nunca foi realizada como Deus pretendia e profetizou que seria para essa geração. Foi deixado aos seus filhos ocuparem o agradável e fértil país. No que dizia respeito ao povo a quem a profecia foi feita, ela nunca foi cumprida. Mas isto não foi devido a qualquer falta da parte de Deus, mas à incredulidade do povo. Falharam em satisfazer as condições necessárias para que a profecia se realizasse como Deus prometera, e não pôde cumprir-se. O cumprimento foi adiado para a geração seguinte.

Quando aquela geração a quem a promessa havia sido feita, chegou a Cades-Barnéia e ali mostraram ímpia incredulidade e murmuração, o Senhor avisou-os de que a específica certeza feita a eles já não era válida. Deus recordou-lhes a palavra profética que lhes tinha dito, e então claramente os advertiu que o cumprimento se tornara impossível. Disse-lhes que passariam os quarenta anos seguintes numa marcha para a morte, que acabaria apenas quando o último deles percesse no deserto. Assim conhecereis “... o rompimento das Minhas promessas.” *Números 14:34*, (tradução da Bíblia K.J., margem).

“Depois falou o Senhor a Moisés e a Arão, dizendo:

“Até quando sofrerei esta má congregação, que murmura contra Mim? Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel, que murmuram contra Mim.

“Dize-lhes: “Assim Eu vivo,” diz o Senhor, “que, como falastes aos Meus ouvidos assim farei a vós outros.

“Neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos os que de vós foram contados segundo toda a vossa conta, de vinte anos e para cima.”” *Números 14:26-29*.

Deus agiu com amor e misericórdia quando lhes negou a entrada, pois no seu estado de incredulidade, nunca teriam com sucesso derrotado os habitantes da terra. Em vez disso teriam sido massacrados.

Muitos séculos mais tarde, Deus conduziu Jonas para transmitir uma mensagem alarmante à ímpia cidade de Nínive, a capital do império mundial assírio. A declaração foi clara e inequívoca. Quarenta dias era tudo o que restava à grande cidade. Portanto, era vital que o povo se arrependesse antes que fosse para sempre demasiado tarde. Jonas não foi instruído a dizer que a cidade seria poupada se se arrependessem, ou que ela seria apenas destruída se eles falhassem em confessar e pôr de parte os seus pecados.

“E começou Jonas a entrar pela cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: ‘ainda quarenta dias e Nínive será subvertida.’” *Jonas* 3:4.

O povo foi agitado do mais baixo até à corte real. O poderoso monarca ordenou que cada um participasse na súplica ao Senhor que poupasse a cidade, na esperança que, se cessassem a sua iniquidade, Ele pudesse atender ao seu clamor. Aqui estão as suas palavras:

“Quem sabe se se voltará Deus, e Se arrependerá, e Se apartará do furor da Sua ira, de sorte que não pereçamos?” *Jonas* 3:9.

E Deus atendeu ao seu clamor.

“E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez.” *Jonas* 3:10.

É evidente que Jonas não compreendeu verdadeiramente o princípio condicional das profecias, a verdade implícita que em cada juízo há a possibilidade de reversão da predição de acordo com a resposta do povo. Se o apóstata se arrepende, a ameaça da destruição é afastada, mas se deixa a justiça, mesmo a prosperidade que lhes foi concedida será transformada em desastre. Deve ser cuidadosamente notado que não há a necessidade, nem é prática de Deus, descrever estas qualificações em cada predição. Foi uma vez testemunhado em Jeremias 18 e ilustrado noutros testemunhos e isso é suficiente. Portanto, “Cumpra lembrar que as promessas e as ameaças de Deus são igualmente condicionais.” *Evangelismo*, 695.

Ignorando este princípio, Jonas escolheu um ponto de observação privilegiado do qual observaria a espectacular destruição da vasta capital e ficou muito aborrecido quando o predito acontecimento não se cumpriu como ele, sob direcção pessoal de Deus, tinha declarado que aconteceria. Sem dúvida receou que dali para a frente fosse olhado como um falso profeta cujas declarações não se realizavam. Não tinha desculpa para não saber que o Senhor nunca permite destruição, não importa quão enfaticamente Ele a tenha predito, para uma cidade ou nação caída, se genuíno arrependimento é manifestado em resposta às advertências divinas.

Assim, segue-se que, se a irmã White deve ser rejeitada como uma falsa profetisa porque em 1856 a predição não se realizou, então Moisés e Jonas também devem ser colocados na mesma categoria. Por outro lado ela predisse muita coisa que se tornou verdadeira exactamente como previamente foi descrito e quando o devido reconhecimento é dado ao elemento condicional das predições divinas, verificar-se-á que nenhuma das predições de Deus comunicadas através dela falhou.

Foi já mencionado que a chuva serôdia devia ter caído poucos anos depois de 1844. Maior prova está contida nos testemunhos que confirmam que a obra podia ter finalizado há muito tempo. Aqui está um extracto que confirma isto. Foi escrito em 1898.

“Houvesse a igreja de Cristo feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória.” *O Desejado de Todas as Nações*, 609.

O mundo inteiro não pode ser avisado a não ser que a chuva serôdia seja derramada. Portanto, este testemunho está a declarar muito antes de 1898, a promessa da chuva serôdia devia ter sido recebida e experimentada pelo verdadeiro povo de Deus.

Um segundo maravilhoso dia de oportunidade veio durante o curto período em que Deus enviou os pastores Waggoner e Jones a proclamar a mensagem de *Apocalipse* 18:1-4, de outro modo conhecida como a mensagem do quarto anjo. De facto, em 1892, ela reconheceu que o ministério deste anjo se tinha provado tão eficaz que o alto clamor tinha na realidade começado. Aqui está o testemunho:

“O tempo de prova está sobre nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo o Redentor Perdoador do pecado. Isto é o início da luz do anjo cuja glória encherá toda a terra.” *The Review and Herald*, 22 de Novembro de 1892; *S.D.A. Bible Commentary* 7:984.

Este foi o efeito da mensagem trazida pelos pastores Waggoner e Jones apesar da incrível oposição levantada contra ela. Mas os adventistas não conheceram o dia da sua visitação, mais do que os judeus. Falharam em compreender que o tempo para a chuva serôdia tinha chegado, e que, se tivessem aceite a mensagem que Deus lhes enviou, e virassem os seus rostos para o Senhor com “Jejum, saco, e cinza”, teriam sido os recipientes do maior derramamento de poder espiritual jamais transmitido aos mortais. Mas, eles não satisfizeram as condições e assim falharam em alcançar a preparação necessária. Consequentemente, a profecia não pôde ser cumprida, a promessa não foi realizada, e o tempo tardou até que se apresentasse outro dia de oportunidade.

Esse dia chegou de novo agora, a profecia será cumprida, e a promessa realizada, temos apenas que satisfazer as *condições* estabelecidas na Palavra. É-nos inteiramente deixado determinar se a triste história do passado será repetida ou se brilharemos onde outros falharam.

Entregar-nos-emos a uma melhor oportunidade para o sucesso, se estudarmos a natureza condicional das promessas de Deus e das ameaças de julgamento sobre o impenitente. Deve ser claramente compreendido que o povo de Deus não pode esperar ociosamente na simples expectativa que, no natural curso dos acontecimentos, as predições se cumpram. Tem que entrar em oração de participação com o Ser Onnipotente de modo a assegurar que a obra avance tal como fora predito.

Um pensamento que me ajudou foi a compreensão que toda a promessa é uma profecia, e toda a profecia é uma promessa. Portanto, as condições a serem satisfeitas de modo a assegurar que a profecia possa realizar-se. Notei que as profecias são equacionadas com as promessas no seguinte testemunho.

“Com fé fundada na segura palavra da profecia, Daniel pleiteou do Senhor o imediato cumprimento dessas promessas. Suplicou que a honra de Deus fosse preservada. Em sua petição ele se identificou plenamente com os que não tinham correspondido ao propósito divino, confessando os pecados deles como seus próprios.” *Profetas e Reis*, 554, 555.

Portanto, pode concluir-se que as predições e as promessas de Deus são testemunhos de Seu divino propósito. Se esses propósitos são levados a cabo como Ele pretende, depende daqueles a quem a promessa foi feita.

Por exemplo, Deus nunca planeou que Israel passasse quarenta anos terríveis viajando em inúteis círculos no deserto. Ele tinha organizado uma directa e rápida entrada em Canaã, mas quando eles falharam em satisfazer as condições que lhes assegurava o sucesso da missão, tornou-se-lhes impossível receber a bênção que o Senhor havia planeado para eles.

Do mesmo modo mais tarde Deus proveu todos os meios necessários para acabar com o pecado e introduzir a justiça eterna dentro do período de 490 anos, entre 457 a.C. e 34 d.C.. Se este maravilhoso objectivo fosse alcançado, nunca teria havido as terríveis trevas da Idade Média, e em breve o eterno reino da justiça teria sido estabelecido. Nenhuma falta pode ser atribuída a Deus por este fracasso. A falta estava inteiramente no povo.

Quando for compreendido que as profecias são promessas de Deus, então será visto que as condições para a realização das últimas têm força igual na experiência das primeiras.

A Bíblia e o Espírito de Profecia estão repletos de maravilhosas promessas. Estas são lidas por milhares diariamente, mas quão poucos são capazes de experimentar o

maravilhoso poder e bênção contidos nessas divinas certezas. Isto acontece porque não compreendem quais são as condições nem como realizá-las.

Em resumo, o procedimento é como se segue:

Primeiramente, cada crente deve realmente conhecer a promessa por si mesmo. Isto pode apenas ser alcançado por um diligente estudo das Escrituras, exactamente como Daniel passava muito tempo em profundo, concentrado, honesto, estudo diligente das promessas proféticas que revelavam a divina vontade para o seu tempo, que estavam escritas em Jeremias e Isaías.

Hoje, neste mesmo tempo para a chuva serôdia, o verdadeiro crente passará tempo procurando nas profecias as revelações do propósito de Deus para o Seu povo hoje. Não descansará enquanto não experimentar cada revelação na edificação do movimento de Deus no tempo presente com a profecia apropriada, pode ver exactamente até que ponto chegámos e o que esperar a seguir. De tal procura, sairá profundamente convicto que chegou outra vez o tempo para o derramamento da chuva serôdia. Das suas investigações nas Escrituras será despertado para ver como nunca antes, que *o tempo de oportunidade não durará para sempre*. A não ser que os crentes em Jesus aproveitem por si próprios a chuva serôdia no tempo da chuva serôdia, a estação passará e serão deixados tão destituídos que outra geração terá que se levantar para receber o que nós podíamos ter recebido.

À medida que estas coisas se compreendam, um santo receio descerá sobre o filho de Deus à medida que vê que *o tempo chegou sem estar verdadeiramente preparado*. Como nunca antes, vislumbra o tipo de pessoa que deve ser de modo a ter a capacidade para ser um recipiente, deste instrumento pelo qual unicamente a obra pode ser finalizada. Com surpreendente clareza reconhecerá que: "... ninguém poderia participar do 'refrigério' a menos que obtivesse a vitória sobre toda tentação, orgulho, egoísmo, amor ao mundo, e sobre toda má palavra e acção. Deveríamos, portanto, estar-nos aproximando mais e mais do Senhor, e achar-nos fervorosamente à procura daquela preparação necessária para nos habilitar a estar em pé na batalha do dia do Senhor. *Lembrem-se todos que Deus é santo, e que unicamente entes santos poderão morar em Sua presença.*" *Primeiros Escritos*, 71.

Com piedoso receio de falhar, lê estas palavras: "Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda prova, e vencem, *seja qual for o preço*, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a trasladação." *Testimonies* 1:187.

Agora ele roga com grande sinceridade para que o Senhor lhe dê uma profunda, convincente crença nestas palavras, de modo que não passe por elas sem lhes dar a devida importância. Ele suplica uma verdadeira e poderosa realização daquilo que significa ser santo de facto, e pela vitória sobre todo o mal existente na sua vida. Ele assegura-se da poderosa ajuda do Espírito Santo para examinar o seu coração, levá-lo à profunda convicção, e desenvolver em si um tal espírito de arrependimento que se alegrará em afastar todo o pecado, e caminha em justiça.

Em seguida pede para ser cheio da chuva serôdia no tempo determinado para a sua bênção, pela fé recebe o dom, e agradece ao Senhor pelo seu recebimento. Então segue o seu caminho rejubilando, sabendo que o dom, que já possui, será realizado exactamente quando dele mais precisar. Cada dia o processo é repetido de modo que progressivamente desenvolve uma preparação cada vez maior para a bênção, uma crescente capacidade para possuir o dom, e um adicional suprimento da graça de Deus. Assim a sua luz brilha cada vez mais dia a dia.

“E enquanto deixam sua luz brilhar, como fizeram os que foram batizados com o Espírito no dia de Pentecostes, recebem mais e mais do poder do Espírito. Assim é a Terra iluminada com a glória de Deus.” *Atos dos Apóstolos*, 54.

“A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade.

“Tão-somente os que estão a receber constantemente novos suprimentos de graça, terão o poder proporcional a sua necessidade diária e sua capacidade de usar esse poder. Em vez de aguardar um tempo futuro, em que, mediante um dom especial de poder espiritual recebam uma habilitação miraculosa para conquistar almas, rendem-se diariamente a Deus, para que os torne vasos próprios para o Seu uso. Aproveitam cada dia as oportunidades do serviço que encontram ao seu alcance. Diariamente testificam em favor do Mestre, onde quer que estejam, seja em alguma humilde esfera de actividade no lar, ou em algum sector de utilidade pública.” *Atos dos Apóstolos*, 55.

“Só os que estiverem vivendo de acordo com a luz que têm recebido poderão receber maior luz. A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das activas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. Pode ser que ela esteja sendo derramada nos corações ao nosso redor, mas nós não a discerniremos nem a receberemos.” *Testemunhos Para Ministros*, 507,

Assim, compreendamos todos que as promessas proféticas não podem ser cumpridas a menos que o povo do Senhor na Terra tenha sido elevado ao necessário nível de preparação. Portanto, não devemos “... ficar satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá.” *Testemunhos Para Ministros*, 508. Devemos pedi-la de tal maneira que asseguremos que a necessária obra de preparação esteja a ser efectuada em nós. Oração de participação é a ordem para hoje. Amanhã virá o derramamento da chuva serôdia.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 3

Quando Deus faz uma predição, tal como a promessa do regresso dos judeus à sua própria terra, e deu a Sua certeza que derramaria a chuva serôdia sobre nós, estava a oferecer aquilo que, sob as circunstâncias, melhor avançaria a obra que todos amamos. Portanto, podemos estar certos que o diabo reunirá todo o poder sob o seu comando, apelará ao temor e ao preconceito daqueles que deverão ter um papel no cumprimento da profecia, e agitará ao mais alto grau a malícia e oposição daqueles que se opõem à obra do Senhor de modo a impedir que ela avance.

De todos os seres presentemente confinados a esta Terra, Satanás é um incomparável estudante da Bíblia. Sabe e compreende o que está escrito, e é portanto, capaz de prever o que acontecerá no futuro ainda melhor que nós.

“Parece ainda um anjo de luz, e mostra claramente estar familiarizado com as Escrituras.” *O Desejado de Todas as Nações*, 110.

Não só é um diligente estudante da Bíblia mas também compreende a importância daquilo que está escrito. Isto não é verdade acerca da maioria dos estudantes religiosos tanto do passado como do presente como é evidenciado pelas numerosas interpretações conflituosas apresentadas pelos diferentes professores e estudantes. O diabo está muito satisfeito com esta confusão, pois, sabe que, tal como ele designou que assim fosse, destrói a fé vital na palavra de Deus, divide aqueles que professam ser servos de Deus, e torna o caminho do verdadeiro ensinador do evangelho mais difícil.

“Satanás é um estudante da Bíblia. Ele conhece as verdades essenciais à salvação, e estuda como há de desviar a mente dessas verdades.” *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, 351.

“Os sofistas acerca de Deus e da Natureza, os que inundam o mundo com cepticismo, são inspirados pelo inimigo caído, que é também estudante da Bíblia, sabe qual a verdade essencial para o povo e empenha-se em distrair as mentes das grandes verdades

destinadas a prepará-las para o que está prestes a sobrevir ao mundo.” *Testimonies* 8:292; *Testemunhos Selectos* 3:270 (1971).

“Satanás é diligente estudante da Bíblia.” *Testimonies*, 9:16; *Testemunhos Selectos* 3:284.

Portanto, pode ser apreciado e compreendido que o compreensivo conhecimento do diabo daquilo que Deus disse que faria por Israel, lhe deu ânimo para resistir às divinas profecias que prometiam o regresso dos judeus, à restauração do templo e seus serviços, e o estabelecimento da nação uma vez mais. A última coisa que ele desejava era ver Israel de volta à sua própria terra diligentemente preparando-se para o prometido Messias. Consequentemente, tratou de começar a contrariar estes movimentos por todos os meios ao seu dispor, e foi capaz de montar um assustador desafio ao propósito divino.

Uma das maiores vantagens do lado de Satanás é a perversidade da natureza humana que está muito mais inclinada para servir ao diabo do que a Deus. Foi um facto no tempo de Daniel como em todos os outros períodos da história humana que não podia ser esquecido nem eliminado. Tinha que ser enfrentado e vencido.

Considerai um pouco das poderosas forças que estavam no caminho da vontade de Deus como foi manifesto nas profecias que revelavam a libertação de Israel. O primeiro objectivo daqueles reis antigos era governar todo o mundo, e devotavam o forte poder militar às suas ordens para realizar isto. À medida que conquistavam as nações grandes ou pequenas, juntavam-nas sob a sua jurisdição e autoridade e não mostravam disposição de as libertar. De facto, o rei acharia perigoso fazê-lo pois, ele podia estar certo que elas usariam a sua liberdade para crescer em força, conspirar contra ele, e na altura devida derrubar o seu governo. Nenhum governante do mundo podia tolerar a negligência nestas questões.

Todavia, um povo que foi descuidado, foi o israelita que tinha sido expressamente instruído por Deus através de Josué para subjugar todas as restantes tribos e nações de Canaã. Porém, falharam em fazer isto, impondo-lhes em vez disso um tributo. Os conquistados aceitaram calmamente esta subjugação por algum tempo, enquanto, sem impedimento desenvolveram a sua capacidade para repelir o seu jugo e assumir o poder. Um surpreendido e humilhado Israel despertou demasiado tarde para se salvar daqueles que deviam estar para sempre privados de poder.

Assim, quando o tempo predito chegou para os judeus regressarem a Jerusalém, o governador do mundo na altura, o rei Ciro, foi chamado por Deus a quem não respeitava ou adorava, para quebrar uma das regras mais fundamentais de protecção da sua soberania, e desse modo agir em desafio de todo o natural instinto dentro de si próprio. Os dirigentes mundiais do calibre e posição de Ciro não considerariam sequer, sob condições normais, libertar uma nação do seu controlo, muito menos uma com a reputação por causa da independência, resiliência, capacidade de rápida recuperação do cativo até ao governo do mundo, e desafio de toda a autoridade humana como a que tinha Israel.

O rei Ciro não era ignorante acerca da história. Ele conhecia o incrível livramento da nação escrava do Egipto. Sabia dos seus feitos na derrota de Ogue, rei de Basã, Siom, rei dos amorreus, e as confederadas nações dalém do Jordão. Tinham-lhe falado dos dias em que, governados por Davi, Israel havia sido a nação mais poderosa da Terra. Ele sabia que mesmo embora parecesse nos dias de Jeosafá e Ezequias que Israel estava prestes a falhar, milagres incríveis inverteram a aparência, e a nação sobreviveu. E mesmo apesar de Israel ter sido por fim esmagado por Babilónia guiada por Nabucodonosor e parecesse que o seu fim havia chegado, Ciro verificou que o sector judeu do mundo cativo mantinha a sua identidade e estava crescendo como uma força notável.

Devolver a um povo como esse a sua terra, a sua liberdade, e todos os seus direitos como nação, era algo que nenhum rei em sua perfeita mente consideraria. E Satanás estava ali para recordar a Ciro todas estas coisas. Ele fez isto através da inspiração satânica e através daqueles que eram os seus agentes pessoais, tanto antes do decreto inicial ser feito a fim de o impedir, como depois a fim de o cancelar. Notai os seus argumentos quando procurou alcançar o último:

“Este pois é o teor da carta que ao rei Artaxerxes lhe mandaram: Teus servos, os homens daquém do rio, e em tal tempo.

“Saiba o rei que os judeus que subiram de ti vieram a nós a Jerusalém, e edificaram aquela rebelde e malvada cidade, e vão restaurando os seus muros, e reparando os seus fundamentos.

“Agora saiba o rei que, se aquela cidade se reedificar, e os muros se restaurarem, eles não pagarão os direitos, os tributos e as rendas; e assim se danificará (diminuirá) a fazenda dos reis.

“Agora pois, como somos assalariados do paço, e não nos convém ver a desonra do rei, por isso mandamos dar aviso ao rei.

“Para que busque no livro das crónicas de teus pais, e saberás que aquela foi uma cidade rebelde e danosa aos reis e províncias, e que nela houve rebelião em tempos antigos; pelo que foi aquela cidade destruída.

“Nós pois fazemos notório ao rei que, se aquela cidade se reedificar, e os seus muros se restaurarem, desta maneira não terás porção alguma desta banda do rio.” *Esdras 4:11-16.*

Satanás e os seus agentes sabiam que não havia melhor argumento destinado a gerar receio na mente do rei, uma vez que todo o conquistador vive no constante medo duma mudança contra a sua autoridade. Assim:

“... Suscitaram suspeitas em espíritos facilmente levados a suspeitar.” *Profetas e Reis, 571.*

No caso de Artaxerxes eles foram temporariamente bem-sucedidos, pois, o rei leu as suas histórias e alarmou-se tanto com aquilo que encontrou que prontamente ordenou que a obra em Jerusalém parasse. Aqui está a resposta do grande monarca.

“E o rei enviou esta resposta a Reum, o chanceler, e Sinsai, o escrivão, e aos mais da sua companhia, que habitavam em Samaria; como também ao resto dos que estavam dalém do rio: Paz! em tal tempo.

“A carta que nos enviaste foi claramente lida diante de mim.

“E, ordenando-o eu, buscaram e acharam que de tempos antigos aquela cidade se levantou contra os reis, e nela se tem feito rebelião e sedição.

“Também houve reis poderosos sobre Jerusalém, que dalém do rio dominaram em todo o lugar, e se lhes pagaram direitos, e tributos, e rendas.

“Agora pois dai ordem para que aqueles homens parem a fim de que não se edifique aquela cidade, até que se dê uma ordem por mim.

“E guardai-vos de cometerdes erro nisto; porque cresceria o dano para prejuízo dos reis?

“Então depois que a cópia da carta do rei Artaxerxes se leu perante Reum, e Sinsai, o escrivão, e seus companheiros, apressadamente foram eles a Jerusalém, aos judeus, e os impediram à força de braço e com violência.

“Então cessou a obra da casa de Deus, que estava em Jerusalém e cessou até ao ano segundo do reinado de Dario, rei da Pérsia.” *Esdras 4:17-24.*

Apesar de não haver registo directo para confirmar que estes mesmos argumentos foram proferidos por Satanás a Ciro, a lei natural decreta que estes pensamentos tenham pesado muito fortemente na sua mente ao considerar as instruções de Deus para deixar ir

livres os cativos. Para estar de acordo com o chamamento de Deus, tinha que ir contra o seu próprio julgamento e receio assim como contra os receios dos seus fiéis conselheiros.

Ao estudar as orações de Daniel para a libertação dos judeus como guia para a nossa oração pela chuva serôdia, necessitamos compreender os obstáculos aparentemente intransponíveis que se opunham ao cumprimento das predições divinas. Então teremos uma compreensão ampliada da razão pela qual Daniel teve que orar como fez de modo a assegurar a realização das promessas profetizadas.

O Senhor não podia forçar o rei Ciro a obedecer-Lhe, mas tinha que obter a sua cooperação. Isto provar-se-ia não ser uma tarefa fácil, e, de acordo com isso, Ele fez a mais cuidadosa e completa preparação para o plano. Cerca de cem anos antes que o rei persa dominasse o mundo, o Poderoso de Israel, através de quem Isaías o profeta, nomeou Ciro pelo nome para ser aquele que, sob direcção e bênção de Deus, abateria com sucesso o poder de Babilónia, e obedeceria à palavra do Senhor libertando o Seu povo.

“Assim diz o senhor ao Seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela sua mão direita, para abater as nações diante de sua face; eu soltarei os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão:

“Eu irei diante de ti, e endireitarei os caminhos tortos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro,

“E te darei os tesouros das escuridades, e as riquezas encobertas, para que possas saber que Eu sou o Senhor, o Deus de Israel, que te chama pelo nome.

“Por amor de Meu servo Jacó, e de Israel, Meu eleito, Eu a ti te chamei pelo teu nome, pus-te o teu sobrenome, ainda que Me não conhecesses.” *Isaías 45:1-4.*

“Quem diz de Ciro: É Meu pastor, e cumprirá tudo o que Me apraz; dizendo também a Jerusalém: Sê edificada; e ao templo: Funda-te.” *Isaías 44:28.*

“Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e soltará os Meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o Senhor dos Exércitos.” *Isaías 45:13.*

Estas são impressionantes predições que se tornaram verdadeiras exactamente como preditas e tinham a intenção de causar uma forte influência no rei. Afinal, é uma coisa rara o Senhor nomear uma pessoa muito antes dela nascer e predizer o trabalho que ela fará.

Contudo, Ciro não podia evitar a desconfiança nestas predições numa era de superstição em que homens intriguistas recorriam a toda a forma de engano para obter os seus fins. Ele interrogar-se-ia que prova havia que estes escritos tivessem de facto cem anos. Teria sido fácil aos judeus tê-los escrito depois da queda de Babilónia e então dizer que tinham sido registados um séculos antes da sua apresentação ao rei.

Em si mesma e por si só, esta predição, apesar de autêntica e minuciosa, não fornecia prova suficiente para tirar o peso a todas as outras considerações que poderosamente influenciavam a mente do rei. Felizmente, não era o único recurso a que o Senhor podia recorrer. À Sua disposição estava um poderoso homem de justiça e fé através do qual Ele podia fazer um apelo muito mais forte ao monarca. Esse homem era Daniel. O que o Senhor podia fazer através dele por causa da sua integridade e justiça é uma lição para todos os cristãos.

Mesmo antes de Ciro subir ao trono depois da morte de Dario, o diabo, compreendendo quão eficazmente Daniel podia ser usado por Deus para levar Ciro a cumprir a profecia operou com perfeita astúcia para destruir o servo do Senhor. Assim ele não apenas tiraria Daniel da sua posição chave, mas declararia que o poder exercido pelo Deus do Céu era inferior ao seu próprio poder. Fosse Daniel devorado pelos leões e haveria pouca esperança que Ciro cumprisse a profecia libertando os cativos.

Mas esse maravilhoso acto de libertação divina foi um factor que pesou fortemente em favor da vontade divina. Tornou aquilo que Satanás havia designado como uma vitória para si num triunfo para Deus e Israel. Um homem passar a noite com um grupo de leões famintos e sair pela manhã ileso, era na verdade um milagre e Ciro o rei eleito, ficou impressionado.

“O livramento de Daniel da cova dos leões tinha sido usado por Deus para criar uma impressão favorável no espírito de Ciro o grande.” *Profetas e Reis*, 557.

Ciro não podia deixar de respeitar um homem que sobreviveu a tal teste. Era algo que nenhum outro homem na Terra jamais alcançou. Era praticamente inacreditável.

As derrotas de Satanás neste assunto foram vitais. As próprias medidas tomadas por ele para destruir a obra do Senhor, apenas serviram para a salvar e alargar. Em vez de eliminar o homem de Deus, perdeu um número de poderosos homens que poderiam ter sido instrumentos para exercer considerável pressão sobre o monarca para recusar aos judeus o seu pedido de regresso à Palestina. Assim a balança da influência oscilou grandemente a favor de Deus e Seu povo.

Mas isto não foi tudo. Daniel foi distinguido como um homem de incontestável integridade tal, que o rei Ciro viu que como homem de estado era de confiança até ao último grau. Sem dúvida ele ouviu como este poderoso homem de Deus manteve o reino de Nabucodonosor sob custódia enquanto ele esteve atacado de insanidade, e voltou a devolver-lhe tudo quando regressou. Tal coisa não se fazia no mundo sedento de poder desse tempo. Qualquer pessoa na posição de Daniel com tal oportunidade perante si, apoderar-se-ia do reino para si mesmo. Mas Daniel colocou-se aparte e acima de todos os homens pecadores não levantando um só dedo para usurpar o reino do indefeso soberano.

O rei Ciro não tinha alternativa senão reconhecer que aqui estava um homem de integridade tal que não podia ser comprado nem vendido e que nunca se inclinaria perante qualquer engano fosse qual fosse não importa quão vantajoso ele pudesse ser. “As excelentes qualidades do homem de Deus como estadista de vistas largas levou o governante persa a mostrar-lhe marcado respeito e a honrar suas decisões.” *Profetas e Reis*, 557.

Foi então que Daniel voltou a sua atenção para as profecias de Isaías e testificou que elas tinham sido escritas cem anos antes do rei ter nascido, Ciro não mostrou disposição para o cepticismo. Ele sabia absolutamente que se Daniel o dizia, era verdade. Aqui estava um homem em quem ele podia acreditar implicitamente. Ainda mais, a presença do Espírito Santo em Daniel transmitia às suas palavras e pessoa o poder convincente que alcançava o coração do rei que ficava maravilhado, honrado, e impressionado em ver que era de facto um homem cujo destino fora divinamente escolhido para executar a vontade de Deus.

“E agora, justo no tempo em que Deus tinha dito que faria fosse o Seu templo em Jerusalém reconstruído, Ele moveu Ciro como Seu instrumento para discernir as profecias com respeito a ele mesmo, com as quais Daniel estava tão familiarizado, e a conceder ao povo judeu a sua libertação.

“Tomando o rei conhecimento das palavras que prediziam, mais de um século antes do seu nascimento, a maneira pela qual Babilónia deveria ser tomada; ao ler a mensagem a ele dirigida pelo Rei do universo: ‘Eu te cingirei, ainda que tu Me não conheças. Para que se saiba desde o nascente do Sol, e desde o poente, que fora de Mim não há outro;’ ao ver diante dos seus olhos a declaração do eterno Deus: ‘Por amor de Meu servo Jacó, e de Israel, Meu eleito, Eu a ti te chamei pelo teu nome, pus-te o Meu sobrenome, ainda que Me não conhecesses;’ ao descobrir o inspirado Registo: ‘Eu o despertei em justiça, e todos os

seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e soltará os Meus cativos, não por força nem por presentes' (Isaías 45:5,6,4, e 13), o seu coração foi profundamente movido, e ele se determinou cumprir sua missão divinamente indicada. Ele libertaria os judeus cativos; ele os ajudaria a restaurar o templo de Jeová." *Profetas e Reis*, 557, 558.

Quão diferente foi esta da resposta de Faraó quando chamado a deixar ir os seus escravos. Ciro podia ter manifestado o mesmo egoísmo obstinado, e nesse caso os judeus teriam permanecido em cativeiro pelo menos até o poder medo-persa ser quebrado pelos gregos. Felizmente não foi assim. Contudo, não deve haver distorção do milagre operado quando o coração de Ciro foi abrandado ao ponto em que ele, contra todo o conselho humano e naturais precauções que um governante mundano tomaria, escolheu deixar os cativos livres. Isto é ainda mais notável quando é recordado que ele não era um filho de Deus. Isto é deduzido pelo testemunho de Deus que Ciro não O conhecia. (Vede *Isaías* 45:5.)

Tivesse Daniel focado a sua atenção nas tremendas dificuldades a ser vencidas na persuasão do rei Ciro para libertar os judeus, a sua fé teria falhado. Ele teria decidido que, sob as circunstâncias, um resultado favorável para a causa de Deus era impossível. Mas, embora ele não tenha fechado os olhos para os ameaçadores factos que tornavam o caso aparentemente sem esperança, virou os olhos da fé para as grandes promessas de Deus; para aquelas específicas profecias que anunciavam a vitória de Israel e a derrota do diabo e seus apoiantes. Ele sabia que quando o Senhor Se comprometeu ao fazer essas predições, conhecia perfeitamente todas as dificuldades que se levantariam no caminho, e fez total provisão para elas. Nada havia que pudesse apanhar o Altíssimo de surpresa. Desde as infinitas riquezas da eternidade do passado Ele conhecia, até ao menor detalhe, aquilo que aconteceria e estava totalmente preparado para enfrentar qualquer contingência com sucesso.

Deus, tendo cumprido fielmente as Suas responsabilidades, dependia agora que o Seu povo cumprisse a sua parte com fidelidade. O seu conhecimento das aparentemente intransponíveis dificuldades que estavam na frente deles não deviam permitir lançar a sombra do desesperado desânimo sobre as suas perspectivas. Eles deviam confiar nas promessas de Deus e acreditar que, em vista dos visíveis e mais invisíveis meios sob o comando de Deus, e a natureza das circunstâncias que se tinham desenvolvido, tinham chegado a uma altura em que a libertação era possível.

Ao mesmo tempo, não deviam sentar-se em complacência, falsamente convencidos que as promessas se cumpririam incondicionalmente. Deviam entrar em oração de participação com Jeová na Sua obra. Deviam abrir os seus corações em escrutínio examinador ao Espírito Santo para que todo o pecado pudesse ser revelado e posto de parte. Das suas vidas devia desaparecer todo o peso de distração desnecessário que separam de Deus ou que de qualquer modo dificulte a urgente preparação da alma. Conhecedor que todo o fracasso da parte de Israel em entrar no Seu repouso têm-se devido à sua falta de vontade em fazer um total esforço em favor de Deus, receiam falhar.

Foi por causa de Daniel em particular, juntamente com outros não referidos nas Escrituras, terem cumprido estas condições, que os obstáculos aparentemente intransponíveis foram ultrapassados e a vitória obtida. A sua experiência provou que: "fé é o poder vivo que ultrapassa qualquer barreira, e coloca a sua bandeira no coração do campo inimigo." *S.D.A. Bible Commentary* 2:995.

Hoje, estamos a viver uma vez mais no tempo da chuva serôdia e o Senhor tem-nos enviado a mensagem para orar pela poderosa bênção unicamente pela qual a obra pode ser finalizada e a nossa preparação para o reino completada. Ninguém deve falhar em entender que nem sempre é o tempo de orar pela chuva serôdia tanto na natureza como

na graça. Ela vem na estação própria ou não vem mesmo de todo, tal como veio o momento para Israel deixar Babilónia.

Agora que esse dia regressou, é essencial que o povo de Deus conheça o tempo da sua visitação, e, desta vez, tornar absolutamente certo que a ocasião não escape, e a oportunidade passe sem que tiremos dela todo o proveito. O facto é, não podemos permitir o fracasso, porque é demasiado tarde agora para outra geração se levantar e fazer aquilo que fomos chamados a fazer.

Acima de tudo o mais devemos manter-nos optimistas. Mesmo que não O possamos ver, Jeová está a operar com grande poder para preparar o caminho para a vinda dos acontecimentos finais, e para o regresso de Jesus. Apesar de haver muito à nossa volta para nos tirar a coragem e impedir a obra, temos de olhar sempre para o lado brilhante e positivo, sempre conscientes do facto que os planos divinos são colocados em operação e terão sucesso.

É fácil ser animados e optimistas quando todas as coisas correm bem. O anúncio do decreto de Ciro deu-lhes a liberdade, encheu os corações dos fiéis de alegria, mas eles esqueceram que a obra seria difícil e árdua, que outros grandes obstáculos se levantariam pelo caminho, e que isso exigiria uma fé firme e um incansável zelo para prosseguir a obra até à bem-sucedida finalização.

Assim foi no lançamento dos fundamentos do templo, havia alguns que tinham conhecido a glória do templo de Salomão que choraram em voz alta quando viram que o novo templo seria inferior ao primeiro.

“Porém muitos dos sacerdotes, e levitas, e cabeças de famílias, já idosos, que viram a primeira casa, choraram em alta voz quando à sua vista foram lançados os alicerces desta casa; muitos, no entanto, levantaram as vozes com gritos de alegria.

“De maneira que não se podiam discernir as vozes de alegria das vozes do choro do povo; pois o povo jubilava com tão grandes gritos, que as vozes se ouviam de mui longe.” *Esdras* 3:12, 13.

“Era natural que a tristeza enchesse o coração desses homens encanecidos, ao considerarem os resultados da longa impenitência. Tivessem eles e a sua geração obedecido a Deus, executando o Seu propósito para Israel, e o templo construído por Salomão não teria sido destruído nem teria sido necessário o cativo. Mas em virtude da ingratidão e deslealdade, eles haviam sido espalhados entre as nações gentílicas.” *Profetas e Reis*, 564.

Não há dúvida de que eles tinham muito de que se lamentar, mas nunca deviam ter permitido uma reacção assim por um momento. O passado estava para trás de si e havia abundante evidência para mostrar que tinha nascido um maravilhoso novo dia de liberdade, progresso, e iluminação. Por isto, eles deviam estar gratos e jubilosos.

“Mudadas estavam agora as condições. Em terna misericórdia o Senhor havia visitado outra vez o Seu povo, e permitira-lhe retornar a sua própria terra. A tristeza pelos erros do passado devia ceder lugar a sentimentos de grande alegria. Deus tinha movido o coração de Ciro para que os ajudasse a reconstruir o templo, e isto devia ter despertado expressões de profunda gratidão. Mas alguns não discerniram as providências de Deus em operação. Em vez de se alegrarem, acariciaram pensamentos de descontentamento e desânimo. Havia visto a glória do templo de Salomão, e lamentavam a inferioridade da construção a ser agora construída.” *Profetas e Reis*, 564.

Este foi um erro grave cometido por eles e isto infligiu grandes danos na obra de Deus.

“Se os que tinham deixado de rejubilar-se no lançamento dos fundamentos do templo, tivessem previsto os resultados de sua falta de fé nesse dia, teriam empalidecido. Pouco haviam eles imaginado o peso de suas palavras de desaprovação e desapontamento;

pouco sabiam do muito que seu manifesto descontentamento haveria de retardar a terminação da casa do Senhor.” *Profetas e Reis*, 565.

Aquelas pessoas provavelmente pensaram que a sua reacção revelava um amor pela causa de Deus e um zelo pelo seu avanço. Até certo ponto assim era, mas era um amor e um zelo mal dirigido. Não compreenderam que a atitude tomada e as palavras ditas estabeleceram coisas que apenas podiam conduzir a terríveis consequências. Havia apenas um caminho para elas seguirem – a senda da gratidão a Deus por Ele perdoar os seus pecados do passado, e pela maravilhosa restauração da liberdade na sua própria terra uma vez mais. Não importava quão difícil o futuro lhes parecesse, tinham de estar cheias de esperança e confiança sabendo que as promessas não podiam falhar. Se tivessem adoptado esta atitude, a causa de Deus teria prosperado maravilhosamente, atrasos teriam sido impedidos, e a apostasia evitada.

A lição aqui revelada é para todos os tempos e especialmente para estes últimos dias. Há muito hoje em dia para preencher a mente com pensamentos pessimistas, sentimentos de desespero, um sentido de futilidade, e expectativa de fracasso. Porém, estes sentimentos não devem ser abrigados por um momento sequer. “Nem uma vez devemos pensar em fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso.

“Não devemos falar de nossa fraqueza e inaptidão. Com isso manifestamos desconfiança para com Deus, e negamos Sua palavra. Ao murmurarmos por causa de nossas cargas, ou recusarmos assumir as responsabilidades de que nos encarregou, estamos dizendo virtualmente que Ele é um Senhor severo e que requer o que não nos deu força para executar.

“Muitas vezes somos inclinados a chamar o espírito do servo preguiçoso, de humildade. A verdadeira humildade é muito diferente, porém. Sermos revestidos de humildade não significa devermos ser de intelecto medíocre, aspirações deficientes, e covardes em nossa vida, esquivando-nos de cargos com medo de não sermos bem-sucedidos. A verdadeira humildade cumpre o propósito de Deus, confiante no Seu poder.” *Parábolas de Jesus*, 363.

Falar da fé e manter uma atitude confiante, opera maravilhas no avanço da causa de Deus, enquanto a murmuração, dúvida, e queixas são sempre deprimentes para a causa como é evidente pela experiência e influência dos envolvidos na restauração do templo e seus serviços como está escrito:

“As murmurações e queixas, e a desfavorável comparação feita, tiveram uma influência deprimente sobre o espírito de muitos, e debilitaram as mãos dos construtores. Os trabalhadores levantaram a pergunta se deviam prosseguir com a construção de um edifício que já de início era tão francamente criticado e se tornava causa de tanta lamentação.” *Profetas e Reis*, 564.

Satanás estava feliz como este desenvolvimento, pois ele sabia que tinha colocado um ponto de entrada e deste importante ponto de vantagem procuraria penetrar até ao próprio coração da obra de Deus e destruí-la. Encorajado e fortalecido pelo que ganhou, manteve incansavelmente a pressão sobre os judeus, usando todas as armas do seu arsenal para enfraquecer os servos do Senhor e fazer com que eles parassem os seus trabalhos.

Ele operou através dos inimigos de Deus e do Seu povo que incessantemente atacavam e contra-atacavam na sua desenfreada determinação de fazer fracassar o propósito divino. Embora destinada a desanimar e enfraquecer os construtores, estas acções da parte do diabo e seus seguidores foram excelentes razões para o povo de Deus rejubilar e estar contente, porque tudo indicava quão desesperado Satanás estava para os fazer parar.

Os filhos de Deus precisam compreender que, se estiverem espiritualmente vivos, e forem fiéis construtores da obra de Deus, podem estar certos de que terão a resistência de

inimigos mortais que os perseguirão e perturbarão. Isto pode ser bastante desencorajador tal como Satanás pretende que seja, mas, a verdade é que nada é mais tranquilizador. Quanto mais os nossos inimigos se multiplicarem, e mais ferozmente o diabo atacar através deles, mais audível e clara é a sua admissão de que somos uma positiva ameaça para ele. Se, por outro lado, o que consideramos ser uma obra para Deus não gerar uma resposta irada da parte de Satanás, então podemos ter a certeza de que a nossa obra é tão falha de vida e ineficaz que o inimigo considera a nossa influência como de nenhuma consequência.

Infelizmente, os construtores dos muros de Jerusalém não reconheceram este princípio, porque quando verificaram estar constantemente postos perante determinada oposição dos seus inimigos, em vez de ficarem cheios de alegria por estarem claramente a ameaçar as ambições do diabo, desanimaram e abandonaram o trabalho, como está escrito. “A oposição dos seus inimigos era forte e determinada, e gradualmente os edificadores desanimaram. Alguns não podiam esquecer a cena do lançamento do alicerce, quando muitos tinham dado expressão a sua falta de confiança no empreendimento. E tornando-se os samaritanos mais ousados, muitos judeus punham em dúvida se, afinal de contas havia chegado o tempo para a reconstrução. O ressentimento logo se espalhou. Muitos dos obreiros, sem coragem ou ânimo, retornaram a seus lares, para assumirem seu curso comum de vida.” *Profetas e Reis*, 572.

A decidida oposição dos nossos inimigos hoje, fortalecida pelo que pode ser tomado com um aspecto sombrio e desencorajador, colocará considerável pressão sobre muitos que levará a pensar que o tempo ainda não chegou para orar por chuva serôdia.

Levantemo-nos e sacudamos esta ameaça mortal, ponhamos de lado toda a dúvida e receio, e com fé viva obedeçamos à ordem, “‘Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia.’ Não fiquéis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a.” *Testemunhos para Ministros*, 508.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 4

Foi uma tragédia que, na própria altura em que os agentes celestiais estavam poderosa e efectivamente operando pelos judeus, estes ficaram desanimados, perguntando se na realidade tinha chegado o tempo para a restauração e por fim abandonaram a obra em favor dos seus próprios interesses. Eles não conheceram o tempo da sua visitação, uma capacidade essencial que o povo de Deus devia ter em qualquer altura na história da Terra. É quando a igreja de Deus falha em ler correctamente as Suas obras providenciais, que não é estimulada a colaborar com Ele. Assim a obra falha em avançar, grande prejuízo é suportado por Ele e pelo Seu povo, e graves demoras são experimentadas.

Quando chega a altura para avançar, há abundante evidência para o confirmar. As indicações são tão fortes e claras, que não há desculpa para os crentes estarem em ignorância acerca do que o Altíssimo está fazendo e onde Ele conduzirá desde esse ponto. Considerai as evidências que foram abertas aos judeus no período da restauração.

Primeiramente havia a certeza da palavra da profecia. O Senhor tinha predito através de Jeremias que a duração da supremacia de Babilónia seria de setenta anos, e que um conquistador chamado Ciro seria um instrumento de Deus para levar a grande Babilónia até à destruição. Quando esse homem chamado pelo nome na altura exacta especificada na profecia conquistou Babilónia do próprio modo como o Senhor disse que ele faria, tiveram a mais forte confirmação de que o Onnipotente os estava a levar à restauração da sua obra apontada.

Por mais dispostos que eles pudessem estar, havia aqueles, sem dúvida, que fizeram a sua avaliação realista dos aparentes obstáculos intransponíveis ainda a ser vencidos antes que a obra da reconstrução pudesse começar. Podiam ver que era bastante natural que Ciro procurasse executar a conquista dos seus inimigos no Eufrates, mas era muito pouco natural ele considerar sequer a libertação de uma nação cativa. Isso parecia ser esperar demasiado. Então veio o milagre da protecção de Daniel dos leões esfomeados, e,

maravilha das maravilhas, a seguir a isto veio a proclamação que eles estavam livres para regressar e reconstruir a cidade e o santuário.

Assim, o Senhor reuniu evidência sobre evidência para lhes assegurar que tinha chegado o tempo celestial para a obra avançar com toda a rapidez e sucesso. Mas, apesar de tudo isso, existiam aqueles que duvidavam seriamente se a hora tinha chegado para essas coisas se realizarem.

“Deus tinha movido o coração de Ciro para que os ajudasse a reconstruir o templo, e isto devia ter despertado expressões de profunda gratidão. Mas alguns não discerniram as providências de Deus em operação. Em vez de se regozijarem, acariciaram pensamentos de descontentamento e desânimo.” *Profetas e Reis*, 564.

Quão triste é que o povo de Deus tenha sido sempre tão rápido a olhar para o lado obscuro, cego para as coisas maravilhosas que Jeová está a fazer por eles, e tão rápidos a dar lugar ao desânimo e dúvida. Precisamos aprender uma lição em relação a isto do próprio diabo. Ele tem espantosa capacidade para desenvolver a resposta oposta. Quanto mais negras as coisas parecem, mais vigorosamente ele luta pela sua causa, mais arrojado é o seu ataque, e mais resoluta a sua vontade. Ele toma o seu lugar quando afinal tem todos os motivos para desistir, enquanto o povo de Deus, quando tem todos os motivos para exercer a fé, optimismo, e o mais enérgico prosseguimento da obra, tão facilmente se intimida a submeterem-se à vontade de Satanás.

Em lado algum é este contraste melhor revelado do que quando Jezabel ameaçou Elias de morte depois da extraordinária confrontação no monte Carmelo. Deus tinha operado maravilhosamente por Elias nesse dia. A chuva tinha parado pelo período especificado tal como havia sido profetizado; os sacerdotes de Baal não tinham sido capazes de acender o fogo do seu sacrifício; o Senhor tinha enviado fogo para consumir o encharcado novilho de Elias, a madeira molhada, e a água na vala; o povo tinha publicamente declarado que o Senhor é o verdadeiro Deus; os sacerdotes de Baal foram todos executados; a chuva tinha vindo em resposta às orações da fé de Elias; e ele tinha sido especialmente fortalecido para correr adiante do carro de Acabe todo o caminho desde o Carmelo até Jezreel.

Em face destes aterradores retrocessos e desconcertantes danos, a ímpia rainha devia estar cheia de terror e freneticamente fazendo preparativos para fugir, mas quando não tinha a menor ocasião para o fazer, atacou como se nesse dia tudo tivesse acontecido a seu contento, e foi Elias que foi ameaçado com a destruição. Sem revelar o menor traço de receio, ela enviou uma mensagem a Elias nos termos mais positivos que ele seria um homem morto antes do dia findar.

Se alguma vez um homem teve o testemunho da protecção pessoal de Deus, e da certeza que a vontade do Senhor seria feita, foi Elias nessa altura, contudo, ele foi intimidado pela rainha, que estava, na sua arrojada provocação, apenas revelando como o diabo se relaciona a si mesmo com este tipo de situação.

Assim, o diabo em Jezabel e através dela demarcou o seu campo e bradou o desafio quando tinha todas as razões para fugir aterrorizada, enquanto Elias, que tinha todas as razões para rir das ameaças de Satanás, fugiu vergonhosamente para defender a sua vida que nem sequer estava em perigo real.

É certamente o tempo para o povo de Deus se tornar perspicazmente conhecedor da sua tendência. Em face disso, que uma firme decisão seja tomada de modo que, uma vez conhecedores das amplas promessas de Deus, nada nos detenha. Determinemos que, pela maravilhosa graça de Deus, por mais negra que a situação pareça maiores são as actividades do diabo, mais parecem ser bem-sucedidas, e mais ameaçadoras as aparências, então mais devemos com firmeza seguir em frente, não prestar atenção aos

nossos inimigos e com corajosa determinação, levar a batalha directamente ao coração do campo do inimigo.

Os judeus no seu trabalho divinamente ordenado para a restauração da cidade e do templo, certamente tinham resolutos e incansáveis inimigos em Satanás e seus agentes. Mas, o Senhor estava do lado deles. Ele não era surpreendido por qualquer dos esquemas idealizados pelos Seus inimigos e tinha feito total provisão para ir de encontro a todos eles.

Assim, quando os activistas começaram a corroer a confiança do rei Ciro quanto ao seu decreto que autorizava o regresso dos judeus e o financiamento do empreendimento, o Altíssimo enviou o mais poderoso anjo no céu, Gabriel, para influenciar a mente do rei na direcção certa. Então, quando mais ajuda foi necessária, o próprio Cristo veio para assistir a Gabriel. Isto não aconteceu automaticamente, mas por causa da intensa oração de participação de Daniel, o homem muito amado. Enquanto a maioria dos judeus pensavam e falavam com desânimo, aqui estava um homem que não fugiu em face dos leões ameaçadores.

Quando se tornou sabedor que a obra de Deus estava em perigo, caiu sobre os seus joelhos, não apenas por alguns minutos, ou uma ou duas horas, mas durante três semanas inteiras.

“No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome se chama Beltessazar; e a palavra é verdadeira, e trata duma guerra prolongada; (e de grande conflito, margem) e ele entendeu esta palavra, e teve entendimento da visão,

“Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas completas.

“Manjar desejável não comi, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com unguento, até que se cumpriram as três semanas.” *Daniel 10:1-3.*

Esta total entrega à oração foi comparada com a oração que o servo do Senhor fez durante o primeiro ano do reinado de Dario e está relatada em *Daniel 9*. Em ambos os casos, ele dispensou qualquer comida ou actividade que de qualquer modo reduzissem o seu poder e eficácia na oração. Na primeira oração, a resposta veio prontamente. “Ao prosseguir a oração de Daniel, o anjo Gabriel vem voando das cortes celestiais para lhe dizer que suas petições foram ouvidas e atendidas.” *Santificação, 54.*

Mas quando com igual ou ainda maior dedicação, fez as suas súplicas ao Senhor cinco anos mais tarde, no terceiro de Ciro, nenhuma resposta veio durante três semanas completas. A razão para isto foi dada por Gabriel quando finalmente chegou junto do profeta em oração.

“E eis que uma mão me tocou, e fez que me movesse sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos.

“E disse: Daniel, homem mui desejado, está atento às palavras que te vou dizer, e levanta-te sobre os teus pés; porque eis que te sou enviado. E, falando ele comigo esta palavra, eu estava tremendo.

“Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras, e eu vim por causa das tuas palavras.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me e eu fiquei ali com os reis da Pérsia,

“Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias.” *Daniel 10:10-14.*

Assim Daniel foi informado que, apesar de nenhuma evidência tangível ou visível lhe tenha sido dada, a sua oração tinha sido ouvida e aceite desde o princípio das suas

súplicas, porém, tinha havido um atraso em comunicar-lhe a resposta porque Gabriel tinha estado muito ocupado na luta com o rei Ciro.

Pode perguntar-se porque não foi enviado outro anjo para responder à oração. Porque teve Daniel que estar três semanas esperando? Porque teve ele que esperar até que um determinado anjo viesse em seu auxílio?

Há uma razão muito boa para isso. Ela está no facto que cada anjo tem o seu especial posto de dever divinamente apontado que não pode deixar a qualquer outro anjo sem dar ao inimigo uma decidida vantagem. Esta verdade está confirmada no testemunho seguinte:

“Cada anjo tem o seu posto de dever próprio, de modo que não lhe é permitido deixá-lo em troca de outro lugar. Se ele o deixasse, os poderes das trevas ganhariam uma vantagem.” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

O mesmo princípio se mantém verdadeiro para os obreiros humanos do Senhor, a cada um ou uma é designada a sua obra particular e ele ou ela devem fielmente fazer o que lhe foi indicado que fizesse. Infelizmente, através dos tempos os seres humanos têm sido tão ignorantes acerca dos princípios do repouso do sábado, que se apontam a si mesmos e a outros para posições que o Senhor nunca planeou que eles ocupassem, o passo que as responsabilidades que eles deviam possuir foram deixadas por atender.

Como um exemplo excelente da necessidade de estar onde o Senhor nos colocou, a fim de não darmos ao inimigo uma decidida vantagem, temos o falhanço de Elias em manter a sua posição quando ameaçado por Jezabel. Quando ele fugiu de Jezreel, o diabo foi capaz de travar o avanço da obra que de outro modo teria tido lugar.

“Elias não devia ter desertado de seu posto de dever. Devia ter enfrentado a ameaça de Jezabel, apelando para a protecção d'Aquele que o havia comissionado para que vindicasse a honra de Jeová. Ele devia ter dito ao mensageiro que o Deus em quem confiava o protegeria contra o ódio da rainha. Apenas poucas horas haviam decorrido desde que ele testemunhara a maravilhosa manifestação do poder divino, e isto devia ter-lhe dado a segurança de que ele não seria agora abandonado. Tivesse ele ficado onde estava, tivesse feito de Deus Seu refúgio e fortaleza, permanecendo firme pela verdade, e teria sido abrigado do perigo. O Senhor lhe teria dado outra assinalada vitória, enviando Seus juízos sobre Jezabel; e a impressão feita sobre o rei e o povo teria dado lugar a uma grande reforma.” *Profetas e Reis*, 160.

Teria sido um duro golpe para Satanás e um terrível retrocesso para a sua causa se Jezabel tivesse morrido sob os juízos de Deus, como teria acontecido se o profeta tivesse permanecido no seu posto de dever. Em vez disso ela manteve o seu poder e a sua posição e viveu para exercer esta força má durante muitos anos desde então. A grande reforma que teria sido o auge dos esforços que Deus tinha efectuado para restaurar Israel nunca se realizou. Elias tinha abandonado o seu posto de dever e o inimigo certamente obteve uma tremenda vantagem.

Do mesmo modo era importante que Gabriel permanecesse no posto de dever que lhe foi apontado na corte do rei Ciro até a vitória ser obtida, ou fosse libertado por uma substituição. De outro modo, Satanás teria obtido uma inaceitável vantagem.

Pode perguntar-se porque outro anjo não veio para ajudar Daniel de modo que ele não tivesse que agonizar em oração três semanas completas. Há pelo menos duas razões. No primeiro exemplo, a obra tinha sido designada a Gabriel. Ele foi o anjo que trouxe todas as interpretações das visões a Daniel. Ele está identificado neste papel em *Daniel* 8:16. “E ouvi uma voz de homem nas margens do Ulai, a qual gritou, e disse: ‘Gabriel, dá a entender a este a visão.’”

É um princípio do Senhor que, uma vez que Ele tenha dado uma certa obra a um certo indivíduo, não a transfere para outro. Gabriel foi o comissionado para revelar as interpretações celestiais das visões, e para ninguém mais seria essa missão transferida. A obra que o anjo mais elevado tinha começado, devia continuá-la até que a parte que lhe fora designada estivesse completa.

Uma segunda razão é que todos os outros anjos estavam já ocupados cada um com as suas tarefas. Os anjos são ministros de Deus, poderosos seres que trabalham para Ele e com Ele na gestão do Universo e na salvação de almas. Não havia anjos sem trabalho antes da entrada do pecado. Cada um tinha o seu posto de dever designado que o mantinha completamente ocupado. Desde que o pecado entrou, tem havido mais trabalho para o exército celestial, e menos deles para o fazerem.

A comissão de Gabriel para interpretar as visões dadas a Daniel não era o único trabalho que ele tinha. Se tivesse sido, ele teria muito tempo ao seu dispôr. Nós temos a tendência para pensar que Daniel recebia uma visão quase diariamente, mas o verdadeiro facto é que não foi assim. Durante os setenta anos que ele esteve cativo em Babilónia, desde o seu exílio ali com a idade de dezoito anos, até à queda de Babilónia em que ele tinha oitenta e oito, recebeu a interpretação da visão dada a Nabucodonosor primeiramente acerca da imagem de diversos materiais, e mais tarde da grande árvore que foi cortada, e recebeu as visões relatadas nos capítulos sete e oito, e as suas interpretações. Isto com certeza foi insuficiente para manter um poderoso anjo como Gabriel ocupado durante setenta anos.

Além disto ele era o querubim cobridor a quem foi dada a posição deixada vaga pelo definitivamente afastado Lúcifer, e, sendo o mais elevado de todos os anjos, foi o apontado para responder às orações daquele que com grande altruísmo orou pela causa de Deus nesta Terra. Nos dias do rei Ciro esse homem era Daniel.

“Seres celestiais são apontados para responder às orações daqueles que trabalham abnegadamente pelos interesses da causa de Deus. Os mais elevados anjos nas cortes celestiais são apontados para responder às orações que ascendem a Deus pelo avanço da causa de Deus.” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1173.

Cada crente precisa compreender o que significa trabalhar “abnegadamente” pela causa de Deus, pois somos capazes de formar um conceito muito errado do que se quer dizer por estas palavras. Por exemplo, se nos sacrificamos até ao limite no emprego do nosso tempo, meios, e energia para o avanço da causa que amamos, julgaremos tal esforço como sendo abnegado. Poderia pensar-se que a boa vontade de Sara deixando outra mulher dar à luz o filho da promessa era um acto abnegado da sua parte, mas na realidade era muito egoísta, se bem que não fosse deliberadamente assim.

Podeis perguntar surpreendidos: “Com que base pode ser feita uma tal assustadora avaliação?”

A resposta é que é feita na base da definição bíblica do que é realmente trabalhar abnegadamente. É uma definição provida pelo ministério de Jesus de Quem está escrito:

“Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia.” *O Desejado de Todas as Nações*, 187.

Assim Jesus trabalhava abnegadamente pela causa de Deus. Que Ele trabalhava abnegadamente é provado pelo facto que Ele não fazia planos para Si mesmo, mas deixava este papel completamente nas mãos de Deus Pai. Assim, somente se chegamos ao lugar em que unicamente Deus é o Planeador nas nossas vidas, poderemos orar abnegadamente pela obra do Senhor, e apenas tais orações servirão para trazer os mais elevados anjos do Céu para responder a essas orações.

Foi assim que, na própria altura em que o maligno estava atacando incansavelmente os construtores dos muros de Jerusalém, e poderosas influências eram exercidas sobre o rei Ciro, Deus tinha um homem que aprendera verdadeiramente os princípios do repouso do sábado e podia portanto orar abnegadamente em favor do avanço da obra. Em resposta a essas orações, o Deus do Céu escolheu e enviou o mais elevado anjo do Céu; aquele que estava mais perto do trono do Omnipotente; o querubim cobridor, o próprio Gabriel; para responder às orações do profeta.

Foi assim que, enquanto Daniel agonizava em oração, Gabriel estava no centro nervoso do reino, na corte do rei, exercendo uma contra-influência opondo-se aos elementos subversivos que procuravam travar a obra em Jerusalém. Durante três semanas inteiras a titânica luta continuou, e durante esse tempo "... o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte..." de Gabriel. *Daniel* 10:13. Foi uma luta invisível aos olhos humanos e cujo clamor não foi ouvido por ouvidos humanos, mas apesar disso terrivelmente real. Não envolveu o uso da força física, pois nem Deus nem os Seus anjos que Lhe são obedientes, recorrem às armas destruidoras para ganharem as lutas em que se encontram envolvidos nos seus confrontos com os poderes das trevas.

Em vez disso foi uma batalha para ganhar a mente do rei Ciro — uma luta de Gabriel de um lado para persuadir o rei a continuar a proteger a obra em Jerusalém, e do outro lado, o determinado esforço da parte de Satanás para alcançar o resultado oposto.

Quando Miguel, que não é outro senão o Arcanjo Jesus, veio pessoalmente para assegurar o sucesso da batalha, Gabriel foi libertado para assistir a Daniel, e foi então que o homem de Deus foi privilegiado em ver o carácter, a capacidade e a magnitude das forças desdobradas do lado da justiça e verdade. Que maravilhosa força de fé deve ter sido para ele ver pessoalmente que o Céu estava tão interessado no restabelecimento dos judeus de novo em Canaã, que os mais poderosos agentes do Céu foram comissionados na batalha. Embora os crentes pudessem sentir que o Céu estava a uma grande distância, afastado e desinteressado, o facto real é que o Pai Eterno, Cristo o Arcanjo, o Espírito Santo, Gabriel o querubim cobridor, e todos os santos anjos estavam muito mais interessados no avanço da obra do Senhor neste mundo, do que em qualquer coisa mais que existisse.

Os distantes construtores do muro não tinham aprendido a orar como Daniel, e não receberam as revelações directas do conflito como o profeta recebeu, mas, podemos estar certos que enquanto ele escreveu o que lhe foi revelado, prontamente enviou estes Testemunhos aos crentes em toda a parte, e especialmente aos trabalhadores do muro. Mensagens do Senhor são comunicadas pelo profeta ao povo para quem a luz é enviada. O profeta nunca guarda a luz para si mesmo pois, se o fizesse, falharia na sua responsabilidade em obedecer à sua comissão. Ele recebe apenas para dar, e se cessasse de dar, não receberia mais.

"Só podemos transmitir aquilo que recebemos de Cristo; e só o podemos receber à medida que o comunicamos aos outros. À proporção que continuamos a dar, continuamos a receber; e quanto mais dermos, tanto mais havemos de receber. Assim estaremos de contínuo crendo, confiando, recebendo e transmitindo." *O Desejado de Todas as Nações*, 354.

Foi assim que, através do profeta Daniel, Deus revelou aos judeus a força das maravilhosas e poderosas forças do seu lado. Que inspiração, que segurança, que incentivo devia isto ter sido para os construtores. "Tudo que o Céu podia fazer em favor do povo de Deus foi feito. A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises, que reinou cerca de sete anos e meio.

“Este foi um tempo de maravilhosas oportunidades para os judeus. Os mais altos instrumentos do Céu estavam operando no coração dos reis, e o povo de Deus devia trabalhar com a máxima actividade para executar o decreto de Ciro. Não deviam eles poupar esforços no sentido de concluir a restauração do templo e seus serviços, e se restabelecerem em seus lares judaicos. Mas no dia do poder de Deus, muitos se provaram mal dispostos. A oposição dos seus inimigos era forte e determinada, e gradualmente os edificadores desanimaram. Alguns não podiam esquecer a cena do lançamento do alicerce, quando muitos tinham dado expressão a sua falta de confiança no empreendimento. E tornando-se os samaritanos mais ousados, muitos judeus punham em dúvida se, afinal de contas havia chegado o tempo para a reconstrução. O ressentimento logo se espalhou. Muitos dos obreiros, sem coragem ou ânimo, retornaram a seus lares, para assumirem seu curso comum de vida.” *Profetas e Reis*, 572.

Assim a obra de Deus parou na própria altura em que devia ter prosseguido com força e vitalidade. Que triste ilustração é esta quando muito melhor poderia ter acontecido. Consequências de grande alcance se desenvolveram, pois a incredulidade dos pais foi passada para os filhos, mantendo-os como nação sob um domínio do qual teriam escapado até hoje. As únicas excepções são aqueles que mantêm a sua fé mesmo em tempos de grandes trevas e graves crises, e aqueles poucos que encontram fé sob os ministérios de mensageiros tais como João Baptista, Jesus Cristo e os apóstolos.

Os registos do que teve lugar nesses tempos antigos têm sido preservados para nosso conforto, guia, e admoestação. Eles dão-nos instrução essencial, de modo que saberemos exactamente como nos relacionar com as nossas presentes responsabilidades. Estamos a reviver as histórias desse tempo. Como Daniel orou pelo cumprimento das promessas de Deus contidas nas profecias assegurando a sua libertação de Babilónia, e a sua restauração à terra prometida, também nós, hoje, estamos orando pela chuva serôdia.

Isto é verdade se bem que, no tempo presente, não somos abençoados com um profeta vivo habitando no meio de nós. Não há ninguém para comparar com o ilustre Daniel, a quem o Céu descreveu como “. . . homem muito amado. . .” *Daniel* 10:11; Ninguém para nos transmitir as directas comunicações do Céu. Essas condições serão restauradas num futuro próximo em que o derramamento da chuva serôdia dotará muitos crentes com o dom da profecia, mas, entretanto, temos mais do que suficiente evidência para nos assegurar que chegou o tempo para orarmos pela chuva serôdia, e para nos inspirar com a confiança que se orarmos como Daniel orou, e trabalharmos como os judeus deviam ter feito, todos os maiores agentes do Céu coordenarão os seus poderes na obra de cancelar as más influências dos nossos muitos inimigos, e tornar certo que a obra avançará subitamente até à vitória final.

Longe de estar em desvantagem em comparação com os judeus quando eles regressaram para efectuarem a reconstrução, nós temos tudo o que precisamos para vermos a vitória. Considerando o que o Senhor fez por nós tornará claro que nada mais o Senhor podia ter feito. É-nos deixado agora olhar apenas para o lado positivo, e com forte fé, avançar rapidamente para onde o Senhor nos guia.

É tempo que cada crente reviva cuidadosamente o passado, dando cuidadosa atenção às muitas experiências em que as poderosas providências de Deus podem ser claramente vistas. As histórias da Bíblia confirmam plenamente que sempre que o povo de Deus recorda como Ele nunca lhes falhou no passado, venceram sempre, enquanto, quando viam apenas a terrível ameaça do presente sem dar atenção às libertações que lhes foram concedidas anteriormente perdiam toda a fé e sentiam-se abatidos.

Por exemplo, quando Israel chegou a Cades Barnéia e viu quão fortes eram os seus inimigos, “O povo não se deteve a reflectir; não raciocinou que Aquele que os trouxera até

ali certamente lhes daria a terra; não se lembravam de quão maravilhosamente Deus os libertara de Seus opressores, abrindo caminho através do mar, e destruindo as hostes perseguidoras de Faraó. Puseram a Deus fora da questão, e agiram como se deveriam confiar apenas no poder das armas.” *Patriarcas e Profetas*, 406.

Havia apenas uma consequência possível para tal curso de acção, que era incredulidade e derrota.

Davi, contudo, deixou-nos um exemplo de confiança da correcta maneira como nos relacionarmos com tais situações quando regressou e verificou que os amalequitas tinham queimado Ziclague, e levaram as mulheres e crianças. Ele podia ter agido com ira, e acusado Deus de infidelidade, como fizeram os seus guerreiros. Pelo contrário, ele recordou todo o seu fiel tratamento quando tinha estado em dificuldade anteriormente. Como fez isto, a fé reviveu e ele saíu sob a direcção de Deus e com a sua bênção para alcançar uma maravilhosa vitória.

“Nesta hora da maior extremidade, Davi, em vez de permitir que seu espírito se ocupasse com tais circunstâncias dolorosas, olhou com fervor a Deus à espera de auxílio. Ele ‘animou-se no Senhor’. Reviu sua vida passada, cheia de peripécias. Em que o havia o Senhor abandonado? Sua alma refrigerou-se, lembrando-se das muitas provas do favor de Deus. Os seguidores de Davi, pelo seu descontentamento e impaciência, tornaram sua aflicção duplamente atroz; mas o homem de Deus, tendo mesmo maior motivo de pesar, portou-se com fortidão. ‘No dia em que eu temer, hei de confiar em Ti’ (Salmo 56:3) — era a expressão de seu coração. Embora ele mesmo não pudesse divisar um meio para sair da dificuldade, Deus podia vê-lo, e quis ensinar-lhe o que fazer.” *Patriarcas e Profetas*, 741, 742.

Qual foi o resultado? Ele foi capaz de operar em íntima cooperação com Jeová e sob as Suas orientações, e o resultado foi uma vitória total sobre os seus inimigos mortais, e a recuperação de tudo o que tinha sido levado e acrescentado.

Nós estamos num tempo em que avançaremos para uma grande, significativa, e final vitória, ou cairemos como têm caído outros movimentos no passado. É uma hora de crise, uma hora que exige tomar decisões inteligentes em forte e viva fé. Isto não é de realização fácil, porque há muito para desencorajar e desanimar, e muito pouco presentemente visível para estabelecer confiança em Deus. Que todo o verdadeiro crente passe tempo, muito tempo, numa cuidadosa e compreensiva revisão daquilo que o Senhor tem feito por nós até ao presente.

Que seja recordado com grande agradecimento que, exactamente quando e como o Senhor profetizou que faria, Ele manteria a Sua promessa de enviar o quarto anjo pela segunda e última vez. Que maravilhosa, salvadora, prática, luz essa foi! Lembrai-vos como ela nos encontrou em trevas, luta contra o senhor do pecado, futilmente orando, procurando, esforçando-nos ao máximo pela libertação que nunca veio até a luz do quarto anjo brilhar sobre nós!

Tal como os judeus viram o cumprimento das predições divinas quando Ciro venceu Babilónia, também nós testemunhamos Deus a operar no envio da mensagem do quarto anjo e a edificação deste movimento. Verdade após verdade tem sido revelada, cada uma por sua vez, até a mensagem ter certamente chegado ao lugar em que aqueles que verdadeiramente a receberam têm a luz que será dada durante o alto clamor.

Crise atrás de crise tem provado e purificado as fileiras daqueles que falham em fazer da mensagem a sua própria viva experiência real. Agora, depois de tudo isto, a mensagem foi-nos enviada que é tempo de orar pela chuva serôdia.

Regozijemo-nos nestas boas novas sabendo que Aquele que iniciou esta obra não a vai abandonar. Aprendamos a orar como Daniel orou e a trabalhar como os judeus deviam ter

trabalhado sabendo que Deus, Miguel o Arcanjo, o Espírito Santo, Gabriel o querubim cobridor, e toda a hoste angélica estão dedicados ao serviço daqueles que, sob a direcção de Deus, estão devotados neste tempo ao movimento e mensagem finais.

Este é o tempo de maravilhosa oportunidade para nós, mas, conhecemos nós o tempo da nossa visitação? Se não conhecemos, então falharemos tão certamente como os judeus falharam. Possa o Senhor ser capaz de nos poupar de tão terrível destino. Este é o tempo de orar pela chuva serôdia. Assim, “Não fiquéis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a.” *Testemunhos para Ministros*, 508.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 5

A vida de Daniel é um poderoso e explícito testemunho para a necessidade da oração de participação da parte do povo de Deus. É a solene certeza que a chuva serôdia cairá a não ser que estejamos orando por ela com profunda dedicação. É a mais sincera súplica de acordo com a verdadeira ciência da oração combinada com jejum e cinza — a eliminação na nossa vida de todo o interesse e actividade que de qualquer modo nos distraem do propósito do Senhor — que traz a prometida bênção aos santos que estão esperando.

Outra vida que testemunhou a mesma verdade é a do profeta Elias. Como Daniel, este grande profeta sabia o tempo em que vivia, e compreendeu quando a hora chegou para orar pela chuva.

Elias era profeta no norte do reino composto pelas dez tribos, sem contar com Judá e Benjamim, que se afastaram seguindo Jeroboão pouco depois da morte de Salomão. Este foi um passo que nunca devia ter sido dado, pois não foi ordenado pelo Senhor, nem estava de acordo com os Seus princípios. Se bem que Reoboão, filho de Salomão e sucessor do trono, tivesse tomado o conselho dos mancebos que propuseram um duro regime, isto não era justificação para que se separassem, porque apesar de pecadores, eram ainda o povo escolhido de Deus. Deviam permanecer até que finalmente se fechasse a porta da misericórdia para eles.

Esse afastamento das dez tribos do norte de Judá e Benjamim teve para si um elevado custo. Estavam amaldiçoadas com uma sucessão de maus reis, notificando-se entre eles homens como Onri e Acabe. Cada monarca por sua vez levou o povo a uma apostasia cada vez mais profunda, até que, no tempo do governo de Acabe, o mal estava tão profundamente enraizado na terra que a destruição parecia inevitável. As coisas pioraram com o casamento de Acabe com Jezabel, a filha de Etbaal, rei dos Sidónios.

“E sucedeu que (como se fora coisa leve andar nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate) ainda tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi e serviu a Baal, e se encurvou diante dele.” *1 Reis* 16:31.

Jezabel tornou uma situação má, marcadamente pior. Ela nomeou uma forte esquadra de sacerdotes baalitas para estabelecer o baalismo na terra. Foi um tempo desencorajador e terrível para aqueles que eram leais a Deus; os sete mil que não se ajoelharam a Baal. Trevas estavam sobre a terra e grandes trevas cobriam o povo, escondendo-o efectivamente da luz.

É importante conhecer as condições enfrentadas por Elias, pois é no mesmo contexto que nós oramos hoje pela chuva serôdia que está marcada para iniciar à meia-noite quando começar a proclamação: “... Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro!” *Mateus* 25:6.

“A vinda do esposo foi à meia-noite — a hora mais tenebrosa. Assim a vinda de Cristo será no período mais tenebroso da história deste mundo. Os dias de Noé e de Ló ilustram a condição do mundo exactamente antes da aparição do Filho do homem. Apontando para esse tempo, declaram as Escrituras que Satanás trabalhará com todo o poder e ‘sinais e prodígios de mentira.’ 2 Tessalonicenses 2:9, 10. Sua obra é revelada claramente pelas trevas que se adensam rapidamente, pela multidão de erros, heresias e enganos destes últimos dias. Satanás não só leva cativo o mundo, porém suas ilusões infectam até as professas igrejas de nosso Senhor Jesus Cristo. A grande apostasia se desenvolverá em trevas tão densas como as da meia-noite, impenetráveis como o breu. Para o povo de Deus será uma noite de prova, noite de lamentação, noite de perseguição por causa da verdade. Mas nessa noite de trevas brilhará a luz de Deus.” *Parábolas de Jesus*, 414, 415.

Essas condições são uma repetição das que prevaleciam no tempo de Elias. Nós, o grupo em preparação para sair durante o alto clamor como povo de Elias, temos a perspectiva de efectuar qualquer tipo de reavivamento e reforma, uma desanimadora e desencorajante, embora ninguém precise de sucumbir à pressão de modo a ficar sem ânimo. As condições são tão difíceis como no tempo de Elias, quando ele iniciou a sua missão divinamente apontada para espalhar a luz que dissiparia as trevas que prevaleciam no seu tempo. Tendo passado muitas horas ajoelhado perante o Senhor suplicando pelo Israel apostatado, ele estava preparado com a fé e a coragem que necessitava quando chegou a sua missão de marchar para a apóstata e ímpia presença do rei e anunciar que não haveria mais orvalho ou chuva até que verdadeiramente se arrependessem dos seus pecados.

Sua fé cresceu para além das perspectivas desencorajadoras à medida que ele se recusava sequer a pensar em falhar. O Senhor tinha-lhe ordenado que fosse e isso era tudo o que importava. Ele obedeceria implicitamente, não importando qual o custo para si mesmo e deixando então os resultados inteiramente com o Senhor. Ele compreendia e vivia o princípio enunciado no testemunho seguinte:

“Mas se nos entregarmos completamente a Deus, e seguirmos Sua direcção em nosso trabalho, Ele mesmo Se responsabilizará pelo cumprimento. Não quer que nos entreguemos a conjecturas sobre o êxito de nossos esforços honestos. Nem uma vez devemos pensar em fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso.” *Parábolas de Jesus*, 363.

“Foi somente pelo exercício de forte fé no infalível poder da palavra de Deus que Elias apresentou sua mensagem. Não possuísse ele implícita confiança n’Aquele a quem servia, e jamais teria aparecido perante Acabe. Em sua viagem para Samaria, Elias havia passado por correntes sempre a fluírem, montes cobertos de verdura, majestosas florestas que pareciam estar além do alcance da seca. Tudo em que seus olhos repousavam estava coberto de beleza. O profeta podia ter sido levado a duvidar de como poderiam essas

fontes que jamais cessaram de fluir tornarem-se secas, ou esses montes e vales serem calcinados pela sequidão. Mas ele não deu lugar à incredulidade. Cria plenamente que Deus humilharia o apóstata Israel, e que mediante juízos eles seriam levados ao arrependimento. O decreto do Céu tinha sido pronunciado; a palavra de Deus não poderia falhar; e com perigo da própria vida Elias destemidamente cumpriu sua missão. Como um raio que partisse de um céu claro, a mensagem de juízo impendente caiu sobre os ouvidos do ímpio rei; mas antes que Acabe pudesse recobrar-se de seu espanto ou architectar uma resposta, Elias desapareceu tão abruptamente como havia chegado, sem esperar testemunhar os efeitos de sua mensagem. E o Senhor foi perante ele, aplainando o caminho. 'Vai-te daqui, e vira-te para o Oriente,' foi ordenado ao profeta, 'e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão. E há-de ser que beberás do ribeiro; e Eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem.'" *Profetas e Reis*, 121-123.

Este era o tempo de seca essencial para a bem sucedida execução do plano de Deus e podemos estar certos que Elias não estava a orar por chuva nesta altura. O facto que a desesperada seca era um elemento vital no propósito divino não significa que o Senhor tivesse sido o seu autor. Deus não destrói; Ele não retira as Suas bênçãos da raça humana pecadora, mas é o transgressor que se separa a si mesmo do Senhor e se coloca onde Ele não pode abençoá-lo nem protegê-lo da malícia do destruidor, Satanás.

Era onde se tinham colocado Acabe, Jezabel, os sacerdotes de Baal e o povo pela sua rebelião e desobediência que era a causa da seca. Era uma maravilhosa oportunidade para Satanás exercer a sua malignidade e ele o fez o mais possível. Foi a sua mão destruidora que caiu sobre a terra.

Há um padrão distinto para as operações de Satanás. Primeiramente, ele trabalha para separar a alma de Deus. Depois, tendo privado o indivíduo das bênçãos e protecção divinas, oprime e persegue o pecador com calamidades destruidoras. Em seguida, persuade a pessoa que é Deus quem a está a afligir e que está empenhado na sua ruína. "Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus que os aflige." *O Grande Conflito*, 588.

Esta é uma grave falsa representação do carácter de Deus e certamente gera rebelião contra Deus, que é exactamente aquilo que o diabo deseja. Isto é o que ele estava a fazer através da chuva no tempo de Elias.

Ao mesmo tempo, Jeová estava a operar através das mesmas circunstâncias para trazer o povo de volta à vida e salvação, mas, como se pode esperar a Sua mensagem era muito diferente da mensagem dada anteriormente por Satanás. O Senhor faria o povo ver que a situação em que estava não era causada por qualquer acção directa ou indirecta da parte de Deus, mas era inteiramente o próprio resultado de seu comportamento pecaminoso. Encontrava-se nessa situação, não por causa da ira de Deus o ter afligido, mas era inteiramente o resultado dos Seus melhores esforços para os salvar dela. Em todo o drama, Deus ocupava apenas um papel — o de um Salvador Eterno. Esta é a única obra que Ele conhece.

Foi no monte que o Senhor foi finalmente capaz de expor o Seu argumento. Quando o fogo desceu do céu, não consumiu o povo; ele consumiu o sacrifício que era um tipo claro de Cristo e do Seu Pai. A mensagem era que o Salvador, longe de procurar uma destruição vingativa, estava Ele próprio preparado para ser destruído até à morte para os salvar. Foi quando essa mensagem estava convincentemente transmitida ao povo que uma convicção salvadora veio sobre eles, embora gostássemos de saber quanta luz penetrou realmente naquelas mentes obscurecidas nessa altura. Uma coisa era o Senhor dar uma maravilhosa revelação do Seu carácter e caminhos, mas outra, o povo entendê-la. O facto que eles

verdadeiramente se arrependeram é uma clara indicação que Deus foi capaz de fazer brilhar luz suficiente nas suas almas de modo que puderam ver a oferta de salvação perante eles. O fogo que os devia destruir consumiu o sacrifício em seu lugar. Foi uma mensagem para mostrar que a punição que devia aniquilar a raça humana caiu em vez disso sobre Cristo, assim fornecendo um caminho de escape para os homens pecadores.

O arrependimento que ocorreu no monte Carmelo é um testemunho para a verdade que "... a benignidade de Deus leva ao arrependimento". *Romanos 2:4*. A bondade de Deus é vista na cruz e se o pecador puder ser levado aos pés dessa demonstração do infinito amor, sob o ministério do Espírito Santo verá o pecado como ele verdadeiramente é, o destruidor, e arrepender-se-á não por causa das consequências do seu pecado, mas por causa do amor de Deus.

À medida que continuemos a observar o ministério de Elias, permitamos que os nossos pensamentos acerca de Deus sejam mantidos na frente. Que ninguém esqueça que, sempre que os homens creiam que os seus sofrimentos são divinamente infligidos sobre eles, nunca chegarão ao arrependimento. É quando vêem a relação entre a causa e o efeito e compreendem que Jeová lhes está oferecendo um caminho de escape, que eles estão dispostos a afastar as suas iniquidades e a procurar a justiça.

Leva algum tempo até que as pessoas que estavam convencidas que os seus sofrimentos eram o acto vingativo de Deus contra elas, sejam convertidas para a verdade que elas mesmas são a causa das suas dificuldades. Portanto, deve permitir-se que os seus sofrimentos continuem até essa altura, senão sempre, em que realmente despertam para a verdade.

Por isso, enquanto estive no riacho, Elias não tinha que ir aliviar o sofrimento do povo, porque este não tinha o mínimo sinal de convicção e arrependimento, sem o qual não podiam regressar ao lugar onde as bênçãos de Deus estavam outra vez disponíveis para eles.

Do mesmo modo, durante a sua permanência com a viúva de Sarepta, não houve evidência de arrependimento da parte do rei, rainha, sacerdotes ou povo, pelo que o profeta sabia que não era ainda o tempo para orar pela chuva. Ele, sem dúvida, suplicava ao Senhor pelo arrependimento de Israel durante este período, pois esse era o tempo em que tal experiência era a necessidade do povo. Durante esse período os sacerdotes de Baal continuavam a insistir que a chuva era enviada pelo seu deus e que eles não tinham poder para acabar com a seca, apesar dos seus encantamentos e exercícios falhavam em produzir o mais leve traço de humidade sob a forma de orvalho ou chuva.

As condições iam de mal a pior, "No entanto os dirigentes do povo com ele instavam, a que confiassem no poder de Baal, e desprezassem como ociosas as palavras do profeta Elias. Os sacerdotes ainda insistiam em que era pelo poder de Baal que as chuvas caíam. Não temais o Deus de Elias, nem tremais diante de suas palavras, insistiam eles; é Baal quem produz as colheitas em sua estação própria, e dá sustento para o homem e para os animais.

"A mensagem de Deus a Acabe deu a Jezabel e seus sacerdotes, bem como a todos os seguidores de Baal e Astarote, a oportunidade de provar o poder de seus deuses, e, se possível, que a palavra de Elias era falsa. Contra as positivas afirmações de centenas de sacerdotes idólatras, a profecia de Elias permaneceu sozinha. Se, não obstante a declaração do profeta, Baal ainda pudesse dar orvalho e chuva, de maneira que as correntes continuassem a fluir e a vegetação a reflorir, que o rei de Israel então o adorasse, e o povo dissesse que ele era Deus.

"Determinados a conservar o povo no engano, os sacerdotes de Baal continuam a oferecer sacrifícios a seus deuses, e a invocá-los noite e dia para que refrigerassem a terra.

Mediante custosas oferendas os sacerdotes procuram apaziguar a ira de seus deuses; com zelo e perseverança dignos de melhor causa, demoram-se em torno de seus altares pagãos, e pedem com insistência a chuva. Noite após noite através da terra condenada, erguem-se os seus gritos e rogos. Mas nenhuma nuvem aparece no céu durante o dia para esconder os escaldantes raios do Sol. Nem orvalho nem chuva refrigeram a terra sedenta. A palavra de Jeová permanece imutável apesar de tudo quanto os sacerdotes de Baal possam fazer." *Profetas e Reis*, 123, 124.

Com terno cuidado o Altíssimo observava os acontecimentos. Ele sabia o tempo exacto para o movimento seguinte ser feito, a hora em que o povo tinha começado a compreender que Baal não podia satisfazer a sua necessidade. Então, aconteceu que, através de Elias, Ele providenciou para a revelação da cruz no topo da montanha.

Aqui estava a oportunidade final para os baalitas provarem as suas afirmações e tentaram até que ficaram exaustos. Então Elias construiu o altar do Senhor, pôs em posição a madeira e o sacrifício, e, depois de uma curta mas poderosa oração, o fogo do céu consumiu o novilho, a madeira, e a água com a qual toda a oferta tinha sido saturada. Foi uma manifestação do evangelho de Jesus Cristo e a revelação do carácter divino. O povo foi levado a compreender que o fogo devia ter caído sobre si e destruí-lo, mas o Senhor tinha-o desviado para o novilho, o símbolo do seu Salvador, Jesus Cristo. Então aconteceu que o povo arrependeu-se profundamente dos pecados que tinha cometido, e clamou com profunda convicção, "... O Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!" *1Reis* 18:39.

"O povo sobre o monte prostra-se em reverência perante o Deus invisível. Não se atrevem a olhar para o Céu a enviar fogo. Temem ser eles próprios consumidos; e, convictos de seu dever em reconhecer o Deus de Elias como o Deus de seus pais, a quem devem obediência clamam a uma voz 'Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!' Com impressionante distinção o grito ressoa sobre o monte e ecoa pela planície. Afinal Israel está desperto, esclarecido, penitente. O povo vê por fim quão grandemente havia desonrado a Deus. O carácter do culto de Baal, em contraste com o sensato serviço requerido pelo verdadeiro Deus, está plenamente revelado. O povo reconhece a justiça e misericórdia de Deus em haver retido o orvalho e a chuva até que tivessem sido levados a confessar o Seu nome. Agora estão prontos a admitir que o Deus de Elias está acima de qualquer ídolo." *Profetas e Reis*, 153.

O caminho estava agora limpo para o regresso do orvalho e da chuva. "Então disse Elias a Acabe: 'Sobe, porque ruído há de uma abundante chuva.'" *1Reis* 18:41.

Mas, de que som estava Elias a falar? Não havia mais do que um traço de nuvem no céu. Nenhuma chuva estava caindo tanto quanto os olhos podiam ver através dos montes e planícies próximos e longe. Portanto, não havia som de rumor da chuva sobre a terra ressequida para os seus ouvidos, ou do rei, ou de mais alguém. Contudo, ele disse que havia rumor de chuva abundante. Foi pela fé e unicamente pela fé que o profeta ouviu esse som, pois não havia outra forma de ele o ouvir. Estai certos que nenhuma percepção dele chegou ao rei e ao povo que viam apenas um céu limpo em cima e uma terra ressequida em baixo.

"Não foi porque houvesse qualquer evidência externa de que águas estavam para desabar, que Elias tão confiantemente mandou que Acabe se preparasse para a chuva. O profeta não viu nenhuma nuvem nos céus; ele não ouvira nenhum trovão." *Profetas e Reis*, 155.

Em que base então fez ele este confiante anúncio ao rei? Tinha ele perspicazmente avaliado a situação e decidido que Israel tinha verdadeiramente satisfeito as condições para o fim da seca e regresso da chuva?

Com certeza essa não foi a razão, pois, sem que o Senhor directamente lhe diga, nenhum profeta está de qualquer modo melhor equipado para avaliar a verdadeira condição do povo de Deus do que qualquer crente. Talvez parecesse que o arrependimento do povo era verdadeiramente genuíno, mas era isso suficiente? Não devia a terra ser purificada dos seus santuários e ídolos pagãos? Não era necessário que Jezabel fosse destronada ou executada? E não teriam eles que limpar a terra completamente das influências de Baal antes que o Senhor os pudesse abençoar? Estas eram questões para as quais Elias não tinha respostas.

“Simplesmente proferira a palavra que o Espírito do Senhor o havia movido a falar em resposta a sua própria forte fé.” *Profetas e Reis*, 155, 156.

Deus revelou-lhe que as condições tinham sido satisfeitas, e a chuva estava a caminho. Elias então teve conhecimento que um reavivamento tinha sido alcançado. Ele também compreendeu que uma poderosa reforma se devia seguir, uma obra que deveria remover todos os traços de Baal da terra. Jezabel, os seus sacerdotes, os seus santuários, e os seus ídolos teriam que ser deitados fora e destruídos completamente se o bom efeito do maravilhoso renascimento não fosse perdido.

Assim, com base numa mensagem do Céu, Elias soube que o tempo tinha chegado para o derramamento da chuva. A sua resposta a esse conhecimento é um modelo exacto de como nós nos devemos relacionar com a mensagem que o Senhor nos envia a respeito do facto que o tempo para o derramamento da chuva serôdia chegou. O profeta de Deus não repousou satisfeito que no ordinário curso da estação, a chuva cairia. Ele pediu-a.

Ele compreendeu que a oração de participação era essencial para a realização da promessa e propósito de Deus, e com grande fervor e decidida dedicação, suplicou ao Senhor até que a bênção chegou. Sete vezes orou antes que a nuvem aparecesse, e obtemos a muito definida impressão que se ele tivesse que orar cem vezes ou mais, tê-lo-ia feito.

Nunca esqueçamos que foi sob um céu limpo que ele orou para que a chuva viesse. Toda a visível evidência física declarava que a chuva com certeza não viria tal como não veio durante os anteriores três anos e seis meses. Esse céu limpo não inspirava promessa de alívio.

Certamente não se descreveria isso como “claro céu azul”, pois a atmosfera por cima estava poluída com um espesso manto de pó e fumo através do qual o Sol brilhava como um disco vermelho como sangue, à noite as estrelas não podiam ser vistas, e o céu dia a dia tomava uma cor acastanhada — os “... céus de bronze”. *Profetas e Reis*, 156. Esta condição provava muito mais a fé do que orar sob um claro céu azul, contudo, sem se deixar intimidar pelas aparências, o profeta suplicou ao Senhor em oração de participação até a nuvem aparecer e a chuva estar a caminho.

“Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise da história de Israel. Enquanto orava sua fé alcançou as promessas do Céu e agarrou-as; e perseverou na oração até que suas petições fossem respondidas. Ele não esperou pela inteira evidência de que Deus o ouvira, mas se dispôs a aventurar tudo ante o mais leve sinal do divino favor. E no entanto, tudo que ele foi habilitado a fazer sob a orientação de Deus, todos podem fazer em sua esfera de actividade no serviço de Deus; pois do profeta das montanhas de Gileade está escrito: ‘Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra.’ Tiago 5:17.

“Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descanse nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça. Fé semelhante a esta liga-nos intimamente com o Céu, e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas. Pela fé

os filhos de Deus ‘venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos.’ Hebreus 11:33 e 34. E pela fé devemos alcançar hoje os mais altos propósitos de Deus para nós. ‘Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê.’ Marcos 9:23.” *Profetas e Reis* 156, 157.

Assim tanto Daniel como Elias compreenderam a necessidade da oração de participação na qual se empenharam de todo o coração. Sabiam quando o tempo devia chegar e quando chegou, não ficaram satisfeitos que no ordinário curso dos acontecimentos, a bênção prometida se realizaria. Pelo contrário, ajoelharam em oração suplicando a realização da Palavra de Deus. Como não receberam resposta imediata, apresentaram as suas preces com maior vigor ainda e determinação e continuaram a orar até receberem as respostas que procuravam. Quando estas chegaram, todo o povo de Deus foi beneficiado.

Dos registos da Escritura concluímos que Elias era o único que orava especificamente por chuva nesse momentoso final de tarde e a sua oração foi suficiente para trazer a bênção que era necessária.

Que todo o crente que hoje é chamado à oração de participação por chuva serôdia, seja confortado com o pensamento que, apesar de nem todos enfrentarem a responsabilidade de orar pela chuva serôdia nesta altura, é suficiente se alguém o fizer. Evidentemente que aqueles que não o fazem nunca serão abençoados como aqueles que oram pelo derramamento da bênção. Não fiquéis portanto desencorajados se parecer que estais sozinhos à procura do derramamento espiritual, mas orai como se todo o crente estivesse ocupado na diligente oração por esta bênção, ainda que pareça ser esperar demais. Seria um grave erro então adiar a entrada nesta obra de petição ao trono da graça até que os crentes à nossa volta estivessem prontos e dispostos a fazer o mesmo.

Nem Daniel nem Elias se preocuparam com o que os outros deviam ter feito. Cada um deles orou como se toda a responsabilidade fosse apenas sua. Assim deve cada um de nós fazer. Obviamente, nesta obra nós não estaremos sós, pois haverá mais do que aqueles que podemos ver que estarão orando com “jejum, saco, e cinza” pela bênção.

Uma pessoa é impressionada com a intensidade de devoção à causa de Deus que caracterizou estes dois poderosos profetas. Com eles, um interesse consumiu todos os outros — a reclamação da justiça de Deus, o avanço da obra do Senhor, e o triunfo de tudo o que é bom e verdadeiro sobre o pecado e iniquidade. Nada mais foi a consequência para eles.

Ao mesmo tempo, conheciam as várias oportunidades que o Senhor tinha providenciado para o Seu povo, mas que ele tinha desperdiçado, e receava que, uma vez mais a triste história do passado fosse repetida no seu tempo. Eles não perderam a fé em Jeová, pois tinham a maior confiança que Ele desempenhasse totalmente as Suas responsabilidades. Foi na frágil humanidade que eles desesperaram. Compreendiam correctamente que, enquanto a obra que os crentes devem fazer é pequena comparada com a que deve ser realizada pelos agentes unidos do Céu, é essencialmente importante para o sucesso do plano divino. Se o homem falhasse em fazer a sua parte como tantas vezes tem feito, a obra de Deus seria frustrada e atrasada.

Esta compreensão que outro dia de oportunidade podia passar e ser perdido tão facilmente, levou aqueles homens a ajoelharem-se em oração para que o perigo pudesse ser afastado.

Ao mesmo tempo compreendiam que espécie de homens tinham que ser para que Deus os pudesse usar satisfatoriamente no futuro progresso da obra. Recordai que “foi porque

Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise da história de Israel.” *Profetas e Reis*, 156.

Se ele fosse um homem de pouca fé, o Senhor não teria tido o instrumento necessário para fazer avançar a obra nesse momento. Tem havido alturas na história humana em que muito pouco se realizou porque não se encontraram homens e mulheres de grande fé. Nestes últimos dias da história humana em que decisiva batalha no grande conflito será travada e vencida, serão “homens de fé e oração” que “serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá.” *O Grande Conflito*, 605.

Quando Daniel e Elias obtiveram um vislumbre da glória de Deus compreenderam quão longe estavam da divina excelência. Esta consciência levou-os à fonte do poder, justiça, e sabedoria de modo que pudessem obter a necessária eficiência. A oração elevou-os a Deus, e quanto mais intensamente procuravam o Senhor, mais perto chegavam d’Ele. Vede no seguinte testemunho como a oração operou uma maravilhosa renovação espiritual em Elias.

“O servo observava enquanto Elias orava. Seis vezes voltou da sua observação, dizendo, nada há, nem nuvem, nem sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Manteve-se revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou seus pecados, e assim continuou a afligir sua alma perante Deus, enquanto esperava por um sinal de que a sua oração havia sido ouvida. Enquanto examinava o seu coração, sentia-se cada vez mais diminuto, tanto na sua própria estimativa como à vista de Deus. Aos seus olhos considerava-se de nenhum valor, e que Deus era tudo; e quando alcançou o ponto de se renunciar a si mesmo, enquanto corria para o Salvador como sua única força e justiça, a resposta veio. O servo apareceu e disse, ‘Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão dum homem, subindo do mar.’” *The Review and Herald*, 26 de Maio de 1891. *S.D.A. Bible Commentary* 2:1035.

A história está a repetir-se muitos anos depois da rejeição em Mineápolis, uma seca espiritual ressequiu e oprimiu o povo de Deus. O Espírito Santo foi retirado e a vida espiritual dos professos seguidores do Senhor secou e morreu. A mensagem do Céu para aqueles que a puderam ver era que não viria a chuva serôdia até que houvesse um verdadeiro arrependimento do pecado de rejeitar a mensagem do quarto anjo.

Houve aqueles que aceitaram o aviso, e a estes o Senhor transmitiu a sua luz através dos Seus mensageiros escolhidos. Uma obra de renascimento e de reforma tomou lugar acompanhada de testes que purificaram o movimento na preparação para as suas lutas e vitórias finais.

Agora, o Senhor enviou a mensagem que é tempo de orar pela chuva serôdia tal como informou Elias que tinha chegado a altura para a chuva cair. Não vos surpreendeis que não haja evidência visível para apoiar esta mensagem e que a chuva serôdia parece tão longe como sempre. Quando tais dúvidas surgem na vossa mente, lembrai-vos que Elias orou pela chuva quando não havia quaisquer nuvens no céu. Foi pela fé, não pela vista que o homem de Deus orou, e seu antítipo, o povo de Elias, deve fazer o mesmo.

Como Elias, precisamos fazer uma grande obra em nós até que aos nossos próprios olhos nada sejamos e Deus seja tudo. Entremos na vida de oração de participação que produzirá estes resultados em nós e assim abrir o caminho para que a chuva caia.

É o tempo da chuva serôdia. Não se deve deixar passar esta maravilhosa oportunidade. Portanto, não fiquéis satisfeitos que no ordinário curso da estação, a chuva cairá. Pedi-a.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 6

Quando a chuva serôdia finalmente cair e no seu poder o alto clamor for dado, será então apresentada a mais eficaz chamada ao arrependimento jamais dirigida à caída raça humana. Para isto seja assim, aqueles que sob a direcção de Deus executam esta obra, devem compreender o que na realidade produz verdadeiro arrependimento no pecador. De outro modo, serão encontrados usando procedimentos incorrectos, e destruirão assim a eficácia da obra tão vital para a finalização do grande conflito.

O conceito geralmente mantido é que a aterradora delineação dos terríveis e punitivos juízos de Deus são um meio pelo qual os humanos serão levados a lamentar sinceramente e a deixarem os seus pecados, mas isto é na realidade um conceito errado que, se se aderir a ele, frustrará a chamada ao arrependimento. O que deve ser aprendido e verdadeiramente compreendido é que, é a revelação da bondade de Deus, não a ameaça, nem a aplicação das punições, que leva o homem ao arrependimento. Esta verdade está fortemente revelada nas experiências que Elias teve com o apóstata Israel com a seca e os acontecimentos decisivos que se seguiram no Monte Carmelo. Será verificado que estes acontecimentos do Velho Testamento estão escritos para que nós não necessitemos de cometer erros na nossa preparação para a vindoura confrontação com os poderes das trevas.

Se punições na forma de sofrimento e dano são meios divinamente apontados para levar o homem ao arrependimento, então o Senhor tem um colaborador muito diligente e eficaz na pessoa do diabo, pois ele está sempre em actividade infligindo sofrimento e dificuldades aos culpados habitantes da Terra, enquanto ao mesmo tempo atribui esta obra a Deus.

Mas, nunca seja esquecido que: "Satanás é o destruidor; Deus, o restaurador." *A Ciência do Bom Viver*, 113.

“Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus que os aflige.” *O Grande Conflito*, 588.

Supõe-se geralmente que a aplicação de punição é um meio de corrigir o transgressor de modo que ele seja assim persuadido a sair dos seus maus caminhos para a justiça. É por esta razão que os pais administram punição aos filhos para estabelecer o padrão habitual da obediência. Do mesmo modo, prisões são chamadas instituições correctoras, e, até uma certa extensão elas o são. Aqueles que sabem que sofrerão multas, aprisionamento ou execução se cometerem uma ofensa contra os seus semelhantes, muitas vezes se abstêm de cometer um acto errado. Do mesmo modo, alguns daqueles que sofreram punição pelos seus maus actos passados, determinarão nunca repetir o pecado que lhes causou tanta desgraça. O mesmo princípio opera na pessoa que desiste de qualquer prática auto destruidora. Tornou-se conhecedor do tremendo custo para si mesmo, e não mais está preparado para o pagar. Porque alguns resultados desejáveis são alcançados pela aplicação de punição, há uma tendência geral para repousar inteiramente nesta opção para resolver a desobediência criminosa. Consequentemente, muitos milhões são gastos todos os anos para impor as leis da Terra. Apesar de tudo, o crime aumenta a uma taxa alarmante. Aqueles que foram condenados e punidos muitas vezes reaparecem perante o tribunal repetidamente. Tornaram-se tão impregnados de iniquidade que não importa quão severa seja a ameaça de punição, eles não são detidos por ela. No que lhes diz respeito, o único pecado está em ser apanhado.

Deve recordar-se, evidentemente, que o uso da força é o melhor que os governos terrestres podem fazer, pois não têm poder para mudar a natureza do homem. Apenas Deus pode fazer isso, e é melhor que os governos terrestres usem força para deter e restringir os criminosos tanto quanto possível, do que deixá-los totalmente sem controlo.

A questão é portanto, que há uma significativa diferença entre alcançar a obediência civil, e o verdadeiro arrependimento do pecado. Naqueles que não são regenerados, a concordância exterior com as leis do Estado e mesmo com um código moral escrito como os Dez Mandamentos, é alcançada por uma recusa severamente disciplinada de fazer o que no coração o indivíduo realmente deseja fazer. Mas isto não é arrependimento do pecado. Verdadeiro arrependimento é alcançado quando se desenvolve dentro da pessoa tal ódio ao pecado, que a pessoa é levada a suplicar regeneração e purificação. Ela então obedece não porque receia as consequências do pecado, mas porque é a expressão da sua nova natureza.

“Muitos há que não compreendem a verdadeira natureza do arrependimento. Multidões de pessoas se entristecem pelos seus pecados, efectuando mesmo exteriormente uma reforma porque temem as consequências das suas más acções. Mas É temer o sofrimento mais do que o próprio pecado. Essa foi a tristeza de Esaú quando viu que perdera para sempre o direito de primogenitura. Balaão, aterrado à vista do anjo que se lhe pusera no caminho armado com a espada nua, reconheceu o seu pecado porque temia a perda da vida, não havia porém nele genuíno arrependimento do pecado, nem mudança de disposição, nem aborrecimento do mal. Judas Iscariotes, depois de haver traído o seu Senhor, exclamou: ‘pequei traindo o sangue inocente.’ Mateus 27:4.

“Esta confissão foi arrancada à sua alma culpada pelo sentimento horrível da sua condenação e pela terrível perspectiva do juízo de Deus. As consequências que o aguardavam enchiam-no de horror; mas não havia na sua alma uma dor profunda e sincera por haver traído o inocente Filho de Deus e renegado o Santo de Israel. Faraó, no momento em que os juízos de Deus pesavam sobre ele, reconhecia o seu pecado para se furtar a castigos ulteriores; mas voltava a desafiar o Céu, mal as pragas se suspendiam.

Todos esses deploravam as consequências do pecado, mas não se entristeciam pelo próprio pecado.

“Quando, porém, o coração cede à influência do Espírito de Deus, a consciência desperta, e o pecador começa a entrever a profundidade e a santidade da lei de Deus, lei que é a base do Seu governo no Céu e na Terra. A ‘luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo’ João 1:9, ilumina também os secretos recônditos da alma e põe em evidência as coisas ocultas nas trevas. A convicção do pecado apodera-se do espírito e do coração. O pecador tem então o sentimento da justiça de Jeová e experimenta horror ante a ideia de aparecer, na sua culpa e impureza, perante Aquele que sonda os corações. Vê o amor de Deus, a beleza da santidade, a alegria da pureza; anseia por ser purificado e reintegrado na comunhão com o Céu.” *Aos Pés de Cristo*, 23, 24.

Isto é verdadeiro arrependimento. Todo o que crê que se arrependeu dos seus pecados, devia perguntar a si mesmo se tem de facto experimentado estas palavras exactamente como elas estão escritas. Perguntai a vós mesmos se a vossa reforma tem resultado em nada mais do que em receio pela vindoura punição pelos vossos pecados, ou se tem havido realmente “uma dor profunda” na vossa “alma, por” terdes “traído o inocente Filho de Deus e renegado o Santo de Israel”. Que todo o crente verdadeiramente se examine a si mesmo para ver se esta é realmente a sua experiência.

Além disso, que todo aquele que procura a vida eterna pergunte a si mesmo como se a sua vida eterna dependesse disso como na realidade depende, “Tenho eu tido um tal sentido da justiça de Jeová que tenho sentido horror de aparecer na minha própria culpa e pecaminosidade perante o Examinador dos corações? Tenho eu visto o amor de Deus, a beleza da santidade, a alegria da pureza? Desejo eu verdadeiramente ser purificado e restaurado à comunhão com o Céu?”

Não aceiteis qualquer resposta a estas questões inferiores à realidade. Tornai absolutamente seguro que o terror esteja ali; assegurai-vos que tendes a verdadeira experiência do arrependimento.

Se tiverdes conhecimento do que significa aborrecer o pecado, o ódio, e abominação ao pecado, e o tiverdes então arrancado pela raiz, encontrar-vos-eis obedecendo aos mandamentos do Senhor, não simplesmente porque sabeis na vossa mente que o deveis fazer, mas por causa da transformação que tendes experimentado.

“Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 642.

“Um homem sadio, que está em condições de atender às vocações da vida e que, dia após dia, se dedica ao seu trabalho, com espírito alegre e uma saudável corrente de sangue em suas veias, não chama a atenção de todos aqueles a quem encontra para a sanidade de seu corpo. Saúde e vigor são as condições naturais de sua vida e, portanto, ele raramente se lembra de que está no gozo de tão rico dom.

“Assim se dá com o homem verdadeiramente justo. Ele anda inconsciente de sua bondade e piedade. O princípio religioso tornou-se o motivo de sua vida e conduta, e é-lhe tão natural produzir frutos do Espírito como para a figueira produzir figos ou a roseira carregar-se de rosas. Sua natureza está tão inteiramente imbuída do amor a Deus e ao próximo, que faz as obras de Cristo com espírito voluntário.” *Santificação*, 14.

Isto é o que o verdadeiro arrependimento produzirá, e o Senhor apenas ficará satisfeito com estes resultados. Será o objectivo que desejaremos durante o período do alto clamor,

mas, seja compreendido que nunca será alcançado excepto pela revelação da bondade de Deus.

Enquanto Deus e o Seu povo estão dedicados em alcançar o verdadeiro arrependimento dos ímpios, Satanás está muito determinado que nenhum seja levado a esse estado, pois ele sabe muito bem que os arrependidos são libertados do seu poder e tornam-se uma força eficaz na destruição do seu reino. Embora possamos ter ideias erradas acerca do que produz verdadeira e profunda tristeza pelo pecado, Satanás sabe precisamente o que alcançará este abençoado resultado. Portanto, ele nunca comete o erro de empregar os procedimentos que levarão o pecador ao arrependimento. Em vez disso, faz o contrário.

Portanto, ele traz severa aflição sobre o povo atribuindo esta obra a Deus, pois ele sabe que este é o caminho mais seguro para intensificar o espírito de rebelião que o homem já tem, e assim levá-lo a resistir ao divino chamamento ao arrependimento.

As Escrituras são muito claras quanto ao que produz arrependimento no homem. O Espírito Santo através de Paulo estabeleceu para sempre esta verdade nestas palavras: "Ou desprezas tu as riquezas da Sua benignidade, e paciência e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?" *Romanos 2:4*.

Deus não diz aqui que a *bondade* de Deus e os *juízos* de Deus levam ao arrependimento, mas apenas a *bondade* de Deus. Isto é a verdade, pois as punições que caem sobre aqueles que quebram a lei apenas servem para promover rebelião nos que sofrem pela consequência da sua iniquidade. Uma pessoa tem apenas que considerar as reacções da parte dos ímpios durante as últimas sete pragas quando o seu sofrimento é tão intenso, para compreender isto, como está escrito: "E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo.

"E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para Lhe darem glória.

"E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor.

"E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras." *Apocalipse 16:8-11*.

Aqueles que crêem que sofrer em consequência dos próprios pecados produz arrependimento, naturalmente subscrevem o ponto de vista que quanto mais intenso for o sofrimento, mais profundo é o arrependimento. Portanto, quando, durante a queda das sete últimas pragas, os sofrimento dos que rejeitam a graça de Deus ultrapassará tudo o que os homens tenham experimentado anteriormente, seria de esperar que eles realmente se entristecessem por terem levado uma vida pecaminosa. Mas, isto não é assim. Pelo contrário, eles não têm o menor arrependimento, mas em vez disso ficam extremamente aborrecidos com o Deus do Céu por quem eles pensam estar a ser afligidos.

Pode argumentar-se que, desde que a porta da graça tenha fechado é impossível para eles arrependem-se, isto é verdade no sentido em que eles abandonem o pecado e entrem em vida justa, mas não é verdade no que diz respeito ao seu desejo de nunca terem pecado. Mesmo assim a graça de Deus foi retirada deles para nunca mais voltar, e eles são capazes de lamentar o curso pecaminoso que seguiram. De facto, vem o tempo em que chegam ao ponto de verem as coisas na sua verdadeira luz e, se bem que não se arrependam da sua real condição pecaminosa, lamentam o resultado da sua pecaminosidade que é a perda da vida eterna. Mas, não é o sofrimento sob o ministério da morte durante as sete últimas pragas que traz esta mudança, mas sim a revelação do carácter de Deus através dos 144.000 que o fará. A que grau de arrependimento eles serão

trazidos nessa altura, não importa quão tarde ou inadequadamente seja, será a revelação da bondade de Deus que os levará a isso.

O propósito de Deus para estabelecer um reino de perfeita segurança, eterna paz e ilimitada prosperidade, nunca pode ser alcançado pelo uso de qualquer forma de compulsão, não importa quão leve ela seja. “A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” *O Desejado de Todas as Nações*, 728-729.

Poder predominante é poder vencedor. Portanto, a vitória que começa levando o pecador ao arrependimento, é alcançada não pela compulsão do medo regenerado pela ameaça ou administração de terríveis punições, mas pelo ministério de amor e verdade.

“O amor de Cristo, manifestado num ministério abnegado, será mais eficaz na reforma do malfeitor, do que a espada ou o tribunal de justiça. Esses precisam incutir terror ao transgressor da lei, mas o amável missionário pode fazer mais do que isso. Muitas vezes o coração que se endurece sob a reprovação, abrandar-se ante o amor de Cristo.” *A Ciência do Bom Viver*, 106.

Estes princípios estão maravilhosamente revelados na história do ministério de Elias ao apóstata Israel. Desde a rebelião de Jeroboão que dividiu Israel nos reinos do norte e do sul, uma sucessão de reis maus levou a maior parte do reino composto pelas dez tribos, a cada vez mais profunda apostasia, até a terra ficar cheia de ídolos que servem à adoração de Baal. Era inevitável que um ofendido Espírito Santo fosse forçado a retirar-Se progressivamente e deixando a Terra cada vez mais exposta ao poder do destruidor.

O povo precisava de ser levado ao arrependimento de modo que abandonasse os seus ídolos e voltasse ao correcto relacionamento com o verdadeiro Deus. Mas isso apenas podia ser alcançado se eles fossem levados a ver a bondade de Deus, pois é apenas isso que leva ao arrependimento.

Obviamente, tudo à volta deles era uma contínua manifestação da bondade de Deus nas incessantes operações da natureza pela qual um amante Criador continuava a preencher as suas necessidades diárias apesar do seu ultrajante e ingrato comportamento. Mas, tão obscurecidas se tornaram as suas mentes que eram incapazes de ler a mensagem do amor divino e bondade escritos na terra, e no mar, e no céu. Uma extraordinária revelação do amor e verdade divinos era necessária para penetrar as trevas, e, a fim de prover isto, o Senhor tinha às Suas ordens um homem de grande fé, coragem, e determinação que era verdadeiramente poderoso na oração. Elias era esse homem.

“Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel.” *Profetas e Reis*, 156.

Tem havido outras crises na história do povo de Deus em que o Senhor foi incapaz de levar o povo ao arrependimento por causa de não ter um homem poderoso na fé e na oração através de quem Ele pudesse ministrar ao povo. Aqueles foram realmente anos de trevas e tragédia. Pode pensar-se especialmente nos séculos entre a morte do último dos apóstolos e o aparecimento dos reformadores.

Nós somos chamados a ser o povo de Elias com a divinamente apontada missão de trazer o arrependimento a que tantos responderão. Que todo o crente em Jesus saiba que essa obra nunca poderá ser realizada a menos que os mensageiros tenham em si mesmos conhecido o verdadeiro arrependimento, o terror de aparecer na sua própria culpa e impureza perante o Examinador dos corações.

“Ao Elias ver Israel aprofundar-se mais e mais na idolatria, sua alma ficou angustiada e despertou-se-lhe a indignação. Deus havia feito grandes coisas por Seu povo. Tinha-o libertado do cativeiro e lhe dado ‘as terras das nações,... para que guardassem os Seus preceitos, e observassem as Suas leis.’ Salmos 105:44 e 45. Mas os beneficentes desígnios de Jeová haviam sido agora quase esquecidos. A incredulidade estava depressa separando a nação escolhida da Fonte de sua força. Contemplando esta apostasia do seu retiro na montanha, Elias sentiu-se oprimido pela tristeza. Em angústia de alma ele suplicou a Deus que detivesse em seu ímpio curso, o povo outrora favorecido, visitando-o com juízos, se necessário fosse, a fim de que pudesse ser levado a ver em sua verdadeira luz seu afastamento do Céu. Ele ansiava por vê-los levados ao arrependimento, antes que fossem tão longe na prática do mal a ponto de provocar o Senhor para que os destruísse completamente.

“A oração de Elias foi respondida. Apelos constantemente repetidos, admoestações e advertências tinham falhado em levar Israel ao arrependimento. Havia chegado o tempo em que Deus devia falar-lhes por meio de juízos. Visto que os adoradores de Baal declaravam que os tesouros do céu, o orvalho e a chuva, não vinham de Jeová, mas das forças que regiam a Natureza, e que era pela energia criadora do Sol que a terra era enriquecida e levada a produzir abundantemente, a maldição de Deus devia cair pesadamente sobre a terra poluída. Às tribos apóstatas de Israel dever-se-ia mostrar a loucura de confiar no poder de Baal por bênçãos temporais. Não deveria cair sobre a terra nem chuva nem orvalho, até que voltassem para Deus em arrependimento, e O reconhecessem como a Fonte de toda a bênção.” *Profetas e Reis*, 119, 120.

Numa primeira leitura deste parágrafo há a tendência para dar um forte apoio à ideia que o sofrimento que lhes era trazido pela total interrupção de todo o orvalho e chuva, os levaria ao arrependimento. Apelos, demonstrações, e avisos falharam em fazê-los deixar os seus pecados. Agora, para alcançar o mesmo resultado desejado, o Senhor teve que lhes falar através de juízos. Parece estar a dizer que deviam ser punidos até obedecer, uma interpretação que a mente humana está pronta a aceitar.

Mas uma leitura mais cuidadosa revela que o testemunho não está a dizer isso realmente. Se estivesse, estaria a negar a verdade, que amor e verdade devem ser o poder prevalecente e que o poder compulsivo se encontra apenas sob o governo de Satanás. Alguns podem argumentar que quando Deus inflige a punição, é na verdade um acto de infinito amor. Acreditam que Ele fere para poder curar. Mas Deus não administra punição, nem fere por qualquer propósito. Não foi o amoroso Criador que fez com que a chuva deixasse de cair, ou o orvalho de se formar na vegetação. O próprio povo o tinha feito trocando a verdadeira Fonte de todas estas bênçãos por um falso deus, Baal, que não tinha poder para mandar chuva ou orvalho.

Esta seca total de toda a humidade e os incríveis sofrimentos que daí naturalmente resultaram, é chamado o juízo de Deus. Assim foi, mas não no sentido que Deus tenha passado a sentença contra eles, mas no sentido em que Ele consentiu os resultados que ocorreriam como uma consequência do caminho que os israelitas tinham escolhido. O povo tinha-se separado da Fonte das suas provisões e tinha-se voltado para aquele que não podia preencher as suas necessidades. O único resultado possível era a seca do seu sustentador da vida que foi exactamente o que aconteceu.

Mas, apesar da mensagem de amor divino dada através de Elias explicar a causa do seu sofrimento, não importava quão intensificada durante os três anos e meio seguintes, a punição que os seus pecados infligiam sobre eles não os levou ao arrependimento. Esta é uma prova convincente que punições não trazem arrependimento, pois, se esta fosse a

forma de convencer do pecado e de afastar dele, então houve suficiente sofrimento durante aqueles anos para os trazer ao profundo arrependimento.

Aqueles que viveram através de devastadoras secas semelhantes às que têm havido em África durante a última década terão alguma apreciação da miséria e dano que Israel passou durante este período. A sua situação piorava constantemente, de modo que as agonias daquele dia eram suplantadas pelas piores condições do dia seguinte até que, por altura em que três anos e meio tinham passado, a sua súplica era desesperada.

Contudo, eles não se arrependeram nem mostraram qualquer sinal disso. Acabe e Jezabel eram tão obstinados como sempre; os sacerdotes de Baal teimosamente insistiam que o seu deus em breve traria chuva, e o povo não fez movimentos para voltar para o Senhor.

Mas veio finalmente a altura em que houve arrependimento muito sincero. Foi quando fogo desceu do céu e consumiu o sacrifício, a madeira, as pedras do próprio altar, o solo à volta do altar, e a água do rego.

Quando isto aconteceu, o povo caiu sobre a sua face e ardentemente reconheceu que Jeová era Deus. Este foi um grande momento na história.

“Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego.

“O que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: ‘Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!’” *1 Reis* 18:38, 39.

Quase instantaneamente um maravilhoso espírito de arrependimento soprou através dessa multidão de pessoas trazendo-lhes uma incrível mudança de atitude. Agora viam a sua pecaminosidade e aborreciam-se a si mesmos por causa dela. De profunda e pessoal convicção, eles reconheciam Deus como a verdadeira e única Fonte de vida e tudo o que a mantém. Se eles tivessem feito isto anos antes, que sofrimento e perda se teriam evitado.

Mas eles tinham que ser levados ao ponto em que deviam arrepender-se, pois não podiam chegar lá sozinhos. Deve ser mais claramente compreendido que nenhum homem pode gerar arrependimento em si mesmo. Apenas Cristo através do ministério do Espírito Santo pode realizar isso. Referindo-se ao arrependimento de Davi subsequente ao seu adultério com Bate-Seba, e assassinio de Urias, seu marido, está escrito: “Tal arrependimento não está no homem realizá-lo; só é obtido por meio de Cristo, que subiu ao alto e deu dons aos homens. . . . Assim como não podemos alcançar perdão sem Cristo, assim também não podemos arrepender-nos sem que o espírito de Cristo nos desperte a consciência.” *Aos Pés de Cristo*, 25, 26.

Agora levanta-se a questão muito importante: Que mensagem leram eles no todo-consumidor fogo que os trouxe ao arrependimento, depois de três anos e meio de intenso sofrimento ter falhado em produzi-lo?

Quando esta pergunta é colocada, a habitual resposta que rapidamente surge é que eles se arrependeram de apoiar o lado errado por terem visto que, não foi Baal, mas o Deus do Céu, que falou pelo terrível derramamento de fogo, foi o Deus de poder que podia suprir todas as suas necessidades.

Tinham visto os sacerdotes de Baal lutando todo o dia para chamar o fogo, mas todos os seus frenéticos esforços tinham sido inválidos, mesmo Satanás com satisfação “teria enviado o fogo para queimar o sacrifício.” *Profetas e Reis*, 150. A sua total impotência e desesperada incapacidade estava completamente exposta.

Então chegou a hora do sacrifício da tarde. Elias reconstruiu o altar, arranjou a lenha, matou o sacrifício, e colocou-o no altar. Por fim derramou sobre eles doze cântaros de água até que tudo ficasse inundado. Então ajoelhou e fez uma curta, simples, mas

poderosa oração, e o fogo apareceu, consumindo completamente o sacrifício, a lenha, e até as próprias pedras do altar, a terra e a água.

Parece que o povo ao ver a demonstração do poder divino capaz de queimar tudo, ao contrário da ausência de poder da parte dos sacerdotes de Baal que não podiam sequer produzir uma chama, ficou convencido que Jeová, o Criador, era o Único a quem deviam ser leais. Por esse motivo veio o arrependimento.

É tudo demasiado natural e espontâneo para os humanos chegarem a esta conclusão, mas aqueles que estão preparados para fazer um profundo e mais cuidadoso exame, verificarão que este não foi o factor que os levou ao arrependimento naquele dia.

No primeiro caso, Deus não estava no fogo. Esse fogo era um destruidor tão terrível que o seu apetite voraz consumiu mesmo as pedras e o solo, e depois devorou a água como se fosse gasolina. Concluir que o fogo foi uma manifestação do poder de Deus em que Ele o tinha dirigido pessoalmente contra o altar e o sacrifício que estava em cima dele, é atribuir um carácter a Deus que o representa numa falsa luz. Ele não é o destruidor é o Salvador.

Que Deus não estava no fogo nem em qualquer outro agente destruidor foi confirmado quando Elias se encontrava no monte de Horebe depois de fugir de Jezabel. Então “passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor; *porém* o Senhor não *estava* no vento: e depois do vento um terremoto: *também* o Senhor não *estava* no terremoto:

“E depois do terremoto um fogo; *porém também* o Senhor não *estava* no fogo; e depois do fogo uma voz mansa e delicada.” *1 Reis* 19:11, 12.

A pior coisa que o Senhor podia ter feito no Monte Carmelo teria sido revelar-Se como um destruidor, porque esta má representação de Si mesmo é o seguro caminho para produzir, não o arrependimento, mas a rebelião. Nada teria agradado mais ao diabo, pois ele compreende bem que sempre que é capaz de mostrar o Senhor falsamente como sendo um destruidor, rebelião contra Deus é sempre o resultado, e o arrependimento torna-se impossível. Vede *Behold Your God*, 19, 20; [título em português *Eis Aqui o Vosso Deus*.]

O suposto papel de Deus no Monte Carmelo tal como o vimos no testemunho, deve ser substituído por novos conceitos se queremos desenvolver uma acurada compreensão daquilo que o Senhor realmente fez nessa altura, e se queremos compreender o que devemos fazer para nos prepararmos para o ministério de Elias que nos aguarda.

Não é a falsa representação do carácter de Deus, mas a manifestação da Sua bondade que leva os homens ao arrependimento. Portanto, a descida do fogo consumidor no Monte Carmelo forneceu àquele povo uma revelação da bondade de Deus. Se assim não fosse, não teria havido arrependimento.

Mas a manifestação da bondade de Deus para eles não era nova. Antes da escaldante seca chegar, eles gozaram as imerecidas bênçãos de Deus todos os dias no brilho do sol, na chuva, e a conseqüente prosperidade que gozavam na terra “. . . que mana leite e mel. . .” *Êxodo* 3:8. Mesmo quando Elias caminhava para Jezreel para levar a sua mensagem ao rei apóstata, a terra estava verdejante e bela, tanto que era apenas pela forte fé que ele podia prosseguir.

“Foi somente pelo exercício de forte fé no infalível poder da Palavra de Deus que Elias apresentou sua mensagem. Não possuísse ele implícita confiança n’Aquele a quem servia, e jamais teria aparecido perante Acabe. Em sua viagem para Samaria, Elias havia passado por correntes sempre a fluírem, montes cobertos de verdura, majestosas florestas que pareciam estar além do alcance da seca. Tudo em que seus olhos repousavam estava coberto de beleza. O profeta podia ter sido levado a duvidar de como poderiam essas fontes que jamais cessaram de fluir tornarem-se secas, ou esses montes e vales serem calcinados pela sequidão.” *Profetas e Reis*, 121.

Toda essa beleza e prosperidade lhes pertencia por causa da bondade de Deus, mas, em vez de os levar ao arrependimento, desenvolveu neles auto-suficiência, que os separou de Deus, e estabeleceu a sua confiança nos dons do Dador, no lugar do próprio Dador que era a verdadeira e única Fonte dos dons. Isto era apenas a continuação do pecado original cometido no Céu por Lúcifer de quem está escrito. “Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste. . .” *Ezequiel 28:16*. Vede *Behold Your God*, 15, 16, para um tratamento mais completo deste assunto.

Assim a bondade de Deus tinha produzido o oposto do efeito desejado. Os israelitas nos dias de Elias em vez de serem levados a apreciar e servir ao Deus vivo, compreenderam mal as bênçãos diárias derramadas sobre eles na abundância e assim se separaram totalmente de Deus.

Os resultados foram catastróficos, desastre nacional, a magnitude e horror do qual só pode ser apreciado por aqueles que têm sofrido prolongadas secas – aqueles que têm visto a erva tornar-se em pó, observado o gado, ovelhas, cavalos, e cabras morrerem em inumeráveis milhares, e visto a terra queimada até à morte por um impiedoso sol brilhando dum vazio, céu bronzeado.

Que seja salientado que o Senhor não deteve a chuva e o orvalho, apesar disto ser designado como juízos de Deus. O que aconteceu foi a fatal e inevitável consequência ou resultado do caminho que eles tomaram. Eles transferiram a sua confiança e dependência do Dador para os Seus dons que podiam apenas ser recebidos quando uma viva ligação com a Fonte fosse mantida. Portanto, eles separaram-se a si mesmos d’Aquele que preenchia todas as suas necessidades incluindo o orvalho e a chuva. Eles, e não um Deus ofendido, foram a causa directa das suas dificuldades, e era inútil culpar mais alguém senão eles mesmos. Havia apenas uma única coisa que os podia trazer ao arrependimento e reforma, e isso era a manifestação da bondade de Deus para além daquilo que tinha sido mostrado antes. Para que isso lhes fosse dado, era preciso trazê-los perante uma revelação da cruz. Tinham que lhes ser mostradas as terríveis forças destruidoras pairando e preparadas para os destruir, e serem levados à compreensão nesse contexto que eles não tinham defesa, mas mereciam a sua sorte – mereciam ser queimados até às cinzas por um fogo de tão extraordinário poder que consumiu as pedras, solo, e água.

Então, enquanto estavam ali, desamparados e sem protecção da sua merecida punição, tinha que lhes ser mostrado o Salvador levando a punição em vez deles ficando no seu lugar, carregando o castigo. Essa é a bondade de Deus quando brilha no seu melhor. Isso é redenção. Essa é a bondade de Deus que leva ao arrependimento. Lede o seguinte testemunho cuidadosamente, porque ele testifica esta verdade vital.

“Jesus disse: ‘Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim’ *João 12.32*. É preciso que Ele seja revelado ao pecador como o Salvador morto pelos pecados do mundo; e, ao contemplarmos o Cordeiro de Deus sobre a cruz do Calvário, começa a revelar-se ao nosso espírito o mistério da redenção; e a bondade de Deus que aí se manifesta leva-nos ao arrependimento. Ao morrer pelos pecadores, Cristo manifestou um amor incomensurável, ele subjuga-lhe o coração, impressiona-lhe a mente e inspira-lhe contrição na alma.” *Aos Pés de Cristo*, 26.

Este não é um parágrafo para ser lido somente uma vez, mas contém palavras que devem ser lidas uma e outra vez, ponderadas, oradas, e meditadas até que o seu poder e a sua beleza comecem a penetrar os nossos entorpecidos sentidos. Aproximemo-nos do Calvário e vejamos a bondade de Deus, um Deus tão bom que realmente sofreria a nossa punição depois de O termos traído, pecado contra Ele, ignorado os Seus apelos e advertências, e usado os Seus amorosos dons para os nossos propósitos egoístas. Nós merecemos morrer, mas Ele morreu por nós. Que incrível expressão de amor perdoador é

esta! Como podia alguém estar perante a cruz imóvel, desinteressado, sem se arrepender? Como podia alguém fazer isso! O que ainda deve ser aprendido do poder da cruz como a revelação da bondade de Deus, antes das nossas vidas e nossa pregação se tornarem aquilo que devem ser!

Considerai então aquilo que o povo realmente viu no Monte Carmelo. Considerando que se arrependeram, então devem ter visto a bondade de Deus como ela se manifesta no Calvário, porque nada mais do que isto trará o arrependimento. O fogo que desceu sobre o altar do Senhor enquanto Elias orava, era o fogo que descerá sobre as desprotegidas cabeças dos ímpios no final do milênio. Nenhum fogo normal queima pedras, consome o solo, e devora a água. Foi uma conflagração de tal intensidade que não só derreteu as pedras, mas queimou-as até às cinzas. A água não foi meramente transformada em vapor. Ela incendiou-se como se fosse combustível líquido. Quando tudo estava feito, o sacrifício, a lenha, as pedras, e a água tinham desaparecido tão completamente como se nunca tivessem existido.

Se o fogo tivesse queimado o povo, não teriam sido deixados corpos entumecidos, enegrecidos, carbonizados, espalhados pelo cimo do monte, mas tê-los-ia consumido tão completamente que teria sido como se nunca tivessem existido.

Assim será na purificação final da Terra como está escrito: “De Deus desce fogo do céu. A terra se fende. São retiradas as armas escondidas em suas profundezas. Chamas devoradoras irrompem de cada abismo hiante. As próprias rochas estão ardendo. Vindo é o dia que arderá como um fogo. Os elementos fundem-se pelo vivo calor, e também a terra e as obras que nela há são queimadas. Malaquias 4:1; II Pedro 3:10.” *O Grande Conflito*, 669.

Os israelitas reunidos no Monte Carmelo tiveram uma antevisão desse fogo final, e, enquanto permaneciam ali conscientes da culpa dos seus pecados, sabiam que teriam sido consumidos e estavam tão aterrorizados que, “temem ser eles próprios consumidos; e, convictos de seu dever em reconhecer o Deus de Elias como o Deus de seus pais, a quem devem obediência, clamam a uma voz: ‘Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!’” *Profetas e Reis*, 153.

Com que selvagem rumor aquelas chamas devem ter descido, e com que contínuo rumor devem ter envolvido o altar e completamente o destruíram! Pensai também na intensidade de luz que foi gerada. Deve ter sido tão brilhante que os olhos humanos não devem ter sido capazes de a contemplar. “O fulgor das chamas ilumina o Monte e ofusca os olhos da multidão.” *Profetas e Reis*, 153.

Foi uma aterrorizadora cena, ameaçando a vida. O povo não ousou olhá-la mais do que um momento, mas prostrou-se em terra esperando ser totalmente destruído no instante seguinte. Mas o fogo nunca lhes tocou. Pelo contrário, ele consumiu o sacrifício em seu lugar.

Que perfeitamente clara e maravilhosa revelação foi esta do plano da Salvação! Com que clareza e poder o Senhor mostrou como os amava de maneira que, para os salvar de serem consumidos, tomaria toda a sua punição e Ele próprio a suportaria. Ele teria morrido para que pudessem viver. Essa era a bondade de Deus brilhando no seu melhor. A menos que o Espírito Santo nos dê especial capacidade para reviver a experiência através da qual eles passaram, nunca sentiremos o mesmo impacto e realidade na mensagem que eles sentiram naquela altura. Ali estavam eles! Era a vida deles que foi ameaçada; era a culpa que eles sentiam com viva força; e a sua salvação que foi assegurada quando o fogo foi delimitado ao altar e seu sacrifício! Tinham absoluto conhecimento pessoal da bondade de Deus no contexto do pecado e sua punição, e que fez por eles aquilo que três anos e meio de sofrimento tinham falhado em produzir – deu-lhes o arrependimento.

Ora, se o Senhor não enviou pessoalmente o fogo, então de onde veio ele?

Como resultado dos efeitos do pecado na Terra e no que a rodeia, o fogo sempre esteve ali precisamente esperando que acontecesse. Não ter irrompido até esse momento foi devido ao restritivo, controlador, poder protector de Deus pelo qual foi impedido de explodir em força destruidora sobre as desprotegidas cabeças da humanidade. Tudo o que era necessário era os anjos soltarem os ventos da contenda e ali estava o fogo. No Monte Carmelo, essa restrição foi removida, mas o Senhor permaneceu entre o fogo e o povo, e este foi salvo. Essa era a bondade de Deus e ela levou-o ao arrependimento.

É um pensamento sensato compreender que o fogo continua ali apenas esperando para ser libertado. Está colocado acima de nós em iminente e continua preparação para a oportunidade de atacar com irresistível poder tão poderoso que nos aniquilaria sem deixar vestígio. Quão gratos devíamos estar pelo escudo protector que permanece entre nós e o nosso merecido extermínio. Se pudéssemos ver a maravilhosa bondade de Deus em tudo isto seríamos levados ao verdadeiro arrependimento como aconteceu com os israelitas.

O que aconteceu em Israel está a repetir-se outra vez. Estamos a viver hoje no segmento final da primeira fase deste drama, o período de maravilhosa prosperidade com a qual o Senhor está abençoando o mundo. Nunca antes na história humana o homem acumulou tanta riqueza como a que tem presentemente. O valor total está para além de computação. Pensai em termos daquilo que custaria substituir todos os edifícios, estradas, caminhos-de-ferro, quintas, sistemas de conservação de água, casas, e todos os outros instrumentos, invenções, e tesouros que actualmente enchem a Terra, e uma pequena ideia podia ser obtida da imensa riqueza que a família humana tem adquirido.

Mas, o efeito no homem tem sido enchê-lo de confiança-própria, auto-suficiência, e um independente espírito orgulhoso. Ele não sente necessidade de Deus, e, a maioria, coloca a confiança nas bênçãos materiais vindas das amorosas mãos do Dador, em vez de colocar no próprio Dador.

Os resultados apenas podem ser catastróficos. Breve, os desastres que mesmo agora estão a subjugar os homens, os estão mergulhando num tempo de prejuízo e dificuldade que nunca pensaram ser possível. Todavia, embora o demónio proclame que os seus sofrimentos estão sendo infligidos por um Deus ofendido que está procurando desse modo trazê-los de regresso a Si, não se arrependerão. Pelo contrário, eles tornam-se cada vez mais rebeldes.

Porém o Senhor no Seu infinito amor não os abandonará, mas fará tudo ao Seu alcance para os trazer ao arrependimento, um objectivo que apenas pode ser realizado por uma revelação da bondade de Deus com foi manifestada no Calvário. Perante o mundo culpado deve ser apresentada a solene natureza da total aniquilação que paira, preparada para cair sobre as suas desprotegidas cabeças. Então perante os seus olhos cheios de medo deve ser mostrado o amor de um Deus, que, apesar de ter toda a justificação para largar uma terrível vingança sobre a humanidade, morreu por ela em vez disso. As vozes da verdade soarão em convincente poder de uma extremidade a outra da Terra. Todo o ouvido ouvirá; todo o olho verá. Entre biliões de habitantes da Terra, não haverá uma única alma que seja capaz de ignorar ou não ter conhecimento do chamamento final de Deus. Tão pouco terão poder para se esconder da mensagem, tal como os judeus no Monte Carmelo, para ignorar as furiosas chamas que consumiram o altar e o sacrifício.

Mas, para alcançar isso, para obter toda atenção de cada habitante da Terra, o Senhor terá de ter o povo de Elias através de quem proclamar a Sua premente mensagem de misericórdia e amor.

Este é o grupo ao qual o Senhor está chamando a que aspiremos. Que chamamento; que responsabilidade; que extraordinárias qualidades terão que ser desenvolvidas em tal povo para prender a atenção de todo o mundo, e convencê-lo da imediata necessidade da maior procura do arrependimento, requererá que cada mensageiro conheça por si mesmo o que é na realidade o arrependimento. Deve saber por si mesmo a clara realidade do arrependimento escrita nestas palavras:

“Quando, porém, o coração cede à influência do Espírito de Deus, a consciência desperta, e o pecador começa a entrever a profundidade e a santidade da lei de Deus, lei que é a base do Seu governo no Céu e na Terra. A ‘Luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo’ João 1:9, ilumina também os secretos recônditos da alma, e põe em evidência as coisas ocultas nas trevas. A convicção do pecado apodera-se do espírito e do coração. O pecador tem então o sentimento da justiça de Jeová e experimenta horror ante a ideia de aparecer, na sua culpa e impureza, perante Aquele que sonda os corações. Vê o amor de Deus, a beleza da santidade, a alegria da pureza; anseia por ser purificado e reintegrado na comunhão com o Céu.” *Aos Pés de Cristo*, 24.

Arrependimento dessa qualidade pode apenas vir àqueles que viram a bondade de Deus como ela foi manifesta no Calvário. Isto pode ser conhecido na sua realidade por aqueles que se tornaram conhecedores do seu estado como desesperados pecadores perdidos, reconheceram que a punição da eterna aniquilação é ao mesmo tempo justa e inteiramente merecida, e testemunharam a transferência da punição para um Salvador sofredor. Viram o Seu magnífico amor, tão grande e tão infinito que Ele morreria por eles no seu corrupto e pecador estado em vez de os ver perecer. Enquanto eles em admiração e temor contemplam a revelação da bondade de Deus, são levados ao mais profundo arrependimento.

Foi apenas quando os israelitas do tempo de Elias se arrependeram verdadeiramente que a chuva veio. Do mesmo modo, quando o povo de Elias conhecer realmente a profundidade do arrependimento, a chuva serôdia cairá. Estarão então aptos para receber o ilimitado derramamento do Espírito Santo e levarão a mensagem do amor de Deus a todo os habitantes da Terra.

Por isso, “Pedi-Lhe que vos dê arrependimento, que vos revele Cristo no Seu infinito amor, na Sua perfeita pureza.” *Aos Pés de Cristo*, 28.

“O arrependimento compreende a dor de ter cometido o pecado e o abandono do mesmo. Não renunciaremos ao pecado enquanto não reconhecermos a sua culpabilidade; enquanto dele nos não afastarmos sinceramente, não haverá em nós uma mudança real de vida.” *Aos Pés de Cristo*, 23.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 7

Antes que o fim possa vir, o oferecimento do arrependimento deve ser feito a todo o ser humano vivo com tal força que necessita de um poder quase sobre-humano para resistir ao chamamento. Enquanto a maioria da raça humana rejeita o último apelo que jamais lhe foi feito, tão seguramente como fizeram os profetas de Baal no Monte Carmelo, milhares por dia aceitarão a terna oferta do Céu.

Somente de uma única forma pode este efeito ser produzido. Perante o olhar maravilhado da humanidade deve ser apresentada de maneira tão clara e convincente uma revelação da bondade de Deus semelhante à manifestada no Calvário, que a atenção de todo o homem, mulher, e criança será cativada. O povo deve ser colocado onde vê a terrível aniquilação que está prestes a fazê-lo desaparecer completamente, quão totalmente merece este resultado, e como em vez de chover fogo sobre eles, Deus na Sua incrível bondade, morre por eles.

Para penetrar a treva da incredulidade e conduzir o mundo ao lugar em que compreenderá verdadeiramente estas cativantes verdades, não é tarefa fácil, e Deus nunca realiza isto antes que tenha um povo que por si mesmo veja a bondade de Deus e, em resposta, tenha experimentado o profundo arrependimento. Então aqueles que vêem verdadeiramente o Senhor e a Sua maravilhosa bondade, terão a capacidade para Lhe apresentar a necessidade do mundo como está escrito:

“Os que aguardam a vinda do esposo devem dizer ao povo: ‘Eis aqui está o vosso Deus.’ Os últimos raios da luz misericordiosa, a última mensagem de graça a ser dada ao mundo, é uma revelação do carácter do amor divino. Os filhos de Deus devem manifestar Sua glória. Revelarão em sua vida e carácter o que a graça de Deus por eles tem feito.” *Parábolas de Jesus*, 415, 416.

Os crentes deviam cuidadosamente ponderar o que estes factos significam para si individual e pessoalmente. Quando manifestamos verdadeiramente nas nossas vidas aquilo que a graça de Deus tem feito por nós até ao ponto predito nesta profecia, todo o

mundo será movido, muitos em violenta oposição; o restante em profundo arrependimento. É claro que nós ainda não adquirimos a preparação para alcançar esses resultados. É evidente que, até agora, a nossa revelação da bondade de Deus provoca um impacto demasiado débil nos homens e mulheres para os levar ao arrependimento.

O que significa isto?

Significa que ainda temos de ver a bondade de Deus como ainda falta ver apesar do tempo que temos passado no estudo das grandes revelações do carácter de Deus que nos têm sido feitas. Mesmo assim temos aprendido que o nosso amoroso Pai celestial não tem disposição para destruir, mas está devotado apenas à salvação dos pecadores, membros caídos da Sua criação, isto tem falhado até agora em operar em nós as mudanças necessárias para atrair a atenção dos habitantes do mundo, revelar-lhes a bondade de Deus, e assim levá-los ao arrependimento.

Obviamente a falha está em nós, e, até que isto seja corrigido, aquilo que o Senhor designou cumprir-se durante a queda da chuva serôdia e a pregação do alto clamor, nunca será realizado. Nós necessitamos de uma revelação da bondade de Deus tal como nunca sonhámos, e um arrependimento semelhante ao que nunca pensámos ser possível, antes que o Senhor nos possa usar a fim de demover os pecadores da sua descida para o mergulho na perdição.

Indica isto que ainda não nos tenhamos arrependido de todo? Não! Não indica! Significa que necessitamos de um conhecimento mais amplo da obra do arrependimento e seu alcance. Há demasiada tendência para isolar o arrependimento como algo que somente os ímpios necessitam, ao passo que não se dá atenção ao facto que os justos precisam de uma experiência sempre cada vez mais profunda no arrependimento à medida que avançam na vereda cristã em direcção ao reino. É por esta razão que somos plenamente advertidos que: "A cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará." *Atos dos Apóstolos*, 561.

Então, sempre que a nossa experiência cristã avança um passo, o nosso arrependimento será aprofundado. Portanto, arrependimento não se verifica apenas antes da conversão, mas em cada passo no avanço a partir daí. Ele é sempre o fruto da contemplação da bondade de Deus. Quanto mais vemos da Sua bondade, maior será o nosso arrependimento.

É claramente evidente então, que a experiência do arrependimento na nossa conversão inicial em consequência das relativamente ténues visões que tivemos do carácter de Deus, não foram suficientes para nos tornar aptos para dar o alto clamor. Foi suficiente para tomarmos conhecimento da nossa necessidade pessoal de salvação e levou-nos ao Salvador que nessa altura foi capaz de nos dar a experiência do novo nascimento, mas não foi suficiente para nos transformar nos canais necessários através de quem o Senhor pode fazer os Seus apelos finais aos que perecem.

É tão importante compreender que o justo necessita de uma experiência cada vez mais profunda no arrependimento, que o Senhor deixou em registo os arrependimentos dos homens em santo ofício que eram verdadeiramente nascidos de novo. Não está a ser feita referência a homens que caíram em pecado e necessitavam de recuperação, tal como Moisés, quando bateu na rocha irado, Davi quando assassinou Urias depois de lhe ter roubado a mulher, ou Pedro depois de negar Cristo com maldição e juramento, mas a pessoas que mantiveram a justiça de Cristo em si, e que, esperaríamos nós, não tinham necessidade de arrependimento. Quando estes foram privados de contemplarem a maravilhosa bondade de Deus, receberam um dom de arrependimento muito maior do que tinham conhecido antes, e tornaram-se mais eficientes no despertar as consciências

dos pecadores, que por sua vez levava alguns a uma conversão do coração, e outros a uma decidida rejeição da verdade.

Consideraremos, agora três destes: Jó, Isaías, e Moisés.

O patriarca Jó é um dos verdadeiramente grandes cristãos de todos os tempos cuja justiça Deus e o diabo testemunham. Acerca dele o Espírito Santo deu inspiração para que fossem escritas estas palavras: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e este homem era sincero, recto e temente a Deus, e desviava-se do mal.” *Jó* 1:1.

Chegou a altura em que o Senhor declarou a justiça de Jó a Satanás nestas palavras: “E disse o Senhor a Satanás: ‘Observaste tu a Meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e recto, temente a Deus, e desviando-se do mal.’” *Jó* 1:8.

É muito significativo que, na sua resposta a esta declaração, o diabo não tenha feito tentativa para negar aquilo que o Senhor havia dito. Ele sabia que Jó era justo, e que ninguém havia que se lhe comparasse em todo o mundo. O inimigo estava bem ciente dos seus inúteis esforços para levar o homem de Deus a deixar a sua firmeza no Onnipotente; ele compreendeu a força de carácter possuída por este santo de Deus; lembrou-se de quão consistentemente tinha sido derrotado em todo o confronto com o patriarca; e sabia que o Senhor era familiar a estes relatos. O melhor que Satanás podia fazer nestas circunstâncias era impugnar os motivos de Jó acusando-o de servir a Deus porque Ele lhe pagava para isso.

Para expor esta má representação do carácter de Deus e do carácter de Jó, o Senhor permitiu ao tentador, num determinado esforço para quebrar a fé de Jó, denegrir a sua justiça, e separá-lo de Deus, para lhe aplicar terrível sofrimento e prejuízo.

Foi por causa da sua justiça que Jó sofreu, não pelos seus pecados. Todo o crente necessita compreender que do mesmo modo como sofremos por causa dos nossos pecados, também sofreremos neste mundo por causa da nossa justiça. O Seu reconhecimento desta grande verdade levou Cristo a dizer: “Bem aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

“Bem aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo disserem todo o mal contra vós por Minha causa.

“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” *Mateus* 5:10-12.

“Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer n’Ele, como também padecer por Ele.” *Filipenses* 1:29.

“E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo em Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 206.

É um ponto de vista bastante desproporcionado crer que toda a aflição e sofrimento são um resultado directo e uma punição do pecado. Esse é apenas um lado da questão. Que todos estejam prevenidos que é um específico e facilmente reconhecido sinal da falsa religião tornar um aspecto da verdade ser toda a mensagem. Sendo assim, era de esperar verificar-se que os judeus que nos tempos de Cristo na Terra aderissem a uma falsa religião, terem acreditado e ensinado apenas uma parte desta preciosa mensagem. E este foi o caso.

“Geralmente acreditavam os judeus que o pecado é punido nesta vida. Toda enfermidade era considerada como o castigo de qualquer mau procedimento, fosse da própria pessoa, fosse de seus pais. É verdade que todo sofrimento é resultado da transgressão da lei divina, mas esta verdade fora pervertida. Satanás, o autor do pecado e de todas as suas consequências, levava os homens a considerarem a doença e a morte como procedentes de Deus – como castigos arbitrariamente infligidos por causa do

pecado. Daí, aquele sobre quem caíra grande aflição ou calamidade, sofria além disso o ser olhado como grande pecador.

“Assim estava preparado o caminho para os judeus rejeitarem a Jesus. Aquele que ‘tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores’, era considerado pelos judeus como ‘aflito, ferido de Deus, e oprimido’; e d’Ele escondiam o rosto. Isaías 53:4,3.

“Deus dera uma lição destinada a evitar isso. A história de Jó mostrara que o sofrimento é infligido por Satanás, mas Deus predomina sobre ele para fins misericordiosos. Mas Israel não entendera a lição. O mesmo erro pelo qual Deus reprovava os amigos de Jó, repetiu-se nos judeus em sua rejeição de Cristo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 455.

A profunda seriedade desta lição está revelada quando se testemunha que ao conservarem este erro, os judeus, foram levados a rejeitar e por fim crucificar Cristo. Isso significava que este falso ensinamento os separou de todas as bênçãos que o Salvador tinha vindo conceder tão liberalmente – livramento do pecado e doença, libertação dos romanos, e o dom da vida eterna. Verdadeiramente é um erro mortal que pode custar muito aos que a ele aderem. Ele deve ser evitado como se fosse uma doença mortal.

A grande mensagem do arrependimento que é revelada no livro de Jó, é que o verdadeiro justo experimentará um arrependimento mais profundo cada vez que é dado mais um passo em frente na experiência cristã. Não havia homem algum mais justo do que Jó nos seus dias, pois Deus declarou que ninguém havia semelhante a ele na Terra. Ele certamente tinha-se arrependido e afastado todo o pecado conhecido, e andava perante Deus irrepreensível. Para apreciar o peso desta mensagem do arrependimento, para compreender quão relativamente pouco progresso temos feito nesta experiência, e para ser levado à fome e sede desta qualidade, uma pessoa deve crer claramente e ensinar a verdade que Jó era realmente um verdadeiro homem justo e que os seus sofrimentos eram devidos à sua justiça, não aos seus pecados. Cuidadosa consideração das duas citações seguintes clarificará quaisquer dúvidas que ainda possam persistir.

“É muito natural os seres humanos pensarem que as calamidades são o seguro indício de grandes crimes e enormes pecados; mas os homens frequentemente cometem um erro em assim medirem o carácter. Bem e mal estão misturados, e calamidades caem sobre todos. Algumas vezes os homens ultrapassaram a linha limite, do cuidado protector de Deus, e então Satanás exerce o seu poder sobre eles, e Deus não se interpõe. Jó foi seguramente afligido, e os seus amigos procuraram que ele reconhecesse que os seus sofrimentos eram o resultado do pecado, fizeram com que ele se sentisse sob condenação. Eles apresentaram o seu caso como o de um grande pecador; mas o Senhor repreendeu-os pelo julgamento do Seu servo fiel. . .

“Há impiedade no nosso mundo, mas nem todo o sofrimento é o resultado de um curso de vida pervertido. Jó é trazido distintamente perante nós como um homem a quem o Senhor permitira que Satanás afligisse. O inimigo despojou-o de tudo o que ele possuía; os seus laços familiares foram quebrados; os seus filhos foram-lhe tirados. Durante algum tempo o seu corpo foi coberto com repugnantes chagas, e ele sofreu grandemente. Os seus amigos vieram confortá-lo, mas tentaram fazer-lhe ver que ele era responsável, pelo seu curso pecaminoso, das suas aflições. Mas ele defendeu-se, e negou a acusação, declarando, miseráveis consoladores vós sois. Procurando torná-lo culpado perante Deus, e merecedor dos Seus juízos, ao trazer sobre ele uma dura prova, e representaram Deus numa falsa luz; porém Jó não vacilou na sua lealdade, e Deus recompensou o Seu servo fiel.” *S.D.A. Bible Commentary* 3:1140.

É evidente a partir destes testemunhos que os assim chamados amigos de Jó não compreendiam o princípio que o sofrimento vem tanto ao pecador como ao justo. Pelo contrário, eles acariciavam o erro fatal que, onde quer que existisse sofrimento, estava a

segura evidência que o afligido era um professo pecador. Consistente com este ponto de vista, argumentaram que Jó, a quem o próprio Senhor tinha declarado como um justo e recto homem não havendo outro igual a ele no mundo, era verdadeiramente um grande pecador.

Jó rejeitou a teologia deles e negou ser o transgressor que eles consideravam que ele era. Ele argumentou assim, não por causa da sua justificação-própria, mas em defesa da verdade como ela é em Jesus. Os seus opositores eram teólogos extraordinários que apresentaram os seus argumentos com grande convicção, e confiantes que estavam certos e Jó estava errado. Mas, é digno de nota que, quando eles tomaram a posição que tomaram, "... apresentaram Deus numa falsa luz." Eles apresentaram o santo e maravilhoso carácter de Deus erradamente e assim eram porta-vozes de Satanás não de Deus. O único fruto possível do seu ministério era rebelião contra o Céu.

Deve então concluir-se que Jó, tomando a posição oposta àqueles que apresentam mal o carácter de Deus, revelou o nosso terno Pai como Ele realmente é. A nossa confiança que esta é uma conclusão correcta a tirar é confirmada pelo facto que o Senhor desaprovou a mensagem transmitida pelos opositores de Jó, e os repreendeu pelas conclusões que eles tiraram acerca do Seu carácter e do carácter de Jó.

"Sucedeu pois que, acabando o Senhor de dizer a Jó aquelas palavras, o Senhor disse a Elifaz, o temanita: 'A Minha ira se acendeu contra ti e contra os teus amigos, porque não dissestes de Mim o que era recto, como o Meu servo Jó.'" *Jó 42:7.*

A aprovação de Deus da posição tomada por Jó, e a Sua condenação da posição tomada pelos outros, confirma que o homem de Deus era na verdade um homem muito justo que foi capaz de manter a sua justiça sob a terrível pressão de Satanás. É preciso a fé de um cristão muito forte para se manter leal à verdade de Deus depois de ter perdido todas as possessões, de ter sido privado dos seus queridos e amados filhos, e em seguida ser coberto com terríveis chagas. Já é muito difícil sofrer adversidade com fé e coragem quando estais de boa saúde, mas fazê-lo quando toda a fibra do vosso corpo é torturada com dor e devastada pela febre, é um teste máximo. Perto de tirar a vida de Jó, nada mais havia que o diabo pudesse ter feito para tentar torturá-lo, mas ele provou ser fiel.

Assim Jó demonstrou que era um homem verdadeiramente justo exactamente como Deus declarou que ele era. Por tomar a posição que ele tomou, está escrito que "... Deus recompensou o Seu servo fiel." *S.D.A. Bible Commentary 3:1140.*

Quando estas palavras são lidas, há a tendência para pensar acerca da riqueza material que o Senhor lhe deu depois do tempo de prova passar.

"E assim abençoou o Senhor o último estado de Jó, mais do que o primeiro; porque teve catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas

"Também teve sete filhos e três filhas.

"E chamou o nome da primeira Jemima, e o nome da outra Quezia, e o nome da terceira Quéren-Hapuque.

"E em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos.

"E depois disto viveu Jó cento e quarenta anos; e viu a seus filhos, e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração.

"Então morreu Jó, velho e farto de dias." *Jó 42:12-17.*

Estas bênçãos do Senhor foram certamente um galardão considerável para o patriarca por causa da sua firme lealdade aos princípios da justiça e governo divinos, mas houve outra bênção derramada sobre ele que excedeu estas esplêndidas riquezas materiais.

Aquelas outras recompensas chegaram a ele desta forma.

Durante o seu período de intenso sofrimento, quando o patriarca tinha que se agarrar com todos os seus poderes espirituais às promessas de Deus, a sua fé estava a ser exercitada ao máximo em consequência do que foi marcadamente fortalecida. Momento a momento, mesmo apesar de não ter nele um crescimento visível, ele estava a entrar numa cada vez maior relação com Deus, que se agradou da lealdade e fidelidade do Seu servo que não Lhe falhou nesta hora de terrível provação. Somente aqueles que foram sujeitos a tremenda pressão enquanto num estado de extrema doença podem conhecer o peso do desencorajamento e desespero que deve ser resistido e vencido.

Deus havia afirmado a Satanás que Jó era justo porque amava a justiça, e estava servindo a Deus não por causa das bênçãos que isto trazia sobre si, mas por causa da sua firme entrega à ordem divina. Jó não traiu a tremenda confiança que o Senhor tinha colocado nele.

Por isto, o Senhor recompensou o Seu fiel, leal, e justo servo da forma mais maravilhosa possível. Quando a batalha estava finalizada e Jó tinha provado que era completamente fiel, o Senhor apresentou perante os seus olhos uma maravilhosa revelação do Seu poder criador. O relato desta maravilhosa comunicação a Jó é encontrada nos capítulos 38-41, onde o Senhor abriu à mente de Jó penetrações no Seu poder criador como o patriarca nunca tinha visto antes.

Qualquer cristão que deseja compreender e apreciar as maravilhas e grandeza do poder criador de Deus encontrará nestas mesmas questões minas de verdade cheias de tesouros dos quais nunca tinha sonhado que existissem. Que emoções de maravilha, louvor, gratidão, e lealdade devem ter inundado o ser de Jó enquanto se sentava no silente espanto daquilo que viu.

A apresentação do poder criador que refulgiu perante Jó e na sua mente, foi de facto a gloriosa revelação do carácter de Deus. Este facto é estabelecido por estas palavras: “Toda manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito.” *Patriarcas e Profetas*, 13.

Que maravilhosas profundidades e larguras e alturas de verdade estão contidas neste testemunho. “Toda a manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito.” Isto fala-nos da gloriosa verdade que a única motivação que influenciou Deus na Sua obra criadora foi o amor infinito. Esta é aquela incrível qualidade que não é activada pelo fluxo de amor, mas ama independentemente da resposta de qualquer um. É um amor ilimitado que não conhece mudança não importa quanto seja rejeitado, injuriado, perseguido, mal compreendido, ou pouco apreciado. Esse é o amor que Deus é, e é a revelação do Seu carácter, a manifestação da Sua bondade. Sendo uma saída de amor até ao infinito, e portanto, de grau absoluto é por conseguinte abnegação na mesma extensão ilimitada. Nenhuma pessoa espiritualmente iluminada que compreenda a verdadeira natureza do amor divino pode descobrir mesmo o mais pequeno traço de egoísmo em qualquer manifestação do amor e bondade de Deus.

Um amor como este nunca pode ser gerado pela humanidade. Ele apenas pode chegar até nós como o dom de Deus através do ministério de Jesus Cristo, o Espírito Santo, e anjos celestiais. Portanto, não há dom maior que possa ser dado como está escrito:

“Supremo amor por Deus e desinteressado amor mútuo – eis o melhor dom que nosso Pai celestial pode conceder. Esse amor não é um impulso, mas um princípio divino, um poder permanente. O coração não consagrado não o pode criar ou produzir. Ele somente é achado no coração em que Jesus reina. ‘Nós O amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro.’ No coração renovado pela graça divina, o amor é o princípio que regula a ação. Ele modifica o carácter, governa os impulsos, controla as paixões e enobrece as afeições.

Esse amor, acariciado na alma, ameniza a vida e derrama influência enobrecedora ao redor." *Atos dos Apóstolos*, 551.

Por conseguinte, ser dado, como foi a Jó, uma maravilhosa visão da obra criadora de Deus, é ser abençoado com uma igual penetração no amor de Deus. Não importa quão profundamente alguém possa ter-se arrependido no passado em consequência de ter visto a bondade de Deus, adicional e mais extensa visão dessa bondade pode apenas resultar num profundo arrependimento.

Deve ser sempre lembrado que: "A cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará." *Atos dos Apóstolos*, 561.

Grandes provas vieram sobre Jó que o provaram até ao limite. Quando tudo estava terminado e passado, ele não permaneceu onde estava quando a tortura começou, mas levou-o um grande passo em frente na experiência cristã. Em consequência, foi galardoado com uma visão do amor e bondade de Deus mais rica, tal como manifestada na criação das Suas obras. O único resultado possível foi o dom do arrependimento para além de qualquer coisa que ele tivesse jamais conhecido. O testemunho de Jó para isso está contido nestas palavras:

Então Jó respondeu ao Senhor e disse:

"Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos Teus pensamentos pode ser impedido.

"Quem é aquele, dizes Tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso falei do que não entendia; cousas que para mim eram maravilhosíssimas, e que eu não compreendia.

"Escuta-me, pois, e eu falarei; eu Te perguntarei, e Tu ensina-me.

"Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora Te vêem os meus olhos.

"Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza." *Jó* 42:1-6.

Nem por um momento devemos concluir que Jó nunca se arrependeu antes desta altura. É óbvio que sim, pois como podia o Senhor, alguma vez descrevê-lo como sendo um justo e recto homem, se não tivesse havido arrependimento nele da sua velha vida pecaminosa e tivesse renascido? Teria sido impossível isto acontecer. Com certeza, muitos anos antes deste último arrependimento chegar, ele tinha sido abençoado com esta experiência de arrependimento básico e tinha-se tornado um filho de Deus. Agora ele tinha chegado ao lugar onde possuía um novo e distinto conhecimento da bondade de Deus, e isto produziu nele um correspondente arrependimento mais profundo.

Ele declarou que previamente tinha ouvido acerca do Senhor. Sem dúvida, aquilo que ele tinha aprendido desta forma foi muito belo e abençoado. Isso trouxe-o à fé em Jesus, tinha-o enchido com a justiça até Deus poder testificar dele, "... que ninguém há na terra semelhante a ele..." *Jó* 1:8, e tinha-lhe transmitido uma maravilhosa riqueza de conhecimento e grandes amplitudes, profundidades e alturas de compreensão.

Mas, através do último sofrimento e experiência, o Senhor tinha-o levado muito além do aprendido pelo ouvir, a muito mais eficaz faculdade da visão. Ele compreendeu o mistério da salvação e a glória do carácter de Deus como nunca antes. Que bem-aventurado galardão foi este. Ele fez que tivesse valido a pena passar por todos aqueles sofrimentos.

Uma vez que ver é um meio muito mais eficaz do que ouvir, para aprender é próprio perguntar porque é que o Senhor reserva esta faculdade para aqueles que se elevam muito alto no esforço cristão? O facto é que o Senhor não reserva arbitrariamente isto para uma classe de pessoas em particular, mas requer um nível muito elevado de desenvolvimento espiritual antes que a pessoa seja realmente capaz de ver aquilo que anteriormente era apenas capaz de ouvir. O triunfo da fé de Jó durante esta terrível prova,

elevou-o espiritualmente ao nível onde os seus olhos foram abertos de modo a poderem ver. Quando o foram, chegou a ele o abençoado dom do arrependimento.

O carácter especial deste arrependimento é aquele que transmite um aborrecimento pelo pecado em si mesmo. O mal aparece no seu verdadeiro carácter, e o arrependido foge dele como de uma praga, o que ele é.

A experiência de Jó demonstra e prova que não importa quão justo sois e quão firmes fostes, mesmo sendo como Jó foi, sem outro igual no mundo como foi testificado pelo próprio Deus, uma nova ilustração da bondade de Deus é necessária como uma mais profunda experiência de arrependimento.

Aqueles que são abençoados com estas experiências dirão com Jó, “eu me abomino!”

“Assim será com todos os que contemplam a Cristo. Quanto mais nos aproximamos de Jesus, e quanto mais claramente distinguimos a pureza de Seu carácter, tanto mais claro veremos a excessiva malignidade do pecado, e tanto menos nutriremos o desejo de nos exaltar a nós mesmos. Haverá um contínuo anelo da alma em direção a Deus, uma contínua, sincera, contrita confissão de pecado e humilhação do coração perante Ele. A cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará. Saberemos que nossa suficiência está em Cristo unicamente, e faremos nossa própria a confissão do apóstolo: ‘Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum.’ ‘Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.’ Romanos 7:18; Gálatas 6:14.” *Atos dos Apóstolos*, 561.

Esta é uma descrição da experiência que deve ser possuída por aqueles que em breve receberão o grande derramamento da chuva serôdia. Seria bom se cada crente fizesse um exame de si próprio para ver se de facto esta é uma verdadeira ilustração da sua presente condição perante Deus.

Que cada um pergunte solenemente a si mesmo:

Estou eu a observar Cristo de modo que verdadeiramente veja a Sua perfeição, Sua bondade, Sua justiça, a pureza do Seu carácter, e o Seu amor perdoador cada vez mais à medida que o tempo passa?

Estou eu vendo a excessiva malignidade do pecado com maior clareza todos os dias especialmente quando ele se manifesta em mim?

Estou eu encontrando cada vez menos disposição para exaltar e cuidar do eu, e verifico eu que estou a dirigir-me cada vez mais para crucifixão do eu e para sacrificar tudo o que tenho pela causa de Cristo?

É a minha vida marcada pela contínua, sincera, cruciante confissão do pecado e uma humilhação de coração perante Deus?

Posso eu verdadeiramente testificar que o meu arrependimento é de facto profundo, de modo que o seu poder para preparar o caminho para a purificação de Cristo é maior do que já foi alguma vez antes?

Sei eu realmente que a minha suficiência está unicamente com Cristo, e que eu sou um desesperado, dependente recebedor?

Posso eu realmente fazer minha a confissão de Paulo?

Estas são perguntas muito sérias que todos os crentes deviam solenemente fazer em honesta interrogação. Perguntai-as a vós mesmos e para vós próprios. Então, à medida que vedes a vossa espiritual destituição, rogai todos os dias por uma tal visão da incrível bondade de Deus à medida que Ele vos guia ao mais profundo arrependimento. Não desanimeis se não receberdes uma resposta imediata, pois parece que ninguém tem. Jacó lutou durante horas antes de finalmente ver o seu pecado à sua verdadeira luz. Jó sofreu durante dias com incrível sofrimento antes de ser por fim abençoado com uma gloriosa

revelação da bondade de Deus, e um profundo arrependimento do que nunca antes. Quando Jesus orou pela manifestação que nós chamamos de transfiguração – aquela revelação da glória do Céu destinada a fortalecê-lo para o Seu sacrifício coroador – horas e horas de intensa oração tinham passado antes da montanha ser inundada com a glória celestial.

Uma das principais razões para não receber tudo o que o Céu tem para nós é que não suplicamos e agonizamos por isso como devíamos. Somos inspirados para alcançar o dom celestial; oramos por ele, mas quando as bênçãos não vêm imediatamente, as nossas súplicas extinguem-se e as bênçãos não são realizadas.

“Perguntei ao anjo por que não havia mais fé e poder em Israel. Disse Ele: ‘Largais muito depressa o braço do Senhor. Enviai insistentemente vossas petições ao trono, e persisti nelas com fé firme. As promessas são certas. Crede que recebeis as coisas que pedis, e tê-las-eis.’ Foi-me então chamada a atenção para Elias. Ele era sujeito a paixões idênticas às nossas, e orou fervorosamente. Sua fé resistiu à prova. Sete vezes orou perante o Senhor, e finalmente viu a nuvenzinha.” *Primeiros Escritos*, 73.

Recordai que: “Os descuidosos e indiferentes, que não se uniam com os que prezavam suficientemente a vitória e salvação, para por elas lutar e angustiar-se com perseverança, não as alcançaram e foram deixados atrás, em trevas, e seu lugar foi imediatamente preenchido pelos que aceitavam a verdade e a ela se filiavam.” *Primeiros Escritos*, 271.

Chegou o tempo para o derramamento da chuva, mas ela não virá até que tenhamos sido abençoados com um arrependimento muito mais examinador, purificador e conversor do que experimentámos até agora. Isto não virá até que *perseverantemente* supliquemos e agonizemos pela bênção.

Possa ser que a partir de agora, cada crente em Jesus se encontre diariamente suplicando por tal revelação da *bondade* de Deus como nunca vimos antes, e que, por sua vez nos abençoe com um profundo arrependimento que nos preparará para o recebimento da chuva serôdia.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 8

O dedicado e bem sucedido ministério de Isaías, o profeta do evangelho, ilustra ainda mais o princípio que é a revelação da bondade de Deus que leva o justo, bem como o pecador ao arrependimento, e assim qualifica o receptor destas bênçãos para levar outros à mesma abençoada salvação. A experiência de Isaías é de especial valor e pertinência para o povo de Deus nestes últimos dias, pois a eles, tal como a ele, é permitido contemplar os lugares santos onde a glória de Deus é completamente manifestada. É quando através de forte e perseverante fé que os nossos olhos são abertos para ver o que ele viu, que o Senhor terá mensageiros através de quem a obra pode por fim ser finalizada.

“A visão dada a Isaías representa a condição do povo de Deus nos últimos dias. Eles têm o privilégio de ver pela fé a obra que está prosseguindo no santuário. ‘E o templo de Deus foi aberto no céu, e foi vista no Seu templo a arca do Seu testemunho.’ À medida que olham pela fé para o santo dos santos, e vêem a obra de Cristo no santuário celestial, compreendem que são um povo de lábios impuros, – um povo cujos lábios têm frequentemente falado vaidade, e cujos talentos não têm sido santificados e usados para glória de Deus. Bem podem afligir-se enquanto comparam a sua fraqueza e indignidade com a pureza e beleza do glorioso carácter de Cristo. Mas se eles, como Isaías, receberem a impressão que o Senhor planeia que seja feita no coração, se eles humilharem as suas almas perante Deus, há esperança para eles. O arco da promessa está por cima do trono, e a obra feita por Isaías será realizada neles. Deus responderá às petições vindas de um coração contrito.’ *S.D.A. Bible Commentary* 4:1139. Extraído do *The Review and Herald*, 22 de Dezembro de 1896.

Que acesso à gloriosa luz e verdade, estas promessas abrem ao povo de Deus. Pensai nisto: “A obra de Isaías será realizada” em todos aqueles que, com os olhos da fé contemplam e compreendem o ministério de Cristo no lugar santíssimo do santuário celestial. Que verdadeiro crente há que não deseje olhar para dentro dos sagrados

compartimentos e realmente obter uma larga e acurada visão do ministério de Cristo, da santidade de Deus, e do sagrado carácter da Sua lei. Não seria maravilhoso vermo-nos a nós mesmos como realmente somos, gritar em genuíno alarme perante o nosso estado perdido: “Então disse eu: ‘Ai de mim, que vou perecendo porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos!’” *Isaías 6:5*.

Quão abençoados seríamos à medida que a nossa iniquidade fosse purificada com fogo e fossemos comissionados para levar a revelação do carácter de Deus até aos confins da terra. Tudo isto podia ser demasiado maravilhoso para ser verdade. Podemos olhar para os esforços inúteis que fizemos no passado a fim de estabelecer uma satisfatória paz com Deus, e afligir-nos por jamais alcançarmos esta bênção. Mas, isto é o que o Senhor deseja que tenhamos e Ele prometeu suprir esta graça. Então alcançai a promessa em fé viva e recusai deixá-lo ir até que o céu ouça. O ministério de Isaías começou durante o reinado de Uzias, rei de Judá, e continuou durante os reinados dos três reis que lhe sucederam, Jotã, Acaz e Ezequias. Uzias reinou num total de cinquenta e um anos, mas não foi senão no último ano do seu reinado que Isaías foi chamado para transmitir as mensagens de advertência e reprovação a Judá.

O comissionamento de Isaías ainda um jovem no ofício profético está relatado em *Isaías 6:1-13*.

O rei Uzias começou bem a sua obra, e maravilhosa prosperidade marcou o período da sua subida ao trono. De facto, o seu reino “foi caracterizado por uma prosperidade maior que a de qualquer outro rei desde a morte de Salomão, cerca de dois séculos antes. Por muitos anos o rei reinou com discrição. Sob as bênçãos do Céu, seus exércitos reconquistaram alguns dos territórios que tinham sido perdidos nos anos anteriores. Cidades foram reconstruídas e fortificadas, e a posição da nação entre os povos vizinhos foi grandemente fortalecida. Reavivou-se o comércio, e as riquezas das nações fluíram para Jerusalém. O nome de Uzias voou ‘até muito longe; porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte,’ 2 Crónicas 26:15.” *Profetas e Reis*, 303. Infelizmente, como é tão frequente o caso, esta prosperidade material levou ao orgulho e auto-suficiência que separou Judá e Benjamim para longe de Deus. O próprio Uzias exaltou-se tanto que presumiu tomar sobre si o direito de entrar nos lugares santos do templo. Por esta presunçosa acção, foi açoitado com lepra, uma doença com a qual permaneceria até à sua morte.

O nível espiritual da nação rapidamente se deteriorou, festanças, bebedice, riqueza, amor à ostentação, e idolatria tornou-se o estabelecido estilo de vida do povo – condições vistas por Isaías com a mais profunda angústia de alma.

“Práticas iníquas tinham-se tornado tão prevalentes entre todas as classes, que os poucos que permaneciam fiéis a Deus eram não raro tentados a perder o ânimo, dando lugar ao desencorajamento e desespero. Era como se o propósito de Deus para Israel estivesse para falhar, e a nação rebelde devesse sofrer sorte semelhante à de Sodoma e Gomorra.

“Em face de tais condições, não surpreende que quando, durante o último ano do reinado de Uzias, Isaías foi chamado a levar a Judá as mensagens de advertência e reprovação da parte de Deus, recuasse da responsabilidade.” *Profetas e Reis*, 306, 307.

Este chamamento veio ao homem de Deus pouco tempo antes de lhes ter sido dada a maravilhosa visão do interior do templo. Quando o chamamento chegou a ele, estava muito ciente dos tremendos obstáculos que o confrontavam, e da sua própria incapacidade para enfrentar a situação. “Ele bem sabia que haveria de encontrar obstinada resistência. Considerando sua própria incapacidade para enfrentar a situação, e

tomando em conta a obstinação e incredulidade do povo para quem ia trabalhar, sua tarefa pareceu-lhe inexequível. Devia ele em desespero renunciar a sua missão, deixando Judá entregue a sua idolatria? Deviam os deuses de Nínive reger a terra em desafio ao Deus do Céu?" *Profetas e Reis*, 307.

Foi um Isaías muito perturbado que contemplou o seu chamamento para o ofício profético. Ele compreendeu a dureza do coração do povo, ele sabia que tinha falta das qualificações necessárias para penetrar a sua obstinação e trevas, e perdeu a esperança de jamais os ver chegar ao verdadeiro arrependimento pelos seus pecados. Enquanto por um lado estava muito consciente de não poder levianamente ignorar o chamamento divino, por outro, receava que nunca fosse capaz de cumprir uma responsabilidade tão pesada. "Tais eram os pensamentos que fervilhavam na mente de Isaías ao estar sob o pórtico do templo." *Profetas e Reis*, 307.

Agora tornou-se óbvio que o Senhor, tendo incumbido Isaías do ofício profético, e vendo o pesado fardo da angústia e desânimo que este chamamento tinha colocado sobre si, o levou às portas do templo, de modo que Ele podia inspirá-lo com a fé e coragem necessária para responder ao chamamento divino.

"Subitamente pareceu-lhe que o portal e o véu interior do templo eram levantados ou afastados, e foi-lhe permitido olhar para dentro, sobre o santo dos santos, onde nem mesmo os pés do profeta podiam entrar. Ali surgiu ante ele a visão de Jeová assentado em Seu trono alto e sublime, enquanto o séquito de Sua glória enchia o templo. De cada lado do trono pairavam serafins, as faces veladas em adoração, enquanto ministravam perante seu Criador, e se uniam em solene invocação: 'Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória' (Isaías 6:3), de maneira que a coluna e pilar e a porta de cedro pareciam sacudidos com o som, e a casa se encheu com seu tributo de louvor." *Profetas e Reis*, 307.

As Escrituras ilustram a visão com estas palavras:

"No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e o Seu séquito enchia o templo.

"Os serafins estavam acima dele, cada um tinha seis asas: com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés e com duas voavam.

"E clamavam uns para os outros, dizendo: 'Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória.

"E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo." *Isaías 6:1-4*.

Quando lemos esta descrição hoje, fazemo-lo sem o benefício da viva revelação exposta perante os espantados olhos de Isaías. Nós apenas lemos o que ele realmente viu. Portanto, nada há semelhante ao impacto nas nossas mentes como houve na sua. O que nós lemos do seu relato conta-nos acerca da glória, pureza, justiça, perfeição e bondade de Deus. Isso é uma coisa, mas nunca pode comparar-se com a própria visão das coisas como as viu Isaías. Além disso, as palavras de louvor saídas dos lábios daqueles brilhantes serafins, estavam cheias de um poder para transmitir a verdade acerca de Deus, que levou a mensagem à mente do profeta com viva força.

"Contemplando Isaías esta revelação da glória e majestade de seu Senhor, sentiu-se oprimido com o senso da pureza e santidade de Deus. Quão saliente o contraste entre a incomparável perfeição de seu Criador, e a conduta pecaminosa dos que, como ele, havia muito foram contados entre o povo escolhido de Israel e Judá!" *Profetas e Reis*, 307.

Quando é dada a um filho de Deus uma revelação da bondade de Deus tal como foi dada a Isaías há apenas um único resultado possível. Ele vê algo do tremendo contraste entre a perfeição de Deus, e as suas próprias deficiências, reconhece que não está preparado para

ser um mensageiro de Deus e um cidadão do céu, e, enquanto admira a glória, abominará aquilo que é. Profundamente se arrependerá e voltará para Deus com todo o seu coração num grau em que nunca tinha pensado anteriormente ser possível.

Assim foi com Isaías, como é evidenciado pelo seu testemunho: “Então disse eu: ‘Ai de mim, que vou perecendo porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos.’” *Isaías* 6:5.

Aquelas palavras foram uma genuína expressão de um coração que sentia profundo arrependimento. Bom seria se todo o crente passasse por experiências que dessem origem ao mesmo tipo de arrependimento. Esta é de facto a grande necessidade do povo de Deus no tempo presente, pois, sem ele, nunca alcançaremos a preparação necessária para receber a chuva serôdia. Portanto, a experiência de Isaías contém lições de grande importância para nós à medida que enfrentamos os acontecimentos da história da humanidade.

À medida que as lições contidas na história de Isaías nos revelam a nossa específica necessidade de escrutinador arrependimento da alma, o verdadeiro crente encontrará um desejo no seu coração de uma poderosa visão da bondade de Deus, Sua pureza, justiça, e perfeição, uma verdadeira compreensão do seu estado, e um ódio pelo pecado e um afastamento dele.

A questão é: O que devemos fazer para receber esta incrível preparação? O que fizeram os patriarcas como Jó, e os profetas como Isaías, para receber estes maravilhosos dons?

Um estudo das suas histórias demonstra que eles não estavam especificamente procurando ou mesmo esperando que os seus olhos fossem abertos para ver a incrível bondade de Deus por um lado, e a pecaminosidade das suas naturezas caídas por outro. Foi o Senhor que os guiou através dos passos que culminavam neste desejável resultado. Estes homens foram enriquecidos com o tesouro que ultrapassa o valor de todos os outros. A enorme riqueza material, por exemplo, que Deus concedeu a Jó depois do confronto com o diabo e a sua vitória sobre os poderes das trevas, em nada se compara com a bênção de um profundo arrependimento.

Exactamente como Deus fez provisão para que aqueles homens recebessem uma visão salvadora do carácter de Deus, assim Ele dará aos Seus filhos hoje. O templo de Deus no céu está aberto e é-nos permitido olhar para o interior do lugar santíssimo a fim de contemplar a mesma glória, majestade, pureza, e perfeição que abalou a complacência de Isaías.

“À medida que olhamos pela fé o santo dos santos, e vemos a obra de Cristo no santuário”, “compreendemos que somos um povo de lábios impuros, – um povo cujos lábios têm frequentemente falado vaidade, e cujos talentos não têm sido santificados e usados para glória de Deus. Bem podemos afligir-nos enquanto comparamos a nossa fraqueza e indignidade com a pureza e beleza do glorioso carácter de Cristo.” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1139.

Passámos bastante tempo no estudo dos ministérios finais de Cristo no lugar santíssimo do santuário celestial, mas quem entre nós é capaz de testificar que por esse meio recebeu uma tal revelação da bondade de Deus que foi levado a um verdadeiro e profundo arrependimento. Compreender que todos os nossos anos de estudo do santuário falharam em dar-nos uma experiência semelhante à que abençoou Isaías, pode ser bastante ameaçadora. Estão as nossas percepções espirituais tão entorpecidas que o Senhor não nos pode proclamar as Suas brilhantes verdades de modo suficientemente eficaz para produzir em nós o verdadeiro arrependimento? Estaremos nós perdidos apesar de tudo, como muito certamente merecíamos?

Estes são pensamentos dignos da nossa consideração muito embora a intenção deste estudo não seja deixar alguém sentindo-se desesperadamente perdido, mas dirigir todos os olhos para as mais elevadas planícies de compreensão que o Senhor tem para nós. Nós sabemos que nos arrependemos e nascemos de novo, mas depois temos a tendência para nos deixarmos arrastar num nível de complacência que é perigosa. Deus agora opera para nos despertar para a compreensão que há uma visão muito maior da sua bondade a ser obtida, um muito mais profundo arrependimento e purificação a ser experimentados, e uma muito maior capacidade a ser exercida.

Em vez de ficarmos desencorajados por causa de termos visto tão pouco da glória de Deus no santuário, regozijemo-nos porque a verdadeira beleza da sua mensagem está ainda para ser aberta perante os nossos surpreendidos olhos. Uma vez que aquilo que já vimos está cheio de glória e poder, quais devem ser as maiores revelações que estão ainda para vir? Chegou verdadeiramente o tempo em que devemos agonizar em oração pelas próprias bênçãos que necessitamos a fim de nos preparar para receber a chuva serôdia e a proclamação do alto clamor.

Uma clara visão da bondade de Deus leva-nos ao verdadeiro arrependimento, e isto por seu lado abre-nos a porta para uma profunda e penetrante purificação do pecado. Assim se provou ser no caso de Isaías, como ele o relata: “Então disse eu: ‘Ai de mim, que vou perecendo porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!

“Mas um dos serafins voou para mim trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;

“E com ela tocou a minha boca, e disse: ‘Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado.’” *Isaías 6:6,7.*

Que maravilhosa purificação foi efectuada em Isaías neste ponto vital de tempo. Defeitos escondidos em Isaías que tinham ficado ocultos e ignorados foram agora trazidos à vista e lavados, enquanto o vácuo assim criado foi preenchido com os atributos do próprio Salvador. Que dom valioso foi este para o jovem profeta; que preparação para a obra que estava na sua frente; com que coragem e confiança ele então enfrentou as assombrosas responsabilidades que tinha sido chamado a levar!

Mas o facto que, neste ponto de tempo, ele foi abençoado com este arrependimento e purificação, não deve ser interpretado como significando que ele não tinha previamente nascido de novo, e que esta era a primeira vez na sua vida que se tinha arrependido ou tinha recebido uma profunda purificação do pecado. Tirar uma conclusão como esta seria fazer um grave mau juízo do estado espiritual de Isaías nesta altura.

A vida de Jó demonstra que não importa quão profundamente nos tenhamos arrependido no passado, ou quão justamente estejamos agora a viver, uma nova visão da bondade de Deus levará sempre a um arrependimento e purificação mais profundos. Assim foi com Isaías.

No caso de Jó, há clara e extensa prova de que ele era um homem muito justo antes de ter sido permitido ao diabo desafiar a sua integridade e antes de ter ganho a vitória sobre o ataque de Satanás contra ele, sendo-lhe proporcionada uma maravilhosa visão da bondade de Deus, e o recebimento do conseqüente arrependimento. Mas a evidência da mesma verdade não é tão plenamente declarada no caso de Isaías, embora esteja ali para todos os que tem os olhos espirituais abertos verem.

A evidência principal que confirma que Isaías era um verdadeiro filho de Deus antes de ter recebido a visão da bondade de Deus revelada no templo, é encontrada no facto que ele foi chamado para o ministério antes da visão lhe ter sido mostrada. Isto pode apenas significar que, no tempo em que foi separado pelo Senhor como Seu mensageiro e profeta,

já era um cristão convertido, pois o Altíssimo não chamará outra classe de pessoas para o Seu serviço. Esta verdade está confirmada no testemunho seguinte:

“O Espírito Santo é o sopro da vida espiritual na alma. A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo. Reveste o que O recebe com os atributos de Cristo. Unicamente os que são assim ensinados por Deus, os que possuem a operação interior do Espírito, e em cuja vida se manifesta a vida de Cristo, devem-se colocar como homens representativos, para servir em favor da igreja.” *O Desejado de Todas as Nações*, 769.

Então, para Isaías ter sido chamado pelo Senhor, como certamente foi, deve ter recebido “a transmissão da vida de Cristo”; recebido “os atributos de Cristo”; sido “ensinado por Deus”; possuído “a operação interior do Espírito”; e na sua vida, “manifesta a vida de Cristo.” De contrário, o Senhor nunca o teria chamado para ser o Seu mensageiro.

Alguns podem apontar Judas como um discípulo que não possuía estas qualificações, contudo ele foi numerado entre os doze. Que nunca seja esquecido que este homem nunca foi chamado por Deus para a posição que veio a ocupar. Ele forçou a sua própria entrada no círculo com o apoio dos outros discípulos. Ao mesmo tempo, a experiência de Isaías não tinha sido tudo aquilo que devia ter sido:

“Isaías tinha denunciado os pecados dos outros; mas agora ele via-se a si mesmo exposto à mesma condenação que tinha pronunciado sobre eles. Tinha estado satisfeito com uma fria cerimónia sem vida na sua adoração de Deus. Ele não tinha sabido isto até que a visão lhe foi mostrada pelo Senhor. Quão pequeno ele agora aparecia na sua sabedoria e talentos enquanto olhava a santidade e majestade do santuário. Quão indigno era ele! quão inapto para o sagrado serviço! A sua visão de si mesmo podia ser expressada na linguagem do apóstolo Paulo, ‘Que miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?’” *S.D.A. Bible Commentary* 4:1139.

Para alguns, esta descrição da experiência de Isaías antes da visão lhe ser dada, seria tomada para indicar que ele não era, de facto, um cristão renascido nessa altura apesar do facto de ter sido apontado por Deus para ser o Seu mensageiro profético. Contudo, por causa da conversão não nos livrar instantaneamente da total depravação para a completa perfeição, as palavras que descrevem o nosso estado convertido têm um relativo sentido, uma aplicação limitada. Portanto, tudo o que esta citação declara, podia ser dito de Isaías como um filho de Deus que, embora renascido, ainda precisava, como todos os cristãos, precisam, de mais libertação da imperfeição que ainda habita em nós. Tudo isso necessita da mais clara revelação da bondade de Deus e profundo arrependimento e purificação que isto produz.

Quando essa poderosa experiência veio a Isaías, ele obteve uma preparação para o serviço que excedia de longe aquilo que ele possuía até ali. Agora ele estava inspirado, confiante em Deus, e pronto para responder ao divino chamamento. Ele declara:

“Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia; ‘A quem enviarei, e quem há de ir por nós?’ Então disse eu: ‘Eis-me aqui, envia-me a mim.’” *Isaías* 6:8. O Senhor de bom grado aceitou a dedicação de Isaías para o Seu serviço, deu-lhe exactamente as mensagens que o povo necessitava, e enviou-o a pregar as Suas palavras a Judá e Benjamim. Ele nunca esqueceu aquela visão. Ela estava sempre perante ele e foi um dos factores principais na manutenção de um consistente e estável ministério.

Deus advertiu-o de que a tarefa não seria fácil e que a sua obra pareceria ser infrutífera, mas que no fim, o plano divino seria posto em prática, e os propósitos do Senhor seriam cumpridos.

“Esta garantia do cumprimento final do propósito de Deus levou coragem ao coração de Isaías. Que importava que poderes terrestres se arregimentassem contra Judá? Que

importava que o mensageiro do Senhor enfrentasse oposição e resistência? Isaías tinha visto o Rei, o Senhor dos exércitos; ouvira o cântico dos serafins: 'Toda a Terra está cheia de Sua glória' (Isaías 6:3); ele tivera a promessa de que as mensagens de Jeová ao apostatado Judá seriam acompanhadas pelo convincente poder do Espírito Santo; e o profeta foi revigorado para a obra que tinha diante de si. Através de sua longa e árdua missão ele levou consigo a lembrança desta visão. Durante sessenta anos ou mais ele permaneceu diante dos filhos de Judá como um profeta de esperança, tornando-se cada vez mais ousado em suas predições do futuro triunfo da igreja." *Profetas e Reis*, 310.

O dia do triunfo final está a aproximar-se. Em breve a poderosa obra do profeta do evangelho, Isaías, deve chegar à completa maturidade à medida que nós hoje edificamos os fundamentos de muitas gerações e fazemos preparação para enfrentar os últimos elementos da estrutura no lugar devido.

Para finalizar a obra com eficácia, o Senhor tem de preparar o Seu povo hoje como preparou Isaías no passado. Esta obra deve envolver o nosso despertar para a nossa condição espiritual, de modo que sejamos movidos a procurar o Senhor e a Sua justiça com todo o coração. Enquanto por um lado podemos regozijar-nos nas grandes verdades que temos visto até aqui e o seu maravilhoso efeito benéfico para as nossas vidas, por outro, necessitamos de compreender realmente que não há ponto de paragem, nenhum nível a que possamos chegar e sentir que chegámos completamente ao fim. Não importa quão longe tenhamos chegado mesmo ao ponto onde o Senhor possa dizer como disse de Jó que nenhum há igual a vós na terra, há ainda uma infinidade a alcançar para além disso. Parar em qualquer ponto é começar um fatal retrocesso que, se não for detido a tempo, condenará mesmo o melhor cristão à destruição. Todo o crente deve estar completamente ciente do perigo de deslizar para a complacência e de perder a sua preparação para a participação na luta final. Aquilo que nós necessitamos mais do que qualquer outra coisa é uma clara visão da glória de Deus, perfeição, poder, majestade, justiça, e bondade de Deus como a que foi dada a Isaías. Esta revelação mostrará o nítido contraste entre aquilo que nós somos e o que necessitamos ser, e, à medida que alcançamos as promessas de Deus, e prosseguimos vigorosamente em direcção à marca do nosso elevado chamamento, o Senhor cumprirá mais do que as mais elevadas expectativas daqueles que colocam a sua confiança n'Ele. Clara será a nossa visão de nós mesmos e da nossa inaptidão e indignidade; profundo será o arrependimento; profunda será a nossa purificação; e maravilhosa a preparação com a qual o Senhor nos dotará.

O tempo chegou para pedir ao trono da graça uma revelação da divina bondade. Cada crente que compreende a necessidade desta hora insistirá com o Senhor para que lhe mostre a bondade de Deus de modo que possa ser trazido ao arrependimento. A hora é tardia; a necessidade é urgente. Levantemo-nos, portanto, do nosso torpor e lancemos mãos à obra como nunca fizemos antes ou pensámos ser possível.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 9

As vidas dos maiores cristãos, dos homens que caminharam mais próximo de Deus, demonstram que, “A cada passo para a frente em nossa *experiência cristã*, nosso arrependimento se aprofundará.” *Atos dos Apóstolos*, 561. As experiências que tanto Jó como Isaías passaram claramente revelam a verdade disto. Jó foi verdadeiramente um homem justo de quem o Senhor testificou que nenhum havia como ele em toda a terra, contudo, quando ele obteve uma convincente vitória sobre o diabo e seus agentes, e lhe foi dada uma maravilhosa revelação da bondade de Deus, entrou numa tal profundidade de arrependimento a qual não havia conhecido anteriormente.

“Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza.” *Jó* 42:6.

Semelhantemente, quando Isaías foi abençoado com uma visão da perfeição e justiça de Deus no Seu santuário, viu a pecaminosidade do pecado e a sua própria imperfeição humana como não as havia visto anteriormente e foi levado a uma nova profundidade de arrependimento. Assim será sempre.

Ninguém tem qualquer dificuldade em ver que quando um indivíduo comete um pecado específico, deve arrepender-se da transgressão e deixar de praticar a sua má acção. O que necessita ser compreendido é que há outro arrependimento que não envolve deixar um pecado específico, mas que é o desenvolvimento no crente de um cada vez maior aborrecimento pelo mal. É o arrependimento da *pecaminosidade*, o crescente ódio ao pecado por aquilo que ele é. A profundidade deste arrependimento estará em directa proporção da extensão em que vimos a bondade de Deus. A capacidade para ver a bondade de Deus e a justiça de Deus, enquanto nos aproximamos mais d’Ele. Quanto mais nos tornamos semelhantes a Deus no carácter, mais claramente veremos a Sua perfeição, e maior será o nosso arrependimento. Portanto, é a verdade que, os mais dedicados e justos filhos de Deus, são os que, tendo visto a bondade de Deus muito mais claramente do que aqueles que se mantêm satisfeitos em permanecer num baixo plano espiritual, têm

recebido o precioso dom do arrependimento em maior quantidade do que os seus companheiros.

Se qualquer crente deseja um profundo, arrependimento purificador, então procure entrar mais profundamente na comunhão com Deus de modo que, nesta comunhão, desenvolva a capacidade para ver a justiça do Pai eterno com crescente clareza. Isto pode unicamente levar a um contínuo arrependimento profundo.

A vida de Moisés confirma esta verdade. Sob a orientação de Deus e sua diligente resposta a ela, este homem tinha desenvolvido uma capacidade para comungar com Deus que o capacitou para verdadeiramente habitar directamente na presença do Altíssimo, num período inicial de quarenta dias e quarenta noites, ao que se seguiu uma segunda sessão com a mesma duração. Quando ele voltou do segundo período, a sua face brilhava com a glória de Deus com tal poder que o povo não conseguia olhar para ele. Foi obrigado a usar um véu sempre que estava na presença do povo.

O início deste acontecimento foi encontrado no direito de primogenitura espiritual que ele obteve num ponto de tempo muito anterior, e treino dado pela sua mãe.

Quando Moisés sendo ainda um pequeno bebé foi adoptado pela princesa, e a Joquebede, sua mãe religiosa foi dada a tarefa de cuidar dele, certificou-se que lhe dava a melhor educação possível. “Fielmente aproveitou a oportunidade para educar seu filho para Deus. Confiava em que ele fora preservado para alguma grande obra, e sabia que breve deveria ser entregue à sua régia mãe, para ser cercado de influências que tenderiam a desviá-lo de Deus. Tudo isto a tornava mais diligente e cuidadosa em sua instrução do que na dos demais filhos. Esforçou-se por embeber seu espírito com o temor de Deus e com o amor à verdade e justiça, e fervorosamente orava para que ele pudesse preservar-se de toda a influência corruptora. Mostrou-lhe a loucura e o pecado da idolatria, e cedo o ensinou a curvar-se e a orar ao Deus vivo, que unicamente poderia ouvi-lo e auxiliá-lo em toda a emergência.” *Patriarcas e Profetas*, 248, 249.

Tão eficaz foi este treino inicial que Moisés foi capaz de resistir aos determinados esforços da religião egípcia e poderes políticos para o afastar de uma vida de serviço dedicado ao verdadeiro Deus. Entre a tenra idade dos doze e os quarenta anos, ele esteve na mais opulenta e corrupta sociedade que então existia e não escapou inteiramente incólume.

“Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influências que o haviam cercado no Egipto – o amor de sua mãe adoptiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o apuro, a subtileza e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idólatrico, a solene grandiosidade da arquitectura e escultura – tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e carácter. O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus podiam remover estas impressões. Renunciar o erro e aceitar a verdade requeria da parte de Moisés mesmo uma luta tremenda; mas Deus seria seu auxiliador quando o conflito fosse demasiado severo para a força humana.” *Patriarcas e Profetas*, 253.

Como herdeiro do trono e habilidoso general dos egípcios parecendo invencível em grandeza militar, tinha a tendência para desenvolver um grau de auto-suficiência. Foi isto que o levou a matar o egípcio sob a ideia errada de que o Senhor armaria os israelitas e dar-lhes-ia o poder para escaparem todo-poderosos destruindo os exércitos do inimigo.

Este assassinato, em vez de iniciar o levantamento dos israelitas, serviu para levar Moisés para outra escola completamente diferente, um programa educacional onde desaprenderia muito do que tinha adquirido no Egipto, enquanto precisava de aprender muito para tomar esse lugar.

“Matando o egípcio, Moisés caíra no mesmo erro tantas vezes cometido por seus pais, de tomar nas próprias mãos a obra que Deus prometera fazer. Não era vontade de Deus libertar o Seu povo pela guerra, como Moisés pensava, mas pelo Seu próprio grande poder, para que a glória Lhe fosse atribuída a Ele tão-somente. Todavia, mesmo este acto precipitado foi superiormente encaminhado por Deus a fim de cumprir Seus propósitos. Moisés não estava preparado para a sua grande obra. Tinha ainda a aprender a mesma lição de fé que havia sido ensinada a Abraão e Jacó – não confiar na força e sabedoria humana, mas no poder de Deus, para o cumprimento de Suas promessas. E havia outras lições que, em meio da solidão das montanhas, devia Moisés receber. Na escola da abnegação, e agruras, ele devia aprender a paciência, a moderar as suas paixões. Antes que pudesse governar sabiamente, devia ser ensinado a obedecer. Seu coração devia estar completamente em harmonia com Deus, antes de poder ele ensinar o conhecimento de Sua vontade a Israel. Pela sua própria experiência devia estar preparado a exercer um cuidado paternal sobre todos os que necessitavam de seu auxílio.” *Patriarcas e Profetas*, 252, 253.

É evidente que Moisés desenvolveu um nível muito elevado de comunicação com Deus durante esses aparentemente improdutivos quarenta anos como pastor em Midiã. É a proximidade de relacionamento e a abertura de comunicação que o Senhor deseja estabelecer com cada um dos Seus filhos, e que serviu para tornar Moisés apto para as pesadas responsabilidades que iriam ser colocadas sobre ele.

“Encerrado nas fortificações das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Os templos magníficos do Egito não mais lhe impressionavam o espírito, com sua superstição e falsidade. Na grandiosidade solene das colinas eternas via ele a majestade do Altíssimo, e em contraste compreendia quão importantes e insignificantes eram os deuses do Egito. Por toda a parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra de Seu poder. Ali o seu orgulho e presunção foram varridos. Na simplicidade severa de sua vida no deserto, os resultados do ócio e luxo do Egito desapareceram. Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 254.

A sua experiência é comparável com a de João Baptista quando este do mesmo modo passou todos aqueles anos em comunhão com Deus na solitude do seu refúgio no deserto. Deus através desta associação com o Seu dedicado servo, João, alcançou os mesmos resultados gloriosos como produzidos em Moisés, como está escrito do precursor de Cristo; “Ele contemplou o Rei na Sua beleza e o próprio eu foi esquecido.” *O Desejado de Todas as Nações*, 89.

Moisés emergiu desta escola no deserto para se confrontar com o orgulhoso poder do Egito uma e outra vez, vendo em cada confrontação que o poder do homem nada era em face dos poderes da natureza e Seu Criador. Ele tinha conhecido a corrupção do Egito antes de partir, e posterior marcado desenvolvimento de iniquidade tinha amadurecido durante a sua ausência. Vindo directamente de uma vida a sós com Deus na solene grandeza das eternas montanhas onde tudo era justiça, pureza, e paz, ele deve ter sentido o imenso contraste entre isso e a impiedade do reino de Faraó. Tendo visto a maravilhosa bondade de Deus como manifestada nas Suas obras criadas, ele foi abençoado com aquele arrependimento que é manifesto, não tanto na confissão de um pecado em particular, mas no peso da própria pecaminosidade.

Quando Moisés regressou à nação do Nilo, a sua desesperada iniquidade, e indiscreta corrupção devia ter causado em si a esperança de que o Senhor se levantasse e destruísse estas pessoas da face da Terra, tal como os habitantes do Universo esperaram que o

Senhor fizesse quando Cristo estava prestes a aparecer na Terra, como está escrito: “Com intenso interesse, os mundos não caídos observaram para ver Jeová levantar-Se e assolar os habitantes da Terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 34.

Mas, em vez de destruir os egípcios, o Senhor ordenou a Moisés que transmitisse ao seu orgulhoso, pecaminoso, dirigente, uma mensagem de amor divino, uma revelação da segura colheita que os pecados da nação estavam prestes a trazer sobre eles, e um misericordioso convite para inverter o seu caminho antes que fosse demasiado tarde. Não houve a mais pequena sugestão que o Senhor em breve retiraria o Seu poderoso braço e os faria desaparecer. Ao mesmo tempo, a advertência era que a destruição viria se não houvesse arrependimento, mas os iminentes desastres não seriam consequência dos actos de Deus, mas um resultado de Ele perder o controlo sobre os poderes da natureza.

Duma forma ilustrada, nos mais claros meios de comunicação, Deus, através de Moisés, transmitiu a mensagem do que estava prestes a acontecer, e qual o papel do Senhor quando isso se desse. Enquanto Moisés estava na presença do rei, simbolizava Deus, e como tal era uma revelação do eterno amor e misericórdia do Pai eterno. A vara nas mãos de Moisés era um símbolo do poder como evidenciado pela forma como ela foi usada uma e outra vez durante a jornada do Egipto para Canaã. Quando foi levantada sobre o Mar Vermelho, um grandioso poder dividiu as águas; quando foi levantada outra vez depois do povo de Deus em segurança ter atravessado o mar, as águas se fecharam; enquanto levantada, os judeus eram vitoriosos na batalha contra os amalequitas; etc.

Enquanto Moisés permanecia perante o Faraó, segurando a vara nas suas mãos, ela estava sob o seu controlo e permanecia como uma vara de bênção e protecção, mas no momento em que ele a libertava do seu comando e desse modo não mais estava sob a sua direcção, ela imediatamente se transformava numa serpente, o símbolo de um destruidor. O que acontecia então, não era da responsabilidade de Moisés.

Por este meio o Senhor estava procurando comunicar ao ímpio monarca uma mensagem de amor salvador. O Senhor estava dizendo no tom do mais terno convite, “Faraó, a tua situação é desesperada. Durante séculos os reis e o povo do Egipto têm-se rebelado contra Mim. A tua geração é a pior e merece ser destruída, mas, no Meu grande amor para contigo, tenho continuado a manter sob o Meu controlo as terríveis forças da natureza que te cercam. Enquanto Eu fui capaz de o fazer, aqueles poderes têm sido uma bênção para ti, mas chegou o tempo em que o teu desafio ao Céu, e as tuas exigências para que te deixe tornaram-se tão insistentes e tão grandes, que não tenho outra alternativa senão deixar os poderes da natureza e deixar-te de acordo com os teus próprios desejos, desprotegido da sua furiosa destruição. Faraó, no Meu grande amor, isto é a última coisa que quero ver acontecer-te, portanto por favor responde aos Meus apelos de modo que, ao manter a Minha mão controladora sobre as forças da natureza, serás preservado do desastre.”

Ora, é claro que o orgulhoso governante do Egipto tinha apenas um pequeno conceito dos poderes que o ameaçavam e ao seu povo, pois a natureza sob o controlo de Deus não manifesta o seu verdadeiro potencial. Semelhantemente uma bomba que não tenha explodido parece inofensiva. Não é senão quando for detonada que o seu verdadeiro poder pode ser avaliado por aqueles que sobrevivem à explosão.

Os cientistas modernos têm estudado diligentemente o temível poder existente nos elementos e calcularam que “uma simples tempestade pode libertar 125 milhões de galões (473.125 metros cúbicos ou 473.125.000 litros) de água e descarregar energia suficiente para fornecer energia eléctrica a todos os Estados Unidos durante vinte minutos. Um furacão na sua força total multiplicará estes valores astronomicamente 12.000 vezes.

“No seu terrível poder, tempestades têm batido assustadores recordes de morte e destruição. No Bangladesh em 1970, um ciclone tropical com chuvas torrenciais e ventos de 120 milhas (222 quilômetros) por hora ceifou 300.000 vidas.” *Storm, a Time-Life book*, pag. 6.

O Faraó cuja ignorância das poderosas forças contidas na natureza era grande, tão grande quanto a sua falta de conhecimento acerca do plano da salvação, procurou recusar a mensagem do Senhor como inconsequente. Ele chamou os seus magos para operarem os seus encantamentos transformando as suas varas em serpentes. Eles fizeram isto *aparentemente* pois está para além do poder do diabo e dos seus servos criarem vida.

“Os magos não fizeram realmente suas varas transformar-se em serpentes; mas, pela mágica, auxiliados pelo grande enganador, foram capazes de produzir esta aparência. Estava além do poder de Satanás transformar as varas em serpentes vivas. O príncipe do mal, possuindo embora toda a sabedoria e poder de um anjo decaído, não tem o poder de criar ou dar a vida; isto é prerrogativa de Deus somente. Mas tudo que estava no poder de Satanás fazer, ele o fez; produziu uma contrafação. À vista humana as varas tinham sido transformadas em cobras. E que assim fosse, acreditavam Faraó e sua corte. Nada havia em sua aparência para distingui-las da serpente produzida por Moisés. Se bem que o Senhor fizesse com que a serpente verdadeira tragasse as serpentes espúrias, contudo mesmo isto foi considerado por Faraó, não como uma obra do poder de Deus, mas como o resultado de uma espécie de mágica superior à de seus servos.” *Patriarcas e Profetas*, 268, 269.

Ora, tão certamente como Deus estava a transmitir uma mensagem ao transformar a vara de Moisés numa serpente viva, assim o Faraó deu a sua resposta ordenando aos seus mágicos que convertessem as suas varas em aparentes serpentes. Ele estava a declarar que não havia necessidade de Deus manter o Seu controlo sobre os poderes da natureza, porque ele, na sua auto-suficiência, estava bastante confiante que ele e os seus feiticeiros podiam tratar de tais problemas convenientemente. O testemunho da vista e das circunstâncias parecia confirmar a sua posição, porque aqui estava a única serpente de Moisés confrontada por um exército de serpentes egípcias. Para um rei que cria e sobrevivia pelo poder dos números, o resultado antevia a conclusão. Estava quase seguro que a sua maior quantidade de serpentes rapidamente devorariam o único réptil que as enfrentava.

Todavia nenhum homem, mesmo que ele seja o mais poderoso monarca da Terra, tem o poder necessário para controlar os elementos uma vez que eles deixem as mãos de Deus. O Faraó estava a manifestar um espírito da mais elevada exaltação-própria; ele estava a colocar-se a si próprio num nível superior ao Altíssimo. Considerava-se a si mesmo capaz de fazer aquilo que unicamente o Senhor pode fazer. Foi o mais claro desrespeito por Deus, rebelião contra a Sua autoridade, rejeição das Sua ofertas de salvação e protecção, e manifestação de ingratidão pela paciência e misericórdia do Senhor.

Bem podia Moisés ter esperado que o Senhor respondesse com ira e indignação sem mais demora ou paciência, vingando-Se com terríveis punições sobre a cabeça desprotegida do insensato rei. Em vez disso, no Seu abundante amor e misericórdia, continuou a fazer amorosos apelos ao rei. Para avisar o monarca que não encontraria escape possível na sua suposta capacidade para controlar as forças que o ameaçavam, o Senhor então deu poder à serpente de Moisés para devorar todas as que foram enviadas pelo rei. Foi uma clara demonstração da parte de Deus, que o rebelde potentado estava perigosamente enganado quando pensava que podia evitar a punição da sua apostasia ao assumir o lugar de Jeová como controlador dos poderes que o ameaçavam. Com a mesma certeza como uma serpente devorou todas as suas opositoras, também as terríveis forças

da natureza sem controlo, certamente absorveriam todos os recursos que o poder do Faraó dispunha, e depois prosseguiria aplicando a destruição como se nenhuma resistência tivesse sido feita.

Então o Senhor ordenou a Moisés que tomasse segurasse a serpente, a qual imediatamente voltou a ser uma vara no instante em que ficou de novo ao controlo de Moisés.

Por esta acção, Deus, preocupado com o bem-estar do rei e do povo, estava a dizer ao Faraó que em qualquer altura que ele estivesse preparado para aceitar o aviso e o arrependimento, o Senhor com satisfação voltaria a colocar os poderes da natureza sob controlo, e assim acabaria a obra destruidora que tinha começado como fruto directo da sua apostasia.

Enquanto Moisés operava sob a direcção pessoal de Deus, deve ter visto a incrível bondade de Deus em todas as Suas relações com a apostatada nação. O mensageiro do Senhor conhecia a missão de misericórdia prestada por José sob a bênção e direcção de Deus; conhecia o tempo em que um Faraó que se levantou depois da morte de José mandou apagar o nome de José da história, um acto que era uma rejeição, não meramente do servo de Cristo, mas do próprio Cristo; conhecia a cruel, desumana escravidão do povo de Deus; conhecia a rejeição do seu próprio ministério na corte do Egipto durante os primeiros quarenta anos da sua vida; e o ateísmo e o desafiador espírito de Deus nutrido pelo rei e povo daquela que era a mais poderosa nação da Terra.

Moisés conhecia tudo isso melhor do que ninguém no mundo, e a sua alma justa deve ter sido carregada de indignação enquanto ouvia as jactanciosas, desafiadoras e rebeldes palavras do orgulhoso potentado. Ele não se surpreenderia se o Senhor tivesse destruído todos, tanto o rei como o povo.

Pelo contrário, depois de tudo isso, Deus não mostrou a menor disposição para ferir e destruir o rei e o seu povo. Em vez disso, vemos apenas compaixão, terno amor manifestado com um único pensamento em mente – salvá-los se, apesar de tudo, dessem ouvidos à voz da misericórdia e razão. Perante os nossos espantados, humildes, e maravilhados olhos contemplamos o Deus do Universo, o poderoso Rei dos reis e Senhor dos Senhores, cuidadosamente explicando ao Faraó o perigo que o ameaçava e ternamente convidando-o a arrepender-se e converter-se para que a destruição pudesse ser desviada.

Isso é bondade! Essa é a bondade de Deus! Não há outra bondade semelhante a essa! Seja qual for a extensão em que é vista, compreendida e aceite, levará ao arrependimento.

Tragicamente, o governante egípcio e o seu povo falharam completamente em ver e apreciar esta incrível manifestação de bondade para com eles. Não compreenderam o assombroso peso de condenação que estava prestes a cair sobre eles, pois não tinham a convicção do pecado, nem viam que estavam completamente merecendo a morte e mereciam ter morrido muito antes. Não compreendiam que, separados de Deus, não somente se separavam da vida, mas expunham-se às selvagens, não restringidas convulsões da natureza fora da direcção e controlo de Deus.

Tivessem eles compreendido isto, embora permanecessem na ignorância do verdadeiro carácter de Deus, teriam esperado que Ele se enchesse de indignação e ira contra si. Mas, em vez disso, descobri-l'Os iam cheio de amor perdoador num infinito grau. Então, à medida que a comessem a ver a bondade de Deus tomando sobre Si mesmo o sofrimento, enquanto lhes concedia uma totalmente desmerecida forma de escapar, teriam sido levados ao arrependimento. Todavia, não viram isto e, em consequência, permaneceram na escravidão, desafiadores e não arrependidos.

É muito duvidoso se os israelitas, espiritualmente entorpecidos por séculos de escravidão, podiam ver a bondade de Deus manifestada em tudo isto, mas podemos estar certos que Moisés viu. Para ele, a manifestação do perfeito, bondoso carácter de Deus teria sido notoriamente visível, especialmente à medida que ele, na frescura da sua comunhão pessoal com Deus no deserto, tivesse visto a impiedade dos egípcios na sua verdadeira luz e reconhecido quão completamente merecedores eram os apóstatas da destruição total.

Quando Moisés viu a bondade de Deus, e como tal amor podia ser desdenhado, a sua própria abominação pelo pecado deve ter sido intensificada, o que não era mais do que o aprofundamento do seu próprio arrependimento.

Os cristãos frequentemente estendem as mãos do perdão para o pecador que pecou contra eles, e depois sentem que foram a segunda milha. Se o ofensor não se arrepende e corrige o seu comportamento, há uma decidida tentação de lavar dele as mãos, abandonando-o à sua merecida punição, e gozar um certo sentido de satisfação quando o vemos atacado pela dificuldade e desastre.

Se Deus tivesse este carácter, teria instruído Moisés para declarar ao orgulhoso governante que lhe havia sido dada mais do que uma justa oportunidade e agora a misericórdia não mais lhe seria mostrada. Mas, louvado seja o Seu santo nome, por esse não ser o Seu carácter. Em vez disso, vemos Deus precisamente esperando com ardente esperança que o Faraó se arrependesse o suficiente de modo a ser levantada a terrível praga. Um tal arrependimento não veio em resposta à primeira praga que esteve em acção pelo espaço de sete dias.

Quando a segunda praga invadiu a terra com rãs, o rei “. . . ficou algo humilhado.” *Patriarcas e Profetas*, 270. O Faraó estava preparado para reconhecer que os mágicos não podiam remover a peste e pediu a Moisés que o fizesse com a certeza de que o povo seria aliviado.

“E Faraó chamou a Moisés e a Arão, e disse: ‘Rogai ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; depois deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao Senhor.’” *Êxodo* 8:8.

O rei foi convidado a dizer o momento em que as rãs seriam retiradas e indicou o dia seguinte, “. . . esperando intimamente que no intervalo as rãs desaparecessem por si, salvando-o assim da amarga humilhação de sujeitar-se ao Deus de Israel.” *Patriarcas e Profetas*, 270.

Embora este arrependimento estivesse longe do genuíno, como é normalmente o caso quando uma pessoa está triste pelos sofrimentos que o pecado provoca, em vez de se entristecerem pelo pecado em si mesmo, foi suficiente para o Senhor retomar o controlo da praga. Logo que ele o fez, as rãs morreram e foram reunidas em montões.

Para aqueles que podiam ver isto, Deus na Sua terna bondade estava procurando evitar todo o sofrimento que podia. Sempre que o rei se arrependia, o Senhor actuou rapidamente a fim de remover a pestilência que tinha vindo somente porque Ele fora obrigado a libertar o Seu controlo sobre os poderes que Ele investiu na Natureza.

Assim foi de praga em praga. Em cada derramamento de ira, o rei ficou mais obstinado, mais determinado a resistir aos rogos do amor e misericórdia divinos. Com cada rejeição da bondade de Deus, ele abriu caminho para outras manifestações da natureza fora do controlo da mão de Deus. Sempre, o Senhor ali estava para salvar e restaurar se somente a Sua voz pudesse ser atendida pelo rei, mas nunca foi.

Uma clara revelação do terno amor de Deus e Seu desejo de salvar o povo mesmo quando ele merecia perecer, foi dado quando a sétima praga, a devastadora tempestade de saraiva, estava imminente. No caso do rio se tornar em sangue, as rãs, piolhos, gafanhotos, peste entre o gado, e as chagas, nada havia aparte do arrependimento que eles pudessem fazer para se salvarem a si mesmos e às suas propriedades. Todas as aflições

penetraram em todo o lado de modo que não havia maneira de lhes escapar. Portanto, um Deus de amor não podia aconselhar qualquer coisa que eles pudessem fazer para se protegerem a si mesmos, até que chegaram à praga da saraiva. Neste caso qualquer homem ou animal apanhado desprotegido certamente pereceria quando a tempestade irrompesse, enquanto os protegidos sobreviveriam.

A bondade de Deus não Lhe permitia deixar o povo sem advertência. O Senhor insistiu com eles para que se reunissem bem como ao seu gado nas suas casas e celeiros antes da assolação desta tremenda mortandade ter lugar. A advertência veio nestas palavras:

“Eis que amanhã, por este tempo farei chover saraiva mui grave, qual nunca houve no Egipto, desde o dia em que foi fundado até agora.

“Agora pois envia, recolhe o teu gado e tudo o que tens no campo; todo o homem e animal, que for achado no campo, e não for recolhido à casa, a saraiva cairá sobre eles, e morrerão.” *Êxodo* 9:18,19.

“A chuva ou a saraiva não eram comuns no Egipto, e uma tempestade como a que fora predita nunca havia sido testemunhada.” *Patriarcas e Profetas*, 274.

Portanto, requeria fé da parte dos egípcios crer na palavra de Deus a fim de se salvarem a si mesmos da morte e da destruição. Os que creram sobreviveram, e os que ignoraram a advertência pereceram com os seus animais.

Esta acção da parte de Deus ao advertir os pecadores é uma maravilhosa revelação da Sua bondade e do Seu carácter como um Salvador. Se Ele tivesse sido o executante da punição e o destruidor, então teria desejado a morte de tantos quanto possível dos que estavam nos campos para assegurar o sofrimento máximo. Porém, esse não é o caminho do Senhor. Pelo contrário, Ele é um Salvador no princípio e no fim. Quando Ele já não podia impedir a vinda da tempestade e por conseguinte, salvá-los da devastação, operou para os livrar de estarem realmente no exterior e sofrerem a morte.

Oh! que Deus é o nosso, sempre procurando salvar os homens da ruínosa colheita da sua própria sementeira!

Assim chegaram eles à última terrível maldição, a morte do primogénito. O Senhor não permitiu que esta terrível calamidade se deslocasse furtivamente entre eles sem que lhes fosse anunciada, mas avisou-os claramente de tudo o que estava para vir e deu-lhes instruções sobre os procedimentos que lhes garantiriam a protecção e sobrevivência. Embora os israelitas fossem os únicos a quem estes conselhos foram dados, havia por esta altura muitos egípcios que compreenderam que o conselho dado ao rei não devia ser ignorado, e tomaram conhecimento dos filhos de Israel de como evitar a punição da desobediência. Nessa fatídica noite, reuniram-se com os judeus à sombra do sangue espargido e foram preservados da terrível angústia sofrida pelos incrédulos.

A um homem com percepções espirituais e íntima comunhão com Deus como Moisés, todas estas experiências eram para ele incríveis revelações da bondade de Deus, que deviam ter operado nele um cada vez mais profundo arrependimento, no sentido em que este ódio ao pecado e o despertar para a sua própria ineficiência e fraqueza humana se tornasse cada dia mais claro.

Mas havia ainda mais para vir especialmente durante os maravilhosos dias passados com Deus na montanha. Acerca disso estudaremos no capítulo seguinte.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 10

O nosso estudo das vidas dos grandes homens como Jó, Isaías, e agora Moisés, demonstra com grande clareza que quanto mais vemos a bondade de Deus, mais profundo será o nosso arrependimento, e mais rica será a nossa experiência cristã. Vemos cada vez melhor que é verdade que “A cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará.” *Atos dos Apóstolos*, 561.

Outrora, tínhamos a tendência para limitar a aplicação destas palavras à nossa triste jornada neste mundo. Temos crido, sem dar a este assunto qualquer grande consideração, que uma vez finalmente limpos de todo o traço de pecaminosidade, e levados nas nuvens do céu, então o arrependimento será uma coisa inteiramente do passado, não sendo mais um elemento na nossa experiência.

Sem contestação, certos aspectos desta conclusão serão verdadeiros. Chegados ao Céu com todo o traço de pecado eternamente obliterado, e com os corpos, mentes, e corações para sempre selados contra a mais leve entrada do mal, nunca mais nos arrependeremos, confessaremos, e afastaremos uma única transgressão no Paraíso.

Aqueles factos tendem a levar-nos à conclusão que o arrependimento será uma coisa pertencente a esta Terra amaldiçoada pelo pecado, mas que não tem lugar no Céu. Mas apenas será verdadeiro somente no que diz respeito ao afastamento de um pecado específico; Esse tipo de arrependimento será então uma questão do passado. Todavia há um sentido em que o arrependimento continuará a aprofundar-se à medida que os séculos da eternidade passem, e isto necessita ser compreendido pelo povo de Deus à medida que vamos chegando ao fim do tempo. Tal conhecimento ajudar-nos-á grandemente na nossa compreensão que, não apenas nesta vida, mas também no Céu e na Nova Terra, “A cada passo para a frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará”.

Em que sentido será o Céu marcado com um mais profundo arrependimento?

Para responder a esta pergunta, será dada consideração à experiência dos anjos sem pecado. Quando o pecado primeiramente apareceu entre eles e foram obrigados a

escolher entre a luz e as trevas, não aborreceram nem se afastaram do pecado numa extensão infinita. Tão poderosamente o diabo disfarçou a verdadeira natureza do mal que perpetrara, que o pecado na realidade parecia desejável e a justiça tão restritiva que apenas servia para ser rejeitada. As consequências foram que, enquanto os anjos leais continuavam a servir verdadeiramente ao Senhor, não eram capazes de discernir a total implicação do problema do pecado, e como resultado, simpatizaram de alguma maneira com o diabo e sua causa. Odiavam o pecado tanto quanto podiam compreender a sua verdadeira natureza, mas não o suficiente no princípio para o rejeitarem total e eternamente. O que precisavam era do arrependimento que se manifesta a si próprio como uma profunda aversão ao pecado por causa daquilo que ele é, e não meramente por causa daquilo que faz à sua vítima. Esse arrependimento devia crescer neles à medida que, com o passar do tempo, testemunhassem a bondade de Deus para com os que estavam impregnados de iniquidade, e em relação aos que não tinham pecado. Para eles, o amor, a paciência, e a benignidade de Deus tornou-se espantosa ao contemplarem o Todo-Poderoso manifestando apenas amor perdoador para com aqueles que desprezavam a Sua graça e destruíam a obra das Suas mãos em todos os que estavam preparados para aceitar o Seu perdão e restauração.

Contudo a evidência é que, depois de quatro mil anos testemunhando constantemente a revelação do carácter de Deus estavam longe de o compreender. Manifestaram isto quando esperaram que a paciência do Senhor exaurisse, e em justa indignação, Se levantasse para obliterar da face da Terra os seus habitantes, como está escrito: “Com intenso interesse, os mundos não caídos observavam para ver Jeová levantar-Se e assolar os habitantes da Terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 34.

À medida que o nascimento de Cristo se aproximava, e a impiedade do mundo estava a chegar à sua total maturidade, esperavam que Deus recorresse a este procedimento, porque mesmo estes seres sem pecado não tinham compreendido completamente ainda a infinita bondade de Deus. Juntamente com esta limitação da sua compreensão do carácter de Deus, estava a correspondente limitação da sua experiência cristã, que por sua vez limitava o seu ódio ao pecado. E uma profunda aversão ao pecado só é possível depois de ter havido um mais profundo arrependimento.

Assim foi para espanto dos seres isentos de pecado, que o Senhor em vez de destruir este mundo pecaminoso fez o mais elevado sacrifício para o salvar.

“Em lugar de destruir o mundo, porém, Deus, enviou Seu Filho para o salvar. Embora se pudessem, por toda a parte do desgarrado domínio, ver corrupção e desafio, foi provido um meio para resgatá-lo. Justo no momento da crise, quando Satanás parecia prestes a triunfar, veio o Filho de Deus com a embaixada da graça divina. Através de todos os séculos, de todas as horas, o amor de Deus se havia exercido para com a raça caída. Não obstante a perversidade dos homens, os sinais da misericórdia tinham sido constantemente manifestados. E, ao chegar à plenitude dos tempos, a divindade era glorificada derramando sobre o mundo um dilúvio de graça vivificadora, o qual nunca seria impedido nem retido enquanto o plano da salvação não se houvesse consumado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 34.

À medida que os anjos e os habitantes dos mundos não caídos testemunhavam este acto de incrível bondade divina, deram um passo em frente na sua experiência cristã e o seu arrependimento foi aprofundado no sentido em que o seu aborrecimento pelo pecado foi intensificado, e a sua rejeição pelo mesmo tornou-se mais resoluta.

Deve ser sempre mantido em mente que os anjos, juntamente com aqueles que nunca pecaram, necessitam do ministério de Jesus para os salvar da transgressão. Eles não precisam deste ministério para os libertar da escravidão do pecado e de o cometerem, isto

é, para os resgatar da pecaminosidade e iniciá-los na justiça, pois nunca cederam à tentação, mas necessitam dele para os salvar de cometerem pecado. Há apenas uma forma pela qual os santos que nunca caíram podem ser salvos de cometerem pecado. Teria sido e eternamente será realizado pelo seu recebimento de uma cada vez mais compreensiva visão da bondade de Deus, que por seu lado criará um maior aborrecimento ao mal, e um mais decidido afastamento da iniquidade em favor da justiça.

Foi na cruz que a visão mais completa do carácter de Deus foi dada, e é essa absoluta, maior, mais completa, e perfeita gloriosa revelação da divina bondade, que os anjos devem contemplar continuamente, a fim de serem salvos de serem encantados pelos enganos de Satanás.

“A morte de Cristo na cruz tornou segura a destruição daquele que tem o poder da morte, que foi o originador do pecado. Quando Satanás for destruído, ninguém haverá para tentar ao mal; a expiação nunca mais precisa ser repetida; e não haverá perigo de outra rebelião no universo de Deus. Aquilo que unicamente pode eficazmente acabar com o pecado neste mundo de trevas, impedirá o pecado no Céu. A importância da morte de Cristo será vista pelos santos e anjos. Os homens caídos não poderiam ter um lar no Paraíso de Deus sem o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Não exaltaremos a cruz de Cristo? Os anjos atribuem honra e glória a Cristo, porque nem mesmo eles estão seguros excepto pela contemplação dos sofrimentos do Filho de Deus. É através da eficácia da cruz que os anjos do Céu estão guardados da apostasia. Sem a cruz eles não estariam mais seguros contra o mal do que estavam os anjos antes da queda de Satanás. A perfeição dos anjos caiu no Céu. A perfeição humana caiu no Éden, o paraíso da bem-aventurança. Todos os que desejam a segurança na Terra ou no Céu devem olhar para o Cordeiro de Deus.

“O plano da salvação, manifestando a justiça e o amor de Deus, fornece uma eterna salvaguarda contra a apostasia nos mundos não caídos, assim será também para aqueles que serão remidos pelo sangue do Cordeiro. A nossa única esperança é a perfeita confiança no sangue d’Aquele que pode salvar completamente todo aquele que vem a Deus através d’Ele. A morte de Cristo na cruz do Calvário é a nossa única esperança neste mundo, e será o nosso tema no mundo vindouro. Oh, nós não compreendemos o valor da expiação! Se a compreendêssemos falaríamos mais dela. O dom de Deus no Seu amado Filho foi a expressão de um compreensivo amor. Foi o máximo que Deus podia fazer para preservar a honra da Sua lei, e ainda assim salvar o transgressor. Porque não havia o homem de estudar o tema da redenção? Ele é o maior assunto que pode ocupar a mente humana. Se os homens contemplassem o amor de Cristo, demonstrado na cruz, a sua fé seria fortalecida para se apropriar dos méritos do Seu sangue derramado, e seriam purificados e salvos do pecado.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1132, 1133.

Notai bem que é o plano da salvação, não como muitos o possam compreender de várias maneiras diferentes, mas como ele torna manifesto a justiça e amor de Deus, que fornece uma eterna salvaguarda contra a apostasia nos mundos não caídos, assim como também para aqueles que serão remidos pelo sangue do Cordeiro. A justiça e o amor de Deus são a Sua infinita bondade que unicamente podem levar a pessoa ao arrependimento. Somente o verdadeiro arrependimento pode selar uma pessoa contra a entrada nas práticas pecaminosas, e quanto mais arrependida estiver, mais segura está contra a tentação. Assim é com os seres sem pecado na eternidade, quer sejam aqueles que nunca pecaram, quer sejam os que forem remidos desta Terra amaldiçoada pelo pecado, contemplarem a bondade de Deus na sua suprema revelação dada no Calvário, o seu arrependimento será aprofundado, e eles darão passos em frente nas suas experiências cristãs.

Quando os seres sem pecado olharam para a crucifixão, o seu discernimento da bondade de Deus foi mais penetrante do que havia sido até àquele ponto de tempo. Acharam isso suficiente para perder toda a simpatia por Satanás na sua homicida missão contra o trono e governo de Deus como está escrito:

“Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita. Qualquer que fosse a atitude que tomasse, não mais podia esperar os anjos ao virem das cortes celestiais, nem perante eles acusar os irmãos de Cristo de terem vestes de trevas e contaminação de pecado. Estavam rotos os derradeiros laços de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.” *O Desejado de Todas as Nações*, 731.

Por outras palavras, eles deram um grandioso passo em frente na sua experiência espiritual para além daquilo que tinham previamente alcançado e estavam mais decididamente selados em justiça do que anteriormente. O seu arrependimento tinha-se aprofundado. Mas, apesar do Calvário ser a revelação mais completa possível da bondade de Deus, é algo mais para os seres criados, mesmo quando o pecado nunca manchou as suas capacidades, para ver tudo o que devia ser visto quando a bondade de Deus foi revelada no infinito sacrifício feito na cruz. “Os anjos não perceberam, nem mesmo aí, tudo quanto se achava envolvido no grande conflito.” *O Desejado de Todas as Nações*, 731, 732.

Mas eles desejavam isso intensamente, e este mais precioso desejo de todos permanecerá com eles à medida que, com os remidos, devam a vindoura eternidade à investigação da infinita bondade de Deus como foi revelada na cruz. Então, com o avançar do tempo, eles, juntamente com os remidos, verão com crescente clareza aquilo que foi divinamente revelado há quase dois mil anos.

É quase impossível para nós hoje verdadeiramente apreciar o enriquecimento da experiência espiritual que isto trará a todos os que passarão a eternidade desta forma. À medida que dão um passo em frente na experiência cristã, o seu arrependimento se aprofundará no que eles terão um mais decidido aborrecimento pela iniquidade, um mais definido selamento contra qualquer recurso aos caminhos da injustiça, um conhecimento e apreciação muito maior da bondade de Deus.

Ora então, se por toda a eternidade em que os habitantes do Universo estão absolutamente livres do pecado, o nosso arrependimento está continuamente a aprofundar-se, devemos esperar que, não importa quão próximo do Senhor possamos caminhar nesta vida, verificaremos que nunca virá o tempo em que não necessitaremos de mais arrependimento. Pelo contrário, quanto mais perto caminharmos do Salvador, e mais claramente vejamos a incrível bondade do Seu carácter, mais poderoso será o arrependimento.

À luz destes factos, é seguro dizer que o arrependimento de Moisés foi continuamente aprofundando à medida que ele contemplava as grandiosas obras do Senhor na sua libertação do Egipto, na travessia do Mar Vermelho, e na marcha para o Monte Sinai. Foi na montanha que as maiores revelações dadas até então acerca do divino carácter lhe foram reveladas. Uma vez montado o acampamento e o povo estabelecido, o servo do Senhor foi chamado ao cimo onde foi abençoado com o incrível privilégio de comungar com Jeová, face a face. Tão totalmente foi ele sustentado durante o período de quarenta dias e quarenta noites que não tinha necessidade de comida ou bebida, e o dormir estava sempre afastado dos seus olhos. Teria sido impossível a esse maravilhoso homem de Deus ter passado esse tempo em comunhão face a face com o Senhor sem receber novas, maravilhosas, e profundas revelações da incrível bondade do seu Pai celestial. Ninguém

pode habitar na presença do Altíssimo sem aprender mais acerca d'Ele. Os mais privilegiados e abençoados anjos do Céu são aqueles que servem na Sua própria presença. É o desejo de todo o verdadeiro filho de Deus chegar-se a Ele tão próximo quanto seja possível de modo que receba nova e sempre mais ampla compreensão da divina bondade e assim seja levado a um mais profundo ódio pelo pecado, um mais positivo afastamento dele, e seja carregado com um mais intenso amor à justiça. Nesta questão, o princípio que opera é que “Porque àquele que tem se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado.” *Mateus 13:12*. Quando a voz de Deus disse os dez mandamentos por entre os trovões, o povo fugiu da Sua presença. Cheios de temor pediram ao Senhor que lhes não falasse, pois tinham receiam que pudessem morrer.

“E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte fumegando; e o povo, vendo isso, retirou-se e pôs-se de longe.

“E disseram a Moisés: Fala tu connosco, e ouviremos; e não fale Deus connosco, para que não morramos.” *Êxodo 20:18, 19*.

Mas, enquanto o povo se afastava, Moisés movia-se na direcção oposta – em direcção a Deus. “O povo estava em pé de longe; Moisés, porém, se chegou à escuridade, onde Deus estava.” *Êxodo 20:21*.

Moisés podia dirigir-se directamente à presença de Deus em perfeita segurança por causa da imaculada pureza da sua vida, e porque, através da constante comunhão com o seu Pai celestial, tinha estabelecido uma unidade de espírito e justiça que tornou a presença de Deus muito atractiva e desejável para si. Por isso àquele que tinha muito foilhe dado ainda mais. Que encorajamento isto é para todos aqueles que estão verdadeiramente procurando chegar-se à presença divina.

“Para o transgressor é coisa terrível cair às mãos do Deus vivo; mas Moisés esteve sozinho na presença do Eterno e não ficou amedrontado; pois tinha a alma em harmonia com a vontade de seu Criador.” *Patriarcas e Profetas*, 338.

Quando a lei foi proclamada no Monte Sinai em solene majestade, Moisés devia ter tido uma opinião muito diferente daquela que o povo compreendeu acerca dela. Enquanto este a via como um instrumento de condenação, ele reconheceu-a por aquilo que ela é, a transcrição do divino carácter de infinito amor e bondade. Ele podia sinceramente dizer como o salmista fez mais tarde, “Oh! quanto amo a Tua lei! é a minha meditação todo o dia.” *Salmo 119:97*.

À medida que Moisés ficava envolvido pelas espessas nuvens que escondiam do povo a majestade de Deus, o Senhor começou a revelar-lhe os maravilhosos princípios dos estatutos divinos como estão relatados entre os capítulos 21 e 23 de *Êxodo*. Então o Senhor chamou Moisés, Arão, Nadabe, Abiú, e setenta dentre os anciãos para se encontrarem com Ele por algum tempo no monte. Isto devia prepará-los para as dificuldades que iam enfrentar durante o iminente e prolongado encontro de Moisés com Deus no monte para receber instruções. Então Moisés subiu à presença de Deus o que se transformou numa permanência de quarenta dias e quarenta noites. “E Moisés entrou no meio da nuvem, depois que subiu ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites.” *Êxodo 24:18*.

Não se sabe quanto tempo mais ele estaria ali se a sua comunhão não tivesse sido encurtada pela rebelião do povo ao fazer um bezerro de ouro. Quando essa questão foi resolvida Moisés subiu de novo para um segundo período de quarenta dias na presença de Deus.

“E esteve ali com o Senhor quarenta dias e quarenta noites; não comeu pão, nem bebeu água. . . .” *Êxodo 34:28*.

Durante a primeira sessão, o Senhor deu-lhe os pormenores para a construção e serviços do santuário até ser interrompido pelo tumulto no acampamento em baixo. Quando Moisés regressou ao monte esta instrução foi completada. As Escrituras informam-nos destes acontecimentos entre os capítulos 25 e 40 de *Êxodo*.

Estes capítulos podem ser lidos em poucos minutos, o que significa que eles são um relato muito breve da grande quantidade de informação transmitida à poderosa mente de Moisés durante o total de oitenta dias e oitenta noites de contínua e concentrada instrução. Considerai então o volume de material que o Senhor lhe transmitiu que não foi escrito para nossa leitura.

À medida que o onisciente Instrutor revelava perante Moisés os planos e especificações para o santuário e seus serviços, estava descrevendo para ele a mais detalhada e compreensiva revelação do plano da salvação jamais dada à raça humana. Como nunca antes, esse grandioso homem de Deus viu a santidade e perfeição dos divinos estatutos, e que eles não podiam ser deixados de lado sem pôr em actividade sobre a cabeça desprotegida do transgressor forças destruidoras.

Enquanto via a lei sob a sua verdadeira luz, compreendia que o Altíssimo não podia deixar de lado um único preceito sem garantir a destruição de todo o reino. Ele compreendeu que o infinito, incompreensível amor é a força invencível que sustenta todo o Universo, e conquanto o Onnipotente tivesse o direito de obliterar o transgressor, a Sua disposição para salvar todo o que aceitasse o dom, levou-O a encontrar o único caminho pelo qual o perdido e separado podia ser encontrado e reunido a Ele sem importar o custo que isso tivesse para Si. Alguma apreciação do incrível custo a ser enfrentado pelo Pai e pelo Filho foi alcançada quando compreendeu a sublime verdade que a lei é tão santa, tão verdadeiramente a transcrição do carácter de Deus, que "... Apenas Aquele que criara o homem tinha poder para o redimir." *Patriarcas e Profetas*, 65.

"A lei de Deus quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu." *Patriarcas e Profetas*, 63.

Que adoração, amor, maravilha, e atitude deve ter inundado todo o ser de Moisés quando contemplou a entrega de Cristo, mesmo o desejo intenso, para fazer o supremo sacrifício, e sofrer a penalidade que o decaído homem tinha trazido sobre si próprio. Ele viu o cordeiro morrendo, a representação simbólica do sacrifício que devia ser feito no Calvário.

Nós hoje, que nunca estivemos onde Moisés esteve, e nunca vimos ou ouvimos as coisas gloriosas que lhe foram reveladas durante aqueles períodos no monte, temos apenas pálidos conceitos das indescritíveis experiências através das quais ele passou e o incalculável efeito que isto deve ter tido em todo o seu ser. Ondas de glória e arrebatamento varreram a sua alma enquanto estas maravilhas eram reveladas ao seu entendimento. Nunca, depois de ter sido levantado, viria ele ao santuário como um formal adorador, nem participou nos seus serviços como meras cerimónias. As indeléveis memórias do que lhe foi mostrado no monte manteriam para sempre aqueles rituais vibrantes com a vida de Cristo e as promessas em que ele esperava.

Poucos, se alguns outros homens de Deus, receberam uma tão extensa revelação da incrível bondade de Deus que leva ao arrependimento. Durante oitenta dias e oitenta noites uma contínua corrente de luz e verdade fluiu para o interior de Moisés. Diariamente as suas capacidades iam crescendo à medida que mais e ainda mais vida

divina fluía para ele. Continuamente, o seu próprio amor e gratidão estavam crescendo até que a sua própria alma vibrou com louvor.

Pensar-se-ia que, depois de quarenta dias e quarenta noites desta concentrada exposição ao infinito poder e bênção, ele ficasse satisfeito, mas não foi assim. Ele compreendeu que aquilo que tinha recebido tinha-o transportado à margem de um vasto oceano de bênção e estava ansioso por receber mais e mais. Portanto, ele compreendeu como nenhum outro homem jamais compreendeu, e orou, "... Rogo-Te que me mostres a Tua glória." *Êxodo 33:18*.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos." *Mateus 5:6*.

Mesmo assim, o principal motivo para Moisés fazer este pedido foi o seu conhecimento que precisava ter a presença do Senhor consigo e com Israel para sobreviverem à jornada que os esperava. O povo tinha pecado tão terrivelmente com o bezerro de ouro que havia razão para recear que tinham para sempre perdido a protecção, guia e presença divina.

Deus satisfez com agrado o pedido de Moisés até ao ponto em que o homem de Deus era capaz de suportar. O Senhor assegurou-lhe que faria passar perante si toda a Sua bondade, mas ele não podia ver Jeová face a face e sobreviver. Vede *Êxodo 33:20*.

Deus deve ter-se referido à Sua face descoberta, pois Ele tinha declarado anteriormente que tinha falado com Moisés face a face. "E falava o Senhor a Moisés cara a cara, como qualquer fala com o seu amigo. ..." *Êxodo 33:11*.

O que Moisés necessitava agora era uma revelação da bondade de Deus para além daquela que havia recebido no monte. Isso tinha sido velado. Agora ele devia ver tanto quanto podia suportar da mesma glória, *descoberta*.

"Deus não censurou o seu pedido como sendo presunçoso; mas foram proferidas palavras cheias de graça: 'Eu farei passar toda a Minha bondade por diante de ti'. A glória de Deus, desvendada, homem algum neste estado mortal poderá ver, e viver; mas Moisés assegurou-se que ele veria, tanto quanto poderia suportar, da glória divina. *Patriarcas e Profetas*, 337.

Então o Senhor fez passar uma *desvelada* revelação da Sua bondade perante Moisés. Que incrível revelação da divina vida e luz deve ter sido essa que grandemente ultrapassou a maravilhosa luz que lhe fora dada nos seus anteriores oitenta anos e especialmente como lhe tinha sido dada durante os quarenta dias que tão recentemente havia passado no monte. Se nós hoje pudéssemos ter apenas algum conceito real do que Moisés verdadeiramente recebeu e experimentou durante aqueles segundos quarentas dias, então poderíamos começar a conhecer o que lhe foi dado quando a bondade de Deus passou perante ele.

Uma tal maravilhosa revelação da desvendada bondade definitivamente teria levado Moisés a uma experiência de profundo arrependimento como certamente levou. Quando a glória passou, Moisés respondeu curvando-se espontaneamente até ao solo e arrependendo-se, e pedindo perdão pelo povo com quem se identificava. Exactamente como Daniel fez mais tarde, assim Moisés agora confessou os pecados de Israel como se eles fossem seus.

"E Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, encurvou-se.

"E disse: 'Senhor, se agora tenho achado graça aos Teus olhos, vá agora o Senhor no meio de nós; porque este é povo obstinado; porém perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado, e toma-nos pela Tua herança.'" *Êxodo 34:8, 9*.

Uma vez que compreendamos que, como a experiência dos habitantes sem pecado na perfeita eternidade de Deus será marcada por um sempre aprofundado arrependimento, e quando vemos homens como Moisés recebendo sucessivamente maiores revelações da

bondade de Deus, levando a arrependimentos sempre cada vez mais profundos, podemos entender que, durante a nossa jornada terrestre, devemos estudar as Escrituras sob a tutela do Espírito Santo de modo que alcancemos cada vez maiores visões da bondade de Deus e assim ser levados a esse verdadeiro arrependimento que aborrece a iniquidade e ama a justiça.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 11

A vida de Moisés é uma das melhores ilustrações da verdade que o arrependimento do crente deve ser uma experiência profunda que não o deixa com coragem para estar satisfeito com a ideia que alcançou a totalidade da sua pureza espiritual e que não há mais objectivos a alcançar neste campo. Isto torna-se evidente pelo facto de Moisés, depois de ter passado quarenta dias no monte com Deus, recebendo a incrível revelação da glória de Deus não velada que o levou a experimentar um arrependimento tão profundo como nunca antes.

Do mesmo modo os anjos sem pecado no Céu, apenas estão seguros quando fazendo da cruz a sua ciência e o seu louvor, obtêm cada vez mais extensas revelações da bondade e misericórdia de Deus. Estão seguros apenas enquanto fazem isto, pois, se desviassem os seus olhos do estudo do carácter de Deus, especialmente como é revelado no sacrifício feito no Calvário, cairiam da mesma forma como Lúcifer, os anjos que o seguiram, e Adão e Eva.

A vida de Moisés também ilustra este facto com grande poder e clareza, pois quando aquele que recebeu tanto de Deus tirou os olhos da sua Fonte, falhou grandemente. Este é um surpreendente desenvolvimento, pois esperar-se-ia que este grande homem de Deus, depois de passar quarenta anos na escola do deserto em Midiã onde Deus foi o seu Professor; depois de testemunhar a maravilhosa bondade de Deus que se estendeu aos escravos israelitas, e aos seus ímpios senhores, os egípcios, para alcançar a salvação de ambos; e especialmente depois de passar oitenta dias e oitenta noites em comunhão com Deus, no meio dos quais foi abençoado com uma visão aberta da glória do Senhor; estaria seguro de quaisquer posteriores manifestações de murmuração e incredulidade.

Isto é o que se esperaria, mas não foi assim. Moisés caiu gravemente, murmurou contra o Senhor e deu origem à introdução em Israel de um corpo de homens a quem o Senhor nunca planeou dar a posição que vieram a ocupar. Foi uma resposta incrível de um homem que recebera tanto e tinha sido tão significativamente moldado à imagem divina

por aquilo que recebeu. Na verdade, se um homem da sua estatura espiritual pode cair como ele caiu, que cuidado nós, mortais muito menos abençoados, temos que ter para estarmos certos de não sucumbir do mesmo modo em testes mais ligeiros.

A queda de Moisés aconteceu do seguinte modo:

Chegara o tempo para saírem do Monte Sinai, onde tinham passado quase um ano. (Ver *Patriarcas e Profetas*, 307.) Entre eles e Cades Barneia, a porta de entrada para a terra prometida, havia apenas uns meros onze dias de viagem, mas o terreno a atravessar nesses onze dias era extremamente rude e difícil.

“Avançando eles, o caminho se tornou mais difícil. Seu percurso estendia-se através de barrancos e desolação estéril. Tudo em redor deles era o grande deserto – ‘terra de charnecas e de covas’, ‘terra se sequidão e sombra de morte’, ‘terra em que ninguém transitava, e na qual não morava homem algum’. Jeremias 2:6. As gargantas de pedra, de longe e de perto, estavam repletas de homens, mulheres e crianças, com animais e carros, e longas fileiras de rebanhos e gado. Sua marcha era necessariamente lenta e trabalhosa; e as multidões, depois de seu longo acampamento, não estavam preparadas para suportar os perigos e incômodos do caminho.” *Patriarcas e Profetas*, 398, 394.

Apenas aqueles que viajaram nesta terra podem saber quão difícil a caminhada deve ter sido. Era uma desolada área desértica normalmente produzindo extremos de calor e de frio comuns ao deserto. As noites devem ter sido cortantemente frias, ao passo que, nascido o sol, os dias seriam como andar num forno, enquanto intensos raios irradiavam do chão desértico e das paredes dos desfiladeiros e dos vales profundos.

Felizmente para eles, a dureza do clima era consideravelmente suavizada pela protecção que vinha da nuvem. “Diz o salmista, ‘Estendeu uma nuvem por coberta, e um fogo para os alumiar de noite’. Salmo 105: 39; 1 Coríntios 10:1 e 2. O estandarte de seu Chefe invisível estava sempre com eles. De dia a nuvem guiava as suas jornadas, ou estendia-se como um dossel por sobre a hoste. Servia de protecção contra o calor ardente, e pela sua frescura e humidade proporcionava agradável refrigério no deserto ressequido e sedento.” *Patriarcas e Profetas*, 287, 288.

Apesar desta protecção, a viagem revelou-se muito difícil, muito mais do que o povo estava preparado para enfrentar. Três dias, foi tudo quanto foram capazes de suportar antes de começar a murmuração entre os viajantes.

“Depois de três dias de viagem, ouviram-se francas queixas. Estas se originaram com a mistura de gente, muitos dentre a qual não se achavam unidos completamente com Israel e estavam continuamente a espreitar qualquer motivo de censura. Os queixosos não se agradavam com a direcção da marcha, e estavam continuamente a achar defeito no modo como Moisés os estava a guiar, embora bem soubessem que ele, assim como todos, estavam seguindo a nuvem que os guiava. O descontentamento é contagioso, e logo espalhou-se pelo arraial.” *Patriarcas e Profetas*, 394.

Uma pessoa pode sentir-se justificada por concluir que face às duras condições sob as quais foram obrigados a viajar, se justificava a sua murmuração. Seguramente pensar-se-ia que eles tinham o direito de esperar que o Senhor operasse um milagre que abrisse uma estrada plana e recta perante eles tal como abriu um caminho através do Mar Vermelho. Mas, o Senhor não fez isto. Ele, o Único que tem conhecimento das consequências, considerou que essa jornada sob a Sua direcção e bênção não era muito dura para eles suportarem. Viu-a como uma ocasião em que deveriam compreender a sua necessidade de olhar para Ele pedindo força e assim, tornar a experiência numa lição de grande valor para eles.

O Senhor ficou desapontado e descontente com o povo quando este se queixou acerca da dureza do caminho, apesar deste ser na verdade muito difícil. “Queixando-se o povo,

era mal aos ouvidos do Senhor; porque o Senhor ouviu-o, e a sua ira se acendeu. . .” *Números 11:1*.

O resultado do povo não estar preparado para passar por aquilo que o Senhor os estava a levar, foi separarem-se d’Ele. O seu Protector não se retirou deles. Eles afastaram-se d’Ele até ao ponto em que passaram os limites da Sua protecção onde a destruição os esperava. Fogo devorador irrompeu entre eles e consumiu a muitos.

“... E o fogo do Senhor ardeu entre eles, e consumiu os que estavam na última parte do arraial.” *Números 11:1*.

“Os mais culpados dos queixosos foram mortos pelo relâmpago da nuvem.” *Patriarcas e Profetas, 396*.

Esta foi a mais severa resposta da parte de Deus à persistente murmuração até essa altura e havia uma boa razão para isto.

“Murmurações e tumultos tinham sido frequentes durante a jornada do Mar Vermelho ao Sinai; mas, compadecendo-Se de sua ignorância e cegueira, Deus não visitara então o pecado com juízos. Mas desde aquele tempo Ele Se lhes revelara em Horebe. Haviam recebido grande luz, visto que tinham sido testemunhas da majestade, do poder e da misericórdia de Deus, e sua incredulidade e descontentamento incorriam em maior delito. Ademais, haviam eles pactuado aceitar a Jeová como seu Rei, e obedecer à Sua autoridade. Sua murmuração era agora rebelião, e como tal devia receber imediato e assinalado castigo, para que Israel fosse preservado da anarquia e ruína.” *Patriarcas e Profetas, 395, 396*.

Quando o povo que ainda não havia sido consumido pelo fogo viu a terrível ameaça às suas vidas, correram a Moisés suplicando-lhe para orar para que o fogo parasse. Sua oração efectuou isto, mas toda a terrível experiência teve um efeito muito desanimador no servo e mensageiro de Deus.

“O coração de Moisés desfaleceu. Pleiteara que Israel não fosse destruído, mesmo que sua própria posteridade se tornasse então uma grande nação. Em seu amor por eles, rogara fosse antes o seu nome riscado do livro da vida do que se deixassem eles a perecer. Por eles arriscara tudo, e este era o modo em que correspondiam. Todas as suas dificuldades, mesmo os sofrimentos imaginários, assacavam a ele; e suas ímpias murmurações tornavam duplamente pesado o fardo de cuidados e responsabilidades sob que ele cambaleava.” *Patriarcas e Profetas, 396*.

Estou certo que Moisés compreendeu correctamente que o irromper do fogo consumidor entre eles era uma clara revelação do facto que a sua incredulidade e rebelião os tinha afastado da protecção de Deus, e havia a forte possibilidade da nação ser extinta. Se isto acontecesse, os propósitos de Deus seriam travados e o fim da batalha contra o pecado frustrado. Deus tinha feito previsão para o Messias vir através da semente de Abraão, não através de qualquer outro povo. Se essa palavra pudesse ser quebrada e tê-lo-ia sido se a nação fosse destruída no deserto, o plano de salvação teria falhado. Satanás mostraria ser mais poderoso do que Deus, e o pecado mais forte do que a justiça.

Moisés conhecia bem estas implicações e deve ter ficado profundamente desanimado com as perspectivas que os enfrentavam. Não é de admirar que o seu coração desfalecesse.

Séculos mais tarde, quando Daniel, ao relatar no seu oitavo livro, a visão da longa sucessão de perseguições e opressões que esperavam o povo do Senhor, e o facto que a finalização do reino do pecado ficaria assim aparentemente adiada indefinidamente, o profeta ficou tão desanimado com aquilo que viu que ficou tão doente e enfraqueceu, enquanto testificava: “E eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; . . .” *Daniel 8:27*.

Este é o efeito que tais revelações têm no dedicado servo do Senhor quando compreende a terrível ameaça que os enfrenta a ele e à causa de Deus. Daniel e Moisés conheciam a possibilidade do fracasso da obra. O efeito em Daniel foi tão intenso que ele ficou doente, enquanto Moisés começou a murmurar e desesperar.

“Então Moisés ouviu chorar o povo pelas suas famílias, cada qual à porta da sua tenda; e a ira do Senhor grandemente se acendeu, e pareceu mal aos olhos de Moisés.

“E disse Moisés ao Senhor: Por que fizeste mal a teu servo, e por que não achei graça aos teus olhos, que pusesses sobre mim o cargo de todo este povo?

“Concebi eu porventura todo este povo? Gerei-o eu para que me dissesses: Leva-o ao teu colo, como o aio leva o que cria, à terra que juraste a seus pais?

“Donde teria eu carne para dar a todo este povo? Porquanto contra mim choram, dizendo: Dá-nos carne a comer.

“Eu só não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim.

“E se assim fazes comigo, mata-me, eu to peço, se tenho achado graça aos teus olhos, e não me deixes ver o meu mal.” *Números 11:10-15.*

Esta é uma trágica e espantosa perda de fé e paciência da parte de Moisés e é comparada no seguinte extracto com o pecado do povo: “Não tinha desculpa, por condescender, por pouco que fosse, com o espírito de murmuração, que era a maldição de Israel.” *Patriarcas e Profetas, 397.*

Assim, Moisés estava a ceder ao mesmo espírito que tinha sido manifestado pelas multidões e pelo qual muitos foram consumidos nas chamas. Isto não é sugerir que o Senhor é parcial, pois havia uma boa razão para que a sua vida fosse preservada e as deles não. Aqueles que foram destruídos estavam na multidão mista e poucos se alguns entre eles tinham alguma vez renascido realmente, e desse modo nunca se tornaram os verdadeiros filhos do Senhor que gozavam da protecção que os não regenerados jamais conheceram. Nenhum verdadeiro filho de Deus, embora possa estar muito grato pela maravilhosa protecção que o Senhor lhe dá, nunca devia tomar como garantida esta provisão. Essa é uma prática prejudicial e perigosa.

Não devemos ser demasiado severos por Moisés, que havia recebido tanto, que passou oitenta dias na presença do Senhor, e se tornou o homem mais manso da Terra, pudesse reagir como reagiu.

É preciso compreender que, em alguns aspectos, o que ele tinha visto da bondade de Deus, e o pesado fardo pelo sucesso da obra que a sua comunhão com o Senhor tinha desenvolvido nele, tornavam-no muito mais capaz de compreender as implicações que envolvia a murmuração do povo. Aquilo que para eles tinha pouca consequência era para ele o sinal de que estavam a afastar-se do círculo protector do cuidado de Deus para a área perigosa fora da guarda do Onnipotente. Eles não podiam ver isto, mas Moisés podia. Portanto, estava sob a pressão do desânimo do qual eles conheciam pouco ou mesmo nada.

Eles estavam de forma egoísta preocupados com o seu próprio conforto físico; Moisés estava preocupado com o interesse da causa de Deus.

Mas a causa e as pressões não faziam diferença para o facto que ele devia manter firme, constante, inabalável fé. O que o Senhor precisava nesta altura era de um chefe que pudesse manter-se firme, calmo, sereno, confiante, e imutável em face da furiosa tempestade. Ele podia ter feito isto, pois o Senhor tinha-o preparado bem para isto durante os primeiros oitenta anos da sua vida. Estava familiarizado com a perfeição e o poder de Deus e sabia que o Senhor é um Deus fiel às Suas alianças e que honra as Suas promessas. Não havia a menor necessidade dele vacilar perante os propósitos e promessas de Deus. Devia confiar sempre no conhecimento que, apesar da maioria não

ver a Terra Prometida, haveria uns poucos leais que permaneceriam fiéis e verdadeiros independentemente do que acontecesse.

Ora, se este grande homem de Deus pôde falhar como claramente fez, então não há lugar para complacência da parte de qualquer crente em Jesus. Todos devem estar cientes que, não importa quão chegado o seu relacionamento com Cristo tenha sido ou quão abençoada e constante seja a sua comunhão com Ele, há sempre o perigo e o risco de falhar. É um perigo e um risco, mas não uma certeza. Ninguém precisa de ser vencido pela tentação, pois o Senhor fez abundante provisão para assegurar que todos possam sair vitoriosos de toda a experiência e tentação.

“O ideal de Deus para Seus filhos é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano. ‘Sede vós pois perfeitos, como é vosso Pai que está nos Céus’. Este mandamento é uma promessa. O plano da redenção visa ao nosso completo libertamento do poder de Satanás. Cristo separa sempre do pecado a alma contrita. Veio para destruir as obras do diabo, e tomou providências para que o Espírito Santo fosse comunicado a toda alma arrependida, para guardá-la de pecar.

“A influência do tentador não deve ser considerada desculpa para qualquer má acção. Satanás rejubila quando ouve os professos seguidores de Cristo apresentarem desculpas quanto à sua deformidade de carácter. São essas escusas que levam ao pecado. Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

“Descrevendo aos discípulos a obra oficial do Espírito Santo, Jesus procurou inspirar-lhes a alegria e esperança que Lhe animavam o próprio coração. Regozijava-Se Ele pelas abundantes medidas que providenciara para auxílio de Sua igreja. O Espírito Santo era o mais alto dos dons que Ele podia solicitar do Pai para exaltação de Seu povo. Ia ser dado como agente de regeneração, sem o qual o sacrifício de Cristo de nenhum proveito teria sido. O poder do mal se estivera fortalecendo por séculos, e pasmosa era a submissão dos homens a esse cativo satânico. Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da Terceira Pessoa da Trindade, a qual viria, não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder. É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo. É por meio do Espírito que o coração é purificado. Por Ele torna-se o crente participante da natureza divina. Cristo deu Seu Espírito como um poder divino para vencer toda tendência hereditária e cultivada para o mal, e gravar Seu próprio carácter em Sua igreja.

“Disse Jesus a respeito do Espírito: ‘Ele Me glorificará’. O Salvador veio glorificar o Pai pela demonstração de Seu amor; assim o Espírito havia de glorificar a Cristo, revelando ao mundo a Sua graça. A própria imagem de Deus, a honra de Cristo, acha-se envolvida no aperfeiçoamento do carácter de Seu povo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 646, 647.

“Daí em diante os seguidores de Cristo haviam de olhar a Satanás como inimigo vencido. Na cruz havia de alcançar a vitória por eles; essa vitória queria Jesus que aceitassem como deles mesmos. ‘Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum’.

“A onipotente força do Espírito Santo é a defesa de toda alma contrita. A ninguém que, em arrependimento e fé, haja invocado Sua protecção, permitirá Cristo que caia sob o poder do inimigo. O Salvador Se acha ao lado de Suas criaturas tentadas e provadas. Com Ele não pode haver coisa como fracasso, perda, impossibilidade ou derrota; podemos fazer todas as coisas por meio d’Aquele que nos fortalece. Ao sobrevirem as tentações e provas, não espereis até haverdes ajustado todas as dificuldades, mas olhai a Jesus, vosso Ajudador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 474, 475.

Assim, não havia desculpa para o grande Moisés que foi ricamente abençoado com a dádiva do Espírito Santo, ceder ao espírito de murmuração que foi a maldição de Israel. Ele podia ter-se mantido forte e inflexível não importando quão pesada fosse a pressão. Mas a sua falha mostra claramente que ninguém pode descansar com a certeza que não mais pode cometer pecado.

O cristão nunca é levado ao ponto em que é incapaz de pecar, mas até ao ponto em que é capaz de não pecar se assim escolher, e se depender totalmente da vitória operada por ele no Calvário.

A experiência de Pedro ao caminhar pela água é uma ilustração que demonstra esta verdade. Em condições normais é impossível a um ser humano caminhar pela água, mas Pedro fê-lo com sucesso enquanto os seus olhos estiveram fixos no Salvador, mas no momento em que olhou para trás, para os seus admirados companheiros, começou a submergir nas pesadas vagas.

“Olhando para Jesus, Pedro caminha firmemente; como satisfeito consigo mesmo, porém, volta-se para os companheiros no barco, desviando os olhos do Salvador. O vento ruge. As ondas encapelam-se, alterosas, e interpõem-se exactamente entre ele e o Mestre; e ele teme. Por um momento, Cristo fica-lhe oculto, e sua fé desfalece. Começa a soçobrar. Mas ao passo que as ondas prenunciam morte, Pedro ergue os olhos para Jesus e brada: ‘Senhor, salva-me!’ Jesus segura imediatamente a estendida mão, dizendo: ‘Homem de pouca fé, porque duvidaste?’” *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

“Nesse incidente no mar, desejava mostrar a Pedro sua própria fraqueza - que sua segurança dependia constantemente do poder divino. Em meio das tempestades da tentação, só podia andar em segurança, quando, desconfiando inteiramente de si mesmo, descansasse no Salvador. Era no ponto que mais forte se julgava, que Pedro era fraco; e enquanto não discernisse sua fraqueza, não poderia compreender quanto necessitava de confiar em Cristo. Houvesse aprendido a lição que Jesus lhe buscou ensinar naquele incidente no lago, e não teria fracassado quando a grande prova lhe sobreveio.

“Dia a dia instrui Deus a Seus filhos. Pelas circunstâncias da vida diária, prepara-os para a parte que têm de desempenhar naquele mais vasto cenário que Sua providência lhes designou. É o resultado de sua diária prova que determina a vitória ou derrota deles na grande crise da vida.

“Os que deixam de compreender sua contínua dependência de Deus, serão vencidos pela tentação. Podemos entender agora que nosso pé se acha firme e jamais seremos abalados. Podemos dizer com confiança: ‘Eu sei em quem tenho crido; coisa alguma pode abalar minha confiança em Deus e Sua palavra’. Mas Satanás está planeando aproveitar-se de nossos traços de carácter hereditários e cultivados, e cegar-nos os olhos para nossas necessidades e defeitos. Unicamente compreendendo a própria fraqueza e olhando firmemente para Jesus, podemos caminhar com segurança.” *O Desejado de Todas as Nações*, 363, 364.

Na vida de Moisés, houve em Taberá, o lugar do fogo, um triste fracasso da sua parte em compreender a sua própria fraqueza, e a sua necessidade de constante confiança em Deus. Era indispensável que ele olhasse firmemente para o Senhor com o olho da fé, “mas ele exagerara seus encargos e trabalhos, quase perdendo de vista que era apenas o instrumento pelo qual Deus operara.” *Patriarcas e Profetas*, 397.

Aqui reside o segredo do seu fracasso. Uma vez que retirou os olhos da Fonte da sua força e começou a olhar para si mesmo, então não importava quanto tempo ele estivesse na presença de Deus, o seu fracasso era inevitável, e ele fracassou.

Portanto isto indica que deve haver uma vida de íntima comunhão com o Senhor, e o fixar do firme olho da fé na Fonte de tudo o que é necessário para derrotar o inimigo

recordando sempre que somos indefesos, dependentes recebedores sem poder para dar vida ou salvar. Devemos aprender a confiar completa e constantemente no Senhor para nos salvar. Aqui foi onde Moisés falhou, porque, “Se tivesse depositado inteira confiança em Deus, o Senhor tê-lo-ia guiado continuamente, e lhe teria dado forças para toda emergência.” *Patriarcas e Profetas*, 397.

Todo o fracasso da parte do povo de Deus é devido à sua falta de fé, e introduz sempre elementos e condições no movimento que são prejudiciais ao avanço da causa. O erro de Moisés não é exceção. Quando ele se queixou ao Senhor que o fardo estava para além da sua capacidade, o Altíssimo não protestou com ele, nem afirmou solenemente a verdade que Ele nunca dá uma ordem sem que torne possível o cumprimento. Ele nem mesmo argumentou a grande verdade do evangelho que: “Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.” *Parábolas de Jesus*, 333.

Moisés sabia tudo isso mas tinha-o perdido de vista tal como acontece tão facilmente mesmo com os mais abençoados e privilegiados homens.

Em vez de censurar Moisés por causa da sua incredulidade, o Senhor graciosamente lhe concedeu o que pediu – alívio de algumas responsabilidades que havia colocado sobre ele.

“O Senhor atendeu-lhe à oração, e ordenou-lhe convocar dos anciãos de Israel setenta homens, não somente avançados em idade, mas que possuíssem dignidade, juízo e experiência. ‘E os trarás perante a tenda da congregação, e ali se porão contigo,’ disse Ele. ‘Então descerei e ali falarei contigo, e tirarei do Espírito que está sobre ti, e O porei sobre eles: e contigo levarão o cargo do povo, para que tu só não o leves.’

“O Senhor permitiu a Moisés escolher por si mesmo os homens mais fiéis e aptos para com ele participarem da responsabilidade. Sua influência ajudaria a sustar a violência do povo e sufocar a insurreição; contudo, graves males resultariam finalmente da sua promoção. Eles nunca teriam sido escolhidos caso Moisés houvesse manifestado uma fé que correspondesse às provas que tivera do poder e bondade de Deus. Mas ele exagerara seus encargos e trabalhos, quase perdendo de vista que era apenas o instrumento pelo qual Deus operara. Não tinha desculpa, por condescender, por pouco que fosse, com o espírito de murmuração, que era a maldição de Israel. Se tivesse depositado inteira confiança em Deus, o Senhor tê-lo-ia guiado continuamente, e lhe teria dado forças para toda emergência.” *Patriarcas e Profetas*, 397.

É de lamentar que estes dirigentes tivessem alguma vez sido escolhidos, pois, embora no princípio, este corpo de homens servisse muito bem a causa, rapidamente chegou o tempo em que os seus sucessores começaram a usar o poder arbitrariamente e estabeleceram-se como opressores. De facto, acredita-se que o sinédrio que se opôs a Cristo e eventualmente O condenou à morte era sucessor deste primeiro grupo de homens.

“De acordo com Mishnah (Sanhedrin 1.6), o Sinédrio era constituído por 71 membros, sendo o sumo-sacerdote o presidente. Acreditava-se que ele era a continuação do corpo de conselheiros (Números 11:16, 17) que ajudava Moisés na administração do povo no deserto.” *The SDA Bible Dictionary*, 227.

Se é de facto verdade que foi o Sinédrio que decretou a crucificação de Cristo, originado pela incredulidade de Moisés, então como teria Moisés ficado desapontado com os resultados do seu comportamento se pudesse ter discernimento do eventual resultado da sua incredulidade. Tenhamos cuidado hoje em dia porque quando saímos do caminho da fé, temos a certeza que prejudicamos os nossos interesses espirituais e os do movimento.

Deve haver cuidado para não se confundir a nomeação dos setenta anciãos com a organização dos magistrados e juízes em resposta ao conselho dado por Jetro, o sogro de Moisés, como muitos parecem fazer.

As sugestões de Jetro foram feitas e aceites ainda antes de alcançarem o Monte Sinai, ao passo que os setenta anciãos não foram escolhidos senão quando chegaram a Taberah depois de deixarem o monte e estarem a caminho de Cades Barneia. Foram dois incidentes separados tanto em tempo como em lugar, e diferentes campos de aplicação. Os magistrados de Jetro foram apontados para julgarem os pequenos delitos, mas os setenta partilhavam da administração geral do campo com Moisés.

Para aqueles que procuram, oram, e esperam o derramamento da chuva serôdia, uma das maiores lições a ser aprendidas da vida de Moisés é o facto que, não importa quão profundamente arrependidos possamos estar em consequência de vermos a maravilhosa bondade de Deus, não estamos colocados fora do perigo de falhar sob o desânimo ou qualquer outra tentação. Cada crente deve estar constantemente em guarda, deve manter os seus olhos fixos na Fonte da nossa força, deve manter-se sempre consciente que somos criaturas indefesas, dependentes, sem poder para dar solução ou origem a qualquer coisa, e que o Senhor no Seu infinito amor e sabedoria tomará cuidado de todos os nossos problemas e desânimos. Então permiti que um sempre mais profundo arrependimento tome posse das nossas vidas como uma crescente preparação para receber a chuva serôdia, enquanto nunca nos esqueçamos de pedir chuva no tempo próprio para o seu derramamento, que é agora.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 12

A Ciência da Oração

As nossas instruções são “Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia.’ Não fiqueis satisfeitos, pensando que no curso ordinário da estação a chuva cairá. Pedi-a.” *Testemunhos para Ministros*, 508.

Estas instruções parecem simplesmente suficientes, pois seguramente todos podem orar. Todavia, nem todos receberão as mesmas respostas à oração. Alguns são poderosos na oração e são capazes de mover o braço do Onnipotente, enquanto outros recebem respostas muito débeis.

Porque acontece isto?

Porque há muito mais para a oração ser bem-sucedida do que muitas pessoas supõem. Os discípulos de Cristo despertaram para esta compreensão quando ouviram bem o seu Mestre orando. A experiência foi de tal revelação para eles que sentindo como nunca antes a sua necessidade de desenvolver poder na oração, pediram-Lhe para os ensinar a orar.

“Por um breve período haviam eles estado ausentes de seu Senhor, quando, ao voltarem, O encontraram absorto em comunhão com Deus. Como despercebido de sua presença, Ele continuou a orar em voz alta. Um brilho celeste irradiava da face do Salvador. Parecia mesmo encontrar-Se na presença do Invisível. E havia um vivo poder em Suas palavras, o poder de alguém que fala com Deus.

“O coração dos discípulos foi profundamente comovido enquanto eles escutavam. Tinham observado quão frequentemente Jesus passava longas horas em solicitude, em comunhão com o Pai. Os dias, passava-os a servir as multidões que se comprimiam em torno dEle, e revelando os traiçoeiros sofismas dos rabis, e esse incessante labor deixava-

O muitas vezes tão exausto que Sua mãe e Seu a irmãos, e mesmo os discípulos, temiam que sacrificasse a vida. Ao volver, porém, das horas de oração que encerravam o afadigoso dia, notavam-Lhe a expressão de paz na fisionomia, a sensação de refrigério que parecia desprender-se de Sua presença. Era de horas passadas com Deus que Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do Céu. Os discípulos haviam chegado a ligar essas horas de oração com o poder de Suas palavras e obras. Agora, ao escutar-Lhe as súplicas, sentiram o coração encher-se de respeito e humildade. Quando Ele acabou de orar, foi com certa convicção de sua profunda necessidade que exclamaram: ‘Senhor, ensina-nos a orar.’ Lucas 11:1.” *O Maior Discurso de Cristo*, 102, 103.

Se nós, como eles, pudéssemos ouvir Jesus orar pessoalmente, e pudéssemos ver por nós mesmos a incrível libertação da fadiga e exaustão com a qual Ele era abençoado, e comparar os resultados com aquilo que alcançamos, então também nós pediríamos com a convicção da nossa grande necessidade, “Senhor, ensina-nos a orar.”

Alegremente Ele ouve essa oração e de boa vontade nos ensina através da Sua palavra onde nós somos deficientes na compreensão e prática da verdadeira ciência que requer conhecimento e perícia. Um ingrediente vital é a fé viva, pois ninguém pode chegar perante Deus com sucesso sem ela, como está escrito:

“Ora sem fé é impossível agradar-Lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam.” *Hebreus* 11:6.

A fé abre a porta de ilimitadas possibilidades para a completa recuperação da degradação do pecado.

“Por meio da fé em Cristo, toda deficiência de carácter pode ser suprida, toda contaminação removida, corrigida toda falta, toda boa qualidade desenvolvida. ‘Estais perfeitos nEle.’ Colossenses 2:10.” *Educação*, 257.

Que mais podia o cristão pedir quando está ansiando pelo final do pecado na sua experiência, e em obter justiça eterna na sua vida? Aqui está a certeza da completa libertação do pecado e a total restauração ao ideal que o Senhor planeou para os seus filhos e que é “. . . é mais alto do que pode alcançar o pensamento humano.” *O Desejado de Todas as Nações*, 311.

Este glorioso regresso ao que o Senhor deu ao homem no Éden não é realizado sem sincero e diligente esforço da parte da alma que procura libertação. É bem verdade que o Senhor concede tudo isto como um dom, mas cabe-nos a nós o desenvolvimento das bênçãos recebidas. Nunca seja esquecido que é “Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente. . .” que nós devemos “. . . ser vencedores na batalha contra o mal.” *O Grande Conflito*, 424.

Por isso, o Senhor nos promete o glorioso derramamento do Espírito Santo no poder da chuva serôdia, mas não devemos ficar sentados ociosamente aguardando que ela venha. Devemos estar orando diligentemente por ela o que inclui remover os obstáculos para a sua vinda. Mas, para que as orações sejam eficazes, devem ser apresentadas ao Pai através de Cristo de acordo com a verdadeira ciência da oração. Este requisito é obrigatório, não uma opção! Notai quão enfaticamente esta verdade é apresentada no seguinte testemunho:

“A oração e a fé são aliadas íntimas, e necessitam de ser estudadas juntas. Na oração da fé há uma ciência divina; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho um êxito.” *Educação*, 258.

Considerai o que é a obra da vida. Alguns podiam dizer que é a engenharia, a canalização, a agricultura, educação familiar, condução, ou qualquer outra ocupação, mas, embora alguns possam pensar que uma destas é a obra da sua vida, de facto não é assim. Estas são apenas profissões pelas quais é ganho o pão de cada dia, mas apesar de haver

muitas maneiras para realizar isto, todos têm uma obra em comum quer saibam e persigam ou não. O empreendimento mais importante é o desenvolvimento de um carácter adequado para a eternidade. Infelizmente, a grande maioria da população da Terra vive sem se preocupar com essa responsabilidade, mas não é assim com o povo do Senhor.

Uma pessoa podia ser um péssimo agricultor, ou um mau contabilista, ou qualquer outro mau profissional, e apesar disso ser admitida no Paraíso, porém se falhar em alcançar a preparação para o Céu, então está eternamente perdida. Naturalmente, todo o professo filho de Deus deseja ser bem-sucedido na preparação para o reino. Todos eles têm de estar conscientes que necessitam de compreender a verdadeira ciência da oração porque está escrito que: “; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho um êxito.”

O testemunho podia ter menos ênfase. Ele podia simplesmente sugerir que aqueles que estivessem determinados a fazer do trabalho da sua vida um sucesso fariam bem em compreender a verdadeira ciência da oração, ou podia tê-los encorajado a crerem que isso lhes aumentaria a possibilidade de sucesso. Tivesse ele usado tais expressões, teria deixado o leitor com a ideia que conhecer e praticar a verdadeira ciência da oração podia ser vantajoso, mas não essencial ao sucesso.

Porém a instrução não é expressa nesses incertos termos. Pelo contrário, ela plenamente declara que a verdadeira ciência da oração deve ser compreendida, o que significa que ou a compreendemos e praticamos e gozamos sucesso no cumprimento da tarefa da nossa vida, ou não, então muito certamente falharemos. A importância destas alternativas não pode ser vincada excessivamente.

Mas o que é uma ciência? É um conhecimento sistematizado de um particular assunto, e as capacidades desenvolvidas por uma correcta aplicação e prática desse conhecimento. É baseado em fixas e inflexíveis leis que não deixam espaço para acidentais e casuais aplicações, mas requer disciplinado cuidado em todos os procedimentos. Caso contrário, os resultados desejados nunca serão alcançados. O homem não é naturalmente ou por instinto dotado de um conhecimento das ciências. Pelo contrário, ele verifica que a aquisição desse conhecimento e compreensão requer que rejeite padrões habituais que foram estabelecidos seguindo a influência das suas emoções e sentimentos. O resultado final é que essas pessoas verificam que o trabalho de aprenderem as leis que governam uma ciência em particular e o competente desenvolvimento na sua utilização, é verdadeiramente uma tarefa difícil. De facto, para aqueles que nunca foram treinados na disciplina, isso é quase impossível.

A divina ciência da oração não é uma excepção a estes princípios. Consequentemente, o não educado, o não treinado, e portanto, o incompetente suplicante nunca trará as suas súplicas perante o trono da graça do modo designado por Deus para provocar o poderoso derramamento do poder divino para o necessitado suplicante. Portanto, torna-se uma questão de primeira importância aprender a verdadeira ciência da oração. Lembrai que a vossa vida eterna depende disso.

Também deve notar-se que a ciência é uma “ciência divina” diferente de qualquer fórmula inventada pelo homem. Isto pode apenas significar que foi o próprio Senhor quem criou os princípios e procedimentos pelos quais a oração bem-sucedida pode colocar alguém sob a influência curadora e ministério do Altíssimo. Ele revelou estes princípios na Sua palavra, e nós somos aconselhados a aprender nessa palavra a instrução que o Senhor ali registou para nossa salvação.

Sendo este assunto de crítica importância para a nossa salvação, leva-nos à compreensão que as Escrituras muito certamente contêm toda a informação necessária

para o adequado entendimento desta luz. Ensina a verdade pelo directo ensinamento e pelo registo das orações e seus resultados. Algumas delas vão de encontro às especificações do Senhor e outras não. Considerando cuidadosamente ambas as espécies de orações, aprendemos o que fazer e o que não fazer.

Tanto os correctos procedimentos como os não correctos são maravilhosamente apresentados na experiência do nobre de Cafarnaum que veio à procura de cura para o seu filho. A história é contada em *João 4:46-54*:

“Segunda vez foi Jesus a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. E havia ali um régulo, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum.

“Ouvindo este que Jesus vinha da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele, e rogou-lhe que descesse, e curasse o seu filho, porque já estava à morte.

“Então Jesus lhe disse: Se não virdes sinais e milagres não creereis.

“Disse-lhe o régulo: Senhor, desce, antes que meu filho morra.

“Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse, e foi-se.

“E, descendo ele logo, saíram-lhe ao encontro os seus servos, e lhe anunciaram, dizendo: O teu filho vive.

“Perguntou-lhes pois a que hora se achara melhor; e disseram-lhe: Ontem às sete horas a febre o deixou.

“Entendeu pois o pai que era aquela hora a mesma em que Jesus lhe disse: O teu filho vive; e creu ele, e toda a sua casa.

“Jesus fez este segundo milagre, quando ia da Judéia para a Galiléia.”

Considerai primeiramente que este homem veio a Jesus, comunicou a sua grande necessidade, e exigiu que o Salvador exercesse o Seu poder curador para salvar o seu filho da morte. Esse foi então um acto de oração no qual uma medida da fé estava envolvida, mas, embora tenha vindo à Pessoa certa pedir aquilo que o Senhor desejava dar-lhe, pediu a coisa certa de modo errado. Por outras, palavras, não compreendia nem praticava a verdadeira ciência de oração. Consequentemente, o Salvador foi incapaz de lhe conceder o que pedia, uma acção que explicou ao dizer, “... Se não virdes sinais e milagres não creereis.” *João 4:48*.

Nestas poucas palavras, Jesus ensinou ao homem a verdadeira ciência da oração, lição que ele pôs imediatamente em prática como é evidenciado pela natureza da segunda oração que fez, pela imediata libertação do seu filho da morte, e da sua própria conversão e a da sua casa.

Voltemos agora ao início da história e vamos estudá-la passo a passo até à conclusão com o objectivo de ver claramente as diferenças entre o modo científico e não científico de nos aproximarmos do Senhor.

A aproximação do régulo a Cristo teve lugar no início do ministério do Salvador. Seguindo-se ao Seu baptismo e ao terrível conflito no deserto. Voltara ao Jordão onde João O reconheceu e d’Ele testificou, e onde chamou os Seus primeiros discípulos. Dali seguiu imediatamente para norte para Caná a fim de assistir à festa de casamento onde transformou a água em vinho, seguindo-se o regresso a Jerusalém para a Páscoa onde purificou o templo, e de noite Se encontrou com Nicodemos. Por algum tempo ensinou numa área perto do território de João Baptista, mas, quando os discípulos de João ficaram preocupados, partiu de novo para Caná na Galiléia. No caminho, encontrou a mulher no poço de Samaria e passou alguns dias ensinando entre o povo que ali estava.

Assim, apenas algumas semanas foram devotadas ao Seu ministério por altura em que Jesus voltou a Caná, mas a Sua fama já tinha sido espalhada pela região.

“As novas da volta de Jesus a Caná divulgaram-se em breve por toda a Galiléia, levando esperança aos aflitos e sofredores. Em Cafarnaum, as notícias atraíram a atenção de um nobre judeu, oficial ao serviço do rei. Um filho desse régulo estava sofrendo de moléstia aparentemente incurável. Os médicos o haviam desenganado; ao ouvir o pai falar de Jesus, porém, decidiu rogar-Lhe auxílio. A criança estava muito mal e, temia-se não viveria até seu regresso; mas o nobre achou que devia ir pessoalmente apresentar sua petição. Esperava que a súplica de um pai havia de despertar a compaixão do grande Médico.

“Chegando a Caná, encontrou grande multidão rodeando a Jesus. Coração ansioso, procurou abrir caminho até à presença do Salvador. Ao ver apenas um homem simplesmente vestido, poento e exausto da viagem, vacilou-lhe a fé. Duvidou que esse Homem pudesse realizar o que viera pedir-Lhe; obteve, no entanto, uma entrevista com Jesus, expôs-Lhe o objectivo de sua presença, e rogou ao Salvador que O acompanhasse a casa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 175, 176.

É digno de nota que a doença do filho é uma óptima ilustração do domínio do pecado sobre a família humana. A doença do jovem “... Aparentemente incurável.” Isto é o que parecia aos médicos que o tinham deixado para morrer. É assim também com o homem, incluindo os principais teólogos do mundo, a respeito do pecado. Alguns podem dizer que isto é dizer demais à luz da sua pregação contra a iniquidade, e os seus insistentes chamamentos para o estabelecimento da moralidade entre o seu povo, mas, quando apresentais perante eles a norma de Deus da perfeita pureza e total vitória sobre o pecado, são enfáticos na sua negação que uma tal vida santa seja alguma vez possível.

John Wesley estava totalmente consciente disto quando escreveu: “Há raramente qualquer expressão na santa Escritura, que tenha provocado maior ofensa do que esta. A palavra perfeição é o que muitos não podem suportar. O seu próprio som é uma abominação para eles; e qualquer que pregue a perfeição (como diz na frase), isto é, afirmar que é possível nesta vida, corre-se grande risco de ser contado por eles pior do que um pagão ou publicano.” *Forty Four Sermons*, 457.

As coisas não se modificaram desde os dias de John Wesley tal como sabem por experiência os que de nós se têm mantido firmes pela mensagem da vida sem pecado nesta vida. Sabemos que os homens declaram em todo o lado que o pecado não pode ser totalmente vencido. O pecado, segundo eles, é uma doença incurável.

Mas não é assim com Deus como é evidenciado pelos numerosos chamamentos feitos por Deus a não pecar e ser perfeito. O evangelho é anunciado como o verdadeiro poder de Deus para salvar do pecado. Nele a verdadeira justiça de Deus é revelada de um brilhante nível de fé para outro. A mensagem atrás descrita é “A influência do tentador não deve ser considerada desculpa para qualquer má acção. Satanás rejubila quando ouve os professos seguidores de Cristo apresentarem desculpas quanto à sua deformidade de carácter. São essas excusas que levam ao pecado. Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo o filho de Deus, arrependido e crente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

Quando Jesus voltou para o Seu Pai no Céu foi cumprido para Ele as Suas próprias palavras: “é-Me dado todo o poder no Céu e na Terra.” *Mateus* 28:18.

Assim, Jesus Cristo tem completa autoridade ou poder sobre o pecado, doença, e todo o mal. “Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” *Hebreus* 7:25.

Para os poderes celestiais, o pecado e a doença não parecem incuráveis, pois o Senhor tem todo o poder necessário para livrar do pecado. Não há absolutamente desculpa para pecar.

Um raio de esperança brilhou no coração e vida do pai quando ouviu falar de Jesus, e ele foi motivado para O procurar mesmo apesar de ter apenas uma ténue e vaga compreensão da verdade, carácter e poder do Salvador. Nós sabemos isto porque “Esperava que a súplica de um pai havia de despertar a compaixão do grande Médico.” *O Desejado de Todas as Nações*, 175.

Se ele tivesse compreendido o carácter de Deus como revelado através de Cristo, teria sabido que a simpatia do Grande Médico está sempre totalmente em operação. Ele nunca necessita de ser despertado. Teria compreendido o princípio que a oração nunca muda o imutável Deus. “A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele.” *Aos Pés de Cristo*, 97.

Esta é uma verdade que todo aquele que compreende e pratica a verdadeira ciência da oração deve manter sempre em mente. Se todos mantivessem este pensamento perante si, compreenderiam por que motivo há longas esperas pela resposta às suas orações. Saberiam que é necessária a oração contínua para nos levar ao lugar onde estamos preparados para receber os dons pedidos.

Quando, por exemplo, Elias orou sete vezes no Monte Carmelo antes da chuva cair, a alterações que eram necessárias para realizar o cumprimento da promessa tinha tomado lugar nele, não em Deus. Quando isto foi alcançado e não antes, a resposta veio na forma da abundante chuva.

“O servo olhava enquanto Elias orava. Seis vezes regressou da vigia, dizendo, Nada há nada, nenhuma nuvem, nenhum sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Ele continuou revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou os seus pecados, e assim continuou afligindo sua alma perante Deus, enquanto esperava um sinal de que a sua oração havia sido respondida. Enquanto ele examinava o seu coração, parecia ser cada vez menor, tanto aos seus próprios olhos como aos olhos de Deus. Parecia como se ele fosse nada, e Deus tudo; e quando chegou ao ponto de se renunciar a si mesmo, enquanto se agarrava ao Salvador como sua única força e justiça, veio a resposta. O servo apareceu e disse, ‘eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar.’” *S.D.A. Bible Commentary 2:1035*.

A oração de Elias não baixou Deus até si mas elevou-o a Deus, e, quando chegou às alturas da abnegação, o Senhor pôde responder à sua oração. Esta lição, o nobre também teve que aprender, tal como nós hoje também temos que aprender. Ele veio com o pensamento que mudaria Jesus de um ser despreocupado da sua necessidade para um ser cheio de compaixão por ele e por seu filho e ansioso de o ajudar e abençoar. Não viu a grande necessidade de grandes mudanças em si próprio, e não considerou que a sua própria incredulidade era a grande barreira existente entre ele e a realização do seu pedido. Era necessária a oração primeiro que tudo para efectuar dramáticas mudanças nele. Depois quando isso estivesse feito, o Senhor podia dar a bênção específica que ele procurava.

Assim, o homem veio a Jesus com a esperança de poder receber a alegre certeza que o Salvador restauraria o seu amado filho. Com um “coração ansioso, procurou abrir caminho até à presença do Salvador. Ao ver apenas um homem simplesmente vestido, poento e exausto da viagem, vacilou-lhe a fé. Duvidou que esse Homem pudesse realizar o que viera pedir-Lhe; obteve, no entanto, uma entrevista com Jesus, expôs-Lhe o objectivo da sua presença, e rogou ao Salvador que o acompanhasse a casa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 175, 176.

Porque vacilou a fé deste homem quando viu apenas um Homem simplesmente vestido, poento e exausta da viagem? Porque duvidou que este Homem pudesse curar o seu filho?

Obviamente, nunca tinha encontrado Cristo antes e esperava ver alguém diferente daquele que encontrou. O pouco que sabia de Jesus tinha-lhe sido contado por amigos que O tinham visto, ou tinham-no conhecido através de outros. Estes tinham contado o que lhes impressionara mais no mais poderoso Curador – O Seu poder para curar os doentes, dar vista aos cegos, restaurar os destruídos músculos dos parálitico e fazer ouvir os surdos. Recordavam como transformara a água em vinho, e purificado o templo expulsando os cambiadores, os traficantes ilegais e os animais para os sacrifícios que vendiam a preços exorbitantes. Relatavam que grandes multidões O seguiam para onde quer que fosse.

O que ficou por dizer foi a Sua aparência geral pois estavam tão admirados pelo maravilhoso poder que Ele dispunha, que não notaram como estava vestido de vestes comuns, não possuía jóias caras, não tinha uma boa carruagem, não era servido por um majestoso séquito de servos, e não estava protegido por um exército armado.

Isto deixou o nobre formar a sua própria imagem mental do aspecto do Salvador, e não é difícil concluir que tipo de ilustração deve ter-se desenvolvido na sua mente. Terá sido baseada naquilo que conhecia em relação aos homens de poder e apresentação do orgulho egoísta. Nunca em todas as experiências da sua vida tinha alguma vez visto um homem poderoso que fosse humilde. Todo o homem a quem ele havia visto em autoridade, se vestia com vestes que ele imaginava ser prova da sua classe e nível de vida, usava jóias caras, montava um corcel ou viajava num carro, tinha um séquito de servos, e estava protegido por um corpo de soldados bem armados.

Agora perante ele estava um homem que, segundo todos os relatos, possuía um poder que grandemente ultrapassava o poder exercido por qualquer homem que existia na terra nessa altura. Onde noutro lado havia um homem que curava os doentes, restituía a vista, devolvia a utilidade a membros inúteis, afastava os opressores, e enchia a terra de agitação? Se reis e governantes demonstravam o seu poder com a armadilha da riqueza e orgulho, então este Homem devia estar fazendo isso e muito mais.

Todavia, todo o aspecto de sua aparência reflectia essa humildade que o nobre tinha vindo associar com fraqueza. Ele procurava mas não via evidência do poder que era necessário para salvar o seu filho da morte. O que ele não compreendia era que os caminhos do Senhor são muito diferentes dos caminhos dos homens. Na ordem divina, quanto maior o poder, maior a humildade. O nobre não sabia isto. Portanto, ele duvidou que este homem pudesse de facto curar o seu filho moribundo.

A fé que tinha trazido este homem a Jesus havia nascido, não na sua experiência pessoal, mas no relato de outros. Não há negação de que existe lugar para isto, ou que tais testemunhos têm valor, porque têm. Eles servem para despertar uma medida de fé e para assim iniciar a aproximação a Jesus Cristo, mas eles não dão fé suficiente ao necessitado para alcançar e agarrar-se à graça salvadora pela qual o doente e o pecador são restaurados à saúde e justiça. É apenas quando os olhos espirituais são abertos e o pecador vê o poder de Deus por si mesmo que a bênção vem.

Quando o nobre inicialmente chegou à presença de Jesus, não discernia o poder escondido sob o humilde aspecto de um poento viajante, e, enquanto o fez, não houve possibilidade de receber a salvadora vida de Jesus que ele necessitava tão desesperadamente para si mesmo e para o seu filho moribundo. Portanto, um passo muito importante no desenvolvimento da verdadeira ciência da oração é o cultivo do conhecimento do majestoso poder residente no Salvador. Isto é alcançado contemplando-O como Ele é revelado nas Escrituras e nas obras da criação. Este é um dos grandes segredos da vida de poder de Cristo como está escrito: “A vida do Salvador na terra foi de

comunhão com a natureza e com Deus. Nessa comunhão revelou-nos Ele o segredo de uma vida de poder.” *A Ciência do Bom Viver*, 51.

Como o nobre alcançou um vislumbre salvador do maravilhoso poder de Deus será retomado no próximo capítulo programado para aparecer no número do próximo mês.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 13

Continuamos agora o estudo iniciado no Mensageiro do mês passado, acerca das orações do nobre pela cura de seu filho.

Na sua inicial aproximação a Cristo, o nobre tinha desesperada necessidade da fé que vem da visão do poder criador e da admirável bondade de Deus em Jesus Cristo. Consequentemente, se bem que tenha vindo pedir à Pessoa indicada aquilo que estava certo, nomeadamente o que o Senhor desejava dar-lhe, pediu-o de maneira errada. Isto tornou impossível ao poderoso Curador satisfazer o seu pedido, e, se o pai então não tivesse aprendido a orar, seu filho teria morrido e toda a sua casa teria perdido a vida eterna. O seu caso ilustra a verdade que ele precisava aprender a verdadeira ciência da oração para tornar a sua missão um sucesso.

Quando Jesus, em vez de derramar o Seu poder curador na criança doente, disse ao homem que não acreditaria a menos que visse primeiro o milagre, estava a tornar-lhe claro que o Altíssimo requer correcta obediência. Aqueles que precisam esclarecimento neste ponto têm apenas que estudar as mortes de Nabade e Abiú. Através deste incidente, “O propósito de Deus era ensinar ao povo que devem d’Ele aproximar-se com reverência e temor, e da maneira indicada por Ele mesmo. Não pode Ele aceitar uma obediência parcial. Não era bastante que nesta hora solene de culto *quase* tudo tivesse sido feito conforme Ele determinara.” *Patriarcas e Profetas*, 373.

O facto de o Senhor não responder às nossas orações a não ser que nos aproximemos d’Ele do modo como determinou, será tomado por alguns como significando que Deus está tão preocupado em manter a Sua autoridade pessoal exigindo que façamos as coisas do modo como Ele arbitrariamente decidiu que fossem feitas. Nada podia estar mais longe da verdade, e, adoptar tal posição é atribuir a Deus um carácter que Lhe é totalmente estranho. Deus nunca faz algo que seja para Seu próprio serviço, mas apenas o que é para o serviço de outros. É para nosso bem que o Senhor fez todas as coisas operarem de acordo com leis fixas e imutáveis.

Desde que tenha aprendido estas leis e como aplicá-las, a pessoa sabe exactamente o que fazer para alcançar os resultados que deseja e como se proteger a si mesmo dos terríveis poderes que o Senhor deu para nossa bênção e realização. Os resultados tornam-se inteiramente previsíveis e de confiança, e quem o queres de outra maneira?

Há muitos que sim, infelizmente para si mesmos e para aqueles a quem a sua acção pecaminosa prejudica. Nadabe e Abiú são um caso em questão. Deus em Jesus Cristo habitava verdadeiramente no santuário, e é um simples facto que nenhum homem podia aventurar-se a ir à presença daquele assombroso poder desprotegido e sobreviver, exactamente como ninguém pode permitir que uma descarga eléctrica de alta voltagem passe pelo seu corpo e viver.

Desejando dar aos israelitas as bênçãos da comunhão próxima com Ele, o Senhor proveu uma forma pela qual os sacerdotes podiam entrar na Sua presença e continuar a viver. Foi-lhes ordenado que viessem ao santuário transportando apenas o fogo especial que o Senhor lhes havia dado e com o fumo subindo de uma liberal quantidade de incenso. De acordo com leis desconhecidas para nós, isto protegia-os de serem afectados pelos poderes da presença de Deus no santuário.

Foi quando aqueles homens imprudentemente e ousadamente negligenciaram tomarem a necessária protecção que sofreram os resultados da sua loucura. Ninguém, e muito menos o Deus do Céu, pode ser acusado da sua destruição senão eles mesmos.

Para os sacerdotes que sobreviveram nada tinha mudado. Desde que seguissem as simples e fáceis instruções de Deus e lhes obedecessem, ser-lhes-ia assegurada perfeita protecção da morte quando entrassem no lugar santo. Quão gratos devem eles ter ficado por saberem a causa exacta da morte dos seus irmãos, e precisamente o que fazer para assegurar que eles por seu lado não morrerem.

Do mesmo modo, se o nobre tivesse compreendido as simples leis que governam a verdadeira ciência da oração, teria vindo à Pessoa certa, pedindo o que estava certo, do modo correcto, e em seguida teria sido imediatamente abençoado com o livramento que procurava.

Uma vez mais, não havia arbitraria insistência nos requisitos divinamente escolhidos da parte de Cristo que O levasse a deter o Seu poder curador quando o nobre se acercou dele do modo errado. Pelo contrário, foi o reconhecimento de Cristo que as orações do homem não podiam ser respondidas nos termos da sua aproximação inicial de Jesus que levou o Salvador a prevenir o homem que não podia responder à sua oração. Mas, no Seu grande amor e misericórdia, o Filho de Deus cortesmente advertiu o nobre de qual a área em que estava a violar as leis que governam a verdadeira ciência da oração e assim excluiu-se a si próprio da bênção que procurava. Jesus realizou isto na curta e simples declaração: "... Se não virdes sinais e milagres, não creereis." *João 4:48*.

O homem não procurou Cristo como um crente, mas com um incrédulo. Ele não estava preparado para confiar em Deus até que realmente visse a realização de um milagre. "O régulo queria ver atendida a sua oração antes de crer; ..." *O Desejado de Todas as Nações*, 178.

Por isso ele veio a Deus através de Jesus Cristo desprovido daquela fé sem a qual é impossível agradar a Deus. Não é necessário compreender porque é assim, se o crente simplesmente aceita que assim é, mas ajuda saber a razão para isso no campo da lei divina.

No primeiro caso, não temos poder para efectuar a cura do corpo e da vida espiritual, nem para satisfatoriamente solucionar qualquer dos problemas que nos desapontam e prendem. Somente Deus tem o poder e a sabedoria para realizar estas coisas. Por

exemplo, nem o nobre nem alguém mais incluindo os médicos do seu tempo, tinham qualquer poder para salvar a criança à beira da morte. Este é o facto número um.

A segunda verdade é que nós devemos absolutamente entregar a obra a Deus de modo que Ele possa fazer o que somente Ele pode fazer. Mas, nós não seremos capazes de fazer isto se não confiarmos implicitamente no poder e sabedoria do Senhor. A incredulidade estava a impedir a competente entrega do problema nas mãos de Deus, e obviamente, se é restringido o acesso do Senhor ao problema, Ele certamente não o pode resolver. Portanto, a incredulidade nunca agrada a Deus, porque ela unicamente pode impedir a realização da obra divina e negar as Suas bênçãos àqueles a quem Ele com agrado as daria. Assim, não foram as arbitrarias restrições de Deus, mas a própria acção do homem que à partida impediu a cura do filho.

Fariamos bem analisar a estrutura das nossas orações à luz da experiência do nobre. Frequentemente nos encontramos numa situação de necessidade na qual o nosso primeiro impulso é exercer qualquer poder ao nosso dispor para nos libertar, exactamente como os discípulos durante a tempestade no lago procuraram salvar-se a si mesmos.

“Quantas vezes se repete em nós a experiência dos discípulos! Quando as tempestades das tentações se levantam, e fuzilam os terríveis relâmpagos, e as ondas se avolumam por sobre nossa cabeça, sozinhos combateremos contra a tormenta, esquecendo-nos de que existe Alguém que nos pode valer. Confiamos em nossa própria força até que nos foge a esperança, e vemo-nos prestes a perecer. Lembremo-nos então de Jesus, e se O invocarmos para nos salvar, não o faremos em vão. Embora nos repreve magoado a incredulidade e a confiança em nós mesmos, nunca deixa de nos conceder o auxílio de que necessitamos. Seja em terra ou no mar, se temos no coração o Salvador, nada há a temer. A fé viva no Redentor serena o mar da vida, e Ele no guardará do perigo pela maneira que sabe ser a melhor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 319.

Este período quando batalhamos sozinhos não é geralmente um período durante o qual deixamos de orar, mas um período durante o qual há uma ausência de fé viva. Nós vamos perante Deus ajoelhados; expomos o problema perante Ele; pedimos-Lhe que nos livre das nossas dificuldades; mas duvidamos que Ele o faça; e assim não estamos verdadeiramente dispostos a voluntariamente entregar completamente o problema e a repousar no cuidado de Deus. Nós temos demasiadas orações não respondidas no passado devido à nossa incredulidade para confiarmos realmente que o Senhor nos ouvirá nesta altura.

Portanto, tendo orado pela libertação divina, levantamo-nos dos nossos joelhos levando nas nossas mentes a pergunta: Imagino se o Senhor operará em meu favor desta vez? O próprio facto da pergunta ali estar, é uma clara prova que não cremos que Ele o faça e continuamos e sondar a nossa mente à procura de uma solução para o problema. Ficariamos verdadeiramente surpreendidos se o Senhor respondesse à nossa petição. Em tudo isto não temos que fazer mais do que repetir a história do régulo. Normalmente no fim, nós temos que ser trazidos a um estado de puro desespero que lançamos a nossa falta de esperança aos pés do nosso Salvador, antes da libertação final ser alcançada. Quão lamentável que tenhamos que passar através de tantas horas ou mesmo dias de miséria e ansiedade quando podíamos ter encontrado paz muito tempo antes.

O primeiro passo na emancipação do nobre foi a revelação do maravilhoso poder que existia no Salvador, um passo igualmente necessário para todos os que pratiquem a verdadeira ciência da oração.

Quando Jesus falou ao pai acerca do filho que estava morrendo, as Suas palavras estavam carregadas com um convincente poder dirigido directamente ao coração do

homem. À medida que a sua alma era exposta perante si, ele compreendeu que Jesus tinha lido o seu coração como um livro aberto, e ele foi iniciado num conhecimento do infinito poder residente no Salvador. Subitamente, ele esqueceu a humilde veste do Mestre, ou a ausência de cortesãos e dum corpo de guardas. Pela primeira vez na sua vida, ele viu que o poder e orgulho não estão sempre juntos e que no divino Ser, a humildade era companheira do poder. Uma pessoa pobre, que é abençoada com a graça e humildade está certamente mostrando a bondade de Deus, mas ninguém considera isso como sendo extraordinário. Quando contudo, uma pessoa possui poderes extraordinários, é tão humilde que não usa qualquer desses poderes para juntar tesouros da Terra, ou obter a adoração do povo, mas está satisfeita em vestir-se de modo simples, e passa a sua vida dedicada ao serviço dos outros, então isso é verdadeira bondade. Foi assim que esse nobre viu a pura bondade de Deus em Jesus Cristo nesse dia, e isso levou-o ao arrependimento imediato.

“Como um jacto de luz, as palavras do Salvador ao nobre lhe desnudaram o próprio coração. Viu que seus motivos em buscar a Jesus eram egoístas. Sua vacilante fé apareceu-lhe em seu verdadeiro carácter. Em profunda aflição, compreendeu que sua incredulidade poderia custar a vida do filho. Conheceu que estava em presença d’Aquele que lia os pensamentos, e a quem tudo era possível. Em angustiosa súplica, clamou: ‘Senhor, desce antes que meu filho morra!’ Sua fé apoderou-se de Cristo, como a de Jacó, quando, lutando com o anjo, exclamara: ‘Não Te deixarei ir, se me não abençoares’. Génesis 32:26.

“Como Jacó, prevaleceu. O Salvador não pode recusar o pedido de uma alma que a Ele se apegava, alegando sua grande necessidade. ‘Vai’, disse ‘teu filho vive’. O nobre deixou a presença do Salvador com uma paz e alegria que nunca dantes experimentara. Não somente crera que seu filho seria restabelecido, mas com firme confiança esperou em Cristo como o Redentor.” *O Desejado de Todas as Nações*, 176, 178.

A fé do pai em Cristo era agora tão completa que ele não necessitava de mais nada senão da palavra de Cristo para o convencer de que seu filho seria restaurado. Isto é demonstrado pelo facto que ele não se preocupou em apressar-se no regresso a casa em Cafarnaum nessa tarde mesmo, embora pudesse facilmente ter feito a jornada ao cair da noite, mas permaneceu ali até à manhã seguinte. Ele sabia que o seu filho estava bem outra vez de modo que não precisava apressar-se em ir para casa a fim de verificar que assim era. Ele estava perfeitamente consciente disto, não na base de ter visto as evidências por si com os seus próprios olhos, mas porque simplesmente acreditou na palavra dita pelo poderoso Curador.

Esta fé viva tinha nascido por ter alcançado uma visão do poder infinito que foi transmitido do Pai eterno através do Seu Filho unigénito, Jesus. “Conheceu que estava em presença d’Aquele que lia os pensamentos, e a quem tudo era possível.” *O Desejado de Todas as Nações*, 176.

O nobre tinha o testemunho em si mesmo que estas coisas eram assim. Ele não tinha discutido a natureza da sua incrédula aproximação a Cristo com ninguém, e imaginou que também tinha sido bem-sucedido em esconder os seus verdadeiros sentimentos do Salvador. Porém, as palavras de Jesus que tão exactamente declararam o verdadeiro carácter da sua aproximação, revelou-lhe o poder de Cristo para penetrar a pretensão com que o pai procurou esconder as suas reais atitudes. Ninguém há além de Deus, Cristo e o Espírito Santo que leia o pensamento. Nem mesmo Satanás tem esse poder. Felizmente para nós, “O adversário não tem permissão para ler os pensamentos dos homens...” *Mensagens Escolhidas* 1:122.

Não sabemos quão firme ou claramente esta verdade foi estabelecida na mente do nobre. Se foi ou não, não é realmente importante, porque a convicção que o possuiu não

era intelectual, mas espiritual. Mais tarde, ele seria capaz de ver as coisas intelectualmente, mas por agora o acesso a ele foi feito pela visão do assombroso poder que Cristo possuía. Quando isto lhe foi dado, a fé nasceu. Tal era a sua confiança tanto no amor como no poder de Deus existente no Salvador que necessitou apenas da pronunciada certeza para saber que o seu filho estava restaurado.

Aqueles que se tornam realmente proficientes no exercício da verdadeira ciência da oração e com sucesso rogam pelo derramamento da chuva serôdia, precisam compreender claramente a lição ensinada na história da vinda deste homem ao poderoso Restaurador. Que todos vejam que necessitam receber as grandiosas e eficazes revelações tanto do amor como do poder de Deus.

Quando o crente realmente sabe que o Pai eterno o ama verdadeiramente com amor infinito, fica completamente persuadido que o Senhor desejará com irresistível desejo dar-lhe absolutamente tudo o que ele necessita, tanto para esta vida como para a eternidade, de acordo com a Sua divina misericórdia e sabedoria. Não é suficiente Deus ser possuído de tão ardentes desejos, pois Ele também tem o poder de realizar esses desejos. O crente que conhece o amor de Deus também conhecerá o poder do Senhor, e a sua confiança no Seu cuidado será completa.

Este conhecimento do soberano amor e poder de Deus pode ser obtido apenas pela revelação, que é por sua vez obtida unicamente através da profunda comunhão com os poderes celestiais. A vida de João Baptista ilustra e confirma esta verdade. Sozinho no deserto onde estava isolado de todas as influências que desviam, ele contemplou o maravilhoso carácter de Deus, e o Seu infinito poder, tanto na natureza como na palavra escrita. Os resultados foram incríveis.

“Contemplou o Rei em Sua beleza, e o próprio eu foi esquecido. Via a majestade da santidade, e sentiu-se ineficiente e indigno. Estava disposto a ir como mensageiro do Céu, não atemorizado pelo humano, pois contemplara o Divino. Podia ficar ereto e destemido em presença de governantes terrestres, porque se prostrara diante do Rei dos reis.” *O Desejado de Todas as Nações*, 89.

A mesma verdade foi revelada na vida de Jesus: “A vida do Salvador na Terra foi de comunhão com a natureza e com Deus. Nessa comunhão revelou-nos Ele o segredo de uma vida de poder.” *A Ciência do Bom Viver*, 51.

Uma vez abençoado com um conhecimento do amor e poder de Deus, o crente deve então prestar atenção aos correctos procedimentos da verdadeira ciência da oração. Estes estão maravilhosamente estabelecidos no seguinte parágrafo:

“O régulo queria ver atendida a sua oração antes de crer; teve, porém, de aceitar a palavra de Jesus, de que seu pedido era satisfeito, e a bênção concedida. Cumpre-nos também a nós aprender esta lição. Não porque vejamos ou sintamos que Deus nos ouve, devemos nós crer. Temos de Lhe confiar nas promessas. Quando a Ele nos chegamos com fé, toda súplica penetra o coração de Deus. Tenho pedido Suas bênçãos, devemos crer que as recebemos, e dar-Lhe graças porque as temos recebido. Então, vamos ao cumprimento de nossos deveres, certos de que a bênção terá lugar quando mais dela necessitarmos. Quando houvermos aprendido a assim fazer, saberemos que nossas orações são atendidas. Deus fará por nós ‘muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos’, ‘segundo as riquezas da Sua glória’, e ‘segundo a operação da força do Seu poder’. Efésios 3:20,16; 1:19.” *O Desejado de Todas as Nações*, 178.

O princípio é que nós não cremos com base no testemunho da vista e das circunstâncias, mas no que está escrito na palavra. Portanto, devemos confiar nas promessas. Confiar é mais do que crer. Significa colocar todo o vosso peso na promessa na implícita fé que ela é de absoluta confiança.

Porém, é impossível confiar numa promessa da qual não tendes conhecimento. Por conseguinte, a instrução pressupõe que a pessoa que obedece à ordem tem um conhecimento muito real e pessoal da promessa a ser confiada.

É preciso ser fortemente salientado que conhecer as promessas de Deus, significa muito mais do que meramente lê-las numa altura ou noutra com o resultado que há uma vaga memória do que a Escritura disse. É preciso muito mais do que isso. Uma pessoa pode mesmo memorizar uma longa lista de promessas e continuar a não conhecê-las realmente, apesar das palavras poderem ser recordadas com exactidão e firmeza na mente.

Conhecer realmente as promessas é ter sido tão exposto ao amor e poder que está nelas que a sua inspiração e vitalidade foi absorvida pelo próprio ser. Quando isto foi realizado, a promessa deixou de ser uma mera colecção de palavras, mas foi transformada naquilo que é, uma cápsula de luz, poder e amor. Ela é agora uma parte de vós, e é desde então um factor determinante no padrão das vossas atitudes e comportamento. Chegastes ao lugar onde o nobre estava quando viu a luz.

Alcançar isto requer determinado esforço da vossa parte. O primeiro passo é encontrar uma promessa em especial que satisfaça a vossa necessidade pessoal. Depois lede-a algumas vezes enquanto em oração procurai chegar àquilo que ela realmente diz. Pesai cada palavra. Invocai a promessa que o poderoso Espírito Santo será enviado para iluminar a mente com a verdadeira penetração na verdade que ela contém. Meditai sobre ela durante o dia quando a oportunidade o permita. Considerai as histórias bíblicas em que a promessa foi o meio para libertar o membro do povo do Senhor de grande dificuldade e desânimo. Continuai isto até que as palavras sejam realmente fixadas na mente e o seu amor e poder encham todo o ser. Então, estais prontos para confiar na promessa.

Uma coisa é sentir que confiais na promessa e repousais nela quando os problemas vos assaltam, mas outra fazê-lo na realidade quando as dificuldades vos afundam e escondem o Salvador da vossa vista. Depois vem a verdadeira revelação dizendo se a vossa fé é verdadeira ou suposta.

Uma vez que a verdade tenha sido estabelecida, chegou a altura em que devemos ir ao Salvador sabendo que “Quando a Ele nos chegamos com fé, toda súplica penetra o coração de Deus”. *O Desejado de Todas as Nações*, 178.

Então devemos pedir a bênção de acordo com a Sua vontade. Quando pedimos, devemos ser verdadeiramente específicos. Aqueles que não aprenderam a verdadeira ciência da oração serão ouvidos a fazer orações com dúvidas, inseguros, hesitantes como esta: “Senhor, nós cremos que Tu nos podias satisfazer este nosso pedido.” Ouvi cuidadosamente e ficareis surpreendidos pelas vezes que as palavras “podias” e “possas” são usadas nas orações tão comumente feitas por aqueles que professam ser filhos de Deus. Nunca ouvis filhos aproximarem-se dos seus pais terrestres de tal modo, a não ser que tenham pais severos e autoritários a quem não amam mas receiam e neste caso normalmente não pedem a não ser que a isso sejam obrigados.

Jesus disse especificamente, “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis, batei, e abrir-se-vos-á.” *Mateus 7:7*.

Então ide a Ele e pedi.

Aqui está onde muitos lamentavelmente erram para sua grande perda. Eles não pedem realmente aquilo que o Senhor prometeu, mas expressam uma mera esperança de que o Senhor possa ser indulgente com eles e lhes conceda os seus desejos. Falham em pedir específica e directamente o dom prometido na total expectativa que a bênção seja

concedida. Precisam ir ao seu amoroso Pai celestial com a mesma intrepidez e confiança mostrada por uma criança que se aproxima de um pai que os ama.

Todos devem compreender que apenas pedimos aquilo que o Senhor nos prometeu, sendo presunção pedir outra coisa. Algumas das maiores tragédias da história humana foram ocasionadas por aqueles que fizeram os seus próprios planos tanto para a sua obra como para a obra do Senhor, e esperaram que o Altíssimo executasse as suas ideias. Apesar de não compreenderem as verdadeiras implicações do caminho que escolheram, estavam a mostrar a disposição para guiar Deus em vez de serem guiados por Ele. Lembrai-vos que qualquer movimento da nossa parte que procure impor a nossa insensata vontade no lugar da onnipotente sabedoria de Deus, permanecerá eternamente sem o apoio de Deus, não importa quanta fé possamos ter que Ele ouça e responda à nossa oração.

O Espírito Santo diz através de Paulo: “Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.” *Hebreus 4:16*.

Os filhos de Deus precisam compreender quem são – membros da família de Deus com todos os direitos e privilégios que esta posição tem. Portanto, devem chegar-se ao seu Pai celestial com a reverente franqueza, ousadia e confiança manifestada na casa e presença do seu pai terrestre. Alguns podem sentir que uma tal aproximação do Altíssimo seria irreverente, e isto é uma possibilidade contra a qual tem que se tomar cuidado para salvar o suplicante de cometer semelhante erro. Por outro lado, há o perigo de ter tanto receio de ser irreverente que nos aproximemos do Senhor sem confiança, ousadia, ou verdadeira fé.

“Que maior honra podemos desejar do que ser chamados filhos de Deus? Que maior posição poderíamos encontrar, que maior herança poderíamos encontrar, do que é concedido aos que são herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo?” *Filhos e Filhas de Deus*, 15, [*The Youth's Instructor*, 8 de Dezembro de 1892.]

Em vez de exprimir uma hesitante e insegura petição, aproxime-se o crente do Senhor nestes termos. Tem sido atormentado com um mau temperamento, mas leu e absorveu as maravilhosas promessas onde se lê: “Uma santa disposição, uma vida cristã, são acessíveis a todo o filho de Deus, arrependido e crente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

“Podemos pedir o perdão do pecado, o Espírito Santo, um temperamento cristão, sabedoria e força para fazer Sua obra, ou qualquer dom que Ele haja prometido; então devemos crer que recebemos, e agradecer a Deus por havermos recebido.” *Educação*, 258.

Depois de passar tempo suficiente com as Escrituras para desenvolver uma viva confiança nessas promessas, então chegou a altura de as reivindicar. Assim, ajoelha-se em oração muito especificamente sem dúvida ou hesitação: “Querido Pai celestial, confesso que em mim há a presença de um mau temperamento, que contra a minha vontade me obriga a agir de um modo decididamente não cristão. Tu prometeste removê-lo e implantar um santo temperamento em seu lugar. De acordo com isso, agora pela e de facto, entrego-Te esta presença má, e creio absolutamente que a tiraste de mim e não mais faz parte de mim de modo algum. Sei que apenas permanece um vácuo, no qual agora recebo o abençoado dom de um temperamento justo. Agradeço-Te pelo velho ter sido tirado e o novo ter tomado o seu lugar. Agora sigo o meu caminho possuindo o dom, sabendo que compreenderei quando a houver necessidade. Agradeço a Tua maravilhosa salvação. Peço tudo isto por Jesus Cristo, meu Salvador, Amém.”

Esta oração vai directa ao assunto, e se dirigida a Deus através de Jesus Cristo na verdadeira fé, garante trazer sempre o resultado desejado. Nem uma vez foi referido um hesitante, incerto, duvidoso pensamento; as palavras “pode” e “possa”, nunca foram

usadas. Esta aproximação de Deus deve ser aprendida, no processo do qual será verificado que velhos hábitos não são facilmente destronados e substituídos por uma aproximação completamente nova. Mesmo quando isso acontece, será verificado que uma constante guarda tem de ser montada contra o seu reaparecimento e regresso à supremacia. Não é natural para o homem caído exprimir a oração da verdadeira fé, e é também demasiado fácil voltar de novo aos velhos caminhos.

Uma das medidas mais seguras que podem ser tomadas para assegurar que nenhum retorno à senda da incredulidade tenha lugar, é passar tempo todos os dias absorvendo todo o amor e poder que estão presentes nas promessas. De facto, se esta precaução não for tomada, a pessoa pode estar segura que cairá nas trevas e no fracasso da incredulidade.

Ao mesmo tempo, o suplicante cheio de fé deve recordar-se que os procedimentos correctos devem acompanhar a viva fé se a verdadeira ciência da oração for completamente aplicada. “Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.” *Tiago 2:17.*

Deus tem-nos dado instruções muito específicas para orar pela chuva serôdia nesta altura para que ela caia. Não devemos esperar em expectativa que no ordinário curso da estação a chuva caia. Esse tempo não está fixado para uma data distante uma vez designada no calendário, mas é movida para mais perto quando os crentes pedem com verdadeira fé de acordo com a verdadeira ciência da oração.

Tomemos então nos nossos corações a instrução para orar por chuva serôdia. Chegou o tempo para verdadeira e poderosamente absorver o divino amor e o infinito poder nas promessas até que todo o nosso ser seja carregado com a corrente celestial que ligará a nossa humanidade à Sua divindade e preparar-nos-á para receber a divina bênção.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 14

Na petição ao trono da graça de acordo com a verdadeira ciência da oração, o crente deve compreender que há algumas coisas para as quais o Senhor dá respostas imediatas, e outras requerem um período de espera ou são respondidas completamente de outra forma. Não há obra de adivinhação sobre que tipos de oração caem em cada categoria como o Divino Mestre fez clara distinção em palavras como estas:

“Em alguns casos de cura, Jesus não concedeu imediatamente a bênção buscada. No caso da lepra, todavia, tão depressa foi feito o apelo, seguiu-se a promessa. Quando pedimos bênçãos terrestres, a resposta à nossa oração talvez seja retardada, ou Deus nos dê outra coisa que não aquilo que pedimos; não assim, porém, quando pedimos livramento do pecado. É Sua vontade limpar-nos dele, tornar-nos Seus filhos, e habilitar-nos a viver uma vida santa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 244.

Assim então, quando vimos com fé e na realidade recebemos o dom de um temperamento santo ou cristão, a bênção é instantaneamente concedida, se bem que a sua real concretização espere a hora da necessidade para vir, em que, sob a provocação, verificamos que ser possuidores de uma tranquilidade e paz que nada pode perturbar.

Será verificado que, onde quer que a libertação do pecado envolva erradicação e substituição, desde que a fé necessária seja exercida de acordo com a verdadeira ciência da oração, a libertação da pecaminosidade nunca se faz esperar. Tão cedo quanto o apelo é feito assim é atendido.

Não é difícil determinar quais os pecados que precisam de uma completa remoção. Qualquer coisa que controlada ou incontrolada ainda seja pecado deve ser completamente abandonada, ao passo que aquilo que é pecado somente quando fora de controlo deve ser colocado sob a autoridade da disciplina e temperança.

Por exemplo, ódio, orgulho, egoísmo, fumar, beber bebidas alcoólicas, e coisas semelhantes, são más quer estejam controladas ou não. Nada há de bom nelas, nem algo de bom se pode fazer delas. Portanto, elas não têm qualquer lugar na vida do cristão. A

solução para a sua despótica e corrupta presença está confinada apenas a um procedimento – total eliminação seguida pela implantação dos atributos divinos.

Mas quando se fala dos apetites, paixões, e afeições, há uma diferença. Estes são pecaminosos somente quando não forem cuidadosamente controlados. Eles são muito necessários na continuação da vida. Se o apetite da pessoa por comida tivesse que ser eliminado, ela com certeza morreria de fome. Mesmo os puros Adão e Eva necessitaram de cuidadosamente controlar estas forças. Na descrição do homem tal como ele saiu das mãos do Criador, está escrito que: “As afeições eram puras; os apetites e paixões estavam sob o domínio da razão.” *Patriarcas e Profetas*, 44.

De facto, foi quando eles falharam em manter o controlo sobre as suas afeições, apetites e paixões que caíram em pecado. Quando Jesus veio a esta Terra, Ele fielmente mostrou como a vitória devia ser alcançada. Ele veio abençoado com anelante amor pela decadente raça humana, um infinito amor que O levou a fazer qualquer sacrifício para salvar o que se havia perdido, mas nunca por um instante permitiu que a poderosa afeição saísse do Seu controlo. Ele manteve-a sob o governo de um régio poder de uma mente verdadeiramente iluminada e racional.

Esta capacidade de Jesus é também ilustrada quando Ele com sucesso resistiu aos apelos de Satanás ao Seu coração de amor quando iniciou a Sua última jornada da Galileia para estar presente em Jerusalém para a Sua crucifixão. O diabo argumentou: “Por que iria agora a Jerusalém, a uma morte certa? Por toda a parte, ao Seu redor, estavam almas famintas do pão da vida. Por todo o lado, almas sofredoras a esperar-Lhe a palavra de cura. A obra a ser operada pelo evangelho de Sua graça apenas começara. E Ele Se achava em pleno vigor da primavera da varonilidade. Por que não ir aos vastos campos do mundo com as palavras de Sua graça, o toque de Seu poder de curar? Por que não Se dar a Si mesmo a alegria de conceder luz e satisfação aos entenebrecidos e sofredores milhões de criaturas? Por que deixar a colheita aos discípulos, tão fracos na fé, tão pesados de entendimento, tão tardios para agir? Por que enfrentar a morte agora, e deixar a obra ainda em sua infância? O inimigo que no deserto se defrontara com Cristo, assaltou-O então com cruéis e sutis tentações. Houvesse Jesus cedido por um instante, houvesse mudado Sua orientação no mínimo particular para Se salvar a Si mesmo, e os instrumentos de Satanás haveriam triunfado, ficando o mundo perdido.” *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

Com que poder o Seu infinito amor deve ter atraído o Salvador enquanto contemplava aquelas multidões necessitadas e ansiosas, mas Ele completamente recusou ser guiado por uma incontrolada afeição. “A única lei de Sua vida era a vontade de Seu Pai.” *O Desejado de Todas as Nações*, 469.

Assim também, todo o crente em Jesus deve compreender que há uma área na sua vida em que a vitória é obtida, não pela erradicação e substituição, mas pelo controlo e disciplina – fazendo da vontade de Seu Pai a única lei da sua vida.

Quando se chega ao ponto em que estes princípios se tornaram os procedimentos verdadeiramente activos na vida, é a obra de santificação e não é alcançado num momento. É em vez disso a obra de uma vida. Batalhas duras e severas têm de ser travadas contra toda a inclinação humana de viver cegamente o que ditam os apetites incontrolados, paixões e afeições. Leva tempo a obter a total vitória nestas áreas, e não devem ser esperadas imediatas respostas à oração.

O verdadeiro filho de Deus sabe que enquanto está a lutar para obter a sua vitória nesta obra de reforma, está coberto pela justiça de Cristo e pode ser perdoado se falhar. Por ter este conhecimento, está em grave perigo de ficar satisfeito com a experiência de pecar e

arrepende, peca e arrepende. Mas isto não satisfará a Deus que fez provisão adequada para o crente viver tal como Jesus, totalmente livre do pecado.

Mas porque deveria haver um atraso no envio da chuva serôdia quando os crentes à volta de todo o mundo têm orado tão honestamente por ela durante um período tão longo.

A razão para isto está no facto que esta bênção não pode ser derramada sobre o povo do Senhor até que se tenham preparado colectivamente para ela. Trazer uma pessoa a um estado de preparação é suficientemente difícil, mas alcançar isto simultaneamente em todo o crente no mundo é um problema bastante grande. Mas isto será alcançado tal como foi entre os discípulos de Cristo quando chegaram ao Pentecostes. “E cumprindo-se o dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar.” *Atos 2:1*. Não havia uma voz de dissensão entre eles. A sua harmonia e pacífica paz era uma maravilha de se contemplar.

Isto não quer dizer que todos os membros que agora se identificavam com este movimento seriam reunidos com o restante dos crentes quando o tempo para a chuva serôdia chegasse completamente, porque quando o alto clamor vier, a maioria serão virgens loucas. Estas parecerão estar em união até que o grande teste final se aproxime. Então serão sacudidas e deixadas pelo caminho simplesmente porque, havendo falhado em manter o passo com o avanço da luz, serão incapazes de satisfazer os requisitos na hora da tentação.

Uma ou mais pessoas podiam bem chegar a um estado de perfeita preparação para receber o derramamento do Espírito Santo bem à frente dos mais lentos que ainda estivessem a fazer a preparação. Eles não estão, por conta disto, a tentar medir o estado espiritual dos seus companheiros num esforço para determinar a causa da demora, pois, se eles entrassem numa tal tarefa, tornar-se-iam os maiores colaboradores para o prolongamento do tempo.

Somente aqueles que compreendem e praticam a verdadeira ciência da oração podem com sucesso interceder pelo derramamento da bênção final. Isto é assim, primeiramente porque não há outra forma para a libertação do pecado e para encher a alma com justiça, senão através da aplicação dos princípios da verdadeira ciência da oração. A finalização da transgressão e o fim dos pecados tanto quanto os conhecemos e estamos convictos deles, e a introdução da justiça eterna tanto quanto a aprendemos, é uma obra que deve ser feita antes que o Espírito Santo possa encher a alma. Esta é uma obra muito exigente requerendo que nada seja descuidado, e desenvolva uma distinta classe de pessoas diferentes de todas as outras.

“Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a trasladação.” *Testimonies 1:187* (Testemunhos Selectos 1:65).

A tónica deste testemunho parece apontar para a erradicação do pecado, mas isto é apenas uma parte da questão. Muito frequentemente provas vêm a nós na forma de mensagens da verdade que necessitamos aceitar, mas, todas as vezes que nova luz nos é revelada, há alguns que rejeitam a justiça que lhes é oferecida e voltam as suas costas à verdade para sempre.

Não é suficiente ser liberto do pecado. Em adição deve haver o recebimento da justiça de Cristo que não somente vem pelo recebimento da Sua semente, mas também vem através do recebimento do Espírito Santo em resposta à aplicação da verdadeira ciência da oração.

É agora que devemos orar por chuva serôdia e recebê-la, mas haverá um tempo muito em breve, ou talvez num futuro ligeiramente mais distante, em que verdadeiramente testemunharemos a manifestação do dom.

Aquilo que é muito mais difícil para o cristão é crer que, se ele pedir correctamente e reclamar a promessa, realmente possui o dom agora mesmo apesar de não ver visíveis, tangíveis, evidências da sua presença, nem devia ele esperar isso à partida.

Assim aqueles que têm estado a orar pelo recebimento da chuva serôdia, não podem ver real evidência que já tenham posse do dom. Todavia, se tiverem ido ao Pai através de Jesus seu Advogado, completamente confiantes na promessa, e especialmente pedindo-a e agarrando-se ao dom, já estão na posse da chuva serôdia. Eles na verdade receberam o genuíno derramamento em certa medida, desde que tenham crido que o receberam.

“E enquanto deixam sua luz bilhar, como fizeram os que foram baptizados com o Espírito no dia do Pentecostes, recebem mais e mais do poder do Espírito. Assim é a Terra iluminada com a glória de Deus.” *Atos dos Apóstolos*, 54.

Não importa que não exista qualquer manifestação exterior do poder, porque nos é assegurado que: “Viver assim pela Palavra de Deus significa a entrega a Ele de toda a nossa vida. Ter-se-á um contínuo senso de necessidade e dependência, uma atracção do coração a Deus. A oração é uma necessidade, pois é a vida da alma. A oração particular e em público tem o seu lugar; é, porém, a comunhão secreta com Deus que sustenta a vida da alma.” *Educação*, 258.

É altura para rever a forma pela qual temos orado por chuva serôdia nesta altura para que ela caia. Temos nós pedido a bênção, realmente apegando-nos a ela, e agradecendo a Deus por especificamente a termos recebido? Seguimos nós o nosso caminho possuindo o dom no certo conhecimento que o compreenderemos exactamente quando dele mais necessitarmos? Abandonámos toda a dependência nas evidências visíveis e confiámos inteiramente na palavra do Senhor?

Se não o fizemos, estamos seguindo o habitual padrão desde há muito estabelecido de pedir o dom prometido, e em seguida esperar que a bênção verdadeiramente se manifeste antes de estarmos preparados para crer que a oração foi respondida. Se esta tem sido a aproximação, então temos a certeza que oraremos para sempre e nunca veremos a descida do Espírito Santo em poder.

O nobre é um excelente exemplo daquele que olhou para a inexistência de evidência exterior da posse da bênção. Para ele, a palavra de Cristo foi tudo o que necessitou. “Canã não distava muito de Cafarnaum, de modo que o oficial poderia haver chegado a casa na tarde do dia em que estivera com Jesus; mas não se apressou na jornada de regresso. Só na manhã seguinte chegou a Cafarnaum.” *O Desejado de Todas as Nações*, 177.

Quando os servos saíram ao seu encontro crendo que ele estaria ansioso para ouvir as boas notícias, verificaram que ele já conhecia as boas novas, e desejava apenas verificar a hora exacta em que a cura ocorreu. Tal como esperou, eles disseram-lhe uma hora que coincidia exactamente com o momento em que o grande Restaurador lhe tinha dito para seguir o seu caminho, pois o seu filho estava vivo e curado. Assim ele recebeu e tomou posse do dom no momento que pediu a bênção de acordo com a divina ciência da oração, mas a confirmação visual esperou até que ele chegasse a casa.

Todo aquele que quiser fazer da sua vida um sucesso deve aprender aquilo que este homem aprendeu nesse dia. Todos devem chegar ao entendimento que, tendo conhecido e confiado nas promessas do Deus vivo, tendo-se chegado ao Pai celestial através do poderoso Advogado, havendo pedido e recebido a bênção prometida, devem saber que estão na verdadeira posse do dom e não há necessidade de procurar qualquer evidência exterior de que a bênção foi concedida.

Também deve ser aprendido que em adição à ausência de confirmação visível de que a oração foi respondida, parecerá haver testemunhos irrefutáveis de que o Senhor não ouviu as petições que Lhe foram feitas, nem deu ao crente qualquer ajuda. Os sentimentos

de dúvida, incerteza, e de ter sido ignorado pelo Senhor, são gerados e baseados no testemunho da vista e circunstâncias. Esta é uma força muito poderosa que se mostra com um poder tão convincente que precisa grande fé e decisão para lhe resistir. Aqueles que realmente obtêm a vitória sobre este testemunho aprenderam a verdadeira ciência da oração e o seu caminho para a fé viva. Eles são aqueles que unicamente farão da obra da sua vida um sucesso e terão um lugar no reino celestial.

Não há melhor ilustração do modo como o diabo pressiona o testemunho da vista e das circunstâncias sobre o crente para o desencorajar e derrotar, e do modo como a vitória deve ser obtida, do que aquele que é provido pelo nosso Salvador quando foi levado ao deserto para ser tentado depois do Seu baptismo. Neste terrível encontro com as forças das trevas, Ele mostrou a forma como também nós devemos vencer. O relato desta experiência é de incalculável valor para nós, pois nós temos que sair vitoriosos da nossa luta para acabar com o pecado e introduzir a justiça eterna através dos mesmos métodos pelos quais Jesus triunfou sobre a confederação do mal. Vede *Apocalipse 3:21*; *The SDA Bible Commentary 6:1112*; *Mensagens Escolhidas 1:409*.

Muito tempo antes de ser baptizado, o jovem Jesus começou a compreender quem era, quando, na Sua visita pascal aos doze anos, viu o sistema sacrificial em execução. Foi então que “No íntimo acordavam-se-Lhe novos impulsos. Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério de Sua missão desvendava-se ao Salvador.” *O Desejado de Todas as Nações, 67*.

Desde então, com cada vez maior clareza, Jesus aprendeu quem era e quais eram as Suas tremendas responsabilidades, e enfrentou esta crescente compreensão com uma cada vez mais profunda consagração de Si mesmo à obra para a qual foi chamado. Tudo isto atingiu um elevado ponto quando saiu das águas do baptismo no rio Jordão. Ali, numa extensão que Ele não tinha vista antes, viu a natureza e âmbito da obra que estava perante Si.

“Ao sair da água, Jesus Se inclinou em oração à margem do rio. Nova e importante época abria-se diante d’Ele. Entrava agora, em mais amplo círculo, no conflito de Sua vida. Conquanto fosse o Príncipe da Paz, Sua vida devia ser como o desembainhar de uma espada. O reino que viera estabelecer, era oposto daquilo que os judeus desejavam. Aquele que era o fundamento do ritual e da organização de Israel, seria considerado seu inimigo e destruidor. Aquele que proclamara a lei sobre o Sinai, seria condenado como transgressor. O que viera derribar o poder de Satanás, seria acusado como Belzebu. Ninguém na Terra O compreendera, e ainda em Seu ministério devia andar sozinho. Durante Sua existência, nem a mãe nem os irmãos Lhe tinham compreendido a missão. Os próprios discípulos não O entendiam. Habitará na eterna luz, sendo um com Deus, mas Sua vida na Terra devia ser vivida em solidão.

“Como um conosco, cumpria-Lhe suportar o fardo de nossa culpa e aflição. O Inocente devia sentir a vergonha do pecado. O Amigo da paz tinha que habitar entre a luta, a verdade com a mentira, a pureza com a vileza. Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, Lhe era uma tortura para o espírito.

“Sozinho devia trilhar a vereda; sozinho carregaria o fardo. Sobre Aquele que abria a mão de Sua glória, e aceitaria a fraqueza da humanidade, devia repousar a redenção do mundo. Viu e sentiu tudo isso; firme, porém, permaneceu o Seu desígnio. De Seu braço dependia a salvação da raça caída, e Ele estendeu a mão para agarrar a do Onipotente Amor.

“O olhar do Salvador parece penetrar o Céu, ao derramar a alma em oração. Bem sabe como o pecado endureceu o coração dos homens, e como lhes será difícil discernir Sua

missão, e aceitar o dom da salvação eterna. Suplica ao Pai com poder para vencer a incredulidade deles, quebrar as cadeias com que Satanás os escravizou, e derrotar, em seu benefício, o destruidor. Pede o testemunho de que Deus aceita a humanidade na pessoa de Seu Filho.” *O Desejado de Todas as Nações*, 97.

Esta petição foi magistralmente apresentada perante o Pai de acordo com a verdadeira ciência da oração, e, em resposta, trouxe ao Salvador a certeza dita pelo próprio Deus, mas, visivelmente e discernivelmente, nada mais do que isso. A resposta à Sua oração foi do mesmo carácter como a do nobre quando recebeu a palavra de que o seu filho estava curado.

Alguns podem sentir que não há comparação entre as duas experiências. Alguns podiam pretender que Deus falar-vos directa e audivelmente do Céu é muito mais eficaz e edificador da fé do que mesmo para Cristo como homem declarar que a doença foi banida, e certamente muito mais do que receber a promessa escrita com tinta. Porém, quer a voz de Deus seja ouvida audivelmente do Céu, ou Cristo quando na Terra declarou que a oração estava respondida, ou a promessa seja encontrada nas Escrituras, não há diferença. Não importa como a mensagem nos é transmitida. É ainda a palavra do Senhor e está investida de todo o poder e autoridade do próprio Deus. É quando os crentes compreendem isto que deixam de se prender a directas manifestações do céu e tirarão o maior proveito da palavra escrita tão rapidamente disponível para eles.

Seja claramente compreendido que: “O mesmo poder exercido por Cristo enquanto andava visivelmente entre os homens, acha-se em Sua Palavra. . . As Escrituras devem ser recebidas como a Palavra de Deus a nós, não meramente escrita, mas falada também. . . O mesmo se dá com todas as promessas da Palavra de Deus. Por meio delas, Ele nos está falando a nós, individualmente; falando tão directamente, como se Lhe pudéssemos ouvir a voz. É por intermédio dessas promessas que Cristo nos comunica Sua graça e poder. Elas são folhas daquela árvore que é ‘para saúde das nações’. Apocalipse 22:2. Recebidas, assimiladas, elas serão a fortaleza do carácter, a inspiração e o sustentáculo da vida. Nenhuma outra coisa pode possuir tal poder restaurador. Nada além delas pode comunicar o ânimo, e a fé que dá energia vital a todo o ser.” *A Ciência do Bom Viver*, 121, 122.

Quando o Pai reconheceu Cristo como Seu Filho, Jesus creu nessa palavra e todas as implicações nela contidas, mas Satanás estava determinado a quebrar a fé do Redentor nessa palavra, sabendo que, se fosse bem-sucedido em alcançar este objectivo, a vitória no grande conflito estava confirmada a seu favor.

Quando o demónio defrontou Cristo no deserto, “As palavras do Céu: ‘Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo’ Mateus 3:17, soavam ainda aos ouvidos de Satanás. Mas ele estava decidido a fazer Cristo descrer desse testemunho. A Palavra de Deus era a segurança de Cristo quanto à divindade de Sua missão. Viera viver como homem entre os homens, e era a palavra que declarava Sua ligação com o Céu. Era o desígnio de Satanás fazê-lo duvidar dessa palavra. Se a confiança de Cristo em Deus fosse abalada, Satanás sabia que lhe caberia a vitória no conflito. Poderia derrotar Jesus. Esperava que, sob o império do acabrunhamento e de extrema fome, Cristo perdesse a fé em Seu Pai, e operasse um milagre em Seu benefício. Houvesse Ele feito isso, e ter-se-ia frustrado o plano da salvação.” *O Desejado de Todas as Nações*, 105.

Subsequentemente à aceitação da palavra da divina aceitação por Cristo, uma situação se desenvolveu na qual o testemunho da vista e circunstâncias apareceram para completa e inquestionavelmente apoiarem os argumentos e esforços de Satanás.

Primeiramente, deve ter vindo como algo surpreendente quando o Espírito Santo O levou ao deserto para preparação adicional para a Sua missão. Ele tinha passado trinta

anos na preparação mais intensa possível, no final dos quais Ele se dedicou a Si próprio ao serviço de Deus na salvação da humanidade que perecia e tinha sido aceite pelo Altíssimo.

Sob estas circunstâncias, a natural expectativa de qualquer ser humano sem conhecimento detalhado dos deveres futuros, seria começar imediatamente a urgente obra de trazer a salvação e alívio aos milhares que pereciam na sua iniquidade. Porém, em vez disso, foi levado directamente ao deserto para fora do campo de trabalho onde o sofrimento e a necessidade clamavam por ajuda, a fim de passar mais tempo em diligente e intensiva preparação. Satanás com certeza aproveitou este desenvolvimento para tentar levantar a questão na mente do Salvador se Ele era de facto guiado por Deus. Se o diabo pudesse ter levado Cristo a contemplar tais pensamentos, o caminho estava preparado para o Salvador duvidar e em seguida rejeitar a palavra que declarou a Sua filiação com Deus.

Todavia isto era apenas o início.

“Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana.” *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Durante este breve período, Ele foi abençoado pelo poder e vida da palavra e Satanás sabia que ainda não era tempo para fazer os seus movimentos. Ele esperaria até que o testemunho da vista e circunstâncias estivesse tão sobrecarregado que pareceria que não havia possibilidade de o negar.

Rapidamente veio uma dramática mudança nas circunstâncias de Cristo, porque “... a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava. Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o dos outros filhos dos homens.’ Isaías 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Quando uma pessoa experimentou uma brilhante e íntima comunhão com os poderes celestiais, seguido por um súbito afastamento dessa glória, o sentimento de ter sido rejeitado por Deus pode ser muito desanimador. Quanto mais perto caminhámos do Senhor, e mais abençoada a nossa comunhão com Ele tem sido, maior o sentimento de isolamento se torna.

Tal foi a senda na qual Cristo foi chamado a caminhar. Ele sentiu o mais profundo sentimento de estar abandonado tanto por Deus como pelo homem. Parecia que Seu Pai se tinha afastado d’Ele e O tinha deixado completamente só. Esta impressão aumentou pelo facto que orando como Ele orava, nenhuma resposta vinha. A voz que fora tão pronta em responder à Sua súplica estava agora estranhamente silenciosa. O testemunho da vista e das circunstâncias proclamava em intimidantes tons que devia ter ofendido de tal modo o Seu Pai que Este não mais podia perdoá-l’O nem cuidar d’Ele.

Não devemos esquecer a intensidade da luta pela qual Jesus passou quando foi tentado a negar a palavra do Seu Pai quando assaltado pelo testemunho da vista e das circunstâncias. Tão oprimido foi pela situação que estava “... extenuado pela angústia mental...” Apenas aqueles que experimentaram a agonia mental podem começar a apreciar os sofrimentos que o Salvador passou naquela altura e podem compreender um pouco a pressão que o testemunho da vista e das circunstâncias pode exercer.

Enquanto Jeová parecia silencioso e aparentemente separado de Seu Filho, “Eis que foi ter com o Salvador, como em resposta a Suas orações disfarçado num anjo do Céu.” *O Desejado de Todas as Nações*, 103.

Tudo acerca desta maravilhosa e atraente criatura declarava que era na verdade quem dizia ser, o anjo enviado a libertar Abraão da ordem de matar o seu filho Isaque. Fluientemente citando as Escrituras e dando ênfase ao facto que o antítipo deve cumprir o tipo, ele ternamente informa Cristo que assim como Deus aceitou a vontade de Abraão para fazer o supremo sacrifício, também aceitou Cristo nos mesmos termos. Declarou que o grande conflito tinha acabado, a vitória tinha sido obtida.

Que vaga de alívio deve ter inundado todo o ser do Salvador perante estas boas notícias. Nada havia que a Sua humanidade suplicasse mais do que a libertação de maior sacrifício e sofrimento. Contudo, ao mesmo tempo, a palavra de Deus levantou imediatamente suspeitas e a seguir convicções acerca da validade da mensagem. Por essa palavra Ele sabia que não havia provisão para a luta finalizar na solidão do deserto antes de ter realmente começado. Mesmo assim o diabo desempenhou o seu papel muito habilmente e “Não foi sem luta que Jesus pôde escutar em silêncio o arquienganador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 105.

Logo o diabo ofereceu à humanidade de Cristo esta maravilhosa libertação retirou a oferta até que Cristo estivesse preparado para provar quem era. O inimigo fez isto na sua simulada necessidade de se proteger de dar a missão à pessoa errada, mesmo ao próprio Satanás. Que isto era possível estava fortemente indicado no aspecto de Jesus. Ali estava Ele como alguém podia supor que o Filho de Deus nunca estaria – aparentemente abandonado por Deus, sem o auxílio do homem, e baloiçando à beira da morte. Quão distantes e insignificantes pareciam agora as palavras ditas que parecia ter passado uma eternidade, “Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo.”

Satanás agora pediu ao Senhor que o ajudasse a cumprir a sua missão. “... Se Tu és o Filho de Deus manda que estas pedras se tornem em pães.” *Mateus 4:3*.

A palavra de Deus foi o assunto nesta luta. Satanás estava a fazer o máximo para quebrar a fé de Cristo nessa palavra enquanto dirigia a Sua atenção e fé para o testemunho da vista e das circunstâncias. A todo e qualquer sacrifício, Cristo tinha que manter a Sua fé fixa na palavra. Pela sua declaração, Ele era o Filho de Deus apesar de todas as evidências visíveis do contrário. Ao exprimir dúvida nessa palavra, o brilhante anjo que estava perante Ele estava a revelar a sua verdadeira identidade. Nenhum anjo enviado pelo Seu Pai duvidaria da palavra do Pai.

Quando nós vamos ao Senhor através da divina ciência da oração e agarrámos firmemente o dom oferecido e entrámos na sua posse, podemos estar certos que nós também temos que viver pela palavra e crer nela contra o testemunho da vista e das circunstâncias. Temos que manter uma guerra constante contra a perpétua tendência de ser influenciados pelas visíveis, palpáveis circunstâncias que nos cercam e estão mesmo em nós, negando que recebemos o dom. É preciso aprender muito antes da vitória ser finalmente obtida.

Mas, “Quando houvermos aprendido a assim fazer, saberemos que nossas orações são atendidas. Deus fará por nós ‘muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos’, ‘segundo as riquezas da Sua glória’, e ‘segundo a operação da força do Seu poder.’ Efésios 3:20,16; 1:19.” *O Desejado de Todas as Nações*, 178.

Será quando nós como um povo estendermos a mão da fé e não apenas orarmos pela chuva serôdia mas na realidade nos fundarmos nela que virá e muito em breve.

“Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades.

“Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem.” *Salmos 103:10, 13.*

Orai Por Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 15

A Jornada de Oração pelo Santuário

Quando ao orar pela chuva serôdia precisa ser recordado, que esta é uma grande bênção administrada do lugar santíssimo do santuário celestial, tal como a chuva temporã foi derramada do primeiro compartimento depois da confirmação de Cristo como "...Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem." *Hebreus 8:2*.

O derramamento do Espírito Santo tanto no poder da chuva temporã como da chuva serôdia é o meio pelo qual o Senhor nos leva à relação mais próxima possível com Ele. É portanto, oportuno que o derramamento do Espírito Santo fosse o resultado do ministério de Cristo, primeiramente no lugar santo e depois no lugar santíssimo do santuário celestial, pois esse templo do Céu está ali para que possamos encontrar acesso a Deus.

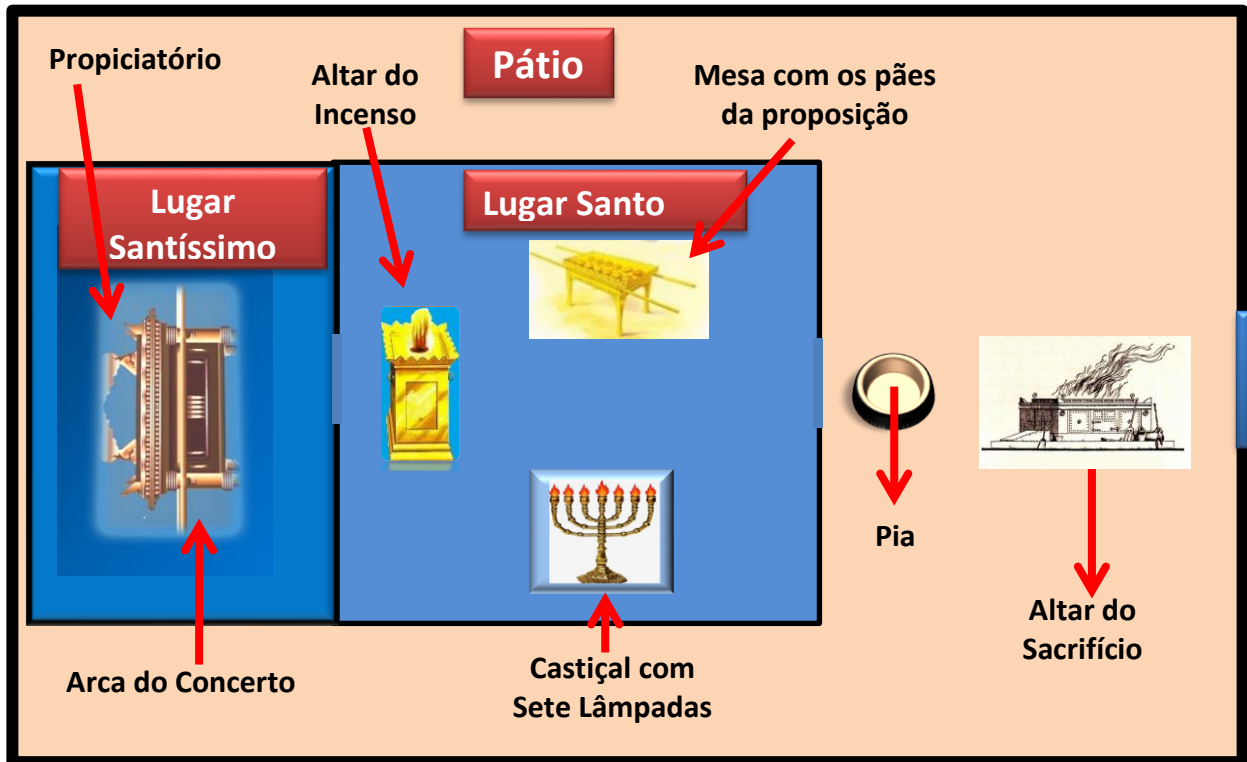
Isto é tornado evidente no Seu declarado propósito de ordenar a Moisés que construísse o tabernáculo típico. "E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles." *Êxodo 25:8*.

Eles deviam entender que o desejo de Deus de habitar *dentro* deles não ficaria satisfeito habitando simplesmente num edifício no meio do acampamento. Para o Senhor, somente quando habitasse *dentro* deles estava verdadeiramente habitando *entre* eles. Embora parecesse que Israel tinha falhado em compreender isto, o apóstolo Paulo com certeza o viu e compreendeu. Ele revelou isto quando citou a Escritura do Antigo Testamento que falava de Deus habitar *entre* eles como Deus habitando *neles*.

Por exemplo, quando ele citou *Levítico 26:12*, que se lê:

“Neles habitarei, e *entre* eles andarei: e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo”.
2 Coríntios 6:16.

É verdade que se Ele não pudesse morar neles, então não já não podia habitar *no meio* deles. Isto seria assim porque a Sua ausência dos seus corações deixá-los-ia expostos ao aprofundamento da apostasia que dentro em pouco O afastaria mesmo do meio deles. Todavia, o serviço do santuário destinava-se a evitar a apostasia e assegurar que os crentes fossem tão cheios da presença divina como o próprio tabernáculo.



Havia um claro procedimento pelo qual isto era realizado, um procedimento que era literalmente uma *jornada de oração* através do primeiro e do segundo compartimento. Por sucessivos passos, os que procuravam a graça divina, perdão, e restauração de uma próxima comunhão com o Senhor, penetravam mais profundamente no próprio coração da presença divina.

O Pátio

Em primeiro lugar, sob o convincente ministério do Espírito Santo e pelo Seu solene poder, eles vinham ao pátio e aproximavam-se do altar do sacrifício, e da oferta queimada, de manjares e libação. Ali deixavam os seus pecados sobre o cordeiro, matavam-no, e pela fé seguiam o sacerdote até ao lugar santo, enquanto ele transportava o sangue para os sagrados recintos. Para eles, todo o movimento que eles e o sacerdote faziam era significativo. De manhã e à tarde, reuniam-se para as ofertas, queimada, manjares e libação, pelas quais se consagravam a si mesmos e às suas posses para o divino serviço e assim estabeleciam a sua paz com Deus.

Desse modo eles se preparavam para a purificação dos seus pecados que estavam no santuário no final de cada ano. Dessa maneira era confirmada a presença de Deus dentro deles no tipo para sempre.

Quando o crente de hoje compreende essa verdadeira participação no serviço do santuário e o recebimento dos próprios benefícios que Deus prometeu conceder dos lugares santos, envolve uma *jornada de oração* através do santuário e ele fará que cada sessão de oração seja uma dessas jornadas. Passo a passo prosseguirá de um ponto para o outro a seguir até que tenha entrado tão completamente na presença de Deus quanto possível e esteja totalmente preparado para receber o derramamento da chuva serôdia.

Eu posso testemunhar verdadeiramente que quando cheguei à compreensão que o santuário é um caminho para a própria presença de Deus, fiz de toda a sessão de oração uma jornada de um ponto a outro até viajar todas as vezes do pátio ao lugar santo até dentro do lugar santíssimo onde fui quer com pecados a serem confessados e purificados, ou com louvor e um desejo de renovada consagração.

Também aprendi que necessitava que o Espírito Santo fosse comigo em cada passo da jornada, pois a Sua presença era tão essencial para a oração bem-sucedida como a intercessão de Jesus, como está escrito: "Precisamos não só pedir em nome de Cristo, mas também pela inspiração do Espírito Santo. Isto explica o que significa o dito de que: 'O mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis.' Romanos 8:26. Tais orações Deus Se deleita em atender. Quando proferirmos uma oração com fervor e intensidade no nome de Cristo, há nessa mesma intensidade o penhor de Deus de que Ele está prestes a atender à nossa súplica 'muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos'. Efésios 3:20." *Parábolas de Jesus*, 147.

Assim, há orações que são inspiradas pelo Espírito Santo e há as que não são. Obviamente, ninguém faz uma jornada de oração através do santuário até à presença de Deus se as suas orações não são inspiradas. Portanto, o primeiro passo para fazer um progressivo movimento em direcção a Deus e com Ele é juntar o ministério do Espírito Santo para inspirar as nossas orações.

O que é orar pela inspiração do Espírito Santo?

Significa que a divina vida foi injectada no interior do próprio ser do suplicante de modo que a sua oração está carregada com um poder que transcende aquilo que a humanidade é capaz de produzir. É um poder a presença daquilo que garante que a petição alcançará de facto o nosso maravilhoso Pai celestial e será com certeza respondida.

As orações que são feitas sem este peso adicional, são totalmente nossas e não têm a capacidade para gerar qualquer resposta. Alguns podem desafiar isto afirmando que têm recebido respostas a orações sem terem procurado e recebido a inspiração do Espírito Santo. Esta não é a forma correcta de raciocinar. Os verdadeiros factos são que terem recebido respostas às suas orações, desde que tenham vindo de Deus e não do diabo, é prova que foram inspiradas pelo Espírito Santo. Portanto, vendo que Ele nunca vem sem ser pedido, estes vasos da Sua inspiração devem ter pedido sem o terem compreendido. Isto é precisamente o que acontece nos dias da nossa ignorância. Nessa altura o Espírito Santo compreendeu a oculta necessidade do nosso coração, e, em resposta ao silente pedido, transmitiu a inspiração necessária.

Mas o Senhor não espera que nos mantenhamos no mesmo estado de trevas para sempre. Ele deseja que compreendamos a necessidade vital de especificamente pedir e receber a inspiração do Espírito Santo, de acordo com os princípios e procedimentos da verdadeira ciência da oração.

Não procureis grandes voos de sentimentos ou o aparecimento de emoções como evidência que tendes a inspiração do Espírito Santo. Mais semelhantemente, na maioria dos casos, não haverá quaisquer sentimentos deste tipo. Pelo contrário, na verdade podeis *sentir-vos* muito pouco inspirados. Certamente, durante aqueles quarenta dias de agonia mental quando Cristo no deserto Se sentiu totalmente abandonado pelo Seu Pai celestial e pelos homens, não *sentiu* a presença ou a inspiração do Espírito Santo. A sensação que Ele teve era que o Espírito Santo estava longe de Si, que estava desolado, sem ajuda e entregue completamente a Si mesmo.

Contudo, nessa probante hora de treva, os anjos estavam muito perto, e o Espírito Santo estava n'Ele sem medida. Cada sílaba de toda a oração que Ele proferiu foi maravilhosamente inspirada pelo Espírito Santo.

Assim também será com todos aqueles que vencem como Cristo venceu. Não só não haverá sentimentos e outras indicações visíveis que temos a inspiração do Espírito Santo, mas em vez disso toda a indicação do contrário será pressionada sobre nós. Uma vez mais será uma questão de crermos que temos a inspiração na base que recebemos pela fé a promessa.

A promessa é clara e inequívoca: “Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que Lh'O pedirem!” *Lucas 11:13.*

Esta promessa é feita no contexto da instrução: “E Eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á, buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á;

“Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á.” *Lucas 11:9,10.*

Portanto, uma vez que compreendamos que não podemos orar com sucesso sem a inspiração do Espírito Santo, e que não podemos ter esta bênção a menos que a peçamos, torna-se imperativo que o primeiro passo na nossa jornada de oração através do santuário seja reclamar a promessa da inspiração da poderosa terceira Pessoa da Trindade Divina.

Isto é feito ajoelhando em atitude de oração, e, depois de nos dirigirmos ao Senhor com uma introdução que O reconhece pelo nome como a Fonte infinita de todas as coisas e que vos apresentais como recebedores totalmente desesperados e dependentes, declarai que deveis ter o ministério do Espírito Santo para inspirar a oração e para assegurar que ela chega ao trono do Onnipotente e é respondida.

Este é o testemunho da vossa posição e necessidade que deve ser seguido pelos passos necessários para vos levar à posse do ministério do Espírito. Deve ser tomado cuidado para seguir estritamente através da verdadeira ciência da oração que primeiro vos exige o conhecimento real das promessas que se aplicam a esta situação. Há muitas referências na Escritura prometendo o maravilhoso e envolvente ministério do Espírito Santo, o mais conhecido e aplicável dos quais é: “Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que Lh'O pedirem!” *Lucas 11:13.*

Aqui está a clara e certa segurança de que o Espírito Santo será dado àqueles que pedem o dom. Que maravilhoso privilégio e encorajamento é saber que as nossas orações podem trazer medidas ilimitadas do poder do Espírito às nossas vidas, mas dá muito mais coragem saber que o nosso Salvador junta as Suas orações às nossas. Vede-O continuamente em pé na presença do Pai pedindo que esta suficiência impagável seja transmitida aos Seus irmãos ainda nesta Terra. Ele assegura-nos isto nestas palavras “E Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre;

“O Espírito de verdade que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece, mas vós O conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.

“Não vos deixarei orfãos; voltarei para vós.” *João 14:16-18.*

Podemos duvidar da eficácia das nossas orações, mas não necessitamos de ter dúvidas quanto ao acesso ao Pai que o nosso poderoso Advogado possui, e o Seu assombroso poder para mover o braço do Omnipotente. Portanto, quando nos juntamos com Ele na intercessão pela bênção que Ele tão diligentemente, e ardentemente deseja que tenhamos, podemos estar certos que o dom está na realidade na promessa e quando o pedimos, recebemos a bênção prometida. A nossa oração será ainda mais eficaz quando compreendemos que quando apresentamos as nossas súplicas ao Pai em nome de Jesus, estamos na realidade a orar n'Ele e através d'Ele, e Ele adiciona às nossas orações o mesmo poder que Ele tem. Assim, quando as nossas orações chegam ao Pai, é como se na realidade viessem de Cristo.

Nenhum crente pode afirmar que aprecia a bênção como devia. “A promessa do Espírito não é apreciada devidamente. Seu cumprimento não é realizado como poderia sê-lo.” *Parábolas de Jesus, 328.*

Portanto, deve haver uma obra de edificação muito real e viva apreciação do ministério do Espírito nas nossas vidas de tal modo que crie um intenso desejo deste dom. Para isto são necessárias horas passadas em diligente estudo da viva palavra até que todo o nosso ser fique saturado com intensos desejos do Prometido. Devemos compreender cada vez mais a nossa incrível necessidade e devemos compreender que toda a deficiência possa ser suprida pela chuva temporã e pela chuva serôdia. Grande luz nos tem sido dada acerca da personalidade, carácter, poder, e obra do Espírito Santo e ninguém tem qualquer desculpa para não ser familiar a estas poderosas verdades transformadoras da alma.

Chegar ao lugar onde conhecemos e confiamos nas promessas de Deus não é tarefa fácil, mas aqueles que se aplicam à obra com suplicante diligência serão ricamente galardoados. Quanto maior for a fé nas promessas, mais ampla será a capacidade para receber e mais copiosa será a doação das bênçãos prometidas. Por causa de termos recebido tão pouco do dom, concluímos que o Céu está muito relutante em partilhar os seus tesouros connosco, mas isto está longe da verdade. Um cuidadoso estudo das reveladas atitudes dos poderes celestiais mostra que eles estão ansiosos que nós tenhamos um suprimento ainda mais abundante e admiram-se ante a nossa despreocupação e indiferença.

“O amor divino moveu-se a suas insondáveis profundidades em favor dos homens, e os anjos maravilham-se de ver nos objetos de tão grande amor uma gratidão meramente superficial. Os anjos pasmam de quão limitada é a apreciação que o homem tem do amor de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações, 789.*

Lutemos para remover dos anjos esta triste fonte de estupefacção! Isto pode ser feito afastando todo o elemento desnecessário das nossas vidas que não contribui directamente para um reconhecimento da grandeza e perfeição do carácter divino. Vamos trabalhar com uma intensidade até agora considerada como inatingível, para adquirir através da oração e estudo, uma viva e compreensiva visão do amor e justiça divinos. Então saberemos realmente o que significa apegar-nos ao dom do Espírito Santo para inspirar as nossas orações. Que cada crente em Jesus saiba que “o poder de Deus aguarda que o peçam e o recebam. Esta prometida bênção, reclamada pela fé, trás após si todas as outras bênçãos. É concedida segundo as riquezas da graça de Cristo, e Ele está pronto a suprir toda alma segundo sua capacidade para receber”. *O Desejado de Todas as Nações, 648.*

Os textos e testemunhos aqui citados juntamente com os pensamentos expressos sobre o assunto do Espírito Santo, são apenas a mera introdução à verdade que a inspiração do Espírito Santo deve ser procurada e encontrada se as nossas orações quiserem ser eficazes em alcançar a divina Fonte através de Jesus Cristo. Contudo, o suficiente já foi citado e escrito para confirmar a verdade que não é assunto fácil pedir e receber esta bênção.

Aqueles que tomam tempo e exercem o esforço para fazer um estudo cuidadoso das promessas relacionadas com o derramamento do Espírito Santo, verificarão desde o início que pedirão e receberão com maior eficácia do que anteriormente conheceram. Encontrarão um elemento de vida entrando nas suas petições que lhes transmite uma alegria e confiança que jamais tinham experimentado. A oração começará a exercer uma comunhão à qual acolherão com deleite e deixarão com relutância.

Assim, tomando conhecimento e confiança nas promessas, confessai a vossa necessidade da presença do Espírito Santo e operai a cada passo a jornada de oração através do santuário. Então pedi o dom e aceitai-o em clara e positiva linguagem: "Senhor no Teu grande amor por nós não nos deixaste orfãos desamparados, mas prometeste especialmente derramar sobre nós o Espírito Santo". (Nesta altura, citai as palavras de uma ou mais promessas que vos faça apelo pessoal porque as mensagens ali contidas penetram directamente no vosso coração e se tornaram uma parte viva de vós. Verificareis que há poder fortificante da fé em fazer isto. Assim, fazei-o com coragem e confiança). Então continuai a oração neste sentido: "De acordo com a promessa e Tuas instruções, agora especificamente Te peço que me concedas esta bênção. Estendo a minha mão e a tomo. Agora o dom é realmente meu porque o possuo como parte de mim e por ele Te agradeço."

Todo o crente em Jesus pode ter certeza absoluta que, se estes procedimentos forem seguidos pela fé, então recebeu de facto a inspiração do Espírito Santo, e as suas orações serão tais que Deus terá prazer em lhes responder. Com positiva confiança, pode continuar a jornada de oração através do santuário. Fará o seu caminho desde a entrada do pátio até ao altar do sacrifício, oferta queimada, de manjares e acções de graças, até à pia da lavagem, entrando no primeiro compartimento, o ministério dos pães asmos, o castiçal, o altar do incenso, e daqui para o lugar santíssimo onde gostará de permanecer na santa e justa presença de Deus.

Antes de seguirmos este caminho, dêmos ênfase que, desde 1844, o nosso grande Sumo-Sacerdote tem estado a ministrar no lugar santíssimo, e os serviços do primeiro compartimento terminaram. Porém, aquilo que deixou de ser feito no primeiro compartimento é agora realizado no segundo compartimento. Isto é necessário porque não podemos dispensar as bênçãos que eram dadas anteriormente do primeiro compartimento até que estejamos por fim selados e abençoados com a eterna remoção do pecado de nós e do santuário.

"No cerimonial do santuário terrestre, que, conforme vimos, é uma figura do serviço no santuário celestial, quando o sumo sacerdote no dia da expiação entrava no lugar santíssimo, cessava o ministério no primeiro compartimento. Deus ordenara: 'E nenhum homem estará na tenda da congregação quando ele entrar a fazer propiciação no santuário, até que ele saia.' *Levítico 16:17*. Assim, quando Cristo entrou no lugar santíssimo para efetuar a obra final da expiação, terminou Seu ministério no primeiro compartimento. Mas, quando o ministério do primeiro compartimento terminou, iniciou-se o do segundo compartimento. Quando, no cerimonial típico, o sumo sacerdote deixava o lugar santo no dia da expiação, entrava perante Deus para apresentar o sangue da oferta pelo pecado, em favor de todos os israelitas que verdadeiramente se arrependiam de suas

transgressões. Assim Cristo apenas completara uma parte de Sua obra como nosso intercessor para iniciar outra, e ainda pleiteia com Seu sangue, perante o Pai, em favor dos pecadores.” *O Grande Conflito*, 427.

Há um perigo real de concluir a partir deste testemunho que cessando o serviço do primeiro compartimento, tudo chegou ao fim nessa altura. Se assim fosse, então desde 1844 quando Cristo terminou o Seu ministério no primeiro compartimento do santuário do Céu, não teria havido provisão para a remoção dos nossos pecados do santuário. Isto apenas podia significar que todas as pessoas nascidas a partir de 1844 estavam irremediavelmente dominadas pelo pecado e eternamente perdidas.

Todavia, aqueles que de nós foram verdadeiramente renascidos sabem que fomos purificados do pecado e abençoados com a imputada e transmitida justiça de Cristo. Sabemos que o ministério do lugar santo que permite a remoção do pecado de nós para o santuário ainda continua a ser válido, embora não seja a partir do lugar santo. Jesus ministra agora os mesmos benefícios essenciais no lugar santíssimo enquanto faz a Sua expiação final pelos justos mortos, e enquanto espera o glorioso dia em que pode acabar a obra pelos justos vivos.

Isto pode parecer uma contradição do tipo do Velho Testamento, porque uma vez começado o serviço no lugar santíssimo, o serviço do primeiro compartimento terminou completamente. Mas, não há desarmonia, pois, quando o serviço da expiação final no santuário celestial começou para qualquer pessoa em especial, então, para essa pessoa, o serviço do primeiro compartimento está para sempre encerrado. Este estado de coisas desenvolver-se-á para os crentes como um todo quando o julgamento dos vivos tiver lugar, mas, entretanto isso acontece pelos crentes sucessivamente à medida que eles morrem e são julgados no julgamento dos mortos.

A clareza e compreensão deste ponto têm sido ofuscadas pelo fracasso em distinguir entre o dia de expiação e o serviço desse solene dia. O primeiro durava vinte e quatro horas de duração, enquanto o último apenas uma porção desse dia. Não tenho conhecimento de qualquer informação que diga a duração do serviço depois da entrada no lugar santíssimo. Alguém poderia supor que ele ocuparia uma hora ou mais.

Nesse dia, havia a oferta pelo pecado e a oferta queimada de modo que, se uma pessoa necessitasse de confessar algum pecado que viesse à memória até ao último momento, podia vir ao santuário e assim fazer uso da provisão desde que a expiação final ainda não tivesse começado.

Obviamente, ninguém era encorajado a deixar qualquer confissão até ao momento final. Pelo contrário, durante os anteriores dez dias, se insistia sobre eles que empreendessem o mais profundo exame de coração para assegurar que nada fosse deixado até que fosse demasiado tarde ou quase demasiado tarde para se libertarem da sua iniquidade.

A Escritura que confirma que as provisões do serviço diário ainda eram válidas no próprio dia da expiação final é *Números 29:7-11*.

“E no dia dez deste sétimo mês tereis santa convocação, e afligireis as vossas almas: nenhuma obra fareis.

“Mas por holocausto, em cheiro suave ao Senhor, oferecereis um bezerro, um carneiro e sete cordeiros dum ano: ser-vos-ão eles sem mancha.

“E, pela sua oferta de manjares de flor de farinha misturada com azeite, três décimas para o bezerro, duas décimas para o carneiro,

“E uma décima para um cordeiro, para cada um dos sete cordeiros;

“Um bode para expiação do pecado, além da expiação do pecado pelas propiciações, e o holocausto contínuo, e a sua oferta de manjares com as suas libações.”

Não há dúvida quanto ao dia aqui referido. O décimo dia do sétimo mês era Yom Kippur, o grande e terrível dia da expiação final, e por conseguinte o dia do julgamento. Era a data em que, num dado momento das suas sagradas horas, o ministério do lugar santo estava terminado, e a expiação final no lugar santíssimo tinha começado.

Mas, antes desse solene momento era feita uma oferta queimada, uma oferta de manjares ou flor de farinha, e uma oferta pelo pecado. As primeiras duas eram a consagração do crente e das suas posses, e a última para a purificação do pecado. De modo que não há qualquer confusão, o versículo 11 em especial estipula que a oferta pelo pecado era uma adição à oferta pelo pecado da expiação final.

Isto torna bastante claro que, no grande dia da expiação final, durante as horas que levavam à abertura do ministério purificador do santuário, era feita provisão para a continuação da expiação do primeiro compartimento, ou, por outras palavras, a transferência dos pecados para o santuário que aguardava a sua colocação final sobre o bode expiatório, e o seu eterno afastamento do acampamento.

No antítipo, o ministério no lugar santíssimo começou ao expirarem os 2.300 anos do período que finalizou em 22 de Outubro de 1844. Mas, embora esse *dia* de expiação final tivesse começado, a *hora* ainda não no que respeita aos justos vivos. Evidentemente que ela tinha chegado para os santos que estavam nas sepulturas.

É óbvio que, até chegar a hora da expiação final, os vivos tinham acesso ao ministério do lugar santo, pois, doutro modo eles nunca estariam preparados para enfrentar o julgamento, especialmente o julgamento dos vivos.

Ora, o ponto é este: Mesmo apesar do ministério do primeiro compartimento ter sido transferido para o segundo, os detalhes dos seus benefícios e bênçãos, e a instrução de como nos devemos apropriar destas bênçãos, não é revelada no lugar santíssimo. Nós continuamos a olhar para o lugar santo em busca desta informação, mas podemos fazer isto sem de qualquer maneira enfraquecer ou rejeitar a verdade que Cristo está agora no lugar santíssimo do Céu, e que pela fé devemos estar ali com Ele. Isto não nos coloca na categoria das igrejas que em 1844 e desde então têm rejeitado o ministério do segundo compartimento, e estão em vão olhando para Cristo no compartimento de onde Ele saiu. Vede *Primeiros Escritos*, 56, 259-261.

Nós não rejeitámos a doutrina da expiação final, nem procuramos Jesus no primeiro compartimento, porque sabemos que Ele não está ali. Mas na nossa jornada de oração através do santuário, necessitaremos de receber a bênção e instrução que, apesar do ministério do segundo compartimento, é ensinado no primeiro. Portanto, devemos viajar através do primeiro compartimento como numa sala de aula, e enquanto obedecemos à luz ali dada, Jesus da Sua posição à mão direita do Pai no lugar santíssimo derramará sobre nós as bênçãos do primeiro compartimento.

Desde que estes princípios tenham sido clarificados, estamos prontos a começar a nossa jornada de oração através do santuário. Estaremos prontos para fazer isto no próximo número de *O Mensageiro*.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 16

Como já foi salientado, o primeiro passo numa jornada de oração através do santuário é dado quando o crente, reconhecendo que necessita de ter a inspiração da Altíssima Terceira Pessoa da Trindade divina, recebe a promessa do dom do Espírito Santo. Uma vez que isto tenha sido feito em verdadeira fé e obediência, tem a absoluta certeza que a sua oração, carregada com a luz e vida do Espírito, chegará seguramente até ao todo-poderoso Advogado e Sumo Sacerdote no coração mais interior do santuário, e será canalizada por Ele até ao Pai Eterno de onde graciosas respostas partem para o suplicante.

Nos serviços típicos do período do Antigo Testamento, desde que o verdadeiro crente tivesse assegurado o poderoso ministério do Espírito Santo para inspirar a sua aproximação ao Pai através de Cristo, entrava no pátio e encontrava perante ele o altar do sacrifício.

O Altar do Sacrifício

É altamente significativo que este seja o primeiro artigo de mobiliário que forma a cadeia entre ele e o Pai eterno. Quanto melhor o verdadeiro filho de Deus compreenda este significado, mais eficazmente será capaz de se apropriar das incríveis bênçãos que o esperam em cada passo de avanço na sua jornada de oração através do santuário.

O altar do sacrifício representa o Calvário que, em termos espirituais, é o lugar de encontro entre o eterno justo Deus, e o pecador, caído, homem mortal. É a porta da salvação, o despontar da esperança, e a certeza que o homem pode ser restaurado ao seu estado perdido. É o testemunho mais indicado jamais dado na eternidade do infinito e profundo amor de Deus, da santidade e imutabilidade da Sua santa lei, do Seu

aborrecimento do pecado, e da verdade que ninguém a não ser aqueles que foram purificados do pecado, podem ir à Sua presença.

Tão profundas, tão amplas, tão absorventes são as verdades reveladas na cruz, que a eternidade nunca revelará tudo o que pode ser aprendido a respeito delas. Mas, entretanto, muito pode ser aprendido, e progressivamente conhecido por aqueles que avançam na fé de Jesus. A importante verdade para este estudo é que, quanto mais o crente em Jesus vem aos pés da cruz, mais claramente vê a pureza e poder do carácter de Deus revelado ali, mais distintamente e em arrependimento vê a sua própria pecaminosidade, e mais sinceramente deseja ser liberto do pecado.

Aqui começa a ser visível por que motivo a oração do crente deve ser carregada com a inspiração do Espírito Santo, pois, sem este ministério, aquele que busca a verdade eterna nunca podia ver a bondade de Deus exemplificada na cruz. Sem ver a pura beleza dos divinos atributos, não pode experimentar esse arrependimento sem o qual nunca poderá com sucesso aproximar-se de Deus, e obter as respostas necessárias às suas orações.

Deve ser recordado o que cristianismo e o evangelho que o torna no poder salvador que é são uma religião revelada. Nenhuma mente humana podia jamais concebê-la. É algo que deve ser ensinado ao homem por um Ser com um tal poder espiritual que é capaz de penetrar a assombrosa treva em que se encontra a mente humana, mantida em cativeiro pelo pecado. O Espírito Santo é um competente Mestre, e ninguém há fora da Divindade que possa cumprir a Sua missão. É para construir esta obra vital que Ele foi enviado à Terra como Jesus prometeu.

Jesus disse: “Mas, quando vier aquele Espírito de verdade; Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.” *João 16:13*.

Quando o crente se aproxima do Senhor em oração, necessita de uma verdadeira experiência no arrependimento quer tenha cometido pecado desde que pela última vez esteve em comunhão com Deus ou não. Se ele pecou, então com certeza necessita de se arrepender, confessar e afastar o pecado. Se não tem presente qualquer transgressão por palavras, pensamentos, ou acções, uma atitude e espírito de arrependimento são ainda muito necessários. Todo o crente em Jesus precisa possuir um aborrecimento muito vivo e definido pela iniquidade como aquele que marcou a vida do Imaculado, Jesus. “O Seu carácter revelou um perfeito ódio pelo pecado.” *SDA Bible Commentary 5:1142*.

Quando Cristo veio a esta Terra “Nunca dantes houvera na Terra um ser que odiasse o pecado com ódio tão perfeito como Cristo.” *Mensagens Escolhidas 1:254*.

Apesar de Ele odiar o pecado tão aberta e intensamente, sempre amou o pecador e trabalhou para sua salvação não importava qual o custo que Ele pudesse sofrer.

“Cristo sempre manteve o mais profundo ódio pelo pecado, mas amou a aquisição do Seu sangue. Ele sofreu no lugar do homem pecador, levando-o à união Consigo.” *SDA Bible Commentary 7:904*.

É muito natural para os homens amarem o pecado, mas odiarem o pecador. Portanto, é uma evidência de que nos tornámos participantes do divino carácter de amor quando também encontramos em desenvolvimento dentro de nós um profundo aborrecimento por todo o mal, enquanto ao mesmo tempo se experimenta a operação na recâmara mais interior do nosso ser de um espírito de amor e compaixão pelo pecador. Se verificais algo misterioso como isso pode ser feito, confortai-vos pelo facto que também o é mesmo para os anjos, como está escrito:

“Este é um mistério para o qual os anjos desejam olhar. Eles desejavam saber como podia Cristo viver e trabalhar num mundo caído, como podia misturar-se com a humanidade pecadora. Era um mistério para eles que Aquele que odiava o pecado com

intenso ódio sentisse a mais terna, compassiva simpatia por seres que se entregavam ao pecado.” *SDA Bible Commentary* 7:904.

Nisto se encontra o incrível poder de Cristo na oração, e uma revelação de quão poderosos nos podemos tornar também nas nossas preces perante o trono da graça. Aquele que vem ao altar do sacrifício, que é de facto curvar-se ante o infinito sacrifício do Calvário, com um profundo ódio pelo pecado, e um maravilhoso, abnegado amor pelos pecadores, verificará que as suas orações provar-se-ão ser muito mais eficazes do que de outro modo.

O verdadeiro filho de Deus, ao fazer uma progressiva jornada de oração pelo santuário, sinceramente deseja tornar todo o passo de avanço mais cheio de significado e produtivo possível. Portanto, não haverá movimentos apressados de um ponto para outro. Nenhum passo será considerado como inconsequente e sem importância. Será compreendido que quanto mais significado se coloca em cada passo em frente, mais será recebido em troca.

Portanto, muito tempo devia ser passado em contemplação do altruísta amor de Cristo como foi revelado no Calvário e durante os Seus dias de ministério terrestre. Será somente quando a maravilhosa beleza e pura bondade de Deus são vistas na sua verdadeira luz que nós podemos vir com aceitável penitência à cruz.

Nesta fase então da nossa jornada de oração através do santuário, será apropriado orar: “Ao vir junto à cruz e me curvo perante ela, suplico o ministério do Espírito Santo para que me dê uma revelação do amor e bondade divinos ultrapassando tudo o que eu jamais tenha experimentado. De acordo com a Tua pessoal e graciosa promessa, estendo a minha mão e tomo o dom oferecido. Agora ele é meu e agradeço-o. Seguirei o meu caminho possuindo o dom, sabendo que compreendê-lo-ei quando a hora da necessidade chegar. Por favor mostra-me a Tua glória como mostraste a Moisés. Abre perante os meus olhos os esplendor da Tua graça como revelaste a Isaías. Esta é a minha grande e desesperada necessidade neste momento.

“Deste modo por favor produz em mim um profundo arrependimento que seja marcado por um aborrecimento do pecado como o que Jesus tinha. Ao mesmo tempo ensina-me a amar o pecador com salvadora compaixão. Gera em mim por este meio através do Espírito Santo um espírito de verdade e aceitável confissão de modo que eu possa experimentar um verdadeiro coração quebrantado e um espírito contrito. Agradeço-Te tudo isto através de Jesus Cristo meu Salvador. Amém.”

Seria apropriado nesta altura especificamente confessar qualquer pecaminosidade que vos lembreis, à medida que vos aproximais, se estivesdes contemplando a bondade de Deus como ela é revelada no Calvário. Vereis a deficiências da vossa condição espiritual em contraste com as perfeições e excelências divinas. A vossa fraqueza de fé, amor pelo mundo e seus caminhos, a falta do genuíno amor por aqueles que pecaram contra vós, e a falta de compaixão pelos necessitados e errantes, aparecerão aos vossos olhos. Vereis que o espírito da verdadeira abnegação que tendes possuído é muito mais inferior do que o manifestado pelo Salvador, que devido ao contraste não é digno de menção. Vereis que nada há em vós mesmos de que podeis orgulhar-vos, ao passo que em Jesus contemplais tudo o que deve ser desejado e procurado.

Contemplai tudo o que sois, mesmo ali junto ao altar do sacrifício, e reclamai o poder restaurador e criador de um Deus de amor para vos livrar deste triste estado e para diariamente vos transformar mais e mais à semelhança de Jesus.

Em seguida confessai qualquer acção errada da qual vos sentis culpados se alguma houver. Nunca devia haver quaisquer, pois o cristão pode com certeza viver uma vida sem pecado como está escrito: “Não há desculpas para pecar. Uma santa disposição, uma vida

cristã, são acessíveis a todo filho de Deus, arrependido e crente.” *O Desejado de Todas as Nações*, 293.

Mas mesmo alguns dos maiores cristãos por vezes perderam a sua firmeza no braço do Onnipotente, e ficaram sob o poder da tentação como aconteceu com Moisés que murmurou em Hazerote, e bateu na rocha com ira em Meribá. Portanto, poderá haver ocasiões em que haveria necessidade de confessar e ser purificado de qualquer traço de pecado. Não descanseis satisfeitos com uma confissão feita apenas pelas acções do pecado. Sob o ministério do Espírito Santo, descobri, confessai e afastai a pecaminosidade que era a raiz da acção errada. Que a confissão seja verdadeiramente aceitável a Deus, e então a purificação será completamente adequada, o pecado será tirado e colocado no santuário onde permanecerá até ao dia da purificação final.

Uma vez que o altar do sacrifício tenha feito a sua missão, torna-se o altar no qual a oferta queimada é consumida. Isto marca o próximo passo no avanço na jornada de oração através do santuário que culminará com a entrada do crente à própria presença de Deus.

A Oferta Queimada

O altar da oferta queimada é o lugar da consagração, onde tudo o que temos, incluindo a nossa própria vida, é solenemente entregue para o serviço do Altíssimo Deus. Esta é uma dedicação de uma pessoa que deve ser renovada ao nascer de cada dia depois de ter renascido.

“Toda a manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da nação a Jeová, e sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo.” *Patriarcas e Profetas*, 364.

De igual modo todos vós deveis: “Consagrar-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: “Toma-me, Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti’. Isto devemos fazer quotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais conforme à vida de Jesus Cristo”. *Aos Pés de Cristo*, 74, 75.

Para o verdadeiro cristão, é verdadeiramente essencial fazer esta entrega cada manhã, pois ele sabe perfeitamente que nada pode fazer, e não vai a lado algum sem a sustentadora, protectora mão do Senhor. Os homens mundanos estão confiantes que podem dirigir os seus próprios assuntos sem a bênção do Senhor. Religiosos apostatados procuram a bênção de Deus unicamente com o propósito de Ele lhes dar poder para os seus planos. Todavia, o cristão que compreende alguma coisa da sua grande necessidade vê com consternação qualquer perspectiva de ser privado da contínua bênção e presença no caminho que Ele lhe apontou. Ele sabe que apenas Deus é a Fonte toda-suficiente, enquanto ele é um recebedor totalmente dependente. Separado do Altíssimo, não tem esperança de vitória sobre o pecado, de sucesso na sua vida de trabalho, ou de poder para sobreviver às ameaças e pressões de um mundo dominado pelo pecado.

“Aquele que tem determinado entrar no reino espiritual verificará que todos os poderes e paixões da natureza não regenerada, secundados pelas forças do reino das trevas, estão arregimentados contra ele. Ele precisa renovar a sua consagração cada dia, e cada dia batalhar contra o mal. Velhos hábitos, tendências hereditárias para o erro, lutarão para manter a supremacia, e contra isto deve ele estar sempre em guarda, lutando na força de Cristo pela vitória.” *Atos dos Apóstolos*, 477.

Portanto, ele é muito diligente em assegurar que a sua vida esteja completamente consagrada sem reserva ao Senhor e Seu serviço todas as manhãs. Ele faz disto a sua primeira obra. Não há conflito entre isto e o pensamento descrito acima que devemos primeiramente ir junto da cruz do Calvário, simbolizada pelo altar do sacrifício. Tudo isto faz parte da mesma obra, pois o primeiro passo na consagração é a purificação do pecado do crente. Obviamente, o Pai eterno pode escolher melhor a consagração daqueles que alcançam completa separação do pecado até ao ponto em que eles o vêem. Esses são aqueles que podem ser usados mais eficazmente no Seu serviço.

Isto não quer dizer que tenhamos que alcançar a imaculada perfeição antes de nos podermos consagrar ao Senhor. Nesse caso, praticamente todos os filhos de Deus seriam incapazes de se consagrarem para o serviço divino porque muito poucos em toda a história da humanidade atingiram este nível de perfeição.

O que é requerido é uma concreta experiência de libertação da mente carnal, a implantação da vida de Cristo no seu lugar, e o afastamento do pecado conhecido. Pode ser necessário uma demora junto do altar para alcançar isto.

A consagração deve ser sem reserva. Deve ser a nossa resposta ao princípio de serviço pelos outros independentemente do custo que isso possa ter para nós próprios. Isto é na verdade uma importante entrega a ser feita, pois o custo pode ser muito elevado mesmo ao ponto da entrega da própria vida. Homens, como o justo João Baptista, pagaram esse preço, mas pagaram-no com alegria. O seu martírio foi o acto culminante do ministério da sua vida. Ele fez tudo o que podia enquanto servo vivo do Deus Altíssimo, e o Senhor ter-lhe-ia dado uma longa vida e uma morte pacífica no final, se não tivesse sido, pela sua sacrificial execução, capaz de dar uma maravilhosa contribuição para a causa que ele tanto amava.

Desde que o cristão tenha começado a sua preparação diária pela sua consagração ao Senhor, uma execução muito séria deve acompanhá-lo todo o dia. Lembrar-se-á constantemente que não pertence a si mesmo mas que se entregou ao serviço do Céu para esse dia. Recordar-se-á que foi escolhido para promover os interesses do reino e não os seus próprios interesses. Esta constante consciência será uma fortaleza contra a tentação, pois quando impelido a gastar tempo, energia e recursos com interesses egoístas, o crente rejeitará os sussurrantes argumentos de Satanás, sabendo que foi separado para o sagrado serviço, e portanto não pode ser usado de outra forma.

O plano da salvação foi desenhado de tal maneira que todo o agente humano é indispensável ao seu sucesso. Para o seu próprio bem, o homem foi feito como uma corrente que liga o errante com a Fonte, de modo que, pela sua participação na obra de elevar o caído, ele próprio é assim elevado.

Este princípio será mantido sempre diante do cristão enquanto se consagra a si próprio cada dia. Ele compreenderá então que não está neste mundo meramente para gozar as bênçãos do evangelho, mas que está aqui para transmitir aquilo que recebeu. Este tipo de dedicação a qual o Senhor nos pede cada dia, e é o passo sério e responsável ao qual todo o crente verdadeiramente iluminado se entrega às primeiras horas do dia.

A necessidade para a profunda e diligente consagração torna-se mais imperativa à medida que avançamos em direcção ao conflito final em que a dedicação de cada crente será tentada até ao máximo. À medida que este probante tempo se aproxima, "a lei de Deus deve ser amada e honrada por Seu verdadeiro povo, agora mais do que nunca. Há a mais imperativa necessidade de impressionar a mente e o coração de todos os crentes, homens e mulheres, jovens e crianças, com a ordem de Cristo: 'Examinai as Escrituras,' João 5:39. Estudai vossa Bíblia como nunca dantes a estudastes. A menos que vos ergais a um estado mais alto e santo em vossa vida religiosa, não estareis prontos para o

aparecimento de nosso Senhor. Como foi dada grande luz, Deus espera correspondente zelo em Sua obra, nunca dantes igualado. Muito tempo deve ser despendido em oração, para que as vestes de nosso carácter sejam lavadas e branqueadas no sangue do Cordeiro". *Testemunhos Selectos* 2:324.

A Oferta de Manjares

Juntamente com a oferta queimada estava a oferta de manjares que simboliza a consagração de todas as posses à obra do Senhor. Os detalhes desta oferta tal como estão descritos em *Levítico 2*, são compostos por flor de farinha misturada com azeite e incenso. Uma parte da farinha e do azeite, e todo o incenso era queimado no altar, enquanto o restante era suprimento dos sacerdotes para seu sustento.

Como uma representação da total dedicação de todas as nossas posses à causa do Senhor, flor de farinha, azeite, e incenso são símbolos verdadeiramente apropriados. A flor de farinha e o azeite são alimento, e portanto, os produtos que sustentam a vida. Desde que o clima não seja demasiado severo, uma pessoa pode ser privada da casa e mesmo das roupas e continuar a viver, mas se não tiver alimento perecerá. Por conseguinte, sacrificar o alimento como um símbolo da consagração das posses, é muito mais significativo do que o sacrifício dos vestidos ou da casa. Oferecer estes produtos alimentares era declarar que tínheis dedicado todos os bens materiais que possuíis ao serviço do Senhor de tal maneira que, embora o sacrifício dos vossos meios fosse tão grande que requeresse, ou pelo menos parecesse muito convincentemente requerer a total entrega do suporte da vossa vida, vós alegremente faríeis o sacrifício ameaçador.

Um esplêndido exemplo deste nível de consagração é dado na decidida prontidão da viúva de Sarepta em dar a última medida de farinha e a parca quantidade de azeite que ela tinha para o seu sustento e ainda mais importante a do seu amado filho, e dá-lo ao homem de Deus, um total estranho para ela. Ela não tinha evidente certeza que o Senhor providenciaria alimento para si. Foi pela fé que ela o fez. A história é contada em *1 Reis* 17:8-16.

"Nesse lar acossado pela pobreza, a fome apertava excessivamente; e o alimento lastimosamente escasso parecia estar por acabar-se. A chegada de Elias mesmo no dia em que a viúva temia ter que abandonar a luta pelo sustento provou ao máximo sua fé no poder do Deus vivo para prover as suas necessidades. Mas mesmo em sua penúria extrema deu ela testemunho de sua fé atendendo ao pedido do estrangeiro que lhe suplicava repartir com ele o último bocado." *Profetas e Reis*, 130.

Todo o crente em Jesus deve compreender que esta consagração diária de si próprio e das suas posses materiais é um assunto muito responsável e sério. Ela deve ir mais longe do que um formal exercício sem qualquer verdadeira entrega ou intenção. Tem que ser uma real oferta ao Senhor de tudo o que tendes e de tudo o que sois de modo que tudo isso esteja literalmente nas Suas mãos sem nada ser retido. Quando um verdadeiro crente começa o dia com uma consagração ao Senhor que é uma honra para o Seu nome, levantar-se-á dos seus joelhos sabendo que de facto, tudo aquilo que lhe foi confiado está na posse do Senhor, não deve ser gasto em gratificação própria, mas deve ser usado apenas como o Senhor dirige. Que todos estejam cientes que está chegando um solene dia de contas final em que toda e qualquer pessoa responderá perante o Senhor pelo uso feito dos poderes pessoais e materiais. Só será salvo aquele que diariamente entregou essas coisas completamente no cuidado e responsabilidade do Senhor.

Portanto, o verdadeiro povo do Senhor não consagra meramente aquilo que sente poder com segurança separar para o Senhor depois de tornar seguro que a sua própria

necessidade seja primeiramente suprida. Muitos parecem ter a noção que são os proprietários dos bens que lhe são confiados, enquanto falham em compreender que são mordomos em cujas mãos o Senhor confiou o dinheiro e o poder material com o qual avançar os interesses do reino divino.

“As reivindicações do Senhor têm a primazia. Não fazemos Sua vontade quando Lhe consagramos aquilo que resta de nossas reais ou supostas necessidades.” *Testemunhos Selectos* 1:554.

Um triste exemplo da consagração não aceitável é dado por aqueles que recusaram responder ao chamamento para regressarem a Jerusalém quando começou a restauração sob a direcção de Esdras e Neemias. Muitos deles tinham nascido no cativeiro e portanto nem conheciam o país natal, a terra prometida, a habitação na qual o Senhor designou que eles vivessem de maneira a poderem ser missionários eficazes para o mundo.

Durante o tempo de sua estada em Babilónia, pela sua disciplinada diligência, tinham construído prósperos negócios e tinham-se estabelecido em casas confortáveis. Era um grande sacrifício para si abandonarem estas posses materiais e o conforto em troca de durezas e recomeçar numa terra distante e desconhecida a edificação de uma causa não popular.

O ponto que eles não viram era que estavam no mundo não para construir casas e negócios em Babilónia. Era aceitável que o fizessem sob a direcção de Deus enquanto a sua residência nesse reino apostatado fosse forçada, desde que estivessem constantemente cientes que isto era apenas um exercício temporário destinado a garantir a sua sobrevivência até poderem ocupar de novo a terra prometida como uma base de evangelismo.

O que eles nunca deviam ter esquecido era que o Altíssimo os tinha chamado à Palestina, o centro da Terra, para trazer salvação a todas as nações da Terra. Quando pela força foram removidos dessa terra, deviam ter-se enchido a si mesmos com uma determinação de regressar logo que fosse possível para uma vez mais retomar a tarefa que lhes havia sido destinada. Isto não é argumentar que eles não podiam ser missionários em Babilónia. Daniel certamente foi um excelente embaixador de Cristo, e assim todos eles semelhantemente tinham sido, mas este não era o seu verdadeiro lugar de serviço.

Alguns havia, contudo, que tinham o verdadeiro espírito de consagração e estavam ansiosos por regressar à obra do restabelecimento da adoração e serviço de Deus no país designado.

“Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinquenta mil dos filhos do cativeiro tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentar as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.” *Profetas e Reis*, 598.

Assim a natureza real da sua consagração ao Senhor foi revelada neste tempo probante. Nestes últimos dias, aqueles pais que constroem empresas de negócios, casas, e outras riquezas e depois as deixam em testamento aos filhos, especialmente se eles são incrédulos, fracassam no teste como fizeram os judeus naquela altura.

Grande quantidade de instrução é dada no Espírito de Profecia a respeito da transmissão das posses a filhos incrédulos, e todos os crentes deviam estar familiarizados com estes conselhos. O Senhor vos abençoou na aquisição de casa, terra, e negócios, mas não para que pudésseis gratificar o eu e gozar uma vida segura aqui. Isso foi dado para o

avanço do Seu reino e obra. Quando, depois da morte ou algum tempo antes, a propriedade é passada para as mãos de filhos incrédulos, aquilo que pertenceu a Deus e foi dado para uso sagrado, é-Lhe roubado e dado directamente para as mãos do inimigo. Podeis estar certos que filhos não convertidos usarão as posses para outra obra que não a do Senhor. Como responderão pais doadores no dia do julgamento quando lhes for perguntado por que motivo deram em testamento aquilo que pertencia a Deus ao inimigo através dos seus filhos não convertidos! Antes de tomardes essa decisão seria bom perguntar-vos como responderíeis a essa pergunta no solene dia de contas final.

Aqui está a avaliação de Deus ao acto de doação das vossas posses a filhos incrédulos. “A causa de Cristo é roubada não por um simples pensamento passageiro, não por um ato impensado. Não. É por um ato deliberado de quem faz o próprio testamento, colocando suas propriedades à disposição de descrentes. Depois de terem roubado a Deus durante a vida, alguns continuam a roubá-Lo após a morte e fazem isso com o pleno consentimento de todas as suas faculdades mentais, num documento que é chamado de seu testamento. Qual, pensam, será o testamento do Mestre em seu favor, por assim procederem para com Ele? Que dirão quando se lhes pedir conta de sua mordomia?

“Irmãos, despertem dessa vida de egoísmo e procedam como cristãos coerentes.” *Testimonies* 5:155, 156.

Os crentes necessitam compreender que filhos descrentes ardorosamente contestarão o testamento feito a favor dos deveres para com o Senhor. Portanto, sempre que fosse possível, as propriedades deviam ser firmadas enquanto o seu proprietário ainda vive na condição em que continua a usá-las até que não mais precisa delas. Os crentes que estão a caminhar para os últimos anos das suas vidas deviam dar este passo de modo que eles próprios possam assegurar que a propriedade vai de facto para onde o Senhor deseja que ela vá.

Fazer uma consagração de nós mesmos e tudo o que nós temos ao Senhor é um assunto muito sério do qual apenas falámos resumidamente aqui. Deus só pode aceitar as nossas consagrações diárias apenas quando elas são elevadas acima do nível formal e do egoísmo. Cada crente deve compreender que existe para um único propósito, o estabelecimento do reino da justiça.

Por isso, “Consagrai-vos a Deus pela manhã; seja esse o vosso primeiro cuidado. Seja a vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, como Tua propriedade exclusiva. A Teus pés deponho todos os planos. Emprega-me hoje ao Teu serviço. Permanece em mim, e permite que toda a minha obra se faça em Ti’. Isto devemos fazer quotidianamente. Cada manhã consagrai-vos a Deus para esse dia. Submetei-Lhe todos os vossos planos, para que se executem ou deixem de executar, segundo o que Deus dispuser. Entregando assim dia a dia a vossa vida nas mãos de Deus, ela se moldará mais conforme à vida de Jesus Cristo.” *Aos Pés de Cristo*, 74, 75.

Orai Por Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 17

Passando os pontos de passagem do altar do sacrifício, da oferta queimada, e da oferta de manjares, o crente, na sua jornada de oração através do santuário, chega seguidamente à oferta pacífica. Como descrito em *Levítico 3*, isto consistia na oferta de um animal, macho ou fêmea, dentre os rebanhos. Cordeiros e bodes eram mencionados como exemplos.

Era muito apropriado que houvesse uma oferta de pacificação a seguir à oferta pelo pecado e da oferta queimada. Isto significava, não que a paz tivesse que ser feita, mas que tinha sido feita, pois ninguém podia verdadeira e sinceramente acabar com o pecado e fazer total consagração de si mesmo e de todas as suas possessões ao Senhor, sem entrar simultaneamente em paz com Deus.

É o pecado que separa de Deus e destrói a nossa paz. Enquanto o pecado permanece, separa-nos da salvação do Senhor e impede as Suas bênçãos e libertações de nos alcançarem. Uma pessoa nesta triste situação geralmente sente que o Senhor não a ama nem se preocupa com ela, e vê o Salvador permanecendo insensível permitindo que ela caia na destruição sem levantar uma mão para a salvar.

Mas a razão pela qual não sente o amor de Deus alcançando-a com indescritíveis apelos para a salvar é porque, tendo-se afastado desse amor, não os pode ver nem sentir. Portanto, no que diz respeito a si, ele não existe. Não vê ninguém para a libertar senão ela mesma, para quem se volta com desesperada fraqueza. Como resultado, acaba cada vez mais afastada do Senhor, cai mais profundamente no pecado e destrói ainda mais a sua paz.

Quando nos encontramos no lugar onde perdemos de vista o amor redentor de Cristo, e sentimos que o Senhor já não quer saber mais de nós, chegou o momento do profundo exame de coração para ver se fomos purificados do pecado. Ao mesmo tempo, deve ser recordado que isto pode não ser a verdadeira causa. Há ocasiões em que o Senhor parece ter-nos abandonado, e, sentindo-nos abandonados por Deus e pelo homem, e

desamparados e sós, somos tentados a regressar às nossas próprias obras em busca de salvação. Todos os cristãos passam de vez em quando por este campo, mas bem conhecidos exemplos são os de Jó quando foi terrivelmente afligido por causa da sua justiça, e Jesus quando jejuou durante quarenta dias no deserto.

Portanto, se depois do mais profundo exame de coração não discernimos pecado, devemos olhar para trás para o ponto em que vimos o Salvador pela última vez, e fixar a nossa fé no Seu amor e poder protector.

Mas se o pecado é descoberto na vida, então podemos estar certos que a causa da nossa inquietude foi encontrada. Devemos então compreender que a perda da bênção do Senhor não é devida a qualquer afastamento da Sua parte, mas porque nos desligámos da Fonte da vida e bênção.

“Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir.

“Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus: e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que eu não vos ouça.” *Isaías* 59:1, 2.

Um exemplo claro disto é dado na experiência de Eli, o sumo-sacerdote em Israel antes do ministério de Samuel. Ele tinha falhado em educar os seus filhos que, em consequência da indulgente negligência da sua disciplina, profanaram o nome de Deus e profanaram o santuário. Tão grande foi a sua iniquidade que o Senhor foi quase incapaz de lhes transmitir as Suas mensagens como está escrito: “Deus não podia comunicar-Se com o sumo sacerdote e seus filhos; os pecados deles, qual densa nuvem, havia excluído a presença de Seu Espírito Santo.” *Patriarcas e Profetas*, 622.

Saliente-se que os seus pecados tinham fechado a luz do Céu. Esta trágica privação não foi um acto de Deus. Pelo contrário, foi o resultado de leis de absoluta confiança. Embora o sumo-sacerdote e os seus filhos passassem pelos rituais da oferta pelo pecado, não experimentaram libertação. Do mesmo modo eles ofereciam a oferta de manjares sem conhecerem por si mesmos as bênçãos da verdadeira consagração ao Senhor. Por isso quando eles ofereciam a oferta pacífica, estavam a dar testemunho de um relacionamento com Deus que simplesmente não existia.

Paz é uma qualidade obtida pela erradicação do pecado e pela sua substituição com os atributos divinos. “Muita paz têm os que amam a Tua lei, e para eles não há tropeço.” *Salmos* 119:165.

Amar a lei divina é amar a justiça e odiar o pecado. Uma pessoa assim tão afortunada é diligente em afastar o pecado da sua vida. Ela resiste à tentação com todos os poderes da sua alma, e procura as virtudes cristãs com fome e sede que o Senhor prometeu satisfazer.

À medida que ela faz isto, é produzido dentro dela uma natureza, um espírito e uma disposição exactamente como a de Jesus. Naturalmente, há o desenvolvimento de uma maravilhosa harmonia e paz entre ela e o Salvador que é a experiência mais desejável que pode ser conhecida pelo homem. Esta encantadora paz é o produto da obra de purificação do pecado seguida pela ilimitada consagração da vida e posses ao serviço de Deus e dos nossos semelhantes. Assim quando a oferta pacífica é oferecida, é um testemunho do que já foi realizado. Portanto, é um agradecido reconhecimento da paz que veio em resultado da sua separação do pecado junto ao altar do sacrifício.

Todavia, não é senão depois da oferta pelo pecado que a oferta pacífica é feita. Entre as duas há também a oferta queimada e a oferta de manjares, a observância do que significa que nos temos verdadeiramente dedicado juntamente com tudo o que temos ao Senhor e ao Seu serviço. Unicamente aqueles que entraram na verdadeira execução espiritual destes serviços podem realmente entrar na paz de Deus e do Céu.

A disposição natural do coração humano é servir ao eu, assegurar que tenha o melhor, e que a sua segurança e conforto estejam assegurados. Quando Cristo veio a esta Terra, Ele encontrou esta penetrante disposição entre o povo judeu. Eles não conheciam a verdadeira beleza e felicidade vinda de um serviço de amor e altruísta ao necessitado e desanimado. Eles sonhavam com a total derrota dos romanos e com a exaltação aos pináculos do poder e da grandeza. A sua oferta das vítimas para o sacrifício tinha desde há muito degenerado numa fria e morta forma. Jesus veio para corrigir estes tristes conceitos errados e mostrar pelo preceito e exemplo a satisfatória beleza e poder da lei do amor que renuncia.

Foi por esta razão que Ele perguntou aos Seus discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” *Mateus 16:13*.

Eles com verdade responderam que o Seu Mestre era reconhecido como sendo um homem notável classificado como o melhor dos profetas. Eles informaram Jesus que “Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas.” *Mateus 16:14*.

Ora, não havia dúvida que estes homens possuíam o espírito de abnegação como tinham outros do seu tipo. Mas, enquanto eles praticavam e possuíam os princípios de abnegação, o povo olhando para eles, via-os como tendo sido exaltados ou elevados acima dele.

Semelhantemente, enquanto Jesus fosse visto pelo povo como um profeta muito dotado, o povo olhava para Ele como alguém que havia sido abençoado muito acima de si, e portanto estava elevado acima deles. Mas, se seus olhos pudessem ser abertos para verem que Ele era literalmente Deus, então sua habitação na humanidade seria a mais maravilhosa demonstração da ilimitada abnegação jamais dada.

De acordo com isto Jesus fez uma pergunta muito oportuna e directa aos seus próximos seguidores: “Mas quem dizeis vós que Eu sou?” Em resposta à qual Pedro agindo como porta-voz dos restantes declarou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” *Mateus 16:15, 16*.

A compreensão da verdade que Jesus era Deus vindo do Céu para habitar num mero corpo humano, abriu às suas mentes, apesar de pouco clara no início, a compreensão que aqui estava a consagração de uma pureza e extensão a que anteriormente eles não haviam chegado. Uma coisa era um homem já humano sacrificar o desejo de ambições terrenas pelo papel de profeta, mas era algo infinitamente mais notável e humilde ver o Criador de todo o Universo deixar o Seu poder e posição real para descer às profundezas da desgraça humana de modo que os condenados pudessem ter outra oportunidade de vida. É apenas quando Jesus é visto realmente como Deus vindo do Céu para habitar na carne e sangue humanos, que podemos compreender a verdadeira natureza da consagração que devemos fazer nas primeiras horas de todos os dias da nossa vida.

Aqueles que verdadeiramente possuem o espírito de Jesus e entram na mesma consagração que Ele renovada diariamente, e assim vivem a Sua vida, entram naturalmente em santa comunhão e doce associação com Ele. Para esses a oferta pacífica é um testemunho vivo que encontraram a paz com Ele porque acabaram com a transgressão e deram um fim ao pecado nas suas vidas até ao ponto em que conhecem os males que estavam dentro de si.

Quando chegamos à oferta pacífica na nossa jornada de oração através do santuário, devemos estar seguros e certos que temos a condição da paz e dedicação nos nossos corações como resultado dos pecados purificados. “E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça repouso e segurança, para sempre.

“E o meu povo habitará em morada de paz, e em moradas bem seguras, e em lugares quietos de descanso.

“Mas, descendo ao bosque, cairá saraiva, e a cidade será inteiramente abatida.” *Isaías 32:17-19*.

O assunto da paz de Deus na alma é verdadeiramente um assunto muito vasto do qual os pensamentos aqui apresentados são apenas uma introdução. O Espírito Santo convida cada crente em Jesus a cavar fundo em busca do tesouro escondido de modo que a sua paz seja como um rio largo e profundo cujas águas nunca secam. Quanto mais uma pessoa estuda este assunto, mais entrará numa purificação do pecado e completa dedicação de si mesmo e serviço altruísta. Por sua vez, isto trará uma paz que ultrapassa toda a compreensão e conhecimento humano. Isso apenas pode ser conhecido em verdade quando é de facto experimentado.

Fazei uma pausa então junto ao lugar para a oferta pacífica e certificai-vos para vossa completa satisfação que a paz de Deus de facto reina na vossa alma. Se não reinar, então não descanseis até descobrir porquê. A verdadeira paz é a herança de todo o crente que está em harmonia com Deus.

A Pia

Resta apenas um ponto antes de entrar no lugar santo. É a bacia de cobre que estava localizada entre o altar de bronze e a entrada do lugar santo, de acordo com as instruções específicas do Senhor: “Farás também uma pia de cobre com a sua base de cobre para lavar, e a porás entre a tenda da congregação e o altar; e deitarás água nela.

“E Arão e seus filhos nela lavarão as suas mãos e os seus pés.

“Quando entrarem na tenda da congregação, lavar-se-ão com água para que não morram, ou quando se chegarem ao altar para ministrar, para acender a oferta queimada ao Senhor.

“Lavarão pois as suas mãos e os seus pés para que não morram: e isto lhes será por estatuto perpétuo a ele e à sua semente nas suas gerações.” *Êxodo 30:18-21*.

Nas Escrituras há dois agentes de purificação. São o sangue e a água. Portanto, há duas purificações necessárias antes de se efectuar a entrada no santuário. O primeiro é aos pés da cruz como simbolizado pelo altar do sacrifício, e nesta purificação, o agente usado é o sangue. O segundo é na pia exactamente junto à porta do primeiro compartimento e era efectuado pela lavagem na água.

Isto parece criar um problema. Uma vez que a purificação pelo sangue na cruz do Calvário é verdadeiramente eficaz, por que é requerida uma segunda purificação antes do crente poder entrar à presença divina? A exigência de uma purificação adicional parece inferir que a primeira é inadequada ou imperfeita.

A dificuldade desaparece quando é feita uma cuidadosa análise a todo o comentário da pia e seu significado como citado no *Index to the Writings of E.G. White*. Será visto que todos os testemunhos sem excepção falam em termos de uma purificação física da pessoa e suas vestes, e não de uma purificação espiritual do pecado. Isto é bastante significativo e ilustra algumas especificações que devem ser realizadas antes de entrar na presença do Senhor. Será compreendido que muito pouca, se alguma, atenção foi prestada a este ponto no passado tanto no ensinamento como na prática. Sem dúvida, esta é uma razão muito pertinente porque as nossas orações têm sido muito menos eficazes do que esperávamos.

Há uma mensagem muito especial na localização da pia e da lavagem que ali era feita. A indicação é que uma pessoa tem que estar completamente limpa, arranjada e apropriadamente vestida antes de entrar à presença do Senhor. A ordem é física não espiritual. As purificações e os preenchimentos espirituais foram já efectuados no altar do

sacrifício, da oferta queimada, e da oferta pacífica. Em adição a esta preparação espiritual para entrar na presença de Deus, tinha que haver também uma preparação física.

Podemos achar que a limitação de um santuário simbólico para uma aplicação física apenas é um pouco difícil de aceitar. No passado fomos acostumados a encontrar uma aplicação espiritual para todos os elementos do santuário e falando na generalidade, esta é uma expectativa válida. Contudo, tendo em atenção a pia, a instrução divinamente inspirada indica apenas uma aplicação física. Todo o testemunho acerca da bacia que se encontra no *Index to the Writings of E.G. White* declara que a purificação na bacia é uma instrução a considerar. Uma escrupulosa purificação da pessoa e do vestuário, e adequado atavio quando se aproxima do lugar santíssimo. Isto é assunto para o qual pouca, se alguma, atenção foi dada e há uma alarmante tendência para os crentes se tornarem cada vez mais descuidados acerca do vestuário apropriado na ida à casa do Senhor.

A palavra do Senhor chama a uma decidida reforma nesta área. Como lemos nas palavras seguintes, vamos tomá-las muito seriamente no coração, de modo que elas possam efectuar uma completa reforma nas nossas vidas.

“A glória de Deus santificava o santuário, e por essa razão os sacerdotes nunca entravam no lugar santificado pela presença de Deus com os sapatos nos pés. Partículas de poeira podiam apegar-se-lhes, o que profanaria o lugar santo; portanto, era requerido que os sacerdotes deixassem os sapatos no pátio antes de entrarem no santuário. No pátio, ao lado da porta do tabernáculo, havia uma bacia de bronze onde os sacerdotes lavavam as mãos e os pés antes de entrar no tabernáculo, para que toda a impureza pudesse ser removida. De todos os que oficiavam no santuário Deus requeria que fizessem preparativos especiais antes de entrar no lugar onde a Sua glória era revelada.” *Testimonies* 4:159.

“Minha atenção foi chamada para os filhos de Israel em tempos antigos, e me foi mostrado que Deus deu instruções específicas acerca do tecido e do estilo do vestuário que devia ser usado pelos que ministravam diante dEle. O Deus do Céu, cujo braço move o mundo, que nos sustenta e nos dá vida e saúde, concedeu-nos evidências de que Ele pode ser honrado ou desonrado pelo traje dos que oficiam diante dEle. O Senhor deu instruções especiais a Moisés a respeito de tudo que se relacionava com o Seu serviço. Até deu instruções a respeito da arrumação de suas casas e especificou o vestuário que devia ser usado pelos que ministravam em Seu serviço. Eles deviam manter a ordem em tudo, e especialmente preservar o asseio.

“Leiam-se as instruções dadas a Moisés para tornar conhecido aos filhos de Israel que Deus estava prestes a descer sobre o monte, a fim de proclamar Sua santa lei. O que Ele mandou Moisés dizer ao povo que fizesse? Que estivessem prontos ao terceiro dia, pois o Senhor desceria sobre o monte à vista de todo o povo. Eles deviam colocar limites em torno do monte. ‘Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas vestes.’ Êxodo 19:10. O grande e poderoso Deus que criou o lindo Éden, e todas as coisas belas que nele havia, é um Deus de ordem e deseja que Seu povo seja ordeiro e limpo. O poderoso Deus orientou Moisés a dizer ao povo para lavar suas vestes, para que não houvesse impureza em seus trajes e em si mesmos, ao comparecerem perante o Senhor. E Moisés desceu da montanha até o povo e esse lavou suas vestimentas de acordo com a ordem de Deus.

“E para mostrar quão cuidadosos eram com a limpeza, Moisés colocou uma bacia entre a tenda da congregação e o altar, e ‘a encheu de água, para se lavar’. Êxodo 40:30. Moisés, Arão e os filhos de Arão, que ministravam diante do Senhor, lavaram as mãos e os pés ali mesmo quando foram para a tenda da congregação e perante o Senhor.

“Esse era um mandamento do grande e poderoso Deus. Não devia haver nenhum desleixo e falta de asseio naqueles que compareciam diante dEle quando fossem a Sua santa presença. E por que isso? Qual era o objetivo de todo esse cuidado? Era meramente para recomendar o povo a Deus? Era meramente para obter Sua aprovação? A razão que me foi dada era esta: para que fosse causada correta impressão sobre o povo. Se os que ministravam no ofício sagrado deixassem de manifestar cuidado e reverência para com Deus, em seu traje e na sua conduta, o povo perderia seu temor e sua reverência para com Ele e Seu serviço sagrado. Se os sacerdotes mostravam grande reverência para com Deus sendo muito cuidadosos e muito meticolosos ao comparecerem à Sua presença, isso dava ao povo elevada ideia de Deus e Seus requisitos. Mostrava-lhes que Deus é santo, que Sua obra é sagrada e que tudo quanto se relaciona com o Seu trabalho precisa ser santo; que precisa estar livre de tudo que se caracterize pela impureza e falta de asseio; e que deve ser removida toda corrupção dos que se aproximam de Deus.” *Testimonies for the Church* 2:610-612.

“Nisso, de acordo com a luz que me foi dada, tem havido manifesto descaso da parte de nosso povo. Os pastores algumas vezes se apresentam no púlpito com o cabelo mal penteado, parecendo não ter sido tocado pelo pente ou a escova há uma semana. Deus é desonrado quando aqueles que se empenham em Seu sagrado serviço negligenciam sua aparência. Antigamente era requerido dos sacerdotes ter suas vestes no estilo específico, para realizar o serviço no lugar santo e ministrar no ofício sacerdotal. Deviam ter as vestimentas em harmonia com sua obra, e Deus distintamente especificou como deveriam ser. A bacia estava colocada entre o altar e a congregação, para que os sacerdotes, antes de virem à presença de Deus, à vista da congregação, pudessem lavar as mãos e pés. Que impressão deveria isso exercer sobre o povo? Devia mostrar-lhe que cada partícula de poeira precisava ser eliminada antes de poderem ir à presença de Deus, pois Ele era tão excelso e santo que, a menos que atendessem a essas condições, a morte seria o resultado seguro.

“Mas, olhem para o estilo de roupa que alguns de nossos pastores usam hoje. Alguns que ministram nas coisas sagradas se vestem de tal maneira que, pelo menos até certo ponto, sua roupa destrói a influência do seu trabalho. Há evidente falta de bom gosto na cor e no esmero do corte. Qual é a impressão causada por tal maneira de vestir? É que a obra na qual eles estão empenhados não é considerada mais sagrada ou elevada do que o trabalho comum, como arar a terra. O pastor, por seu exemplo, reduz as coisas sagradas ao mesmo nível das coisas comuns.” *Testimonies for the Church* 2:613, 614.

As pessoas comuns ao ler isto podem ter a tendência para o rejeitar como não se aplicando a elas, porque não fazem parte do corpo de pregadores, mas o Senhor exige de todo o Seu povo ordem e limpeza em todas os momentos, em especial quando vem à Sua presença como o parágrafo que se segue depois da citação acima declara.

“Deus requer que todos os que professam ser Seu povo escolhido, mesmo não sendo ensinadores da verdade, cuidem em preservar o asseio e a pureza pessoais, inclusive em suas casas e propriedades. Somos exemplos para o mundo, cartas vivas conhecidas e lidas por todos os homens. 2 Coríntios 3:2. Deus requer que todos os que fazem profissão de piedade, especialmente aqueles que ensinam a verdade a outros, abstenham-se ‘de toda aparência do mal’. 1 Tessalonicenses 5:22.” *Testimonies for the Church* 2:614.

Nestes testemunhos, são dados os factos e as razões para eles. Os factos são: “... Ele deseja ordem e limpeza no Seu povo...” “Não devia haver nenhum desleixo e falta de asseio naqueles que compareciam diante dEle quando fossem a Sua santa presença.” “... cada partícula de poeira precisava ser eliminada antes de poderem ir à presença de Deus...”

As razões para isto eram duplas.

A primeira, o próprio Deus é um Deus de ordem e pureza, e, em todas as coisas devemos ser semelhantes a Ele. “O grande e poderoso Deus que criou o lindo Éden, e todas as coisas belas que nele havia, é um Deus de ordem e deseja que Seu povo seja ordeiro e limpo.”

A segunda razão é que prestar atenção à cuidadosa e profunda lavagem das roupas da pessoa, e à veste adequada, cultiva e mostra reverência pelo Altíssimo Senhor. “Esse era um mandamento do grande e poderoso Deus. Não devia haver nenhum desleixo e falta de asseio naqueles que compareciam diante dEle quando fossem a Sua santa presença. E por que isso? Qual era o objetivo de todo esse cuidado? Era meramente para recomendar o povo a Deus? Era meramente para obter Sua aprovação? A razão que me foi dada era esta: para que fosse causada correta impressão sobre o povo. Se os que ministravam no ofício sagrado deixassem de manifestar cuidado e reverência para com Deus, em seu traje e na sua conduta, o povo perderia seu temor e sua reverência para com Ele e Seu serviço sagrado. Se os sacerdotes mostravam grande reverência para com Deus sendo muito cuidadosos e muito meticulosos ao comparecerem à Sua presença, isso dava ao povo elevada ideia de Deus e Seus requisitos. Mostrava-lhes que Deus é santo, que Sua obra é sagrada e que tudo quanto se relaciona com o Seu trabalho precisa ser santo; que precisa estar livre de tudo que se caracterize pela impureza e falta de asseio; e que deve ser removida toda corrupção dos que se aproximam de Deus.” *Testimonies for the Church* 2:612.

As mesmas razões foram dadas na ordem para que Josué tirasse as sandálias. “A fim de impressionar a mente de Josué de que Ele não era outro senão Cristo, o Excelso, disse: ‘Descalça os sapatos de teus pés.’” *Testimonies for the Church* 4:159, 160.

Assim, uma reverente aproximação de Deus está inseparavelmente ligada à veste e limpeza apropriada. Se vamos perante Ele com vestes desalinhadas, não apropriadas e sem limpeza, demonstramos que tivemos apenas pequena reverência para com Ele. Por outro lado, se, como resultado de uma sincera crença, vimos limpos e alinhados, então mostramos que reverenciamos o Altíssimo.

Isto não quer dizer que se uma imediata necessidade se levantar, então não seremos capazes de apresentar o nosso caso ao Senhor enquanto não nos lavarmos e ataviarmos os nossos corpos com roupas limpas. Deus compreende as circunstâncias e dá a devida tolerância para elas. Mas isso não quer dizer que, quando nos aproximamos de Deus na nossa regular viagem de oração através do santuário, e quando vamos à casa de oração no dia de sábado, sempre que possível, devemos fazer preparação física tanto quanto espiritual para a ocasião.

como um guerreiro armado perante o líder de Israel

Quando Jesus ordenou a Josué que tirasse as sandálias para que o guerreiro comandante pudesse ser impressionado com o facto que Ele era o Excelso, não estava preocupado com este reconhecimento do Seu ponto de vista. Cristo e o Seu Pai são infinitos em humildade e não procuram reconhecimento por causa de Si mesmos. Eles procuram isto apenas quando esta reverente solenidade é necessária para abençoar o crente.

Era uma altura em que Josué necessitava de desenvolver um conceito muito amplo e activa fé a respeito da tarefa que estava perante ele de subjugar os inimigos de Israel. Quanto mais claramente pudesse ver e compreender o assombroso poder que havia em Jesus, mais forte e eficaz seria a sua fé.

Quando nós como um povo vamos à presença do Senhor limpos, aprumados, e com ordem, aparecemos perante Ele como Ele é e estamos portanto em harmonia com Ele. Os efeitos duma semelhante unidade está para além de computação.

Eu posso agora compreender porque é que a bênção do Senhor deixou a última reunião de uma conferência realizada há alguns anos. Todos nós tínhamos tido uma abençoada comunhão durante a semana até que chegou o último sábado de reuniões. Nesse sábado a presença do Espírito Santo e dos santos anjos foi muito real durante as reuniões da manhã e com um coração cheio de alegre antecipação, esperei pelas reuniões da tarde em que eu sabia que ser o auge da conferência.

No intervalo entre da refeição do meio-dia e a reunião da tarde, alguns crentes decidiram passear pela floresta. Este plano pareceu bastante recomendável. Porque o passeio seria através de densa floresta com ramos carregados de pó, as pessoas que iam passear trocaram as suas roupas de sábado por outras apropriadas para o passeio.

Regressaram à hora da reunião, sujas, transpiradas, e vestidas com as suas roupas de trabalho. A única e apropriada acção para elas era então lavarem-se antes de entrarem na casa de adoração. Isso teria envolvido mudar as suas poeirentas roupas de trabalho e botas, tomarem um duche, e vestir as roupas de sábado.

Mas, em vez de fazerem isso, passaram completamente por alto a lavagem e entraram directamente na reunião, transpiradas, e cheias de pó, e com roupas e calçado de trabalho. Eu fiz o meu melhor para preservar o gracioso tom que se tinha desenvolvido durante a semana, mas era impossível. O Espírito de Deus partiu e uma atmosfera sem vida, não espiritual desceu sobre os reunidos. Foi-nos roubada a bênção que podia ser nossa.

Tomemos cuidado então em não passar por alto a bacia da lavagem na nossa jornada de oração através do santuário. Alinhai-vos e limpai-vos antes de vos aproximardes da divina presença. Se isto for feito nas verdadeiras linhas espirituais, e não formalmente ou de maneira legalística, mas com verdadeiro amor e reverência no coração, sereis capazes de vos aproximar mais perto de Deus do que de outro modo, e esse é o objectivo, não é?

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 18

O LUGAR SANTO

No capítulo anterior considerámos a instrução dada para ir à presença de Deus limpos e ataviados de acordo com a mensagem dada na posição da pia para lavagem à entrada do lugar santo. Aprendemos que o Senhor é muito exigente a este respeito de modo que se uma pessoa procura a Sua presença sem dar quaisquer passos para se tornar tão apresentável quanto possível falhará em receber a plenitude da bênção que necessita e procura.

Contudo, esta exigência não deve ser levada a extremos legalistas. Há situações em que é necessário dirigir de imediato orações ao lugar santíssimo sob circunstâncias em que é impossível fazer qualquer tipo preparação física. Que ninguém que se encontre em tal situação, hesite em colocar a sua grande necessidade perante o Senhor.

Um excelente exemplo foi a ocasião em que Pedro depois de ter com sucesso andado sobre as águas tempestuosas em direcção ao Salvador começou a afundar-se nas alterosas vagas. Teve apenas um ou dois segundos à sua disposição para gritar “Senhor, salva-me!” certamente que não houve tempo para fazer qualquer preparação física antes.

Outros exemplos foram Davi quando teve que enfrentar um leão e um urso, e em face do perigo mortal, teve que entregar o seu caso ao Senhor sem demora. João Baptista não teve possibilidade de se lavar nem lavar as suas roupas quando na sua imunda cela chegou a hora de oração, nem foi concedido pelos perseguidores de Estevão tempo para que ele no seu martírio tivesse assegurado que tanto o seu corpo como a sua roupa estivessem limpos. Mas nenhum destes problemas impediram qualquer deles de colocar o seu caso nas mãos do Senhor que graciosamente ouviu as suas orações e concedeu os seus

pedidos. Sem dúvida que estes maravilhosos homens e outros como eles, tinham estabelecido o hábito de se prepararem para irem à presença do Senhor limpos tanto espiritual como fisicamente. Assim quando apareciam ocasiões em que não havia tempo nem oportunidade para fazer esta preparação, o Senhor aceitava as suas orações baseado na sua actuação anterior na área da preparação.

Evidentemente, convinha-lhes a eles e também a nós manter um constante estado espiritual de pureza, com todo o pecado conhecido confessado e abandonado. Ninguém devia permitir a si próprio ser apanhado com pecados não abandonados na sua vida.

Assim, quando chegarmos ao ponto em que a jornada de oração estiver completa, e a travessia através do lugar santo em direcção ao santíssimo começou. Estamos a sair de uma obra feita nesta Terra para uma que é feita no Céu. Isto é assim porque o pátio é o símbolo ou o tipo da Terra, enquanto o lugar santo e o lugar santíssimo apresentam as contrapartidas celestiais.

Há uma relação inseparável entre aquilo que era feito no pátio que representa a Terra, e o que se realiza nos lugares santos no Céu. Sem o ministério de consagração e purificação à disposição do crente no pátio, nenhuma das bênçãos dos lugares santos seria válida para ele. Não podia entrar em íntima comunhão comunicadora de vida com os poderes celestiais.

Na nossa jornada de oração através do santuário, faríamos bem em considerar os serviços realizados no pátio como meios de purificação espiritual e física, a preparação essencial, que, uma vez completada, nos habilita a entrar nos lugares santos, a área onde devemos entrar em íntima e inspiradora comunhão com o Pai através de Jesus Cristo. Isto significa que a natureza da oração mudará quando deixarmos o pátio para trás e entrarmos naquilo que está para dentro do véu. As nossas orações no pátio serão orações de arrependimento, confissão e consagração, mas tudo isso deve ser deixado para trás uma vez que entrámos na presença de Deus. Chegou a altura e o lugar para a comunhão com o Pai celestial, a infinita Fonte de toda a vida, poder e justiça, que recebemos através do nosso grande Sumo-Sacerdote.

Isto não quer dizer que os ministérios dos lugares santos nada tenham a ver com a purificação do pecado, pois os dois compartimentos estão envolvidos nesta obra, mas, no que respeita ao estudo da jornada de oração através dos compartimentos sagrados, não entramos no santuário em si mesmo para sermos purificados mas porque já fomos purificados. O lugar em que a nossa purificação pessoal toma lugar tanto espiritual como física é no exterior, no pátio. O tempo que passamos nos lugares santos é para essa rica comunhão que revitalizará cada órgão do corpo, cada parte da mente, e todo o poder da alma.

Isto significa que, depois de termos confessado no altar do sacrifício todos os pecados que conhecemos, e então, depois de chegarmos aos lugares santos em si mesmos, recordamos outro pecado que acidentalmente esquecemos, precisamos voltar ao pátio, ao altar da confissão e ser purificados desse pecado antes de voltarmos a entrar em comunhão com os agentes celestiais nos lugares santos.

Parece ter havido uma limitada compreensão da obra de Cristo tanto no primeiro como no segundo compartimento do santuário celestial. Muitos têm-n'Os visto como fazendo pouco mais do que registar as confissões à medida que elas são feitas e os pecados são literalmente transferidos e depositados no santuário celestial esperando o terrível dia do exame final.

É bem verdade que essa obra de registo está a ser feita, mas não é de modo algum o limite da obra efectuada por Cristo neste tempo.

Desde 1844, Ele tem vindo a ministrar no lugar santíssimo do santuário celestial onde faz a expiação final por aqueles que, antes e depois de 1844, morreram na fé de Jesus com todos os seus pecados conhecidos confessados e abandonados. Entretanto, aqueles que ainda vivem, assim estão fazendo durante o tempo de provação. “O juízo ora se realiza no santuário celestial. Há muitos anos esta obra está em andamento. Breve, ninguém sabe quão breve, passará ela aos casos dos vivos. Na augusta presença de Deus nossa vida deve passar por exame.” *O Grande Conflito*, 490.

Apesar de vitalmente importante, esta obra é apenas o auge do muito mais intenso ministério que Cristo está fazendo por nós como nosso grande Sumo-Sacerdote. Quando em 1844, os crentes adventistas esperavam que Cristo viesse, pensavam que estavam prontos para a Sua vinda, mas de facto estavam muito longe da condição da total purificação do pecado necessária para os qualificar para passarem o tempo da angústia de Jacó e serem trasladados.

Primeiramente, eles necessitavam de uma grande quantidade de luz para lhes revelar a imensa medida de preparação ainda necessária antes de poderem discernir os seus pecados escondidos e afastá-los. Necessitavam de compreender o sábado, o estado dos mortos, a reforma da saúde, o carácter de Deus, a natureza de Cristo, os sete anjos, a imagem e a marca da besta, as profecias que relatam os acontecimentos finais, a salvação dos filhos, a educação cristã, e a organização divina, para citar apenas alguns dos temas que deverão ser compreendidos na sua plenitude antes do fim poder chegar. Por isso, quando Cristo entrou no lugar santíssimo em 1844, Ele fê-lo para derramar brilhantes raios de luz sobre o Seu povo que se encontrava na Terra.

Este ponto é claramente explicado no testemunho que se segue:

“Cristo aparecera, [Outubro de 1844], não à Terra, como esperavam, mas, conforme fora prefigurado tipicamente, ao lugar santíssimo do templo de Deus, no Céu. É Ele representado, pelo profeta Daniel, como estando a vir, nesse tempo, ao Ancião de dias: ‘Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem: e dirigiu-Se’ – não à Terra mas – ‘ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele.’ (Daniel 7:13).

“Esta vinda é também predita pelo profeta Malaquias: ‘De repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos exércitos.’ (Malaquias 3:1). A vinda do Senhor a Seu templo foi súbita, inesperada, para Seu povo. Não O buscaram ali. Esperavam que viesse à Terra, ‘como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho.’ (2 Tessalonicenses 1:8).

“O povo, porém, ainda não estava preparado para encontrar-se com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparo a ser por eles cumprida. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente ao templo de Deus, no Céu; e, ao seguirem eles, pela fé, ao Sumo Sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja.” *O Grande Conflito*, 423.

A luz que tem brilhado e brilhará sobre o Seu povo é tão brilhante que todo o mundo será “... Iluminado com a sua glória.” *Apocalipse* 18:1. Ela levará o povo de Deus a um conhecimento da salvação tanto em teoria como em experiência muito além e acima do que foi conhecido em 1844 quando os crentes esperavam ser trasladados.

Hoje, quando entramos pela fé nos lugares santos que não foram feitos por mãos, temos que o fazer com a poderosa convicção que a luz gloriosa está brilhando sobre nós. A aceitação destas verdades está recebendo uma influência muito importante para o bem daqueles que as recebem por aquilo que elas são. Por exemplo, antes de compreendermos o carácter de Deus, temos a tendência para ser temperamentais, críticos, e legalistas, mas

quando aprendemos acerca do poder perdoador que existe no coração de Deus, que Ele a ninguém destrói, e que a própria essência dos Seus princípios é a restauração, quão diferentes nos tornamos nas nossas atitudes em relação aos outros.

Este conhecimento operou uma profunda convicção em nós de deficiências de carácter e atitudes erradas, que aprofundam o nosso arrependimento, levam à confissão, e a uma mudança no padrão dos nossos hábitos. Mais está ainda para vir especialmente quando fazemos repetidas jornadas de oração através do santuário durante as quais atingimos mais e mais luz. À medida que os ministérios dos lugares santos nos mostram a necessidade de mais profundas purificações, verificaremos que voltamos aos pés da cruz no pátio para confessar esses pecados e ser purificados deles.

Quando compreendemos como devíamos, as incríveis bênçãos recebidas no santuário, deveríamos considerá-las como sendo um grandioso privilégio ter acesso aos serviços no interior do santuário, e, por eles, somos capazes de nos aproximar cada vez mais perto do Senhor através do Seu Filho Jesus Cristo, e desse modo ser elevados a grandes alturas do poder espiritual e eficácia. Diariamente, recebemos novos suprimentos de graça e as maravilhosas promessas de Deus são cumpridas em nosso favor, em nós e através de nós. Conhecemos pela viva experiência o poder que existe nas palavras:

“Porque pois dizes, ‘ó Jacó, e tu falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu juízo passa de largo pelo meu Deus?’

“Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da Terra, nem se cansa nem se fatiga? Não há esquadrinhação do Seu entendimento.

“Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.

“Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão,

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias, correrão, e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão.” *Isaías 40:27-31*.

“O amor difundido por Cristo por todo o ser, é um poder vitalizante. Todo órgão vital – o cérebro, o coração, os nervos – esse amor toca, transmitindo cura. Por ele são despertadas as mais altas energias do ser para a actividade. Liberta a alma da culpa e da dor, da ansiedade e do cuidado que consomem as forças vitais. Vêm com ele a serenidade e compostura. Implanta na alma uma alegria que coisa alguma terrestre pode destruir – a alegria no Espírito Santo – alegria que comunica saúde e vida.

“As palavras de nosso Salvador: ‘Vinde a Mim, . . . e Eu vos aliviarei’ (Mateus 11:28), são uma receita, para a cura dos males físicos, mentais e espirituais. Embora os homens hajam trazido sobre si o sofrimento por causa de suas más acções, Ele os olha com piedade. N’Ele podem encontrar socorro. Grandes coisas fará por aqueles que n’Ele confiam.

“Se bem que por séculos tenha o pecado estado a robustecer seu domínio sobre a raça humana, não obstante por meio de mentiras e artifícios Satanás haver lançado a negra sombra de sua interpretação sobre a Palavra de Deus, e feito os homens duvidarem de Sua bondade; todavia a misericórdia e amor do Pai não têm cessado de fluir em abundantes torrentes para a Terra. Se os seres humanos abrissem as janelas da alma em direcção ao Céu, apreciando as divinas dádivas, por elas penetraria uma onda de restauradora virtude.” *A Ciência do Bom Viver*, 115, 116.

Visto que o ministério dos lugares santos é diferente do realizado no pátio, deve então ser esperado que o mobiliário e atmosfera de cada um deles seja decididamente diferente. E assim é. O pátio foi designado para dar a convicção, arrependimento, confissão, e purificação, ao passo que os lugares santos foram designados para comunhão, iluminação, e desenvolvimento de todas as graças e atributos espirituais. Ricos na verdade serão aqueles que vislumbram o que lhes está sendo oferecido no santuário quando fazem a sua jornada de oração através dos recintos sagrados. Há três peças de mobiliário no primeiro

compartimento, transmitindo todos eles uma poderosa mensagem ao homem completamente necessitado de divina graça, luz, poder, e salvação. À medida que a pessoa entra através do véu que separa do mundo exterior o primeiro compartimento, vê directamente diante de si colocado junto do véu que separa o lugar santíssimo, o altar no qual o incenso era queimado continuamente. O fumo elevava-se de encontro à cortina e enchia o interior do lugar santíssimo.

Olhando para a direita, observamos a mesa dos pães asmos encostada à parede desse lado. Tal como o altar nesta sala, a mesa era feita de madeira de acácia revestida de ouro puro. Nela repousavam doze pães asmos que eram renovados todos os sábados.

Do lado esquerdo, o castiçal com sete braços cada um derramando uma suave luz que iluminava a sala sem janelas. Esta luz, reflectida do ouro polido produzia uma atmosfera de maravilhosa beleza, riqueza, e glória que convida o crente a participar dessa prometida riqueza.

Consideremos agora cada um destes artigos de mobiliário e também a própria a sala para compreender exactamente o que está à nossa disposição, de modo que possamos entrar na posse da plenitude da bênção por nós mesmos. Primeiramente, focaremos a nossa atenção no altar do incenso que junto ao véu do lugar santíssimo.

O Altar do Incenso

Acerca deste altar está escrito: “Precisamente diante do véu que separava o lugar santo do santíssimo e da presença imediata de Deus, achava-se o áureo altar de incenso. Sobre este altar o sacerdote devia queimar incenso todas as manhãs e tardes; seus cornos eram tocados com o sangue da oferta para o pecado, e era aspergido com sangue no grande dia de expiação. O fogo neste altar *era aceso pelo próprio Deus*, e conservado de maneira sagrada. Dia e noite o santo incenso difundia a sua fragrância pelos compartimentos sagrados, e fora, longe, em redor do tabernáculo.” *Patriarcas e Profetas*, 359.

Os sacerdotes acrescentavam incenso ao altar duas vezes por dia mas que era suficiente para alimentar o fogo continuamente, de modo que havia sempre um incessante fumo de incenso subindo do altar. Era importante que houvesse um contínuo suprimento de fragrância de incenso a fim de correctamente representar o ministério da justiça imputada de Cristo sem a qual o crente nunca pode verdadeiramente aproximar-se do Senhor.

“Na oferta do incenso o sacerdote era levado mais directamente à presença de Deus do que em qualquer outro acto do ministério diário. Como o véu interno do santuário não se estendia até ao alto do edifício, a glória de Deus, manifestada por cima do propiciatório, era parcialmente visível no primeiro compartimento. Quando o sacerdote oferecia incenso perante o Senhor, olhava em direcção à arca; e, subindo a nuvem de incenso, a glória divina descia sobre o propiciatório e enchia o lugar santíssimo, e muitas vezes ambos os compartimentos, de tal maneira que o sacerdote era obrigado a afastar-se para a porta do santuário. Como naquele cerimonial típico o sacerdote olhava pela fé ao propiciatório que não podia ver, assim o povo de Deus deve hoje dirigir suas orações a Cristo, seu grande Sumo Sacerdote que, invisível aos olhares humanos, pleiteia em seu favor no santuário celestial.

“O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação contínua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus – símbolos aqueles que apontam

para o grande Mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente, a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente.” *Patriarcas e Profetas*, 364, 365.

Há, entre outras, pelo menos duas lições que são poderosamente ensinadas pela ascensão do incenso do altar. Uma é que o homem não tem absolutamente esperança em si mesmo de chegar a Deus e entrar em comunhão com Ele, e outra é a maravilhosa eficácia de Cristo como a grande Ligação entre aquele que deseja entrar numa salvadora relação com Deus e o próprio Deus.

Os que fizessem uma verdadeira jornada de oração através do santuário bem-sucedida, deviam realmente conhecer estas duas grandes verdades. Eles necessitam de ser libertos de todo o traço de suficiência própria, confiança própria e segurança em si mesmos se quiserem que as suas orações cheguem à sala do trono do Onnipotente. Uma vez alcançado isto, necessitam em seguida alcançar amplos vislumbres do papel de Cristo como o puro, perfeito e poderoso canal através do qual unicamente podem alcançar o eterno Pai.

É uma questão muito simples declarar verbalmente que não temos esperança de ajuda, que somos criaturas dependentes, porque temos sido ensinados a crer que esta é a confissão adequada, mas o verdadeiro objectivo é realmente conhecê-lo na genuína verdade.

Os homens naturalmente têm construído dentro de si uma grande dose de segurança própria que verifica ser difícil reconhecer, e que é um enorme obstáculo à sua entrada na posse da bênção que precisa mais do que pensa. Mas uma vez diminuído o orgulho do homem e veja quão impotente ele realmente é, a porta é então aberta para um verdadeiro dilúvio de bênção espiritual derramada sobre o suplicante, desde que a sua fé se agarre a estas provisões que o Senhor tem colocado ao seu alcance através de Cristo.

Deve ser salientado que não é suficiente estar conscientes do facto que não podemos por nós mesmos chegar a Deus. Devemos também compreender o caminho no qual isso pode ser feito. Os magos, os astrólogos, adivinhos de Babilónia foram obrigados a admitir que não tinham ligação ou acesso a Deus e que não conheciam o caminho para lá chegar. Notai as suas palavras.

“Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne.” *Daniel 2:11*.

Eles sabiam que o Altíssimo, à medida que melhor O compreendessem, sabia perfeitamente aquilo que o rei sonhara, e qual a interpretação do sonho, mas eles, não tendo ligação com um Deus que não habitava neles, nem com eles, nunca podiam receber luz desse Deus. Eles revelaram, o facto que o deus de Babilónia estava longe dos seus súbditos e era incapaz de comunicar com eles.

Daniel, por outro lado, deu uma emocionante demonstração da maravilhosa verdade que o verdadeiro Deus, o Deus cristão, estabeleceu através de Cristo, uma completa e perfeita ligação com o Seu povo.

Contudo, até este importante, revelador momento, estes homens tinham orgulhosamente defendido que eram capazes de solucionar qualquer problema que o rei pudesse apresentar-lhes e especialmente no campo da interpretação dos sonhos, mas por fim foram confrontados com uma situação para a qual não tinham solução. Em seguida foram finalmente forçados a admitir que não tinham respostas. O rei ficou tão furioso com o seu engano que ordenou a sua imediata destruição, uma sentença que nunca viria a ser executada por causa da intercessão de Daniel.

Foi em virtude destes homens terem entrado nos caminhos de Babilónia por tanto tempo que foram incapazes de alcançar a revelação dos caminhos de Deus de acesso a Ele

próprio, e na hora de crise foram encontrados completamente destituídos. Isto não é dizer que eles estavam para além da esperança de salvação, porque, se estivessem dispostos a reconhecer a sua verdadeira necessidade de compreender a sua dependência, podiam ter recebido instrução do evangelho dada por Daniel, e tornarem-se verdadeiros filhos do Altíssimo.

Outra ilustração de quão essencial é para o verdadeiro cristão compreender verdadeiramente a sua necessidade e conhecer a sua verdadeira condição, é dada na experiência de Elias quando ele orou pedindo chuva depois da bem-sucedida demonstração no Monte Carmelo. O solitário profeta, carregado de grande fé no incomparável amor do verdadeiro Deus, enfrentou o orgulhoso e furioso rei, e os totalmente apostatados sacerdotes de Baal, e a hesitante multidão indecisa. Durante todo o dia ele deve ter sido muito cuidadoso em manter-se atento para a sua própria insuficiência e vital necessidade de ser sempre completamente dependente de Deus. Se ele tivesse permitido que qualquer forma de suficiência própria se levantasse como aconteceu com Pedro quando caminhou sobre a água, a batalha teria sido perdida e ele seria morto.

Durante todo esse dia, Elias "... continua a observar atentamente; ele sabe que se por qualquer artifício os sacerdotes lograrem lançar fogo sobre o altar, ele será feito em pedaços num momento". *Profetas e Reis*, 150.

Elias não podia suportar perder o seu sentido de dependência de Deus nem um instante. Contudo, ele necessitava de entrar numa ainda maior revelação da sua necessidade de limpar todo o traço de suficiência em si mesmo da sua experiência, como uma preparação para maiores crises ainda por vir. Isto foi realizado por ele quando orou por chuva, como está escrito:

"O servo olhava enquanto Elias orava. Seis vezes regressou da vigia, dizendo, Nada há nada, nenhuma nuvem, nenhum sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Ele continuou revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou os seus pecados, e assim continuou afligindo sua alma perante Deus, enquanto esperava um sinal de que a sua oração havia sido respondida. Enquanto ele examinava o seu coração, pareceu-lhe decrescer cada vez mais em sua própria estima e aos olhos de Deus. Pareceu-lhe como se ele nada fosse, e Deus tudo; e quando chegou ao ponto de renunciar ao próprio eu, ao mesmo tempo que se apegava ao Salvador como sua única força e justiça, veio a resposta. O servo apareceu e disse, 'eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar.'" *S.D.A. Bible Commentary* 2:1035.

Quando consideramos as profundezas da humildade a que Elias deve ter chegado durante todo esse dia, apenas para ser levado ainda a maiores profundezas, começamos a considerar se alguma vez fomos libertos do nosso eu e da confiança em nós mesmos numa extensão significativa. Quando considero a experiência de Elias enquanto o Senhor o levava a andar mais perto d'Ele, fico apreensivo quanto ao modo superficial dessa obra feita em mim. E quão desesperadamente preciso que me sejam ensinadas as grandes lições da negação do eu e da crucifixão. Em que terrível perigo estamos enquanto qualquer continuação de confiança própria ainda permanecer.

Sem dúvida, sentimos que a nossa confiança não está em nós próprios mas em Cristo, mas se é assim ou não será revelado quando o tempo de prova cair sobre nós repentinamente. Quando esse tempo chegar, aqueles que não colocam verdadeiramente a confiança em si mesmos repousarão em Deus como seu Solucionador de problemas, Planeador, e Portador de cargas. Se, mesmo no menor grau começamos a procurar soluções para os nossos problemas, então nesse grau temos mais confiança em nós mesmos do que em Deus.

Por exemplo, tendo visto a profundidade da humildade, desconfiança em si próprio na qual Elias se encontrava no monte Carmelo e as maiores profundezas às quais ele foi levado quando orou por chuva, teríamos naturalmente confiança na certeza que aqui estava um homem imune ao perigo de confiar em si mesmo no lugar de Deus.

Mas, quando às portas de Jezreel, ele foi subitamente acordado para receber a mensagem de ameaça de Jezabel, não repousou com confiança no poder de Deus para o proteger e guardar, mas olhou para si próprio. Quão triste foi o fracasso que ele experimentou nessa ocasião! Que solene revelação é para nós a fraqueza da humanidade! É suficiente para encher uma pessoa de desespero!

Mas, não precisamos de desesperar. Em vez disso, devemos manter sempre esta ilustração perante como uma perpétua salvaguarda contra pormos a nossa confiança na carne em vez de a colocarmos no Senhor. As experiências dos grandes homens da Bíblia avisam-nos claramente que, não importa quão humildes, dependentes e vitoriosos somos um dia, temos ainda a tendência para nos voltarmos para nós mesmos no dia seguinte. Quanto mais conhecedores estamos do nosso perigo contínuo, mais honestamente daremos os passos para assegurar que nos tornamos muito fortes nesta área.

Não há melhor meio para obter força neste campo do que pela entrada no lugar santo e contemplação do altar do incenso com a nuvem de doce fragrância alcançando a própria presença do eterno Pai. Ao contemplarmos esta maravilhosa provisão para nossa salvação, devemos compreender como nunca antes que unicamente pela mediação de Cristo e Sua justiça podemos alguma alcançar a altíssima Fonte de luz, vida e verdade.

“Os serviços religiosos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à mão direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, não será aceitável a Deus. Todo o incenso dos tabernáculos terrestres têm de umedecer-se com as purificadoras gotas do sangue de Cristo. Ele segura perante o Pai o incensário de Seus próprios méritos, nos quais não há mancha de corrupção terrestre. Nesse incensário reúne Ele as orações, o louvor e as confissões de Seu povo, juntando-lhes Sua própria justiça imaculada. Então, perfumado com os méritos da propiciação de Cristo, o incenso ascende perante Deus completa e inteiramente aceitável. Voltam então graciosas respostas.

“Oxalá vissem todos que quanto a obediência, penitência, louvor e acções de graças, tudo tem que ser colocado sobre o ardente fogo da justiça de Cristo! A fragrância desta justiça ascende qual nuvem em torno do propiciatório.” *Mensagens Escolhidas* 1:344.

Uma grande mensagem revelada no lugar santo é a total suficiência de Deus como resposta para completar a dependência do homem. É também aí demonstrado que o indefeso suplicante humano deve conhecer a verdadeira natureza da sua situação, de modo que é levado a render todos os seus planos e a confiar inteiramente na salvadora graça de Cristo.

Aqueles que verdadeiramente compreendem e experimentam estas coisas serão ricamente dotados com as maiores bênçãos espirituais, e sairão para mostrar os seus louvores do Senhor a esta geração necessitada.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 19

Na nossa jornada de oração através do santuário com o objectivo de por fim entrar na própria presença do Pai Eterno através de Jesus Cristo, nosso Mediador, Advogado, Representante, e Ligação, chegamos ao lugar santo como a nossa contemplação fixa no altar do incenso que fica junto do véu que separa o primeiro do segundo compartimento. Foi concluído que não devemos entrar neste compartimento para ser purificados do pecado, pois isso era realizado no pátio no altar do sacrifício, mas entrar naquela íntima comunhão pela qual e através da qual devemos adquirir os recursos de iluminação espiritual, e físico, mental e espiritual vigor que nos qualificará para ser instrumentos de Deus na execução da Sua vontade revelada.

Esta distinção de funções e propósitos entre os dois altares é revelada pelo facto que, enquanto o altar do sacrifício no pátio era *aceso pelo homem* ou pelo fogo que caía do céu, o fogo do altar do incenso era directa e especialmente *aceso pelo próprio Deus*.

É muito importante que os factos envolvidos nestes procedimentos sejam claramente compreendidos ou falharemos em discernir o verdadeiro simbolismo do sistema sacrificial, e também em receber a plenitude das bênçãos que o Senhor tanto deseja derramar sobre nós. Isto envolve a correcta interpretação de expressões como: "... Desceu fogo do céu, e os devorou." *Apocalipse* 20:9.

A mesma linguagem é usada para descrever o fogo que consumiu a oferta de Abel: "E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta." (Génesis 4:4). Lampejou o fogo do Céu, e consumiu o sacrifício." *Patriarcas e Profetas*, 69. Outro exemplo é o primeiro fogo para consumir o sacrifício de dedicação do tabernáculo do deserto: "Depois da dedicação do tabernáculo, os sacerdotes foram consagrados ao seu ofício sagrado. Estes serviços ocuparam sete dias, cada um assinalado por cerimónias especiais. No oitavo dia deram início ao seu ministério. Auxiliado por seus filhos, Arão ofereceu os sacrifícios que Deus ordenara, e levantou as mãos e abençoou o povo. Tudo havia sido feito conforme Deus

indicara, e Ele aceitou o sacrifício, e revelou Sua glória de maneira notável; fogo veio do Senhor e consumiu a oferta sobre o altar.” *Patriarcas e Profetas*, 372.

Assim aconteceu de novo quando Davi se arrependeu de ter contado Israel. “O anjo destruidor detivera-se em seu caminho fora de Jerusalém. Ele ficou sobre o monte de Moriá, ‘na eira de Ornam, jebuseu.’ Por indicação do profeta, Davi foi ao monte, e ali construiu um altar ao Senhor, ‘e ofereceu nele holocaustos e sacrifícios pacíficos: e invocou o Senhor, o qual lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar do holocausto.” *Patriarcas e Profetas*, 803.

Esta também foi a experiência do rei Salomão quando dedicou o novo edifício do templo: “O selo da aprovação divina havia sido posto sobre esta oração; pois ao ser ela concluída, fogo havia descido do Céu a fim de consumir a oferta queimada e os sacrifícios, e a glória do Senhor encheria o templo.” *Profetas e Reis*, 335.

Elias orou ao Senhor que trouxesse os israelitas de volta da apostasia para a verdade. “Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego.” *1 Reis* 18:38.

Elias declarou que: “. . . E há-de ser que o deus que responder por fogo, esse será Deus.” *1 Reis* 18:24.

Poucos, se alguns têm pensado segunda vez no papel de Deus nestas manifestações de fogo consumidor. É geralmente aceite e simplesmente assumido que o próprio Jeová mandou fogo sobre o altar e queimou o sacrifício até que este ficasse em cinzas, ou, ainda mais, ao consumir o sacrifício e as pedras do altar no Monte Carmelo, nem mesmo cinzas ficaram.

Todavia, esta interpretação não pode ser sustentada enquanto ao mesmo tempo se ensina e correctamente se acredita que a morte do sacrifício e a sua subsequente destruição no fogo é a representação do plano da salvação, uma revelação do modo como Deus trata com o pecado. É uma demonstração do modo como o pecador é salvo e do modo como o Salvador morreu a fim de assegurar essa salvação.

O sacrifício no altar representa Cristo que tomou sobre Si a nossa punição e morreu em nossa substituição. “No instante em que o homem se rendeu à tentação de Satanás, e fez precisamente o que Deus lhe dissera para não fazer, Cristo — o Filho de Deus — esteve de pé entre os mortos e os vivos (Números 16:48), dizendo: ‘Caia sobre Mim a penalidade. Ficarei em lugar do homem. Ele terá outra oportunidade.’” *S.D.A. Bible Commentary* 1:1085.

“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 21.

“Cristo sofreu a morte que foi pronunciada sobre o transgressor da lei de Deus.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1103.

Por isso, isto significa que, se é o modo de Deus ficar em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão, então essa é a forma como o Altíssimo deve relacionar-Se com Jesus quando Ele morreu como substituto do homem e sofreu a penalidade no lugar dele. Nesse caso, Deus teria que ser o destruidor do Seu próprio Filho. Se assim fosse, a interpretação que Deus pessoalmente gerou e aplicou o fogo sobre o altar, consumindo assim o sacrifício que simbolizava o Salvador, seria uma exacta representação dos caminhos de Jeová.

Mas não é o Deus que destrói o pecador nem o Seu Unigénito Filho como foi claramente provado no livro, *Eis Aqui o Vosso Deus*.

É eternamente verdade que: “Deus não destrói a ninguém. Todo aquele que for destruído ter-se-á destruído a si mesmo.” *Parábolas de Jesus*, 84.

De novo é eternamente verdade que: Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 33.

Jesus veio à Terra para vários propósitos específicos além de morrer pelo homem, uma destas responsabilidades foi a exacta e completa revelação do carácter do Seu Pai. Cristo cumpriu esta missão com tanto sucesso que: “Tudo aquilo que o homem necessita ou é capaz de conhecer a respeito de Deus foi revelado na vida e carácter de Seu Filho.” *Testimonies for the Church* 8:286.

“Cristo veio a fim de revelar Deus ao mundo como um Deus de amor, pleno de misericórdia, ternura e compaixão. A espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade, foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida.

“Quando Filipe foi ter com Jesus, pedindo: ‘Mostra-nos o Pai, o que nos basta,’ o Salvador respondeu-lhe: ‘Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido Filipe? Quem Me vê a Mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?’ (João 14:8, 9). Cristo declara-Se enviado ao mundo como representante do Pai. Em Sua nobreza de carácter, em Sua misericórdia e terna piedade, em Seu amor e bondade, Ele Se acha perante nós como a encarnação da perfeição divina, a imagem do Deus invisível.” *Testemunhos Selectos* 2:335, 336.

Não importa quão obstinado e desafiador era o mau espírito de rebelião naqueles que Ele enfrentou, ou quão furiosamente Ele era resistido por aqueles que desprezavam a Sua oferta de misericórdia e restauração, ou quão merecidamente o pecador não arrependido devia morrer, Cristo quando esteve na Terra ninguém destruiu mesmo quando foi incitado a fazê-lo. Semelhantemente quando O escoltavam para o Calvário, o mais hediondo crime jamais cometido em toda a eternidade, Ele não fez descer fogo para consumi-los mas intercedeu com o Seu Pai para que lhes perdoasse, pois não sabiam o que estavam fazendo. Assim demonstrou que sem destruir alguém, mesmo sob as maiores provocações possíveis, não está em Deus, no Seu Pai, destruir também.

Portanto, se o Senhor a ninguém destrói, então Ele nunca poderia ter enviado o fogo que consumiu os vários sacrifícios no Velho Testamento. Se Ele tivesse feito isso estaria a transmitir uma mensagem errada que provocaria muitos desvios. Dependemos muitíssimo das parábolas divinamente dadas para adquirir uma compreensão exacta do carácter de Deus e do Seu modo de fazer as coisas. Deus sabe isto e, estando completamente conhecedor de que é verdade que nos deixa livres, é muito cuidadoso em comportar-Se com fiel observância dos princípios do Seu carácter, da lei, e plano de salvação.

A inspiração torna claro que o Pai não matou o Seu próprio Filho no Calvário. “Não foi, porém, a lança atirada, não foi a dor da crucifixão, que produziu a morte de Jesus. Aquele grito soltado ‘com grande voz’ (Mateus 27:50; Lucas 23:46), no momento da morte, a corrente de sangue e água que Lhe fluiu do lado, demonstravam que Ele morreu pela ruptura do coração. Partiu-se-Lhe o coração pela angústia mental. Foi morto pelo pecado do mundo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 741.

Quem então enviou o fogo sobre os altares sacrificais mencionados acima; isto é, naquelas ocasiões em que o fogo irrompeu do céu? Se não foi Deus que o enviou como bem podia ter feito sem no entanto apresentar-Se numa falsa luz, então qual foi a fonte dos fogos consumidores, o mais furioso dos quais destruiu completamente o sacrifício, a

lenha, as pedras do altar, a água que havia encharcado tudo e tinha enchido o rego e feito desaparecer mesmo o pó?

Emanando de uma fonte para além do seu alcance eliminando assim qualquer possibilidade de ser o homem a atear estas chamas. Então, se não foi Deus nem o homem que o provocou, foi Satanás o responsável?

Com certeza que não, pois seria contrário aos seus interesses acender e consumir aqueles sacrifícios que graficamente ilustravam a beleza, eficácia, e poder contido no plano da salvação. Além disso, quando o povo do Senhor se reunia à volta do altar em verdadeira e sincera confissão, de coração consagrado, não seria permitido o acesso de Satanás ao altar o que teria sido necessário a fim de acender a lenha e queimar o sacrifício, se essa tivesse sido a intenção.

Se aqueles fogos não foram enviados por Deus, nem por Satanás ou pelo homem, quem foi então o responsável? Para encontrar uma resposta, temos apenas que olhar para a cruz, contemplar a espantosa morte sacrificial do Salvador, e ver o que ali no antítipo O matou. A resposta, rapidamente encontrada, é que foi o pecado que O destruiu no Calvário. Portanto, o pecado foi a fonte do fogo que caiu sobre os altares levantados pelo fiel Abel, e pelos os outros que vieram depois dele.

Mas como podia o pecado manifestar-se a si próprio tão selectivamente de modo a queimar o sacrifício e nada mais? Ele não é uma força inteligente capaz de escolher e atingir um ponto escolhido, nem o faria, se pudesse escolher um ponto na Terra que servisse a causa da justiça, verdade e salvação.

Todavia, ele não necessita de ser selectivo, porque a decisão já está tomada. Todo o planeta está envolvido num potencial fogo que irromperá a qualquer instante num momento e em qualquer ponto quando e onde a restrição for removida. Assim pereceram Sodoma e Gomorra.

É claro que desde o dia em que Adão e Eva pecaram no Éden, se Cristo não intercedesse imediatamente e desviasse a punição para Si mesmo, eles teriam sido completamente destruídos tal como o Senhor havia avisado se transgredissem os Seus mandamentos. Este acto instantâneo de Cristo em favor do homem assegurou-lhe um período de prova durante o qual as terríveis forças que teriam destruído a humanidade no Éden, eram e ainda estão detidas sob o controlo Divino.

Quão pouco compreendemos a terrível ameaça que paira sobre nós. Não sabemos que estamos vivendo sobre uma potencial bola de fogo mantendo-se no ar e esperando que aconteça. Parece haver poucos que estão alertados para o facto que a natureza se tornou tão perigosa no momento em que Adão e Eva pecaram no Éden, que estava pronta para o colapso num holocausto que consumiria tudo tal como será no final do milénio. Então veremos o que podia acontecer agora em qualquer momento mas não acontece porque, em virtude dos méritos de um Salvador crucificado, o Altíssimo é ainda capaz de exercer o Seu poder limitador e assim evitar que tudo isso aconteça por enquanto. Nós precisamos compreender estas coisas, entender a magnitude da ameaça que está pronta esperando para nos consumir, de modo que possamos entender melhor quanto mais devemos ao terno, protector cuidado de nosso Pai celestial.

O Senhor sabe que temos esta urgente necessidade, e por esta razão Ele permitiu que o fogo atingisse os antigos sacrifícios de maneira a revelar aos nossos adormecidos sentidos o que está pronto para acontecer a qualquer momento. Assim, quando o Seu povo antigamente, caminhava em verdadeira obediência, preparava-o para ser ensinado pelo Senhor, o Pai eterno desde que ele e nós com uma verdadeira e exacta revelação da situação deixando o Seu controlo sobre o fogo do céu numa área muito limitada. Os adoradores que se encontravam em redor do altar estavam salvos, pois eles estavam fora

da área perigosa, mas o sacrifício suportou a força total do inferno, e foi por conseguinte consumido.

Tal como os confiantes crentes viram o fogo consumindo o sacrifício, compreenderam que estavam vendo a sua própria sorte se não fosse a intervenção do Salvador, porque o que estava a acontecer ao sacrifício devia ser a sua destruição. Por esta razão, todos os acontecimentos semelhantes eram a manifestação da glória de Deus, que era a revelação da Sua bondade, à vista daquilo que produz o verdadeiro arrependimento no crente. É por esta razão que o fogo que caiu sobre o altar do sacrifício quando o tabernáculo foi santificado pela primeira vez era uma maravilhosa revelação da glória de Deus.

“Auxiliado por seus filhos, Arão ofereceu os sacrifícios que Deus ordenara, e levantou as mãos e abençoou o povo. Tudo havia sido feito conforme Deus indicara, e Ele aceitou o sacrifício, e revelou Sua glória de maneira notável; fogo veio do Senhor e consumiu a oferta sobre o altar. O povo olhou para esta maravilhosa manifestação de poder divino. Com espanto e intenso interesse, nela viram o sinal da glória e favor de Deus, e alçaram uma aclamação geral de louvor e adoração, caindo sobre seu rosto como se estivessem na presença imediata de Jeová.” *Patriarcas e Profetas*, 372.

Em tudo isto deve ver-se a verdade que somos convidados a deixar os nossos pecados no sacrifício para que eles possam ser totalmente consumidos e assim com segurança separados de nós. Então, as chamas consumidoras não terão mais poder sobre nós do que tiveram sobre Sadraque, Mesaque e Abednego.

Para aperfeiçoar mais o argumento, necessitamos considerar o facto que o sacrifício já estava morto quando o fogo o consumiu, o tirar da vida tinha sido feito pela mão do pecador. Adão foi a primeira pessoa a tirar uma vida quando matou a primeira oferta sacrificial depois de ter aceitado a explicação do plano da salvação que o Senhor lhe comunicou.

“Para Adão, a oferta do primeiro sacrifício foi uma cerimónia dolorosíssima. Sua mão deveria erguer-se para tirar a vida, a qual unicamente Deus podia dar. Foi a primeira vez que testemunhava a morte, e sabia que se ele tivesse sido obediente a Deus não teria havido morte de homem ou animal. Ao matar a inocente vítima, tremeu com o pensamento de que seu pecado deveria derramar o sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Esta cena deu-lhe uma intuição mais profunda e vívida da grandeza de sua transgressão, que coisa alguma a não ser a morte do amado Filho de Deus poderia expiar. E maravilhou-se com a bondade infinita que daria tal resgate para salvar o culpado. Uma estrela de esperança iluminou o futuro tenebroso e terrível, e o aliviou de sua desolação total.” *Patriarcas e Profetas*, 64.

Depois do animal ter sido morto pelo pecador, Adão, o Senhor tomou as peles e fez com elas vestes para os cobrir da ausência do vestido de luz que os tinha coberto durante o tempo em que caminharam na justiça. Esta era uma perfeita parábola do plano da salvação. Os nossos pecados mataram o Salvador no Calvário, como ilustrado no acto de Adão ao matar o Cordeiro. Se Deus tivesse morto o animal, este teria sido um falso, tipo ou parábola enganador, porque o Pai não matou o Seu Filho.

Mas, os méritos da morte de Cristo devem ser aplicados ao pecador, e esta é uma obra que o crente nunca pode realizar por si próprio. É o Senhor que nos cobre com a Sua justiça que é tornada válida apenas através da morte do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.

Semelhantemente, nos serviços do santuário, era sempre o arrependido pecador que tirava a vida do sacrifício. Em seguida o corpo era queimado.

Nestas cerimónias o Senhor desejava que o Seu povo visse que o pecado tira a vida dos pecadores, e também faz desaparecer todo o vestígio da existência deles por toda a eternidade.

No cumprimento deste tipo, o não arrependido sofrerá duas mortes. A primeira morte é no final da sua vida terrestre, quando de acordo como a sua capacidade de pagar, eles são sepultados num túmulo em algo insignificante como um caixão. Muitos são embalsamados para que os corpos sejam preservados na falsa esperança que possam ressuscitar e viver de novo. Há outros que são queimados até ficarem em cinzas numa erupção vulcânica, ou sepultados em desmoronamentos, ou perecem nas profundezas dos oceanos. Tudo isto não é mais do que a primeira morte. Mesmo os justos a sofrem.

Mas aqueles que não têm parte na primeira ressurreição surgem para a segunda morte no final do milénio. Então eles não apenas morrerão, mas serão obliterados no holocausto final, que não deixará qualquer traço deles.

“Os ímpios receberão a sua recompensa na Terra. ‘Sobre os ímpios fará chover brasas de fogo e enxofre; um vento abrasador será a porção do seu copo.’ Fogo desce de Deus vindo do céu. A Terra é aberta. As armas escondidas nas suas profundezas são descobertas. Chamas devoradoras irrompem de todo o abismo aberto. As próprias rochas ardem. Chegou o dia que arderá como um forno. Os elementos se fundirão com calor fervente, a Terra também, e as obras que nela estão serão consumidas. Os ímpios ‘serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos’. Todos serão punidos ‘segundo as suas obras.’” *S.D.A. Bible Commentary* 3:1142.

Esta é a segunda morte que tem total poder sobre todos os que não participam na primeira ressurreição. Na morte do sacrifício e subsequente destruição pelo fogo, devemos ver a morte do ímpio seguida da sua total aniquilação por causa de terem falhado em tornar segura a sua eleição. Devemos ver também a incrível bondade do Senhor em preparar um caminho de escape para nós ao colocar-se no nosso lugar e suportar a punição que nos era destinada. Ele é o substituto; nós somos os beneficiários deste espantoso sacrifício.

Portanto, enquanto viajamos no pátio, devemos compreender que é muito importante que todo o pecado seja confessado e abandonado, de modo que não sejamos obrigados a sofrer essa terrível segunda morte. Assim torna-se claro que não vamos ao lugar santo para ser purificados do pecado, mesmo apesar dos nossos pecados estarem ali fielmente guardados esperando a destruição final. Mas os pecados ali guardados nunca foram tirados dos crentes enquanto eles estiverem no santuário, mas antes deles lá entrarem.

Chegamos agora ao outro fogo que, ao contrário daquele que estivemos a considerar, foi de facto aceso pelo Senhor. Aqui está a confirmação disso:

“Precisamente diante do véu que separava o lugar santo do santíssimo e da presença imediata de Deus, achava-se o áureo altar de incenso. Sobre este altar o sacerdote devia queimar incenso todas as manhãs e tardes; seus cornos eram tocados com o sangue da oferta para o pecado, e era aspergido com sangue no grande dia de expiação. O fogo neste altar *era aceso pelo próprio Deus*, e conservado de maneira sagrada. Dia e noite o santo incenso difundia a sua fragrância pelos compartimentos sagrados, e fora, longe, em redor do tabernáculo.” *Patriarcas e Profetas*, 359.

Aquele que era aceso pelo próprio Senhor, devia ser o único fogo a ser levado para o santuário. Foi quando os filhos da Arão, Nadabe e Abiú, levaram fogo comum para o lugar santo que pereceram.

“À hora do culto, enquanto ascendiam a Deus as orações e louvor do povo, dois dos filhos de Arão tomaram cada um o seu incensário e queimaram incenso fragrante no mesmo, para elevar perante o Senhor um cheiro suave. Mas transgrediram a Sua ordem

pelo uso de 'fogo estranho'. Para queimar o incenso apanharam fogo comum em vez do fogo sagrado que o próprio Deus acendera e ordenou fosse usado para tal fim. Por causa deste pecado, saiu fogo do Senhor e os devorou à vista do povo." *Patriarcas e Profetas*, 372.

Ao especificar o único fogo que devia ser usado no serviço do santuário dentro do véu, Deus estava a transmitir uma lição muito importante ou revelação a respeito do plano da salvação. Pelo uso do fogo comum, Nadabe e Abiú substituíram as verdades de Deus com a mensagem vinda de si mesmos, e ao fazerem isto, privaram-se eles próprios da protecção daquilo que aquele incenso representava, isto é, os méritos e intercessão do Salvador. Assim eles ficaram num estado impiedade ou desobediência na presença de um Deus santo sem a divinamente designada protecção. Era uma situação à qual eles não podiam sobreviver. O fogo que sempre emana de Deus como uma corrente de vida e energia sustentando todo o Universo, não era mais controlado, e apanhou-os no seu fluxo. Isto não faz com que Deus seja o destruidor. Ele não pode desligar o poder quando um ser humano se aproxima d'Ele, pois todos os outros incluindo todo o Universo está dependente de um suprimento contínuo. Em vez disso, Ele dá a protecção que permite ao necessitado aproximar-se da Sua presença.

Os mesmos princípios também se aplicam a uma pessoa que necessita de ligar um fio de corrente de alta voltagem ligada. Isto não pode ser feito a menos que se usem luvas de protecção especiais. Todos são avisados para isto, portanto, se alguém toca num fio desses sem devidamente se proteger, então a responsabilidade da sua morte é-lhe totalmente atribuída. Foi assim que Nadabe e Abiú se mataram; Deus não os destruiu.

Desta maneira, qual é a mensagem especial no facto que o Senhor unicamente pode acender o fogo no primeiro compartimento?

O Seu papel nesta situação não é de um destruidor, porque não há sacrifício a ser consumido. Apesar de pensarmos geralmente num fogo desta categoria, não é verdade que destruição é o único efeito da presença de fogo. Fogo é também uma força viva sem a qual nada no Universo podia continuar a existir. Em todo o corpo vivo, arde um fogo que nos mantém quentes e fornece a libertação de energia de modo que possamos cumprir as tarefas que Deus nos ordenou.

O fogo do santuário que o próprio Senhor acendia servia para libertar o fragrante incenso que protegia os sacerdotes quando lhes era ordenado que entrassem à presença de Deus. Assim o fogo tornava-se um instrumento específico pelo qual o crente penitente recebia simbolicamente os "... méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores." *Patriarcas e Profetas*, 365.

Assim o fogo do santuário simbolicamente inicia um ministério de vida pelo qual o consagrado crente fica capacitado para receber novas doações de vida, física, mental e espiritual. Portanto, unicamente Deus como o Autor da vida podia dar o fogo que traz esses abençoados resultados.

Assim, devemos ver no pátio, o lugar da purificação do pecado pelo fogo, mas depois desta obra feita, entramos no lugar santo e no santíssimo para essa obra de comunhão que nos encherá com poderes e faculdades celestiais para executar a obra do Senhor. É por estas e através destas provisões que somos capacitados para finalizar a transgressão, dar um fim ao pecado, e introduzir a justiça eterna.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 20

Temos estado a considerar as diferenças entre os todo-consumidores fogos que são manifestações do pecado através duma natureza que ficou completamente em perigo por causa da transgressão humana, e os fogos acesos pelo próprio Senhor no santuário. Aprendemos que os fogos que destroem completamente os sacrifícios nunca vêm de Deus no sentido em que Ele pessoalmente os acende e envia sobre o pecador impenitente.

Começámos então uma consideração do fogo que libertava o incenso do sagrado altar que está em frente do véu, e que era de facto enviado pelo Senhor. Assim, havia dois fogos, um deles era destruidor, e o outro um sustentador de vida. Eles eram de facto um e o mesmo fogo, ambos tinham a sua origem em Deus, o Criador e Dador da vida, mas um deles foi desviado do propósito e desígnio inicial de Deus.

Mas, enquanto um deles permanecia para sempre com Deus, e desse modo estava sob o Seu perfeito controlo e direcção, o outro tendo saído das Suas mãos, transformava-se naquilo em que unicamente podia tornar-se, uma vaga de destruição. Enquanto ele permanecesse fora do controlo divino, continuaria a desolar e a destruir até que nada mais restasse para ser consumido.

Há os que têm verdadeira dificuldade em aceitar o facto que os poderes de Deus podem sair e saem do Seu controlo pessoal. A dificuldade devia ser eliminada quando é compreendido que não estamos a dizer que os poderes que permanecem em Deus podem sair do Seu controlo, porque isso seria impossível. Porém, é uma questão muito diferente acerca daqueles poderes com que Ele investiu o homem e a natureza quando criou os Céus e a Terra. Estes, embora com certeza sejam poderes Seus, podem sair do Seu controlo. Porque apenas aquilo que está sob o controlo de Deus pode continuar a ser uma bênção, quando os Seus imensos poderes deixam o Seu controlo, nunca realizam os bons propósitos para os quais foram dados, mas transformam-se nos destruidores mais terríveis.

Considerai o completamente apostatado homem que se rebelou contra o Altíssimo. Nele estão numerosos poderes, os quais todos vieram do Altíssimo Criador, tal como o poder de pensar, falar e raciocinar. Estes por sua vez encontram a actividade e expressão através dos poderes do sistema muscular.

A cada pessoa Deus deu a absoluta liberdade de escolher se entregará o uso destas forças à vontade de Deus, e de acordo com isso dedicar todos os seus poderes ao serviço divino ou, em vez disso, escolher dedicar todas as suas capacidades dadas por Deus ao serviço do eu. Quando os homens decidem seguir o último caminho, com certeza separam do controlo de Deus todos os poderes do Altíssimo que estão neles. Virá uma altura em que todos os habitantes da Terra que escolheram a apostasia e rebelião, saíam do controlo de Deus, e, quando essa altura chegar, veremos e compreenderemos quão violentos e destruidores aqueles poderes se tornarão quando separados de Deus.

Essa condição de coisas é poderosamente retratada nestas palavras: “A profecia do Salvador relativa aos juízos que deveriam cair sobre Jerusalém há de ter outro cumprimento, do qual aquela terrível desolação não foi senão ténue sombra. Na sorte da cidade escolhida podemos contemplar a condenação de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e calçou a pés a Sua lei. Tenebrosos são os registos da miséria humana que a Terra tem testemunhado durante seus longos séculos de crime. Ao contemplá-los confrange-se o coração e o espírito desfalece. Terríveis têm sido os resultados da rejeição da autoridade do Céu. Entretanto, cena ainda mais tenebrosa se apresenta nas revelações do futuro. Os registos do passado – o longo cortejo de tumultos, conflitos e revoluções, a ‘armadura daqueles que pelejavam com ruído, e os vestidos que rolavam no sangue’ Isaías 9:5 – que são, em contraste com os terrores daquele dia em que o Espírito de Deus será totalmente retirado dos ímpios, não mais contendo a explosão das paixões humanas e ira satânica! O mundo contemplará então, como nunca dantes, os resultados do governo de Satanás.” *O Grande Conflito*, 33, 34.

Este testemunho torna muito claro que o povo nessa terrível hora vindoura, juntamente com todos os poderes de Deus que Ele colocou nele, saíram completamente do controlo das Suas mãos. Não haverá dificuldade em ver isto.

A mesma verdade é revelada na divulgação do papel de Satanás na aflicção de Jó. Então as poderosas forças da Natureza, sob o controlo de Satanás e não de Deus, limpavam tudo o que o patriarca possuía nesse momento.

Do mesmo modo quando o grande vento, que era tão forte que fazia rolar rochas se levantou nas encostas do monte soprou à volta do lugar onde estava Elias, Deus não estava nesse vento. Portanto, não foi sob a Sua direcção que ele soprou. Foi então que o tremor de terra fez estremecer o monte até aos seus fundamentos e quando o fogo irrompeu entre as árvores e consumiu tudo no seu caminho. Estes grandes poderes de Deus na natureza provocaram terrível destruição nesse dia mas apenas porque não mais estavam sob a autoridade divina.

Quando se acredita verdadeiramente que os poderes de Deus que permanecem n’Ele não podem sair do Seu controlo, enquanto estes poderes que Ele deu às Suas criaturas podem sair e saem, não haverá dificuldade em compreender que os fogos que consumiram os sacrifícios nunca foram acesos e enviados pelo Senhor.

O Castiçal de Ouro

Vamos agora considerar o objecto seguinte, o castiçal de ouro, que estava junto à parede do lado esquerdo quando se entrava no lugar santo.

Neste capítulo, vamos concentrar-nos nas lições espirituais que o Senhor colocou na presença, posição e obra do castiçal no primeiro compartimento. Deixaremos para um capítulo posterior o estudo da luz que vem da presença de Deus manifestada entre os belos querubins do lugar santíssimo. Essa luz certamente enchia o lugar santíssimo e também chegava ao primeiro compartimento através do espaço que ficava acima do véu que não chegava ao tecto conforme está escrito: “Como o véu interno do santuário não se estendia até ao alto do edifício, a glória de Deus, manifestada por cima do propiciatório, era parcialmente visível no primeiro compartimento.” *Patriarcas e Profetas*, 354, 365.

Assim, conquanto o castiçal fosse a única *fonte* de luz no primeiro compartimento, ele não era o único meio de iluminar o primeiro compartimento. Havia também luz que emanava do lugar santíssimo. O ponto importante a que se dará ênfase neste estudo é que toda e qualquer luz que iluminava o santuário *tinha a sua origem no Céu* e não nesta Terra. O Senhor não deixou o santuário em trevas, nem misturou fogo sagrado com fogo comum.

Isto é evidente do facto de não haver janelas ou portas no primeiro nem no segundo compartimento do tabernáculo. A entrada para cada sala estava coberta por uma cortina tão espessa que não admitia a entrada de luz exterior. Sem uma forma de iluminação seria então impossível para quem quer que fosse ao lugar santo ver qualquer coisa. É claro, que o povo comum nunca entrava no santuário, mas faziam-no pela fé através do ministério dos sacerdotes.

Do mesmo modo, não nos podemos transportar a nós próprios daqui para o Céu e entrar nos lugares santos que foram construídos por Deus. Mesmo que pudéssemos fazer essa incrivelmente longa viagem, verificaríamos que no nosso estado pecaminoso não poderíamos entrar nesses lugares.

Mas podemos entrar neles pela fé, e ao fazê-lo, aprender muito que é do mais alto valor para aqueles que procuram a salvação, desde que observemos todas as coisas neles à luz que brilha do Espírito Santo. Sem essa iluminação divina, todas as coisas nos sagrados recintos seriam completamente envoltas em trevas, e estariam portanto escondidas da vista e compreensão humana. Nesse caso, todos estaríamos perdidos como diz o Senhor: “O Meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento;...” *Oseias* 4:6. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João* 8:32.

A única luz pela qual uma correcta compreensão da verdade pode ser obtida pela humanidade não vem de qualquer fonte terrestre, nem do homem, nem do mundo que o rodeia. Não está no homem em si mesmo compreender os profundos mistérios da salvação. Portanto, cristianismo é uma religião revelada, não uma teologia inteligentemente inventada ou descoberta pelo homem. Ele deve ser ensinado por Educadores divinos que enviam as suas revelações das verdades através de anjos mensageiros.

Na nossa jornada de oração através do santuário, precisamos conhecer bem estes princípios pois não podemos orar eficazmente se não estivermos totalmente firmados na verdade que é apenas a luz emanada do Espírito Santo que podemos ver e compreender as maravilhosas mensagens que nos esperam nos lugares santos.

O divino Arquitecto do plano da salvação, como ilustrado no santuário e seus serviços, foi cuidadoso em transmitir estas mensagens tanto aos judeus como a nós. Para este fim Ele assegurou que a luz que ilumina os lugares santos não tivesse origem em qualquer fonte terrestre.

Deus podia ter arranjado janelas para serem colocadas nas paredes para deixarem a luz entrar, mas isso privaria o povo de uma lição vital. Se Ele tivesse feito isto, o castiçal de ouro com sete braços teria sido apenas participante na obra de eliminar as trevas do interior da sagrada estrutura.

A luz que teria iluminado os dois compartimentos nessa altura teria vindo tanto de fontes celestiais como do mundo criado, e este arranjo teria a tendência para exaltar a natureza acima do Criador. Isto era a mesma coisa que os pagãos faziam ao adorarem o sol e que estava tão abundantemente estabelecido nesses dias. Os israelitas estavam literalmente rodeados por nações devotadas à adoração do sol e da lua. Era destas fontes que eles procuravam compreender todas as coisas. Pela luz do sol, estudavam a natureza, em vez de procurarem conhecimento d'Aquele que é a Fonte de toda a luz e verdade. Assim, pensando que caminhavam na luz estavam na verdade vagueando nas trevas, no vale da sombra da morte.

Homens de suposto grande entendimento seguem hoje os caminhos trilhados por aqueles homens do passado. Os tabernáculos humanos terrestres não acesos pela iluminadora presença do Espírito Santo, exploram em trevas enquanto lutam para desvendar os segredos do Universo e do Planeta que habitam.

Não devemos surpreender-nos então quando os ouvimos fazer declarações supostamente profundas, que não têm fundamento em qualquer verdade a respeito da idade da Terra e origem das galáxias. Sem dúvida eles colocaram perante si as simples palavras: "Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou," mas, com olhos que não podem ler nas trevas, foram incapazes de alcançar a verdade ali revelada. Em vez disto, declaram que a Terra foi formada durante um período que cobre multiplicados milhões de anos.

Os homens que fazem estas afirmações são altamente educados, muito disciplinados, mentalmente fortes, e muito respeitados na comunidade pela sua aprendizagem e conhecimento. Mas, os incríveis erros que eles ensinam declaram que estão desligados da Fonte da verdadeira Luz e Vida. Se eles pelo menos olhassem para o santuário e lessem a mensagem ali escrita!

Daniel classifica-se entre os homens mais inteligentes que jamais viveram. O factor muito significativo para ele conseguir isso foi a sua consciência de que há apenas uma Fonte da sabedoria e compreensão, nomeadamente a que está no Céu. Por esta razão quando se confrontou com o problema de descobrir o sonho do rei e a sua interpretação, não se voltou para os escritos do homem, e depois pediu ao Senhor para misturar a Sua luz com as trevas. Pelo contrário, ele procurou a solução apenas no Senhor. Quando veio a resposta, tão rapidamente quanto ela veio, com rapidez reconheceu que o Senhor do Céu era a Fonte de toda verdade. Aqui está o seu testemunho profundamente comovente.

"... Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque d'Ele é a sabedoria e a força;

"... Ele dá sabedoria aos sábios e ciência aos entendidos.

"... Ele revela o profundo e o escondido: conhece o que está em trevas, e com Ele mora a luz.

"Ó Deus de meus pais, eu Te louvo e celebro porque me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que Te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei." *Daniel 2:20-23.*

Pouco tempo depois, o homem de Deus estava na presença do rei. Esse poderoso monarca não compreendia o princípio que toda a luz vem apenas de uma fonte celestial, e portanto acariciava a ideia que o homem descobre o conhecimento e a sua compreensão das capacidades que estão dentro de si próprio. Por esta razão, ele perguntou:

"... Podes tu fazer-me saber o sonho que vi e a sua interpretação? *Daniel 2:26*

Ele não perguntou se o profeta havia estado sob a luz que descia da Fonte divina, mas olhou para o próprio Daniel para ver se ele possuía a capacidade de desvendar mistérios. Foi um momento no tempo em que Satanás estava tentando Daniel para que perdesse de

vista a sua total incapacidade de por si próprio desvendar qualquer verdade. Ele compreendeu que, mesmo apesar dos assim chamados sábios do mundo se orgulharem de serem descobridores e formuladores de verdade, o facto era que, soubessem e reconhecessem ou não, todo o raio de luz que eles possuíam, tinha vindo através dos agentes divinos. Eles realmente nada sabiam de si ou por si mesmos, como está escrito:

“Todo o raio de luz divina que já atingiu o nosso mundo decaído, foi comunicado por meio de Cristo.

“O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto e vasto poder investigativo, homens cujas palavras têm estimulado o pensamento e revelado extensos campos ao saber; tais homens têm sido honrados como guias e benfeitores do género humano; há, porém, Alguém que Se acha acima deles. Podemos delinear a série dos ensinadores do mundo, no passado, até ao ponto a que atingem os registos da História; a luz, porém, existiu antes deles. Assim como a Lua e as estrelas do nosso sistema planetário resplandecem pela luz reflectida do Sol, assim também os grandes pensadores do mundo, tanto quanto são verdadeiros os seus ensinamentos, reflectem os raios do Sol da justiça. Cada raio de pensamento, cada lampejo do intelecto, procede da Luz do mundo.” *Educação*, 73, 13, 14.

Quando Daniel estava perante o rei, foi selado nas suas convicções de que estas coisas eram assim. Portanto, ele não podia dar ao rei outra resposta senão a que deu, nomeadamente que os sábios tinham provado que não eram capazes por si próprios de adquirir qualquer luz, enquanto o Deus do Céu podia. A sua resposta revela que ele verdadeiramente compreendia a mensagem contida na presença e papel do castiçal no santuário.

“ Respondeu Daniel na presença do rei, e disse: ‘O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei;

“Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos; Ele pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há-de ser no fim dos dias.” *Daniel 2:27, 28.*

Na mente de Daniel não havia coisas terrenas misturadas com celestiais. Ele viu, compreendeu, e viveu pelo princípio que somente aquela luz que vem do Céu pode tornar a verdade clara.

A instrução que vem da presença do castiçal está baseada naquilo que os braços do castiçal e o óleo representam.

“O óleo é símbolo do Espírito Santo. Assim é representado o Espírito, na profecia de Zacarias. ‘Tornou o anjo que falava comigo,’ diz ele, ‘e me despertou, como a um homem que é despertado do seu sono, e me disse: Que vêes? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda. E falei, e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? . . . E respondeu, e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. . . . E, falando-lhe outra vez, disse: Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que estão junto aos dois tubos de ouro, e que vertem de si ouro? . . . Então Ele disse: Estes são dois filhos do óleo, que estão diante do Senhor de toda a Terra’. Zacarias 4:1-14.

“Das duas oliveiras o dourado óleo era vazado pelos tubos de ouro nas taças do castiçal, e daí nas lâmpadas de ouro que alumiam o santuário. Assim, dos santos que estão na presença de Deus, Seu Espírito é comunicado a instrumentalidades humanas que são consagradas para o Seu serviço. A missão dos dois unguentos é comunicar ao povo de Deus aquela graça celestial que, somente, pode fazer de Sua palavra uma lâmpada para os pés, e

uma luz para o caminho. 'Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.' Zacarias 4:6." *Parábolas de Jesus*, 406-408, (1976).

O óleo então é um símbolo do Espírito Santo tanto no serviço do santuário como na parábola das dez virgens. Em cada uma destas parábolas, o óleo está guardado em lâmpadas que simbolizam a palavra de Deus como está escrito: "Todas haviam tomado suas lâmpadas, a Bíblia, e mediante sua luz saíram para encontrar o esposo." *O Grande Conflito*, 392.

Deste modo, a lição apresentada na parábola do castiçal no santuário mostra que somente quando a palavra de Deus – as lâmpadas – é estudada sob o ministério ensinador do Espírito Santo – o óleo nas lâmpadas – fará brilhar a luz, afastando as trevas, e revelando a sagrada, verdade salvadora em termos correctos.

Jesus salientou este princípio quando deu as Suas instruções finais aos discípulos antes da crucifixão. Ele disse: "'E quando Ele [o Espírito de verdade] vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.' A pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. *Este é o único Mestre eficaz da verdade divina*. Unicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida. Uma pessoa pode ser capaz de apresentar a letra da Palavra de Deus, pode estar familiarizada com todos os seus mandamentos e promessas; mas a menos que o Espírito Santo impressione o coração com a verdade, alma alguma cairá sobre a Rocha e se despedaçará. A mais esmerada educação, as maiores vantagens, não podem tornar uma pessoa um veículo de luz sem a cooperação do Espírito de Deus. A semente da semente evangélica não terá êxito algum a menos que essa semente seja vivificada pelo orvalho do Céu. Antes de ser escrito um livro do Novo Testamento, antes de ser pregado qualquer sermão depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos em oração. Então seus inimigos deram o testemunho: 'Enchestes Jerusalém desta vossa doutrina.' Atos 5:28." *O Desejado de Todas as Nações*, 647.

Quão maravilhosa e poderosamente este parágrafo de *O Desejado de Todas as Nações* confirma a verdade que nenhuma bênção será obtida da palavra de Deus, a menos que o óleo do Espírito Santo ali esteja. Ele é "... o único Mestre eficaz da verdade divina. ..." A Sua "... contínua presença e ajuda ..." é aquilo que unicamente torna a pregação da palavra de Deus um sucesso.

O castiçal no santuário necessitava de manutenção de tempos a tempos. As suas lamparinas tinham que ser enchidas com óleo e os pavios tinham que ser regularmente substituídos, mas não ao mesmo tempo, excepto durante períodos de apostasia nacional e rebelião, estavam todas as sete lâmpadas apagadas ao mesmo tempo. "Não havendo janelas no tabernáculo, nunca ficavam apagadas todas as lâmpadas a um tempo, mas espargiam sua luz dia e noite." *Patriarcas e Profetas*, 359.

Assim a presença do castiçal no primeiro compartimento transmite uma mensagem extremamente clara e importante àqueles que estão fazendo uma bem-sucedida jornada de oração através do santuário. Entrámos nos sagrados recintos a fim de ser abençoados com verdade, comungar com o Senhor, e receber restauradora inspiração do Espírito Santo. Para alcançar estes objectivos com sucesso, não podemos investigar em trevas, mas devemos caminhar na luz. Isto significa que devemos estar cientes que necessitamos do sagrado, todo-poderoso ministério do Espírito Santo numa base contínua. Nunca devia chegar um tempo em que, por causa de descuido, pecado acariciado, ou ímpia incredulidade, nós perdêssemos essa vital presença. Dia ou noite, nunca se deve permitir que a luz se extinga e deixe a alma em trevas.

É lamentável que não compreendamos a nossa necessidade daquilo que o castiçal representa como devíamos. Se o compreendêssemos, estaríamos muito mais preocupados acerca na nossa indiferença espiritual, seríamos muito mais diligentes em assegurar que temos este abençoado dom e muito mais preocupados em adquirir este tesouro.

Os filhos das trevas podem ensinar aos filhos de Deus algumas valiosas lições assim como o diabo também pode ensinar. Quando os homens do mundo colocam no seu coração o objectivo de perseguir a riqueza terrestre, fama, poder, honra, e louvor, fazem-no com um zelo, uma diligência, sacrifício, e devoção que o cristão faria bem em admirar. Contudo, eles fazem tudo isso para uma glória que dura pouco deixando-os eternamente destituídos.

Por outro lado, o valor do preço que espera todo o cristão vitorioso, é tão infinitamente mais valioso e eternamente duradouro, que deveria apelar para uma proporcional maior intensidade de esforço e sacrifício. É surpreendente que este não seja o caso. Os cristãos parecem estar bastante contentes em deixar-se ir sem destino no gozo das bênçãos já recebidas, sem preparação para o completo sacrifício das vantagens temporais em troca das eternas.

Isto não é sugerir que o cristão é inteiramente indolente, pois, se o fosse, então falharia em manter mesmo o baixo nível de fé e piedade. Mas, tal como os israelitas nos dias de Josué, que, depois de atravessarem o Jordão e conquistarem uma parte da terra, ficaram satisfeitos com o repouso ali em vez de continuarem sem parar até a tarefa estar completada, nós do mesmo modo temos a tendência para nos sentarmos e ficar satisfeitos com a libertação que o renascimento nos deu em vez de trabalharmos com toda a diligência até acabarmos completamente com a transgressão, dar um fim total ao pecado, e estabelecer a justiça eterna.

À medida que nos curvamos no lugar santo, contemplemos as maravilhosas lições e verdade contidas no lugar e papel do castiçal de ouro com sete braços. Enquanto novas profundidades de verdade são abertas às nossas mentes, as nossas orações serão mais cheias de vida e eficácia, a nossa fé será mais alargada e fortalecida, e a nossa experiência cristã enriquecida. O castiçal seria então um memorável destino na nossa jornada de oração através do santuário.

Ali certamente receberíamos uma medida do Espírito Santo de acordo com a nossa capacidade para receber, e esse recebimento seria repetido em progressivamente mais amplo suprimento à medida que nós, com fome e sede de justiça, confiássemos nas promessas divinas.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 21

A Mesa dos Pães Asmos

Além do altar do incenso e do castiçal de ouro, havia mais uma peça de mobiliário no lugar santo – a mesa dos pães asmos. A pessoa que atravessa o véu para o primeiro compartimento observa esta mesa do lado direito da sala. Ela contém doze pães especialmente preparados que eram substituídos uma vez por semana.

As instruções de Deus para a construção da mesa estão registadas em *Êxodo* 25:23-30.

“Também farás uma mesa de madeira de acácia; o seu comprimento será de dois côvados, e a sua largura de um côvado, e a sua altura de um côvado e meio.

“E cobri-la-ás com ouro puro; também lhe farás uma coroa de ouro ao redor.

“Também lhe farás uma moldura ao redor, da largura de quatro dedos, e lhe farás uma coroa de ouro ao redor da moldura.

“Também lhe farás quatro argolas de ouro; e porás as argolas aos quatro cantos, que estão nos seus quatro pés.

“Defronte da moldura estarão as argolas, como lugares para os varais, para se levar a mesa.

“Farás, pois, estes varais de madeira de acácia, e cobri-los-ás com ouro; e levar-se-á com eles a mesa.

“Também farás os seus pratos, e as suas colheres, e as suas cobertas, e as suas tigelas com que se hão de oferecer libações; de ouro puro os farás.

“E sobre a mesa porás o pão da proposição perante a minha face perpetuamente.”

O registo da construção desta mesa é encontrado em *Êxodo* 37:10-16. Uma leitura cuidadosa destes versículos confirma que os israelitas construíram a mesa de acordo com as especificações exactas estabelecidas pelo Senhor. Ele foi o único Arquitecto e Desenhador. Os israelitas não desempenharam qualquer papel nesta fase do trabalho. Eles

deviam executar os planos que o Senhor fez para eles, e, pelos talentos que Ele lhes deu, construir o tabernáculo e o seu mobiliário. Como há uma lição muito importante neste facto, repetiremos aqui os detalhes da construção da mesa para os pães da proposição. Lede a Escritura com cuidado, comparando o que eles fizeram com as instruções dadas anteriormente.

“Fez também a mesa de madeira de acácia; o seu comprimento era de dois côvados, e a sua largura de um côvado, e a sua altura de um côvado e meio.

“E cobriu-a de ouro puro, e fez-lhe uma coroa de ouro ao redor.

“Fez-lhe também, ao redor, uma moldura da largura da mão; e fez uma coroa de ouro ao redor da moldura.

“Fundiu-lhe também quatro argolas de ouro; e pôs as argolas nos quatro cantos que estavam em seus quatro pés.

“Defronte da moldura estavam as argolas para os lugares dos varais, para se levar a mesa.

“Fez também os varais de madeira de acácia, e os cobriu de ouro, para se levar a mesa.

“E fez de ouro puro os utensílios que haviam de estar sobre a mesa, os seus pratos e as suas colheres, e as suas tigelas e as suas taças em que se haviam de oferecer libações.”

Quando o Senhor ordenou que os israelitas executassem as Suas instruções e realizassem os Seus planos exactamente como Ele os fez e sem a introduzirem de modificações ao projecto por parte do elemento humano, Ele estava a reiterar a verdade vital que a humanidade não tem a capacidade de formular um único passo no plano incrível concebido na mente do Infinito para a nossa salvação. O homem não pode e, portanto, não contribui em nada que seja para o plano de salvação. O manto da justiça que deve ser recebido e usado por aqueles que serão salvos para o reino eterno, “. . . não tem um fio de origem humana.” *Parábolas de Jesus*, 311.

Um único fio é o menor componente dos tecidos do vestuário. Pensai na insignificância que é esse único fio na confecção de uma roupa tecida com o mais fino fio que vos cobre do pescoço aos pulsos e mais abaixo até os tornozelos. Olhai para a peça de roupa que tendes vestida enquanto ledes estas palavras. Fixai os vossos olhos num único segmento no tecido e visualizai quão pequena é essa parte da fibra total. Então começareis a ver como é que na veste de justiça “. . . tecida no tear do Céu. . .” *Parábolas de Jesus*, 311, não há tanto como um único traço de planeamento de origem humana. Por outras palavras, a humanidade não dá a menor contribuição para o planeamento da sua própria redenção.

Foi assim que, na concepção do santuário e dos seus móveis, nenhum lugar foi dado à invenção humana. Cada detalhe, seja grande ou diminuto, foi inteiramente e só de Deus. O Todo-Poderoso não procurou ajuda do homem, nem concedeu ao homem um lugar na resolução do problema do pecado. Havia pelo menos duas razões para isso. No primeiro caso, somente o Infinito tem a capacidade de formular o plano de salvação, e no segundo, “Tudo que podemos fazer de nós mesmos está contaminado pelo pecado.” *Parábolas de Jesus*, 311.

“Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto, não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado.” *O Desejado de Todas as Nações*, 208, 209.

Os israelitas não deviam limitar esta submissão total à construção do tabernáculo. Eles deviam estabelecer de forma consistente o mesmo padrão de comportamento através de cada fase das suas vidas. O Senhor é o Arquitecto da nossa salvação e nós devemos

construir de acordo com todas as coisas que nos foram mostradas nas Escrituras. É literalmente de toda a palavra que procede do Todo-Poderoso que temos de viver e operar.

“Então, para Israel, a quem ele desejava fazer Sua morada, Ele tinha revelado Seu glorioso ideal de caráter. O padrão foi mostrado a eles no monte quando a lei foi dada no Sinai, e quando o Senhor passou perante Moisés e proclamou: 'o Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, sofredor, e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado.' Êxodo 34: 6, 7.” *O Desejado de Todas as Nações*, 209.

Precisamos estar profundamente convictos em relação a esses princípios. Precisamos ter uma permanente e cada vez mais profunda convicção de que: “Não importa quem são ou qual tem sido a sua vida, você só pode ser salvo da maneira designada por Deus.” *Testimonies for the Church* 5:218.

Cada religião falsa é um afastamento dessa maneira designada por Deus, uma tentativa da parte do homem para tecer os fios da sua própria invenção na veste da justiça de Cristo. O homem busca a salvação nos seus próprios termos que são muito mais aceitáveis para ele do que os caminhos de Deus, mas que nunca vai trazer a salvação. Milhões sofrerão a condenação eterna porque buscavam a coisa certa da maneira errada.

Os pecadores que precisam de salvação geralmente seguem o caminho do Senhor até certo ponto, depois do que procuram modificar e alterar os procedimentos divinos a seu próprio gosto. Assim foi com os judeus. Eles estavam bastante felizes e contentes por construir o tabernáculo literal de acordo com o padrão e especificações divinos, mas quando se tratava de aplicar os mesmos princípios de construção para o desenvolvimento dos templos da sua alma, preferiram fazê-lo pelos seus caminhos em detrimento do caminho de Deus.

O resultado só poderia ser desastroso, como provou ser. Eles separaram-se da salvação do Senhor e, assim, privaram-se da proteção divina. Eles já foram mortos aos milhões e expulsos de terra em terra, sofrendo incrivelmente no processo. Se ao menos tivessem construído os seus templos da alma de acordo com as especificações divinas.

Mas, “Israel preferira seus próprios caminhos. Não haviam edificado segundo o modelo; mas Cristo, o verdadeiro templo para habitação de Deus, moldara cada detalhe de Sua vida terrestre em harmonia com o ideal divino. Disse Ele: ‘Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração’. Salmos 40:8. Assim nosso caráter deve ser formado para ‘morada de Deus em Espírito’. Efésios 2:22. E cumpre-nos fazer ‘tudo conforme o modelo’, isto é, Aquele que ‘padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas’. 1 Pedro 2:21.” *O Desejado de Todas as Nações*, 209.

A nossa grande necessidade no momento é entender quão total era a submissão de Cristo ao Pai e Sua santa lei realmente. Então veremos o quão longe estamos do padrão divino, e seremos mais determinados a construir todas as coisas mostradas no monte.

“Que sublime amor e condescendência, que quando não tínhamos direito à misericórdia divina, Cristo esteve disposto a assegurar a nossa redenção! Mas nosso grande Médico requer submissão incondicional. Jamais devemos prescrever o remédio para nosso próprio caso. Cristo deve ter completo domínio sobre a vontade e as ações.” *Testimonies for the Church* 5:219.

Por outras palavras, não há um fio de origem humana na aplicação do plano de salvação para o nosso caso. Considerai a expressão: “Mas nosso grande Médico requer submissão incondicional”. Isto significa que aquele que busca a salvação não deve fazer qualquer plano de sua própria conta para a sua própria salvação, jamais deve prescrever o remédio

para sua pecaminosidade, e nunca deve tentar projectar o plano de salvação de acordo com seus próprios desejos.

Temos vindo a estudar a construção da mesa de ouro sobre a qual os pães da proposição eram colocado e aprendemos o importante princípio que só Deus é o Desenhador da mesa, e que os trabalhadores deveriam seguir as especificações que Deus lhes tinha dado através de Moisés, exactamente como Ele lhes deu. Isso não quer dizer que esta mensagem esteja confinada à concepção e construção da mesa para os pães da proposição. Cada parte do próprio edifício e do mobiliário nele contido transmitia a mesma mensagem.

A eficácia e o poder da jornada de oração através do santuário serão perdidos pelo necessitado suplicante se estes princípios não forem mantidos perante si. Ele deve estar eternamente consciente do facto que cada necessidade física, material e espiritual pode ser satisfeita de forma satisfatória apenas na todo-poderosa fonte – o Pai Eterno, o Filho Unigénito, e o Infinito Espírito Santo. À medida que os seus olhos contemplan a beleza e perfeição de cada pormenor do santuário, deve treinar a sua mente para meditar sobre esses princípios de modo que a sua força e poder seja cada vez maior.

A tremenda importância disto pode ser melhor apreciada quando é visto e lembrado que todo o pecado é o produto de uma perda de fé. Esta incredulidade, por sua vez, é o resultado de perder de vista o facto de que só Deus é o Autor da vida e salvação. A fé baseia-se na visão que temos do poder e total suficiência de Deus. Durante o período passado por Moisés no Egipto, ele estava continuamente cercado pelas magníficas obras do homem na forma de uma maravilhosa organização governamental, um exército invencível, magníficos edifícios de grande porte, e esplêndidas obras de arte.

Tudo isso serviu para fortalecer a sua confiança naquilo que o homem pode fazer. Ele, sendo um homem poderoso e dotado, ganhou assim a autoconfiança, apesar de não perder inteiramente o conhecimento de Deus, nem a fé no Infinito. Aqui é encontrada a causa de ter elaborado um plano para a fuga dos israelitas da região do Nilo. Ele pensou em termos dos seus irmãos virem a equipar-se com armas de guerra, e, através de um banho de sangue egípcio, fazendo o seu caminho triunfante para a terra prometida.

Quando ele viu o egípcio a bater no hebreu, pensou que tinha chegado o momento para a execução do seu plano. Ele esperava que os seus irmãos despertariam, reunir-se-iam em torno dele, se organizassem num exército para o qual teriam de ser encontradas armas, e, sob a bênção de Deus, derrotar o inimigo, e fugir para Canaã. Que plano brilhante e atraente este parecia ser ao entusiasmado Moisés. Ele estava a negligenciar o facto que Deus é o único Planeador e que ele tinha de receber as especificações para a batalha do Senhor e executá-las com a precisão que o Senhor lhe ordenasse.

A sua fuga forçada da terra dos faraós encheu-o com o pensamento terrível que havia destruído a sua grande oportunidade de alcançar a libertação do seu povo, e estava cheio de pensamentos desanimadores. Mas, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Isso colocou-o num ambiente completamente diferente. Para trás estava para sempre a vida de facilidade e luxo que ele havia conhecido no Egipto. Em vez disso, viveu a vida dura de um pastor no meio das montanhas majestosas que superava em massa e grandeza qualquer coisa que ele já tinha visto no Egipto.

“Encerrado nas fortificações das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Os templos magníficos do Egipto não mais lhe impressionavam o espírito, com sua superstição e falsidade. Na grandiosidade solene das colinas eternas via ele a majestade do Altíssimo, e em contraste compreendia quão impotentes e insignificantes eram os deuses do Egipto. Por toda parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra de Seu poder. Ali o seu orgulho e presunção foram varridos. Na simplicidade

severa de sua vida no deserto, os resultados do ócio e luxo do Egito desapareceram. Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, 'mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra' (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó." *Patriarcas e Profetas*, 248, 251.

Nesta altura o Senhor não tinha templo ou tabernáculo em qualquer lugar da Terra que tivesse sido construído por mãos humanas de acordo com o Seu desígnio, e sob a Sua direcção. Magníficas como deviam ser estas estruturas futuras, não podiam comparar-se com a maravilhosa igreja do deserto que revelou a Moisés a perfeição, capacidade, onipotência, e a justiça do Criador eterno. Aqui ele aprendeu que só Deus é o Autor da nossa salvação, e que todos os procedimentos humanos devem estar sujeitos à direcção de Deus e ao Seu poder. Foi a lição mais importante que qualquer um pode aprender. Realmente aprendido salvará do pecado de usurpação, aqueles que chegam verdadeiramente à compreensão desses princípios vitais.

O ministério dos pães da proposição revelará não só a verdade que o Senhor é o Arquitecto da nossa salvação no qual não haverá um único fio de origem humana, mas também nos aponta para o Salvador que é o Pão da Vida.

"Os pães da proposição eram conservados sempre perante o Senhor como uma oferta perpétua. Assim, era isto uma parte do sacrifício cotidiano. Era chamado o pão da proposição, ou 'pão da presença', porque estava sempre diante da face do Senhor. Êxodo 25:30. Era um reconhecimento de que o homem depende de Deus, tanto para o pão temporal como o espiritual, e de que este é recebido apenas pela mediação de Cristo. Deus alimentara Israel no deserto com pão do Céu e ainda dependiam eles de Sua generosidade tanto para o pão temporal como para as bênçãos espirituais. Tanto o maná como o pão da proposição apontavam para Cristo, o pão vivo, que sempre está na presença de Deus por nós. Ele mesmo disse: 'Eu sou o pão vivo que desceu do Céu'. João 6:48-51. O incenso era posto sobre os pães. Quando o pão era retirado cada sábado, para ser substituído por outro, fresco, o incenso era queimado sobre o altar, em memória, perante Deus." *Patriarcas e Profetas*, 354.

Portanto, é claro que os pães da proposição são um símbolo de Cristo que se refere a Ele como o pão da vida. Foi no dia seguinte à alimentação miraculosa das cinco mil pessoas, que Jesus deu a Sua explicação mais abrangente de ser Ele o Pão da Vida. Foi uma mensagem que o povo que estava diante d'Ele necessitava desesperadamente, pois apenas viam o fornecimento do alimento temporal que sustenta o corpo de carne e sangue por pouco tempo. Eles não tinham conceito da qualidade e da sua necessidade do pão espiritual que sustenta a vida eterna. Quando descobriram que Cristo veio para Se entregar por eles como um poder de sustentação da vida, rejeitaram-n'O tão completamente que estavam prontos para O crucificar, como fizeram.

Assim verificamos que nos encontramos contemplando pelo menos dois símbolos da palavra de Deus no santuário. Eles são o castiçal e a mesa dos pães da proposição.

Por que então o Senhor fornece no lugar santo, mais do que um símbolo para o pão da vida? Um não teria sido suficiente?

Porque o Senhor não faz nada desnecessariamente, sabemos que ambos os símbolos eram necessários. É quando eles são contemplados em relação um com o outro que vemos mais luz do que anteriormente, e percebemos que as mensagens reconfortantes de instrução que estão agora abertas diante de nós não teria sido possível.

O Castiçal

Lembremo-nos das verdades retratadas pelo castiçal. Foi visto no capítulo anterior, que o próprio castiçal em si representa a Bíblia, a Palavra de Deus. O óleo tipificava o Espírito Santo, e a luz que queimava como resultado da presença do Espírito nessa palavra, é a verdade presente.

A luz que irradiava do castiçal iluminando a sala e revelava a presença e o sentido do pão da proposição.

O que é que isso nos diz?

Isto declara que é pela luz que irradia da palavra, aqui simbolizada pelo castiçal, que a palavra de Deus, aqui representada pelos pães da proposição, pode ser vista e compreendida. Esta é a verdade. Pela Bíblia deve a Bíblia ser entendida sob o ministério do ensino do Espírito Santo. As Escrituras fazem a exposição de si mesmas.

É óbvio que a maioria dos professos religiosos do passado e do presente não estão cientes destes princípios de operação. Se estivessem, não haveria a terrível e vergonhosa desarmonia de crenças que estão a tornar-se continuamente mais e mais numerosas. A Bíblia não contém vários caminhos para o Céu. Há apenas um caminho da salvação fora do qual nada mais há do que separação de Deus, e a perspectiva de destruição eterna. Daí resulta que, se duas ou mais pessoas estivessem juntas ou muito afastadas, estudassem a Palavra de Deus sob o ministério do ensino do Espírito Santo, e com a percepção de que somente Ele é a verdadeira Fonte de luz e conhecimento, em seguida verificariam, se alguma vez se encontrassem, que estariam em perfeita harmonia entre si. Não haveria diversidade de opinião ou de posição. A mesma unidade existiria na Terra como é encontrada no Céu.

Esta verdade é confirmada na vida de João Batista e de Jesus Cristo. Estes dois, apesar de serem primos, nunca se encontraram senão quando por fim o Salvador se dirigiu ao Jordão para ser baptizado. Isso aconteceu para que a acusação de conluio nunca pudesse ser levantada contra eles, como é confirmado pela seguinte declaração.

“Jesus e João Batista eram primos, e intimamente relacionados pelas circunstâncias de Seu nascimento; todavia, não haviam tido nenhuma comunicação direta um com o outro. A vida de Jesus fora passada em Nazaré, na Galiléia; a de João, no deserto da Judéia. Em ambiente grandemente diverso, tinham vivido separados, e não se haviam comunicado entre si. A Providência assim o determinara. Não se devia dar lugar à acusação de haverem conspirado para apoiarem mutuamente suas pretensões.” *O Desejado de Todas as Nações*, 109.

Mas, embora estivessem totalmente separados um do outro durante todos os seus anos de preparação, ambos foram ensinados por Deus através do Seu Espírito Santo, e, portanto, chegaram a uma perfeita harmonia de espírito, carácter e sistema de verdade. Durante esse período, antes de finalmente se encontrarem no Jordão, ambos estudaram as Escrituras com intensa concentração excluindo todas as outras fontes de ensino. Se alguma vez tivesse havido uma oportunidade para uma divisão do conceito e pensamento entre dois mensageiros, era agora, mas isso não aconteceu. Na verdade aí contida, quando nós em oração meditamos sobre as mensagens reveladas no lugar santo, podemos descansar na doce certeza que, se olharmos para a Fonte divina em busca da revelação da luz, enquanto deixamos de lado todo traço de auto-suficiência, e concedemos ao Espírito Santo o Seu lugar de direito como Mestre, não há, depois, qualquer possibilidade de sermos levados ao erro. Em vez disso, encontrar-nos-emos em perfeita harmonia com a luz já revelada no passado, e com aqueles que presentemente estão igualmente a seguir os princípios correctos de estudo da Bíblia.

Mas não avançamos para o lugar santo na nossa viagem de oração simplesmente para adquirir informações sobre a verdade. Há um outro objectivo vital a ser atingido, o de entrar na participação da íntima comunhão com Cristo.

A comunhão máxima pode ser encontrada no lugar santíssimo, mas não estamos a subscrever a ideia de que não há comunhão com os poderes celestiais até então. Pelo contrário, cada passo deve ser dado numa comunhão cada vez mais profunda e enriquecedora com o Salvador.

Para tornar esta verdade clara, faremos um breve resumo dos passos seguidos até agora na jornada de oração através do santuário.

Nós temos a propensão de avaliar a aquisição de convicção, arrependimento e confissão como a preparação para a comunhão com Cristo, em vez de pensar que essas coisas constituem uma parte da própria comunhão real. Em certo sentido, isto é verdade. Mas precisa ser entendido que a realização de cada passo que nos coloca em viva harmonia com o Pai, o Filho, e o Espírito Santo, é uma comunhão com Ele, e uma preparação para a entrada no nível seguinte de comunhão com o Senhor.

Desde o início em que voltamos para Cristo, apenas podemos avançar apenas quando pelo ministério do Espírito Santo e dos anjos, trabalhamos em estreita cooperação com o Salvador. Quando a convicção se fixa em nós, não podemos avançar para o arrependimento e confissão sem aceitar humildemente a convicção. Quando o Senhor nos traz uma revelação da nossa verdadeira condição de pecadores, o orgulho humano e autoprotecção clamam pela negação deste ministério de convicção. Se a obra for resistida nesse momento, estamos a recusar em andar em comunhão com Cristo, e não há outros passos que possam ser dados. O entrincheiramento persistente nesta rebelião fecha as portas do Céu para nós.

Todavia, este não precisa de ser um caso trágico. Quando o Senhor se aproxima de nós pelo Seu Espírito, devemos entrar na mente e no espírito de Cristo para reconhecer humildemente que somos de facto pecadores e impuros; que somos culpados da pecaminosidade natural e das acções do pecado que brotam dessa sementeira. Ao fazer isso, estamos a responder ao ministério divino, estamos a trabalhar em conjunto com o Senhor, e, portanto, estamos em ligação e comunhão com Ele. O Senhor está a falar e nós a ouvir e a responder. Estamos a entrar e a partilhar do Seu ódio absoluto ao pecado, e assim começou a comunhão no Seu amor pela justiça e na Sua aversão ao mal. Se quisermos relacionar-nos com o Senhor com estes conceitos em mente, a nossa consciência de estar em comunhão com Cristo desde o início do trabalho por nós e em nós, seria maravilhosamente reforçada. Haveria uma refrescante diferença na nossa aproximação ao altar do sacrifício.

Uma vez que o Redentor tenha estabelecido a convicção e o arrependimento em nós, seremos levados a fazer a confissão pela qual somos limpos, tanto da presença do pecado como da acção dele. Esta limpeza é alcançada apenas pela morte do pecado no interior, e o estabelecimento da vida de Cristo em seu lugar. Esta é crucificação e ressurreição com Ele, a comunhão nos seus sofrimentos e Seu triunfo.

Depois segue-se a dedicação na oferta queimada de tudo o que somos e temos, e da oferta da paz que se segue. O próprio carácter de Cristo é o espírito de altruísmo, negação e abnegação. A verdadeira dedicação só pode ser feita por aqueles que partilham esse espírito com o Salvador, mas aqueles que o fazem estão certamente em comunhão com Ele em íntima ligação. Então, se, depois de ter chegado a este ponto na vossa jornada de oração, fordes capazes de ver que o espírito motivador em vós é de facto o espírito de Jesus, a vossa confiança, fé e esperança, serão reforçados e acalantarão a vossa experiência inteira.

Assim, avançamos com Jesus para a pia onde nos vestiremos de maneira a ficar tão apresentáveis quanto possível para a entrada nos lugares santos. Como Deus é um Deus de ordem e limpeza impecável, a nossa atenção para os mesmos princípios quando nos aproximamos d'Ele, certamente, removerá as barreiras ao impedimento da comunhão com o Senhor.

A partir deste ponto, o lugar santo está apenas à distância de um passo onde a caminhada com o trio celeste está mais próxima e mais doce ainda. Perante o viajante está o incenso subindo pelo qual as suas orações têm a garantia de chegar ao Pai, e graciosas respostas são devolvidas. À medida que pela fé medita sobre esta disposição de amor pelo íntimo acesso à Fonte infinita, o seu amor e gratidão será significativamente aumentado e a sua comunhão com o Senhor o trouxe a um estado ainda mais próximo.

Assim será também com o ministério do castiçal e da mesa dos pães asmos.

Fará uma grande diferença para a nossa viagem de oração através do santuário se procurarmos e encontrarmos os meios de acesso à comunhão com Deus a cada passo de avanço. Devemos descartar qualquer ideia que sugira que todos os passos desde o altar do sacrifício até ao ponto de entrada no lugar santíssimo devem ser dispensados, e não lhe dar mais atenção do que o estritamente necessário, a fim de podermos chegar ao lugar santíssimo onde unicamente a comunhão pode ser encontrada. Esse é um conceito errado, que se persistir reduzirá significativamente o nível de comunhão com Cristo e através d'Ele, com o Pai.

Não viajemos depressa demais pelo pátio e pelo primeiro compartimento. Em vez disso, procuremos mais fervorosamente juntar para nós por causa do serviço aos outros, todas as bênçãos que o Senhor colocou no santuário ao nosso dispor. Vamos descobrir que cada passo da nossa jornada de oração é na verdade uma caminhada com Jesus. Vamos experimentar a plenitude da bênção em cada passo como uma preparação para a comunhão ainda mais estreita com o Senhor no próximo.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 22

Avançamos agora na jornada de oração através do santuário até ao ponto onde falta apenas um passo para entrar no lugar santíssimo, e a gloriosa comunhão lá experimentada como clímax da comunhão aprofundada ganha à medida que nos movemos de um ponto para o outro.

Durante a viagem de oração até este ponto, quanto mais eficazes e bem-sucedidos tenhamos sido em aproveitar os instrumentos disponibilizados para nós ao longo do caminho, maior, mais satisfatório, e mais valioso será o dom da vitalidade divina e vida em justiça encontrada e recebida no lugar santíssimo.

Se realmente aprendermos a receber tudo o que o Senhor tem para nós nesta jornada a cada dia, rapidamente chegaremos ao lugar onde o Senhor fará verdadeiramente "... tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera." *Efésios 3:20*.

Sabemos pelo testemunho das Escrituras, que o Senhor é *bem capaz* de fazer coisas maravilhosas que superam qualquer coisa que conseguíssemos pensar ou pedir, mas, aquilo que Ele pode fazer tão bem, é frustrado por causa do baixo nível de fé, lentidão de coração, e retenção do pecado em quem deveria receber o infinito poder do Senhor.

Estou certo de que a maioria, se não todos nós lamentamos o facto de não poder testemunhar ainda que Deus tenha feito mais por nós do que poderíamos pedir ou pensar. Isto não é devido a qualquer infidelidade da parte de Deus, mas por causa da nossa incapacidade de cumprir as condições que removem as restrições ao fluxo das misericórdias de Deus para nós.

Todos os que nasceram de novo experimentaram a remoção destas restrições até certo ponto. Muitas vezes ouvi com embevecida atenção quando um novo irmão ou irmã relatavam o que a graça de Deus tinha alcançado para eles e neles. Falavam como pessoas inspiradas e revelava que, antes dessa experiência vir, eles nenhuma vez imaginaram que tal transformação pudesse ter lugar neles ou mesmo em qualquer outra pessoa. Deus

havia feito por eles muito mais abundantemente além daquilo que, naquele tempo, poderiam pedir ou pensar.

Muitas vezes, essas pessoas começam as suas respostas aos apelos de Deus, participando das reuniões de campais e estão impressionadas com as coisas que ouvem, mas não experimentam qualquer libertação embora lutem arduamente e aproveitam todas as oportunidades para se reunir com os crentes, ouvir as gravações, e lêem os livros. São passadas noites sem dormir agonizando em oração, mas sabem que certamente não receberam muito mais abundantemente além daquilo que poderiam pedir ou pensar. Eles nem sequer tinham recebido ainda as bênçãos pelas quais tinham lutado para receber e muito menos qualquer coisa muito mais abundante além daquilo que pudessem pedir ou pensar.

Então, de repente, num dia ou numa noite, a luz rompeu, e a paz do Céu encheu todo o seu ser. Cada desejo de pecado conhecido, com o qual vinham lutando, desapareceu, e uma paz, o sentido de aceitação de Deus, e a vitória sobre o pecado consciente, inundou todo o seu ser. Quando isso acontece, eles não podem parar de falar sobre o milagre de tudo isso. Eles estão cheios de admiração, alegria e louvor por terem recebido muito mais abundantemente além daquilo que pensavam ser possível. Eles nunca tinham entendido quão emancipados seriam, quão livres, quanta alegria, quanta protecção, quão totalmente libertados do domínio de Satanás, e quão totalmente identificados com a família de Deus se tornariam. Mas agora eles sabem por experiência o que nunca poderiam de outra forma ter entendido.

Tendo alcançado esse conhecimento, a experiência do novo nascimento deixa de ser algo abundantemente acima de tudo o que poderiam pedir ou pensar, tal como é agora também para todos os que nasceram de novo. Mas, a cada dia, enquanto fazemos as nossas jornadas de oração através do santuário, devíamos encontrar lugares onde o Senhor tenha feito muito mais abundantemente além daquilo que poderia ter sido esperado. O motivo pelo qual muitos de nós não estão testemunhando de tais experiências é devido ao nosso fracasso e não de Deus. Quando aprendemos a orar como deveríamos, as janelas do Céu serão abertas, e uma bênção se derramará como nós nunca sonhámos ser possível.

Foi isto que ocorreu no derramamento da chuva temporã no dia de Pentecostes. Deus não havia reservado o fluxo de luz e poder apenas para esta ocasião especial. O derramamento não estava restringido a um momento no tempo arbitrariamente profetizado, tanto como ao desimpedimento do caminho para o seu derramamento. A profecia do derramamento era condicional e nunca teria ocorrido se as condições não tivessem sido cumpridas, mas, uma vez que as obstruções do pecado e incredulidade foram removidos, o enchente dilúvio veio como poderia ter vindo outras vezes na história da igreja.

“Era como se por séculos essa influência estivesse sendo reprimida e, agora, o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito.” *Atos dos Apóstolos*, 38.

O facto de o Céu ter sido capaz no Pentecostes de derramar as riquezas do poder do Espírito, é uma declaração clara de que havia um bloqueio que teve de ser removido antes que o Espírito pudesse cair sobre os necessitados discípulos. Nenhuma culpa por isso pode ser atribuída a Deus. Foi a incredulidade do professo povo do Senhor que impediu a remoção do obstáculo.

Enquanto o Salvador ainda estava entre eles, passava horas descrevendo a natureza, carácter, poder e obra do Espírito Santo e prometeu que este poder ilimitado lhes seria dado. Eles deveriam permanecer em Jerusalém até o dom lhes ser concedido. Porém, eles

saíam dessas sessões de ensino com um entendimento muito fraco e limitado d'Aquele que em breve havia de manifestar-se na igreja. Deus estava prestes a fazer por eles muito mais abundantemente além daquilo que eles poderiam, então, pedir ou pensar. Mas os seus conceitos eram muito limitados para compreender as palavras do Salvador.

Mas, quando o dom incomparável lhes foi concedido, ficaram maravilhados. Isto foi aquilo que excedeu as suas maiores esperanças e empolgadas expectativas, como está escrito: "Nisto consiste o amor! 1 João 4:10. Eles se apossaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia." *Atos dos Apóstolos*, 38.

Quando eles chegaram a esse dia maravilhoso, o Senhor certamente lhes deu o que excedeu as suas expectativas mais elevadas e, ao fazê-lo, encheu-os com alegria indizível, e louvor sincero. Assim será novamente quando a chuva serôdia vier sobre o Seu expectante povo em oração. Nessa altura o Senhor com certeza nos dotará com luz, poder, amor e comunhão do que hoje, muito acima do que qualquer pensamento humano pode atingir.

"É impossível dar uma ideia da experiência do povo de Deus que há de viver na Terra quando se misturarem a glória celestial e a repetição das perseguições do passado. Eles andarão à luz que procede do trono de Deus. Por meio dos anjos haverá constante comunicação entre o Céu e a Terra." *Testimonies* 9:16.

Mas, não vamos descontrair com a ideia de que a única vez que podemos esperar que o Senhor faça grandes coisas, além do que podemos pedir ou pensar, é quando a chuva serôdia cair. A cada passo durante a viagem de oração no santuário, devemos ter grandes expectativas de manifestações da incomparável e infinita bondade de Deus, em vez de passar apressadamente duvidando que o Senhor vá fazer alguma coisa notável. Tão fraca é a fé de muitos, tão acostumados estão a receber praticamente nada em resposta às suas petições formais, que esperam pouco, e assim realmente não procurarão muito. Consequentemente, é um notável testemunho do amor enternecedor de Deus que eles nada recebam.

Quando os parcos e insatisfatórios resultados de uma jornada de oração através do santuário é tudo o que é alcançado, é hora de se fazer algumas perguntas à procura da razão para ser assim. Existe a necessidade premente de não descansar até que as respostas sejam encontradas.

Já nos foi dado conhecimento de uma quantidade de razões para a oração sem resposta. Já nos foi ensinada a verdadeira ciência da oração; aprendemos que no Calvário Jesus já ganhou a vitória para nós, Satanás deve ser encarado como um inimigo vencido, e o Senhor convida-nos a aceitar a vitória como se fosse propriamente nossa. Sabemos que somente Deus é o Solucionador de problemas, o Planeador, e o Portador dos nossos sofrimentos, e qualquer oração que não consegue reconhecê-lo nesses papéis é certo que continua sem resposta.

Tudo isto é muito maravilhoso, mas há ainda um problema na nossa abordagem a Deus que não tem sido discernido e a sua solução, portanto, não é procurada. É um conforto saber que, neste caso, uma vez revelado o problema, a solução é facilmente encontrada.

O problema aqui referido é o produto da educação inconsciente, mas terrivelmente prejudicial dos pais sobre os filhos, pois os pais mais velhos têm transmitido à sua descendência um conceito de Deus e como abordá-lo, que está muito distante da verdade. Vamos considerar isso do ponto de vista da insistência da criança quando aborda os seus pais, em comparação com a insistência do cristão na sua abordagem aos seus pais celestes. As primeiras considerações vão para a crença de que não há diferença entre uma e outra, e que os insistentes pedidos da criança se mantêm até que o seu pedido é satisfeito, é uma

ilustração apropriada da determinação com que o crente deve buscar a Deus pela resposta às suas orações. É verdade que a tenacidade dos pequenos deve ser exercida pelo suplicante adulto, mas a partir desse ponto desaparece qualquer semelhança e deve ser substituída pela convincente lição do que não se deve fazer.

Os filhos aprendem muito cedo que, se importunarem os pais o tempo suficientemente longo e irritante, que eles acabarão por ceder e dar-lhes-ão o que querem, seja para o seu bem ou não, e se é o que querem que eles tenham ou não. Assim, a conquista desses desejos controlados pelos pais depende se a criança *consegue mudar* os pais. Ela faz isso tornando a decisão dos pais tão difícil que estes ficarão satisfeitos por ceder no final.

Isso não significa que devemos orar uma vez pela bênção, e depois, deixar o assunto inteiramente ao cuidado de Deus. Pelo contrário, devemos ser constantes e insistentes na apresentação das nossas petições ao Altíssimo. Esta verdade é repetida uma e outra vez nos conselhos divinos.

Quando a primeira oração de Elias não trouxe a resposta necessária, o profeta orou repetidamente até ela vir.

Daniel persistiu por três semanas inteiras até Gabriel finalmente aparecer com a garantia de que a sua oração foi ouvida e atendida.

Jacó agarrou-se ao Senhor com o clamor: "... Não te deixarei ir, se não me abençoares." *Gênesis 32:26*.

"Jacó prevaleceu porque foi perseverante e resoluto. Sua experiência testifica do poder da *oração insistente*. É agora que devemos aprender esta lição de oração que prevalece, de uma fé que não cede. As maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia lança mão do braço forte da oração.

"Aqueles que não estiverem dispostos a abandonar todo o pecado e buscar fervorosamente a bênção de Deus, não a obterão. Mas todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como fez Jacó, e forem tão fervorosos e perseverantes como ele o foi, serão bem-sucedidos como ele. 'E Deus não fará justiça a Seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça'. Lucas 18:7, 8." *Patriarcas e Profetas*, 203.

"Deveríamos empregar muito tempo em oração particular. Cristo é a videira e nós as varas. E se desejamos crescer e florescer, devemos continuamente tirar seiva e nutrição da Videira viva; pois, separados da Videira, não temos forças.

"Perguntei ao anjo por que não havia mais fé e poder em Israel. Disse ele: 'Largais muito depressa o braço do Senhor. Enviai insistentemente vossas petições ao trono, e persisti nelas com fé firme. As promessas são certas. Crede que recebeis as coisas que pedis, e tê-las-eis.' Foi-me então chamada a atenção para Elias. Ele era sujeito a paixões idênticas às nossas, e orou fervorosamente. Sua fé resistiu à prova. Sete vezes orou perante o Senhor, e finalmente viu a nuvenzinha." *Primeiros Escritos*, 73.

"Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel. Enquanto orava, sua fé alcançou as promessas do Céu e agarrou-as; e perseverou na oração até que suas petições fossem respondidas. . .

"Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descansa nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça." *Profetas e Reis*, 156, 157.

Estes são apenas alguns dos muitos testemunhos que ensinam a verdade vital que a incansável persistência na apresentação das nossas situações diante do Senhor confirmarão que, no final, Ele acabará por ouvir e responder, ao passo que, pedir apenas uma vez e deixar por isso mesmo, significa que o suplicante nunca receberá a resposta que

procura e a bênção que tanto precisa. Lede novamente o testemunho escrito em relação à experiência de Jacó no ribeiro:

“Jacó prevaleceu porque foi perseverante e resolutivo. Sua experiência testifica do poder da *oração insistente*.” *Patriarcas e Profetas*, 203

Isso é o que a criança irrequieta também aprende pela experiência. Ela conhece o poder do pedido insistente até vencer a resistência dos pais e conseguir o que quer. Assim, parece que a lição aprendida na infância é uma preparação excelente para uma abordagem adulta a Deus em oração. Na verdade, a palavra escolhida pela irmã White para descrever este elemento da oração bem-sucedida, é “incessante” [importuna], como a mais adequada para o efeito.

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, significa: Incomodar, enfadar, ser molesto a, causar transtorno a, perseguir insistentemente ou com obsessão

Essa palavra descreve exactamente a abordagem da criança aos seus pais. Ela também descreve a abordagem do verdadeiro cristão ao Senhor. Quer isto dizer que não há diferença entre os filhos do mundo e os filhos de Deus a esse respeito?

Mesmo que nós não possamos discernir imediatamente qualquer diferença, o nosso conhecimento dos princípios do reino de Deus em comparação com os do príncipe das trevas, alerta-nos para o facto de que deve haver uma diferença fundamental entre eles, e existe. Um é do Senhor, e reflecte integralmente os Seus caminhos, enquanto o outro é a expressão do diabo. O resultado seguro de um fará aqueles que o adoptam, poderosos na oração, enquanto o uso do outro garante que a vida de oração será um fracasso sem esperança.

Qual é então a diferença?

No caso da criança, o objectivo que ela obstinadamente persegue é *uma mudança nos pais*. Quando no início se aproxima daquele em cujas mãos está o que quer, pode encontrar o pai ou a mãe, ou ambos muito firmes na determinação de não lhe dar o que pede. Esta atitude pode ser tomada por uma série de razões, algumas das quais são válidas, enquanto outras podem ser inspiradas por motivos egoístas.

A menos que os mais velhos possam ser induzidos a mudar a sua posição, os mais pequenos não têm esperança de adquirir aquilo que pretendem. A resposta negativa ao pedido inicial é o sinal para o filho tem de ir para a luta a fim de conseguir uma mudança no pensamento dos pais. Para fazer isso comporta-se mal. Mostrando completa rejeição da autoridade parental, ele agora importuna-os. Se isso não resultar, pode ficar mal-humorado ou talvez fazer uma birra.

A mãe e o pai tentarão controlá-lo, mas quanto mais eles procuram fazer isso, pior o filho se comporta, até que, em desespero, os supostos rei e rainha do lar se rendem ao súbdito.

Isto não acontece em todos os lares, pois há alguns pais que não vai se demovem das suas posições e decisões, não importa quão insistentemente os filhos possam tentar. Estes lares não são necessariamente a expressão dos caminhos de Deus, pois alguns pais que governam com autoridade inflexível são despóticos e irracionais.

Existem duas principais características na abordagem dos filhos aos seus pais. A primeira é a crença de que os pais têm de mudar. A segunda é o mau comportamento – o meio de conseguir essa mudança. Isto significa que a sua importunação tem por objectivo mudar a pessoa errada, enquanto, ao mesmo tempo diminui o bem que poderia ter tido, e aumenta significativamente sua impiedade.

Qualquer criança que esteja acostuada a lidar com seus pais dessa maneira, crescerá com as mesmas atitudes em relação a Deus. Sem sequer pensar em desafiar a ideia, levará a convicção por toda a vida de que a sua única esperança é de alguma maneira persuadir

Deus a concordar com as suas exigências. “Mudar Deus”, é visto como sendo a sua única esperança. A verdade vital que ela é o único a ser alterado através da oração nunca lhe ocorre. Portanto, nunca alcança a pureza da vida, que abre o caminho para o Senhor trabalhar. Inevitavelmente, na sua amarga decepção, acusa Deus de infidelidade à Sua palavra, e Suas promessas como indignas de confiança.

Nos casos daquelas pessoas que tiveram pais despóticos, o filho cresce com um sentimento negativo sobre a aproximação a Deus em tudo. Mas mesmo esse filho carrega consigo o conceito de que Deus tem de mudar.

Deve ser imediatamente evidente que Deus não pode ser abordado com a ideia de que Ele tem de mudar. Ir a Ele desta maneira é garantir que as nossas orações não serão respondidas. Nós, não Deus, somos os únicos a ter de mudar e oração importuna é um dos meios necessários para alcançar este objectivo. Portanto, as orações que não efectuam mudanças em nós nunca receberão as respostas que precisamos tão desesperadamente. Veja-se como a oração de Elias o foi *mudando* até que o grande homem de Deus foi habilitado para receber a resposta necessária naquele momento. Veja-se como a sua importunação trabalhou para trazê-lo a uma relação mais próxima e mais harmoniosa com o Senhor, a fim de o tornar cada vez mais justo, não cada vez mais rebelde, injusto, ou desanimado. Vede como não havia sequer a sugestão nas suas súplicas de que houvesse qualquer alteração ou cedência da parte de Deus. Observai estes princípios vitais até a poderosa convicção se fixar em vós de que a vossa importunação não é mudar o imutável Deus no mínimo, mas é efectuar tais transformações na vossa vida de modo a remover os obstáculos que impedem as poderosas manifestações da vida, poder e luz do Senhor. Vede tudo isso naquilo que a oração de Elias fez por ele.

“O servo olhava enquanto Elias orava. Seis vezes regressou da vigia, dizendo, Nada há nada, nenhuma nuvem, nenhum sinal de chuva. Mas o profeta não desistiu em desânimo. Ele continuou revendo a sua vida, para ver onde tinha falhado em honrar a Deus, confessou os seus pecados, e assim continuou afligindo sua alma perante Deus, enquanto esperava um sinal de que a sua oração havia sido respondida. Enquanto ele examinava o seu coração, parecia ser cada vez menor, tanto aos seus próprios olhos como aos olhos de Deus. Parecia como se ele fosse nada, e Deus tudo; e quando chegou ao ponto de se renunciar a si mesmo, enquanto se agarrava ao Salvador como sua única força e justiça, veio a resposta. O servo apareceu e disse, ‘eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar.’” *S.D.A. Bible Commentary 2:1035.*

Que oração eficaz foi esta! Quão grandiosos e quão poderosos foram os resultados! As chuvas vieram, a seca foi quebrada, e aberto o caminho para uma poderosa reforma a ter lugar em Israel. Tudo isto foi possível graças às mudanças efectuadas em Elias através da sua oração, o maravilhoso meio pelo qual ele foi tornado apto para receber bênçãos maiores e mais abundantes de Deus.

Foi através de orações que progressivamente o mudaram, que ele se tornou o poderoso homem de fé ao ponto de ficar sem medo e vitorioso no Monte Carmelo, mas aparentemente isso não foi suficiente para qualificá-lo para a súplica eficaz, que finalmente trouxesse as chuvas que pusessem termo à seca. Antes que ele pudesse alcançar a vitória, tinha que haver mais mudanças nele, transformações que só poderiam ter sido efectuadas pelo tipo de oração que não contém sequer a sugestão mais remota de mudar Deus, mas que atinge maravilhosas santificações naquele que ora.

No início, aqueles que lêem estas palavras podem rejeitar a ideia que, nas suas súplicas ao Senhor, são culpados do terrível pecado de colocar pressão sobre o Todo-Poderoso para modificar os Seus princípios justos de modo a acomodar as suas necessidades, mas

um exame investigador mais cuidadoso do coração sobre a sua abordagem ao Senhor rapidamente mostra que todos nós estamos sob a condenação nesta área.

Mas então, como pode ser de outra forma, face às representações de Deus que nos foram dadas pelos nossos bem-intencionados pais, mas de outra forma mal informados, inconscientemente nos deram uma falsa educação sobre a forma de nos aproximar de Deus. Eles fizeram o melhor que sabiam, mas, vivendo como viveram durante um período em que a luz do evangelho estava escondida da vista por causa da apostasia que prevalece nas igrejas, nunca perceberam a natureza da educação que estavam a dar-nos. Em qualquer caso, não estamos interessados em atribuir-lhes a culpa. Em vez disso, precisamos de entender o que nos foi ensinado e por que, sendo tão terrivelmente errado, tem que ser abandonado em favor da maneira correcta.

Mesmo que pudéssemos ter apenas vagas memórias das nossas tácticas de infância pelo que não podemos agora analisá-las de forma precisa e objectiva, podemos ter certeza de que elas eram de carácter errado, conforme descrito neste capítulo. A maneira mais simples para confirmar isso é examinar com uma mente perspicaz, a verdadeira natureza da nossa abordagem a Deus.

Descobrirei, como eu certamente fiz, que tem havido a disposição para de algum modo conseguir uma mudança em Deus, enquanto o pensamento de que somos nós quem precisa de ser mudados foi reservado para as orações ou partes de orações visando a confissão e abandono do pecado. Nessas orações que fizemos esperámos que a mudança fosse operada em nós, não em Deus. O resultado foi que essas orações de facto nos fizeram mudar para melhor, mas elas são a parte menor das nossas orações. A maior proporção do nosso tempo de oração é gasto na procura de outras bênçãos d'Ele, as coisas que nós sentimos que precisamos e devemos ter.

Mas, o Senhor é muito sábio para nos dar apenas o que pensamos que devemos ter. "Quando pedimos bênçãos terrestres, a resposta a nossa oração talvez seja retardada, ou Deus nos dê outra coisa que não aquilo que pedimos. . ." *O Desejado de Todas as Nações*, 266.

Pode ser que nós não sejamos capazes de receber a bênção. Jesus reconheceu por exemplo, que Pedro, Tiago e João, foram capazes de receber mais do que os outros, razão pela qual eles foram levados para testemunhar a transfiguração, e foram chamados por Cristo para estar mais perto d'Ele do que os outros discípulos no jardim do Getsémani. Isto não era um favoritismo, mas um reconhecimento da capacidade dos três por um lado, e a falta dela por parte dos outros.

Da mesma forma Moisés foi o único homem na face da Terra que poderia realmente entrar na presença de Deus na montanha e, em seguida, permanecer lá durante quarenta dias por duas ocasiões. Josué tinha a capacidade de estar na montanha, mas fora da presença imediata de Deus, enquanto o resto das pessoas teve que permanecer atrás de uma cerca em torno da base. Deus não estava a mostrar favoritismo em relação a Moisés. De bom grado teria Jeová descido ao povo e falar com todos eles directamente, mas eles não eram capazes de receber a mensagem desta forma.

Seja qual for a causa, podemos muitas vezes orar por coisas que foram prometidas e que acreditamos que é a vontade de Deus dar-nos, mas aparentemente não recebemos nada em resposta. Então, a menos que tenhamos sido libertados da nossa formação de infância, começaremos a encontrar falhas no Senhor. Sentir-nos-emos decepcionados e traídos. Inspirados pela beleza e poder nas promessas, nós viemos ao Senhor com forte fé esperando muito, ainda mais do que poderíamos pedir ou pensar, apenas para sair, tanto quanto pudemos ver, com muito pouco ou mesmo nada. Depois de uma cuidadosa verificação para ver se cumprimos todas as condições especificadas, e pedimos apenas o

que o Senhor havia prometido, e animados pela garantia de que tivemos o espírito e os motivos certos, temos a certeza de que nenhuma mudança é necessária em nós. Deus deve ser o único culpado.

No entanto, não nos atrevemos a alimentar nem dizer o pensamento, pois ele é muito terrível para contemplar, mas, no entanto, é a força que opera no subconsciente.

Agora nós temos um problema muito real. Sabemos que o Senhor é a única fonte para suprir as nossas necessidades, mas Ele tem “recusado” conceder o que foi solicitado. Vamos supor que a necessidade é tão crítica que temos absolutamente de o obter.

Então, a situação é que só Deus tem de responder à Deus oração, e comprometeu-Se a dar-lhe resposta. Mas, “Ele não respeitou a Sua promessa”. Por alguma razão ou outra, Ele “optou por não respeitar a Sua palavra”. Enquanto isso, estamos bastante certos de que a nossa necessidade e a nossa oração de fé nos dá direito à bênção.

Qual é a única conclusão a que uma pessoa com o pensamento-padrão acima descrito chegará? Vai certamente decidir que a única solução possível é mudar Deus. De alguma forma Ele deve ser induzido a mudar a Sua mente, para ter outra opinião sobre o assunto, ver o caso sob uma luz diferente, e, portanto, ser levado a modificar a Sua decisão.

Por isso, o suplicante torna-se importuno. Ele começa a “implorar ao Todo-poderoso”; a “suplicar” e “a insistir persistentemente”. Se isso não trazer resultados, então fica mais ou menos desanimado ou rebelde, de acordo com seu comportamento infantil. Mesmo que decida ficar com o Senhor, ainda experimentará dúvidas persistentes sobre a justiça de Deus. Além do mais, tudo isto pode acontecer a uma pessoa que, na medida em que é conscientemente conhecedora, acredite que Deus não precisa de mudar. Mas, com pressão suficiente, essas crenças escondidas, mas de motivação e padrões de hábitos adquiridos na infância surgirão activas. Elas podem não ser discernidas no início, mas estão lá, diminuindo o nosso entusiasmo para a oração, e levando ao desânimo ou rebelião.

Este é o mau comportamento pelo qual, enquanto criança tivemos como objectivo mudar os nossos pais, então agora procuramos fazer pressão sobre Deus para Ele repensar as Suas decisões e, conseqüentemente modificá-las. Em seguida, os nossos pensamentos, mesmo que inconscientemente, tornar-se-ão tão focados no “problema” que o Senhor se tornou para nós, que nem sequer paramos para pensar que somos nós os únicos que precisam de mudar.

Há muito tempo que nós entendemos estes princípios, mas eles não têm sido suficientemente claros nas nossas mentes para eliminarmos todos os falsos procedimentos das nossas orações. Há muito mais a ser desenvolvido sobre este tema e isso será feito no próximo capítulo, onde ilustrações tiradas das Escrituras tornarão essas verdades absolutamente claras.

O que devemos entender é que nenhuma oração vai conseguir qualquer mudança em Deus, pois Ele não precisa de mudar, e é, portanto, imutável. Ele, com razão, declara: “Porque eu sou o Senhor, não mudo.” *Malaquias 3:6*.

Deixai que a verdade seja totalmente e para sempre firmada nas mentes do povo de Deus. Em seguida, seremos libertados do terrível erro de tentar fazer o impossível.

Ao mesmo tempo, temos de aprender que em todas as orações, e não apenas naquelas que dizem respeito ao arrependimento e confissão, é suposto fazer uma mudança em nós. Permitti que sejais estabelecidos na verdade que: “A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de tornar conhecido a Deus o que somos; mas sim para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele.” *Aos Pés de Cristo*, 93.

Cada passo que damos em nossa jornada de oração através do santuário foi projectado pelo Céu para nos transformar. Portanto, temos de entrar em cada viagem de oração *para*

ser mudados. Temos esperar isso e experimentá-lo. Para este fim todas as condições devem ser cumpridas. Se não formos mudados, então, não recebemos o ministério de Deus como Ele planeou que deveríamos. Isto deve levar-nos a reexaminar a nossa aproximação a Deus, para que, nas mudanças em nós que isto deve trazer, sejamos habilitados para receber a bênção.

No santuário, o Senhor tem ministérios maravilhosos através dos quais Ele vai fazer por nós muito mais abundantemente além daquilo que poderíamos pedir ou pensar, mas Ele não é capaz de o fazer, porque, em vez das nossas orações serem do carácter que nos mudam até sermos capazes de receber estas maravilhas, estamos ocupados a tentar mudá-l'O. Enquanto não formos libertados deste mal tão grave, o alto clamor nunca poderá vir.



“Nem sempre imaginamos que a santificação, que tão ansiosamente desejamos e pela qual oramos com tanto fervor, é realizada por meio da verdade e, pela providência de Deus, pela maneira por que menos esperamos. Quando buscamos alegria, eis que vêm aflições. Quando esperamos paz, temos frequentemente desconfiança e dúvida, porque nos achamos imersos em provações que não temos como evitar. Nessas provações estamos recebendo a resposta a nossas orações. A fim de que sejamos purificados, o fogo da aflição deve arder sobre nós, e nossa vontade ser ajustada em conformidade com a de Deus. Para sermos moldados à imagem de nosso Salvador, passamos pelo mais penoso processo de refinamento. Mesmo aqueles que consideramos os mais queridos na Terra podem causar-nos o maior sofrimento e prova. Podem ver-nos por uma perspectiva errada. Podem julgar que estejamos em erro e que estamos nos enganando e nos degradando ao seguir os ditames da consciência iluminada em busca da verdade como de tesouros ocultos....

“Nossas orações, para nos tornarmos semelhantes a Cristo podem não ser respondidas exactamente como desejamos. Podemos ser testados e provados, pois Deus percebe ser melhor colocar-nos sob um curso de disciplina que nos é essencial antes que sejamos considerados súbditos habilitados para as bênçãos que ansiamos. Não deveríamos nos tornar desanimados e dar lugar à dúvida, e pensar que nossas orações não são notadas. Devemos nos firmar seguramente sobre Cristo e deixar nosso caso com Deus para responder nossas orações a Seu próprio modo. Deus não prometeu conceder Suas bênçãos através dos canais que temos assinalado. Deus é sábio demais para errar e cuidadoso demais com o nosso bem para permitir-nos escolher por nós mesmos.

“Os planos de Deus são sempre os melhores, embora nem sempre possamos discerni-los. A perfeição do carácter cristão somente pode ser obtida mediante trabalho, conflito e abnegação.

“Quão inestimavelmente preciosos são os dons de Deus — as graças de Seu Espírito — e não recuaremos do processo de prova e teste, por mais penoso e humilhante nos seja, Quão fácil seria o caminho para o Céu se não houvesse abnegação ou cruz! Como os mundanos iriam apressar-se no caminho, e hipócritas seriam inumeráveis! Graças a Deus pela cruz e abnegação. A ignomínia e vergonha que nosso Salvador suportou por nós em nada é humilhante demais para os salvos pela aquisição de Seu sangue. O Céu na verdade será muito fácil. — Carta 9, 1873.”

Carta escrita por Ellen G. White, no dia 5 de Abril de 1873 para a “irmã Billet,” de São Francisco, Califórnia. Citada de *Olhando para o Alto*, 109.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 23

O capítulo anterior terminou com o pensamento de que a chuva serôdia nunca pode cair enquanto não estivermos totalmente livres de todos os vestígios de qualquer disposição ou esforço para persuadir Deus a mudar, a fim de suprir as nossas necessidades ou para acomodar a nossa vontade ou os nossos desejos.

Mas por que é que deveria ser assim?

A resposta, pelo menos quando nos é dito, deve ser bastante óbvia. Fazer esforços para efectuar uma mudança em Deus é declarar que sabeis melhor do que Ele o que é o melhor para o vosso bem. É claro que não seríeis tão ousados ao ponto de pensar e vos vangloriades de que sois maior do que o Todo-Poderoso, mas isso não muda a realidade do argumento. Mesmo o menor murmúrio contra o Senhor, ou o menor sentimento de descontentamento com as Suas decisões, mostra que ainda há uma disposição e crença pecaminosa subtil, mas clara de que vos achais mais sábios do que Deus e que Ele tem de mudar o Seu pensamento e redireccionar o Seu poder para mudar as circunstâncias, tornando as coisas mais fáceis para vós.

Seria impossível fazer uma abordagem pior ao Onnipotente do que vir no papel de uma suposta superioridade em relação a Ele considerado-O inferior. Não é este o próprio fundamento e coração da atitude que Lúcifer desenvolveu na sua abordagem a Jeová? Não é esta a essência do orgulho do qual Babilónia tanto se vangloria e revolta contra os altos Céus? Esta é a própria natureza do pecado. Ele separa a alma de Deus, e deixa-a exposta às forças destruidoras esperando para a tragar.

Provavelmente, a manifestação mais evidente deste tipo de oração é encontrada no serviço Católico Romano da Missa, quando diante de todas as pessoas, o padre pretende realmente mudar a hóstia e o vinho na pessoa real de Jesus Cristo, que, de acordo com o seu ensino, não tem opção, senão descer à ordem do padre. Todo o objectivo dessa oração é mudar Deus, para criá-l'O a partir de um pedaço de pão e uma pequena quantidade de

vinho. Assim, os homens agem como se tivessem o Criador às suas ordens. Este é certamente um esforço da sua parte para mudar Deus, não a si mesmos.

Não é surpreendente, portanto, que os escritores católicos declarem: “A missa é o coração do culto católico. Assim como o coração bombeia o sangue para todos os membros do corpo, vitalizando-o e alimentando-o, assim a missa irradia as suas abundantes graças e méritos sobre todas as devoções subordinadas da igreja, enriquecendo-os e revigorando-os com a sua própria força e poder. Como os planetas se agrupam em torno do Sol, a partir do qual recebem a sua luz e calor, assim todos os vários tipos de oração e rituais se juntam à volta do sacrifício da missa. É o acto central do culto na Igreja Católica e nenhuma outra devoção pode comparar-se com ela em riqueza espiritual e eficácia.

“Por pura beleza, dignidade e sublime”, diz o padre J.M. Cooper, ‘não há nada em todo o reino da literatura religiosa que se possa comparar com as orações da missa como o derramamento da reverência mais profunda do coração humano e amor mais puro e mais ardente súplica ao Pai de todos nós. Em sua majestade sustentada e em sua augusta simplicidade é um ambiente digno para o acto supremo do culto cristão. E elas são o mais venerado e amado por nós naquilo em que há quase um milénio e meio tem sido consagrado pelos incontáveis milhões que em todas as épocas e climas e raças professaram fé e lealdade para com o Cristo eucarístico.” *The Faith of Millions*, 307, por John A. O'Brien, publicado pela *Our Sunday Visitor, Inc.*, Huntington, Indiana em 1974.

Na missa, os sacerdotes em nome das pessoas em adoração ao Senhor oram ao Senhor Altíssimo, mas é uma súplica em que e através da qual os papéis de Deus e do homem são revertidos, se isso fosse possível. Destina-se a ser uma oração para operar uma mudança em Deus. Alega-se que, quando o padre ora sobre o pão e o vinho, Cristo desce corporalmente e entra nesses dois elementos. Além disso, afirma-se que Deus tenha autorizado inteiramente esta abordagem a Si mesmo; que Ele realmente ordenou ao padre para Lhe dizer quando deve mudar e que Ele obedecerá imediatamente quando chamado a descer do Céu. Não é nem um pouco surpreendente, então, que esta oração seja aclamada por escritores e oradores católicos como sendo o vivo, palpitante coração do sistema papal da religião. Não deve ser esquecido que o papado é a continuação mais desenvolvida da rebelião de Satanás.

A Igreja Católica Romana, sendo o que é a continuação daquela primeira rebelião do pecado contra Deus, deve hoje fazer e ensinar uma estrutura oração que visa alterar o Criador, não as Suas criaturas. Se assim não fosse, isto é, se o papado ensinasse o seu povo a orar pedindo a mudança das pessoas e não a mudança em Deus, não seria nem o papado, nem Babilónia, mas seria a verdadeira igreja de Deus.

Embora tenhamos inadvertidamente orado de tal forma a esperar que o Senhor mude para atender às nossas ideias e de como as promessas deveriam ser cumpridas, esse tipo de oração só pode ser babilónica ou papal. Esse é um facto terrível que nenhuma quantidade de ignorância sincera pode mudar. Pelo contrário, quanto mais intensa for a sinceridade contida na oração de Babilónia, mais grave é o dano feito e mais a alma é separada do Senhor e Sua salvação.

Ao longo dos anos temos vindo a ser progressivamente libertados das ideias babilónicas, e conceitos, teorias e práticas papais. Por exemplo, nós aprendemos que a libertação da escravidão do pecado só pode ser realizada pela erradicação da natureza pecaminosa e sua substituição pela semente de Cristo. Este é um princípio de funcionamento rejeitado por todas as organizações da igreja babilónica. Mas, aceitámos a verdade, vimos uma libertação poderosa efectuada nas nossas vidas, e demos um grande passo para sair de Babilónia.

Seguiram-se outros passos de saída à medida que vimos a luz a respeito da natureza de Cristo, o carácter de Deus, e repouso do sábadado de Deus, para citar apenas algumas das grandes verdades separadoras.

Agora torna-se óbvio que outro salto para a vida deve ser dado. Babilónia deve ser deixada ainda mais para trás.

A menos que este passo seja adicionado aos outros já realizados, é claro que o Senhor nunca poderia enviar a chuva serôdia a uma pessoa que procure efectuar uma mudança no Senhor, embora subtilmente ou ignorantemente possa ter tentado a fazê-lo. Precisamos reconhecer a estrutura das nossas orações para que possamos identificá-las como cristãs ou babilónicas, obtendo respostas ou não sendo respondíveis como possa ser o caso. Não há espaço para descuido, superficialidade, ou auto-ilusão nesta análise do nosso tipo de oração. Devemos saber que demos este passo para fora da Babilónia, ou as consequências serão muito terríveis para a contemplar. Se nós não chegarmos a ver e compreender a verdadeira natureza das nossas orações, virá o dia em que, tarde demais para fazer as alterações necessárias, vamos ver o que deveríamos ter visto e feito hoje.

Antes do derramamento daquela bênção prometida que "... reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos", *O Desejado de Todas as Nações*, 672, temos de desenvolver a capacidade de enviar orações tais ao Céu que realizem grandes mudanças em nós. Ansiamos pelo derramamento dos mais ricos tesouros da graça do Céu e perguntamos por que motivo recebemos tão pouco da bênção prometida, quando o nosso problema está na falha da nossa parte em pela "... graça de Deus e nosso próprio esforço diligente", *O Grande Conflito*, 425, ser qualificados para receber as ricas bênçãos com que o Céu deseja dotar-nos. Se agora pudéssemos ver a qualidade das pessoas em que devemos tornar-nos antes de estar aptos para receber a chuva serôdia, compreenderíamos a extensão assustadora de quão longe estamos do esperado, e a enorme urgência de nos dedicarmos à obra enquanto ainda há tempo.

O início dessa transformação foi efectuada quando renascemos, mas por grande e maravilhosa como essa transformação tenha sido, não era suficiente para nos qualificar para o derramamento ilimitado do Espírito Santo no poder da chuva serôdia. Deve seguir-se uma sucessão ininterrupta de mudanças até estarmos totalmente qualificados para receber tudo o que pode ser recebido nesta vida. Este pensamento de tornar-se qualificado para a dotação dos tesouros do Céu é aquele que deve agarrar as nossas mentes com força e clareza até que sermos motivados para o esforço mais diligente em conjunto com a graça de Deus. Este pensamento de aumento de capacidade é dito e repetido ao longo das Escrituras. Uma vez alertada a mente para a existência deste princípio, torna-se surpreendente para nós notar quão frequentemente ele é dito ou ilustrado na Palavra de Deus escrita.

Vede como o pensamento é expresso neste testemunho: "A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de tornar conhecido a Deus o que somos; mas sim para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele." *Aos Pés de Cristo*, 93.

Estas são palavras dignas da meditação sincera, pensativa, e consagrada. Como as nossas súplicas não mudam Deus no mais pequeno grau, elas não são apresentadas para Seu benefício, embora as orações da verdadeira, vida inteligente fé trazem alegria ao Seu grande coração de amor infinito. Mas o seu verdadeiro objectivo é "habilitar-nos a recebê-Lo."

Isto significa que existe uma relação directa entre a eficácia, frequência e constância das nossas súplicas e o nível da nossa capacidade de receber os dons do Céu. Aqueles que dobram os seus joelhos todas as manhãs por alguns momentos fugazes durante os quais

repetem o mesmo conjunto de palavras formais, não fazem qualquer progresso no desenvolvimento espiritual, mas descem em constante afundamento mais e mais na escala do desenvolvimento da qualificação.

Por outro lado, existem aqueles que entendem algum grau da verdade que não somos destinatários da graça de Deus apenas para ser salvos desta Terra amaldiçoada pelo pecado, mas estamos aqui até a nossa vida terrena terminar ou o Salvador venha, para ser cooperadores sempre cada vez mais eficientes e poderosos com os agentes celestes. Aptidão para este trabalho não é alcançada pela repentina obra de um milagre, sem esforço, mas pelo máximo exercício de todo o poder e talento à nossa disposição, enquanto numa comunhão cada vez mais íntima com Cristo enviamos as súplicas ao santuário celestial que nos transforma de um nível de proficiência para outro cada vez mais elevado.

Enquanto os homens e mulheres do mundo estão totalmente dedicados à aquisição de riqueza em busca de uma vida de facilidade e prazer, os dedicados filhos de Deus estão focados em conseguir a aptidão progressiva necessária para servir ao Senhor com coração indiviso. Estes são os que aprendem o poder da oração importuna, a comunhão que não faz nenhuma tentativa para mudar a Deus, mas efectivamente transforma o crente de glória em glória.

Temos de chegar ao lugar onde nós absolutamente despertos para a percepção de que “Todos os que se habilitam a ser úteis devem ser adestrados pela mais severa disciplina mental e moral; e Deus os ajudará, unindo o poder divino ao esforço humano.” *Patriarcas e Profetas*, 248.

Um excelente exemplo disto é dado na santificação de Moisés, que passou a maior parte dos primeiros quarenta anos de sua vida na corte egípcia, onde muito pouca se alguma virtude e moralidade podiam ser encontradas. Durante esse tempo ele estava a ser transformado em muitos aspectos da sua vida, não para o caminho do Senhor, mas para as filosofias dos sofisticados egípcios. Antes de poder realizar a missão para a qual tinha nascido, tinha que haver uma inversão completa da direcção em que estava a ser levado.

“Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influências que o haviam cercado no Egito — o amor de sua mãe adotiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o requinte, a subtileza e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idólatra, a solene grandiosidade da arquitetura e escultura — tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e carácter. O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus podiam remover estas impressões. Renunciar o erro e aceitar a verdade requeria da parte de Moisés mesmo uma luta tremenda; mas Deus seria seu auxiliador quando o conflito fosse demasiado severo para a força humana.” *Patriarcas e Profetas*, 248.

Aquelas eram de facto influências subtis e poderosas que tendiam a estabelecer as alterações nele que o desqualificavam para a obra da sua vida e por isso o afastava para longe do Senhor. Mencionado em primeiro lugar estava o amor de sua mãe adoptiva. Aqui estava uma mulher poderosa dedicada à religião e estilo de vida da nação mais poderosa e mais rica, naquele tempo, sobre a Terra. Ela amava Moisés profundamente e exerceu todas as influências poderosas desse intenso carinho para integrá-lo totalmente no seu modo de vida. O seu objectivo era levá-lo a esquecer a sua herança judaica e o Deus do seu povo, e tornar-se um egípcio em todos os sentidos da palavra.

Seria natural ele responder a esse amor e, assim, procurar agradecer-lhe em todas as coisas, mas, ao mesmo tempo, ele não poderia inteiramente esquecer que era da descendência de Abraão, embora estivesse há algumas gerações afastado do pai dos fiéis.

Portanto, convinha-lhe agir como se estivesse pronto para os filhos de Deus. Que conflito feroz deve ter-se travado dentro dele enquanto procurava ser fiel a Deus e, ao mesmo tempo, honrar a sua carinhosa mãe adoptiva!

Como o ocupante da posição elevada de filho do rei, ele terá sido obrigado a participar de funções civis e religiosas, e officiar em algumas delas. Sem dúvida, o seu coração não estava verdadeiramente nessas cerimónias, mas ele não poderia escapar totalmente dos efeitos de estar presente. Vestido com o vestuário mais rico, em pé ou sentado com o poderoso faraó, e honrado por todas as pessoas, era o suficiente para elevar seu coração com orgulho.

Nós hoje associamos Moisés, à humildade, pois dele está escrito: “E era o homem Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra.” *Números* 12:3.

No entanto, essas palavras não foram escritas a respeito dele enquanto era o filho do rei no Egipto, durante o qual ele não era o homem mais manso na face da Terra. Foi durante os quarenta anos de deserto onde “Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 251.

Se durante esse período ele *se tornou* paciente, reverente e humilde, deve ter sido impaciente, irreverente, e orgulhoso antes de entrar na nova fase da sua educação como pastor de ovelhas. Esses foram alguns dos resultados do tempo que passou como herdeiro do rei no país do Nilo.

O contexto e o ambiente em que esta escolaridade teve lugar também eram muito propícios à impaciência, irreverência, e orgulho. Pensai na influência insidiosa e poder persuasivo da falsa religião, a mensagem omnipresente de que é a supremacia do homem, que controla todas as coisas de acordo com a sua vontade e propósito, de modo que mesmo os deuses lhe são obedientes. Se alguém duvidar da “verdade” a respeito disto, tem apenas que contemplar a evidência dos maravilhosos feitos da super raça. “... a solene grandiosidade da arquitetura e escultura” continuamente e convincentemente argumentou quão grande era a nação que podia conceber homens tão dotados, e executar tais maravilhas da construção. Era impossível aos egípcios olharem para estes massivos monumentos às suas extraordinárias capacidades sem experimentarem o conforto da certeza que o Egipto era um reino imortal que nunca passaria.

Imerso neste ambiente, continuamente cercado por estes argumentos convincentes e aparentemente irrefutáveis, e participante das actividades no coração de um sistema idólatra, Moisés foi moldado até certo ponto e necessitava muito de ser transformado à imagem do seu Criador antes que ele pudesse realizar o trabalho da sua vida.

É bastante fácil entender como poderia Moisés ser como foi influenciado por esses factores. Muito recentemente estava eu no meio dos novos desenvolvimentos de Darling Harbour nas imediações do porto de Sydney. A área, anteriormente coberta com edifícios antigos, armazéns envelhecidos, uma beira-mar feia e escritórios sombrios, tinha sido transformada numa vitrina de cimento maciço e vidro brilhante para comemorar o fim dos primeiros duzentos anos de colonização europeia na Austrália. Era uma maravilha contemplar, uma obra-prima da capacidade e engenharia humana, a qual não se podia observar sem sentir que tudo isso tinha vindo para ficar, que o homem era realmente o mestre do seu ambiente, e poderia moldar com segurança o seu próprio destino.

O efeito foi intensificado pelas sólidas, mas graciosas rodovias curvando por cima, e, do outro lado da água, o aglomerado de imponentes edifícios de escritórios que marcavam o centro de Sydney. Fiquei espantado com o desenvolvimento que a cidade tinha tido desde a última vez que vi daquele ponto de vista. Edifício após edifício tinha sido elevado até às

nuvens. Havia cimento, aço e estruturas de vidro de alturas vertiginosas. Era uma visão impressionante.

Enquanto lá estava os meus pensamentos voltaram-se para Moisés no Egito, e então comecei a analisar-me para ver que sentimentos se formavam em mim ao contemplar a cena diante de mim. Rapidamente percebi que eu tendia a sentir-me confortável, confiante, e seguro no meio de tudo aquilo, e entendi como esses mesmos sentimentos tenderiam a crescer em Moisés enquanto dia a dia viveu continuamente, trabalhou e brincou no meio dos gloriosos produtos da habilidade do homem.

Os meus pensamentos viraram-se, então, para os princípios de operação do governo de Deus que é o único a ter a capacidade da imortalidade, e para as advertências das Escrituras tão frequentemente repetidas que não importa quão sólidos são os fundamentos, ou bem construídos os edifícios, acabarão por passar num momento quando chega a hora. Aquele que investe o seu futuro na segurança que os homens constroem, desmoronarão com eles quando vierem abaixo.

No caso de Moisés, “o tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus...” removeu essas impressões, mas “. . . renunciar o erro e aceitar a verdade requeria da parte de Moisés mesmo uma luta tremenda. . .” *Patriarcas e Profetas*, 248.

Levou tempo – quarenta longos anos – para produzir em Moisés as mudanças necessárias para o qualificar como o homem para conduzir Israel do Egito para a Terra Prometida. O tempo é algo que achamos difícil de suportar. Todos os nossos dias na mensagem do advento foram vividos na esperança e expectativa do regresso imediato do Rei vindouro. Mas Ele ainda não retornou, e a Terra amaldiçoada pelo pecado corre no seu agonizante caminho para o destino certo da autodestruição.

Porque é que Ele não vem? Porque é que ele tarda tanto tempo, enquanto um incontável número de santos esperam sob o poder da morte depositados nos seus túmulos?

É porque ainda não alcançámos as profundas mudanças que têm de ocorrer em cada um de nós, antes que estejamos aptos e capazes de receber a chuva serôdia. Levou quarenta anos do mais intenso exame e mudança da alma antes de Moisés emergir pronto para o seu trabalho. De alguma forma, ele viu a necessidade de ser ele a mudar e não Deus, e lançou-se ao trabalho para conseguir isto com uma dedicação que não aceitaria nada menos do que o melhor.

Um dos grandes problemas da parte dos crentes no início do advento que contribuiu muito significativamente para irem mergulhando permanentemente na condição de Laodiceia, foi a sua indisposição para aceitar o facto de que levaria tempo para a mensagem de Laodiceia fazer o seu trabalho, mesmo apesar de lhes ter sido claramente dito pelo Senhor que levaria tempo e que a obra não poderia ser realizada em poucos meses, como a seguinte declaração, escrita em 1859, mostra:

“Foi-me mostrado que o testemunho aos laodiceanos se aplica ao povo de Deus no tempo presente, e a razão por que não realizou uma obra muito maior é a dureza de coração. Mas Deus deu à mensagem tempo para realizar sua obra. O coração precisa ser purificado dos pecados que por tanto tempo excluem a Jesus. Essa terrível mensagem fará sua obra. Quando foi primeiramente apresentada, conduziu a um íntimo exame do coração. Os pecados foram confessados e em todos os lugares o povo de Deus foi sacudido. Quase todos creram que essa mensagem concluiria o alto clamor do terceiro anjo. Mas como o povo não viu a poderosa obra concluída em um curto espaço de tempo, muitos perderam o efeito da mensagem. Vi que essa mensagem não poderia cumprir seu propósito em uns poucos meses. Ela estava destinada a despertar o povo de Deus, a denunciar-lhes a apostasia e levá-los a um zeloso arrependimento, a fim de que muitos

pudessem ser favorecidos com a presença de Jesus e estarem preparados para o alto clamor do terceiro anjo. Como esta mensagem atingiu o coração, levou o povo à profunda humilhação diante de Deus. Os anjos foram enviados em todas as direções a fim de preparar os descrentes para receberem a verdade. A causa de Deus começou a crescer e Seu povo estava ciente de sua posição. Se o conselho da Testemunha Verdadeira houvesse sido totalmente atendido, Deus teria atuado através de Seu povo com grande poder. Entretanto, os esforços feitos desde que a mensagem começou a ser dada, foram abençoados por Deus e muitas pessoas foram conduzidas do erro e trevas à alegria da verdade.” *Testimonies for the Church* 1:186.

Os crentes no advento que compunham a igreja quando estas palavras de aconselhamento foram dadas pelo Senhor, perderam a sua oportunidade de ser equipados para trasladação, porque não estavam preparados, como estava Moisés, para passar cada momento do seu tempo em cada vez maior transformação à semelhança de Cristo. Em vez disso, nós apreciamos a ideia de que o Senhor está a chegar muito em breve, e tudo o que temos a fazer é ter atenção até Ele vir. Este é um erro potencialmente fatal. De uma forma ou de outra o Senhor tem de conseguir despertar-nos do estado de torpor, e galvanizar-nos para o trabalho intenso de pesquisar e afligir a alma que produzirá em nós orações destinadas a mudar-nos a nós e não a Deus.

Não há um momento a perder. Temos de perceber com clareza assustadora que, enquanto a obra estiver em andamento, não há tempo a perder. Cada momento que nos resta é carregado de consequências eternas, e cada candidato à trasladação deve organizar o tempo disponível para si, de modo a extrair o máximo de vantagem na luta para mudar do que somos para o que precisamos ser.

Fazei um estudo de como as horas do vosso dia são gastas. Em seguida, começai uma obra de eliminação disciplinada de tudo o que é prejudicial para o todo-importante trabalho de preparação da alma, seguido pelo afastamento de tudo o que é suficientemente bom em si mesmo, mas não faz nenhuma contribuição benéfica para o objectivo de ser totalmente equipado para receber a chuva serôdia.

Vai ser um povo de qualificações extraordinárias aquele, por meio de quem o Senhor vai terminar a obra, mas ninguém chegará a esse ponto alto de competência por milagre instantâneo da graça divina. Ele vai subir até o nível requerido de capacidade pela combinação de seu próprio esforço intensamente diligente e a habilitadora graça de Deus. A maioria, se não todos nós ainda temos que aprender o que a palavra “diligente” significa quando usada neste contexto. Nós ainda não compreendemos o que significa ser verdadeiramente disciplinados, colocar todo o poder físico, mental e espiritual em expansão. Chegou o tempo de virarmos absolutamente as costas ao mundo e seus tesouros, e voltar os nossos rostos totalmente na direcção do reino. Permitti que cada oração que respirais vos transforme. Suplicai ao Senhor para vos revelar quais as mudanças que precisais fazer, e, em seguida, lançai mão da Sua graça para as concretizar.

“O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião. Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm buscado a Deus com contrição de alma, com intenso anelo, até que toda faculdade se encontre em sua máxima tensão!

Quando ondas de desespero que linguagem alguma pode exprimir assoberbam os que fazem suas súplicas, quão poucos se apegam com fé inquebrantável às promessas de Deus!" *O Grande Conflito*, 621.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 24

Quando ganhamos uma compreensão exacta das alturas a que teremos de chegar antes de ter a capacidade de receber a chuva serôdia, começaremos a perceber o quão longe ainda estamos do padrão exigido. Ao mesmo tempo, estaremos cientes de quão dolorosamente lentos somos em aprender as lições que devem ser bem conhecidas antes de conseguir a aptidão necessária para receber o Espírito Santo na Sua plenitude, e, assim, proclamar o alto clamor.

Quando compreendermos essas coisas, não ficaremos consternados por causa do tempo que isso vai durar, nem nos queixaremos da situação. Em vez disso, seremos muito, muito gratos pelo Senhor providenciar todo o tempo necessário. Mas, quanto tempo será que temos realmente? Ninguém sabe ao certo, mas os sinais de multiplicação anunciam o muito iminente aparecimento do Rei vindouro. O nosso Salvador em breve aparecerá para libertar o Seu povo e levá-los para o lar. Grandes mudanças terão de ser realizadas dentro de nós num período extremamente curto. O que levou quarenta anos para ser realizado em Moisés, terá de ser feito em nós num período muito curto de tempo. Não temos um minuto a perder, mas será necessário cada momento que falta para a preparação para o evento.

A hora da oportunidade passará mais cedo do que se espera como se verifica pela experiência das dez virgens. Quando o noivo não apareceu no início da noite, elas não esperaram que ele viesse antes da manhã seguinte. Então, para surpresa sua e falta de preparação eterna da maioria delas ele chegou à meia-noite, muito antes do novo dia em que elas o esperavam. A mensagem, não deve ser ignorada, é que não devemos contar com o tempo que pensamos ainda estar disponível para a nossa preparação, quando na verdade ele não existe.

Estas mudanças que têm de ser feitas para qualificar-nos para o que está a chegar, não são realizadas automaticamente. Deus não tira nada de nós, nem implanta atributos em nós, e efectua qualquer mudança de carácter, atitudes e pensamentos sem o nosso

conhecimento, consentimento e participação activa. Devemos examinar as nossas almas através do ministério do Espírito Santo e da Palavra inspirada, para descobrir cada coisa, não importa quão aparentemente insignificante possa ser, que seja diferente de Cristo e não reflecta verdadeiramente os princípios divinos.

Esta obra foi ensinada no serviço do santuário típico quando, durante os dez dias que antecediam o grande dia da expiação, toda a congregação era obrigada a afligir a alma e fazer com que cada pecado fosse enviado para o santuário antes do solene dia de julgamento.

Não havia frivolidade durante esse período. Pelo contrário, penetrava no acampamento um sentimento de grande urgência, profunda seriedade, e temor de não completar o trabalho de preparação dentro do prazo estipulado. Eles mostravam que entendiam a importância solene das palavras:

“Mas aos dez dias desse sétimo mês será o dia da expiação; tereis santa convocação, e afligireis as vossas almas; e oferecereis oferta queimada ao Senhor.

“E naquele mesmo dia nenhum trabalho fareis, porque é o dia da expiação, para fazer expiação por vós perante o Senhor vosso Deus.

“Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo.

“Também toda a alma, que naquele mesmo dia fizer algum trabalho, eu a destruirei do meio do seu povo.” *Levítico 23:27-30*.

A ameaçadora separação não admitia apelo. Aqueles que não afligissem as suas almas eram separados para sempre do acampamento. Nunca mais poderiam voltar enquanto vivessem. Assim negados do ministério do santuário, como o tipo do ministério celestial, eles eram cortados das disposições da salvação e estavam eternamente perdidos.

Era ainda pior para eles, se trabalhassem naquele dia. Eram então destruídos.

Estas podem parecer penas duras, mas não havia nenhuma desculpa face à severidade e clareza do aviso dado. Mais importante, porém, as penalidades tinham de ser um tipo exacto do que vai acontecer, quando o grande dia final da expiação tratar os casos dos mortos, e depois dos vivos. Quando essa obra estiver concluída, o tempo de prova terá terminado para sempre. Então, como era no tipo no Antigo Testamento, aqueles que têm desperdiçado as suas horas de oportunidade sem garantirem terem reunido as condições para a recepção da chuva serôdia, a batalha contra a besta e a sua imagem, e expiação final, encontrar-se-ão para sempre separados do Senhor e do Seu povo. Não haverá qualquer caminho de volta então.

Nem pode ser de outra maneira. Eles têm desprezado as disposições da graça do Senhor, e, assim, se colocaram onde não podem voltar. Esta é a sua própria acção, não a do Senhor. Ele tê-los-ia salvo se tivessem estado dispostos a aceitar as disposições da Sua abundante graça, mas não, eles próprios escolheram a separação eterna.

Paulo foi um dos que perceberam a necessidade de pôr de lado todo o interesse e actividade desnecessários, e concentração na tarefa suprema de obter a aptidão para participar na obra do Senhor e tomar o seu lugar no reino vindouro. A sua grande ansiedade era os crentes do seu tempo serem semelhantemente levados a ver o mesmo e entenderem até onde eles próprios deviam ir a fim de obter a coroa que nunca passará. É ainda mais necessário para nós aplicar esses mesmos requisitos rigorosos para a nossa preparação presente hoje. Ponderai cuidadosamente nos parágrafos seguintes para ver se a preparação que estamos a fazer está à altura das especificações do Senhor:

“Na esperança de imprimir vividamente no espírito dos crentes coríntios a importância do firme autocontrole, estrita temperança e persistente zelo no serviço de Cristo, Paulo em sua carta a eles faz destacada comparação entre a milícia cristã e as celebradas maratonas que se realizavam em intervalos fixos, próximo de Corinto. De todos os jogos

instituídos entre os gregos e romanos, era a maratona a mais antiga e mais altamente considerada. A ela assistiam reis, nobres e governadores. Jovens fortes e sadios nela tomavam parte, e não se excluía de qualquer esforço ou disciplina necessária para alcançar o prêmio.

“As competições eram regidas por regulamentos escritos, dos quais não havia apelação. Os que desejavam ter seu nome inscrito como competidor ao prêmio, tinham que primeiro submeter-se a severo treino preparatório. Prejudicial condescendência com o apetite, ou qualquer outra concessão que pudesse diminuir o vigor físico ou mental, eram estritamente proibidas. Para alguém ter alguma esperança de sucesso nessas competições de força e velocidade, os músculos tinham de ser fortes e flexíveis e os nervos estar sob controle. Cada movimento tinha de ser exato, cada passo rápido e bem orientado; as faculdades físicas precisavam alcançar o mais alto ponto.

“Enquanto os concorrentes na corrida se apresentavam perante a multidão expectante, seus nomes eram anunciados e as regras da corrida claramente expostas. Então, todos davam juntos a largada, sob a atenção fixa dos espectadores que lhes inspiravam a determinação de vencer. Os juízes assentavam-se próximo à meta final, para que pudessem observar a corrida do início ao fim, e dar o prêmio ao verdadeiro vencedor. Se um corredor alcançava o alvo primeiro, através de alguma vantagem ilegal, não tinha direito ao prêmio.

“Nessas competições havia grandes riscos. Alguns jamais se refaziam do terrível esforço físico. Não era incomum pessoas caírem no percurso, sangrando pela boca e nariz, e algumas vezes um competidor caía morto quando estava para alcançar o prêmio. Mas a possibilidade de dano para o resto da vida, ou a própria morte, não eram olhados como risco grande demais por amor da honra reservada ao vencedor.

“Quando o vencedor alcançava o alvo, os aplausos da vasta multidão de espectadores vibravam pelos ares e despertavam o eco das montanhas e morros circunvizinhos. Sob as vistas dos assistentes, o juiz presenteava-o com os emblemas da vitória — uma coroa de louros e um ramo de palma que o atleta levava na mão direita. Sua glória era cantada através da Terra; seus pais recebiam sua parte na honra; e a própria cidade na qual vivia era tida em grande estima por haver produzido tão grande atleta.

“Referindo-se a essas corridas como uma figura da milícia cristã, Paulo deu ênfase à preparação necessária para o sucesso dos contendores na maratona — a disciplina preliminar, o regime de abstenção alimentar, a necessidade de temperança. ‘E todo aquele que luta’, declarou Paulo, ‘de tudo se abstém’. 1 Coríntios 9:25. Os corredores punham de lado toda a condescendência que tendesse a diminuir-lhes as faculdades físicas, e mediante severa e contínua disciplina, treinavam os músculos para se tornarem fortes e resistentes, para que, ao chegar o dia da competição, pudessem exigir de suas forças o máximo de rendimento. Quão mais importante é que o cristão, cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir que seja sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob a mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensinamentos da Palavra de Deus e guiada por Seu Espírito, tem de assumir o controle.

“E havendo feito isso, precisa o cristão esforçar-se ao máximo para alcançar a vitória. Nos jogos coríntios, as passadas finais dos competidores eram dadas sob agonizante esforço para conservar a velocidade. Assim o cristão, ao aproximar-se do alvo, prosseguirá com ainda maior zelo e determinação que no início da carreira.

“Paulo apresenta a diferença entre a coroa perecível de louros recebida pelo vencedor nas corridas, e a imortal coroa de glória que será dada ao que corre vitoriosamente a

carreira cristã. 'Eles o fazem', declara, 'para alcançar uma coroa corruptível'. 1 Coríntios 9:25. Para alcançar um prêmio perecível, os corredores gregos não fugiam a qualquer esforço ou disciplina." *Atos dos Apóstolos*, 309-312.

Para alguns, esta luta intensa à qual o Senhor chama, pode parecer uma contradição da bela verdade que o evangelho é livre. É levantada nas suas mentes questão: "Se a salvação foi ganha no Calvário, e, portanto, é-nos dada como o dom gratuito de Deus, por que temos de lutar tão intensamente para assegurar a coroa da vitória?"

Não há dúvida sobre a salvação ser o dom gratuito de Deus. "Porque o salário do pecado é a morte, mas o *dom gratuito de Deus* é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor." *Romanos* 6:23.

"Mas graças a Deus que *nos dá* a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo." *1 Coríntios* 15:57.

"Daí em diante os seguidores de Cristo haviam de olhar a Satanás como inimigo vencido. Na cruz havia de alcançar a vitória *por eles*; essa vitória queria Jesus que *aceitassem como deles mesmos*." *O Desejado de Todas as Nações*, 490.

Então, Jesus lutou e ganhou a competição mortal com o diabo e seus companheiros. Ele ganhou a vitória e, assim, reduziu o inimigo a um inimigo vencido para sempre. Agora é o desejo do Salvador que o aceitemos e, portanto, possuamos a vitória para que nunca saíamos para vencer o maligno. Em vez disso, recebemos a vitória como um dom, em seguida, com ele firmemente na nossa posse, vamos ao encontro de um inimigo já derrotado.

Nunca vos esqueçais que a paz é "vossa necessidade — o perdão, a paz e o amor celestes em vossa alma. O dinheiro não a pode comprar, não a consegue a inteligência, nem a sabedoria a alcança. *Mas Deus vo-la oferece como um dom*, 'sem dinheiro e sem preço'. Isaiás 55:1. Ela vos pertence: basta que estendais a mão e a apanheis." *Aos Pés de Cristo*, 49.

Então, porque é que o crente deve exercer todo o poder do seu ser até ao limite total em cada dia, a fim de obter a vida eterna?

Deve admitir-se que parece haver aqui uma contradição, mas alguns momentos de reflexão mostrará que isso não é assim. Uma vez feita a distinção entre o recebimento do dom e o desenvolvimento do mesmo, desaparece a dificuldade. No novo nascimento, o crente recebe o dom da nova vida que não pode ser recebida de qualquer outra forma. Ela não pode ser conquistada, comprada, roubada, ou adquirida senão como uma oferta totalmente livre.

Mas, apesar de recebermos a plenitude do dom, ele é-nos concedido no seu estado não desenvolvido. Ele é como um bebé recém-nascido, em quem estão potenciais maravilhosos que aguardam a oportunidade para crescer e florescer até à maturidade.

Não deve haver a menor dificuldade em compreender isso, pois é a maneira pela qual o Criador onisciente sempre funciona. Ele dá o dom; nós trabalhamos com Ele para desenvolver os dons aos seus mais altos níveis possíveis de utilidade. Vemos exemplos disso ao nosso redor todos os dias.

Por exemplo, Deus poderia fornecer-nos pão quente para as nossas mesas, juntamente com frutas amadurecidas pelo sol e legumes saborosamente cozidos. Ele poderia fazer o papel de um benevolente comerciante beneficiando toda a família humana gratuitamente. Da mesma forma, Ele poderia fornecer casas encantadoras para cada pessoa viver, e assim por diante.

Mas, na Sua profunda e inquestionável sabedoria, Ele não funciona dessa maneira, excepto em circunstâncias especiais, como quando Cristo alimentou as multidões, e quando o maná foi fornecido no deserto durante os quais seus sapatos e roupas nunca se

desgastaram. Mas, mesmo nessa altura, os israelitas não acordavam de manhã e encontravam na sua mesa a comida no prato. Pelo menos eles tinham de sair para a recolher.

Da mesma forma, quando o Salvador alimentou a multidão, a comida não apareceu milagrosamente nas mãos do povo. Os discípulos, como coobreiros de Cristo, recebiam a comida das mãos d'Ele, e trabalharam muito para a distribuir por toda a grande multidão. Basta pensar quanto tempo levaria doze homens para distribuir refeições a cinco mil homens entre os quais havia mulheres e crianças.

Na situação normal em que a humanidade em geral se encontra, Deus, na forma de um dom absolutamente gratuito, colocou nas mãos do homem todas as matérias-primas necessárias para o desenvolvimento de tudo o que ele precisa. Considerai a sua necessidade de alimento. Deus deu a terra e as árvores e as plantas que crescem nela, mas é o homem quem deve estudar as provisões feitas para ele. Ele tem que limpar o terreno, colocar uma cerca para os animais não o privarem dos frutos do seu trabalho, e é ele quem deve arar o solo e plantar a semente. Ele tem de esperar que o grão a cresça, colhê-lo no momento certo, debulhar e peneirar, moê-lo para fazer a farinha e cozê-lo no forno. Tudo isso representa uma tremenda quantidade de trabalho por parte do agricultor, mas isso tem de ser feito ou morrerá de fome.

Da mesma forma, o homem utiliza os dons de Deus, como a madeira das altaneiras árvores e os metais do solo, para construir as suas casas e equipar-se com máquinas.

Aquilo que é verdadeiro no mundo material é igualmente verdade no espiritual. Nós não surgimos no novo nascimento num estado de desenvolvimento final e completo. Temos de crescer nesse sentido durante um período de tempo. Na verdade, em toda a eternidade não vai esgotar-se a busca de desenvolvimento absoluto ou infinito. Somente Deus tem ou alguma vez terá esse nível.

Mas, ninguém sinta que, por causa de nunca alcançar o desenvolvimento infinito, não há nenhum ponto em que se esforça para conseguir tudo o que pode ser desenvolvido em si. As riquezas a receber em cada passo são tão grandes que o verdadeiro filho de Deus, tendo uma vez provado dessas coisas boas, procurará sempre mais e mais dessas bênçãos incríveis.

O princípio envolvido aqui é bem ilustrado na vida de um bebé recém-nascido. Algum dia, as suas capacidades ocultas se tornarão capacidades activas e produtivas. Mas, enquanto recém-nascido, ele é absolutamente incapaz de desempenhar todas as posições activas e, se ele nunca se desenvolvesse para além das suas capacidades como eram quando nasceu, nunca estaria qualificado para preencher qualquer posição na vida. Entre o nascimento e o dia em que será reconhecido como um grande empreendedor, tem de haver uma quantidade imensa de educação, treino e desenvolvimento.

Esta classe de pessoas, isto é, os poucos que se tornam verdadeiramente grandes empreendedores, são vistos labutando, enquanto os seus contemporâneos menos responsáveis dormem ou jogam. Eles não perdem as preciosas horas a entreterem-se, nem abordam o seu treino com descuidada casualidade. Eles vivem com objectivos definidos e põem em vigorosa actividade todos os poderes da mente e do corpo.

Assim deve ser com o cristão. Ele recebeu o dom da vida eterna, e, como resultado é apenas uma bela criança em quem reside a presença de Cristo. Mas, nesta fase, ele é totalmente incapaz de travar e vencer as terríveis batalhas na sua frente e vencer antes do final chegar. Segue-se o trabalho vital de reforma que é uma combinação de duas coisas – A limpeza de cada mau traço, atitude, disposição, e o pecado ainda persistente na carne, e o avanço constante do mais baixo para os mais alto nível de virtude espiritual e intelectual.

É quando os homens obtêm alguma consciência do que aguarda os empreendedores, que se inspiram para subir aos mais altos níveis tão rapidamente quanto puderem. Sendo verdadeiros e humildes cristãos, não procuram tornar-se os líderes e não apenas a arrastada cauda para satisfação pessoal do orgulho e ambição profana. Eles estão carregados com o fardo das almas, e é para a salvação dos perdidos e glória de Deus que procuram cada qualificação adicional necessária para este ministério maravilhoso.

Para ajudar ainda mais na apreciação desta necessidade de desenvolver todas as capacidades tão rápido e tão alto quanto possível, colocai-vos nas posições dos grandes homens da Bíblia que alcançaram esplêndidas vitórias para Deus. Considerai o confronto entre Elias, de um lado, e o rei com o apoio dos sacerdotes de Baal, exército, e o povo do outro. “Foi porque Elias era um homem de grande fé que Deus pôde usá-lo nesta grave crise na história de Israel.” *Profetas e Reis*, 156.

Por outras palavras, Elias, pela graça de Deus e pelos seus próprios esforços diligentes tinha desenvolvido uma capacidade muito elevada de poder espiritual, habilidade, sabedoria e resistência. Isto permitiu-lhe resistir com sucesso contra as hostes das trevas e da morte.

Contudo, ele não chegou a este elevado nível de excelência num único dia, ou através de algum dom miraculoso instantaneamente transmitido. Mesmo antes dele aparecer na corte do rei Acabe, tinha cultivado o mais diligentemente possível cada dom espiritual que o Senhor havia dado até obter a preparação e o poder espiritual para estar diante do monarca apóstata e da sua corte de homens maus.

Esse poderoso acontecimento não poderia ter sido realizado sem o grande dom do Espírito Santo ter sido dado ao profeta. Foi um resultado bastante notável entrar incontestavelmente e sem impedimentos na própria presença do déspota e fortemente vigiado, Acabe, entregar uma mensagem impressionante de Deus, e afastar-se tão repentinamente como tinha chegado. Era necessário Elias ter desenvolvido um nível muito elevado de capacidade espiritual, a fim de realizar tal missão.

Todavia, o seu nível de capacidade era inadequada para a gestão da crise no Monte Carmelo. Mas, ele certamente teve tempo para adicionar trabalho preparatório adicional que o preparou para ser bem-sucedido instrumento de Deus para a vitória obtida naquele dia.

Entre seu aparecimento abrupto perante o rei na sua corte, e o confronto no Monte Carmelo, Elias passou grande parte dos anos de seca junto ao ribeiro de Querite. Ele não gastou o tempo na ociosidade, como muito bem poderia ter feito. Não havia nada para fazer quanto ao sustento da sua vida física. Todos os dias, as refeições eram transportadas pelos corvos, o ribeiro fornecia o seu abastecimento de água até que secou completamente, e não havendo orvalho, ele não precisava de abrigo durante a noite.

É triste dizer, que a natureza humana não tem a disposição natural para desejar mais do que a necessidade do momento. Se a necessidade se torna grande e premente, a natureza humana pode mover-se magnificamente para a ocasião, e realizar proezas de valor, heroísmo, perseverança e sacrifício.

Por outro lado, quando não há ameaça a enfrentar, a humanidade tende a não fazer mais do que é obrigada. Em vez de olhar em frente, avaliar o melhor que pode ser feito, o que o futuro vai exigir, e, em seguida, pôr em movimento os poderes em desenvolvimento máximo para não ser apanhado sem preparação, tem a tendência para parar e aproveitar a vida entretanto. Apesar dos avisos nas Escrituras pelos quais somos informados através de ilustrações muito detalhadas daquilo que o futuro nos reserva, a maioria vai ser apanhada sem preparação. Nenhuma outra representação é mais elucidativa do que a das

virgens loucas, que se prepararam apenas para as necessidades presentes e não se preocuparam com a crise que estava para estourar em cima delas.

Elias certamente não era virgem louca. Podemos ter certeza de que esses meses junto ao ribeiro foram gastos em alimentação na palavra de Deus, meditação, oração, e exame da sua vida a fim de descobrir qualquer atitude, pensamento, disposição, desejo, ou outra coisa que diminuísse ou lhe cortasse totalmente os canais das bênçãos para ele. Essas orações eram do tipo que o mudavam mais e mais à semelhança de Cristo.

O homem de Deus não gastou os meses solitários na ociosidade. Ele ter-se-á levantado muito cedo todas as manhãs para saudar e tirar o máximo proveito do dia pela frente. Eu acredito que este servo do Altíssimo altamente disciplinado não abrandou na sua determinação dedicada para se certificar de que todos os dias estava a alcançar um nível mais alto. Os resultados foram verdadeiramente notáveis como se revelou no Monte Carmelo.

Na vossa imaginação, em seguida, imaginai-vos numa posição na corte do rei, mas sem um amigo lá. Será que vos sentiríeis confiantes de que, como estais agora, tendes desenvolvida a capacidade de entregar aquela mensagem ao rei? Poderíeis responder dizendo que, se estivésseis tão cheio do Espírito Santo como ele estava, então entregaríeis.

Ninguém iria questionar esta resposta, excepto que ela não responde à questão que pergunta se tivésseis neste momento que ir ao lugar onde realmente teríeis recebido a capacidade protegidos por Deus para entrar onde Elias entrou e falar como ele falou.

Em seguida, colocai-vos na posição de Elias no Monte Carmelo. Podeis ver-vos com as suas capacidades desenvolvidas ao ponto onde o Senhor vos poderia usar de forma tão eficaz como usou o profeta do passado? Se não podemos ver a capacidade em nós mesmos para permanecer firmes durante essas batalhas terríveis, devemos ser despertados para perceber que o tempo que nos foi dado para nos prepararmos é uma provisão de valor inestimável para aqueles que buscam qualificar-se para receber o derramamento do Espírito Santo no poder da chuva serôdia. Não há tempo a desperdiçar nem a perder se quisermos tornar o nosso chamamento e eleição seguros.

Há grande valor em fazer tais avaliações, pois elas são os meios para nos revelar a nossa grande necessidade e, portanto, quão tremendamente deficitário é aquilo que temos para fazer em tão pouco tempo. No entanto, isso levará tempo. Devemos aceitar isso e não desanimar se o tempo parece passar com agonizante lentidão e o avanço parece muito pouco. À medida que lutamos para superar, o Espírito Santo e os anjos celestes estão lá para fortalecer, para dirigir, e para dotar o crente com o poder do alto.

Que ninguém cometa o erro de esperar que Deus faça por nós o que devemos fazer por nós mesmos.

“Muitos jamais atingem a posição que poderiam ocupar, porque esperam que Deus faça por eles aquilo que Ele lhes deu poder para fazerem por si mesmos.” *Patriarcas e Profetas*, 248.

Surgirá, naturalmente, a questão quanto ao que Deus deu ao homem para fazer por si, e que Ele não vai fazer.

O nosso trabalho principal é escolher o caminho do Senhor e colocar em acção o grande poder da vontade. Depois, uma vez tomadas as decisões, devemos de forma positiva implementá-las com todos os procedimentos ao nosso dispor juntamente com o abençoado ministério do Espírito Santo. Temos que organizar o nosso tempo de modo a gastarmos horas suficientes do dia em oração e estudo, uma obra que o Senhor não fará por nós. Temos que aprender e praticar a verdadeira temperança e devemos aprender a reconhecer os maus hábitos, mesmo nas suas formas mais subtis, e, em seguida, entregá-

los ao Salvador para obter a Sua vitória sobre eles. Devia haver pouca dificuldade em discernir qual é a parte de Deus e por outro lado a nossa.

O trabalho a fazer será feito apenas por aqueles que impõem a si próprios a mais severa disciplina mental, moral e física. Isto não pode ser feito por mais ninguém senão por eles próprios. A cada um é pedido colocar-se a si mesmo sob controlo. No reino de Deus, não há força ou compulsão. A única disciplina encontrada no novo mundo por vir, nas cortes celestiais hoje, e no verdadeiro crente em Jesus, é autodisciplina. Cada candidato à vida eterna deve tomar este trabalho nas suas próprias mãos, porque mais ninguém pode fazer isso por ele.

No caso de Moisés, foi preciso tempo para apagar os efeitos da educação defeituosa recebida no Egito, mas o trabalho foi completo e bem-sucedido. Da mesma maneira somos avisados que a mensagem curadora de Laodiceia também levará tempo para realizar o seu trabalho. Portanto, temos de estar preparados para isso, e não desanimar e baixando a intensidade nesta obra vital.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 25

No estudo das orações que mudam as pessoas, temos estado a olhar para a luta incrível de Moisés para conseguir em si mesmo as mudanças daquilo que o Egípto lhe tinha feito, num homem aceitável para o serviço do Senhor. Ele que tinha sido impaciente, irreverente e orgulhoso, teve que ser transformado num homem que era... “paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 251.

Para alcançar esta transformação admirável, foi necessário “O tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus.” *Patriarcas e Profetas*, 248.

Já demos alguma consideração ao factor tempo para efectuar essa mudança. Agora devemos voltar a nossa atenção para o próximo factor – a mudança de ambiente. Para obter isto, o então futuro guia dos israelitas foi removido do Egípto, de onde fugiu para a terra de Midiã, onde passou os quarenta anos seguintes.

Que mudança de ambiente era essa! No Egípto, como filho e herdeiro do faraó reinante, ele viveu no que terá sido a melhor e mais luxuosa casa da Terra. A vista do exterior das suas janelas seria impressionantes obeliscos imponentes, edifícios enormes e casas majestosas. Ao redor dele estavam testemunhos convincentes do poder e capacidade dos homens, incessantemente argumentando que a humanidade poderia passar muito bem sem Jeová. O Faraó deverá ter colocado este sentimento em palavras quando Moisés regressou dos seus quarenta anos de ausência do Egípto.

“Mas Faraó disse: Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel.” *Êxodo* 5:2.

Os egípcios eram poderosos, orgulhosos e auto-suficientes. Eles sentiram que eram senhores da Terra e não tinham qualquer necessidade de Deus. Por isso, desafiaram o Deus do Céu e mergulhou nas profundezas mais profundas da rebelião contra o Altíssimo. Durante séculos, quando a ira de um Deus ofendido foi misericordiosamente mantida em

contenção, enquanto ao mesmo tempo os egípcios aumentavam em prosperidade, sabedoria, cultura e poder, perderam todo o medo das consequências do pecado e da autoridade do Todo-Poderoso.

Para os israelitas escravizados, Deus parecia ter-Se esquecido deles, ou, devem ter-se perguntado, se o poder dos seus opressores era tão grande que o Senhor não podia libertar o Seu povo? Foi um período de terrível sofrimento, desespero, escuridão, miséria e morte para os hebreus. Multidões deles nasceram na escravidão, e viveram a sua vida inteira sem ser libertados. Não admira que os seus senhores se gabassem da sua superioridade sobre Jeová, e O desrespeitassem.

Esta foi a atmosfera em que Moisés foi criado, e, embora ele sempre recusasse a negar o Deus dos seus pais hebreus, o seu ambiente tinha algum efeito sobre o seu carácter. Sabemos disso porque está escrito: “Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influências que o haviam cercado no Egito — o amor de sua mãe adotiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o requinte, a subtileza e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idólatra, a solene grandiosidade da arquitetura e escultura — tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e carácter.” *Patriarcas e Profetas*, 248.

O facto de Moisés ser influenciado pelo ambiente que o rodeava não é de admirar, mas, o facto de ter sido não é prova de que tinha de ser. É compreensível que tenha sido influenciado, no entanto, não tem desculpa. José tinha feito o mesmo caminho antes dele e tinha-se tornado realmente “... governador sobre toda a terra do Egito.” *Patriarcas e Profetas*, 222.

Como Moisés, ele esteve separado do povo de Deus durante muitos anos, e, apesar de ambos terem conseguido ganhar almas para o evangelho, caminharam muito sozinhos. Não conheço registo de algum deles ter sido abençoado com a conversão dos seus companheiros, mas seria muito improvável eles não terem sucesso neste campo.

Vamos, então, considerar o peso da tentação que repousava sobre José todos os dias, para que possamos entender melhor o que ele e Moisés tiveram de suportar. Acerca de José está registado:

“Fê-lo senhor da sua casa, e governador de toda a sua fazenda; para, a seu gosto, sujeitar os seus príncipes, e instruir os seus anciãos’. Salmos 105:21, 22. Do calabouço José foi elevado a governador sobre toda a terra do Egito. Era uma posição de alta honra, e, contudo, assediada de dificuldades e perigo. Ninguém pode ficar a uma elevada altura, isento de perigo. Assim como a tempestade deixa ilesa a humilde flor do vale, ao mesmo tempo em que desarraiga a majestosa árvore no cimo da montanha, também aqueles que têm mantido sua integridade na vida humilde podem ser arrastados ao abismo pelas tentações que assaltam o êxito e as honras mundanas. Mas o carácter de José resistiu de modo semelhante à prova da adversidade e da prosperidade. A mesma fidelidade que manifestou para com Deus quando estava na cela de prisioneiro, manifestou no palácio dos Faraós. Ele era ainda um estrangeiro em uma terra gentílica, separado de seus parentes, adoradores de Deus; mas cria completamente que a mão divina lhe havia dirigido os passos, e com uma constante confiança em Deus desempenhava fielmente os deveres de seu cargo.” *Patriarcas e Profetas*, 222.

Um exemplo ainda mais esplêndido da perfeita integridade mantida num ambiente hostil, contaminando e mau, foi dado por Jesus quando viveu durante trinta anos em Nazaré, uma cidade conhecida pela sua maldade, tanto que quando foi informado de que o Messias tinha vindo daquela cidade, Nathaniel exclamou: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” *João* 1:46.

Daniel e os seus companheiros dão uma garantia adicional de que se pode viver num ambiente corrupto sem ser contaminado pelo mal da sua influência. Como José e Moisés no Egito, estes quatro viveram e trabalharam no centro nervoso do poder e da sua corrupção inerente no todo-poderoso reino da Babilónia, mas não há a menor sugestão nos registos sagrados de que eles estivessem contaminados por causa disso.

Sem desconsiderar Moisés, ou até mesmo sugerir que, se tivéssemos estado na sua posição, teríamos feito melhor, deve dizer-se que ele não tinha que ser moldado, em certa medida, nos hábitos e carácter pelos que o rodeavam e pelo ambiente circundante no Egito. Mas, os factos mostram que ele foi, e, portanto, teve de ser transferido para um novo local onde o ambiente diferente seria propício à cura das suas feridas e à sua transformação à semelhança de Seu Pai no Céu.

É importante que não ignoremos o facto vital que Moisés não planeou a transição do luxo, poder e orgulho do Egito para a simplicidade, austeridade, e isolamento de Midiã. Nem o Senhor arbitrariamente o colocou no seu novo ambiente. Pelo contrário, o Todo-Poderoso Planeador e Solucionador de problemas transformou o terrível erro de Moisés em matar o espancador de um dos hebreus, em bênção.

Ao considerar as mudanças que foram desenvolvidas na vida e no carácter de Moisés durante o tempo no Egito, precisamos apreciar a natureza das temíveis tentações e pressões exercidas sobre ele todos os dias. A ocupação de um príncipe que está a ser preparado para o cargo de futuro faraó do Egito exigiu que ele vivesse a vida de um egípcio, participasse nas actividades da família real e da corte, e se identificasse com o interesse nacional. Isto é mais do que era exigido tanto de José como de Daniel.

“Pelas leis do Egito, todos os que ocupavam o trono dos Faraós deviam fazer-se membros do sacerdócio; e Moisés, como o herdeiro presumível, deveria iniciar-se nos mistérios da religião nacional. Este dever foi confiado aos sacerdotes. Mas, ao mesmo tempo em que era um estudante ardoroso e incansável, não pôde ser induzido a participar do culto aos deuses. Foi ameaçado com a perda da coroa, e advertiu-se-lhe de que seria repudiado pela princesa caso persistisse em sua adesão à fé hebreia. Mas ele foi inabalável em sua decisão de não prestar homenagem a não ser ao único Deus, o Criador do céu e da Terra. Arrazoava com os sacerdotes e adoradores, mostrando a loucura de sua veneração supersticiosa a objetos insensíveis. Ninguém lhe podia refutar os argumentos nem mudar o propósito; contudo, provisoriamente foi tolerada a sua firmeza, por causa de sua elevada posição, e do favor em que era tido pelo rei, bem como pelo povo.” *Patriarcas e Profetas*, 245.

Este parágrafo elogia altamente posição de Moisés no Egito, e, sem dúvida, era tomar uma posição nobre e fiel. Não a tivesse tomado, e teria escolhido o poder e a fama terrenos em prejuízo do serviço do Senhor, e da vida eterna. No entanto, estava nesta sua tomada de posição muito clara, um certo factor que, por causa da falta de atenção para ele, impediu que obtivesse níveis mais elevados de santificação. É um perigo que acompanha os passos de todos aqueles que são bem-sucedidos tanto nos assuntos temporais como espirituais. É algo em que todos temos de ter cuidado, caso contrário podemos tropeçar para nossa ruína.

A própria natureza do problema é tal que tende a desviar a nossa atenção para a tomada de consciência da sua existência, e também da necessidade de sermos transformados daquilo que somos para aquilo que precisamos ser. Isto é perigoso, pois precisamos de estar constantemente cientes de que temos de mudar. Isto significa que de todas as vezes que há a presença de qualquer atitude, disposição, tendência, reacção, ou pensamento que tende a fazer-nos sentir vontade de ficar do modo que somos, então

devemos ser capazes de discernir e ser rápidos a combinar nossos esforços com graça de Deus para trazer as mudanças indicadas pelo Espírito Santo.

Como, então, a atitude tomada por Moisés durante sua estada no Egito, gerou um elemento de perigo? Ao escolher a lealdade a Deus, Moisés atraiu as bênçãos espirituais e materiais, e estava consciente da protecção pessoal de Deus sobre ele. Isso reflecte a aprovação de Deus de Moisés, na medida em que a sua vida espelhava a imagem divina, mas o homem de Deus tenderia como a maioria de nós, a sentir que tinha a aprovação geral de Deus, e que a sua posição do lado do Senhor era segura. Assim, não haveria grande pressão sobre ele para agonizar em oração, para examinar a sua vida, e para estudar-se a si mesmo para ver quais as mudanças necessárias que precisavam de ser feitas.

Estou certo de que todos nós podemos identificar-nos com este tipo de situação. Quando todas as coisas estão indo bem, nós sentimos que somos abençoados com a aprovação de Deus, e temos a inclinação para descansar no trabalho de exame do coração e de fazer todos os esforços para ser transformados à semelhança divina. Isto leva à complacência espiritual e apostasia se não estivermos alertados para uma verdadeira consciência da nossa situação. Foi assim que de vez em quando Israel se afastou de Deus.

É quando as coisas estão a andar sem problemas e estamos a fazer muito bem que estamos no maior perigo. Assim foi com Moisés. Em sua grande prosperidade, ele desconhecia grande parte das mudanças praticamente imperceptíveis minando sobre ele, apesar da sua firme decisão em favor da verdade, e por isso não estava inclinado a estudar o que estava acontecendo com ele, nem estava a prestar muita atenção ao trabalho de mudança para o melhor.

Nestas circunstâncias, Moisés precisava de uma mudança de ambiente a fim de o despertar para um verdadeiro conhecimento de que nem todas as coisas eram o que ele tinha suposto ser. A mudança veio com uma rapidez dramática. Quase num só dia, por sua própria acção, ele foi arrancado do seu lugar e da sua posição, foi privado da sua enorme riqueza, e foi forçado a fugir para salvar a sua própria vida para uma terra distante e obscura.

A transição foi tão grande e inesperada que não podia deixar de o conduzir a um exame de si mesmo, suas atitudes, avaliações, aspirações e convicções. Ele gostaria de saber por que razão isso tinha acontecido, e o que é que ele era e tinha feito que precipitou a crise e lhe roubou tanto.

Este honesto auto-exame ter-lhe-ia revelado muito, e iria tê-lo-ia preparado para as características educacionais do seu novo ambiente em Midiã, das quais estava agora preparado para tirar a máxima vantagem. Ele foi agora removido de um ambiente que falava quase inteiramente do talento e apregoada suposta auto-suficiência do homem, e colocado num ambiente que, correctamente compreendido, falava da perfeição, eternidade, rectidão, justiça, beleza, esplendor, e assim por diante, de Deus.

“Encerrado nas fortificações das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Os templos magníficos do Egito não mais lhe impressionavam o espírito, com sua superstição e falsidade. Na grandiosidade solene das colinas eternas via ele a majestade do Altíssimo, e em contraste compreendia quão impotentes e insignificantes eram os deuses do Egito. Por toda parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra de Seu poder. Ali o seu orgulho e presunção foram varridos. Na simplicidade severa de sua vida no deserto, os resultados do ócio e luxo do Egito desapareceram. Moisés tornou-se paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó.” *Patriarcas e Profetas*, 248, 251.

Este parágrafo descreve claramente o papel desempenhado na reeducação de Moisés por aquilo que o rodeava. Mas, para as coisas da natureza terem uma influência tão profunda sobre a sua vida, ele teve que ser capaz de ler correctamente as mensagens escritas naquelas fortificações das montanhas. O facto é que “Na grandiosidade solene das colinas eternas via ele a majestade do Altíssimo. . .” Meditai sobre estas palavras: “via ele a majestade do Altíssimo”.

Elas querem dizer que Moisés era realmente capaz de ver Deus revelado nos elementos da natureza, e foi por causa dessa capacidade que ele foi habilitado a mudar do que tinha sido no Egipto para o que tinha de se tornar antes de estar apto para conduzir o povo para a Terra Prometida.

Para Moisés, “por toda parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e à sombra de Seu poder.” Ele não se limitou a admirar as grandes manifestações de Deus reveladas na Sua obra, mas aprendeu a lê-las como mensagens do Senhor Todo-Poderoso, o Criador de todo o Universo, e a Fonte de Vida para todos os seres existentes.

Portanto, não foi suficiente para ele ser colocado neste ambiente, a fim de passar ali o resto da sua vida sem ser mudado como precisava de ser, se não tivesse recebido a capacidade de discernir nas obras criadas por Deus, as grandes, verdades salvadoras das quais toda a natureza dá testemunho.

As obras criadas de Deus são tanto a revelação de Seu carácter e caminhos como a Palavra escrita, as Escrituras. “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.

“Ele ajunta as águas do mar como num montão; põe os abismos em depósitos.

“Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo.

“Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu.” *Salmos 33:6-9.*

O facto de que o Senhor falou e o Universo ganhou existência, devia confirmar em nossas mentes a verdade profunda de que a natureza é tanto a Palavra de Deus como é a Palavra escrita, e que, portanto, se aplicam os mesmos princípios de interpretação na compreensão de um ou do outro. Uma regra fundamental é que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” *1 Coríntios 2:14.*

Por alguns momentos, considerai a verdade sobre isto no que se refere à Palavra escrita. A Bíblia ainda é o best-seller do mundo, o que significa que ela é encontrada em mais lares ao redor do mundo do que qualquer outro livro. Em muitas desses lares esse precioso livro nunca é aberto, com o resultado triste que suas grandes bênçãos nunca são vividas pelos moradores do lar. Faz parte do ambiente, mas não exerce nenhum poder na mudança das pessoas, não importa quão drasticamente elas possam precisar de ser transformadas daquilo que são para o que deviam ser.

Noutras casas a Bíblia é aberta numa base regular para a família participar no ritual formal de “cultos matutinos e vespertinos.” Uma breve oração é proferida, alguns versículos lidos, e alguns pensamentos são expressos. As crianças estão entediadas, toda a atmosfera é sem vida, e nada de valor é adquirido por qualquer das pessoas.

Em algumas outras casas, a Bíblia é aberta e avidamente estudada. Um fervor evangélico enche a atmosfera em casa, e a conversa gira principalmente em torno dos ensinamentos bíblicos. Mas, o que se acredita numa casa discorda fortemente do que é ensinado noutra, e outra, até que um observador independente conclui que as Sagradas Escrituras são tão ambíguas, místicas, e não confiáveis que podem ser utilizadas para apoiar qualquer doutrina que possais imaginar.

Mas porquê tanta confusão? É porque o divino Mestre não é procurado da forma por Si indicada, e os homens procuram compreender a verdade sem a Sua inspiração, orientação e conselho. Não há esperança no Universo que o homem, sem nascer de novo e, portanto, interiormente iluminado, entenda a Palavra de Deus. As verdades de Deus só podem vir até nós pela revelação através do ministério infalível do Espírito Santo. O que deve ser entendido desde o início é que uma pessoa pode estar localizada no melhor ambiente adequado ao seu crescimento na graça, mas não será moldada para melhor se estiver desligada do divino Mestre.

Em seguida, há os lares do mundo, que se distinguem dos indicados acima. Neles, é lida a Palavra escrita com as mentes iluminadas pelo ministério do ensino do Espírito Santo. Como cada estudante recebe a vida de Deus das páginas sagradas, está cercado com influências poderosas que o mudam para melhor.

Ora, o que é verdade para a Palavra escrita é igualmente verdade sobre a Palavra criada. Há multidões de pessoas ao redor do mundo que gostam de estar no mundo da natureza. Quando chega o tempo de férias, os moradores da cidade juntam-se e vão para as montanhas, lagos, rios, florestas e oceanos. Elas literalmente cercam-se com a beleza, perfeição e majestade da natureza, mas não atentam para a majestade, poder e perfeição do Criador, e não são, portanto, transformadas pelo ministério do ambiente como Moisés foi.

Depois, há os homens que trabalham como agricultores, trabalhadores florestais, botânicos, produtores de plantas, e assim por diante. Tais pessoas estão cercadas todos os dias com as obras criadas do Senhor, mas também não têm a luz do Céu com a qual leriam correctamente o carácter e verdade de Deus como revelado em tudo o que as rodeia.

Considerai também os biólogos e naturalistas que passam as suas vidas inteiras no estudo das plantas e dos animais que são testemunhas vivas do poder e perfeição do Criador, e nunca O vêem em tudo isso. Em vez disso, desenvolvem uma visão da origem das espécies que ignora Deus completamente. No que a eles diz respeito, Ele nem sequer existe ou jamais existiu. Em vez disso, vêem as formas de vida e as suas habitações evoluindo pela inteligência inerente e poder dentro de si. Rejeitam totalmente o ensinamento de que Deus é a infinita Fonte de tudo o que existe, e negam os princípios da justiça e redenção.

Tudo isto prova que ser colocado num ambiente natural não é suficiente em si para efectuar as mudanças de longo alcance necessárias dar aptidão a uma pessoa para o trabalho da sua vida, e um lugar no reino. Se fosse, então todo o problema do pecado seria resolvido simplesmente colocando a humanidade de volta num ambiente edílico mais uma vez. Sabemos que esta não é a solução. Na verdade, uma das piores coisas que podem ser dadas ao impenitente é poder e prosperidade, pois ele simplesmente usa-os como instrumentos mais eficazes para a sua iniquidade. Lembrai-vos sempre que Lúcifer e os nossos primeiros pais estavam num ambiente perfeito quando caíram em pecado.

Para uma pessoa receber a luz, verdade e bênçãos que o Senhor colocou na Natureza, deve entrar nesses ambientes abençoadas com o espírito de discernimento, que é a capacidade de ouvir o que a natureza tem a dizer sobre o seu Criador, e mesmo assim devem ter dentro de si a intuição do Mestre divino. Sem isso, o melhor ambiente deixará de produzir os resultados desejados.

Esta lição deve ser vista e posta em prática por cada crente em Deus hoje, e especialmente por aqueles que, como pais, são incumbidos de dar aos filhos à sua guarda a melhor educação cristã. A necessidade imediata não é garantir que vivemos num ambiente ideal do qual são afastadas as influências mundanas, e nos cercamos com as mensagens do amor de Deus reveladas nas Suas obras criadas. Isso é muito importante,

mas, diga-se novamente para que ninguém deixe de ver a questão, que não é essa a imediata e primeira necessidade.

Pensai na situação nestes termos. Uma pessoa que não nasceu de novo não tem o discernimento espiritual para ouvir e entender a voz de Deus falando através da natureza, porque as coisas espirituais se discernem espiritualmente. Portanto, podeis colocar uma pessoa no ambiente mais perfeito, mesmo no próprio Jardim do Éden se este ainda estivesse acessível, e ela iria surgir após os muitos anos que ali estivesse, sem ser transformada à imagem divina como Moisés foi.

Por outro lado, se uma pessoa é de facto nascida de novo, e é, por isso, abençoada, com a capacidade de ver e compreender o testemunho divino através da natureza, pode viver com sucesso no pior ambiente possível, sem ser arrastada para o fundo da iniquidade e do pecado do mundo. O Senhor Jesus demonstrou esta verdade ao viver uma vida sem pecado, em Nazaré, uma cidade conhecida pela sua extrema iniquidade.

Daniel e seus três amigos, ao viverem uma vida perfeita no meio da corrupção de Babilónia, dão a mesma garantia, assim como José fez no meio da flagrante iniquidade do Egipto.

Obviamente, a situação ideal seria aquela em que a pessoa em causa fosse nascida de novo, e ao mesmo tempo a viver num ambiente que atraísse os pensamentos para o alto, para o Senhor. Essa era a situação de Moisés depois de fugir do Egipto para Midiã.

A segunda combinação e menos desejável seria aquela em que os nascidos de novo estivessem localizados num ambiente fervilhando de iniquidade como era a situação de Moisés enquanto viveu no palácio egípcio, com Cristo crescendo em Nazaré, com José no Egipto, e com Daniel em Babilónia.

Mas a pior situação possível é aquela em que uma pessoa ainda não nascida de novo reside em ambientes maus. Nessas circunstâncias, a pessoa adaptar-se-á mais e mais à semelhança do mal. Ela não terá qualquer poder para resistir às influências iníquas.

O segundo pior conjunto de condições é aquele em que o não regenerado tem a sorte de habitar em circunstâncias agradáveis. Enquanto não for transformada de glória em glória à imagem de Cristo, essa pessoa será mais inclinada a desenvolver uma modificação para melhor do velho homem do que um habitante da cidade. É por isso que as crianças dos campos costumam manifestar em geral um carácter melhor do que aquelas que crescem nas grandes cidades, embora alguns possam disputar isto.

Foi salientado que é necessário ser capaz de contemplar a majestade do Altíssimo nas poderosas montanhas, nas grandes planícies, na vida animal e vegetal, no céu azul de dia, e no céu chio de estrelas à noite. Essa capacidade vem com o novo nascimento e nunca sem ele. É o colírio falado em *Apocalipse 3*, que é tão necessário para os cegos de Laodiceia que perderam o ouro da fé e do amor, e as vestes brancas da justiça.

“É contrição, fé e amor que habilitam a mente a receber sabedoria do Céu. Fé que opera por amor é a chave do conhecimento, e todo que ama ‘conhece a Deus.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 139.

Pensai cuidadosamente nas palavras deste pequeno parágrafo. “É contrição, fé e amor que habilitam a mente a receber sabedoria do Céu.”

Contrição é o arrependimento, o dom de Deus pelo qual somos capacitados para responder à convicção do Espírito Santo, e cujo passo nos torna capazes de compreender pela fé a morte e erradicação do velho homem e a implantação do novo homem, “. . . Cristo em vós, esperança da glória.” *Colossenses 1:27*.

O recebimento da nova vida é a experiência do novo nascimento, e a bênção do grande amor de Deus no coração. Estas não são aparentes, promessas, mas uma experiência real.

O crente na realidade recebe, literalmente, a própria vida de Cristo na sua alma. Depois, ele é capaz de receber a sabedoria que vem do alto, e ter Deus por seu Professor.

Torna-se, portanto, urgente o trabalho de toda alma assegurar que, qualquer que seja o seu ambiente, tenha a contrição, fé e amor que lhes permitam receber e compreender a sabedoria do Céu. Sobre os pais, em particular, repousa a pesada responsabilidade de garantir que seus filhos tenham a bênção do novo nascimento e, portanto, a chave do conhecimento.

Não tem sido habitual os pais fazerem desta a sua primeira consideração. Eles são geralmente inclinados a levar a sua prole para um ambiente mais favorável na suposição de que esse é o factor chave. Mas deve ser compreendido que, sem o novo nascimento, nenhuma quantidade de ambientes favoráveis efectuará as mudanças necessárias nos seus filhos.

É o Senhor quem faz os planos na sua vida, como Ele certamente deve ser, então não tendes qualquer necessidade de vos preocupar sobre a escolha do seu ambiente. Mesmo se as vossas circunstâncias tenham sido causadas pelos vossos próprios pecados, ou pelos pecados dos outros, deixai isso nas mãos do Senhor, enquanto vos certificais que tendes a contrição, fé e amor que vos tornará capazes de receber sabedoria de Deus, não importa qual possa ser o vosso ambiente.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 26

Como vimos, Moisés saiu do Egipto a necessitar de grandes alterações. Os efeitos terríveis de ter vivido como príncipe poderoso no ambiente mais imoral e iníquo do mundo, tinha deixado as suas marcas na sua mente e, até certo ponto havia moldado a sua disposição. Havia uma enorme quantidade a desaprender e a aprender para ser realizado nele antes do Céu o considerar apto para conduzir Israel à Terra Prometida.

Como aprendemos em *Patriarcas e Profetas*, 253, para conseguir isso seria necessário, “o tempo, a mudança de ambiente e a comunhão com Deus. . .” Já foi dada consideração ao papel vital desempenhado pelos dois primeiros desses factores, e agora é altura de considerar a importância e a necessidade de entrar em comunhão com Deus, de modo a alcançar as mudanças necessárias o mais rapidamente possível.

Mas, antes de começar este estudo da comunhão com Deus, façamos um esclarecimento vital, que é este: Somente quando esses três factores trabalham em conjunto uns com os outros vão individual e colectivamente efectuar os resultados desejados.

Por exemplo, como é suficientemente evidente, se o tempo é gasto na ociosidade ou na busca do lucro ou prazer, certamente não vai servir para efectuar as mudanças profundas e duradouras necessárias. Em vez disso, produzirá o resultado oposto. Todos nós temos tempo, mas tão poucos o usam da melhor maneira.

Da mesma forma, pode gastar-se muito tempo em ambientes mais favoráveis para a construção de uma vida e carácter aprovados por Deus, mas, a menos que o Senhor lá esteja para revelar as maravilhosas e salvadoras verdades, contidas nas Suas obras criadas, nem o tempo nem o ambiente terão algum proveito. Em seu lugar, aquilo que o Senhor pretende que seja uma bênção provará ser uma maldição. Deixai que este ponto seja firmemente gravado na mente ao começarmos agora a nossa reflexão sobre a comunhão com Deus como um poderoso factor na nossa transformação “. . . de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” *1 Coríntios* 3:18.

Há uma diferença muito grande entre ajoelhar e dizer as nossas orações, por um lado, e a comunhão com o Senhor, pelo outro. No primeiro caso, no padrão habitual estabelecido na infância, é repetido o mesmo formulário de cada vez que se ajoelha, nenhum contacto real é feito com o Senhor, e não há definitivamente recebimento do poder divino. Provavelmente seria seguro dizer que é melhor não orar de todo, do que envolver-se nesta forma sem vida.

A comunhão com Deus é a comunicação com Ele, o fluxo e o retorno de coração para coração, o que resulta na recepção pelo crente da vida do próprio Deus. É o meio pelo qual o filho do Senhor entra em contacto directo com o Todo-Poderoso e torna-se carregado com o poder e vitalidade que dá saúde e vida. Ninguém pode entrar neste círculo interior da energia divina, sem ser transformado. Todo o mundo precisa aprender a entrar na presença do Eterno todos os dias.

Os discípulos de Cristo começaram a aprender a distinção entre apenas dizer orações e a comunhão com o Criador, quando receberam o privilégio de contemplar e ouvir Cristo na oração. O que eles aprenderam naquele dia estava em refrescante contraste com as orações pretensiosas e jactanciosas dos fariseus ditas em voz alta e ouvidas por todos ao seu redor em plena rua. Eles haviam sido submetidos a esta forma de orar muito antes de conhecerem Salvador.

“Os fariseus tinham horas designadas para oração; e quando, como freqüentemente acontecia, eles estavam fora, no tempo determinado para isso, paravam onde estivessem — talvez na rua ou nos lugares de comércio, entre as multidões apressadas — e ali, em altas vozes, repetiam suas formais orações” *O Maior Discurso de Cristo*, 83.

Não havia poder, virtude ou valor em tais exercícios. Nenhuma oração como essa alguma vez chegou ao Céu misturada com a justiça meritória de Cristo. Portanto, eles nunca foram ouvidos por Deus e, seguramente, não obtiveram resposta.

Ninguém era abençoado e poucos ou nenhuns foram permanentemente sensibilizados com estas exposições de orgulho e formalismo. Mas elas não eram inteiramente desprovidas de valor, pois, quando os discípulos, que estavam familiarizados com o comportamento fariseus, viram a forma como Jesus orava, ficaram tão impressionados que espontaneamente e sinceramente pediram: “Senhor, ensina-nos a orar. . .” *Lucas 11:1*. Este acontecimento surgiu da seguinte maneira:

“A oração do Senhor foi duas vezes dada por nosso Salvador — primeiro à multidão, no Sermão da Montanha, e outra vez, meses mais tarde, aos discípulos apenas. Por um breve período haviam eles estado ausentes de seu Senhor, quando, ao voltarem, O encontraram absorto em comunhão com Deus. Como despercebido de sua presença, Ele continuou a orar em voz alta. Um brilho celeste irradiava da face do Salvador. Parecia mesmo encontrar-Se na presença do Invisível. E havia um vivo poder em Suas palavras, o poder de alguém que fala com Deus.

“O coração dos discípulos foi profundamente comovido enquanto eles escutavam. Tinham observado quão freqüentemente Jesus passava longas horas em solicitude, em comunhão com o Pai. Os dias, passava-os a servir as multidões que se comprimiam em torno dEle, e revelando os traiçoeiros sofismas dos rabis, e esse incessante labor deixava-O muitas vezes tão exausto que Sua mãe e Seus irmãos, e mesmo os discípulos, temiam que sacrificasse a vida. Ao volver, porém, das horas de oração que encerravam o afadigoso dia, notavam-Lhe a expressão de paz na fisionomia, a sensação de refrigério que parecia desprender-se de Sua presença. Era de horas passadas com Deus que Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do Céu. Os discípulos haviam chegado a ligar essas horas de oração com o poder de Suas palavras e obras. Agora, ao escutar-Lhe as súplicas, sentiram o coração encher-se de respeito e humildade. Quando Ele acabou de orar, foi

com certa convicção de sua profunda necessidade que exclamaram: ‘Senhor, ensina-nos a orar.’ Lucas 11:1.” *O Maior Discurso de Cristo*, 102, 103.

“As orações de Cristo e Seu hábito de comunhão com Deus, impressionavam muito os discípulos.” *Parábolas de Jesus*, 140.

A Sua comunhão com Deus era do tipo que efectua mudanças grandes e pequenas naqueles que estão a ser preparados para o ministério, tanto durante o período final do reinado do pecado, como na eternidade de serviço a ser prestado após o pecado ter sido finalmente destruído. Ninguém pode orar como Jesus fez sem ser cada vez mais transformado à Sua semelhança. Mesmo o próprio Cristo foi transformado através da Sua poderosa vida de oração. Como será agora demonstrado a partir das evidências contidas nas Escrituras da verdade, as orações de Cristo destinavam-se, não a mudar Deus no mais pequeno grau, mas a mudá-l’O e as situações com as quais era confrontado. Para alguns isso pode parecer estar a dizer mais do que se deve. Eles argumentarão que Ele já era perfeito e, como tal, totalmente sem pecado. Afinal, Ele era Deus em carne nesta Terra!

Mas somos informados de que Ele precisava de orar e que Ele definitivamente sentia a necessidade disso. “. . . o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar. . .” *Aos Pés de Cristo*, 94.

“Numa vida toda dedicada ao bem dos outros, o Salvador *achou necessário* afastar-Se dos lugares movimentados e da multidão que O acompanhava, dia a dia. *Precisava retirar-Se* de uma vida de incessante atividade e contato com as necessidades humanas, para buscar sossego e ininterrupta comunhão com o Pai. Como uma pessoa identificada conosco, participante de nossas necessidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus, e no lugar oculto de oração buscava força divina, a fim de poder sair fortalecido para o dever e provação. Num mundo de pecado, Jesus suportou lutas e torturas de alma. Em comunhão com Deus, podia aliviar as dores que O esmagavam. Ali encontrava conforto e alegria.” *O Desejado de Todas as Nações*, 362, 363.

A consciência dessa necessidade era tão forte que O levou a gastar uma grande parte do Seu tempo em oração. Na verdade, Ele permaneceu em contínua comunhão com o Pai:

“A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança, mantida por uma comunhão *contínua*; e Seu serviço em prol do Céu e da Terra foi sem falhas ou defeitos.” *Educação*, 80.

“Nenhuma outra vida já foi tão assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus; todavia, quantas vezes estava Ele em oração! Quão constante, Sua comunhão com o Pai! Repetidamente, na história de Sua vida terrestre, se encontram registros como esses: ‘E, levantando-Se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.’ ‘Ajuntava-se muita gente para O ouvir, e para ser por Ele curada das suas enfermidades. Porém Ele retirava-Se para os desertos, e ali orava.’ ‘E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus’. Marcos 1:35; Lucas 5:15, 16; Lucas 6:12.” *O Desejado de Todas as Nações*, 362.

Jesus não gastava essas longas horas em oração todos os dias e muitas vezes profundamente ou durante toda a noite, simplesmente como um exercício religioso necessário. Ele fazia isso porque claramente entendia que precisava, porque era indispensavelmente necessário para o sucesso da Sua missão e para a vitória total sobre o mal.

Ele entrava para essas sessões de oração, naquelas íntimas comunhões com o Senhor, na necessidade concreta de mudanças em Si mesmo e nas pessoas a quem ministrava. Mais uma vez, neste momento alguns perguntariam, como podia Aquele que era perfeito jamais precisar de transformação em Si mesmo, e é bem verdade que, do Seu lado divino, nunca seria preciso qualquer mudança. As verdades que Ele ensinou eram perfeitas. Não

havia a menor sombra de erro misturado com elas, e nem um mero traço das trevas babilônicas. Não foi indicada, ou pedida alguma mudança nas Suas crenças e ensinamentos aqui em causa.

Nem havia qualquer necessidade de mudança no Seu maravilhoso carácter. O Seu amor era perfeito, Sua pureza imaculada, sua justiça impecável, e Sua integridade incontestável.

Não havia necessidade para Ele modificar as Suas atitudes, ou rever a Sua forma de pensar. A Sua relação com Deus não se destinava a pedir algum arrependimento do pecado, e do Seu trato com os homens, nem confissões e desculpas.

Então, onde é que o Salvador precisava de orar pedindo que fossem feitas mudanças n'Ele?

No primeiro caso, embora as verdades que Ele ensinou fossem absolutamente livres de erro algum, como homem nesta Terra, Ele tinha crescido no conhecimento dessa verdade de dia para dia. Não houve ponto de paragem para Ele como também não há para nós. Todos reconhecerão esta verdade pelo menos aplicável aos seus anos de infância conforme está escrito:

“E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.”
Lucas 2:52.

Sabedoria, de acordo com o *Third International Dictionary de Webster*, é a aplicação inteligente de aprendizagem. Sem a aquisição de conhecimentos que a aprendizagem traz, não haveria nada com que formar a sabedoria. Portanto, o facto de que Jesus crescia em sabedoria, significa que Ele também aumentava em conhecimento. A verdade que o aumento da sabedoria, era na verdade um crescimento do conhecimento é confirmado nos seguintes testemunhos:

“Embora aumentasse em conhecimento, e a graça de Deus estivesse sobre Ele, não se tornou exaltado em orgulho, ou sentiu que estava acima de fazer a tarefa mais humilde. . . .

“O conhecimento que Ele estava a obter diariamente da Sua maravilhosa missão não o desqualificou por desempenhar as tarefas mais humildes. . . .

“No santuário do lar, Jesus recebeu a Sua educação, não apenas de seus pais, mas de Seu Pai celestial. À medida que crescia, Deus abria-Lhe cada vez mais acerca da grande obra que estava diante d'Ele” *The SDA Bible Commentary 5:1117.*

Foi assim que, por ocasião da Sua primeira visita a Jerusalém, Jesus, enquanto via o serviço solene da Páscoa, começou a compreender a Sua própria missão na Terra. Ele ficou ciente disto quando ligou as profecias do Antigo Testamento com os serviços no templo, e viu que, inequivocamente, eles apontavam para a obra que Ele tinha vindo ao mundo realizar.

“Pela primeira vez, contemplou o menino Jesus o templo. Viu os sacerdotes de vestes brancas, realizando seu solene ministério. Viu a ensangüentada vítima sobre o altar do sacrifício. Com os adoradores, inclinou-Se em oração, enquanto ascendia perante Deus a nuvem de incenso. Testemunhou os impressionantes ritos da cerimônia pascoal. Dia a dia, *observava mais claramente a significação dos mesmos.* Cada ato parecia estar ligado a Sua própria vida. No íntimo acordavam-se-Lhe novos impulsos. Silencioso e absorto, parecia estudar a solução de um grande problema. O mistério de Sua missão desvendava-se ao Salvador.” *O Desejado de Todas as Nações*, 78. Vede também páginas 82 e 146.

Se nós abrigássemos a crença de que Jesus veio a esta Terra já dotado com o conhecimento ilimitado, infinito e sabedoria da Divindade, então esse despertar da mente do menino Jesus nunca teria ocorrido. Ele já conheceria desde o início. Mas o Redentor veio ao mundo apenas com o que está acessível a qualquer um de nós. Enquanto criança, pensou e falou como uma criança, e quando se tornou homem, pensou e falou como um adulto. Diariamente, através da comunhão com o Pai, tanto no estudo das Escrituras e

oração que o ligava com a mente e a vida do Infinito, Ele estava a ser mudado de um nível de conhecimento não contaminado para outro mais elevado. O crescimento e realização foram evoluindo dia a dia.

Este desenvolvimento constante dos conhecimentos gerais e específicos foi acompanhado por uma capacidade cada vez mais ampla para avaliar a verdadeira natureza da sociedade em que viva, enquanto compreendia com força e clareza a causa dos males que estavam a destruir o mundo daquela época. Observai a descrição disto no parágrafo seguinte:

“À medida que as condições do povo começaram a ser patentes ao Seu espírito, viu que as exigências da sociedade e as de Deus se achavam em constante conflito. Os homens se estavam afastando da Palavra de Deus, e exaltando teorias de sua própria invenção. Observavam ritos tradicionais que nenhuma virtude possuíam. Seu culto era simples rotina de cerimônias; as sagradas verdades que se destinavam a ensinar, achavam-se ocultas aos adoradores. Via Jesus que, em seus cultos destituídos de fé, não encontravam paz. Não conheciam a liberdade de espírito que lhes adviria de servir a Deus em verdade. Jesus viera para ensinar a significação do culto de Deus, e não podia sancionar a mistura de exigências humanas com os divinos preceitos. Não atacava os preceitos ou práticas dos doutos mestres; mas quando O reprovavam por Seus próprios hábitos simples, apresentava a Palavra de Deus em justificação de Sua conduta.” *O Desejado de Todas as Nações*, 84, 85.

A transformação de Cristo de um nível para outro cada vez mais elevado de conhecimento, sabedoria e percepção não aconteceu quando Ele se tornou um homem. A Sua educação não se limitou à Sua infância e juventude. Ele havia aceitado as limitações da humanidade caída, e, portanto, tinha que crescer e desenvolver-se dentro dessas limitações, da mesma forma em que nós temos de crescer. Todos os dias durante a Sua jornada terrena, Ele aprendeu mais e ainda mais.

O que não deve ser esquecido é que este conhecimento e sabedoria unicamente podiam ser adquiridos pela comunhão com Deus por meio da Palavra escrita, e pelas orações de tal poder e eficácia que Lhe permitiriam fazer uma ligação viva entre Ele e a Fonte infinita de toda a vida, conhecimento e sabedoria.

De dia para dia, Jesus teve que ser mudado fisicamente de um homem que balouçava entre a vida e a morte, um homem tão exausto que seus parentes mais próximos e até mesmo os Seus discípulos temiam que Ele fosse morrer, para a um homem vibrante, cheio de energia, restaurado em vitalidade e cheio de grande poder. Será quando nós da mesma maneira experimentarmos tais mudanças incríveis através da comunhão com o poder de Deus, que vamos começar a conhecer por nós mesmos o que é a verdadeira comunhão com Deus. Observai as palavras que descrevem acima de tudo a extensão em que a Sua vida foi ameaçada pela exaustão total, e a restauração maravilhosa alcançada através da comunhão com o Pai.

“Muitas vezes o incessante trabalho e a luta com a inimizade e os falsos ensinamentos dos rabis O deixavam tão fatigado que Sua mãe e irmãos, e mesmo os discípulos, receavam que Sua vida fosse sacrificada. Mas, ao voltar das horas de oração que encerravam o atarefado dia, notavam-Lhe o aspecto sereno do rosto, o vigor, a vida e o poder de que todo o Seu ser parecia possuído. Das horas passadas a sós com Deus Ele saía, manhã após manhã, para levar aos homens a luz do Céu.” *A Ciência do Bom Viver*, 55, 56.

“Em Cristo, o grito da raça humana chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem, suplicava ao trono de Deus, até que Sua humanidade fosse de tal modo carregada com a corrente celestial, que pudesse estabelecer ligação entre a humanidade e a divindade. Mediante contínua comunhão recebia vida de Deus, de maneira a poder

comunicar vida ao mundo. Sua experiência deve ser a nossa.” *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

Quando a Sua experiência se tornar a nossa, saberemos por nós mesmos o incrível poder da mesma, e entenderemos a necessidade urgente, essencial de manter nossa comunhão com Deus renovada e viva. A promessa está lá; o Senhor deseja dar-nos a maior riqueza das Suas bênçãos, mas é deixado conosco alcançá-lo pela fé e lançar mão do tesouro oferecido. Nós e não Deus somos a causa da nossa separação de Deus, e da fraqueza do nosso testemunho cristão. Apenas por uma vida de comunhão constante pode esta falta ser suprida, e o crente ser preparado para um lugar no reino.

“Todos quantos consagram a Deus alma, corpo e espírito, estarão constantemente recebendo nova dotação de poder físico e mental. As inesgotáveis provisões do Céu acham-se à sua disposição. Cristo lhes dá o alento de Seu próprio espírito, a vida de Sua própria vida. O Espírito Santo desenvolve Suas mais elevadas energias para operarem no coração e na mente. A graça divina amplia-lhes e multiplica-lhes as faculdades, e toda perfeição da divina natureza lhes acode em auxílio na obra de salvar almas. Mediante a cooperação com Cristo, são completos nEle e, em sua fraqueza humana, habilitados a realizar os feitos da Onipotência.” *O Desejado de Todas as Nações*, 827.

Jesus, durante a Sua vida na Terra, certamente demonstrou a verdade destas palavras. Ele foi um dos que diariamente consagrava alma, corpo e espírito a Deus, e constantemente recebeu uma nova dotação de poder físico e mental. Se aprendermos a comungar com Deus como Ele fez, esta experiência também será a nossa.

As mudanças em Cristo não se limitaram ao aumento do conhecimento e da restauração de faculdades físicas e mentais esgotados. Ele também recebeu grandes medidas de poder espiritual. A Sua fé foi fortalecida, e a Sua firmeza nas realidades eternas tornadas mais segura. Uma ocasião que revela isto foi no Monte da Transfiguração, onde Cristo passou muitas horas em oração, do qual está escrito:

“Afinal, Cristo lhes diz que não precisam ir mais adiante. Afastando-Se um pouco deles, o Homem de dores derrama Suas súplicas com grande clamor e lágrimas. Roga força para resistir à prova em favor da humanidade. Precisa, Ele próprio, de apoiar-Se com renovado vigor à Onipotência, pois só assim pode contemplar o futuro. E desafoga os anseios de Seu coração quanto aos discípulos, para que, na hora do poder das trevas, sua fé não desfaleça.” *O Desejado de Todas as Nações*, 419, 420.

Considerai agora de que forma a oração de Cristo O mudaria naquela noite memorável. Ele “roga força para resistir à prova em favor da humanidade.” Cristo não iria gastar o valioso tempo de oração pedindo o que já tinha. Portanto, o facto de ter orado por força é uma prova clara de que Ele não tinha desta vez a força necessária. Ele sabia isso com grande clareza, e, sabendo isso, entendeu que precisava de ser transformado de Alguém que não tinha força para Aquele que tinha todo o poder necessário.

Foi por isso que Ele não podia contemplar o futuro, a menos que ganhasse um novo poder do Omnipotente. Ele tinha de ser mudado de Alguém que não podia contemplar o futuro para alguém que podia. Havia apenas um caminho pelo qual Ele poderia experimentar essas mudanças vitais e era entrando em comunhão com a Fonte infinita. Ele fez isso, e as mudanças resultantes foram maravilhosas à vista. O Homem que subiu ao monte sem a força necessária para suportar o teste, e que não podia contemplar Seu horrível futuro, desceu daquelas alturas escarpadas com a força para resistir à prova, e com a capacidade de contemplar e enfrentar o futuro. Podemos ter certeza disso quando contemplamos o Seu perfeito desempenho em justiça na Sua prisão no Jardim do Getsémani até à Sua morte na cruz.

Todos os discípulos tinham igualmente necessidade das mesmas alterações, mas, apesar das repetidas revelações de Cristo daquilo que o futuro lhes reservava, nunca viram realmente a sua grande necessidade de força. Isto era verdade mesmo para os três que O acompanharam até ao monte com o propósito expresso de serem mudados da fraqueza para a força. Apear de no início se terem unido na oração, depressa foram superados pelo cansaço e adormeceram. Enquanto Jesus conversou com Moisés e Elias, eles estavam a dormir em sono profundo e perderam as grandes bênçãos que o Senhor desejava dar-lhes e que eles precisavam desesperadamente.

Mas mesmo a força maravilhosa que o Salvador recebeu no monte tinha de ser renovada quando a tremenda hora da necessidade chegou. Quando uma pessoa se depara com grandes tentações e precisa gastar tempo em estreita comunhão com a Fonte de vida e poder, Deus providencia o tempo e o lugar para ele. Assim, foi concedido a Cristo o tempo e o lugar necessários no jardim antes de ser preso.

Judas poderia ter organizado para Cristo ser preso quando saísse do cenáculo ou no caminho para o jardim ou mesmo às portas ou imediatamente após a Sua entrada no Getsémani. Mas, a protecção de Deus estava sobre o Seu Filho como tinha estado ao longo de todo o Seu ministério. Até a Sua vez chegar, não havia homem que pudesse tocar-Lhe, como foi demonstrado uma e outra vez. O Todo-Poderoso sabia que Jesus tinha que passar tempo em comunhão no jardim, a fim de Lhe dar a vitória total sobre a tendência muito natural para fugir do sofrimento e regressar ao Pai.

Considerai as mudanças críticas que tiveram lugar em Jesus durante esse período de comunhão final antes de expirar na cruz. Durante a caminhada do cenáculo para o Jardim, Cristo comunicou alguma instrução preciosa aos Seus devotados seguidores. Enquanto caminhavam juntos, Cristo estava composto e forte, mas, quando se aproximaram do retiro, caiu sobre Jesus uma mudança muito real que alarmou os discípulos.

“Ao aproximarem-se do jardim, os discípulos notaram a mudança que se operara em seu Mestre. Nunca antes O tinham visto tão indizivelmente triste e silencioso. À medida que avançava, mais se aprofundava essa estranha tristeza; todavia, não ousavam interrogá-Lo quanto a causa da mesma. Seu corpo cambaleava como se estivesse prestes a cair. Ao chegar ao jardim, os discípulos, ansiosos, procuraram o lugar habitual do retiro do Mestre, para que Ele pudesse descansar. Cada passo que dava agora, fazia-o com extremo esforço. Gemia alto, como sob a opressão de terrível fardo. Por duas vezes os companheiros O sustentaram, do contrário teria tombado por terra.” *O Desejado de Todas as Nações*, 685, 686.

Satanás sabia que a hora da última oportunidade para derrotar Cristo tinha chegado. Então, ele apontou todos os poderes sob o seu comando para destruir a fé do Salvador. A luta foi de incrível intensidade, e “ao sentir Cristo interrompida Sua unidade com o Pai, temia que, em Sua natureza humana, não fosse capaz de resistir ao vindouro conflito com os poderes das trevas.” *O Desejado de Todas as Nações*, 686.

Durante muito tempo, a batalha se alastrou até que “. . . na balança oscilava a sorte da humanidade.” *O Desejado de Todas as Nações*, 690. O Redentor foi tentado a deixar a humanidade entregue à sua escolha, enquanto Ele voltaria para o Pai, e Ele esteve perto de o fazer. Mas, ao continuar a Sua comunhão com o Pai, veio sobre Ele uma grande mudança. Ele tornou-se forte e determinado, recusando qualquer pensamento de abandonar o homem ao seu destino.

“Três vezes proferiu essa oração. Três vezes recuou Sua humanidade do último, supremo sacrifício. Surge, porém, então, a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os transgressores da lei, se deixados, têm de perecer. Vê o desamparo do homem. Vê o poder do pecado. As misérias e os ais do mundo condenado erguem-se ante

Ele. Contempla-lhe a sorte iminente, e decide-Se. Salvará o homem custe o que custar de Sua parte. Aceita Seu batismo de sangue, para que, por meio dEle, milhões de almas a perecer obtenham a vida eterna. Deixou as cortes celestiais, onde tudo é pureza, felicidade e glória para salvar a única ovelha perdida, o único mundo caído pela transgressão. E não Se desviará de Sua missão. Tornar-Se-á a propiciação de uma raça que quis pecar. Sua prece agora respira apenas submissão: 'Se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade'. Mateus 26:42." *O Desejado de Todas as Nações*, 690, 693.

Que maravilhosa mudança foi operada no Salvador naquela noite, uma mudança que nunca teria acontecido se Cristo não tivesse conhecido ou usado o incrível poder da comunhão com o Pai.

"Sua humanidade tornou-Lhe a oração uma necessidade, e privilégio. Encontrava conforto e alegria na comunhão com o Pai. E se o Salvador dos homens, o Filho de Deus, sentia a necessidade de orar, quanto mais devemos nós, débeis e pecaminosos mortais que somos, sentir a necessidade de fervente e constante oração!" *Aos Pés de Cristo*, 94.

Precisamos de muito mais mudanças no nosso pensamento, atitudes, e assim por diante, do que Cristo alguma vez precisou, pois Ele não tinha pecado. No entanto, quantas vezes, como os discípulos, somos encontrados a dormir quando deveríamos estar em comunhão. Deus providencia o tempo e a oportunidade assim como fez por Jesus, mas temos de os reconhecer como tal e aproveitar o máximo do tempo dado. Oportunidades que se não aproveitarmos passam para sempre, e é certo seguir-se a derrota. Os discípulos descobriram isto, quando, em vez de dormirem no jardim deviam ter estado em oração, foram incapazes de suportar o tempo de prova. Em vez disso, todos eles O abandonaram e fugiram.

Depois disso, tiveram tempo e oportunidade de se arrepender, mas nós não. Se falharmos no teste que se aproxima, estaremos perdidos para sempre, pois, essa provação vai decidir o nosso destino eterno.

Então, aprendamos o poder da comunhão para fazer as mudanças necessárias em nós, e dar-nos a força para lidar com os poderes das trevas.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 27

O tipo de oração que prepara efectivamente o crente para o derramamento da chuva serôdia, é o tipo que muda a pessoa mais e mais à semelhança de Deus, enquanto toma todo o cuidado para garantir que não há a menor disposição de pedir a Deus que mude ou altere. Desenvolver a capacidade de fazer este tipo de oração é da responsabilidade do crente que deve optar por colocar-se sob a orientação educativa do divino Mestre. Demos agora consideração aos princípios da oração eficaz que os filhos do Senhor devem entender, e os procedimentos que devem seguir.

O primeiro a que daremos atenção é que devemos estar muito conscientes da nossa grande e urgente necessidade de ser transformados. Precisamos saber isso e também perceber que, a menos que essas mudanças sejam feitas, estaremos tão mal equipados para lutar na última grande batalha, que iremos falhar e ficar eternamente perdidos. A natureza humana tem uma tendência perigosa para resistir à mudança até que a necessidade se torne tão premente que ela se levanta para se salvar, mas afunda-se de novo logo que a ameaça passa. Precisamos temer essa disposição, e lutar contra a sua influência com todas as forças que temos.

Principalmente gostamos de nós mesmos como estamos no momento, e aceitamos o que somos como o melhor que podemos ser. A nossa humanidade foge da luta agonizante necessária para quebrar os velhos padrões habituais e instituir uma severa disciplina que excluirá o pecado e aceita apenas a justiça inabalável. Ficámos suficientemente satisfeitos por aceitar as maravilhosas mudanças trazidas pelo novo nascimento, mas isso foi só o começo. À obra de reforma deve seguir-se a iniciação na escola de Cristo, para levar a obra da nossa transformação ao ponto onde estamos não parcialmente, mas completamente diferentes do que estávamos quando o evangelho nos encontrou no início. A realização desta obra até aos padrões mais elevados é extremamente difícil para a humanidade alcançar, pois somos muito propensos a contentar-nos com as bênçãos adquiridas num bom começo.

Mas, devemos lembrar que não estamos apenas a preparar-nos para um lugar entre os anjos sem pecado, nem estamos apenas em busca do perdão dos nossos pecados.

No entanto, aspirar a mais do que uma mansão celestial no paraíso e receber mais do que o perdão dos pecados, exige a busca da perfeição em último grau. Mas, o que é motivo de preocupação imediata é o facto de que entre nós e as mansões celestiais tem de ser travada a batalha mais probante de sempre na história da eternidade. Satanás trará sobre a igreja toda a subtileza, astúcia, força e ódio que adquiriu e desenvolveu durante seis mil anos de ferozes campanhas muitas vezes bem-sucedidas contra os seguidores de Jesus. Ele ajustou as suas armas ao melhor nível e vai usá-las todas para o máximo proveito quando entrar nas etapas finais do último conflito. Na geração final somente aqueles que emergem vitoriosos dessa luta receberão o selo de Deus, e serão salvos.

Seria seguro dizer que nenhum dos crentes em Jesus, que participará nessa batalha iminente sabe a pressão que será exercida sobre o povo de Deus nessa altura, e a consequente extensão da necessidade de preparação para esse tempo. Estamos demasiado como os discípulos de Jesus, que, apesar dos repetidos esforços da parte de Cristo para torná-los conscientes do que viria sobre eles, continuaram perigosamente alheios à crise que iria encontrá-los a todos com falta de preparação.

Mas eles não precisam de andar na ignorância sobre o que em breve têm de enfrentar. Eles tiveram acesso a todas as fontes de informação que o Salvador teve, além da Sua instrução pessoal. A partir da palavra escrita que Lhe foi ensinada pelo Seu Pai no Céu, Jesus teve a mais clara compreensão do que estava por vir, e do tipo de preparação necessária para lidar com sucesso com isso.

Tão realista foi a avaliação de Cristo do poder, persistência e ardilosa crueldade do inimigo por um lado, e a terrível fraqueza da humanidade caída por outro, que Ele não teve que obrigar-se a Si mesmo a ter tempo para a comunhão com o Pai, a Fonte da vida e força. Em vez disso, Ele procurava o lugar de oração com passos ansiosos, e gostava de permanecer na presença divina. Foi sempre com relutância que Ele deixou o lugar secreto da comunhão com Deus para regressar ao posto do dever que Lhe fora atribuído. Mas, Ele nunca enfrentou o inimigo a menos que tivesse sido fortalecido adequadamente através de longas horas de comunhão que, por vezes, durava toda a noite.

Foi porque Jesus entendeu a Sua necessidade por um lado, e, por outro, sabia que o único lugar onde poderia obter os recursos com que suprir essa necessidade em super abundância estava no lugar secreto de oração, que Ele fazia da Sua vida uma vida de comunhão com Deus.

Se os discípulos percebessem a sua necessidade e tivesse experimentado o poder da comunhão para responder a essa necessidade, também eles fariam das suas vidas, vidas de comunhão com Deus.

Para nós, aplicam-se os mesmos princípios.

Mas como chegamos ao lugar onde somos capazes de avaliar adequadamente a extensão da nossa necessidade e a urgência de ver que ela é suprida ao ponto onde somos levados a fugir para o Todo-Poderoso em busca da força?

Há apenas uma única forma e é a usada pelo Salvador. Ele tinha um exaustivo conhecimento do que estava para vir contra Si, mas a única fonte de informação disponível para Ele era a mesma que nós temos – a Palavra de Deus. Nela estão contidas as descrições das crises enfrentadas pelo povo de Deus no passado, as questões envolvidas, as táticas empregadas, as crueldades infligidas, e os sofrimentos suportados. Temos os registos de todas estas coisas como Jesus os encontrou, e nós temos a descrição profética dos acontecimentos que ainda não se realizaram.

No entanto, o mais provável é que até agora tenhamos lido esses pormenores sem nos tornarmos cientes do âmbito de longo alcance da nossa necessidade. Temos ficado profundamente interessados, mas não fomos movidos ao ponto de fazer desse objectivo, a preparação especial para além dos esforços casuais despendidos até agora.

Se for este o caso, então nós certamente temos uma necessidade – *a necessidade de entender a nossa necessidade*. Entregai este problema ao Senhor e pedi-lhe para ser o vosso Mestre como nunca foi convidado antes. Pedi-Lhe para vos ensinar como Ele ensinou Jesus através dos testemunhos contidos na palavra escrita, até que estejais vividamente conscientes do que está para vir ao mundo, e o que vai ser lançado contra a igreja.

Em seguida, colocai de lado todas as sedutoras, perturbadoras, ofuscadoras influências, do pecado que tendem à complacência e torpor enquanto o inimigo está vindo sorratamente sobre vós. Tirai da vossa vida todo o interesse desnecessário e actividade que não tenha uma relação directa com o vosso serviço ao Mestre, e mergulhai num estudo profundo, dirigido pelo Espírito, dos princípios que motivam o reino da luz, e aqueles pelos quais os outros reinos operam.

“A Bíblia explica-se por si mesma. Textos devem ser comparados com textos. O estudante deve aprender a ver a Palavra como um todo, e bem assim a relação de suas partes. Deve obter conhecimento de seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve enxergar como este conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada ato de sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagônicos; e como, quer queira quer não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará.” *Educação*, 190.

Se, após o exame profundo e sincero de nós próprios descobrimos que não temos um particular sentido da necessidade tal que nos conduzirá a passar uma crescente quantidade de tempo em comunhão com Deus, então é hora de ficar decididamente preocupados, sim, alarmados pela nossa condição espiritual. Então devemos fugir para o Solucionador de problemas poderoso e pedir-Lhe para fazer as Escrituras tão claras, e suas advertências tão convincentes, que sejamos levados a passar tempo em comunhão com o Senhor.

Então, não ajoelharemos mais de forma breve para dizer as nossas orações, antes de sair correndo para enfrentar deveres da vida sem preparação, mas permaneceremos na Sua presença até que todo o nosso ser seja carregado com a corrente celestial, que irá revigorar as faculdades físicas, mentais e espirituais.

“Muitos, mesmo nas horas de devoção, deixam de receber a bênção da comunhão real com Deus. Estão com demasiada pressa. Com passos precipitados apertam-se ao atravessar o grupo dos que têm a adorável presença de Cristo, detendo-se possivelmente um momento no recinto sagrado, mas não para esperar conselho. Não têm tempo de ficar com o Mestre divino. E com seus fardos voltam eles a seus trabalhos.

“Estes trabalhadores nunca poderão alcançar o maior êxito antes que aprendam o segredo da força. Devem dar a si mesmos tempo para pensar, orar e esperar de Deus a renovação da força física, mental e espiritual. Precisam da influência enobrecedora de Seu Espírito. Recebendo-a, animar-se-ão de uma nova vida. O corpo exausto e o cérebro cansado refrigerar-se-ão, e o coração oprimido aliviar-se-á.

“Nada de uma parada momentânea em Sua presença, mas um contato pessoal com Cristo, sentando-nos em Sua companhia — tal é a nossa necessidade. Felizes serão os

filhos de nossos lares e estudantes de nossas escolas quando pais e professores aprenderem em sua própria vida a preciosa experiência descrita nestas palavras dos Cantares de Salomão:

“Qual a macieira entre as árvores do bosque,
Tal é o meu Amado entre os filhos;
Desejo muito a Sua sombra, e debaixo dela me assento;
E o Seu fruto é doce ao meu paladar.
Levou-me à sala do banquete,
E o Seu estandarte em mim era o amor.’ Cantares 2:3, 4.” *Educação*, 260, 261.

Essa é a experiência em comunhão que precisamos. Se não temos isso, não nos sentemos inutilmente e impotentes. Levantemo-nos com intensa determinação, imparáveis para estabelecer este tipo de experiência nas nossas vidas.

O próximo ponto que vamos agora considerar na nossa busca para entrar na bem-sucedida comunhão de mudança pessoal com Deus, é que estejamos totalmente convencidos em nós mesmos de que não existe o menor esforço ou desejo da nossa parte para mudar Deus. Devemos ter para sempre decidido nas nossas mentes que toda a transformação que deve ser feita tem de ser realizada em nós, não no Senhor. Além disso, precisamos de estar convencidos nas nossas mentes de que uma grande obra de mudança tem de ser realizada, e devemos entregar-nos a esse trabalho, conscientes de que, até as alterações serem feitas, estaremos onde o Senhor não pode dar as bênçãos que tanto precisamos e que Ele tanto deseja derramar sobre nós.

A experiência tem mostrado que, apesar de termos despertado para o facto de no passado termos esperado que as nossas orações mudassem Deus, e afastámos esse mal com arrependimento e fortes resoluções de nunca mais ser culpados desse pecado novamente, ainda continua a existir a subtil tendência de desejarmos que o Senhor mude, a fim de nos acomodar.

Por conseguinte, temos que montar uma guarda constante contra essa tendência para que possamos rejeitar o próprio pensamento no instante em que se ele afirma.

Eu acredito que ajudará muito se entendermos por que é que este problema tende a surgir persistentemente. É porque queremos chegar à solução desejada por um caminho diferente, muito mais agradável do que ao longo daquele pelo qual o Senhor nos levaria.

Um excelente exemplo disso é fornecido na experiência dos discípulos de Cristo. Eles haviam deixado tudo por Jesus, eram cristãos nascidos de novo, e tinham sido ordenados para o ministério. Eles eram totalmente dedicados à construção do reino há muito prometido, e sacrificaram tudo pela causa, excepto das suas ideias de como isso seria feito.

Eles pensaram que os caminhos de Deus eram bastante inaceitáveis para eles, e, em consequência, continuamente aplicaram pressão sobre o Salvador para rever os Seus caminhos a fim de conformar-se com o deles. Precisamos realmente entender e estar fortemente convictos de que, todas as vezes que não estamos total e absolutamente rendidos à vontade divina, vamos certamente esperar que o Senhor mude. Tão certo é este resultado que, sempre que descobrimos a menor ou qualquer disposição para pedir ao Senhor para mudar, é uma segura revelação de que não estamos totalmente entregues à Sua vontade, que não adoptamos plenamente os princípios do repouso do sábado.

Considerai alguns casos em que esta disposição foi manifestada por estes dedicados seguidores de Jesus. Nós também notaremos a positividade com que o Salvador Se recusou a participar dos seus planos.

Quando Jesus começou o Seu ministério, a expectativa popular era que Ele iria substituir os romanos com os judeus como potência mundial daquele tempo. Isto devia

ser feito por uma campanha militar, embora o Redentor não mostrasse disposição para usar esses métodos.

O assunto veio à tona após a alimentação dos cinco mil. As pessoas viram por si mesmas o incrível poder de Cristo e sabiam que Ele era capaz de libertá-las dos romanos. Ele tinha, de facto, vindo para fazer isso, mas não da maneira como esperavam ou desejavam. O Seu caminho era mudar o coração tanto dos romanos como dos judeus, para expulsar o ódio feroz e a rivalidade que os separava, e trazê-los à maravilhosa fraternidade e comunhão do evangelho.

Este programa exigia uma mudança completa no povo, mas o povo não via a necessidade de transformação relativamente ao que eram. Eles viam-se como eleitos de Deus, o povo escolhido, os filhos do fiel Abraão, e os únicos a quem foram dadas todas as promessas da aliança. Além disso, eram tão rigorosos no desempenho do sistema sacrificial, e na sua observância do sábado. Como poderia tal um povo precisar de mudar!?

Era tragicamente um raciocínio falso, pois o que eles pensavam ser a realidade era, de facto, apenas uma capa morta, uma aparência externa, um sepulcro caiado, a partir do qual o coração vivo tinha partido. Não havia pessoas na Terra que precisassem de mudar tanto como eles, mas não tinham consciência da sua grande necessidade, e, portanto, nem sequer consideravam que fosse um problema para eles.

Uma vez que se tinham entrincheirado numa tal posição, havia apenas um resultado possível – fariam tudo ao seu alcance para induzir Deus a mudar. Foi assim que sempre aconteceu e é assim que sempre será. É a consequência simples da causa e do efeito relevante.

A provisão milagrosa da refeição para os cinco mil encorajou-os com confiança e entusiasmo para levar Cristo e forçá-l’O a tornar-se rei. “Os discípulos unem-se à multidão em declarar que o trono de Davi é a legítima herança de seu Mestre. É a modéstia de Cristo, dizem, que O faz recusar essa honra. Que o povo exalte seu Libertador. Que os arrogantes sacerdotes e principais sejam forçados a honrar Aquele que vem revestido de autoridade divina.

“Tomam ansiosamente providências para executar seu desígnio; mas Jesus vê o que está em andamento e compreende, como eles não o podem fazer, o resultado desse movimento.” *O Desejado de Todas as Nações*, 378.

Tão típico como eram os esforços dessas pessoas na sua determinação para forçar o Senhor a mudar, estava a resposta de Cristo aos seus esforços. Sempre será essa a Sua resposta. Ele nunca fará parte de qualquer abordagem que contenha qualquer solicitação ou sugestão de alteração em Deus. Ele nunca será o intercessor de tais orações, pois, sob nenhuma circunstância, será Ele a apresentá-las ao Pai. Portanto, é um absoluto desperdício de tempo e esforço dirigir a Deus qualquer oração que de alguma forma se destine a invocar alguma mudança n’Ele.

Em vez disso, cada crente deve reformular as suas orações de maneira a elas o mudarem daquilo que ele é naquilo o Senhor projectou que ele fosse.

O resultado do mal não termina com o esforço para modificar os princípios, procedimentos e acções de Deus. O passo seguinte é murmurar contra o nosso amoroso Pai celestial. Tornamo-nos impacientes com o Senhor, pensamos n’Ele como Aquele que não cumpre as Suas promessas, e o único culpado de todos os nossos problemas. Alertai-vos para que no momento em que estais a pensar nestes termos, podeis ter a certeza de que tendes trabalhado para efectuar mudanças em Deus, e não prestastes atenção às grandes mudanças necessárias em vós mesmos. Vede isso acontecer na experiência dos discípulos de Cristo! Vede como a frustração dos esforços para forçar Cristo a ser rei, foi seguida pela murmuração contra Ele!

“Os discípulos não partiram imediatamente, segundo as instruções de Jesus. Esperaram algum tempo, na expectativa de que Ele Se lhes viesse juntar. Ao verem, porém, que as trevas se adensavam rapidamente, ‘entrando no barco, passaram o mar em direção a Cafarnaum’. Com o coração insatisfeito, deixaram a Jesus, mais impacientes com Ele do que nunca, desde que O tinham reconhecido como Seu Senhor. Murmuravam por não lhes haver sido permitido proclamá-Lo rei. Acusavam-se por terem tão prontamente submetido às Suas ordens. Raciocinavam que, houvessem sido mais persistentes, e teriam talvez conseguido o seu desígnio.

“A incredulidade se estava apoderando de seu espírito e coração. Cegava-os o amor da honra. Sabiam que Jesus era odiado pelos fariseus, e estavam ansiosos por vê-Lo exaltado como pensavam que devia ser. Estarem ligados a um mestre que podia operar tão grandes milagres, e ainda serem injuriados como enganadores, era provação que mal podiam suportar. Deveriam ser sempre considerados seguidores de um falso profeta? Não haveria Cristo nunca de afirmar Sua autoridade como rei? Por que não havia Ele, que possuía tal poder, de revelar-Se em Seu verdadeiro caráter e tornar-lhes a eles o caminho menos penoso? Por que não salvara João Batista de uma morte violenta? Assim raciocinavam os discípulos, até que trouxeram sobre si mesmos grande treva espiritual. Perguntavam: Poderia ser Jesus um impostor, como afirmavam os fariseus?” *O Desejado de Todas as Nações*, 379, 380.

Assim, a terrível condição de separação de Jesus suplantou-os. Enquanto estavam neste estado de trevas, Ele não podia e, de facto, não poderia juntar-se a eles. Em vez disso, Ele agonizou em oração por eles até que a tempestade, colocando-os face a face com a morte, varreu a sua autoconfiança, e os fez perceber a sua necessidade desesperada d’Ele. Então Ele veio ter com eles, caminhando com segurança sobre a água.

Mas, as lições que deveriam ter aprendido com esta experiência escapou-lhes. Pouco tempo depois, Jesus, fez-lhes duas perguntas vitais – “Quem dizem os homens que eu sou?”... “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” – tirou deles a confissão de que Jesus era realmente Deus na carne. O Salvador, em seguida, assegurou-lhes que a sua capacidade de ver isto foi obra do Seu Pai celestial.

Jesus agora considerou que eles tinham avançado o suficiente na sua experiência cristã ao aceitar a solução divina para os problemas que tinham sido gerados por causa do pecado deles. “Até então, abster-se de dar-lhes a conhecer qualquer coisa relativamente a Seus sofrimentos e morte.” *O Desejado de Todas as Nações*, 415. Então, Ele, pela primeira vez, começou a explicar-lhes que o reino que estava a ser estabelecido através do serviço de amor pelo qual os corações daqueles que seriam membros do reino teriam de ser transformados. Ele explicou que isso iria provocar a inimizade e hostilidade da classe dominante, que O perseguiria e crucificá-l’O-ia.

“Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.” *Mateus* 16:21.

Se os discípulos tivessem afastado a disposição persistente para reformar Jesus de acordo com as suas ideias, teriam respondido com humilde submissão a esta maravilhosa revelação. Eles teriam aceitado que esta era a maneira de Deus fazer as coisas, e teriam ficado gratos por lhes ter sido dado essas preciosas orientações para o futuro.

Todavia, a arraigada disposição de pedir mudança em Deus não tinha que se desenvolver na direcção errada como aconteceu em Pedro. Ele e os outros discípulos poderiam ter dito: “Não podemos entender estes princípios, e encontramos em nós mesmos uma poderosa resistência a eles. Nós precisamos de ver esta necessidade de uma grande mudança nas nossas crenças e atitudes. Confessemos este grande problema ao

Mestre para que Ele possa realizar as mudanças necessárias em nós. Recusamos fazer este trabalho de insistir que Deus mude.”

Se tivessem feito isso, quão diferente a história teria sido! Eles teriam muito rapidamente sido educados nos princípios do reino de Deus, e teriam aceitado o caminho da escolha de Deus, e não teriam sido abalados pelos acontecimentos que ocorreram na crucificação.

Porém, em vez disso, a disposição profundamente estabelecida de dizer a Deus como realizar a Sua obra permaneceu. Pedro levantou-se como porta-voz seu e do resto do grupo, declarou que esse procedimento e o seu resultado eram totalmente inaceitáveis. “E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: ‘Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso.’” *Mateus 16:22*.

“Mudos de angústia e espanto escutaram os discípulos. Cristo aceitara o reconhecimento, por parte de Pedro, de Sua filiação de Deus; e agora Suas palavras, indicativas dos sofrimentos e da morte que O aguardavam, pareciam incompreensíveis. Pedro não se pôde conter. Tomando o Mestre à parte, como a querer subtraí-Lo à imminente condenação, exclamou: ‘Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 415.

Este é um excelente exemplo de um homem pedindo a Deus para mudar. Jesus tinha delineado o caminho de Deus com grande clareza, mas Pedro não aceitou dessa forma. Ele declarou que viu um outro caminho – que não envolvia a cruz. Claro, a rejeição de Pedro do caminho de Deus em favor do seu, não mudou as coisas, no mínimo. Deus é imutável, e não fez a menor concessão à reação de Pedro.

Por esta altura, deveríamos ter começado a perceber a gravidade extrema de orar de tal maneira que seja pedido a Deus para mudar. Isso é implicar que Deus esteja tão longe da perfeição infinita, que o homem o sujeito do Seu poder criativo, é mais sábio do que Ele. Este é o coração e a natureza de toda iniquidade – a exaltação da criatura acima do Criador, do homem acima de Deus. Isso corta-nos o fluxo da vida, e separa-nos do Senhor. É o caminho da morte.

Não é de admirar, então, que o Salvador reagisse tão francamente, como fez com Pedro. “... e o Salvador foi compelido a proferir uma das mais severas repreensões que já Lhe caíram dos lábios: ‘Para trás de Mim, Satanás, que Me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.’” *O Desejado de Todas as Nações*, 415, 416.

Se pudéssemos ver como Cristo, a verdadeira natureza de tentar substituir os caminhos de Deus pelos dos homens, gostaríamos de nos apressar para garantir que todos os vestígios da menor disposição de pedir a Deus para mudar, seria apagado das nossas mentes para sempre. Nós, então, concentrar-nos-íamos em fazer orações destinadas a mudar-nos!

Como nós, os discípulos eram lentos a aprender. Eles não chegaram a entender que era neles que as mudanças eram necessárias de maneira que, como era de esperar, irrompeu mais murmuração entre eles, e continuou até à Ceia do Senhor. Eles continuaram a rejeitar a cruz. “Assim prosseguiram, enquanto a crise se aproximava; e, jactanciosos, contenciosos, distribuíam antecipadamente as honras reais, e não sonhavam com a cruz.” *Educação*, 88.

Quando eles finalmente chegaram ao cenáculo, havia entre si a luta sobre quem seria o maior no reino vindouro. Por isso, eles apenas estavam preparados para preencher nada menos do que a posição mais alta e, portanto, não exerceriam as funções de um servo.

Então Jesus assumiu aquele lugar humilde e forneceu-lhes uma imagem muito clara do tipo de reino que viera estabelecer. Era aquele em que o próprio Rei estava preparado

para executar qualquer serviço, não importa o quão humilde, o que era necessário para garantir que a salvação seja trazida ao perdido.

Pedro certamente compreendeu o que Jesus estava a dizer com as suas acções, e positivamente se opôs à mensagem que lhe era trazida. Ele ficou indignado com o pensamento de que se o Rei lavou os pés dos Seus súbditos, o que terão os próprios súbditos de fazer? A coroa brilhante, o esplêndido traje, a elevada posição, e a expectativa a ser invejada, honrado e servida por todos, estavam subitamente em perigo. Em defesa, ele exclamou: “Nunca me lavarás os pés.” *João 13:8*.

Não percais de vista o que Pedro estava a fazer. Ele estava a pedir a Cristo para mudar os princípios e estrutura do Seu reino, ao passo que recusou considerar que era ele o único que precisava de mudar.

Cristo, branda mas firmemente recordando-lhe que não haveria mudança, respondeu-lhe: “Se eu te não lavar, não tens parte comigo.” *João 13:8*.

Era Pedro, não o Senhor, que precisava de fazer toda a mudança. Era muito mais uma questão de vida ou morte, pois, se Pedro não estava preparado para mudar, abandonando todos os pensamentos de efectuar uma mudança em Deus, iria encontrar a separação da vida eterna. O assunto é tão crítico, tão grave, hoje como era lá atrás na Ceia do Senhor. Nós, ou ganhamos a batalha sobre este problema persistente ou veremos que fomos privados da nossa condição de membros do corpo de Cristo e pereceremos eternamente.

Temos agora considerado brevemente dois factores essenciais em orações eficazes na mudança da pessoa.

- Um sentido muito real da necessidade.
- A convicção inabalável de que Deus não tem de ser mudado, mas nós sim.

Se estes dois objectivos forem realizados, veremos que haverá um aumento significativo no poder das nossas orações, e uma aceleração decidida em nossa aptidão para a recepção da chuva serôdia.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 28

Na última edição, que tocou brevemente sobre o pecado da murmuração, que surge como consequência inevitável da presença nas nossas orações da disposição para exigir a mudança em Deus. Vimos como a multidão e os discípulos de Cristo se uniram para obrigá-l'O, se pudessem, a mudar de ideias em relação ao reino, e a fazer a Sua obra de acordo com os seus conceitos de como isso devia ser feito. Que felizes imaginavam eles que teriam sido se o Salvador se tivesse conformado com o que na sua fraca sabedoria estavam a pedir que Ele fizesse. Mas a sua felicidade logo mudaria em tristeza e desespero. Eles não podiam ver que, se Jesus se rendesse à vontade deles, a sua alegria seria apenas de curta duração, porque tal proceder por parte do Redentor teria sido uma cedência a Satanás que estaria completamente livre para reduzir o mundo à imediata ruína.

Porém, Jesus era por demais amoroso e misericordioso para fazer isso. Ele nunca iria sair no menor grau da vontade do Seu Pai, e, portanto, nunca iria procurar conseguir qualquer mudança no Seu Pai.

Como tenho vindo a estudar e escrever sobre este assunto nos últimos tempos, tenho sido decididamente impressionado com a integridade absoluta de Deus. Não há a menor possibilidade de que Ele alguma vez comprometa a Sua justiça. A Sua obediência a esses grandes princípios eternos contidos em todas as suas leis é impecavelmente perfeito. Eu tenho ficado ciente da inutilidade de pedir a Deus para mudar de qualquer maneira.

É essencial que aqueles que procuram ganhar poder e eficiência na sua vida de oração compreendam a extensão infinita a que o Senhor leva este princípio. Tanto no Antigo como no Novo Testamento são numerosos os exemplos da fidelidade de Deus a este respeito. Ele tem demonstrado conclusivamente em face de todos os argumentos que podem ser apresentados em contrário, que quando Ele faz uma promessa, ou faz um juízo, cumprirá a palavra, mesmo se, ao fazê-lo, a Sua causa na Terra sofrer um terrivelmente doloroso e revés no tempo.

Em nenhum lugar isto é melhor revelado do que no caso de Paulo contra os dirigentes judeus na igreja Cristã. Uma análise detalhada deste assunto é encontrada em *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, capítulos 10 e 11, intitulado “Problemas na Igreja Primitiva”, e “Outro Retrocesso”. Não vamos repetir toda a informação neste capítulo, mas vamos tirar algumas conclusões importantes a partir da informação contida naquelas referências. Portanto, é recomendável que, neste momento, aqueles capítulos sejam lidos com atenção e oração.

Na Igreja Judaica de onde vieram muitos dos primeiros crentes nas verdades ensinadas por Cristo e os apóstolos, as organizações religiosas eram um sistema onde o homem governava sobre o homem, onde não havia lugar para Cristo para ser a única verdadeira Cabeça da Igreja. Quando os primeiros cristãos saíram da Igreja Judaica caída, eles tinham a tendência para trazer consigo a mesma forma de organização. Havia aqueles que acreditavam que era a sua responsabilidade dada por Deus controlar os obreiros e dirigir a Igreja.

Durante o grande concílio em Jerusalém, o Senhor foi capaz de abrir os olhos de todos os interessados para ver o erro desta posição, e, em consequência do trabalho harmonioso dos membros na sua relação com Cristo como sua Cabeça, a causa prosperou maravilhosamente. Este foi o momento em que eles tinham a menor desculpa para a apostasia, mas os dirigentes voltaram aos seus princípios malignos. Eles exerceram sobre Paulo, toda a pressão de que eram capazes na sua determinação para colocá-lo sob o seu controlo, e, ao mesmo tempo, apaziguar os judeus apóstatas, que tinham sido irritados pela poderosa declaração de Paulo de que o sistema sacrificial tinha terminado na crucificação.

Paulo tinha recebido a sua missão e a sua mensagem directamente da sua Cabeça, Jesus Cristo. Entre outras verdades, tinha-lhe sido ordenado pelo Altíssimo anunciar que os sacrifícios e as ofertas tinham terminado, e que deviam agora olhar para um santuário celeste. Ele não só devia ensinar isso, mas também devia vivê-lo. Portanto, quando acedeu às exigências dos dirigentes em Jerusalém para participar numa cerimónia contra a qual tinha pregado veementemente ter sido revogada, estava a comprometer a sua missão, e, pior ainda, colocou-se no terreno do inimigo e sob o seu poder.

Portanto, se Deus o tivesse enviado ao templo, ele estaria perfeitamente seguro, mas era Satanás, a trabalhar com os dirigentes da igreja, que o haviam influenciado a ir. Por conseguinte, como o Senhor advertiu que iria acontecer neste tipo de situação, Paulo perdeu a protecção divina. Observai estas palavras de advertência do próprio Senhor; palavras que não podem ser tomadas de ânimo leve: “Deus Se desagrada de nós quando assistimos ao erro sem a isso ser obrigados; pois a menos que Ele nos envie a essas reuniões onde o erro é inculcado ao povo pelo poder da vontade, Ele não nos guardará. Os anjos cessam seu vigilante cuidado sobre nós, e somos deixados aos açoites do inimigo, deixados a ser entenebrecidos e debilitados por ele e pelo poder dos seus anjos maus; e a luz ao nosso redor fica contaminada com as trevas.” *Primeiros escritos*, 125.

Por isso, Deus jurou que, se formos a esses lugares sem ser enviados por Ele, então Ele não nos protegerá. Este é um princípio eterno do Senhor que era tão válido nos dias de Paulo como agora. Não importa a Deus quão séria a ameaça à Sua causa possa ser. Ele actua apenas no âmbito do que está certo, não importa qual o custo. Assim, Jesus, como o Revelador perfeito e completo do carácter do Pai, demonstrou que, não importa quão grande a pressão exercida sobre Ele, nunca iria comprometer o Seus princípios, mesmo que isso Lhe custasse a vida. De Jesus está escrito: “Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Cristo mostrou que, exactamente como o Pai faz, assim o homem tem de viver, não de acordo com aquilo que é conveniente, ou político, ou aceitável para os nossos sentimentos, mas pela palavra de Deus.

Quando Paulo, embora tivesse feito isso com a melhor das intenções, se colocou no terreno do diabo, abriu a porta para uma poderosa inundação do mal invadir a igreja que levaria séculos a amadurecer, e ainda mais tempo a neutralizar.

Isto desenvolveu-se da seguinte forma: Enquanto Paulo permaneceu livre, era um poderoso baluarte para o estabelecimento da verdadeira ordem divina na igreja, também conhecido como o mistério de Deus, mas, quando ele foi retirado de circulação, o mistério da iniquidade foi capaz de assumir um controlo cada vez maior na igreja até que o papado foi totalmente estabelecido. A obra, em vez de ser concluída num curto espaço de tempo, foi adiada por quase dois mil anos. Trevas terríveis envolveram a humanidade, crueldades terríveis foram infligidas a milhões de pessoas inocentes, e o carácter de Deus tem sido mal interpretado.

Tudo isto é muito muito doloroso para Deus, mas Ele prefere sofrer tudo isso do que mudar alguma coisa nos Seus compromissos. “Deus não havia ordenado que os trabalhos de Paulo tão cedo tivessem fim; *mas não operou um milagre* para conter o encadeamento de circunstâncias que a atitude dos dirigentes da igreja em Jerusalém haviam provocado.” *Atos dos Apóstolos*, 417.

Estes resultados ameaçadores foram de tal magnitude e duração aparentemente interminável, que, se alguma vez se justificava uma intervenção divina especial era nesta altura. O Senhor poderia ter dado a Paulo protecção especial enquanto ele estava no templo para que pudesse ter realizado a cerimónia sem ser detectado e, portanto, não ser preso. Mas o plano formado pelos dirigentes exigia que ele fosse visto, pois desejavam que ele desse um testemunho para os judeus de que não era contra o sistema sacrificial. Portanto, Deus não poderia salvar Paulo de ser visto e preso.

Depois o Senhor poderia tê-lo libertado da prisão, mas não havia qualquer arrependimento por parte dos guias da igreja que o tinham colocado lá, então, o Senhor não poderia libertá-lo. O poderoso apóstolo foi mantido sob detenção quase continuamente até ao dia da sua execução, a igreja foi privada do ministério daquele de quem mais precisava, e o mistério da iniquidade assumiu o controlo total.

Através de tudo isso, Deus demonstrou que Ele tinha jurado com dano para Si próprio, e, não importava quanto o medo da perda da Sua causa, Ele não mudaria. Cada filho de Deus deve aprender a lição, que, não importa quão desesperada seja a nossa necessidade, ou importuna a nossa oração seja, o Senhor dar-nos-á somente o que prometeu dar, desde que tenhamos cumprido as condições da fé e obediência. Nunca devemos perder de vista a maravilhosa a justeza das promessas de Deus para cobrir cada possível necessidade legítima.

Devemos, portanto, tornar-nos completamente conhecedores das garantias dadas pelo Todo-Poderoso do que Ele fará para atender as diferentes situações, necessidades e circunstâncias. Esta informação é encontrada na palavra escrita e criada, e é deixado connosco através do estudo das Escrituras e do ministério do Espírito Santo aprender o que o Senhor prometeu e não prometeu fazer. Isso exigirá muito estudo e oração, porque o conhecimento destas coisas nunca é adquirido pelo indolente e superficial. À medida que aprendemos estas verdades e vivemos por elas, deixaremos de enviar petições que exigiriam ao Senhor mudar a fim de lhes responder. Por isso, as nossas orações serão proferidas mais e mais dentro das limitações daquilo que o Senhor pode fazer, e, naturalmente, vamos ver mais e mais dessas sinceras petições concedidas. Que seja claro e para sempre entendido que o Senhor fará apenas o que prometeu fazer. Portanto, antes de

abordar Deus com uma petição, tenhamos a certeza de que é uma promessa que cobre essa situação.

Por exemplo, muitos pedem a Deus para subjugar a mente carnal, ou, por outras palavras, forçar uma árvore má a dar bom fruto. Deus nunca prometeu fazer isso, mas já avisou que é pedir o impossível: “Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.

“Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo.” *Mateus 7:18, 19.*

“Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” *Romanos 8:6, 7.*

Então, aí está. Deus não só nunca prometeu forçar a mente carnal a ser sujeita à lei de Deus, mas declarou que isso simplesmente não pode acontecer. Por conseguinte, é pior do que um desperdício de tempo pedir a Deus para colocar a mente carnal, que é o velho homem, o senhor do pecado, em sujeição à lei. Deus nunca prometeu fazer isso, então nós nunca podemos pedir-Lhe isso com sucesso.

Mas, o que o Senhor prometeu fazer, Ele *fará*, desde que as condições sejam fielmente cumpridas. “Se atendemos ainda à iniquidade em nosso coração, se nos apegarmos a algum pecado consciente, o Senhor não nos ouvirá; mas a oração da alma penitente e contrita será sempre aceita. Depois de termos reparado todas as faltas de que temos consciência, poderemos crer que Deus atenderá às nossas petições. Nossos próprios méritos jamais nos recomendarão ao favor de Deus; é o mérito de Cristo que nos salvará, Seu sangue é que nos purificará; nós, porém, temos uma obra a fazer para cumprir as condições da aceitação.” *Aos Pés de Cristo*, 95.

Em contraste com a Sua fidelidade, quão fracos e vacilantes nós somos, e quão propensos a ser regidos mais pela política do que pela adesão estrita a princípios justos. Eu posso ver como nunca antes que chegou o momento em que devemos tornar-nos realmente sérios a respeito de terminar com a transgressão, dar um fim ao pecado, e estabelecer a justiça eterna nas nossas vidas. Temos falado muito sobre a perfeição ao longo dos anos, mas tornámo-nos realmente determinados em alcançar e manter uma tal condição! Separámo-nos do erro terrível de esperar que o Senhor mude de maneira a acomodar as soluções que achamos atraentes para a nossa humanidade, mas que na verdade são as piores coisas que poderiam pensar-se!?

Nós desejamos sinceramente viver de toda a palavra que sai da boca do Senhor, mas sem dúvida sentimo-nos desanimados com o nosso desempenho. Por que é isso? Por que não experimentamos mais sucesso do que conseguimos?

Uma razão muito válida é que nós não discernimos a verdadeira natureza da nossa abordagem ao Senhor. Estamos confiantes de que as nossas orações são de tal natureza que receberão plena aceitação de Deus, e pergunto-me por que as respostas que recebemos estão tão longe de suprir as nossas necessidades! Nós não conseguimos perceber que temos tentado mudar o Deus imutável.

O problema é: Como é que reconhecemos que somos culpados de olhar para Deus a fim de O mudar segundo a nossa conveniência? Como os cruéis espinhos da árvore identificam a classe à qual a árvore pertence, que indicações acompanham esta disposição?

Um sinal claro e certo é o levantamento de um espírito de murmuração e descontentamento. Sempre que se detecte a presença desta actividade, devemos saber com certeza de que ela é o passo seguinte do exercício da disposição para forçar o Senhor a modificar os Seus caminhos – para levá-l’O pela força e coroá-l’O rei sobre um reino que nós projectámos. Infalivelmente seguir-se-á sempre a murmuração onde não foi alcançada

uma total submissão à vontade de Deus. Nós nunca murmuraremos a menos que vejamos Deus como Aquele que precisa de mudar. Onde há fumo, sabemos que há fogo. Assim, a presença da murmuração contra Deus é o fumo que indica a presença em nós de uma insatisfação com o comportamento de Deus que nos leva a crer que Ele deve mudar. Para obter a vitória completa nesta área, será necessário, mais do que uma vontade sincera de cessar este mal. Não será suficiente determinar nunca mais reclamar contra Deus, pois este é apenas o fruto que brota da raiz, que é a compulsão para efectuar mudanças em Deus. A menos que a raiz seja erradicada, continuará a dar frutos maus que impedirão a presença de Cristo.

Foi assim que os discípulos e a multidão em primeiro lugar tentaram forçar Cristo a ocupar o trono de Israel, e, quando isso falhou, murmuraram contra Ele. Quando Cristo frustrou as suas intenções ao recusar desviar-Se da vontade do Pai, foram-se embora com a rebelião nos seus corações. Não poderia ser de outra maneira. A raiz ainda estava neles, de modo que o fruto do mal tinha que nascer.

“Com o coração insatisfeito, deixaram a Jesus, mais impacientes com Ele do que nunca, desde que O tinham reconhecido como Seu Senhor. Murmuravam por não lhes haver sido permitido proclamá-Lo rei.” *O Desejado de Todas as Nações*, 380.

Vamos tentar identificar-nos com esses homens. Eles haviam deixado Jesus com corações *insatisfeitos*. Não fizemos nós o mesmo? Chegamos ao Senhor em fervorosa oração conscientes da nossa grande necessidade, mas mais ou menos inconscientemente mapeamos a maneira em que a oração deve ser respondida. Sem nos darmos conta, tiramos a Deus o papel de Planeador. Nós usurpamos a Sua posição sem o poder ou a sabedoria para a preencher. Isto não é mais do que expor o espírito e os procedimentos da Babilónia do qual nos foi ordenado que nos separássemos completamente.

Quando seguimos os caminhos de Babilónia, embora involuntariamente, o Senhor não luta pelos Seus direitos, mas deixa as coisas avançarem por si mesmas na esperança que nos tornemos cientes do trágico erro dos nossos caminhos. Enquanto isso, nós estaremos procurando respostas para a nossa oração que sejam agradáveis para nós, e, quando nós não recebemos o que achamos que o Senhor deve dar-nos e da forma que pensamos que deve ser concedido, descobriremos que vamos para longe com corações insatisfeitos, e o espírito de murmuração assim desenvolvido separar-nos-á de Deus. Isto pode acontecer mesmo quando oramos pelo cumprimento das promessas de Deus.

Não haverá qualquer progresso real no desenvolvimento de uma vida de comunhão com Deus até que entendamos o problema que enfrentamos, e pela graça de Deus e nosso próprio esforço diligente, coloquemos a raiz do mal à distância. Duas coisas devem ser compreendidas e aceites. Elas são que o Senhor não responderá às nossas orações da maneira que temos delineado, e, por outro lado, se as orações não foram respondidas, então a culpa recai sobre nós e não em Deus.

Olhemos mais de perto agora o pecado da murmuração, para que possamos entender melhor seu verdadeiro carácter e a sua natureza maligna. Tão certo como quando passamos a ver estas coisas, abandoná-las-emos para sempre. Em *Patriarcas e Profetas*, 380, ele é chamado “. . . O espírito de murmuração que era a maldição de Israel.”

Há muitas referências a este pecado no Espírito de Profecia e todos os crentes fariam bem em estudar cuidadosamente cada uma delas e profundamente. Não vamos fazer isso aqui uma vez que não é o espaço para isso, mas vamos lutar por entender a razão dele ser considerado com tal desprezo pelo Senhor.

É porque não é apenas a expressão de um coração insatisfeito, mas porque é a repetição do pecado cometido por Satanás no Céu, a iniquidade que é o coração e o

fundamento de todo o pecado. É a tentativa de exaltação do homem acima de Deus, a grave negação da fé em Deus.

A base absoluta de todo o serviço a Jeová é a implícita, inabalável, e total fé em Deus. “Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.” *Hebreus 11:6*.

A fé é uma arma extremamente poderosa nas mãos de um crente filho de Deus. É tão poderosa de facto que aquele que entende, apreende, e mantém a verdadeira fé nunca será culpado do pecado da murmuração. Aqueles que se queixam contra Deus são desse modo advertidos de que estão amaldiçoados com o pecado da incredulidade. Considerai com muito cuidado a definição da fé dada em *Educação*, 253.

“A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez de o nosso próprio. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça.”

Estudemos agora este poderoso testemunho para ver como é a cura perfeita para o desejo de mudar Deus, e a murmuração que se gera.

“A fé é a confiança em Deus. . .”

Confiar é um passo para além de acreditar noutra pessoa, embora a crença deva estar lá, pois ninguém pode confiar em quem não acredita. Confiar é uma entrega completa e activa de tudo o que sois e de tudo o que tendes àquele em quem acreditais. É a entrega de vós próprios ao Senhor. É a inquestionável submissão da vida à vontade de Deus. Nós confiamos n’Ele tão implicitamente, tão completamente, que, mesmo quando Ele nos leva a lugares onde parece que só o mal nos pode acontecer, nós não recuamos mas avançamos, sem medo, e com fé inabalável.

Isto soa tão inspirador e maravilhoso quando agora lemos estas palavras numa tranquila certeza de presente cena imperturbável, mas é uma questão diferente quando somos chamados a manter a nossa calma confiança em Deus quando enfrentamos o pior.

Eu sei do que estou a falar sobre este assunto, pois preguei a mensagem “Entrando no repouso do sábado de Deus”, não uma, mas algumas vezes. Depois, passei meses escrevendo o livro sobre o assunto. Eu amo essa mensagem e realmente acredito nela. À medida que ela se desenvolvia na minha mente, eu sentia-me razoavelmente seguro de que a viveria fielmente, mas descobri ser uma questão muito diferente viver a mensagem com calma consistência face a terríveis ameaças à vida e à propriedade. Quando veio o tempo em que as coisas estavam caminhando de mal a pior, e não havia qualquer evidência visível de que o Senhor se importasse, foi então que eu fiquei chocado ao perceber quão fraca e inadequada a minha fé e confiança em Deus realmente eram.

Jesus Cristo é o modelo do crente, Aquele que melhor nos revelou como colocar toda a nossa confiança no Pai. Contemplai-O dormindo no fundo de um barco de pesca, enquanto uma tempestade de fúria incrível ameaçava afundar o barco a qualquer momento. Aqueles experimentados pescadores tinham passado por muitas furiosas tempestades durante o período em que ganhavam a sua subsistência no lago, mas nunca tinham visto uma tempestade que se comparasse com a incrível fúria desta, nem tinham sido tão assustados, pois estavam positivamente tomados pelo terror.

Contudo, o Salvador estava descansando com total indiferença no fundo do barco. Por que deveria Ele de se preocupar! O Seu pai tinha-Lhe ordenado que atravessasse para o outro lado, e em obediência a essa ordem, Ele havia embarcado na viagem. Não era da responsabilidade d’Ele ou dos Seus discípulos preocuparem-se com os perigos que iriam encontrar. Isso era da responsabilidade de Deus. Ele não foi apanhado de surpresa.

Portanto, nada poderia sobrevir-lhes nessa viagem que o Senhor não soubesse antecipadamente, e para o qual não tivesse feito provisão adequada.

Então, porque é que o Salvador havia de sentar-se na escuridão com a preocupação se chegaria à outra margem? Ele acreditava que: “Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras.” *Parábolas de Jesus*, 333.

Seu Pai lhes havia ordenado para atravessar o lago e, portanto, não havia nada para detê-los, a menos que a incredulidade surgisse nos seus corações. Então Jesus deixou a questão realização dessa viagem tão completamente no cuidado do Pai que Ele podia dormir tranquilamente durante a tempestade mais selvagem de sempre que desceu sobre aquele lago.

Que esplêndido exemplo de *confiança* em Deus. Jesus tinha uma compreensão muito clara de quais as Suas responsabilidades e Ele fez o que tinha de ser feito com grande fidelidade. Nenhum pecado alguma vez O separou do Pai. Não havia incerteza quanto ao que Lhe tinha sido pedido para fazer, nenhuma confusão havia sobre onde terminava o Seu papel começava o de Deus. Por isso, Ele podia dormir durante furiosas tempestades, ficar firme sem recuar um único passo quando os loucos avançavam sobre Ele, misturar-se com aqueles que tentavam assassiná-l’O, e não ser afectado pelas conspirações dos Seus inimigos para O destruírem.

Protegê-l’O para que pudesse cumprir completamente a Sua missão era responsabilidade do Pai, assim Jesus nunca se preocupou nem deu atenção a este aspecto do problema. Ele nunca falou sobre isso, excepto quando os Seus discípulos levantaram a questão como fizeram, por exemplo, logo após a morte de Lázaro.

“Depois de esperar dois dias, disse Jesus aos discípulos: ‘Vamos outra vez para a Judeia’. João 11:7. Os discípulos reflexionavam por que, se Jesus ia para a Judeia, esperara dois dias? Mas a ansiedade por Cristo e por eles próprios tomou então o primeiro plano no espírito deles. Não podiam ver senão perigos no passo que Ele ia dar. ‘Rabi’, disseram, ‘ainda agora os judeus procuravam apedrejar-Te, e tornas para lá? Jesus respondeu: Não há doze horas no dia?’ Acho-Me sob a direcção de Meu Pai; enquanto fizer Sua vontade, Minha vida está segura. As doze horas do Meu dia ainda não findaram. Entrei em suas últimas horas; mas enquanto restar algumas delas, acho-Me a salvo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 526, 527.

Esta foi a fé e a confiança da parte de Cristo, não a presunção. A chave para esta certeza está nas palavras: “Acho-Me sob a direcção de Meu Pai; enquanto fizer Sua vontade, Minha vida está segura.” Cristo sempre apenas duas perguntas: “Qual é o mandamento de Deus? Qual Sua promessa? Sabendo isso” Ele obedecia “ao primeiro,” e confiava “na segunda.” *O Desejado de Todas as Nações*, 527, 121.

Assim, o Salvador sem medo e abertamente voltou ao túmulo de Lázaro, um lugar que era tão perigosamente perto de Jerusalém, a sede do poder ocupada pelos seus inimigos mais mortais que estavam dedicados a pôr fim à Sua vida o mais cedo possível. Por muito poderosos e determinados que aqueles homens fossem, eles não poderiam prender e crucificar Jesus até a Sua hora tinha chegado. Ele foi para Betânia e partiram de lá, sem impedimentos ou detenção. Isso aconteceu assim, porquê? Foi porque sem quaisquer dúvidas, Ele estava a executar a vontade do Pai.

Comparaí isso com a experiência de Paulo quando ele foi ao templo não em obediência à vontade de Deus, mas do homem. Ele estava tão desprotegido que lhe aconteceu o pior. Foi detido, julgado, condenado, preso, e finalmente levado para Roma, onde foi por fim executado, apesar do Senhor ter ordenado que o seu ministério não devia acabar tão cedo.

Jesus morreu exactamente no mesmo momento de tempo determinado por Deus; Paulo morreu muito tempo antes do que Deus planeou que deveria. “Deus não havia ordenado que os trabalhos de Paulo tão cedo tivessem fim; *mas não operou um milagre* para conter o encadeamento de circunstâncias que a atitude dos dirigentes da igreja em Jerusalém haviam provocado.” *Atos dos Apóstolos*, 417.

Aqueles que são tão totalmente submissos ao Senhor como Cristo foi nunca serão culpados do terrível pecado da murmuração. Eles nunca terão o menor sentimento de insatisfação com o Senhor, nem nunca reclamarão ao longo do caminho. Eles terão o verdadeiro repouso e paz perfeita, mesmo no meio das tempestades mais furiosas.

O que é que o murmurador está a dizer com a sua queixa? Ele diz muito. Declara que é mais sábio do que Deus e, portanto, está acima de Deus. Sendo assim, ele e não Deus é aquele que deve tomar todas as decisões quanto ao que deve ser feito para o melhor bem de si mesmo e da igreja de Deus. A murmuração, então, é o pecado final, a exaltação da criatura acima do seu Criador, a elevação do homem acima de Deus e no lugar de Deus. Não admira ter sido chamado como “a maldição de Israel”. É Babilonianismo na sua pior forma; é a manifestação do anticristo, o homem do pecado, de quem estamos a sair na separação total. Não devemos tocar nas coisas impuras.

A partir de agora, cada um examine cuidadosamente a natureza da sua vida de oração para garantir que abandonámos totalmente o desejo e a intenção de invocar Deus para mudar, e nos tornemos tão confiantemente submissos à Sua vontade, que todos os traços de murmúrio sejam eliminados. Quando isso for feito, podemos estar certos de que um novo vigor e poder se manifestarão na nossa vida de oração.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 29

Podemos ver agora como nunca antes que haja uma razão para a demora do Céu em responder às nossas petições até que tenhamos aprendido o poder da oração importuna, isto é, até a perseverança e determinação ganharem completamente. É porque leva tempo até nós vermos a verdadeira natureza do pecado que está a bloquear o nosso acesso à Fonte de todas as nossas bênçãos, e que é preciso tempo para desenvolver a capacidade de receber o que o Senhor tem para nós. Os que, assim, aprendem a agarrar-se às promessas de Deus até recebê-las são, desse modo, refinados, reforçados, enobrecidos e santificados. Eles tornam-se puros de coração, e possuem uma poderosa, fé viva, pela qual são cheios de justiça. Por isso, por dolorosa e até mesmo assustadora quanto a experiência possa ser, o resultado é extremamente benéfico e bastante necessário na preparação bem-sucedida para os que marcham vitoriosamente pelo conflito final.

Quando o crente passa por esses períodos em que parece que o Senhor não está sequer a ouvir as suas petições, a tendência natural é concluir que foi abandonado, e, portanto, está perdido. Na verdade, esta é uma possibilidade, mas somente se durante um longo período de tempo, ele teimosamente se apegar a pecados acariciados.

“Os indivíduos são experimentados e provados por um espaço de tempo a ver se sacrificarão seus ídolos e darão ouvidos ao conselho da Testemunha Verdadeira. Caso alguém não seja purificado pela obediência à verdade, e vença o egoísmo, o orgulho e as más paixões, os anjos de Deus têm a recomendação: ‘Estão entregues a seus ídolos; deixem-nos’ (Oséias 4:17), e eles passarão adiante à sua obra, deixando esses com seus pecaminosos traços não subjugados, ao comando dos anjos maus. Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a transladação.” *Testemunhos para a Igreja* 1:187.

A alma assim abandonada pelos agentes celestes, cometeu obviamente o pecado imperdoável, e não terá a experiência do poder da oração importuna. Cometer o pecado imperdoável é chamar à obra de Deus, a obra de Satanás, e vice-versa. É imperdoável, porque quanto mais o diabo se aproxima de nós, mais o aceitaremos como nosso amigo, enquanto qualquer tentativa da parte de Deus para nos atrair a Ele será rejeitada como proveniente do inimigo.

No entanto, ninguém salte para a conclusão de que, por haver uma demora na resposta às suas orações, já deve ter cometido o pecado imperdoável. Há outro motivo mencionado acima, que é a necessidade de tempo para transformar o suplicante ao ponto onde tem a capacidade de receber a bênção maior. Há casos frequentes na Bíblia onde homens que caminhavam muito perto do Senhor, tiveram de importunar Deus por algum tempo antes da resposta necessária vir. O exemplo mais notável é o do próprio Cristo durante a longa batalha com o diabo no deserto, quando dia seguido de outro dia de oração agonizante, sem a menor indicação de que o Céu estivesse minimamente interessado. Mas a indicação era completamente o oposto daquilo que aparentava, pois teria sido impossível ao Céu estar mais interessado, solícito, participante ou apoiante.

Depois, houve a noite de angústia de Jacó, os repetidos apelos de Elias pela chuva e a recusa do leproso e vários outros enfermos, em que a resposta não veio logo porque no princípio eles não foram capazes de chegar ao Salvador.

Por isso, quando o cristão dedicado que está andando na luz da verdade verifica que as suas orações altruístas continuam aparentemente sem ser ouvidas, não deve ficar alarmado apesar de ser um teste severo da sua fé. É digno de nota que a prova da sua confiança em Deus será muito menos difícil de suportar quando entende que aquilo que está passar é uma fase normal da preparação para a eternidade. Ele pode até alegrar-se em saber que o Senhor está a operar mudanças vitais nele, na preparação para as bênçãos maiores do que as recebidas anteriormente.

Nunca este conhecimento e confiança foram mais necessários do que na vinda tempo da angústia de Jacó. Então, dia após dia passarão, dedicados a agonizante oração pela vitória sobre Babilónia, a Grande, mas, mesmo que a situação seja desesperada ao extremo, e o povo de Deus não tenha mais ninguém a quem recorrer senão a Ele neste tempo de extrema necessidade, vai parecer que o Senhor estará despreocupado e indiferente aos seus apelos.

Então, como Jacó, eles devem conhecer o poder da oração importuna, pelo qual se agarrarão à promessa e não desistirão até o Céu ouvir. Será um momento em que firmar e crer na promessa parecerá um exercício inútil. Ao que tudo indica, a sua fé parece que vai ser inútil e infrutífera, e orar um desperdício de tempo valioso. Mas eles terão de superar o testemunho da visão e circunstâncias ao ponto de nunca desistir de alguma forma. Para conseguir isso, têm de entender os propósitos que o Senhor tem para realizar, através da oração importuna e pela fé submeter-se-ão à exigente experiência.

E eles devem conhecer o carácter de Deus – deve ter aprendido por si mesmos que Ele é absolutamente fiel à Sua palavra e ao Seu povo; que Ele ama com uma intensidade de amor que é infinito; que Ele sabe o que é para nosso bem; e que Ele nunca vai trair os sagrados depósitos. Seria impossível exagerar a necessidade crítica de saber essas coisas sobre Deus, a fim de manter a fé n'Ele durante períodos de prova terrível. Aqueles que perdem o seu conhecimento de Deus e a sua fé n'Ele, certamente, serão derrotados pelo inimigo, e serão levados a colocar a sua confiança em si mesmos e nas suas próprias obras.

A vitória é obtida pela fé, e não podeis ter fé num Deus a quem não conheceis. “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.” *Romanos 10:17*. Isto é verdade para a fé salvadora apenas se a palavra pela qual ela vem é a revelação de Jesus Cristo e do Pai.

Este é um facto indiscutível, pois “*A Palavra de Deus* revela o Seu carácter.” *Aos Pés de Cristo*, 10.

“Disse Jesus acerca das Escrituras do Antigo Testamento — e quanto mais é isto verdade do Novo! — ‘São elas que de Mim testificam’ (João 5:39), — dEle que é o Redentor. Aquele em quem se centralizam nossas esperanças de vida eterna. Sim, a Bíblia toda fala de Cristo. Desde o primeiro relatório da criação — pois ‘sem Ele nada do que foi feito se fez’ (João 1:3) — até à promessa final: ‘Eis que cedo venho’ (Apocalipse 22:12) lemos acerca de Suas obras e ouvimos a Sua voz. Se desejais familiarizar-vos com o Salvador, estudai as Santas Escrituras.” *Aos Pés de Cristo*, 88.

Mas uma coisa é as Escrituras serem de facto uma revelação maravilhosa, e realmente viva de Cristo e de Seu Pai, e outra questão o estudante da Bíblia ver o Pai e o Filho em todos os escritos. Para muitos, eles são, apenas uma compilação de acontecimentos históricos, a delimitação fascinante dos desenvolvimentos futuros, a apresentação de verdades doutrinárias, e uma colecção de hinos espirituais.

Aqueles que não vêem nada mais do que isto e por isso falham em ver o nosso eterno, amoroso Pai e o nosso Salvador, Jesus Cristo revelados em todas as Escrituras, permanecem sobrecarregados com as opiniões mais erradas acerca do carácter divino. Para eles, Ele é um potentado que visita com punições e destruição todos aqueles que não obedecem às Suas ordens arbitrárias. Eles conhecem-n’O como um ser que é exigente, não confiável, e apto a falhar quando d’Ele mais precisam. Claro que negarão que subscrevem estes conceitos, mas quando a base do seu pensamento é devidamente examinada, é assim que se mostrará ser.

Ninguém que desta maneira tenha falhado em conseguir alcançar um verdadeiro conceito acerca do maravilhoso carácter de Deus será capaz de construir este tipo de fé que fará a sua oração importuna verdadeiramente eficaz. Devemos conhecer Deus! A Sua longanimidade, a Sua duradoura misericórdia, o Seu amor incrível, a Sua perfeita integridade, e a Sua justiça perfeita devem ser compreendidos por nós ou não teremos a fé necessária para garantir a vitória.

Sempre que há a urgente necessidade de profundo exame de consciência e purificação do pecado ou natureza terrena, aparecerá o chamamento ao exercício do poder da oração importuna. Durante o tempo da angústia de Jacó, depois de todo pecado ter sido removido, mas falta ainda a obra da remoção da natureza terrena, a transformação da pessoa, a obra de purificação tem de ser levada ao mais alto nível possível. Para entender o processo pelo qual nós atingimos esse nível de perfeição, consideremos agora o parágrafo seguinte descrevendo o que os santos têm de suportar durante a última grande batalha dos séculos:

“O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião. Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm buscado a Deus com contrição de alma, com intenso anelo, até que toda faculdade se encontre em sua máxima tensão! Quando ondas de desespero que linguagem alguma pode exprimir assoberbam os que fazem suas súplicas, quão poucos se apegam com fé inquebrantável às promessas de Deus!” *O Grande Conflito*, 621.

Esta é uma descrição poderosa daquilo que os santos vivos irão passar um pouco antes do Salvador regressar nas nuvens do céu. No entanto, nenhuma destas palavras por si só, nem todas elas juntas podem adequadamente descrever quão probante, quão temíveis, quão terríveis, serão esses tempos vindouros. Só quando tudo estiver terminado e o povo de Deus souber por si mesmo o que essas palavras realmente querem dizer, serão eles capazes de compreender o comprimento, profundidade e amplitude ao qual serão testados. Então, aqueles que finalmente sairão vitoriosos conhecerão realmente o poder da oração importuna.

Lutemos agora por compreender realmente o parágrafo acabado do citar em *O Grande Conflito*, 621.

Ele começa afirmando que “o tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada.”

A primeira parte da frase declara que o período que se segue será de agonia e angústia. Estas são palavras muito fortes usadas para descrever o estado mental de uma pessoa que enfrenta uma situação extremamente ameaçadora da qual não há meios visíveis de fuga. Para ela, parecerá que agora está condenada à destruição, como, nesta situação futura, vê o mundo inteiro marchando contra si. Está cercada, todo o apoio terrestre terá sido retirado, todo o esconderijo descoberto, e toda a esperança removida. Mesmo o Céu parece fechado contra ela, pois não ouve e nem vê qualquer resposta ao seu desesperado e agonizante clamor.

Apenas os que de nós foram colocados em grave situação de perigo podem começar a ter uma ideia do que será o teste que aí vem. “Dá-se muitas vezes o caso de se suportar maior a angústia do que em realidade o é; não se dá isso, porém, com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova. Naquele tempo de provações, toda alma deverá por si mesma estar em pé perante Deus.” *O Grande Conflito*, 622.

Aqueles então que viveram uma vida despreocupada desprovida de quaisquer crises espirituais graves, não têm ideia do que está perante eles se permanecerem fiéis até o fim. Os que têm passado pelas águas profundas terão alguma ideia, mas ainda estão longe de realmente saber como vai ser. Portanto, faríamos bem em estar muito gratos por ter sido levados por períodos de sofrimento e angústia. Isso fornecer-nos-á uma melhor perspectiva de ser vitorioso.

Este “tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé...” Vamos agora concentrar-nos na palavra “exigirá”. Um requisito é algo necessário e indispensável. Portanto, a natureza deste tempo é tal que temos de estar na posse de fé, se quisermos sair com segurança do outro lado.

Podíamos dizer que sempre entendemos que a fé é a vitória, e isso é verdade, mas temos realmente entendido o tipo de fé e o que ela deve fazer para suportar as pressões dessa última luta terrível? Essa é a questão!

Uma das formas pela qual vemos a fé a operar é quando lemos as promessas de Deus, cremos que o Senhor fará exactamente o que prometeu fazer. Então reivindicamos a promessa em oração, e quando o Senhor nos concede aquilo que pedimos, acreditamos que exercemos fé e fomos recompensados em conformidade.

Não há dúvida quanto a este entendimento comum do crente em geral. Para saber isso, temos apenas de ouvir os testemunhos de louvor a Deus dados de vez em quando pelos crentes em reuniões públicas. Eles contam como, no intervalo desde a conferência anterior, foram confrontados com problemas prontamente entregues ao maravilhoso Solucionador de problemas, que muito rapidamente os resolveu. Por causa desta rápida e

fiel concessão das Suas garantias, o que apresenta o testemunho declara a sua profunda gratidão e promete lealdade eterna ao Todo-Poderoso.

Sem qualquer dúvida, isto é realmente muito bom, e nós seremos sempre gratos por ter um Pai amoroso, sábio, generoso e misericordioso, que tantas vezes fornece respostas rápidas às nossas petições.

Obviamente, é fácil acreditar num sistema que funciona de forma rápida e com pouca ou nenhuma dor, mas há momentos em que a fé é testada ao máximo da seguinte forma:

O crente é colocado numa posição de necessidade crítica que contém uma ameaça não só contra si mesmo, mas também contra a causa de Deus, como foi o caso de Jacó quando o seu irmão enfurecido estava vindo ao encontro dele. Então o crente, na desesperada necessidade, volta-se para as promessas brilhantes destinadas a atender à real ameaça que está enfrentando, e se apodera das divinas certezas, esperando que o Senhor Se apresse em seu auxílio e remova os obstáculos.

Mas, para o seu alarme e consternação, não é capaz de discernir qualquer resposta divina. Com a terrível ameaça iminente cada vez mais perto, a situação torna-se mais desesperada a cada dia como sucedeu na incrível luta de Cristo com o diabo no monte da tentação.

Agora, o suplicante angustiado começa a agonizar em oração, mas um dia segue-se a outro dia sem a menor indicação de que Deus esteja a ouvir sequer, e muito menos a responder às suas súplicas, ou a cumprir as suas reivindicações das gloriosas promessas. O desastre e a morte avançam impiedosamente sobre ele, e têm mesmo liberdade para o atingir. Olhai para as tragédias que atingiram o justo Jó, e a morte que colocou Lázaro no túmulo. Depreende-se que estes homens receberam do Senhor, exactamente o oposto daquilo que Ele havia prometido. Então o crente assiste impotente como o desastre e a morte pairam sobre si.

Onde está agora o Deus que guarda o concerto? Onde estão agora as Suas brilhantes promessas? É esta a Sua resposta ao exercício confiante da fé?

Manter a fé em Deus nestas circunstâncias é o tipo de prova que aqueles enfrentarão os que por fim sairão vitoriosos. É o tipo de fé "... que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada." É o tipo de fé que continua a manter uma confiança inquestionável nas promessas de Deus, apesar do facto de ser o oposto a abater-se sobre nós. Quando temos este tipo de repouso no Senhor, seremos verdadeiramente capazes de dizer como Jó: "Ainda que ele me mate, nele esperarei; contudo os meus caminhos defenderei diante dele." *Jó* 13:15. Isto é dizer: Essa é a fé em Deus. Essa é a fé de Jesus!

Através de todos estes caminhos perigosos, o Senhor nunca quebrará realmente uma única promessa que fez. A resistência ao cansaço, à demora e à fome, não é algo exigido pelo Senhor, mas é um factor necessário para o desenvolvimento daquele carácter que nos preparará tanto para os conflitos futuros como para o nosso lugar no reino.

Que tipo de cansaço é esse, e o que isso significa suportá-lo?

Não há cansaço comparado com o produzido pelo esgotamento da energia nervosa causada pela tensão grave e aparentemente interminável. Isso drena o sistema de força vital, até que, se for grave o suficiente como foi com Cristo, pode ser fatal.

"Muitas vezes o incessante trabalho e a luta com a inimizade e os falsos ensinamentos dos rabis O deixavam tão fatigado que Sua mãe e irmãos, e mesmo os discípulos, receavam que Sua vida fosse sacrificada." *A Ciência do Bom Viver*, 55.

No final dos quarenta dias no deserto "Havendo partido o adversário, Jesus caiu exausto por terra, cobrindo-Lhe o rosto a palidez da morte. . . os anjos serviram então ao Filho de Deus, enquanto jazia como moribundo." *O Desejado de Todas as Nações*, 131.

Essa foi exaustão extrema, como nós nunca experimentámos, nem nunca seremos chamados a suportar, mas o Salvador foi capaz de manter a vitória completa sobre este terrível cansaço. Apesar de terem a melhor das intenções para orar durante a noite com o seu Mestre, os discípulos não o fizeram, e, até à ressurreição de Jesus, pelo menos, eles não desenvolveram uma fé que podia suportar o cansaço. Em vez disso, o cansaço superava a sua fé e adormeciam sempre.

Para confirmar isto temos somente de ver o seu comportamento no monte da transfiguração. Ali, Jesus orou por uma renovada segurança no Onnipotente a fim de poder contemplar com sucesso o futuro. “A princípio, os discípulos unem as próprias preces às Suas, com sincera devoção; algum tempo depois, porém, são vencidos de cansaço, e mesmo esforçando-se por conservar o interesse, ei-los adormecidos. Jesus lhes falara de Seus sofrimentos; levava-os consigo para que se Lhe unissem em oração; está mesmo então a interceder por eles.” *O Desejado de Todas as Nações*, 420.

A mesma derrota foi sofrida por eles no Getsémani. O Salvador sofredor levou, pra os recantos interiores do Jardim, os três, Pedro, Tiago e João, pois Ele precisava das suas orações, e isso era muito necessário para eles também, e em vez de passar o tempo a dormir, deviam dedicar as horas passadas no Jardim à oração. A crise precipitando-se sobre eles necessitava de uma medida de preparação que só poderia ser conseguida através da utilização máxima de cada segundo restante antes de os atingir. Os factos eram que simplesmente não havia momentos que pudessem ser passados a dormir.

Isto não significa que eles e nós temos de passar todas as noites em oração, em vez de dormir. A exigência para o fazer virá de vez em quando, tal como veio para eles na noite da traição e prisão de Cristo, e como virá para nós na angústia de Jacó a aproximar-se rapidamente.

O que eles estavam prestes a enfrentar nas próximas horas necessitava do exercício da fé pela qual alcançassem a vitória sobre o cansaço, de modo que não importasse quão cansados pudessem estar, passariam o tempo bem acordados em oração. Sem esse período de íntima comunhão, em detrimento do sacrifício do sono, não tinham esperança de sair vencedores na hora da tentação que tão breve os assaltaria.

Sabemos que eles dormiam quando deveriam estar acordados. Sabemos também que, naquela mesma noite, todos eles abandonaram Cristo e fugiram para salvar as suas vidas, enquanto um deles foi tão longe como negá-l’O com maldições. Mas vemos nós a ligação entre a sua incapacidade para vigiar e orar, mesmo à custa da desesperada necessidade de dormir, e a terrível derrota que conseqüentemente sofreram às mãos de Satanás e seus agentes?

O sono é uma necessidade legítima da natureza humana, um factor necessário para a preservação das nossas vidas, mas há situações em que essa força poderosa deve ser negada, a fim de dar tempo para a oração de comunhão com o Pai Eterno. O descanso físico deve ser sacrificado, assim como nós também temos de nos privar da satisfação de outras necessidades humanas, por vezes, para podermos prestar serviço totalmente dedicado ao Senhor, e desenvolver aquela força espiritual necessária para alcançar o verdadeiro sucesso nos nossos confrontos com o mal. Manter a vigília sob estas condições pode ser uma batalha terrível ganha apenas através exercício da “. . . fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada.” *O Grande Conflito*, 621.

Como já foi dito, os três discípulos a quem o Senhor levou Consigo para o Jardim do Getsémani, não tinham essa resistente fé, por isso dormiram quando deveriam ter vencido pela fé, e passado o tempo em comunhão. Por não fazerem isso, acabaram a fugir do inimigo quando deviam ter sido firmes e fiéis. Porém, eles deviam ter-se recordado dos

seus fracassos anteriores para os lembrar de ficarem acordados e orar, como no monte da transfiguração, e isso tê-los-ia tornado mais desejosos de não repetirem as mesmas coisas tristes. Com isso, colocariam o poder das suas vontades do lado certo, e lutariam contra a vontade de dormir, mas ainda assim falharam. O facto de o fazerem é uma prova clara de que a vitória pode ser obtida e mantida somente pela fé na graça divina, combinada com o esforço diligente.

“Erguendo-Se num doloroso esforço, dirigiu-Se cambaleante ao lugar onde deixara os companheiros. Mas ‘achou-os adormecidos’. Mateus 26:40. Houvesse-os encontrado em oração, e ter-Se-ia sentido aliviado. Estivessem buscando refúgio em Deus, para que as forças satânicas não prevalescessem sobre eles, e Jesus Se teria sentido confortado por sua firme fé. Mas não deram ouvidos à repetida advertência: ‘Vigiai e orai’. Mateus 26:41. A princípio ficaram perturbados ao ver o Mestre, de ordinário tão calmo e de tanta compostura, lutando com uma dor que estava além da compreensão. Tinham orado enquanto ouviram os grandes clamores do Sofredor. Não pretendiam abandonar seu Senhor, mas pareciam paralisados por um torpor que teriam sacudido de si, caso houvessem continuado a rogar a Deus. Não compreendiam a necessidade de *vigilância e fervorosa súplica*, a fim de resistir à tentação.” *O Desejado de Todas as Nações*, 688.

Jesus sabia, como eles deviam ter sabido, que a natureza, gravidade e magnitude das pressões da tentação que enfrentariam naquela mesma noite exigiria um nível de fé e força espiritual, que só poderia ser adquirida renunciando ao sono, e passar muito tempo em profunda comunhão sincera com Deus. Sabendo das suas falhas anteriores para vigiar e orar num momento de crise, Ele recebeu que eles pudessem ter sucumbido à mesma tentação. Portanto, em Sua profunda preocupação por eles, levantou-Se do chão e foi ver se a fé havia triunfado sobre o cansaço para estarem totalmente despertos, absorvidos em comunhão com Deus, e estavam portanto reunindo forças para enfrentar a tempestade que se aproximava.

Mas, para Seu espanto, encontrou-os dormindo. Isto significou que Ele tinha de orar, não só por Si, mas também por eles.

Notai cuidadosamente que, se Ele os tivesse encontrado acordados e orando, em vez de adormecidos, “Se teria sentido confortado por sua firme fé.” Jesus sabia quão cansados estavam, quão poderosa era a tentação de cair no sono, e quão forte a fé necessária para superar o problema. Assim, quando os encontrou dormindo, reconheceu que eles não tinham a fé inabalável que a situação exigia. Se os tivesse encontrado acordados e a orar, teria sabido que tinham alcançado uma grande vitória sobre a sua carne através de uma fé que era firme, isto é, uma fé inflexível, determinada, e resistente.

“Não pretendiam abandonar seu Senhor, mas pareciam paralisados por um torpor que teriam sacudido de si, caso houvessem continuado a rogar a Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 688.

Aqueles homens tiveram sorte por ainda terem tempo para recuperar da sua falta de fé que suporta o cansaço, a demora e a fome. O tempo de graça não terminou na cruz. Houve ainda tempo para eles reconhecerem o seu pecado ao negar o seu Salvador, a arrepende-se dela, e serem limpos da mesma. Eles aproveitaram as ofertas de misericórdia e tornaram-se fortes na fé e na justiça.

Mas, não será assim durante o tempo da angústia de Jacó. Qualquer falha então, mesmo pequena, vai relegar aquele que pecou para uma categoria da qual não pode haver recuperação. Toda a provisão de perdão e purificação estará fechada, porque não haverá Mediador entre Deus e o homem.

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas

vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo investigativo prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do Capítulo 14 de Apocalipse.” *O Grande Conflito*, 425.

A partir das evidências das Escrituras aqui consideradas, é evidente que somente os que hoje estão aprendendo o poder da oração importuna, apenas aqueles que estão desenvolvendo a fé que possa suportar, ou, por outras palavras, a resistir mais e, portanto, triunfa sobre “o cansaço, a demora e a fome”, serão capazes de ficar firmes durante o período de prova mais severo que se avizinha.

Este intenso sofrimento será necessário para efectuar o desenvolvimento da purificação e do caráter do povo de Deus ao ponto onde a justiça de Deus será revelada na pureza imaculada e esplendor neles e através deles. Isso significa que o trabalho em cada crente será levado aos limites finais possíveis onde mais dói e impõe o maior teste. Será verdadeiramente um tempo que “exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião. Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm buscado a Deus com contrição de alma, com intenso anelo, até que toda faculdade se encontre em sua máxima tensão! Quando ondas de desespero que linguagem alguma pode exprimir assoberbam os que fazem suas súplicas, quão poucos se apegam com fé inquebrantável às promessas de Deus!” *O Grande Conflito*, 621.

Todos deveriam perguntar se passaram com sucesso por experiências semelhantes, e, se não, por que não? Todos deviam estar a tentar aprender por si mesmos o poder da oração importuna, e estar desenvolvendo a fé que pode suportar todas as coisas, não importa quão severo possa ser o teste. Não há tempo a perder, não há tempo para dormir durante o tempo de oração agora.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 30

Como aprendemos no nosso último capítulo, “o tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço...” *O Grande Conflito*, 621.

Precisamos agora de saber que ele também exigirá uma fé que possa suportar a demora e a fome. Quando estas forças poderosas são adicionadas ao factor de cansaço, o crente encontrar-se-á realmente sob tensão até aos limites. Infelizmente, a pressão levará além dos seus limites aqueles que não têm atendido as advertências para desenvolver o tipo de fé necessário, e falharão para nunca mais se levantar. Confortai-vos com o pensamento de que ninguém precisa estar nesta categoria, pois foi feita ampla provisão para que todos possam adquirir a qualidade e a força da fé necessária para serem vencedores nesse dia de prova final.

Vamos considerar agora a “demora” como um factor na luta para a obtenção da vitória final.

Em primeiro lugar, ele precisa tornar-se uma compreensão estabelecida nas nossas mentes que a demora nas respostas e vitórias não são raras, e têm sido parte da experiência mesmo dos melhores cristãos. Elias orou sete vezes antes da esperada resposta chegar. Não sabemos quanto tempo teve cada uma dessas orações, mas podemos ter certeza de que não foram breves declarações. Cada oração envolvia profundo e extenso exame de coração o que leva tempo, mas no caso de Elias, não sabemos. O melhor que podemos fazer é uma estimativa.

Os sacerdotes fanáticos de Baal haviam trabalhado em torno do seu altar, desde manhã “... até a hora de se oferecer o sacrifício da tarde.” *1 Reis* 18:29. A hora do sacrifício da tarde foi cerca das 15:00. Depois Elias construiu o altar do Senhor e fez a breve oração que abriu o caminho para o sacrifício ser consumido. Seguiu-se a matança dos sacerdotes de Baal. Por isso, foi provavelmente perto das 16:00 que Elias começou a orar pela chuva.

Quando terminou, e tinha regressado para junto do rei que esperava, o Sol tinha-se posto e “as sombras da noite envolveram o Monte Carmelo enquanto Acabe se preparava para descer.” *Profetas e Reis*, 158. Dependendo da época do ano, isso poderia ter sido tão tarde quanto 19:00.

Portanto, podemos concluir que entre duas e três horas foram gastas por Elias em oração importuna, período em que a resposta foi adiada até ele ter sido transformado num estado de profunda humildade com uma sensação de total dependência do Todo-Poderoso.

Duas ou três horas pode não parecer muito tempo, mas quando se considera a intensidade das experiências do dia e o peso da responsabilidade ainda sobre ele durante as suas orações, deve ter parecido a Elias um tempo muito longo.

Então, para aqueles que são testados pela longa espera nas respostas à oração, há incentivo na verdade de que um homem tão poderoso na fé e no Espírito Santo como Elias foi, igualmente suportou demora nas respostas às suas orações experientes.

Como observado anteriormente nestes estudos, a vida de Jacó estava amargurada com a memória de pecados, a verdadeira natureza dos quais ele teve que esperar vinte anos para discernir. Vede *Patriarcas e Profetas*, 197, 198. Não há dúvida de que ele tinha orado acerca destas coisas sem cessar durante esse longo período, mas a resposta às suas orações tinha sido adiada durante todo esse tempo de prova até ficar pronto para receber a bênção.

Daniel, um homem contra o qual não há registo de qualquer pecado, foi outro cuja fé teve de suportar a espera, embora anteriormente tivesse recebido uma resposta quase instantânea às suas petições como registado em *Daniel* 9:1-27, quando o poderoso anjo, Gabriel, lhe apareceu antes mesmo de terminar o seu sincero apelo. Que foi “no primeiro ano de Dario. . .” *Daniel* 9:1.

Mais tarde, “No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia. . .” *Daniel* 10:1, a resposta não veio tão prontamente. Em seguida, despojado de tudo o que agradasse à carne, ele passou três semanas inteiras em oração importuna durante as quais nenhuma resposta veio até que Gabriel finalmente apareceu diante dele. A demora deve ter sido muito penosa para ele, um severo teste da fé, especialmente quando a resposta anterior tinha sido tão imediata.

A razão para a longa espera antes da luz brilhar, não pode ser atribuída a Daniel, como foi no caso de Elias e Jacó. Houve uma causa invisível que era a teimosa resistência do rei Ciro contra a vontade de Deus para liberar os judeus para que eles pudessem regressar à Terra Prometida. Satanás estava lá para exercer toda a pressão de dispunha a fim de garantir que o rei continuasse a resistir à ordem divina de deixar ir o povo.

Tão importante era a questão e tão poderosas eram as forças que lutavam pelo domínio que Gabriel teve que permanecer na corte do rei durante todo o período de oração de Daniel, que durou vinte e um dias. Mas Daniel tinha uma fé que poderia suportar a demora, mesmo vinte e um dias de pressão, de modo que pudesse continuar a importunar a Deus pela resposta até ela vir independentemente de quanto tempo que tivesse de esperar.

Por fim, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel para que o anjo pudesse ser libertado a fim de responder às petições do profeta. Daniel descreve a experiência com as seguintes palavras:

“E eis que certa mão me tocou, e fez com que me movesse sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos.

“E me disse: ‘Daniel, homem muito amado, entende as palavras que vou te dizer, e levanta-te sobre os teus pés, porque a ti sou enviado.’ E, falando ele comigo esta palavra, levantei-me tremendo.

“Então me disse: ‘Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.” *Daniel 10:10-13.*

Que esplêndido exemplo é este da fé que poderia suportar a demora. Durante o período de oração e espera, a sua fé foi severamente testada e provada, pois é extremamente difícil continuar suplicando ao trono da graça, quando não há resposta audível ou visível, ou qualquer outra indicação de que Deus está a ouvir e responder às nossas petições. Mas, apesar da demora, e sem parar por causa disso, o homem de Deus continuou a interceder por seu povo até que veio a resposta.

Temos encontrado nas Escrituras que um dos propósitos da oração importuna é a mudança da pessoa até que ela tenha a capacidade de receber as bênçãos que o Senhor deseja dar-lhe. Tal obra foi realizada em Elias quando ele continuou durante as sete sessões de oração.

Evidentemente, o mesmo ministério foi realizado em Daniel, porque o anjo disse: “desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração. . . e a humilhar-te perante o teu Deus, . . .” *Daniel 10:12.*

Quando estas palavras foram ditas, Daniel, que tinha dezoito anos quando foi levado cativo para a Babilónia, teria cerca de oitenta anos de idade. Atrás dele estavam todos esses anos de feitos ilustres, sem registos de derrota e fracasso. Ele tinha vindo sempre a crescer na graça, na justiça e no conhecimento de Deus.

Seria de esperar que tal homem não tivesse falta de humildade, mas ele abordou o ministério da oração importuna decidido no seu coração a alcançar maiores profundidades desta graça.

Assim, a vida de Daniel claramente nos ensina que um outro problema que pode impedir a resposta imediata à oração, e é a necessidade de mudar o coração de outros e não o nosso. Deus não pode forçar a Sua vontade a ninguém, pois é contra os Seus princípios obrigar alguém a fazer o Seu serviço. Portanto, Ele tem de esperar até o jogo e contra jogo de todas as forças envolvidas, convença as pessoas envolvidas a tomar a decisão certa.

Um excelente exemplo disso é fornecido na persuasão do rei Ciro para enviar os judeus de volta à sua terra natal uma vez mais.

Sob a orientação pessoal e extremamente hostil de Satanás, forças poderosas se juntaram para se oporem a este movimento. Os príncipes persas, governadores, conselheiros e presidentes tinham os mais profundos receios das consequências que um tal movimento pudesse ter. Eles tinham passado tempo e esforço para se familiarizarem com a turbulenta história de Israel. Lembravam-se de como repetidamente saíram da escravidão e cativo para se tornar numa poderosa força que mudou a história do mundo. Perante as vitórias judaicas anteriores, eles não estavam receptivos a iniciar mais uma oportunidade para os judeus repetirem os seus feitos passados, tornando-se uma ameaça a ser enfrentada.

Além disso, libertar os judeus era privar a nação de servos cujo engenho e capacidade muito enriqueceu o reino. Os persas tinham um sentido empresarial pelo qual mediram o enorme custo financeiro de libertar os hebreus, um factor que fortaleceu a sua determinação em manter o povo de Deus em contínua escravidão.

Do outro lado da controvérsia, estavam as poderosas forças da justiça que falavam ao rei e aos seus conselheiros. Entre eles estava a presença de Daniel cuja libertação “. . . da

cova dos leões tinha sido usada por Deus para criar uma impressão favorável no espírito de Ciro, o Grande.” *Profetas e Reis*, 557.

Um segundo factor revelado no mesmo parágrafo foi que “As excelentes qualidades do homem de Deus como estadista de vistas largas levou o governante persa a mostrar-lhe marcado respeito e a honrar suas decisões.”

Na continuação da leitura descobrimos uma terceira poderosa influência trabalhando para neutralizar a pressão negativa daqueles que estavam determinados a frustrar a vontade do Senhor. Esta era a obra de Deus através do Espírito Santo e os anjos para moverem o rei para agir na direcção certa. “E agora, justo no tempo em que Deus tinha dito que faria fosse o Seu templo em Jerusalém reconstruído, Ele moveu Ciro como Seu instrumento para discernir as profecias com respeito a ele mesmo, com as quais Daniel estava tão familiarizado, e a conceder ao povo judeu a sua libertação.” *Profetas e Reis*, 557.

Foi pela acção dessas forças opostas que o Senhor conseguiu levar o poderoso soberano da Pérsia a tomar uma decisão favorável. Foi uma conquista maravilhosa para as forças da justiça, e eu não posso facilmente pensar noutra história que se compare com esta. Caso contrário, o poder dominante teria que ser quebrado pelo desenvolvimento dos seus pecados antes do povo do Senhor ser libertado.

Há muitas revelações bíblicas deste princípio. Deus não podia e não iria trazer o Seu povo do Egipto até o Faraó oficialmente e incondicionalmente os libertar. Ele, que teimosamente se recusou a libertar o povo escravizado, teve que ser levado ao ponto de ficar satisfeito por vê-los ir.

Esse ponto de tempo foi alcançado quando, após o efeito destruidor de dez pragas devastadoras, o poder do rei foi quebrado. Essas pragas, como muito bem se sabe, não foram aflições divinas pelas quais o Senhor abateu os egípcios até à submissão. Pelo contrário, elas caíram sobre os egípcios como resultado natural das suas próprias transgressões e iniquidades. Ano após ano, os egípcios, desde o mais alto no trono ao mais humilde na terra, desenfreadamente transgrediram todas as leis físicas, mentais, sociais, morais e espirituais. Pelos seus próprios pecados eles estavam a privar-se da força, até o seu poder estar completamente esgotado. Em seguida, Israel poderia ir livremente, e assim fizeram.

Deve ser salientado que, independentemente de quão justo qualquer judeu pudesse ter sido, ou quanto tempo passasse em oração importuna, não teria obtido a sua liberdade antes do resto receber a deles; isto é, só quando o poder do Egipto já não fosse capaz de os manter presos.

Da mesma forma, enquanto Josué e Calebe, aqueles dois homens poderosos na fé, tinham as qualificações para entrar em Canaã, quando chegaram pela primeira vez a Cades-Barneia, ainda tiveram que esperar até que todas as pessoas entrassem quarenta anos depois. Nenhuma quantidade de oração importuna da sua parte teria mudado isso. Aqueles dois homens maravilhosos, juntamente com Moisés e suas famílias tinham a fé que consegue suportar o cansaço e a demora.

Pode argumentar-se que, em virtude dos israelitas terem tomado a espada como solução para a conquista da terra, teriam de colocar exércitos em campo que fossem mais poderosos do que o inimigo. Assim, Calebe e Josué por si só não teriam sido suficientes para enfrentar as forças que ocupavam a terra.

Que ninguém cometa o triste erro de chegar a tal conclusão. Dois homens cheios de fé que animados e cheios de poder Calebe e Josué, estavam à altura de enfrentar todas as forças que os cananeus poderiam alinhar na batalha. Não pode haver alguma dúvida sobre isso, porque a verdade acerca disto foi convincentemente demonstrada na história bíblica. Vede Jónatas e o seu escudeiro afugentando o exército filisteu. Vede também como os

soldados judeus alcançaram a destruição das forças dos amonitas, moabitas, e os moradores do monte Seir, quando o exército de Josafá foi levado à batalha por sacerdotes desarmados cantando à medida que avançavam. Quando chegaram ao campo de batalha, descobriram que os seus inimigos se tinham destruído a si mesmos. Assim também, o exército de Senaqueribe foi exterminado, sem um único golpe desferido pelos judeus. Estes e outros acontecimentos mostram que o Senhor não precisa de vastos exércitos para realizar a Sua obra.

Mas, apesar deste facto, o povo de Deus ainda tem de enfrentar demora na resposta às suas orações, quando estão em causa certas condições. O que também precisa ser visto é a verdade que essas condições especiais são o produto da incredulidade da igreja. Por exemplo, os judeus nunca teriam permanecido no Egipto tanto tempo, se tivessem concentrados em viver com justiça pela fé. É um facto que a verdade do evangelho, pode endurecer ou abrandar, e, quanto mais poderosa e viva a verdade é, mais rapidamente um ou outro destes efeitos serão produzidos. Assim, se os filhos de Israel tivessem caminhado muito perto do Senhor enquanto escravos no Egipto, a sua justiça teria acelerado a apostasia dos seus senhores, a protecção de Deus teria sido libertada muito antes, e as pragas teriam sido derramadas muito mais cedo.

Para os que entre os cativos mantiveram o passo com Deus, e que nunca perderam a esperança, a demora aparentemente interminável foi uma experiência muito difícil de facto, e especialmente porque a culpa não era deles.

Por isso, é importante que entendamos qual é a causa da demora que estamos actualmente a sofrer. É necessário que avaliemos em que medida as mudanças têm de ser feitas em nós mesmos, de modo a limpar o caminho para o trabalho do Espírito Santo, e para entender as condições que nos rodeiam, que são a maior causa da demora.

Se, depois de considerar as evidências apresentadas acima, juntamente com outros testemunhos não incluídos aqui por causa da limitação de espaço, ainda não estais convencidos de que as demoras são necessárias e inevitáveis, então considerai o teste de Cristo no Monte da Tentação onde Ele forneceu um exemplo perfeito de como exercer a fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome.

Após o Seu baptismo, o Espírito Santo levou Jesus para um lugar deserto desprovido de qualquer vida humana, para que pudesse fazer uma preparação muito especial para a Sua missão. No início, tudo correu bem. “Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana.” *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

Enquanto isso acontecia, Jesus estava tendo uma experiência maravilhosa, durante a qual foi muito fácil manter a confiança no amor e cuidado de seu Pai.

“Mas a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava. Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens’. Isaías 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

Agora por que havia a glória de Deus afastar-se de um ser completamente sem pecado, o próprio Filho de Deus? Essa é uma pergunta muito significativa!

Sabemos que a presença divina é retirada daqueles que cometem pecado, ou daqueles sobre quem o pecado é colocado como no caso de Cristo no Getsémani, e mais tarde na cruz. Mas, por que deixou a glória do Senhor Aquele que não tinha pecado, e num momento em que Ele estava envolvido pela glória do Pai e absorvido em comunhão com Deus?

Esta questão torna-se mais importante quando o efeito dessa partida da presença do Pai é compreendido. Isso fez com que Jesus ficasse desgastado e abatido por causa da agonia mental, e fraco e emagrecido pela fome.

A sua agonia mental era causada por sentir-Se totalmente abandonado tanto por Deus como pelo homem, e de ser deixado exposto e sem protecção contra o poder do maligno. Para Ele, parecia que não haver esperança no futuro, e a causa pela qual Ele havia sacrificado tudo já era um fracasso total.

É impossível para os que de nós nunca sofreram um período de angústia mental grave ter alguma ideia da tortura que isto foi para o Seu espírito, e quão destruidora para o Seu sistema nervoso. Somente os que passaram por tal período, e aprenderam o dano real que isto pode fazer ao corpo e à mente humana terá algum conhecimento do que o Salvador passou. Isso deixou-O tão desfigurado que, quando voltou para a Jordânia, ninguém O reconheceu, excepto o profeta João, e este só por inspiração.

Durante esse tempo terrível, o Redentor estava desesperado por libertação. Sem cessar, as Suas orações subiam ao Céu, mas, não importa quão importunamente Ele orou, nenhuma resposta foi devolvida. Era como se o Seu Pai estivesse completamente desinteressado, e Se importava tão pouco que nem sequer ouvia as desesperadas preces do Seu filho, muito menos respondê-las. Se alguma vez alguém precisou de uma fé que pudesse suportar e, assim ultrapassar a demora, Cristo certamente foi um deles naquele momento. Uma coisa é sofrer demora quando há luz à frente brilhando na escuridão, quando há um sentido consciente da presença orientadora do Senhor, e quando entendemos a razão para a demora, mas outra quando nenhuma dessas evidências é visível. Durante estes tempos de trevas, cada um tem que lutar sob o peso de uma terrível tentação de abandonar as promessas divinas, e voltar para as suas próprias obras. Quão facilmente Cristo podia ter virado as costas ao deserto e voltar para as habitações dos homens, e que tentação deve ter sido para Ele fazê-lo.

Analisemos agora a questão da razão porque o Salvador teve aparentemente de ir para o deserto e ser abandonado e porque houve demora na resposta que por fim chegou.

Cristo sofreu terrivelmente com as tentações levadas contra Ele no deserto, mas Deus não foi o autor dessas tentações, nem foi Ele que determinou que houvesse um atraso, ou quanto tempo devia ser. No entanto, parece que o Todo-Poderoso é Aquele que decide quando, como, onde e por que motivo a prova tem de vir. As Escrituras mesmo declaram "... que provou Deus a Abraão, . . ." *Génesis* 22:1. Portanto, em certo sentido, isto é verdade, mas, a menos que diferenciemos entre a tentação como o diabo a exerce, e a maneira pela qual Deus a permite, deixaremos de compreender o carácter e as obras de Deus.

O princípio envolvido é estabelecido no parágrafo seguinte:

"O que é a tentação? – É o meio pelo qual aqueles que afirmam ser filhos de Deus são testados e provados. Lemos que Deus tentou Abraão, que Ele tentou os filhos de Israel. *Isto significa que Ele permitiu que circunstâncias ocorressem para testar a sua fé*, e levá-los a olhar para Ele em busca de ajuda. Deus permite que a tentação venha sobre o Seu povo hoje, para que possam perceber que Ele é o seu Ajudador. Se eles se aproximarem d'Ele quando são tentados, Ele fortalece-os para enfrentarem a tentação. Mas se eles se renderem ao inimigo, negligenciando colocar-se perto do seu Ajudador Todo-Poderoso, são vencidos. Eles separam-se a si mesmos de Deus. Eles não dão evidência de que andam no caminho de Deus." *The SDA Bible Commentary* 1:1094.

Mas quais foram as circunstâncias que Deus permitiu para tentar O que não tinha pecado? Por que teve Ele que sofrer tanto, por tanto tempo, antes de encontrar libertação e alívio?

Foi Adão e os seus filhos que criaram as circunstâncias que trouxeram a tentação sobre o Salvador. No Jardim do Éden, onde tudo começou, Adão cedeu à tentação de Satanás, sem suportar até à visita seguinte do Criador, altura em que poderia ter apresentado o problema a Cristo esperando pela Sua solução. Assim, ele mostrou que não tinha a fé que pode suportar a demora. A fim de redimir o homem, Cristo teve que mostrar a fé que pode resistir à demora até ao limite final.

Não é fácil agarrar-se com fé inquebrantável às promessas de vida de Deus quando nossas orações parecem não ser ouvidas, e não vemos razão visível para a demora. Mas, os que saírem por fim vitoriosos do tempo da angústia de Jacó terão que possuir a fé que pode suportar ou sobreviver à demora nas respostas.

O objectivo deste capítulo foi demonstrar que a demora na resposta às nossas orações não é algo novo e singular a cada um de vós. Ela tem testado os maiores cristãos, incluindo o próprio Cristo, e são uma parte muito importante do trabalho da nossa preparação para a batalha final, e para um lugar no reino.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 31

Nos dois últimos capítulos, temos vindo a estudar a advertência dada em *O Grande Conflito*, 621, onde está escrito que “o tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada.”

Até agora, foi dada atenção aos factores de cansaço e demora como sendo pressões terríveis a ser suportadas por uma fé inabalável. Sem dúvida, estas serão forças poderosas a reconhecer no contexto da luta dos últimos dias. Quanto mais claramente entendermos isso, e avaliamos com maior exactidão a força e determinação desses factores, mais forte e urgentemente seremos motivados para ganhar a aptidão necessária para suportar o que está por vir. Ai dos que entre nós permitam que as advertências passem sem ser atendidas, e nos deixemos andar despreocupados até sermos envolvidos no calor da batalha sem a preparação especial para enfrentar a emergência.

Agora é o momento de considerar o terceiro factor mencionado na declaração; ou seja, a fome.

Durante o tempo da angústia de Jacó, “O povo de Deus não estará livre de sofrimento; mas conquanto perseguidos e angustiados, conquanto suportem privações, e sofram pela falta de alimento, não serão abandonados a perecer. O Deus que cuidou de Elias, não desampará nenhum de Seus abnegados filhos. Aquele que conta os cabelos de sua cabeça, deles cuidará; e no tempo de fome serão alimentados. Enquanto os ímpios estão a morrer de fome e pestilências, os anjos protegerão os justos, suprindo-lhes as necessidades. Para aquele que ‘anda em justiça’ é esta promessa: ‘O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas. Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e a sua língua se seca de sede; mas Eu, o Senhor os ouvirei, Eu o Deus de Israel, os não desampararei.’ Isaías 33:16; 41:17.” *O Grande Conflito*, 629.

Na primeira leitura deste parágrafo, pode ser sentido que ele tem alguma coisa contraditória. Por um lado, ele declara que os justos vão sofrer pela falta de alimento, mas

por outro temos a certeza de que os anjos vão suprir as suas necessidades, que o pão lhes será dado, e o seu suprimento de água está garantido. É natural concluir que, se o pão e a água são uma certeza, e é dada a garantia que os anjos vão satisfazer as suas necessidades, então eles não podiam sofrer de fome.

No entanto, é declarado que eles não vão ter apenas fome, mas *suportarão* a fome. O que significa isto? Como conciliar esta aparente contradição?

Obviamente, precisamos modificar a nossa compreensão da extensão em que o pão e a água serão fornecidos. Certamente não será tão abundante que o povo do Senhor escape do sofrimento por estar com fome, mas será suficiente para impedir a sua morte pela fome.

Nesse momento a escassez de alimentos será extremamente grande, e na maioria dos lugares, inexistente. Isto será devido a uma série de factores. O primeiro será o fracasso das colheitas que morreram sob o calor escaldante do Sol.

“Os profetas assim descrevem a condição da Terra naquele tempo terrível: ‘E a Terra [está] triste; . . . porque a colheita do campo pereceu.’ ‘Todas as árvores do campo se secaram, e a alegria se secou entre os filhos dos homens.’ ‘A semente apodreceu debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados.’ ‘Como geme o gado! as manadas de vacas estão confusas, porque não têm pasto: . . . os rios se secaram, e o fogo consumiu os pastos do deserto.’ ‘Os cânticos do templo serão gritos de dor naquele dia, diz o Senhor Jeová; muitos serão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio.’ Joel 1:10-12, 17-20; Amós 8:3.” *O Grande Conflito*, 628.

Assim, qualquer quantidade escassa de alimentos que as plantações ressequidas possam produzir será consumido pelos incêndios que também varrerão as pastagens e as florestas. Alimento para os animais, como bovinos, ovelhas, cabras e porcos não vai aliviar a situação, pois eles morrerão no fogo ou de fome. As suas carcaças podres tornar-se-ão totalmente impróprias para consumo, excepto para os abutres.

Mas haverá outra fonte de abastecimento nos armazéns secretos dos ricos e dos poderosos que terão comprado grandes quantidades de provisões, ao verem a iminente assustadora escassez. Mas esta acção não irá evitar-lhes a necessidade, porque as multidões suspeitando do que eles têm feito, destroem as suas instalações, e com certeza descobrirão os armazéns escondidos.

Nas descontroladas lutas selvagens, frenéticas, que se seguirão, muitos perderão as suas vidas. Os donos dos alimentos usarão qualquer arma que tenham para defender os alimentos dos quais depende a continuação da vida. Antes dessas armas serem arrancadas das suas mãos para se tornarem os instrumentos da sua própria destruição, acabarão com alguns dos seus atacantes.

Nem a comida será poupada. Garrafas de vidro, recipientes e frascos quebrar-se-ão ao caírem no chão misturando os seus conteúdos nutritivos com fragmentos de vidro, e o sangue daqueles que morreram tentando aproveitá-las. Sacos ao romperem-se derramarão o seu conteúdo na confusão acumulada, enquanto as embalagens de óleo de aquecimento e de iluminação, quebrar-se-ão, espalhando os seus conteúdos voláteis por toda a sala. Falta apenas uma chuva de faíscas de um curto-circuito ou a chama da descarga de uma arma de fogo sobre os fluidos inflamáveis para provocar uma erupção numa explosão e um incêndio. Não haverá água com a qual apagar as chamas, que rapidamente reduzem a cinzas a comida, os corpos daqueles que morreram tentando roubá-la, e a mansão onde tudo aconteceu.

Não é difícil entender que os ímpios morrerão de fome e fraqueza durante este período de tempo, pois a Terra terá deixado de produzir as suas colheitas, e eles não podem procurar Deus como a fonte de abastecimento, pois tê-l’O-ão rejeitado totalmente, e,

portanto, não têm ligação com Ele. No entanto, haverá sobreviventes, principalmente porque as primeiras quatro pragas não serão universais. Se fossem, "... os habitantes da Terra seriam inteiramente exterminados." *O Grande Conflito*, 628.

Todavia, enquanto os ímpios são deixados a perecer, o justo será sustentado, mas não na medida em que estarão livres do sofrimento como resultado da fome.

Vale bem a pena usarmos o nosso tempo para entender o que isso significa e porquê.

Os justos serão milagrosamente sustentados como foi Elias pelos corvos, e, posteriormente, pela duração da seca em casa da humilde viúva de Sarepta e, como foram os filhos de Israel no deserto.

Não nos é dito especificamente o que os corvos trouxeram ao solitário profeta sentado junto ao ribeiro à medida que este secava a cada dia, mas sabemos o que ele comeu em casa da viúva. Foi da comida mais simples que consistia precisamente na mesma receita diária durante os meses que mediaram a sua chegada ali e o confronto no Monte Carmelo. Todos os dias, a viúva amassava uma pequena quantidade de farinha integral, misturada com azeite e água e cozia-o no fogo.

Em circunstâncias normais, ninguém poderia chamar isso de uma dieta equilibrada contendo todos os nutrientes essenciais para uma vida saudável, nem era interessante, ou apelativo para o apetite. Além disso, se uma pessoa hoje vivesse de uma dieta tão inadequada e deficiente por meses a fio, seria certo que enfraqueceria com doenças como escorbuto e outras provocadas pela desnutrição.

No entanto, tanto Elias como a viúva permaneceram de excelente saúde, enquanto viveram com esta dieta, o que indica que o Senhor abençoou especialmente a farinha com valores nutricionais não encontrados normalmente nessa refeição.

É verdade que o filho da viúva morreu durante este período, mas não há qualquer evidência disponível à mão para indicar que a sua doença fatal foi causada por uma dieta inadequada.

Durante a sua peregrinação pelo deserto, os israelitas subsistiram com o fornecimento diário de maná, o pão do Céu. Novamente, era uma dieta extremamente pouco variada, simples, sem interesse, e aparentemente inadequada contra a qual o povo reclamou de vez em quando muito energicamente. Imagine-se viver da mesma comida em cada refeição durante quarenta anos seguidos. Se fossem tomadas três refeições por dia, seriam perto de quarenta e quatro mil refeições iguais. Seria de esperar que as mães hebreias fizessem o seu melhor para injectar um pouco de variedade na sua cozinha, mas as possibilidades seriam extremamente limitadas.

Não tendo qualquer análise química do maná, não podemos dizer se ele continha todos os nutrientes necessários para fornecer uma dieta verdadeiramente equilibrada, mas devemos acreditar que tinha, pois manteve-os de excelente saúde e força durante todas as suas prolongadas jornadas. Enquanto viveram do maná que Deus proveu, está escrito sobre eles: "E tirou-os para fora com prata e ouro, e entre as suas tribos não houve um só fraco." *Salmos* 105:37.

Esta verdade é confirmada em *O desejado de Todas as Nações*, 824, {DTN 582.5}. "Quando cumpriam as condições, verificavam-se as promessas. 'Entre as suas tribos não houve um só enfermo'. *Salmos* 105:37."

Quando por fim entraram na Terra Prometida, tudo era diferente. Tinham então acesso a uma maravilhosa variedade de frutas frescas, legumes, oleaginosas e grãos. Quão refrescante isso deve ter sido após a dieta do deserto.

Um estudo das provisões que o Senhor fez para Elias e Israel ajuda-nos a entender o que o Senhor proverá durante o tempo da angústia de Jacó, quando o Seu povo estiver a sofrer por falta de alimento, mas ele não será abandonado a perecer. Torna-se claro que o

Senhor proverá o suficiente para que eles vivam enquanto os ímpios ao redor estão morrendo, mas não o suficiente para os impedir de sofrer muito severamente com fome. Podemos esperar que, durante alguns períodos não haverá comida de todo, e sem perspectivas visíveis de alívio. Nessa altura, eles estarão realmente em perigo. Na verdade, o sofrimento será tão grave especialmente quando combinado com o cansaço e a demora, que certamente temerão perecer com os ímpios, que estarão a cair mortos à sua direita e à esquerda, à frente e atrás.

A adicionar a todo o sofrimento e provas devido à tremenda pressão sobre eles por causa do cansaço, da demora e da fome, está a terrível ameaça do martírio imediato, e começaremos então a entender o tipo de fé que vai ser necessária para suportar com sucesso este tempo de provação. É verdade que terão, nas promessas de Deus, a garantia da absoluta libertação total, mas as aparências proclamarão que o Senhor não tem intenção de honrar a Sua palavra, quando isto é de facto completamente falso.

Quando, no presente momento, em condições muito distantes das terríveis crises do futuro, lemos as positivas mensagens contidas nas promessas, temos a tendência para achar que, quando chegarem os tempos de prova, precisaremos apenas de repousar nessas garantias divinas, e, assim, tornar a passagem através das águas turbulentas relativamente suave. Considerai por exemplo, a força em tais promessas que, de acordo com *O Grande Conflito*, 629, 630, são directamente aplicáveis à hora da tentação que aí vem:

“O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita.

“O sol não te molestará de dia nem a lua de noite.

“O Senhor te guardará de todo o mal; guardará a tua alma.” *Salmos* 121:5-7.

“Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciososa.

“Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

“Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,

“Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.

“Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.

“Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação.

“Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.” *Salmos* 91:3-10.

Uma das promessas citadas nos versículos acima é que “O sol não te molestará de dia nem a lua de noite.”

Durante este tempo, será dado ao sol poder que "... abrasasse os homens com fogo." *Apocalipse* 16:8. Nós não temos qualquer dificuldade em compreender como o sol assolará ou abrasará os desprotegidos durante o dia, mas como é que a lua queimar de noite, de modo a ser preciso protecção, uma vez que ela é apenas um reflector dos raios solares e não é em si mesma uma directa fonte de calor?

A lua será ainda como é hoje, nada mais do que um reflector dos raios do sol. Portanto, se o sol desenvolve a capacidade de queimar os homens com grande calor, o poder da lua também será muito maior. Em situações onde a temperatura subiu por causa de um sol selvagem aquecendo impiedosamente através de um céu sem nuvens durante todo o dia, as pessoas que sofrem esperam algum alívio quando a noite chega, mas a lua reflectindo os raios do sol aquecidos para a Terra, fará com que as noites sejam quase tão insuportável quanto o dia. Só o povo de Deus encontrará alguma protecção contra estes flagelos terríveis.

As promessas citadas acima assegurando-nos a protecção adequada durante o tempo da angústia de Jacó, será adequada e positiva, mas, uma coisa é contar com elas no

tranquilo conforto da nossa situação actual, e outra agarrar-se a estas promessas com fé inquebrantável quando as pressões estiverem realmente a ser exercidas sobre nós. Isso será especialmente verdade quando toda a aparência, cada testemunho da visão e circunstâncias, declaram em voz alta que Deus não tem intenção de guardar as Suas brilhantes promessas.

Para tornar as coisas ainda piores, os ímpios insultam o povo do Senhor com o próprio argumento de que Ele não está a fazer por eles o que disse que faria. Notai como isto é revelado no parágrafo seguinte.

“Aos olhos humanos parecerá, todavia, que o povo de Deus logo deverá selar seu testemunho com seu sangue, assim como fizeram os mártires antes deles. Eles mesmos começam a rezear que o Senhor os abandonou para sucumbirem às mãos de seus inimigos. É um tempo de terrível agonia. Dia e noite clamam a Deus rogando livramento. Os ímpios exultam, e ouvem-se o grito de zombaria: ‘Onde está agora a vossa fé? Por que Deus vos não livra de nossas mãos, se sois verdadeiramente Seu povo?’ Mas os expectantes lembram-se de Jesus morrendo sobre a cruz do Calvário, e os principais dos sacerdotes e príncipes bradando com escárnio: ‘Salvou os outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz, e creemos nEle.’ Mateus 27:42. Semelhantes a Jacó, todos estão a lutar com Deus. Seu semblante exprime sua luta íntima. A palidez repousa em cada rosto. Não cessam, porém, de orar fervorosamente.” *O Grande Conflito*, 630.

Nós lemos que vai ser um tempo de terrível agonia, mas quão pouco podemos agora apreciar a intensidade desse sofrimento futuro. Se o fizéssemos, não seríamos tão casuais e complacentes na nossa abordagem ao nosso futuro imediato, mas seríamos extremamente diligentes na preparação para o que está a vir. Vamos aprender agora ou será para sempre tarde demais quando “o tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião.” *O Grande Conflito*, 621.

Cada um desses três factores – o cansaço, a demora e a fome – quando isoladamente presente são forças formidáveis contra as quais lutar, mas quando combinados, são quase invencíveis, e, dos três deles, a fome seria quase certamente a arma de maior eficácia nas mãos de Satanás. Isso acontece porque a fome é o mais fatal dos três, e porque gera a manifestação mais forte da lei do instinto de preservação na desesperada procura para escapar da morte.

“De todas as lições a serem aprendidas da primeira grande tentação de nosso Senhor, nenhuma é mais importante do que a que diz respeito ao controle dos apetites e paixões. Em todos os séculos, as tentações mais atraentes à natureza física têm sido mais bem-sucedidas em corromper e degradar a humanidade. Satanás opera por meio da intemperança para destruir as faculdades mentais e morais concedidas por Deus ao homem como inapreciável dom. Assim se torna impossível ao homem apreciar as coisas de valor eterno. Através de condescendências sensuais, busca ele apagar todo traço de semelhança com Deus.” *O desejado de Todas as Nações*, 122, {DTN 76.2}.

#Resistir às tentações desta natureza é uma parte importante do trabalho de santificação, e, às vezes, a aparente falta de progresso pode ser muito desanimador. Há períodos em que, aparentemente, perdemos mais terreno do que ganhamos, e nós sentimos que nunca vamos atingir o padrão de perfeição exigido.

Mas, para aqueles que entram no tempo da angústia de Jacó com a vitória sobre a carne, a fome, como uma forte tentação de rendição na batalha contra o inimigo, irá ter

um apelo diferente e muito mais poderoso do que tem nestes dias de relativa facilidade e abundância quando não estamos confrontados com a morte por debilidade extrema.

Isto é melhor compreendido quando se olha para a natureza da batalha com a fome que Cristo lutou e venceu no deserto da tentação logo depois de ter sido baptizado. Ele foi para ali já suficientemente familiarizado com a Sua missão sabendo que não devia morrer antes da hora marcada no plano divino. O tempo do Seu grande sacrifício, revelado na profecia de *Daniel* 9, ainda estava a três anos e meio de distância quando Ele entrou no deserto para ser tentado pelo diabo. Ele sabia que morrendo antes do momento designado, o plano de salvação falharia totalmente, Deus e Ele ficavam expostos perante os habitantes do Universo caídos e não caídos como solucionadores de problemas incompetentes, e que isso provocaria uma tal perda de confiança n'Eles que tornaria o governo de Deus inoperável. O reino desapareceria.

Para os homens, o objectivo mais importante é preservar a vida humana, tanto assim que eles, usando máquinas de suporte de vida, mantêm uma pessoa viva por anos mesmo que ele ou ela estejam totalmente inconscientes. Nenhuma despesa é poupada para alcançar este objectivo. Ao mesmo tempo, a consciência daqueles que ainda se podem ajudar a si próprios, dedicam todos os recursos que têm para impedir a perda das suas vidas quando estão sob ameaça.

Mas com Jesus, a preservação da Sua própria vida não era o principal objectivo. Ele viveu para a salvação do reino como um lugar onde os filhos do Seu Pai pudessem viver em paz e perpétua prosperidade. Havia n'Ele uma intensidade de propósito na realização destes objectivos que podemos compreender apenas as pequenas profundidades que temos experimentado na mesma dedicada determinação. Mas, quando nos aproximarmos do fim formos abençoados com o poder santificador do Espírito Santo no poder da chuva serôdia, tornamo-nos tão separados dos interesses e considerações terrenos como Ele era, e não estaremos preocupados com a preservação das nossas vidas, excepto no que é essencial para a vindicação da causa e carácter do Pai, e para a continuação do reino.

Assim como Jesus sabia que não devia morrer de fome antes da hora de morrer na cruz, da mesma maneira, durante o tempo da angústia de Jacó, saberemos que é essencial, de facto fundamental para o sucesso da causa de Deus, que nenhum de nós morra. Todavia, à medida que sofremos desesperadamente por falta de alimento, e, ao mesmo tempo, ameaçados com o martírio, haverá uma enorme pressão em cada crente para recorrer a todos os meios disponíveis para obter comida, escapar das armas dos nossos inimigos, e, portanto, permanecer vivos para o bem do reino.

Se os crentes procurassem adquirir alimento por qualquer meio de sua própria invenção, ao fazê-lo por causa do reino nunca iria justificar a sua acção. Eles terão de *suportar* a fome em qualquer grau que o Senhor permita, sem dedicar sequer um segundo de tempo a qualquer pensamento para se desviarem a fim de obter um pouco de alimento para preservar a vida.

Para alguns, isto pode parecer a tomada de uma posição extrema de até encontrar luz no nosso melhor Exemplo – Jesus Cristo. O Seu sofrimento na privação de alimento ao ponto de enfrentar literalmente a morte pela fome extrema foi um tipo claro da experiência pela qual passaremos no período da angústia de Jacó do qual nos aproximamos. As questões serão as mesmas, e o caminho a ser seguido pelos 144.000 será uma cópia exacta dos passos dados por Cristo no cimo do monte no deserto.

Jesus estava num lugar tão destituído de suprimentos alimentares, como a Terra estará em muitos lugares durante a queda das últimas sete pragas. Ele experimentou o esvaimento das suas forças da vida e sabia que era extremamente importante sobreviver à provação, “para o bem e salvação do reino”. Mas, o Seu pai, que como Pai amoroso, era

responsável por Lhe fornecer o que precisava, parecia ter-se esquecido, e, ocupado, segundo parecia, noutra lugar, aparentemente tinha-O abandonado à Sua sorte e à perda do reino. Assim, o Salvador foi tentado a concluir que a responsabilidade total para o sucesso da Sua missão agora repousava sobre Ele sozinho, e que Ele devia providenciar o alimento para ter a vitalidade e a força para fazer a obra de Deus. Era uma tentação a que Ele tinha de resistir a qualquer custo sobre Si mesmo, e assim fez. Ele recusou-se a perder a fé no Seu Pai, e, dessa maneira, tomou para Si uma obra que pertencia somente ao Pai.

Jesus poderia facilmente ter-se fornecido com alimento. Embora não houvesse comida em qualquer lugar do deserto, havia muita à volta dele. Era simplesmente uma questão de deixar o lugar onde estava a morrer de fome e ir para um dos lugares onde mãos amigas de bom grado O alimentariam. Ele teria sido assim salvo de morrer, para poder continuar a Sua missão.

O que poderia estar errado com uma solução tão prática, simples e “justificável” para o Seu problema! Mas notai que o sofrido Salvador não deu um único passo nesse sentido. Que ninguém perca de vista este ponto, pois em seguida veremos o que significa ter uma fé que pode suportar a fome juntamente com o cansaço e a demora.

“No deserto, quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou a Seu povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhes que, enquanto confiassem em Deus, e andassem em Seus caminhos, Ele os não abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela Palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Ele aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 121, {DTN 75.2}.

Ajudar-nos-á a ter uma fé que pode e suportará a fome severa com risco de vida durante a angústia de Jacó, se nós tivermos determinado nas nossas mentes e permanentemente estabelecido no nosso pensamento de que, quando sofremos tão intensamente, nem sequer pensamos encontrar qualquer comida por nós mesmos. Devemos entender que isso é responsabilidade do Pai, e que Ele vai suprir as nossas necessidades quando o momento oportuno vier.

A nossa tarefa será a de começar uma tal oração importuna de maneira a operar aquelas mudanças em nós necessárias para nos preparar para dar a demonstração final do carácter justo do nosso Pai, deixando o assunto do nosso sustento físico nas mãos d’Ele. Estabelecidos no facto de que estamos a deixar totalmente Deus ser o Provedor, estamos então, livres para nos concentrarmos nas questões que devemos cumprir, e na hora da tentação em que temos de alcançar a vitória final.

Quando a batalha estiver travada e vencida, certamente saberemos o que significa ter “uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião.” *O Grande Conflito*, 621.

Orai Pela Chuva Serôdia!

F.T. Wright

Capítulo 32

Aqueles que diligentemente estudaram a mensagem orando pela chuva serôdia como apresentado até agora, terão uma consciência muito mais clara do que tinham antes sobre o tipo de fé que deve ser possuído por todos aqueles que irão suportar com sucesso o tempo de prova perante nós. Quando vêem a sua presente carência espiritual, ficarão gratos porque “o tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião.” *O Grande Conflito*, 621.

Ao mesmo tempo, nós naturalmente desejamos que a nossa longa jornada neste deserto terrestre chegue a um fim; para ver o término da iniquidade que está inundando o mundo com violência, sofrimento, doença, tristeza e morte. Embora seja bom sentir assim, ao mesmo tempo, é importante que não nos tornemos tão preocupados com esses legítimos desejos, que percamos a presente oportunidade para desenvolver a força da fé, que nos permitirá suportar a terrível prova que aí vem.

A vitória de Jacó foi a vitória de uma fé que podia “suportar o cansaço, a demora e a fome — fé” que não desfaleceria “ainda que severamente provada” será também por essa, pela mesma fé, que a vindoura vitória será alcançada. A sua experiência é tanto um exemplo como a certeza dessa vitória.

“Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi.” *O Grande Conflito*, 621.

Todo o verdadeiro crente em Jesus vai acolher estas palavras como a garantia positiva de que, mesmo sendo colocado num forno de calor mais intenso, serão guardados pela mão toda-vitoriosa do Omnipotente de ser consumido.

“A história de Jacó é também uma segurança de que Deus não rejeitará os que forem enganados, tentados e arrastados ao pecado, mas voltaram a Ele com verdadeiro arrependimento. Enquanto Satanás procura destruir esta classe, Deus enviará Seus anjos

para a animar e proteger, no tempo de perigo. Os assaltos de Satanás são cruéis e decididos, seus enganos, terríveis; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo, e Seu ouvido escuta-lhes os clamores. Sua aflição é grande, as chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los; mas Aquele que os refina e purifica, os apresentará como ouro provado no fogo. O amor de Deus para com os Seus filhos durante o período de sua mais intensa prova, é tão forte e terno como nos dias de sua mais radiante prosperidade; mas é necessário passarem pela fornalha de fogo; sua natureza terrena deve ser consumida para que a imagem de Cristo possa refletir-se perfeitamente.” *O Grande Conflito*, 621.

Agora, da caneta de inspiração vem um aviso solene onde se lê: “Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão.” *O Grande Conflito*, 621.

Assim, há uma parte vital para desempenharmos que começa com a vontade de negar a si mesmo. Se não estamos dispostos a fazer isso; se não estamos dispostos a agonizar diante de Deus; se não estamos dispostos a orar longa e fervorosamente pela bênção de Deus, não a obteremos.

E o que é essa bênção?

É a vitória sobre a confederação final das forças de Satanás, vulgarmente conhecido como a besta e a sua imagem. A menos que tenhamos essa bênção, descobriremos que somos fracos e indefesos na hora de maior necessidade, a preferência do inimigo, e das vítimas do desespero sem esperança.

Portanto, precisamos dirigir-nos à importantíssima questão quanto ao que significará precisamente negar-se a si mesmo neste tipo de situação. De que maneira Jacó demonstrou a sua vontade de negar a si mesmo no ribeiro de Jaboque, e o que teria ele feito se não estivesse preparado para negar-se a si mesmo?

As respostas são rapidamente encontradas ao estudar a experiência e as ações de Jacó à luz do princípio de que a obediência aos mandamentos de Deus exigirá sempre a negação de si mesmo, até certo ponto ou outro. Portanto, dizer, “aqueles que não estão dispostos a negar a si mesmos”, é o mesmo que dizer, “aqueles que não estão dispostos a obedecer a Deus porque isso convida a ameaça à vida ou à propriedade ou ambos.”

Portanto, houve uma ordem divina envolvida na situação de Jacó, que obedecer parecia pôr em perigo a vida de cada um de seus familiares? Certamente havia! Depois de vinte anos em Midiã servindo seu tio Labão, o Senhor ordenou que ele voltasse imediatamente para Canaã.

“Então ouvia as palavras dos filhos de Labão, que diziam: ‘Jacó tem tomado tudo o que era de nosso pai, e do que era de nosso pai fez ele toda esta glória.’

“Viu também Jacó o rosto de Labão, e eis que não era para com ele como anteriormente.

“E disse o Senhor a Jacó: “Torna-te à terra dos teus pais, e à tua parentela, e eu serei contigo.” *Genesis 31:1-3*.

“Jacó teria deixado seu enganoso parente muito tempo antes, se não fora o receio de encontrar-se com Esaú. Agora via ele que estava em perigo por parte dos filhos de Labão, os quais, olhando para a sua riqueza como se fora deles, poderiam procurar apossar-se dela pela violência. Achava-se em grande perplexidade e angústia, não sabendo que rumo tomar. Mas, lembrando-se da graciosa promessa de Betel, levou o seu caso a Deus, e procurou direção da parte dEle. Em um sonho foi respondida a sua oração: “Torna à terra dos teus pais, e à tua parentela, e Eu serei contigo”. *Gênesis 31:3*.” *Patriarcas e Profetas*, 193, {PP 132.4}.

Jacó tinha encontrado refúgio de seu irmão furioso na terra de Midiã, mas há um outro perigo que se tinha desenvolvido igualmente tão ameaçador. Os filhos de Labão tornaram-se cada vez mais descontentes com a crescente prosperidade de Jacó, colocando assim

uma séria ameaça à segurança pessoal de Jacó e dos seus familiares. Que situação difícil era aquela em que Jacó foi colocado. Deixar Labão era expor-se à ira assassina de Esaú, mas, permanecer era convidar o mesmo destino às mãos de Labão e dos seus filhos.

Com toda a razão, ele levou o assunto ao grande Solucionador de problemas que lhe ordenou retornar a Canaã com a promessa de que o Senhor iria com ele. Isto significava que Deus iria protegê-lo de quaisquer perigos que viessem a ser encontrados no caminho, ou que o confrontasse na sua chegada onde o poder reinante era o de Esaú.

Com a ordem e a promessa de Deus na sua posse, seria de esperar que Jacó não tivesse então mais problemas. Gostaríamos de pensar que tudo o que tinha a fazer era obedecer à indicação simplesmente e regressar, enquanto confiava no Senhor para fazer da promessa, uma certeza habilitadora.

Mas provou-se ser muito mais difícil do que isso. Quando ele acordou do sonho, estaria plenamente consciente de que a ordem de Deus seria simplesmente transferi-lo de um lugar de ameaça terminal para outro igual, senão de maior magnitude. Ele poderia ter raciocinado que, se a solução de Deus para o primeiro problema – a ameaça dos filhos de Labão – era fugir, não deveria também ser afastado para longe do domínio de Esaú!

Sem dúvida, o eu levantou-se com argumentos “lógicos” no sentido de que, embora devesse certamente obedecer à voz do Senhor para escapar do Labão egoísta e, portanto, perigoso, devia escolher um lugar onde estaria a salvo de ambos, Labão e Esaú.

Mas ele tinha de perceber que não havia nenhum lugar na Terra onde estaria seguro se Deus não estivesse com ele, que Ele certamente não estaria se o patriarca tivesse andado num caminho de sua própria invenção. Ele teve que viver de acordo com essa convicção, e não pelas exigências de si próprio. Este princípio é muito bem enunciado pelo Mestre dos mestres, com estas palavras:

“‘Se alguém andar de dia’, continuou, ‘não tropeça, porque vê a luz deste mundo.’ Aquele que faz a vontade de Deus, que anda no caminho por Ele indicado, não pode tropeçar nem cair. A luz do Espírito de Deus, a guiá-lo, dá-lhe clara percepção de seu dever, conduzindo-o direito até ao fim de sua obra.’ Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.’ Aquele que anda em caminho de sua própria escolha, ao qual Deus não o chamou, tropeçará. Para esse o dia se torna em noite, e onde quer que esteja, não se acha seguro.” *O desejado de Todas as Nações*, 527, {DTN 369.3}.

Ao deixar Labão e dirigir os seus passos em direcção a Canaã, como Deus lhe tinha ordenado, Jacó demonstrou a sua vontade de negar-se a si mesmo, andando no caminho que Deus tinha marcado como distintos dos que ele próprio indicaria como sendo um destino preferencial.

Mas, para fazer essa escolha, ele teve que travar uma dura batalha, contra o próprio eu, pois não estava em paz consigo mesmo quando partiu na viagem rumo à Terra Prometida. Faltava-lhe a fé absoluta em seu Pai celestial que lhe teria permitido uma jornada na perfeita paz, como está escrito:

“Se bem que Jacó houvesse saído de Padã-Arã em obediência à instrução divina, não foi sem muitos pressentimentos que repassou a estrada que havia palmilhado como fugitivo vinte anos antes. Seu pecado por ter enganado seu pai estava sempre diante dele. Sabia que seu longo exílio era o resultado direto daquele pecado, e ponderava nestas coisas dia e noite, tornando muito triste a sua jornada as exprobrações de uma consciência acusadora. Ao aparecerem as colinas de sua terra natal diante dele, à distância, o coração do patriarca moveu-se profundamente. Todo o passado surgiu vividamente diante dele. Com a lembrança de seu pecado veio também o pensamento do favor de Deus para com ele, e as promessas de auxílio e guia divinos.

“Aproximando-se mais do fim de sua viagem, a lembrança de Esaú trouxe muitos pressentimentos perturbadores. Depois da fuga de Jacó, Esaú considerou-se como único herdeiro das posses de seu pai. A notícia da volta de Jacó despertaria o temor de que ele viesse para reclamar a herança. Esaú era agora capaz de fazer grande mal a seu irmão, se estivesse disposto a tal, e poderia ser levado à violência contra ele, não somente pelo desejo de vingança, mas a fim de, tranqüilamente, obter a posse da riqueza que durante tanto tempo havia considerado como sua.” *Patriarcas e Profetas*, 195, {PP 134.2}.

Assim, quanto mais perto chegava da sua terra natal, maior a pressão vinha sobre ele para fugir a fim de salvar a sua própria vida e a vida dos membros da sua família, e mais clara a necessidade de negar os clamores das poderosas leis de auto preservação.

Só se colocados na mesma situação em que estava Jacó, onde estamos literalmente confrontados com a cruel, selvagem destruição das nossas famílias e do povo de Deus, e não há escapatória visível do desastre, podemos compreender verdadeiramente a pressão para ele ceder às exigências do eu, e fugir para um lugar que parecesse ser um refúgio seguro. Só então podemos realmente perceber que quanto mais próximo está o momento da catástrofe, sem qualquer libertação visível à vista, mais intensa se torna a tentação, e quanto mais resolutamente cada um tem que resistir às incrédulas exigências da auto preservação. Assim, a força de vontade para negar-se a si mesmo suficiente para Jacó obedecer à ordem do Senhor para deixar Labão, nunca teria sido adequada para encarar Esaú. Enquanto isso, teve que haver um marcado fortalecimento da sua determinação para estar totalmente disposto a negar o eu e continuar em frente em directa obediência à ordem do Senhor.

Satanás, é claro, foi rápido a perceber todos os factores que poderiam ser usados para sua vantagem, quer fosse verdade ou erro. Considerai, então, como ele teria usado o seguinte para oferecer a Jacó um motivo aparentemente justificável para adiar o seu confronto com o irmão furioso.

O patriarca estava sobrecarregado com alguns problemas graves na sua vida espiritual, e o diabo sabia disso. Nós lemos que: “a dúvida, a perplexidade e o remorso lhe tinham amargurado a existência. . .” *Patriarcas e Profetas*, 198, {PP 136.3}.

O inimigo terá sussurrado a Jacó que ele não estava num estado apto para enfrentar a crise prestes a explodir sobre ele, e o homem angustiado teria que concordar. Ele precisava de fé, não dúvida; certeza, não perplexidade; e perdão e paz de espírito, não de remorso. Jacó teria concordado plenamente com esta avaliação das suas necessidades principais.

Inflamando mais assunto, o diabo terá continuado: “até essas mudanças terem lugar, não tens qualquer esperança de ganhar a vitória, e não há tempo de sobra aqui e agora. Antes que seja para sempre tarde demais, fuge rapidamente para um lugar seguro, onde vais encontrar tempo para obter a libertação destas responsabilidades. Depois, carregado de fé viva, podes sair de teu esconderijo para enfrentar com êxito o teu irmão vingativo.”

O eu acolherá sempre bem o adiamento do dia do perigo mortal e o patriarca terá verificado que as propostas de Satanás eram mais atraentes, lógicas, sensatas, e práticas, especialmente porque, aparentemente, elas não lhe pediam para rejeitar abertamente a Deus, apesar do facto de ser isso que elas implicavam na realidade. Com demasiada frequência, encontramos registos nas Escrituras de pessoas que aceitaram este tipo de compromisso, enquanto acalmavam a consciência com o pensamento de que não se recusaram a enfrentar o teste, simplesmente suspendiam o acontecimento até uma ocasião mais favorável se apresentar. O que na verdade fizeram foi demonstrar a sua falta de vontade de negar a si mesmo, e assim se privaram da bênção preciosa que tanto precisavam.

Este é o recurso da incredulidade, e os efeitos são geralmente fatais. O princípio é claramente revelado na travessia do Mar Vermelho.

“Deus, em Sua providência, trouxe os hebreus ao aperto das montanhas, diante do mar, para que pudesse manifestar Seu poder no livramento deles, e humilhar de maneira extraordinária o orgulho de seus opressores. Ele os poderia ter salvo de qualquer outro modo, mas escolheu este, a fim de lhes provar a fé e fortalecer a confiança nEle. O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho. Foi ‘pela fé’ que ‘passaram o Mar Vermelho, como por terra seca’. Hebreus 11:29. Descendo em marcha para a própria água, mostraram que acreditavam na palavra de Deus, conforme fora proferida por Moisés. Fizeram tudo que estava em seu poder, e então o Poderoso de Israel dividiu o mar a fim de preparar um caminho para os seus pés. {PP 201.4}

“A grande lição ali ensinada é para todos os tempos. Frequentemente a vida cristã é assediada de perigos, e o dever parece difícil de cumprir-se. A imaginação desenha uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativeiro ou a morte. Contudo, a voz de Deus fala claramente: ‘Avante!’ Devemos obedecer a esta ordem mesmo que nossos olhares não possam penetrar nas trevas, e sintamos as frias vagas em redor de nossos pés. Os obstáculos que embarçam o nosso progresso nunca desaparecerão diante de um espírito que se detém ou duvida. Aqueles que adiam a obediência até que toda a sombra da incerteza desapareça, e não fique perigo algum de fracasso ou derrota, nunca absolutamente obedecerão. A incredulidade fala ao nosso ouvido: ‘Esperemos até que os impedimentos sejam removidos, e possamos ver claramente nosso caminho’; mas a fé corajosamente insiste em avançar, esperando tudo, em tudo crendo.” *Patriarcas e Profetas*, 290, {PP 202.1}.

No caso de Jacó, “A imaginação” retractava “uma ruína iminente perante nós, e, atrás, o cativeiro ou a morte.” Labão era a ameaça de escravidão ou morte para trás, e Esaú a ruína iminente à frente, mas a voz do Senhor falou claramente: “Avante!” Jacó sabia que devia obedecer a essa ordem independentemente das consequências, e, mostrando desse modo uma vontade de negar totalmente a si mesmo nem que ao fazê-lo lhe custasse a vida.

O tempo do Senhor é perfeito, por isso, quando Ele nos leva a um certo ponto, devemos agir ali e nessa altura, a oportunidade pode nunca mais voltar. Na sua chegada ao Mar Vermelho, “O povo estava cansado e aterrorizado; todavia, se se tivessem conservado para trás quando Moisés lhes ordenou avançar, Deus nunca lhes haveria aberto o caminho.” Era agora ou nunca, pois o Senhor não tinha fornecido um ponto posterior no tempo em que seria dada uma segunda oportunidade.

Isso não quer dizer que o Senhor nunca dá uma segunda oportunidade para a recepção da mesma bênção. Assim, por exemplo, quando os israelitas não conseguiram entrar na Terra Prometida pela primeira vez, o Senhor trouxe-os de volta para uma segunda tentativa bem-sucedida. Que não seja esquecido, porém, que a geração que não entrou na primeira oportunidade, não teve a segunda oportunidade. Ela estava reservada para outro povo ou seja, os seus filhos.

Outro aviso da importância vital de agarrar a bênção imediatamente quando é oferecida foi quando, por exemplo, o Salvador veio ao homem paralisado no tanque de Betesda, em que era o momento certo de tempo para o paralisado. O Espírito Santo havia trabalhado na mente e coração para impressioná-lo com a compreensão da sua incapacidade e da sua grande necessidade de um libertador. Assim, quando Jesus chegou à sua presença, ele tinha perdido toda a fé no sistema no qual havia confiado anteriormente, e estava pronto para aceitar a libertação do Grande Médico.

Ao apoderar-se pela fé da palavra de Jesus “Cada nervo e músculo vibra de nova vida, e a energia da saúde enche-lhe os membros paralisados. Sem duvidar, determina-se a obedecer à ordem de Cristo, e todos os músculos obedecem-lhe à vontade. Pondo-se repentinamente de pé, sente-se um homem no exercício de suas actividades.

“Jesus não lhe dera nenhuma certeza de auxílio divino. O homem se podia haver detido a duvidar, perdendo *a única oportunidade de cura*. Creu, porém, na Palavra de Cristo, e agindo sobre ela, recebeu a força.” *O Desejado de Todas as Nações*, 203, {DTN 134.3}.

Outro exemplo de um homem de Deus demonstrando sua falta de vontade de negar a si mesmo, é encontrada em Davi ao buscar refúgio entre os filisteus que lhe concederam residência em Ziclague. “Com os seiscentos homens sob o seu comando, passou-se para Aquis, rei de Gate.” *Patriarcas e Profetas*, 672, {PP 496.1}.

Mas, enquanto isso lhe parecia uma atitude prudente, foi a falta de vontade de Davi para negar-se a si mesmo que o levou a fazê-lo. Isso fica claro no próximo parágrafo.

“A conclusão de Davi, de que Saul certamente cumpriria seu intuito assassino, foi formulada sem o conselho de Deus. Mesmo quando Saul estava tramando e procurando levar a efeito a sua destruição, o Senhor agia com o fim de assegurar a Davi o reino. Deus efetua Seus planos, embora aos olhos humanos estejam velados em mistério. Os homens não podem compreender os caminhos de Deus; e, olhando às aparências, interpretam os sofrimentos, provações e experiências que Deus permite que venham sobre eles, como coisas que contra eles são, e que apenas farão a sua ruína. Assim Davi olhava para as aparências, e não para as promessas de Deus. Duvidava que algum dia viesse a ocupar o trono. Longas provações lhe tinham cansado a fé e esgotado a paciência.” *Patriarcas e Profetas*, 672, {PP 496.2}.

A fim de entender o poder do eu na origem da acção de Davi no escape para a Filístia, é necessário compreender quão cansativos foram aqueles anos durante os quais ele estava em constante fuga de Saul. Eu costumava pensar que os rigores deste período da sua vida, na verdade, serviram para fortalecê-lo, mas compreendi que afinal eles serviram, em vez disso, para lhe roubar, juntamente com outros factores, força e vitalidade, e debilitar a fonte da vida. Este facto está claramente estabelecido no seguinte testemunho:

“Ele atingira a idade de setenta anos. As dificuldades e situações perigosas por que passara em suas primitivas vagueações, suas muitas guerras, cuidados e aflições de seus últimos anos, haviam-lhe solapado a fonte da vida. Embora a mente retivesse sua clareza e força, a fraqueza e a idade, com seu desejo de recolhimento, impediam uma apreensão rápida do que se estava a passar no reino, e de novo surgiu a rebelião à própria sombra do trono.” *Patriarcas e Profetas*, 749, {PP 554.4}.

É verdade que este parágrafo descreve a condição em que Davi se encontrava depois de muitos anos de ter passado para o rei de Gate. Então, com a idade de setenta anos, ele era um homem fraco e débil cuja fonte de vida tinha sido debilitada.

Esse foi certamente um envelhecimento prematuro daquele que tinha sido um homem de grande vitalidade e grande força, pois, mesmo hoje, setenta anos não é uma idade muito avançada. Há muitas pessoas que vivem gozando uma vida vigorosa bem além desse limite, mas não seria assim se tivessem passado por aquilo que Davi passou, que, entre outras coisas foram “as dificuldades e situações perigosas por que passara em suas primitivas vagueações.”

Estes chegaram à sua conclusão por causa do tempo em que ele foi viver Ziclague, mas o dano físico feito nele contribuiu para a sua prematura debilitação e envelhecimento.

À luz desses factos, Davi deve ter-se aproximado da fronteira filisteia tão cansado com as dificuldades constantes e incessante tensão, que todo o seu ser deve ter implorado alívio do estilo de vida desgastante que lhe havia sido imposto. Tão forte foi a pressão

exercida sobre ele pelo eu para escapar, que perdeu de vista os princípios orientadores do repouso do sábado e uma estrita separação dos inimigos do Senhor e ele próprio. Ele demonstrou, naquela altura, que não estava disposto a negar-se a si mesmo e, assim, perdeu a bênção que poderia ter tido.

“O Senhor não mandou Davi, à busca de proteção, aos filisteus, os piores adversários de Israel. Esta nação, precisamente, estaria entre seus piores inimigos, até ao fim; e no entanto fugira para eles à procura de auxílio em seu tempo de necessidade. Tendo perdido toda a confiança em Saul e nos que o serviam, lançou-se à disposição dos inimigos de seu povo. Davi era um bravo general, e tinha-se mostrado guerreiro prudente e bem-sucedido; mas estava a agir diretamente contra seus próprios interesses quando foi aos filisteus. Deus o havia designado para levantar Seu estandarte na terra de Judá, e foi a falta de fé que o levou a abandonar seu posto de dever sem ordem da parte do Senhor.

“Deus foi desonrado pela incredulidade de Davi. Os filisteus tinham temido a Davi mais do que a Saul e seus exércitos; e, colocando-se sob a proteção dos filisteus, Davi patenteara-lhes a fraqueza de seu povo. Assim ele animou esses implacáveis adversários a oprimirem Israel. Davi tinha sido ungido para ficar na defesa do povo de Deus; e o Senhor não queria que Seu servo animasse os ímpios, descobrindo-lhes a fraqueza de seu povo, ou dando uma aparência de indiferença pelo bem-estar do mesmo. Além disso, receberam seus irmãos a impressão de que ele fora aos gentios para servirem aos seus deuses. Por meio deste ato deu motivo a que fossem mal-interpretados os seus intuitos, e muitos foram levados a entreter preconceito contra ele. Davi foi levado a fazer exatamente o que Satanás desejava que ele fizesse; pois, procurando refúgio entre os filisteus, ele proporcionou grande exultação aos inimigos de Deus e de Seu povo. Davi não renunciou ao culto a Deus, nem cessou a devoção para com Sua causa; mas sacrificou a confiança nEle pela sua segurança pessoal, e assim maculou o caráter reto e fiel que Deus requer que Seus servos possuam.” *Patriarcas e Profetas*, 672, 673, {PP 496.4}.

Este acontecimento na vida de Davi foi o triunfo das exigências da carne sobre o poder de controlo do espírito; a vitória da lei de auto preservação sobre o princípio do amor abnegado; a conquista da fé pela incredulidade; e a demonstração da falta de vontade de Davi para negar a si mesmo. Enquanto Jacó tinha-se recusado a dar um passo para trás, ou desviar-se para a direita ou para a esquerda, Davi comprometeu os seus princípios e falhou gravemente ao Senhor.

Felizmente para ele, o seu tempo de graça não tinha terminado, como acontecerá para os que de nos estiverem envolvidos na luta final. Ele teve o tempo e a oportunidade de se arrepender e ser restaurado ao favor divino.

Outro para quem a auto preservação se tornou o factor mais importante foi Elias quando despertado pelo mensageiro às portas de Jezreel, foi avisado que a ímpia Jezebel o executaria no dia seguinte.

Para ele, foi um súbito e temível teste, com a pressão terrível de o fazer tomar a imediata decisão que tomou. Despertado do sono muito profundo, ele apenas viu que o poder de Jezebel estava longe de ser quebrado, quando ele estava tão certo de que já estava. Ele não viu nada além do fracasso para a causa do Senhor, e, ao invés de remeter o problema ao Senhor, agiu segundo os ditames da carne. Em vez de ficar firme em nome da honra de Deus e da verdade eterna, fugiu para salvar a sua vida.

Estas histórias do passado solenemente nos advertem que seremos chamados a negar voluntariamente o eu, quando será mais difícil fazê-lo. Os servos de Deus no passado estavam, como nós estaremos, desgastados pela pressão contínua da sua situação; foram confrontados com a aparentemente certeza da morte e desastre como resultado de

obedecer ao Senhor; estavam sob a tentação imensa de tomar o assunto nas suas próprias mãos; e sentiram que tinham de recuar e fugir para salvar as suas vidas.

Os que o fizeram, privaram-se da bênção da grande vitória, e tiveram que enfrentar o mesmo teste mais tarde, sob condições e circunstâncias ainda mais ameaçadoras.

Por outro lado, houve muitos que demonstraram que a vitória pode ser alcançada, que eu pode ser crucificado, e que o homem pode viver de toda palavra que procede de Deus.

Como, então, Jacó demonstrou a sua vontade de negar a si mesmo? Foi recusar-se a andar de qualquer outra forma que não aquela marcada pelo Senhor, não importava qual o custo que o caminho do Senhor parecesse ter. Foi extremamente difícil de fazer, porque o desejo de escapar do sofrimento e viver é uma das forças mais poderosas conhecidas pelo homem. Felizmente para aqueles que têm verdadeiramente participado da justiça de Cristo e aprenderam a colocar todas as coisas sob o amoroso cuidado de Deus, há um poder que transcende as pressões que podem ser exercidas pelo reino das trevas.

Lembrai-vos para sempre que: “Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão.” *O Grande Conflito*, 621.

A vitória perfeita que Jacó ganhou, pela qual chegou a ver a verdadeira natureza do seu pecado, estava livre da dúvida, perplexidade e do remorso que tinham amargurado a experiência da sua vida, foi preenchida com a alegria da sua salvação, e foi salvo do seu irmão indignado, era muito mais desejável do que a segurança temporária adquirida com a fuga ou luta.

Que cada crente em Jesus partilhe da determinação de Jacó estar sempre dispostos a negar a si mesmo. A vitória não pode ser adquirida de outra forma.

“Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi.” *O Grande Conflito*, 621.